ALLAN SAFFIOTTI

CRISE E TRANSFORMAÇÃO:

UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ALUNOS DE BAIXA RENDA NUM CURSINHO POPULAR

São Paulo
2008

ALLAN SAFFIOTTI

CRISE E TRANSFORMAÇÃO:

UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ALUNOS DE BAIXA RENDA NUM CURSINHO POPULAR

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração:
Psicologia Social e do Trabalho
Orientador: José Moura Gonçalves Filho

São Paulo
2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

Allan Saffiotti

Crise e transformação: um estudo sobre a experiência de alunos de baixa renda num Cursinho Popular.

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo como
parte dos requisitos para a obtenção do título
de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração:
Psicologia Social e do Trabalho

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Saffiotti, Allan.

Crise e transformação: um estudo sobre a experiência de alunos de baixa renda num cursinho popular / Allan Saffiotti; orientador José Moura Gonçalves Filho. -- São Paulo, 2008.

372 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Humilhação 2. Cursos pré-vestibular 3. Mudança social 4. Autobiografia I. Título.

BF575.H85

Dedico este trabalho
aos meus avós (*in memoriam*) Antenor e Ineris,
Franscisco e Antonia,
pelo amor que transcende o tempo.

AGRADECIMENTOS

A Adilson e Valquíria, meus pais, que pelo amor me ensinaram a amar a vida e o humano e que pelo apoio incansável me ajudaram a me lançar no mundo e criar meu próprio caminho.

Ao Zeca (José Moura Gonçalves Filho), amigo e orientador, que com sua postura maiêutica muito contribuiu para meu crescimento como pessoa e como psicólogo: pelas longas horas de trabalho junto fez parir uma pesquisa do que era apenas uma intuição. Obrigado pelo voto de confiança.

A Bárbara, pelas leituras, revisões e transcrições, por estar sempre ao meu lado me ouvindo e me suportando, enfim, pelo apoio de todas as horas.

A Tatiana, pelas dezenas de horas discutindo, criticando e lendo o texto comigo, desde o projeto ser só uma idéia, até os últimos dias antes do depósito.

André e Eliana pela amizade presente inclusive nos piores momentos, e por todas as leituras e sugestões, correções e traduções. O que seria da vida sem os amigos, o sal da terra?

Aos professores Gilberto Safra e Denise Trento, que nos apontamentos do exame de qualificação trouxeram contribuições fundamentais a esta pesquisa.

Aos depoentes, pela confiança em compartilhar comigo suas memórias: sem vocês esse trabalho não existiria.

Aos irmãos de profissão e colegas de mestrado, Joari, Nabil e Gigliana, pelos fecundos debates e críticas.

As minhas irmãs, Evelin e Priscila, pela ajuda direta e indireta, e a minha sobrinha Ana, pela incansável alegria que sempre me anima a alma.

Ao CNPq, pelo suporte financeiro que trouxe tranquilidade para a construção da pesquisa.

Então, um professor disse: “Fala-nos do ensino.”

E ele disse:

“Homem algum poderá revelar-vos senão o que já está
meio adormecido na aurora do vosso entendimento.

O mestre que caminha à sombra do templo, rodeando de
discípulos, não dá de sua sabedoria, mas sim de sua fé e de
sua ternura.

Se ele for verdadeiramente sábio, não vos convidará a
entrar na mansão de seu saber, mas vos conduzirá antes ao
limiar de vossa própria mente.

O astrônomo poderá falar-vos de sua compreensão do
espaço, mas não vos poderá dar a sua compreensão.

O músico poderá cantar para vós o ritmo que existe em
todo o universo, mas não vos poderá dar o ouvido que capta
a melodia, nem a voz que a repete.

E o versado na ciência dos números poderá falar-vos do
mundo dos pesos e das medidas, mas não vos poderá levar até lá,

Porque a visão de um homem não empresta suas asas a outro homem.

E assim como cada um de vós se mantém isolado na consciência de Deus,
assim cada um deve ter sua própria compreensão de Deus
e sua própria interpretação das coisas da terra.”

Gibran Khalil Gibran, O Profeta

RESUMO

SAFFIOTTI, Allan. Crise e transformação: um estudo sobre a experiência de alunos de baixa renda num Cursinho Popular. 2008. 350f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Esta pesquisa tem como objetivo a identificação e discussão de crises e transformações psicossociais por que passaram estudantes de um cursinho popular de São Paulo. São jovens advindos de famílias de baixa renda, e história destes conheceu reiterado sofrimento político: humilhação social e exclusão de circuitos ou bens públicos. Os cursinhos populares são organizações alternativas cuja intenção principal assim resumiríamos: favorecer o acesso de jovens das classes pobres à universidade pública. A passagem de um jovem por cursinho popular assume figura de uma experiência muito pessoal, rica em traços psicossociais, e a sondagem dessa experiência e as transformações que promoveu foi o que informou esta pesquisa: como lembram e significam essa experiência? Como esta experiência afetou a percepção que estes depoentes tinham sobre si mesmos, sobre seu lugar social e sobre seu relacionamento com a tarefa do conhecimento? Os estudos disponíveis, geralmente dedicados ao exame de processos pedagógicos e ao julgamento da eficácia dos cursinhos populares, suscitaram-nos um exame que privilegiasse o recurso à memória dos estudantes. A pesquisa, como instrumentos metodológicos, adotou a reconstrução autobiográfica do pesquisador e entrevistas em profundidade com três ex-alunos deste Cursinho. A reconstrução autobiográfica pretendeu uma primeira atenção possível para os fenômenos a serem investigados. Vale, nesse sentido, a aposta de que o trabalho narrativo possa gerar e aproveitar alguma distância crítica entre o pesquisador e ele mesmo, entre o pesquisador e sua memória do Cursinho Popular. As entrevistas foram apoiadas por um roteiro de questões que pretendiam a todo tempo estimular o discurso livre referente a episódios no contexto das práticas de um cursinho popular. A análise das entrevistas norteou-se pelos trechos dos depoimentos que diziam respeito à vivência do cursinho e outros momentos de suas histórias que ajudaram a informar os significados das experiências privilegiadas neste trabalho. Nas memórias o Cursinho vai sendo desvelado como um lugar vivo, repleto de experiências significativas para além da sua proposta formal, muitas vezes associado à vivência de igualdade. A postura dos professores e demais agentes do cursinho foi apontado como decisivo na promoção de mudanças na relação que estes alunos tinham com os estudos, com a cultura escrita, com o mundo e com os outros. Um campo intersubjetivo e favorável, uma comunidade de destino, move o desejo e o trabalho estudantil, sustenta e apóia êxitos. Este campo e comunidade, quando abrigados por instituições (o cursinho popular, uma escola pública de qualidade), parecem especialmente apreciados por estudantes das classes pobres, marcados por formas de solidão social. A experiência de comunidade apresentou-se como fundante para uma relação com o conhecimento que não se dá a partir da humilhação ou da necessidade instrumental, mas como possibilidade e caminho para a fruição do mundo e para superação dessas experiências de humilhação.

Palavras chave: Humilhação Social, Cursinho Popular, Transformação Social, Autobiografia,

ABSTRACT

SAFFIOTTI, Allan. Crisis and transformation: the experience of working class students in a popular preparatory course for university entrance. 2008. 350f. Dissertation (Master) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

The objective of the present study is to identify and discuss psychosocial crisis and transformations that students undergo in a popular preparatory course for university entrance (PPC) in São Paulo, Brazil. These juveniles come from working class families whose histories are remarkable for constant political suffering, experienced as social humiliation and exclusion from public places. These PPC are non-governmental organizations, whose mission is to help working class juveniles enter public universities. A juvenile's trajectory over a PPC presents a very rich psychosocial experience and the approach of this experience and the transformations derived from constituted the core question in the present study: how do these subjects recall and signify such experience? How has this experienced impacted on these interviewees' perceptions over themselves, their social place, and their relationship with knowledge? The available researches in Brazil usually focus on the pedagogical and efficacy of such preparatory courses. Therefore, we were willing to investigate these students' memories. The methodological approaches of the present study comprised the researcher's autobiography reconstruction and in-depth interviews with three former students from a PPC. The purpose of autobiography reconstruction was to explore potential phenomena for investigation. It must be highlighted that the narrative work may produce and benefit from some critical distance between the researcher and himself/the subject, the researcher and his memories from the PPC. The interviews were supported by previous guidelines and sought to stimulate as much as possible the interviewees' free discourse regarding episodes of practices in the PPC. The analysis was guided by reports on the subjects' experiences at the PPC and other moments of their histories that helped understand the meaning of the experiences selected for the present study. The memories have revealed the preparatory course as a living place, full of meaningful experiences far beyond its formal proposal, and very often associated with the experience of equality. The attitude of teachers and course staff was reported as crucial to promote transformations in the relationship these students had with formal study, written culture, the world and other people. An intersubjective and favorable field, a community of destiny, moves desire and student work, as well as it supports success. When sheltered by institutions (such as the PPC or a high quality public school), these field and community seem especially valued by working class students, distinguished by forms of social loneliness. The experience of community was the basis for a relationship with knowledge that is not oriented by humiliation or instrumental necessity, but rather as a possibility to fulfill the world and overcome these experiences of humiliation.

Keywords: Social humiliation, Popular Preparatory Courses for University Entrance, Social Transformation, Autobiography.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
CAPÍTULO 1 – DE ONDE PARTO	06
1.1 Cursinho Popular como Campo de Ação	06
1.2 Plantão de Dúvidas, os plantonistas e os novos alunos	09
1.3 Origem do Plantão Psicológico: alunos em crise	15
1.4 Plantão Psicológico: construindo um novo espaço	19
1.5 Os alunos e o Plantão	22
CAPÍTULO 2 – ESBOÇO SOBRE TRAÇOS CONJUNTURAIS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	29
2.1 Do macro ao micro	29
2.2 Os Cursinhos Populares	35
CAPÍTULO 3 – PERCURSOS DE PESQUISA	43
3.1 Escolhendo os Caminhos	43
3.2 Escolhendo os Companheiros	46
3.3 Caminhos para interpretação das trajetórias	49
3.4 Colhendo narrativas	53
CAPÍTULO 4 - RECONSTRUÇÃO AUTOBIOGRÁFICA	56
4.1 Antes do Cursinho: a escola, os professores e os amigos	56
4.2 O primeiro contato: superando suspeitas e seleção	63
4.3 O cursinho e seu esquema, a formação do grupo de amigos	66
4.4 Incompreensões e enigmas: a perda das salas de aula	72
4.5 A relação com os professores	75
4.6 As aulas e a sombra do vestibular	77
4.7 O território USP	81
4.8 A escolha do cursinho e o seu isolamento	83
4.9 A passagem para a vida acadêmica: nossos destinos	87
CAPÍTULO 5 - OS DEPOENTES	92
5.1.1 Resumo Biográfico de Madalena	92
5.1.2 Análise do Depoimento de Madalena	97
5.2.1 Resumo Biográfico de Jonas	115
5.2.2 Análise do Depoimento de Jonas	121
5.3.1 Resumo Biográfico de Daniel	130
5.3.2 Análise do Depoimento de Daniel	133
CAPÍTULO 6 - ENCRUZILHADAS	147
6.1 Trajetórias familiares e o lugar da educação	148
6.2 Experiências de escola, experiências na escola: modos transversais de vinculação	152
6.3 Notas sobre a experiência de socialização no contexto da sociedade de consumo	157
6.4 A escolha de “continuar estudando”: precariedade econômica e culpa	158
6.5 A escolha pela universidade: o cursinho	160
6.6 Notas sobre sentimento de pobreza, conhecimento e “cultura”	163
6.7 A experiência de comunidade e a ação	167

CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	182
ANEXOS	
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO	186
ANEXO B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS	187
ANEXO C - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: MADALENA	193
ANEXO D - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: JONAS	227
ANEXO E - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: DANIEL	291

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa se propõe a estudar a experiência de alunos de baixa renda em um determinado Cursinho Pré-Vestibular Popular a partir da Psicologia Social, e surgiu da minha experiência como estagiário de psicologia nesta instituição. Em 2001, no contexto de ampliação da infra-estrutura, diversificação de serviços e implementação da proposta de formação de cidadãos, foi criado o serviço de Plantão Psicológico por minha iniciativa, quando colaborava no Plantão de Dúvidas. A partir da fala dos alunos, em atendimentos no Plantão Psicológico e em outros contextos no Cursinho, pude observar que a passagem de um jovem por cursinho popular assume figura de uma experiência muito pessoal, rica em traços psicossociais. De forma geral, percebia uma ampliação das questões existenciais, de aberturas de novas possibilidades de destinação. Muitos destes alunos atribuíam essas transformações a diversas causas: como fruto da postura dos professores, do material didático diferenciado, do acolhimento dos funcionários como forma de lidar com os alunos, da vinculação do conhecimento com a vida cotidiana, da abertura para a construção de espaços de livre expressão dos alunos, entre outros.

As situações de crise, trazidas pelos alunos em seus relatos, relacionavam-se tanto ao anseio de uma mudança social na qualidade de vida quanto a uma nova percepção do conhecimento e da integração do conhecimento em seu destino pessoal e coletivo. Isto indicava uma possível compreensão do conhecimento e do processo de aprendizado não como meramente cognitivos, mas uma ascensão do conhecimento enquanto participante da própria experiência e transformador dos próprios olhares sobre o mundo, de um modo inusitado para aqueles que a viviam. O Cursinho, visando à democratização do acesso à universidade pública, tinha a proposta oficial de ser promotor de transformações psicossociais. Segundo o próprio material institucional de divulgação, “promover a inclusão social e dar acesso à

cultura, à informação e à cidadania para um número cada vez maior de jovens”. Daí o surgimento das questões que norteiam este trabalho. Qual é, de fato, a contribuição de um cursinho popular a alunos de baixa renda?

A partir dos relatos no Plantão Psicológico, havia indícios de que a mudança na configuração do campo onde o ensino acontecia levava a uma outra percepção da função da educação e do conhecimento na vida daqueles jovens. Os processos cognitivos estariam sendo incluídos em processos existenciais e políticos. Nestes relatos, as atividades pedagógicas, artísticas e políticas realizadas no cursinho, dentro e fora da sala de aula (saraus, concurso de poesia, cursos de música e teatro, debates, discussões sobre filmes, propostas de atuação na comunidade), convidavam esses alunos a pensar e opinar, suscitavam e apoiavam a expressão do estudante. Este convite era percebido e muitas vezes aceito, provocando mudanças na vida do aluno. Dessa forma, o cursinho e os seus agentes construíam dinâmicas alternativas de comunicação, nas quais os alunos se sentiam num campo diferente de percepção pelo outro e por si mesmos: sentiam-se valorizados, tratados de forma que contrastava com experiências que traziam de suas histórias pregressas, tanto nos espaços escolares quanto em outros espaços sociais. Que se passava? Como se davam as relações entre os processos cognitivos e os processos existenciais e políticos que coabitavam o espaço do Cursinho? Como a configuração do campo onde o ensino acontecia levava a uma outra percepção da função da educação e do conhecimento na vida daqueles jovens? Que aspectos se co-engendravam na vivência psicossocial e acadêmica destes jovens no Cursinho para que acontecesse essa transformação? A postura dos professores e demais agentes do cursinho apresentava um papel fundamental na promoção de mudanças na relação que estes alunos tinham com os estudos, com a cultura escrita, com o mundo e com os outros. Um campo intersubjetivo e favorável, uma comunidade de destino, move o desejo e o trabalho estudantil, sustenta e anima, apóia êxitos. Este campo e comunidade, quando abrigados por instituições (o cursinho popular, uma

escola pública de qualidade), parecem especialmente apreciados por estudantes das classes pobres, marcados por formas de solidão social.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa fui percebendo que essa experiência trazia muitas possibilidades de leitura, que mostrava a complexidade do fenômeno: poderiam ser realizadas reflexões sobre ela à luz da psicologia social, da psicologia da educação ou pela psicologia clínica; pela da pedagogia, das políticas públicas na educação; por meio da sociologia. Em nenhum momento teve-se a pretensão de contemplar totalmente essa abrangência: esta é uma pesquisa psicossocial, e os encontros com outras áreas do saber sempre se deram a partir deste olhar e com a intenção de iluminar e aprofundar o tema central, a experiências desses jovens.

Já no final da graduação, o contato com as histórias das pessoas que participavam do cursinho popular, entre alunos, ex-alunos, professores e demais agentes, pelos atendimentos em Plantão Psicológico e primeiramente no Plantão de Dúvidas, muitas vezes me mobilizou, por compartilharmos experiências em comum, encontrando e redimensionando sofrimentos e alegrias que vivi. Em outras ocasiões, me percebia profundamente tocado por trajetórias que me mostravam facetas de dor, desamparo, força e temperança jamais vistas anteriormente por mim. Essas experiências conduziram-me a questionamentos vários: sobre o papel que o Cursinho desempenhava na vida daqueles jovens; sobre a situação da educação e, principalmente, da educação pública, na nossa sociedade; sobre as possibilidades de crescimento psicossocial apoiado em iniciativas coletivas e também sobre a modificação dessas realidades a partir do trabalho psicológico. O desenvolvimento destas inquietações em mim culminou com o desejo de construir novas respostas, o que posteriormente me levou à elaboração do projeto de pesquisa e à busca pelo mestrado.

Como fui aluno, plantonista de dúvidas, estagiário de psicologia e pesquisador desse cursinho, tive a oportunidade de entrecruzar compreensões oriundas de perspectivas diversas,

aprofundando e reinterpretando a cada nova experiência que se me desvelava. No contexto desta pesquisa, deve-se primeiramente deixar clara a perspectiva clínica e social a partir da qual a experiência dos alunos foi abordada. Assim, apresentarei no primeiro capítulo minhas experiências nesta instituição como estagiário de psicologia, em 2001, quando já estava imbuído desse olhar que me despertou para a questão. A intenção deste relato é apontar e desvelar, para além de minha experiência pessoal, os modos de funcionamento da instituição e as pessoas que nela se encontravam.

O segundo capítulo discute brevemente certas condições socioeconômicas e políticas que engendraram os cursinhos populares, em particular o cursinho presentemente estudado, visando situar o leitor em relação a determinadas questões importantes à compreensão dessa experiência.

No terceiro capítulo, apresento e discuto o percurso metodológico que a pesquisa percorreu e os instrumentos a que recorreu. A escolha das narrativas como instrumento de pesquisa foi em função de sua pertinência na investigação da experiência, privilegiada enquanto matéria-prima do presente trabalho. Nesse sentido, as leituras dos trabalhos de Benjamin (1993, 1994) e suas concepções sobre narrativa, experiência e história muito contribuíram para nortear a construção mosaicista do caminho que a pesquisa seguiu. Também foram fundamentais as contribuições de Ecléa Bosi (1994, 2003), Paul Thompson (1992) e Maria Isaura Queiroz (1983, 1988) acerca do recurso a entrevistas como instrumento de pesquisa.

No quarto capítulo apresento minha reconstrução autobiográfica, onde narro as situações marcantes que experienciei e que testemunhei como aluno deste Cursinho Popular, em 1995. A intenção que tinha em escrever esta reconstrução autobiográfica era, a princípio, mostrar de onde surgiu a questão de meu trabalho (a experiência de jovens de baixa renda num cursinho popular). Posteriormente, esta intenção ampliou-se ainda para a busca de

elementos por onde apoiar a construção do roteiro de questões para as entrevistas com os ex-alunos. Finalmente, com o desenvolvimento do texto, a relato de minhas próprias experiências pessoais dentro da instituição desvelou-se como uma primeira forma de aproximação, e também de distanciamento, do fenômeno estudado, passível de diálogo com as narrativas de alunos colhidas posteriormente.

No quinto capítulo, apresento a sinopse biográfica dos três depoentes seguida de respectiva análise. Tal sinopse foi elaborada tendo como base as entrevistas realizadas com os depoentes, porém tendo os dados reorganizados e sintetizados de modo a destacar a experiência do cursinho. Tal destaque possuiu a intenção de manter-me no tema da pesquisa, e norteou-se pelos os trechos da narrativa que diziam respeito à vivência do cursinho e outros momentos das histórias dos alunos participantes que ajudaram a informar os significados das experiências privilegiadas neste trabalho.

No sexto capítulo, apresento um diálogo possível entre as entrevistas, a minha autobiografia e os autores que embasaram a pesquisa, de forma a levantar temas pertinentes aos modos de inter-relação entre o contexto social e o olhar e a experiência dos alunos com o conhecimento. No entrecruzamento destes elementos, apresenta-se a experiência de comunidade enquanto fundante para uma relação com o conhecimento que não se dá a partir da humilhação ou da necessidade instrumental, mas como possibilidade e caminho para a fruição do mundo.

Finalmente, nas Considerações Finais é discutida as funções que os Cursinhos Populares assumem no contexto da nossa sociedade, suas relações com a escola e universidade públicas, a luta pela cidadania e experiência de dignidade.

CAPÍTULO 1 – DE ONDE PARTO

1.1 Cursinho Popular como Campo de Ação

Após um longo período acompanhando de fora as mudanças no cursinho e dedicando-me à graduação, fui procurado no início do ano de 2000 por uma amiga da faculdade, que me convidou a colaborar no Plantão de Dúvidas do Cursinho. Ela, que à época era coordenadora deste Plantão, contou-me que o Cursinho passava por profundas transformações e precisava urgentemente de mais pessoas para viabilizar e construir o novo projeto. Restava agora saber em que plantão eu, estudante de psicologia, poderia ajudar. Trazia ainda vivo na memória boa parte do conteúdo da disciplina de Biologia que estudara no Cursinho e em algumas disciplinas da faculdade, e senti que aí poderia colaborar mais efetivamente como plantonista. Além disso, esta era uma das disciplinas que eu mais me afeiçoava na escola. Fui submetido a uma prova de conhecimentos e a uma entrevista com o professor coordenador do curso de Biologia, processo comum a todos os candidatos, sendo logo em seguida aceito.

Demorei algum tempo ambientando-me, primeiro com o lugar e depois com a função. O novo Cursinho que encontrei era assustadoramente grande, muito diferente daquele que havia conhecido cinco anos atrás. Os números superlativos impressionavam: de um ano para o outro a quantidade de vagas havia aumentado de 800 para 8000! Estava em pleno processo de transformação, montando uma gigantesca estrutura para receber todos esses alunos. Nem mesmo os diretores, que idealizaram e planejaram a mudança, nas reuniões, sabiam precisar como funcionaria a instituição depois dessas mudanças todas.

O novo Cursinho parecia-me uma cidadela, com seus longos corredores, vários departamentos e milhares de alunos por período. Para abrigar o novo projeto haviam alugado um enorme prédio no bairro da Lapa, onde antes funcionava uma fábrica de brinquedos.

Depois de adaptado para ser uma instituição de ensino, continuou uma construção desproporcional tendo a dimensão do homem como referência: a impessoalidade que trazem as salas imensas (algumas para até trezentos alunos) separadas por altas divisórias; predomínio da fria cor branca em todos os ambientes; milhares de pessoas dividindo o mesmo espaço ao mesmo tempo. Uma das coisas que mais me incomodava nesta nova sede era que algumas salas não tinham janelas, como a destinada ao Plantão de Dúvidas. Eram grandes salas iluminadas e ventiladas artificialmente. Pensei: Que se fará disso, uma fábrica de alunos? Mas, ainda assim, sentia que o lugar guardava um pouco daquela hospitalidade que havia sentido no “antigo Cursinho”: a atenção e o cuidado dirigidos aos alunos pelas pessoas que lá trabalhavam, das faxineiras aos diretores, passando pelos plantonistas e professores. Voltar ao Cursinho era revisitar um lugar associado à um momento de encontros marcantes com pessoas engajadas em ajudar a crescer, engajadas a um encontro entre iguais, numa situação em que eu poderia retribuir a ajuda que eu havia recebido quando aluno. Apesar de não serem mais as mesmas pessoas, parecia-me que aqueles que buscavam lá trabalhar vinham informados pelo ideal do projeto, vinham imbuídos do desejo de fazer a diferença para aqueles alunos.

Até o ano de 1999 o número de inscritos para a seleção era muito maior do que o número de vagas existentes, e por isso havia a necessidade de uma seleção para o aluno poder frequentar o Cursinho. Como consequência do processo seletivo, que levava em conta não apenas a situação socioeconômica, mas em primeiro lugar a bagagem escolar, o público do Cursinho era formado pelos alunos “mais bem preparados” *[em relação à prova vestibular]* dentre os egressos da rede pública, e não sem razão o índice de aprovação nos vestibulares das universidades públicas chegava a impressionantes 30%. Era o maior dentre todos os Cursinhos (alternativos e comerciais) de São Paulo, de acordo com o material de divulgação do cursinho. Propunha-se, decuplicando o número de vagas, a atender toda a demanda, ou

seja, receber aqueles que antes ficavam excluídos do cursinho pelo seu próprio processo seletivo. Conseqüentemente, o público atendido passou a ser outro, dele agora fazendo parte aqueles alunos que precisavam de uma preparação mais ampla e de um tempo muito maior para conseguirem entrarem em uma universidade pública. Sabia-se e esperava-se isso dentro do Cursinho, e foi nesse sentido que diversas mudanças foram sendo feitas no intuito de este aluno aproveitar o ano de estudo, independente de ele ser aprovado ou não no vestibular. Abriu-se espaço para que atividades culturais e pedagógicas, não diretamente voltadas para o vestibular e orientadas por esse novo objetivo, fossem desenvolvidas dentro das dependências do Cursinho. Aos poucos surgiram oficinas de teatro, música, desenho, dança, sessões de cinema, promoção de debates e saraus, edição de livro de poesias feitas pelos próprios alunos e também espaço para divulgação dos trabalhos artísticos desenvolvidos por estes alunos. Foi abandonado o uso do antigo material didático, que era ainda o mesmo que eu havia utilizado, adquirido de um cursinho tradicional da cidade de São Paulo, e iniciada a tarefa de construir um material próprio, que tivesse um conteúdo dirigido à nova proposta da instituição. Foram incluídos temas que não eram diretamente relacionados com o vestibular, como cidadania. As apostilas foram sendo feitas em regime de urgência, como quase todas as outras coisas naquele ano, acompanhando a sequência das aulas.

O ideal passou de “promover a igualdade no acesso ao Ensino Superior” para “promover a inclusão social e dar acesso à cultura, à informação e à cidadania para um número cada vez maior de jovens”. Em meio a tantas mudanças, naquele momento não soube avaliar a real importância desta. No material de divulgação falava-se que a proposta inicial estava não apenas sendo mantida, mas desenvolvida e ampliada, porém, isso não era consenso. Ouvi muitos colegas plantonistas e alguns professores desconfiando desse caminho escolhido pela direção, afirmando que era cedo demais para dizer se era acertado ou não, porém, não era mais o mesmo caminho.

1.2 O Plantão de Dúvidas, os plantonistas e os novos alunos

O Plantão de Dúvidas foi um serviço que se originou da necessidade de proporcionar ao aluno um suporte pedagógico que não poderia ser feito na própria aula. Inicialmente era feito pelos próprios professores, entre uma aula e outra, como no ano em que fui aluno, e posteriormente foi sendo estruturado como um “departamento”, com pessoas contratadas só para essa função e lugar e horário fixos de funcionamento. Durante as aulas, os alunos eram orientados a procurar o Plantão sempre que algum ponto do conteúdo estudado não tivesse sido compreendido ou quando o aluno quisesse saber mais sobre o assunto.

Este ano começou a funcionar juntamente com o início das aulas. Na sala destinada ao serviço, viam-se os plantonistas separados por disciplinas, dispostos em mesas contornando as paredes, plantonistas de um lado, alunos de outro; funcionava de segunda a sexta, das 14 às 19 horas, e aos sábados, no horário de almoço. Eu ficava duas tardes por semana e, dependendo da disponibilidade do plantonista e da necessidade do Plantão, podia-se variar de um a quatro plantões semanais. Era um lugar que acompanhava o movimento do Cursinho: quase sempre ficava lotado, com gente entrando e saindo todo o tempo; no final do ano, com o grande número de desistência após o vestibular, a procura também caía na mesma proporção. Os plantonistas mais concorridos eram invariavelmente os de exatas, mas no geral havia uma grande procura. No início da tarde sempre encontrávamos os alunos do período matutino, que ficavam esperando o início do plantão para tirar as dúvidas, sendo comum que estes permanecessem também a tarde inteira no Cursinho, entre o plantão, as salas de estudo e as aulas extras para reforço. Havia também alunos os envolvidos com as atividades que aconteciam dentro atividades do Cursinho, como os que trabalhavam nos projetos culturais, livraria, e demais setores. Nesse grupo se destacavam os monitores, que eram alunos que em troca de uma bolsa integral passavam um dos períodos (manhã, tarde, noite) ajudando na

organização das aulas (controle de entrada nas salas, fornecer giz aos professores, uso dos ventiladores e microfones). Estes geralmente passavam o dia inteiro no Cursinho, envolvidos com a monitoria, as próprias aulas, as atividades extras e o Plantão de Dúvidas.

No processo de seleção para o Plantão, havia uma clara preferência pelos ex-alunos do Cursinho, acredito que em função do vínculo afetivo que se formava entre os alunos e o projeto. Na maioria das vezes esses eram procurados de forma direta, como no meu caso, ou por indicação de algum plantonista. Muitas vezes, o aluno era sondado no final do ano, quando se percebia algum interesse e inclinação para a atividade de plantão, antes mesmo dele se tornar um universitário. Houve casos de alunos que, pelo bom desempenho em uma matéria, trabalharam no Plantão em troca de bolsa. Era consciente a intenção de se criar um grupo onde as relações fossem para além da formalidade e da mera associação utilitária, levando em conta a vinculação com o projeto e a história de cada um naquele espaço. O Cursinho pagava uma ajuda de custo pequena, e importante para muitos plantonistas, que variava de acordo com o número de horas de atendimento em plantão. Porém, não obstante essa repetida necessidade financeira, no período que participei deste Plantão pude perceber que em muitos a gratidão e a solidariedade eram as maiores motivações de aceitarem o convite. A gratidão aparecia no desejo de agradecer pela oportunidade quando foram alunos, colaborando na preparação de outros alunos. A solidariedade, no compromisso que assumiam com esses alunos no auxílio a aprendizagem e no tratamento de igual para igual. Mais que meros auxiliares pedagógicos, sentiam que faziam parte de uma equipe de trabalho, que tomavam parte no projeto: tinham consciência e sabiam da importância do que faziam ali.

O espaço de plantão, além de ser um importante serviço de suporte pedagógico, era um privilegiado espaço de convivência, de contato entre pessoas. Em primeiro lugar, da convivência do grupo de plantonistas, que já se encontravam nas reuniões regulares do Plantão, antes mesmo de começar a atender aos alunos, e extrapolavam esses encontros para

fora do espaço do plantão, como em festas e em atividades voltadas para a aproximação das pessoas, promovidas pelo Cursinho. Nesses encontros preparatórios que antecederam o início das aulas, lembro-me bem da Ivana, que coordenava essas reuniões, insistindo enfaticamente na necessidade de se ouvir atentamente a dúvida para “chegar até o aluno” para, a partir daí, perceber qual a melhor forma de respondê-lo e “construir uma resposta na linguagem que ele compreendesse, pois todo mundo consegue aprender”. Como exemplo, ela falava das histórias dos plantonistas ali presentes.

O plantão era, sobretudo, um espaço de encontros, que eram impulsionados primeiramente pela necessidade de aprender, mas não se resumiam a isso. A seleção de um grupo bastante homogêneo e próximo daqueles que eram atendidos sustentava os encontros para além do conteúdo pedagógico. O plantonista “se debruçava” sobre os alunos, aproximando-se e investindo nele, o que criava condições para que este também se aproximasse e pudesse aproveitar desse encontro para aprender e crescer. Acredito que aquela forma de selecionar os plantonistas era acertada, pois eles conseguiram criar, e manter, um grupo que era muito próximo daqueles alunos que atendia: quase todos os plantonistas eram ex-alunos do Cursinho e atuais alunos da USP, ou seja, estavam na mesma faixa etária, tinham origem e escolhas em comum, o que os fortalecia enquanto grupo e também os aproximava de outro grupo, o dos atuais alunos. Muitos alunos espelhavam-se na história dos plantonistas, com quem sempre conversavam e perguntavam sobre sua origem: viam nos plantonistas os “exemplos vivos” de que podiam mudar suas vidas também. Outros vinham, deslumbrados com o Cursinho e sua gigantesca estrutura, falar sobre as aulas, os professores e sobre a atenção recebida pelas pessoas que ali trabalhavam.

Sentia-me em casa trabalhando no Plantão de Dúvidas, pois me afeiçoava e me sentia próximo daquelas pessoas todas, plantonistas e alunos, alguns com trajetórias semelhantes a minha própria, outros que me espantavam pela força e perseverança. Foram justamente minha

história, minha vinculação afetiva com o projeto, e a gratidão com a instituição, que me motivaram a aceitar o convite.

O público atendido continuava, mesmo depois da ampliação, majoritariamente constituído de adolescentes e adultos jovens, na faixa de dezessete aos vinte e cinco anos de idade, oriundos das famílias de baixa renda, que haviam estudado em escola pública e moravam nas regiões periféricas da Grande São Paulo. Entretanto, passou a acolher enorme contingente de alunos, que antes não tinham acesso ao Cursinho e agora dele faziam parte, que tinha dificuldades financeiras e precária bagagem escolar. Nesse sentido, o público havia mudado. Aliás, o Cursinho inteiro havia mudado. Nesse momento, no contato direto com os alunos que haviam acabado de começar o ano, é que senti mais fortemente: era outro público e outro contexto, e conseqüentemente outro projeto. E no Plantão de Dúvidas podia-se observar essa situação muito claramente. O primeiro plantão me angustiou por perceber que havia muitos alunos semi-analfabetos com diploma de segundo grau: mal conseguiam ler e compreender pequenos textos. Outros tinham enorme dificuldade em pensar conceitualmente, em deslocar-se de exemplos muito concretos. Como um aluno, no primeiro dia de plantão, depois da primeira aula de biologia sobre o surgimento da vida, veio até mim aflito por não entender “o que, afinal, o professor queria dizer com membrana?” Desdobrei-me explicando e trazendo-lhe todos os exemplos que consegui lembrar e associando-os a aula: a casca do ovo, a borracha das bexigas, a bola de futebol... E ele, no seu tempo, foi compreendendo. Fiquei feliz e assustado. Com isso não quero dizer que estes alunos não tinham a capacidade de aprender: aprendiam sim! Muitos avidamente aproveitaram tudo o que o Cursinho e as pessoas que nele trabalhavam podiam lhes oferecer. Outros não suportaram tamanha dificuldade, e abandonaram seus projetos de estudo. Mas o que me chocava e entristecia mais era o desperdício de tempo e de experiência dessas pessoas: passaram a vida toda na escola, e para que? Que bagagem traziam?

O que essas escolas haviam feito, ou melhor, deixado de fazer? Estas pessoas receberam uma educação de péssima qualidade, e o critério não era a preparação para o vestibular, mas os objetivos de preparação para o ingresso no mundo adulto, o que se espera de qualquer escola. Havia um enorme abismo entre as propostas do Estado de promover a democratização do Ensino e o que de fato ocorria nas escolas, e esse abismo me indignou profundamente. Eu também fui aluno de escola pública e, apesar de haver muitos problemas, ela cumpriu sua função de me introduzir no mundo¹. No Cursinho se falava nos “efeitos da progressão continuada” e na adequação das aulas para esse público. As provas de seleção serviram para separar as aulas pelas notas: classes “fortes” e “fracas”. E a direção Cursinho, nessa situação, sabia bem que estes alunos tinham poucas chances de serem aprovados com um ano de preparação, precisariam de dois ou três. E muitos ali, isso eu infelizmente testemunhei, não puderam dispor nem de um semestre. Pelas dificuldades pedagógicas ou por outras: as mensalidades pagas, o custo de transportes, as exigências de trabalho, as despesas familiares, o desemprego. O Cursinho nunca alegou cobrar mensalidades, apenas “taxa de manutenção”. Talvez esse termo valesse mais para quando fui aluno, pois, já em 1997, com aumentos impulsionados pelo processo de crescimento do Cursinho, o valor da “taxa” ficou inacessível para muitos alunos. Nesse ano em que colaborei no Plantão de Dúvidas (2000), o valor cobrado chegou a R\$ 120, o que não é pouco, principalmente para esse público, situação temperada por bolsas de 5 a 100%, com predomínio das bolsas de baixo desconto. Vi alunos que, mesmo com bolsa integral, não tinham como pagar o transporte, e foram obrigados a desistir.

Com o tempo, comecei a perceber que nem sempre a direção do Cursinho caminhava na mesma direção das propostas por ela elegidas, como no caso de alguns professores que

¹ Na medida em que a criança não tem familiaridade com o mundo, deve-se introduzi-la aos poucos a ele; na medida em que ela é nova, deve-se cuidar para que essa coisa nova chegue a fruição em relação ao mundo como ele é.” (Arendt, 2005. Página 293)

foram demitidos por “divergências pedagógicas”. Apesar de o material usado no Cursinho ter sido feito com o intuito de convidar o aluno a pensar, a se expressar livremente, se algum professor usasse algum outro material que não fosse aquele, ele poderia ser, com eu vi acontecer mais de uma vez, sumariamente demitido por “divergências pedagógicas”. O Cursinho, por não ter fins lucrativos, já há alguns anos tinha acesso fácil e gratuito a várias mídias, como as do Metrô de São Paulo e chamadas nos principais telejornais para os processos seletivos, e vinha, desde o início do que eles chamam “processo de profissionalização”, numa política de atingir com a propaganda o maior público possível. E deu certo, na época alcançou grande número de pessoas carentes de oportunidades: o número de candidatos foi aumentando até 2001, quando cursinho havia passado por outra ampliação, chegando a impressionantes 15.000 vagas, que superava o número de inscritos (13.000). Então o crescimento parou por outros motivos. Era difícil saber exatamente o número de alunos, pois, nesse momento, havia muitas desistências e vários processos de matrícula ao longo do ano, e vagas preenchidas chegavam a ficar ociosas.

Entretanto, mesmo depois da mudança do projeto, quando passou a priorizar outras formas de atender e beneficiar aquele público para além da preparação para os vestibulares das universidades públicas, a propaganda não mudou: a bandeira continuou sendo “Venha para o Cursinho que nós vamos te ajudar a entrar na Universidade”. Nas reuniões gerais, com os funcionários todos e coordenadores, o discurso dos diretores acabava sempre caindo num “vamos salvar o mundo”, o que irritava muito várias pessoas presentes, e provocou demissões e dissidências, essas nunca bem aceitas dentro do cursinho. Alguns diziam que se, por um lado essa ampliação significava uma democratização, por outro seria negar novamente a estes alunos de baixa renda um ensino de real qualidade.

Havia aqui uma importante diferença de quando fui aluno: os diretores, em 1995, pareciam ter uma clara consciência dos limites de atuação do cursinho, e sabiam muito bem, isso eu posso afirmar, trabalhar dentro dessas possibilidades.

1.3 A origem do Plantão Psicológico: alunos em crise

Havia os alunos que apareciam todos os dias, consultavam os plantonistas e permaneciam no espaço do Plantão de Dúvidas, mesmo havendo salas destinadas especialmente para estudo e após receberem orientação direta para usarem estas salas.

Este fato me chamou a atenção para uma outra situação. Comecei a me dar conta do valor “terapêutico” do Plantão de Dúvidas, como lugar também onde os alunos buscavam um suporte para além do pedagógico, quando uma aluna veio até minha mesa, jogou a apostila sobre a mesa e disse “Estou com dúvida ali”, apontando para a apostila. Estranhei, pois isso não era comum, e respondi: “Tudo bem, por onde quer começar? Alguma aula em específico?”. E ela: “Todas!” Depois de mais algumas tentativas, todas frustradas, de identificar um assunto por onde começar, perguntei-lhe amigavelmente se ela estava bem. Nesse momento seus olhos encheram-se de lágrimas, e ela começou a contar-me sobre uma difícil situação familiar, de constantes desentendimentos entre os pais por conta de o pai estar desempregado, e ela talvez tivesse que parar com o Cursinho. Estava bastante angustiada, e disse que não vinha conseguindo estudar, sentia “a cabeça cheia demais” com esses problemas. Um plantonista que atendia ao meu lado também percebeu que ela não estava bem e aproximou-se. Ficamos conversando até ela acalmar-se. Procurei Ivana para contar-lhe sobre o que havia acontecido, e me disse que isso era comum, que acontecia muitas vezes e que nem sempre os plantonistas conseguiam acolher. Depois, procurei o Serviço de Psicologia, para saber se eles realizavam algum tipo de atendimento, e se poderiam atender

aquela aluna. Este serviço era composto por três psicólogos que, em meio àquelas tantas e rápidas mudanças, ainda procuravam encontrar seu novo lugar. Basicamente, eles organizavam palestras sobre as profissões, pois com aquela enorme quantidade de alunos havia ficado inviável realizar os grupos de Orientação Vocacional, que antes eram realizados. Disseram-me que não havia atendimentos feitos de forma estruturada, apenas ocasionalmente, quando alguém os procurava.

A partir deste momento passei a compreender de forma diferente o movimento de alguns alunos, que permaneciam no espaço do plantão e insistiam em ficar estudando ali, *perto* dos plantonistas. Muitos destes alunos vinham procurar outro tipo de apoio, que passava pelo pedagógico sem se deter nele, e direcionando-se para o pedido de outro tipo de acolhida, quase sempre sem se perceberem disto. Na falta de um espaço apropriado para tratar de questões que não fossem do âmbito do vestibular e do funcionamento da instituição, os alunos procuravam, dentro do espaço institucional, aqueles a quem fossem mais próximos. Voltavam-se, assim, aos plantonistas para com eles conversar sobre estas preocupações e anseios. A postura dos plantonistas influía bastante, pela abertura e tratamento de igual para igual, nessa procura e aproximação. Estes percebiam que o pedido de alguns alunos não era exatamente sobre resolução de questões ou aprofundamento em algum ponto do programa, mas não sabiam muito bem o que fazer com *isso*. Alguns acolhiam como podiam, e outros respondiam secamente a esses pedidos. E nas reuniões rotineiras dos plantonistas era comum ouvir de alguns que estes alunos eram "encrencas", "pedreiras", pois os "alugavam a tarde toda" e "só queriam ficar conversando". O que muitos alunos traziam, que se tornava insuportável para a maioria dos plantonistas, era uma angústia muito grande em relação a questões que iam desde a prova vestibular até problemas com a família, emprego, namoro, etc. Depois de mais ou menos um mês, estava claro para mim que havia uma lacuna ali: a necessidade de um espaço que fosse apropriado para o acolhimento daqueles jovens em crise.

Não queria, de forma alguma, suprimir o contato entre alunos e plantonista, ou reduzi-lo a “mera” atividade pedagógica, mas parecia-me importante oferecer um outro tipo de acolhida. Daí a idéia de se criar um espaço adequado para receber este tipo de demanda, onde os alunos pudessem ter uma escuta diferenciada, apropriada a estas questões.

Na posição em que me encontrava nesse momento, cursando a graduação em psicologia e fazendo parte daquele Plantão, vi uma possibilidade de contribuir com aqueles jovens trazendo para dentro do Cursinho o que havia aprendido na Universidade. Era uma forma de retribuir pela oportunidade que tivera antes, que fora fundamental para eu poder ter acesso àquilo que queria trazer para eles.

Fui à coordenação do Cursinho, em outubro, e propus a criação de um serviço de atendimento psicológico. Eles planejavam uma outra ampliação para o próximo ano, e gostaram da idéia, por entender que ela se alinhava com os princípios do projeto. Permitiram-me trabalhar livremente dentro da instituição e estruturar o serviço: escolher duas salas, mobiliá-las, definir horários de funcionamento, a divulgação do serviço e, sobretudo, eleger um parceiro, um psicólogo supervisor e delimitar os objetivos e a forma clínica do atendimento.

Enquanto continuava trabalhando no Plantão de Dúvidas, iniciei a busca por parceiros para a construção do novo serviço. Estagiava no Serviço de Aconselhamento Psicológico do Instituto de Psicologia da USP (SAP-IPUSP), por conta de uma disciplina curricular, e lá convidei André Prado Nunes, companheiro de jornada na graduação e nos estágios, e Maria Gertrudes Eiseinlorh, psicóloga e supervisora do SAP, para formar uma pequena equipe que tinha como meta a consolidação do serviço. Eles prontamente aceitaram, e logo começamos a nos encontrar semanalmente. Com inspiração no Plantão Psicológico concebido e praticado pelo SAP (Serviço de Aconselhamento Psicológico do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo), decidimos estruturar um plantão condizente com necessidades dos estudantes e

com aquela realidade. Para tal realizamos diversas visitas ao Cursinho, reunindo-nos com a diretoria, a coordenação dos professores e os funcionários, ouvindo-os acerca das necessidades que eles apontavam e o que nós estávamos planejando para o serviço. Daí surgiu um pedido formal do Cursinho por um convênio entre este e o Instituto de Psicologia, representado pelo SAP. Passamos três meses discutindo qual seria a forma do atendimento e a estrutura do serviço e mais três até descobrir e atravessar os trâmites burocráticos para que se firmasse o convênio entre a Universidade e o Cursinho.

Nossa proposta era oferecer aos alunos um lugar de referência para acolhimento imediato do aluno em situação de crise, priorizando a entrevista psicológica em detrimento da organização burocrática do serviço, como forma de permitir um acesso concreto a uma relação de ajuda efetiva, no momento mesmo da emergência das questões e afetos dos alunos. As preocupações eram muitas, que iam desde o tipo de demanda, o que fazer com os casos mais graves, como fazer os encaminhamentos, com que profissionais e serviços poderíamos contar, até o tamanho da demanda. Tínhamos um grande medo de haver uma sobrecarga logo de início, que poderia inviabilizar o serviço, pois éramos apenas André, eu e um dos psicólogos do Cursinho que havia decidido por dedicar parte de suas horas ao Plantão Psicológico. Dizia-se que o número de alunos do Cursinho, em 2001, era aproximadamente treze mil. Para evitar uma demanda muito maior do que nossa capacidade, acabamos optando por fazer uma pequena divulgação no início, e aumentá-la gradualmente. O serviço foi apresentado aos alunos do cursinho por meio de cartazes e panfletos, por divulgação no Plantão de Dúvidas e, finalmente, por entradas em sala de aula. Essa última forma, menos distanciada, foi bastante privilegiada: podia mais vivamente mostrar o serviço e os estagiários abertos a um contato informal e pessoal.

1.4 Plantão Psicológico: construindo um novo espaço

Começamos a atender no início de junho, e a princípio a procura foi baixa. Conforme íamos atendendo, foi aumentando gradualmente até atingir um pico de quase oitenta atendimentos no mês de setembro. Este número caiu consideravelmente em novembro e dezembro, acompanhando o movimento de desistências no Cursinho que se seguia à primeira prova do vestibular.

A melhor divulgação foi feita, afinal, pelos próprios alunos atendidos e que comentavam a experiência com seus colegas. Em poucos meses os alunos já haviam se apropriado do espaço oferecido pelo Plantão. Houve vezes em que, num só período de plantão (cinco horas), dois psicólogos precisavam atender 10 ou 14 alunos e deixar outros tantos para o plantão seguinte. No final do ano, depois de seis meses de funcionamento, havíamos feito 330 atendimentos. Fazíamos supervisão uma vez por semana, e nos momentos em que a procura foi muito grande, duas vezes. A supervisão era nosso ponto de apoio pela discussão dos atendimentos, era nosso momento de pensar sobre o que acontecia no plantão, sobre nós mesmos e nossos impasses, desejos, e tudo mais. Muitas vezes, era momento de reflexão sobre nosso próprio desamparo, que emergia na difícil situação de contemplar, por meio de nossa pequena equipe e nossa ainda precária e incipientes condições de trabalho, uma demanda crescente e que apresentava as mais diversas queixas, relacionadas a vivências concretas e subjetivas dos mais diversos problemas sociais, afetivos, econômicos e familiares.

Para mim, estar atendendo em plantão no Cursinho significou uma grande realização dentro da minha trajetória na psicologia. Pela primeira vez estava trabalhando com algo que realmente queria, num serviço que eu havia idealizado e ajudado a implantar. O Plantão Psicológico no Cursinho estava rigorosamente registrado, com convenio firmado com a USP e os estagiários com contratos registrados. Desde o primeiro passo, a intenção era construir um

serviço onde pudesse acontecer uma ponte entre a universidade, produtora de conhecimento, e a comunidade, necessitada de assistência e que, em última instância, era quem financiava, por meio de pesados impostos, a universidade pública. Diferente da idéia messiânica de “salvar o mundo”, que alguns ingenuamente abraçavam no Cursinho, eu sabia, e não me incomodava, que ganhava com a experiência de atender, e sabia que as pessoas que eu atendia ganhavam por receber ajuda no momento que procuravam. Inspirava-me nas ações de Iara Iavelberg e Raquel Rosemberg, que em 1966 fundaram o “Serviço de Psicologia do Grêmio”, precursor do Serviço de Aconselhamento Psicológico da Universidade de São Paulo (SAP-IPUSP). Além de atender em plantão e em grupo de orientação vocacional os alunos do Cursinho do Grêmio, os estagiários desse serviço participavam intensamente das atividades da instituição, o que lhes conferia uma forte sensação de fazerem parte de uma equipe de trabalho, mais do que meros estagiários. A partir desta experiência, Rachel Rosenberg (1987) afirmou que o Serviço de Psicologia do Grêmio “levou-nos a acreditar, definitivamente, num novo modelo clínico de psicologia que ultrapassava o consultório para chegar à comunidade.” (ibidem, p.3). Em suas palavras Rosemberg exprimia uma compreensão de A.P. que, afastando-se do “modelo de consultório”, criava um espaço que integrava o atendimento à comunidade e formação de psicólogos, num trabalho de reflexão *conjunta* no cuidado as suas demandas, construindo respostas contextualizadas e singulares. Nesse sentido, a criação do Plantão Psicológico neste Cursinho Popular, tinha como intenção se aproximar da proposta de Raquel Rosemberg, pois mesmo partindo de uma forma já consagrada de atendimento (o Plantão Psicológico do SAP-USP), o processo de estruturação foi feito no sentido de se avaliar mais precisamente qual era a melhor forma de atender aquela demanda, convidando o outro a *construir junto* o conhecimento e a relação de ajuda. Assim, a implantação deste serviço retomava o vínculo histórico do Plantão Psicológico com Cursinhos Populares.

Dentro da proposta adotada no serviço, consoante com Rogers (1974), a abertura e a disponibilidade eram as atitudes principais para promover ajuda. Cada atendimento em Plantão é singular: um encontro, uma conversa e uma elaboração voltados para alguém. E trabalha-se de maneira que cada encontro possa valer com um fim em si mesmo, que seja como um único encontro, sem obrigar e sem vetar outros encontros. Miguel Mahfoud (1987) dá-nos uma definição concisa do que é o atendimento em Plantão Psicológico quando nos diz que, do ponto de vista da instituição, pede oferta organizada e constante de um serviço; do ponto de vista do plantonista, pede disponibilidade para o não-planejado, o inesperado; e do ponto de vista do requerente, pede um lugar de hospitalidade para algum momento de angústia.

Numa tentativa de minimizar a estrutura burocrática e também de aumentar a confiança do aluno, só fazíamos registros para controle estatístico, anotando apenas o primeiro nome do aluno, e eles nem ficam no Cursinho. Não víamos necessidade de pedir a carteira de aluno, já que para entrar nos prédios ela já era solicitada, nem nenhum outro documento. Procurava-se na entrevista desencadear um processo entre conselheiro e a pessoa central que possa promover uma ressignificação do sofrimento trazido por quem procurou ajuda. A pessoa, uma vez acolhida no espaço de plantão e favorecida por um vínculo de confiança e sigilo, alcança verbalizar mais certamente o motivo de sua vinda. Em um plantão procura-se acolher e contribuir para assinalar a demanda de alguém no momento em que a procura acontece, o que não significa atender a demanda, mas favorecer o seu impulso e as ações que desperta (SCHMIDT, 1999).

Para mim, isso nunca ficou tão evidente quanto no Plantão Psicológico do Cursinho, porque na maioria das vezes foram encontros únicos, - quando muito um ou dois retornos – de acordo com a abordagem para este trabalho. Esta proposta exige uma atenção e uma prontidão enormes, pois a possibilidade que temos é aquela, daquele encontro, naquele momento. Isto é

ao mesmo tempo libertador e angustiante: esta constatação evoca para o presente e estar pleno ali na situação de atendimento, chamado a submergir, pela vida de nossa própria afetabilidade, no sentido e vivido pelo outro, encontrar-se e perder-se com ele, muitas vezes sem saber como o cliente significou e orientou-se a partir do encontro ocorrido no plantão. Os retornos, quando aconteceram, ajudaram a compreender o sentido do trabalho. Pela nossa proposta de serviço, estávamos disponíveis para conversar sobre qualquer questão, configurando o espaço clínico como abertura na escuta do outro, e por isso, quem afinal determinou a “cara do Plantão” foram os próprios alunos.

1.5 Os alunos e o Plantão

Os atendimentos foram acontecendo, e partir destes, muitos questionamentos surgiram: O que representava para aqueles alunos fazer um Cursinho? Crescimento? Preparação para o vestibular que não aconteceu na escola? Passagem para a vida acadêmica? Garantia de empregabilidade? Qual era a relação que eles estabeleciam com o conhecimento? Claro que essas questões reportavam também as minhas próprias motivações de quando fui aluno. E também em relação a prática psicológica: “O que faz diferença para esses alunos no atendimento? Estou conseguindo atingi-los, ‘chegar’ até eles? Que posso eu fazer quando até privados de moradia eles chegavam?”. O contato com o desamparo daqueles jovens que ali estavam procurando ajuda nos atendimentos, me colocava diante do meu próprio e sempre presente desamparo, fazendo mais cruamente entrar em contato com minhas impotências e, o que também seria correto dizer, entrar em contato com os limites da minha ação.

Atender no Cursinho me fez perceber que infelizmente ainda há um preconceito grande em relação ao lugar da psicologia, relacionada muitas vezes com o cuidado aos *loucos* e a *loucura*. Uma aluna me disse em plantão que demorou três semanas para entrar na sala de

espera do serviço, sempre passando em frente e hesitando à porta, porque tinha receio de que outros pensassem que ela era louca. Esse medo talvez fosse consequência, na maioria dos casos, dos alunos nunca terem tido contato com psicólogos e, menos ainda, terem sido atendidos. Existia uma certa áurea de mistério, de “magia” sobre o que era a psicologia e o que um psicólogo fazia, e alguns atendimentos aconteceram motivados pela curiosidade de alguns alunos em saber o que “acontecia numa sessão”. Ouvi, de mais de um aluno, que psicólogo era “coisa de rico”: a psicologia nunca fez parte do cotidiano da maioria.

Em relação às queixas, a priori pensamos que seriam temas em torno da questão do vestibular, porém, estas se mostraram mais amplas e complexas. Uma parcela pequena dos atendimentos que aconteceram tinha como foco a questão da escolha profissional, e em muitas vezes isto era uma “porta de entrada” para outras questões que mais mobilizavam aquele aluno. Em aproximadamente 10% dos atendimentos foi necessário encaminhar o aluno para psicólogos ou para instituições que oferecessem atendimento gratuito, como a própria Universidade de São Paulo e profissionais credenciados a ela.

Naquele espaço configuravam-se vários tipos de demandas: partiam de situações psicossociais marcantes e de suas chances ou impasses: escolha profissional, sexualidade, conflitos familiares, desemprego, doenças em família, uso abusivo de drogas. Esses estudantes, pelo espaço de escuta oferecido pelo serviço de plantão psicológico, pensavam sobre seu contexto de vida, sua trajetória, a instituição e as relações que estabelecem com o mundo que habitam. Ao pensarem sobre si, resgatavam as possibilidades de sentido e cuidado de si.

A reincidência de um fato chamou minha atenção: os alunos atendidos frequentemente apontavam rupturas surgidas a partir do contato com o cursinho ou com seus agentes e que se ligavam a uma nova percepção da aprendizagem e do conhecimento. As situações de crise reuniam ao menos dois determinantes: o anseio por mudanças de vida (o anseio que os trazia

ao sonho universitário e ao Cursinho) e uma nova percepção do conhecimento em nosso destino pessoal e coletivo.

Muitos alunos, por exemplo, quando em contato com o conteúdo inédito de determinada disciplina, reagiam com inibição ou desespero, como se fossem incapazes do desafio. Noutras vezes, quando o conteúdo lhes parecia atraente e nunca fomentado antes, na história escolar pregressa, podiam sentir-se raivosos, humilhados e enganados, agora advertidos sobre as privações que haviam sofrido ingenuamente e sem protesto. Essas experiências reviam e questionavam a forma pela qual estes jovens vinham interpretando a si mesmos e sua história de vida: provocavam uma angústia muito grande e, em alguns casos, paralisante. Embora se sentissem acolhidos pelo Cursinho e valorizassem sua proposta, ao mesmo tempo percebiam sob outro ângulo a realidade social e pessoal. As barreiras no acesso à cultura letrada, informadas por desigualdade de classes, pareciam tornar-se ainda mais nítidas: o que estava camuflado, emergia; isto chocava ou surpreendia, levantava ódio ou indignação, paralisava ou mobilizava.

Havia, portanto, aqueles alunos em que estas situações tinham por efeito aumentar a persistência e a luta por seus sonhos. Havia aqueles em quem o universo aberto pelo Cursinho e seus agentes, a difícil mudança na percepção de si mesmo, o questionamento do lugar onde estavam inseridos no mundo, confirmavam a busca de novas formas de ser: é um espaço onde é possível falar das angústias num registro de solidariedade. Neste horizonte ampliado, estavam tocados: assustados e alegres. O Plantão Psicológico abrigava inibidos, desesperados, desafiados, raivosos, paralisados, chocados, surpresos, indignados, entusiasmados.

Em alguns casos, a crise e a transformação se estendiam para a família, gerando uma perda de sentidos e uma necessidade de reorganização. Magda, uma mulher de 28 anos, casada e com uma filha de seis anos, procurou o plantão quando *não dava mais para segurar*:

Entrei no cursinho pensando fazer pedagogia, porque gosto muito de dar aulas. Trabalho numa creche, com crianças pequenas, e gosto muito do que faço. Depois

*que comecei a estudar já não sei mais o que quero prestar. Não sei o que está acontecendo, ainda gosto muito de trabalhar com ensino, mas é que tenho aprendido tanta coisa, que **descobri que há muito mais coisas que eu gosto e que eu posso fazer**. Nossa, como é legal estudar! Olha (me mostra uns quatro livros de literatura brasileira), não consigo mais parar de ler. É quase impossível passar em frente de um sebo e não comprar nada... Acho que o que me impressiona mais é saber como as coisas funcionam. **Não fazia idéia do que eram as reações químicas, os elementos... E a física também é fascinante. Descobri um mundo novo, que não fazia idéia que existia. Não consigo mais olhar para as coisas da maneira como olhava antes, e, mais do que um curso, eu quero continuar estudando.** Não importa tanto o curso. Está certo que não tenho a mesma sorte que essa meninada que faz cursinho comigo, pois já tenho vinte e oito anos, sou casada e tenho uma linda filha para criar. Não dá para ficar fazendo cursinho dois, três anos. Meu marido, quando falei que queria voltar a estudar, me deu muito apoio, falou que eu tinha mesmo que fazer, que se ele não podia agora, que pelo menos eu estudasse, que seria legal para nós... Sabe, a gente tem uma relação muito boa, a gente sempre se apoiou muito, para manter a casa, para a educação da minha menina, e como casal. **A gente veio do mesmo meio, sempre pensamos muito parecidos.** Sabe, a gente sentava de domingo à tarde em frente da TV, e ficava assistindo junto os programas. A gente tinha uma cumplicidade... Agora, não sei, acho... é, está diferente. Não é mais a mesma coisa. Por exemplo, não consigo mais ficar vendo tanto TV. Até vejo, mas uma coisa aqui, outra ali. E nem dá mais para ficar vendo as coisas que eu via... Nossa, depois das aulas de geopolítica, eu fico pensando em tudo o que vejo na TV. Então, eu tento conversar sobre as coisas que estou estudando, e ele fica lá escutando, mas... eu sei que ele se esforça. E ele me diz: - **Que legal, você tem que estudar mesmo... Mas estou sentindo que me distancio dele.** Esses dias eu estava parada em frente da porta, olhando para ele, que estava distraído, vendo TV. Pensei comigo: - Nossa, eu gosto muito dele! Não sei bem o que fazer. Ele continua com a vida dele, trabalhando, cuidando da casa, me dando atenção... **tenho medo que me distancie tanto que não tenhamos mais assunto.** Não sei... O que eu devo fazer?² [grifos nossos]*

Magda relatava, encantada, as aulas de física, a importância da política, o sentido de estudar química: “é lindo percebê-la em cada pedacinho do mundo”. Com deleite, começou imaginando átomos e trocas químicas nas coisas cotidianas e nos organismos; com deleite e hesitação, terminou imaginando trocas humanas transcendentais. O estudo a tinha afetado de forma poderosa. Seu horizonte ampliado misturou deslumbramento e medo. Sentia o desamparo de não haver caminho certo a seguir, a experiência de precariedade frente ao destino, a percepção da liberdade e dos seus riscos, a culpa por lamentar o que antes apreciava, a solidão, a dilacerante infelicidade com o marido companheiro, a perda de um

² Os três trechos que seguem são anotações de alguns atendimentos realizados em Plantão Psicológico em 2001, que foram usados para discussão em supervisão. Os nomes foram trocados por pseudônimos.

mundo em comum com os íntimos. Dizia-me do marido que o amava muito, mas que agora eram de mundos diferentes: por não saber lidar com a dor dessa ruptura, esse enigmático distanciamento, procurou o plantão.

Muitas vezes a situação socioeconômica da familiar era fonte de impasses com relação à escolha pela universidade e pelo cursinho feita pelo aluno que procurava o Plantão Psicológico. Alex, um jovem de 19 anos, procurou-nos quando se sentiu paralisado em sua preparação para o vestibular. Não entendia porque não conseguia estudar, mesmo quando tinha tempo. Muito ansioso, falava que se sentia culpado por estudar e não estar ajudando em casa:

*Então, estou aqui porque não tenho conseguido estudar. Quero prestar medicina, sei que é muito difícil, e que preciso estudar muito. Mas não tenho conseguido. Não sei direito por que. Em casa é difícil me concentrar, tem sempre alguma coisa para fazer, ou então alguém em casa. Minha mãe trabalha de manhã, e alguns dias de tarde, fazendo limpeza. Então, eu sei que é difícil, que quando ela chega, quer conversar sobre o serviço dela, o dia dela... E eu ali tentando estudar, fico meio sem saber o que fazer. Ao mesmo tempo em que tenho que estudar, também não posso simplesmente virar as costas para minha mãe. **E não tem lugar lá em casa para estudar.** Só tem uma mesa, na cozinha. E na cozinha fica a TV. Ou eu fico no quarto ou na cozinha. É um lugar pequeno. Somos só eu, meu pai e minha mãe. Eles me dão um grande apoio, falam que eu tenho que estudar, só que, por outro lado, minha mãe me fala que eu podia já estar trabalhando... Sabe? **Ela pega e fala assim: - Olha seu primo, que legal, começou a trabalhar faz pouco tempo e já está com um carro!** Eu sei que ela quer o meu bem que ela quer me ver feliz, mas, isso pesa!! Está certo que eu não pago o cursinho, sou monitor, mas também não ganho dinheiro, e sei que não está fácil a situação lá em casa. Meu pai não fala nada. Ele é segurança, e trabalha pra caramba, chega em casa cansado, nem conversa muito. **Às vezes me sinto mal por não estar trabalhando.** Sei lá, se ao menos eu conseguisse estar estudando direito... mas nem isso! Que nem, eu pego um horário livre, aqui no cursinho, que eu tenho só para estudar, e nem assim!! Por exemplo, estou lendo o capítulo 4, mas eu sei que na sala a gente já está no 31. Então, eu não consigo estudar o quatro, pensando no 31. E eu acho que não li direito os outros, e então acabo voltando e relendo os primeiros capítulos... Aí não consigo estudar nada. Nem tiro os atrasados, nem estudo os que são para a próxima aula. Ou então, tenho tempo para estudar, mas fico arrumando coisas para fazer, sabe, converso com um, vou fazer não-sei-o-que, comer alguma coisa... E eu quero mesmo fazer medicina, eu conheço bem a rotina médica, e é isso mesmo que eu quero. Sei que é um curso pesado, mas a gente dá um jeito, né? No segundo colegial, eu e uns amigos fomos até a Faculdade de Medicina, atrás de gente que nos ajudasse a trabalhar num projeto de educação sexual para prevenção. Nós fomos lá, e tinha uns professores muito legais, que nos ajudaram com material, nos deram aula de como falar sobre esses assuntos, e nos supervisionaram. Então eu e esses amigos rodamos algumas escolas da região onde moramos, explicando as DST's e a*

importância do uso da camisinha e outros anticoncepcionais. Meu, era um trabalho extremamente gratificante, eu não ganhava dinheiro, mas era melhor que isso. Se sentir útil, fazendo alguma coisa importante, era muito bom. Agora tive que dar um tempo, cê sabe né, cursinho é bem pesado... não dá para fazer nada enquanto faz cursinho. Então, eu queria continuar ajudando, e acho que medicina tem tudo a ver com isso. Só que nem tenho conseguido estudar. Não entendo, ano passado eu lia livro de faculdade, sobre sexualidade, vírus, etc. e esse ano não consigo estudar biologia básica!! [grifos nossos]

Este aluno vivia um conflito entre seus desejos referentes realização profissional, que implicava na necessidade em investir seu tempo e força em estudar, e a situação familiar. Havia mensagens contraditórias que iam do apoio ao seu projeto de estudar, aliadas a outras, que pediam para que se “encaixasse” em algum emprego que lhe oferecesse alguma segurança financeira. Ele era monitor e tinha bolsa integral, mas fato de não contribuir para o sustento da casa era motivo de angústia e culpa, como se estudar fosse *virar as costas* para a família. Sentia que *não tinha lugar na casa para estudar*. Seu desejo pelo curso de Medicina se mostrava articulada à construção de um lugar no mundo onde ele pudesse ter *um trabalho extremamente gratificante fazendo alguma coisa importante*, e estava profundamente referente à uma realização pessoal. A situação social da família de Alex, de fragilidade e de desamparo econômicos, ressoava nele como impossibilidade de se destinar, e essa angústia o paralisou, pois seu sucesso poderia significar uma ruptura com seu lugar de origem que ele, naquele momento, não conseguia suportar. Uma jovem de 19 anos buscou o plantão muitas vezes durante quase dois meses. De origem humilde, Joana era membro ativo de um movimento político de mulheres negras. Moradora do bairro de São Miguel, periferia de São Paulo, conta que demorava mais de duas horas para chegar até o cursinho. Também havia recebido bolsa integral, porém, por vezes deixava de vir por faltar o dinheiro do transporte. Na primeira vez que procurou o plantão estava alcoolizada e dizia-se desesperada por “ter que passar no vestibular” e não estar conseguindo estudar o quanto achava que era suficiente. Muito ansiosa, emendava um assunto no outro: contava sobre sua complicada história

familiar; a dificuldade de conseguir emprego; a dificuldades de aprendizado no cursinho, pois tudo era *muito novo* para ela; sobre o *fraco estudo* que tivera. Quando o estagiário finalmente conseguiu lhe perguntar por que *tinha que passar*, ela teve uma reação enérgica e enfaticamente lhe respondeu:

Mas, veja, eu não tenho outra escolha! Olha para mim, eu sou mulher, negra e pobre!! O que você acha que eu consigo aí fora [falava do mercado de trabalho]? Ser vendedora em lojinha não dá para sustentar nem a mim mesma, quanto mais uma casa! Não quero passar o resto da vida ganhando 0,2% sobre venda, que era eu ganhava como vendedora. Isso eu não quero mais pra mim. E eu não consigo aí fora nada diferente disso, e olha que já procurei muito, muito. Não, ninguém vai me respeitar sem uma faculdade, por isso que eu tenho que passar! Se eu não passar eu estou perdida, por isso preciso passar! [grifo nosso]

A fala desta aluna nos revela um tipo de sofrimento que vai muito além do pessoal, é social, étnico e de gênero. Diz de um sentimento de rebaixamento e humilhação políticos, de não ser respeita por ser *mulher, negra e pobre*. Gonçalves Filho (1995) fala que o homem humilhado é o homem impedido de começar no outro homem, é um ser sem outro, e que a pobreza é um mal irremediável apenas enquanto propõe-se como sintoma de um vazio intersubjetivo, sintoma da exclusão do homem pelo homem. Joana sentia-se solitária e sem recursos e num dos atendimentos relata que quando bebia a ansiedade “aliviava” e ela conseguia relaxar. Parecia buscar companhia na bebida, mas era evidente que ela só conseguiria encontrar o que procurava com *alguém*, e isso a bebida não poderia lhe oferecer. Porém, é importante apontar que sua experiência do trabalho esvaziado de um sentido outro que não fosse a mera sobrevivência, e de humilhação política vividas em diferentes momentos e lugares, tiveram um paradoxal efeito educativo e formador de um caráter lúcido e combatido: ela, apesar da dor da solidão e do desespero que muitas vezes sentia, não desistia de lutar. Em contato posterior, ficamos sabendo que naquele ano ela não conseguiu de fato entrar em nenhuma universidade. Fez mais um ano de cursinho, e hoje está cursando Ciências Sociais na UNESP em Marília.

CAPÍTULO 2 – ESBOÇO SOBRE TRAÇOS CONJUNTURAIS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

2.1 Do macro ao micro:

Otávio Ianni (2000) aponta as grandes corporações transnacionais como principais agentes do capitalismo mundial. Estas exercem intensa influência sobre as decisões do Estado, e os investimentos, em escala mundial, são feitos segundo os interesses dessas organizações, seguindo a lógica da acumulação de capital. A expansão dessas corporações tem sua origem econômica e política no pós-guerra e o autor enfatiza o incentivo norte-americano ao desenvolvimento de grandes empresas nos países subdesenvolvidos, onde a intenção era também impedir a expansão do socialismo. O domínio econômico das grandes corporações capitalistas engendrou profundas mudanças sociais: o subemprego e o desemprego, por exemplo, desfavoreceram a ação independente dos indivíduos e dos grupos, forçando compromissos com a ordem vigente.

Para este autor, as modificações provocadas por esse processo não se reduziram aos modos de organização e de produção da economia: tudo (tecnologia, instituições e cultura) tornou-se internacionalmente subordinado ao capital, implicando descontextualização do trabalho e dos produtos do trabalho, das ações e das idéias. Trabalho, bens, ações e idéias desligaram-se da comunicação direta e concreta com mundos locais e curvaram-se a imperativos muito gerais e abstratos, subordinaram-se aos comandos globais e hegemônicos dos mercados industriais e financeiros.

Se lembrarmos a análise da cultura moderna realizada por Walter Benjamin (1994), compreendemos que ficou constituído um contexto no qual há privilégio da informação sobre a experiência. O trabalho, todos os produtos, as idéias e as ações perdem enraizamento na

experiência, dificultando trocas que fossem praticadas e elaboradas por sujeitos: houve imenso sacrifício da responsabilidade social, a atitude que caracteriza pessoas como cidadãos ou agentes políticos. A produção de bens simbólicos vai conhecer uma forma aparentada com a produção de mercadorias: serão freqüentemente produzidos segundo o ritmo e a lógica da produção industrial de bens de consumo.

Alfredo Bosi (1992) considera que o Estado modernizante brasileiro sempre trabalhou alinhado com o projeto capitalista de crescimento. Dessa forma, também em nossa sociedade, o crescimento mesmo do indivíduo assumiu um caráter alienante, e o sistema econômico cada vez mais passa a ser legitimado como forma reguladora dos vínculos sociais, deixando outros aspectos da vida humana relegados a buscas individualizadas, com enormes perdas nas esferas ética, estética e erótica. O que está mediando o indivíduo e a sociedade é o mercado e não mais suas relações com a família e com a cidade: a experiência é esvaziada de sentido e o indivíduo assume, como destino próprio, destinos exteriores, impessoais e automáticos.

Arendt (1981) sustenta que na sociedade moderna, ao invés da ação, é esperado de cada um de seus membros um certo tipo de comportamento, imposto por regras que tem como objetivo a “normalização”. Ao fazê-los “comportarem-se”, aboli-se a ação espontânea e a preocupação recai no equacionamento com a posição social. Daí o conformismo típico da sociedade moderna, onde a igualdade perde seu status de prerrogativa para a liberdade para se reduzir a questões privadas do indivíduo. Nesse sentido, ação contrapõe-se a comportamento assim como cidade (*polis*) contrapõe-se a sociedade. Nenhuma vida humana é possível sem um mundo que, direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos. Sendo assim, todas atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos. A companhia natural da espécie humana, meramente social, era vista pelos atenienses como limitação imposta pelas necessidades da vida biológica, comuns para o animal humano e para outras formas de vida animal. A associação natural, cujo centro é constituído pela casa

(oikia) e pela família, é diretamente ligada à esfera da manutenção da vida, enquanto que a capacidade humana de organização política lhe é diretamente oposta. A vitória sobre as necessidades da vida em família constituía a condição natural para a aparição da vida pública, e a esfera pública era a esfera da liberdade. O viver numa *polis* significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão, e não pelo uso da força ou violência. Estas só eram justificadas na esfera do lar, por serem os únicos meios de vencer a necessidade e alcançar a liberdade. Nesse sentido, o chefe da família só era considerado livre na medida em que podia deixar o lar e ingressar na esfera pública, onde todos eram iguais. A igualdade, portanto, era a própria essência da liberdade: ser livre significava ser isento da desigualdade presente no ato de comandar e de obedecer. A noção ateniense de liberdade, muito diferente da moderna, implicava em poder mover-se numa esfera onde não existia governo nem governados, e possuía uma ligação fundamental com a *ação*, que a autora compreendia como a prerrogativa exclusiva do ser humano. Para a autora, a ação possui a capacidade de iniciar algo *novo*, o inesperado, também chamada por ela de natalidade; carrega o potencial de transformar, em oposição ao “comportar-se”, que possui o sentido de simples repetição ou a submissão às normas, podendo ser compreendido como uma atividade ligada à esfera privada.

Nesse sentido, a esfera pública sustenta a condição para a aparição da ação, única atividade humana que não pode sequer ser imaginada fora da convivência dos homens. Só a ação é prerrogativa exclusiva do homem e depende inteiramente da constante presença de outros.

Como a ação sobrevive no contexto moderno, onde claramente não é favorecida? Na ausência de espaços públicos que a sustentem, a capacidade de *agir* se empobrece e conseqüentemente o discurso (palavra) se torna vazia, sem significação ou sentido histórico. A ação é a fonte de significação da vida, e o homem, reduzindo-se ao mero “comportar-se”, empobrece sua experiência e corre o risco de perder o sentido histórico de sua existência. Ao

invés de um trajeto singular, a atividade humana perde aquilo que lhe pertence como prerrogativa exclusiva e torna-se mera repetição, aproximando-se do eterno ciclo vital da espécie.

Nesse quadro moderno, acontece de a educação formal ganhar o papel de preparar estudantes para a reprodução de tarefas e projetos “normais”, produzir gente bem ajustada. Assim, constitui-se uma educação desenraizada, que desfavorece a experiência e a apropriação da aprendizagem em contextos assumidos com responsabilidade ética e política. Fala-se em “capacitar”, em “desenvolver habilidades”, enfatizando-se aspectos cognitivos do aluno: a educação adquire um aspecto neutro e intelectualista, torna-se formalista e logicista.

Nesse sentido, é incrível a atualidade do texto de Simone Weil (1996), escrito em 1943, comentando sobre o desenraizamento e as possibilidades de estudo do operariado francês, e sua semelhança com a realidade dos alunos egressos do Ensino Médio das escolas públicas brasileiras, observados no Cursinho:

“O que se chama de instruir as massas é pegar esta cultura moderna elaborada num meio tão fechado, tão deteriorado, tão indiferente à verdade, tirar dele tudo o que ainda pode conter de ouro puro, operação que se chama divulgação, e enfiar o resíduo, do jeito que está, na memória dos infelizes que querem aprender, como se leva a comida ao bico dos passarinhos. (p. 414)”

José Leon Crochík (1998) ressalta que “a formação se dá em consonância com as necessidades da produção social” e acontece em rígida conformidade com a condição de classe do indivíduo. Esta é uma sociedade não de homens, mas de classes, e não de um acordo de classes, mas de dominação de uma pela outra. A dominação age na produção de espaços reservados e de ocupações segundo estratos sociais: para membros de classes diferentes há formações diferentes, reservando-lhes diferentes escolas e diferentes bens culturais. A cultura não se volta para a realidade, e a educação, ao invés de libertar, aprisiona os homens. Theodor Adorno (1995, p. 143-4), comentando a emancipação do sujeito pela educação, diz que esta

seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de well adjusted people, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior.

A formação dos sujeitos, entretanto, não se iniciou na escola. A partir da própria convivência no meio humano, o homem se humaniza. As relações e experiências vividas compõem a história e as possibilidades de compreensão do próprio eu. A relação do indivíduo consigo mesmo e com outros se desenrola, deste modo, a partir da cultura, apresentada majoritariamente em nossa sociedade na família e na escola, enquanto principais espaços de socialização. Primeiramente nas relações familiares, depois na escola e em outros espaços públicos, a pessoa compreende o mundo e se compreende no mundo, constituindo-se a si mesmo a partir deste movimento diacrítico entre a alteridade e o si mesmo. CROCHIK (opus cit.) ressalta que esta diferenciação só pode ocorrer dentro de um projeto coletivo que a promova.

Seguindo o caminho do pensamento de Ecléa Bosi (2003), quando assistimos uma cena nós a transfiguramos, ou seja, há uma distorção causada pelo nosso ponto de vista, compreendendo então percepção não como mera recepção, mas como uma construção sobre o mundo. Pelo trabalho perceptivo colhemos as determinações do real, e esta relação de trabalho e escolha pode ser facilitada quando se colhem aspectos já delimitados e construídos pela cultura. A partir da sua própria formação os indivíduos constroem seus percursos, e, obviamente, sociedades massificadas levam a caminhos estereotipados. Por outro lado, quando nossa formação nos restringe a capacidade de pensar por nós mesmos, que tipo de trajetórias podemos trilhar?

Esta mesma sociedade, pela forma como está estruturada, limitando os canais de acesso a bens materiais e culturais, também permite a constituição de pessoas insubmissas, geralmente tomadas por excêntricas. Mais sensíveis a essas contradições e capazes de

resistirem às opiniões oficiais em forma de verdade, promovem certa “desordem social” ao mesmo tempo em que apontam para a possibilidade de produções singulares:

Na rebelião há rejeição de valores dirigidos para obtenção dos bens que não são partilhados com equidade e justiça. Antes de tudo, a rebelião é uma transvaloração. [...] A crise pode vir de um momento de lucidez em que fins e meios se nos revelam. Mas daí a passar a uma ação política organizada há um longo e sofrido percurso. p.138 (BOSI, 2003)

Por outro lado, mesmo uma formação voltada para escamotear a contradição, para sombras, pela própria contradição traz em si elementos para a percepção e superação da contradição, ou seja, sempre traz algo daquilo que sombreia.

Apesar da dificuldade em nossa sociedade, como ressalta Ecléa Bosi (ibid), de passar da insubmissão para a ação política, o gesto fundador, quando encontra um grupo que o acolha, pode fecundar: impulsionar transformações, a trazer a *ação* ao invés do *comportamento*.

Segundo Alfredo Bosi (1992), neste ciclo capitalista desenvolveu-se, simultaneamente, um processo de resistência no bojo do qual cresceu o número de organizações direcionadas em favor da atuação de sujeitos. Essas organizações, em geral correspondentes ao que a sociologia contemporânea habituou-se a nomear movimentos sociais, perseguem urgentes direitos (o acesso à educação, ao emprego, à moradia, à saúde): podem ser compreendidas como expressões de uma *cultura de resistência*. Uma cultura de resistência,

prossegue apesar dos altos e baixos conjunturais. Meio ambiente, Direitos Humanos, Democracia como valor substantivo, Desarmamento, Renda Mínima universalizada... Dir-se-ia que a luta para salvar as relações fundamentais entre o homem e a natureza, o homem e o homem, originou-se de uma reação interna às sociedades industriais contemporâneas que emitem anticorpos contra a patologia da modernização. (Bosi, p. 360)

Tomamos os cursinhos populares (também chamados comunitários ou alternativos) como movimentos sociais, pois a intenção de tornar a universidade mais acessível às camadas mais pobres da população vale como ação de resistência. O surgimento desses cursinhos foi

um modo de empreender uma ação política no campo da educação, a fim de contemplar pessoas que de outra forma estariam excluídas desse percurso educacional.

2.2 Os Cursinhos Populares

Os cursos pré-vestibulares, ou simplesmente cursinhos, são organizações preparatórias para as provas de ingresso no Ensino Superior e, apesar de não fazerem parte da rede oficial, constituem um nível do sistema educacional, já estando institucionalizados (FREITAS, 1984, apud BACCHETO, 2003)³. Surgiram no Brasil em meados do século XX e sua existência acompanha a história das deficiências estruturais da educação (SANTOS, 2002). A questão dos “excedentes”, por exemplo, já era bastante evidente na década de sessenta e colocava como tema o aumento desproporcional do número de candidatos em relação ao de vagas no Ensino Superior: os exames vestibulares provocavam severo afunilamento na seleção, excluindo sobretudo estudantes de baixa renda. Nas provas de ingresso, as universidades exigiam conhecimentos cada vez mais específicos: uma tentativa de solucionar o problema da seleção, mas não o problema do grande número de candidatos excluídos.

Os primeiros cursinhos, como também os mais numerosos atualmente, são organizações privadas que visam lucro, sempre tendo como público alvo a parte da população dotada de boa condição financeira. A associação entre “sucesso no vestibular” e “frequentar um cursinho” é antiga e já foi estudada por diversos autores. Hamburger (1987), evidenciando uma seleção social anterior às provas vestibulares, aponta que “obviamente há muitos candidatos que fazem cursinho e não entram; mas são pouquíssimos os que entram sem cursinho. A primeira e grande seleção é a sócio-econômica, só pode entrar na universidade quem tem condições de pagar e seguir um cursinho (p. 13)”.

³ FREITAS, Renan Springer de. O Oficial e o institucional: os cursinhos no sistema de ensino. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. 65 (151):552-75 set/dez. 1984.

Um estudo realizado por Whitaker e Fiamengue (2001), comparando os índices de aprovação para diversos cursos da UNESP entre alunos da rede pública e da rede privada, aponta a alta porcentagem de matriculados em relação ao de inscritos oriundos das escolas particulares principalmente nos cursos de maior prestígio social, (como direito e arquitetura e urbanismo). Os dados da FUVEST de 2006 indicam que, do total de inscritos, 41,8% estudaram só em escola pública (Estadual ou Municipal), contra 50,4% que estudaram só em escola particular. Entretanto, entre os matriculados na primeira chamada só 18,5% estudaram todo o ensino médio em escola pública, enquanto os que só estudaram em escola particular chegam a 73,2% do total.

O primeiro cursinho popular de que se tem notícia surgiu em 1962, era ligado à Faculdade de Filosofia da USP⁴ e tinha como objetivo estender o acesso ao Ensino Superior as camadas de menor poder econômico da população. Nas décadas de 70 e 80, surgiram experiências assim por todo o Brasil. Porém, em estudo feito recentemente sobre os cursinhos populares existente na cidade de São Paulo, Bacchetto (2003) afirma que foi só na década de 90 que houve um grande aumento do número de cursinhos alternativos na cidade. Até 1992 havia apenas um cursinho popular em funcionamento e a duplicação dos egressos do Ensino Médio nas Escolas Públicas aumentou a demanda por preparação para os vestibulares para as classes pobres. A procura indiscriminada pelo Ensino Superior, entre estudantes de baixa renda, está geralmente associada com a busca por algum lugar no mercado de trabalho: o diploma universitário, independentemente da graduação escolhida, opera por si mesmo. Noutros casos, para os já integrados ao mercado, o Ensino Superior é visto como possibilidade de uma melhor posição ocupacional, ou seja, como fator de “ascensão social”.

Bacchetto (ibidem) observa que, no grupo de cursinhos alternativos, há diversidade de projetos. As propostas e as formas de atuação variam com a organização patrocinadora

⁴ Há poucos dados disponíveis sobre essa experiência. Rosenberg (1987) faz referência ao “Cursinho do Grêmio [...] que atendia a comunidade”, quando relata a história do Plantão Psicológico.

(políticas ou religiosas): cursinhos na USP ou na UNICAMP, por exemplo, foram fundados por agentes de movimentos estudantis; o EDUCAFRO (Educação para Afrodescendentes e Carentes) em vários estados e o PVNC (Pré-Vestibular para Negros e Carentes) na cidade do Rio de Janeiro são ligados a movimentos raciais de ação afirmativa. Entretanto, declaram todos pretender práticas de conhecimento em contato com a realidade brasileira e com a experiência dos estudantes, sem que fossem limitadas a um treino mnemônico e instrumental para vestibulares. Pretendem associar-se a movimentos sociais em luta por acesso à educação de qualidade e a todos bens públicos. Nos últimos dez anos, por meio de ações judiciais, os cursinhos populares lograram importantes conquistas, como a isenção da taxa de inscrição para vários vestibulares em universidades públicas e para o Enem.

Nessas experiências, a bagagem escolar dos alunos chamava a atenção para a situação do ensino nas escolas públicas. O cursinho pré-vestibular é, geralmente, compreendido como local revisor do conteúdo programático do ensino de 2º grau. Nessa “revisão”, entretanto, muitas vezes os jovens deparavam-se com uma quantidade muito maior e mais profunda de informações do que aquela que acreditavam contemplar o currículo do ensino médio. Ficava novamente evidente um fato já tantas vezes estudado: a escola pública não parecia estar comprometida com a preparação, nem simbolicamente nem concretamente, para a universidade. Assim, como sustenta José Leon Crochík (1997), não é possível pensar em um projeto de democratização da educação sem pensar no *tipo* de educação a ser oferecido. Estes alunos receberam uma educação de péssima qualidade, não só em relação aos conteúdos exigidos nas provas dos vestibulares, mas, fundamentalmente, em relação aos objetivos de preparação para o ingresso no mundo adulto, que se espera de qualquer escola.

O Cursinho que consideraremos foi fundado em 1987 por um grêmio estudantil⁵, por incentivo e apoio do diretor da faculdade, e instalou-se no campus de uma universidade pública paulistana. Foi formado como um projeto político que visava favorecer a democratização do Ensino Superior: “uma preparação para a seleção à universidade pública que fosse eficiente e gratuita, dirigido à população de baixa renda”⁶. Havia 60 vagas, mas o número de inscritos no processo de seleção pressionava a direção do cursinho para a ampliação do projeto. Dificuldades estruturais e financeiras fizeram que nos primeiros anos a expansão do número vagas fosse pequena e sempre inferior à demanda. Em 1995, a sede do Cursinho é vetada na Faculdade de Engenharia, desloca-se temporariamente para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O ano de 1995 corresponde ao período em que fui aluno ali. E posso declarar: o Cursinho era relativamente gratuito; havia cobranças de inscrição e de apostilas (a verba daí retirada cobria custos de manutenção e o salário de professores).

Em 1996, o Cursinho retira-se do campus universitário. A partir deste ano, embora a declaração de intenções se tornasse politicamente ainda mais radical (“promover a inclusão social e dar acesso à cultura, à informação e à cidadania para um número cada vez maior de jovens [...], formando cidadãos conscientes do seu papel na sociedade”⁷), houve problemáticas mudanças administrativas, financeiras e pedagógicas: o cursinho passou por um processo algo empresarial de profissionalização. Foram criados departamentos que distinguiam funções: tudo que antes era feito pelas mesmas pessoas (os professores, por exemplo, eram também diretores) passou a ser feito por profissionais diferentes. O Cursinho nunca declarou “cobrar mensalidade”, apenas “taxa de manutenção” para cobrir custos, entretanto, houve um momento em que esta taxa começou a valer como mensalidade. Em 1995, apesar de o valor ser relativamente baixo e cobrado bimestralmente, existia alunos que

⁵ É comum confundirem este cursinho com um outro, fomentado por este mesmo grêmio estudantil na década de 50, porém com outra proposta: era pago e sua intenção era favorecer ingresso em graduações de engenharia. Atingiu grande prestígio entre os cursinhos da época, parando de funcionar em 1984.

⁶ Material de divulgação do Cursinho, novembro de 2000.

⁷ Material de divulgação do Cursinho, outubro de 2001.

não conseguiam pagá-la. Em 1997, com aumentos impulsionados pelo processo de crescimento do Cursinho, o valor da “taxa de manutenção” ficou inacessível para muitos alunos, situação temperada por bolsas de 5 a 100%, com predomínio das bolsas de baixo desconto. O número de vagas passou de 400 em 1995 para 850 em 1999. Na nova sede de 2000, houve salto para 8000 vagas. Em 2001, com mais um edifício (vizinho ao anterior), as vagas não pararam de aumentar, chegando a impressionantes 15.000: o número de vagas superava o número de inscritos; e vagas preenchidas chegavam a ficar ociosas (as razões eram variadas: as mensalidades pagas, o custo de transportes, as exigências de trabalho, as despesas familiares, o desemprego, dificuldades de aprendizagem). Havia, até 1999, seleção pedagógica e sócio-econômica de alunos: o número de inscritos (aproximadamente 15.000 para esse ano) era muito maior do que o número de vagas. A procura era grande porque o Cursinho, por não ter fins lucrativos, conseguia anunciar gratuitamente em várias mídias, como o Metrô de São Paulo e os telejornais locais, e alcançava um grande público carente de oportunidades. O processo de seleção era pago e constituído de duas fases: primeiro uma prova de português e matemática, eliminatória e de peso um; depois, a partir da classificação pela pontuação nessa prova, acontecia a seleção socioeconômica, de peso dois. Ou seja, dentre aqueles menos favorecidos economicamente, egressos das escolas públicas, selecionava-se um pequeno grupo com melhores condições de serem aprovados para, então, iniciar uma preparação mais abrangente para o vestibular. Com a massificação do acesso e do projeto do Cursinho, os alunos inscritos eram todos admitidos: as provas de ingresso tinham agora papel apenas classificatório e regulavam a formação de turmas.

O público atendido sempre foi majoritariamente constituído por adolescentes e adultos, entre dezessete e vinte e cinco anos de idade, oriundos de famílias de baixa renda. Haviam estudado em escola pública e moravam nas regiões periféricas da Grande São Paulo. Muitos jovens pertenciam a famílias que migraram de outros estados rumo ao centro

econômico do país. A maioria deles, por necessidade de completar a renda familiar, eram trabalhadores: a precoce inserção no mercado de trabalho estava marcada pelo subemprego ou pelo emprego informal sem garantias legais. Havia muitos alunos que precisavam iniciar-se em quase toda a matéria do Ensino Médio e, nos corredores do cursinho, eram às vezes descritos como “analfabetos funcionais”. Todo este quadro informa, mais largamente, o perfil característico dos estudantes em quaisquer cursinhos populares (Bacchetto, 2003. op. cit.; Mitrulis e Penin, 2006; Santos, 2005). Trazem marcas profundas dessa origem e trajetória sociais e que tornam muito particular a forma pela qual valorizam a universidade, em especial a universidade pública. O modo como construía suas formas de ser no mundo é permeado por rupturas biográficas e experiências de exclusão nos espaços públicos.

Quando este jovem busca por um cursinho popular, busca por outras perspectivas, outras formas de inserção no mundo, que muitas vezes não são aquelas que lhe são conhecidas, nem por experiências pessoais nem por experiências familiares. A passagem do ensino médio para a universidade é um período difícil na vida de qualquer adolescente, pois é sentida mais fortemente a necessidade de escolher um caminho, de destinar-se, e este é aberto, indefinido, e vai ser significado de acordo com a história pessoal de cada jovem e com as possibilidades apresentadas em seu contexto de vida. Este recebeu um patrimônio cultural a partir de sua família, um lugar, que lhe é necessário para se constituir, porém é também deste lugar que lhe é necessário se despregar se reposicionar, para criar um lugar próprio no mundo.

Entretanto o Cursinho, inserida em uma sociedade que privilegia principalmente o circuito da informação e conseqüentemente não favorece o contato com a experiência e a reflexão, trazia em sua própria existência ambigüidades que revelam tensões entre o a busca de valorização das subjetividades e a tendência moderna à homogeneização e tipificação dos sujeitos. Pretendia resgatar a mediação reflexiva, possibilitada pela criação de espaços de expressão da subjetividade e ao mesmo tempo trabalhava com uma quantidade imensa de

alunos, o que tendia para a massificação do ensino. O cursinho funcionava, nessa época, em dois prédios antes utilizados por fábricas, construções enormes e impessoais, onde circulavam milhares de pessoas ao mesmo tempo. Havia também o paradoxo que estes alunos precisavam, mais que revisar, aprender e assimilar a maior parte do enorme conteúdo programático exigido pelos vestibulares num curto período de tempo, simultaneamente a participação nos debates promovidos, em eventos artísticos e a discussão de temas como cidadania, direitos humanos, entre outras atividades além das aulas. Os agentes do Cursinho Popular acreditavam estar a serviço da transformação social, mas, de fato, caminhavam e podiam caminhar neste sentido? Não seria este o alvo da escola, ou o que a escola deveria legar? O alvo não seria necessariamente um alvo compensatório e, no caso deste Cursinho, comprometido com cidadãos pobres? Não haveria um erro conceitual no planejamento do crescimento, em que *democratização do ensino* e *massificação do ensino* são reduzidas uma à outra?

Em meio às ambigüidades e dificuldades no interior dessa proposta, constituem-se modos de exercício da subjetividade e processos de subjetivação pouco estudados cientificamente. Por outro lado, tais processos têm significativa relevância social, uma vez que participam do engendramento de novas concepções, crenças e práticas na teia de relações humanas e sociais nas quais estão inseridos. Os estudos disponíveis, geralmente dedicados ao exame de processos pedagógicos e ao julgamento da eficácia dos cursinhos populares, suscitaram-nos um exame que privilegiasse o recurso à memória dos estudantes. Assim, há a necessidade de se resgatar a experiência do aluno, pois o estudo dos problemas pedagógicos e das questões institucionais não podem dar conta das histórias individuais que acontecem neste contexto. Estas histórias estão enraizadas no concreto, mas não totalmente determinadas e explicadas por ele.

Pelo recurso as narrativas desses alunos pretende-se chegar, como nos fala Ecléa Bosi (2003), a memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão, que dá identidade e permanência aquela classe. O caminho inverso as pesquisas encontradas, de olhar a instituição e os processos psicossociais que ali acontecem pelo prisma daqueles que ela atende, pode trazer contribuições para uma reflexão e reformulação das práticas destes cursinhos populares e outras instituições e projetos sociais que visem também a democratização dos bens públicos, como o conhecimento e a Educação Superior.

CAPÍTULO 3 – PERCURSOS DE PESQUISA

3.1 Escolhendo os Caminhos

“Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas” (Benjamin, 1993, p.202).

Caminho por trilhas já abertas da ciência, e a escolha desses caminhos se deu a partir de uma orientação fenomenológica de pesquisa e pretendeu contemplar os objetivos nela propostos: a identificação e discussão de crises e transformações psicossociais por que passaram estudantes num Cursinho Popular de São Paulo.

A pesquisa adotou como instrumentos a reconstrução autobiográfica das experiências do pesquisador no Cursinho Popular (como aluno no ano de 1995) e o depoimento de alunos egressos do cursinho, a partir de um roteiro de entrevistas (Cf. GONÇALVES FILHO, 2003). A escolha das perguntas remontou à interrogação de algum traço ou impasse marcantes, retirados da experiência do Cursinho por estes alunos das classes pobres, como o pesquisador testemunhou. Procuramos fomentar narrativas, alcançar vivências e sua elaboração, alcançar a recordação e o comentário de episódios, possibilitando a livre expressão dos sujeitos (THOMPSON, 1992; BOSI, 1994, 2003) no contexto das práticas de um cursinho popular. Como esta experiência afetou a percepção que estes depoentes tinham sobre si mesmos, sobre seu lugar social e sobre seu relacionamento com a tarefa do conhecimento? Que crises e transformações viveram?

Esta pesquisa, como já afirmamos, recorre a uma concepção de narrativa retirada de Benjamin (1993). Reivindica alguma possibilidade de ainda resgataremos o sentido de *experiências*: neste nosso caso, experiências de alunos que narram trajetórias suas num Cursinho Popular. Quando vinga, a narrativa dá lugar à emergência de uma vivência pessoal, que também é profundamente inserida no corpo social (BOSI, 1994; 2003).

A narrativa se apresenta como registro da experiência, sendo, por excelência, a forma de sua construção e da construção da memória, oferecendo-se como objeto de um movimento histórico de sedimentação e reconstrução. “O dom de narrar é capacidade que vem naqueles em quem se firmou vínculo com a natureza, com a cultura e com outrem. Quando há esgarçamento, interrupção do vínculo natural, cultural e social, quando o vínculo com coisas e pessoas assume a figura abstrata de vínculo com mercadorias, o vínculo reificado trava a narrativa. Todavia, em contexto de trabalho e convivência reificados, ainda assim poderíamos aplicar alguma esperança no convite que se faça à narrativa. Quem padece situação que lhe deixou muito desamparado de vínculos e quase sem matéria para narrativas, se incluído num círculo de conversas, memórias e histórias, poderá paradoxalmente reagir. A narrativa é golpeada pelo mundo que se esvaziou, mas, enquanto o golpe não tenha sido absoluto, é pela narrativa que também somos devolvidos aos tesouros ainda restantes e à memória deles.”⁸

Pretende-se uma aproximação à experiência daquele aluno, sabendo-se que a comunicação desta por palavras já é uma interpretação e um distanciamento. Aquele interlocutor que escuta esta história a escuta por meio das suas próprias experiências, imbuído e sustentado pela sua história, portanto, também exerce uma interpretação sobre o material que recebe, ou seja, para falar com Clifford Geertz (1989), o compreender já é interpretar. Ao narrar sua própria experiência, o pesquisador interroga e elabora seus sentidos tentando, dessa forma, clarear e situar seu foco de observação para ele mesmo, para o leitor, e para o depoente. Hannah Arendt (1993) nos fala que os antigos atenienses chamavam esta interrogação do mundo a partir de si mesmo de opinar, e não possuía um caráter de fantasia subjetiva nem tampouco de coisa absoluta. A opinião (*doxa*), era dizer do mundo tal como ele se abre para mim (*dokei moi*), de acordo com a posição que ocupo nele.

⁸ Nota de José Moura Gonçalves Filho apresentada por escrito em sessão de orientação.

A manifestação do sentido (a saber: a direção segundo a qual os sujeitos se norteiam material e simbolicamente, a partir dos modos de compreensão que tecem acerca de suas vivências) dá-se pela da linguagem, encarnada pelos depoimentos. Essa manifestação do sentido revela, assim, o modo pelo qual os sujeitos cuidam de ser aquilo que fazem e que compreendem, o que estes estão fazendo e o modo pelo qual lidam com esse cuidar.

Faz-se necessário esclarecer o espírito que informou a decisão de retirar parte dos dados de análise de uma reconstrução autobiográfica. A narrativa da experiência vivida pelo próprio pesquisador neste Cursinho Popular não pretendeu assumir um caráter confessional: nossa intenção não foi colocar o pesquisador diante do leitor tanto quanto formar uma primeira apresentação possível da instituição e de certos fenômenos psicossociais nela percebidos pelo pesquisador. Ou seja, pretendemos menos a atenção para a experiência deste pesquisador do que, por meio dela, uma primeira atenção possível para os fenômenos a serem investigados. Vale, nesse sentido, a aposta de que o trabalho narrativo possa gerar e aproveitar alguma distância crítica entre o pesquisador e ele mesmo, entre o pesquisador e sua memória do Cursinho Popular, de um exame distanciado do que foi vivido.

Antes mesmo de se defrontar com o fenômeno alvo da pesquisa, o pesquisador se vê diante de uma compreensão já construída sobre este, que pode ser ideológica, ingênua ou profunda, mas é sempre uma construção, e sempre parcial. Bourdieu (1999) comenta que basta

“abster-se de toda intervenção, de toda construção, para cair no erro: deixa-se então o campo livre às preconstituições ou ao efeito automático dos mecanismos sociais que estão atuantes até nas operações científicas mais elementares (...). É somente ao preço de uma denúncia ativa dos pressupostos tácitos do senso comum que se podem opor os efeitos de todas as representações da realidade social aos quais pesquisados e pesquisadores são continuamente expostos”.

Destarte, uma parte do trabalho da reconstrução autobiográfica foi, a partir dos sentidos que já estavam presentes na sociedade e, a partir dela, no próprio pesquisador,

desenvolver uma compreensão mais profunda acerca daquele objeto, que se deu concomitantemente ao desenvolvimento da pesquisa.

Intentamos, na reconstrução autobiográfica, atender duas tarefas preliminares e uma terceira definitiva. Em primeiro lugar, identificamos e discutimos certos fatos, assuntos ou problemas que marcaram de um modo significativo ou enigmático a apresentação do Cursinho Popular para o pesquisador (marcos: a prova de seleção, a relação com os professores, a relação com os alunos, o espaço e o tempo das atividades, a aprendizagem e a convivência). Concluídas a narrativa autobiográfica e sua discussão, identificamos certos temas que foram transformados em questões e depois propostos a três depoentes, também estudantes egressos do cursinho. Foram temas e questões que, portanto, compuseram o roteiro de entrevistas⁹ abertas e de longa duração (Cf. GONÇALVES FILHO, 2003; QUEIROZ, M.I.P., 1983, 1988).

A tarefa definitiva supôs, entre outras coisas, o cotejo, a aferição de encontros e desencontros entre a experiência do pesquisador e a experiência dos depoentes, as experiências dos depoentes entre si e essas experiências todas e as opiniões dos autores que deram forma a esta pesquisa.

3.2 Escolhendo os Companheiros

Os depoentes desta pesquisa foram três ex-alunos, uma mulher e dois homens: um depoente que freqüentou como estudante o Cursinho eleito para esta pesquisa durante o período em que o pesquisador também foi ali estudante (1995); uma depoente que freqüentou como estudante este Cursinho e viveu o Plantão Psicológico durante o período em que o pesquisador foi ali estagiário de psicologia (2001); um depoente que freqüentou o Cursinho

⁹ Cf. Anexo B.

(1997) e que também veio a trabalhar nesta instituição num serviço por ele idealizado e constituído, que visava o gerenciamento de informações para sobre os vestibulares para os alunos, tendo sido contemporâneo do pesquisador na graduação uspiana de Psicologia.

Além de serem todos ex-alunos deste Cursinho Popular, a eleição dos depoentes levou em consideração dois critérios. Primeiro, a condição de classe, sendo todos os depoentes nascidos em famílias das classes de baixa renda, o público alvo dos cursinhos populares. Segundo, foram estudantes em quem testemunhamos mudanças na percepção de si e do papel da aprendizagem em suas vidas: o papel do conhecimento, da escola, do cursinho, da universidade. O segundo critério foi adotado em função do que foi testemunhado pelo pesquisador enquanto estagiário de psicologia e plantonista no Plantão de Dúvidas.

A história destes jovens conheceu reiterado sofrimento político: humilhação social e exclusão de circuitos ou bens públicos. A sondagem desse sofrimento e das possibilidades de superação de angústias ligadas a humilhação social, ligadas ao impedimento da ação, da palavra e do desejo, foi o que informou, deu corpo, esta pesquisa.

A partir da narrativa autobiográfica do pesquisador e dos relatos por ele testemunhados no Plantão de Dúvidas e no Plantão Psicológico, identificamos certos temas que nos pareceram especialmente relevantes investigar:

- i. Se condição proletária remonta às gerações ancestrais e a influência dos pais na instrução dos depoentes e no seu desejo de estudar.
- ii. A relação que estes alunos estabeleciam com o conhecimento, antes e depois de freqüentar o cursinho e se o contato com conhecimento pode modificar ou influenciar a percepção de si mesmo.
- iii. As representações que estes alunos tinham sobre a universidade e como surgiu o desejo de universidade. Há sinais de uma vocação? O estudo está associado a um desejo de crescimento psicossocial?

- iv. A formação escolar e seus marcos: a relações entre essa formação, o desejo de estudar e as escolhas vocacionais. Há relação entre o gosto por estudo e a atitude dos professores?
- v. As experiências pregressas na rede pública de ensino em comparação com as no cursinho: A Escola Pública restringiu as aspirações dos alunos de baixa renda? O ensino médio acompanhou vivências de humilhação social?
- vi. Desejos, sonhos, vocação e trabalho. A experiência de trabalho, seus começos e desdobramentos. Qual a participação da necessidade e do desejo na escolha do trabalho? O trabalho atrapalhava o estudo ou estimulava a estudar? Existe contradição entre vocação e trabalho?
- vii. A família dificultou ou apoiou o Cursinho? O cursinho implicou renúncias econômicas e psicossociais?
- viii. O contato com outros alunos no Cursinho: Havia um sentimento de grupo? Houve amizade especial? Isso influenciou sobre o percurso no Cursinho?
- ix. O contato com os professores e sua influência no percurso do cursinho e que traços pedagógicos e políticos marcaram o vínculo com eles. Houve contatos especialmente marcantes?
- x. O papel do Plantão de Dúvidas no aprendizado e no apoio psicossocial. Que experiências ou mudanças trouxeram ao aluno? Investigar as significações e vivências associadas às provas vestibulares.

O tempo abrangido pela entrevista incluiu a vida social pregressa (quadro biográfico de que a entrevista partiu): família, casa e cidade; escola e trabalho, interessando especialmente a lembrança do ensino médio. Estivemos especialmente atentos ao modo como já estava presente aí um desejo de estudar, o desejo da universidade e algum anseio

profissional. O tempo privilegiado foi a experiência do Cursinho, e o ponto da biografia que se encerrou a entrevista foi o término do Cursinho e o resultado das provas vestibulares (admissão ou fracasso).

3.3 Caminhos para interpretação das trajetórias

Orientamo-nos por uma noção simples de interpretação e que nos foi sugerida pelo orientador. Interessou, nesta pesquisa, a avaliação de experiências e destes traços a partir de depoimentos cruzados. Os depoimentos incluem a voz do próprio pesquisador, que foi aluno, auxiliar pedagógico e finalmente estagiário no Plantão Psicológico de um Cursinho Popular.

Interpretar é analisar um depoimento, identificando núcleos-chave de memória e interpretação das lembranças, é discriminar idéias e fenômenos. Interpretar é também sintetizar um depoimento: retirar relações, recolher relações postas pelo depoente (relações entre idéias e relações entre fenômenos), progredindo no esforço de melhor atinar com o ponto de vista do depoente e também progredindo na compreensão do que o depoente dá a pensar. Interpretar é reconhecer pensamentos manifestos e latentes no depoimento, é frisar o que o autor parece pensar e é também eventualmente completar caminhos de pensamento que o depoente dispara, mas não perfaz: tudo de maneira a permitir que o intérprete pense a partir do que o depoente pensou, deu a pensar, e fomentou mas deixou de pensar.

Muitas vezes uma interpretação, para se perfazer, bastará que se apóie nas linhas do próprio depoimento. Noutras vezes, a interpretação irá se perfazer por relacionamento que estabeleçamos entre o depoente visado e outros depoentes ou também autores de referência, não de maneira que os primeiros sejam corrigidos ou rebaixados por estes últimos, mas de maneira que mutuamente se interpelem e que dessa interpelação saia o intérprete para a

construção de um pensamento próprio e intermediário, um pensamento retirado do encontro e desencontro entre depoentes e autores.

Um pensamento toma forma utilizando noções socialmente disponíveis, contudo as noções existentes e as noções trazidas por um depoimento original nunca se sobrepõem perfeitamente, verifica-se então “a ancoragem da significação inédita nas significações já disponíveis.”¹⁰

Quando acontece de não estranharmos a matéria interrogada (quando o depoente não estranha suas lembranças, quando o pesquisador não estranha os depoimentos) pode ser porque apoiamo-nos cegamente sobre noções já disponíveis e não permitimos a formação de significados novos, mais autênticos ou mais pertinentes.¹¹ É preciso não emudecer o depoente, tratando suas palavras como veículo de significações já muito cristalizadas; é preciso deixar o depoimento falar para que significações novas imprimidas pelo depoente sejam reconhecidas.

Ler: “É manter distância deslizando para o interior de uma obra a fim de aprender a pensar nela e com ela aprendendo seu jeito de falar.”¹² O objetivo da leitura, como de uma interpretação, é acompanhar de perto as palavras e intenções do depoente, entrando em contato com o terreno de fenômenos pelo qual transita; só então se torna possível retomar as idéias do depoente, eventualmente reabrindo indagações feitas e sem necessariamente fixarmo-nos nas respostas dadas.

Compreendemos o exame vertical de um depoimento: atinar com as significações assumidas pelo depoente no quadro estrutural de seu depoimento. Isto significa perguntarmos: que conteúdo e extensão são assumidos por uma noção no quadro total do depoimento, de que outras noções vem aproximar-se ou separar-se?

¹⁰ Merleau- Ponty, M. “Sobre a fenomenologia da linguagem”. In: *Os Pensadores – Maurice Merleau-Ponty*. São Paulo: Abril Cultural, 2ª edição, 1984, p. 135.

¹¹ Bosi, E. “Entre a opinião e o estereótipo”. In: *O tempo vivo da memória – ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

¹² Chauí, M. “Experiência do pensamento (homenagem a Maurice Merleau-Ponty)”. In: *Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 195.

Compreendemos o exame horizontal ou cruzado de depoimentos: uma noção assumida por um depoente persiste ou varia de um depoimento para outro? Propomo-nos examinar o encontro e o desencontro dos depoimentos, verificar se diversos pontos de vista podem ser aproximados ou devem ser contrastados.

O exame de uma problemática é entendida como a formação, persistência ou variação de idéias exprimem a interrogação de um fenômeno e pode abrir um problema. Desde então, perguntamo-nos: qual o problema aberto, o que dele nos dizem os depoentes e autores coligidos, o que dirá o pesquisador?

Por meio de exames verticais e exame horizontal pretendemos a instauração de uma problemática: será que esses depoentes abordam fenômenos diferentes; será que os mesmos fenômenos são abordados mas julgados de forma diferente; e, neste caso, o que dão a pensar essas diferenças?

Neste trabalho de interpretação vertical e horizontal, procuraremos estar sensíveis ao que Jean Laplanche chama de *exigência* de pensamento: uma exigência é continuamente imposta pelo próprio fenômeno sobre o qual um depoente debruçou-se. Um fenômeno, devido ao seu caráter mais ou menos enigmático, exige alguma resposta teorizante. Essas teorizações como que gravitam em torno do fenômeno, tentam dele se aproximar, acumulando enriquecimentos, perdas e contradições interpretativas; essas teorizações querem traçar caminhos de compreensão, e por mais que desenhem descaminhos, estão ainda imantados pela exigência de sentido posta pelo próprio fenômeno. Tudo se passa como se o fenômeno nos quisesse falar, mesmo quando o tenhamos, por assim dizer, ouvido mal; mas ainda: quando o ouvimos mal, sugere Laplanche, o que ouvimos mesmo assim dá o que pensar acerca do fenômeno. Em certa medida, mesmo quando nos desviamos por caminhos que depois poderão mostrar-se enganados, os desvios são possibilidades preparadas ou admitidas pelo próprio fenômeno. Aprendemos com a interrogação de um fenômeno mesmo quando nos

enganamos acerca dele. Assim, no exame de um depoimento, acompanhar uma exigência de pensamento significa aprender com o que é dito mas também com o que é desdito, aprender com as explicações que se tornaram dominantes mas também com as explicações que ficaram marginais. Esta atenção igualmente distribuída permite aprofundar um problema e permite adesão a novos caminhos, nem sempre condizentes com o caminho de pensamento mais reiterado pelos depoentes. Perguntarmo-nos então: a que exigências de sentido os depoentes parecem responder? São as mesmas exigências que parecem sofrer?

Procuramos realizar uma análise quanto possível estrutural dos depoimentos recolhidos: as informações são discriminadas, relacionadas e reorganizadas, mas sem romper a comunicação com a totalidade do depoimento. Nesse sentido, predominou a atenção para: os *impasses* e os *anseios*, vividos no cursinho, as *conquistas* e *alterações* vividas pelos depoentes quanto a assunção de sua dignidade humana, sua segurança psicossocial.

A análise e discussão dos depoimentos busca prosseguir a discussão neles já iniciada pelos próprios depoentes. Nossa intenção é colocar a memória dos depoentes (as lembranças da passagem pelo Cursinho Popular), seus pontos de vista, em comunicação com nossa própria discussão sobre experiências no mesmo cursinho e também com os pontos de vista de autores que nos orientaram bibliograficamente. Pretendemos, portanto, reservar igual dignidade ao pensamento e à palavra de cada um dos participantes desta investigação.

Portanto, em nossa pesquisa, consideramos pesquisador, depoentes e autores eleitos, todos intérpretes. E consideraremos a *experiência* de todos o objeto da investigação. Isto não significa supor identidade entre sujeitos, mas buscar a *comunicação de pontos de vista*. Um objeto não se impõe por si mesmo mas segundo a experiência que fazemos dele, a experiência pessoal e compartilhada, as experiências concordantes e discordantes: daí é que ousaremos elaborar hipóteses.

A interpretação dos depoimentos acontecerá a partir da confrontação da memória do pesquisador e da memória de cada depoente, onde a comunicação entre as perspectivas implicará numa compreensão que não é mais de um ou outro, mas uma compreensão construída entre nós. Reforço que a discussão pretendeu menos refletir o contato com autores do que o grande contato com os depoentes. É desse contato que o pesquisador intentou retirar os seus conceitos e o esquema da dissertação. Não convenia caminhar de autores para depoentes: o caminho contrário é que melhor representa o caminho de uma pesquisa empírica. A pretensão aqui não é de um trabalho sobretudo teórico. De fato, pesquisa empírica é sobretudo um trabalho de campo, pretendeu assinalar uma orientação fenomenológica para a discussão de depoimentos. A evocação de autores se deu quando o pensamento da experiência naturalmente alcançou-os.

3.5 Colhendo Narrativas

Logo no primeiro contato com os depoentes todos aceitaram participar da pesquisa, mostrando-se dignificados pela lembrança e pelo convite. No convite para o depoimento foram esclarecidos os motivos da pesquisa e da escolha do método, explicações essas contidas no termo de consentimento¹³, que todos os depoentes assinaram e receberam uma cópia, antes de iniciar o depoimento.

As perguntas foram sobre como foi aquele período de suas vidas, seus sonhos, motivações e dificuldades, e o limite respeitado foi aquele dado pelos próprios depoentes. Ressalto ainda que, para o depoente, a rememoração da experiência e sua transformação em

¹³ Cf. Anexo A

narrativa pode promover uma ressignificação e ampliação dos sentidos desta experiência, melhorando a compreensão sobre sua história de vida (BOSI, 2003).

Fez diferença ter colhido depoimentos de pessoas com quem já tenho proximidade, e isso foi aparecendo em frases dirigidas diretamente a mim, ou me incluindo na própria experiência de ter sido aluno do cursinho. Jonas eu conheci no Ensino Médio, quando cursamos na mesma escola e na mesma classe por três anos juntos, e nossos interesses em comum nos levaram a buscar o cursinho, também juntos. Daniel foi meu contemporâneo na graduação, e o fato de nós termos cursado o mesmo cursinho deu-nos alguma proximidade e cumplicidade durante esse período. Madalena foi por mim atendida em Plantão Psicológico em 2001, quando era estagiário de psicologia no Cursinho, e demonstrou espanto e felicidade tanto por ter sido convidada quanto por lembrar-me de sua história. O pesquisador e os depoentes formavam aqui uma comunidade que compartilhava experiências em comum, e esse fato pode ter contribuído para a duração das entrevistadas, todas mais longas que o esperado: neste momento eu era o pesquisador, mas também era um ouvinte que saberia acolher suas histórias.

As narrativas de Jonas e Daneil fluíram de uma maneira não linear, próxima ao que descreve Benjamin (1994) sobre os caminhos que uma narrativa assume: iam, por exemplo, da própria infância a vida adulta, ao traçarem paralelos sobre o trabalho dos pais e avós e os seus próprios; ao contarem sobre sua escolarização falavam sobre momentos do ensino fundamental, saltavam para momentos da história da sua família, para depois caminhar por períodos do ensino médio, do Cursinho Popular e também do ensino superior.

Recolher lembranças dá em revelações ricas e heterogêneas, e a chance de uma desorientação sempre existiu. Pretendi continuamente apurar o tema no meio dessa informação toda que multiplica os temas: cuidar para identificar outros temas, mas sem aderir a eles. Como os depoimentos foram muito maiores que o tema da pesquisa, uma forma de

respeitar as memórias dos depoentes e dar oportunidade para outros pesquisadores aproveitarem desse rico material, suas transcrições foram colocadas na íntegra, em anexo. Os nomes dos depoentes foram trocados por pseudônimos e o nome da instituição, quando citado nos depoimentos, foi substituído por Cursinho Popular, com as iniciais em maiúsculas para diferenciar dos outros cursinhos a que fizeram referência.

Para as análises foram feitos resumos biográficos que pretenderam a discriminação e seleção de temas da história dos depoentes que fossem importantes para dar forma e colorido à experiência do Cursinho Popular.

CAPÍTULO 4 - RECONSTRUÇÃO AUTOBIOGRÁFICA

4.1 Antes do Cursinho: a escola, os professores e os amigos

“Cansado de correr
Na direção contrária
Sem pódio de chegada ou beijo de namorada
Eu sou mais um cara

Mas se você achar
Que eu tô derrotado
Saiba que ainda estão rolando os dados
Porque o tempo, o tempo não pára”
“O tempo não pára”, de Cazuya e Arnaldo Brandão

Era final de 94, eu terminava o terceiro colegial e estava empolgado com a idéia de fazer faculdade. Tinha decidido estudar Psicologia e me preparava sozinho para prestar a prova vestibular, já que com o que eu ganhava na época não dava nem para pagar um Cursinho e menos ainda uma faculdade particular. Definitivamente eu queria continuar minha formação, e a única possibilidade real era tentar entrar na USP, pois as outras universidades públicas não tinham o curso de Psicologia em São Paulo. Para além da questão financeira, era a reconhecida qualidade do ensino que me impulsionava a buscar a universidade pública.

Estudei todo o Ensino fundamental e médio no Colégio Jácomo Stávale, uma escola pública que, na região onde eu morava, era considerada uma das melhores. Morava em um bairro, na Vila Nova Cachoeirinha, e estudava em outro, na Freguesia do Ó, e o deslocamento valia pela escola. Como a educação e o conhecimento sempre foram valores seriamente defendidos pela minha família, meus pais fizeram questão que eu e minhas irmãs estudássemos lá, e precisaram insistir muito para conseguir as vagas. Consideravam-na boa porque era organizada, com seus prédios e dependências bem cuidados, possuía três quadras, sendo inclusive uma delas coberta (uma raridade na periferia), uma biblioteca adequada as nossas necessidades e, tão ou mais importante que tudo isso, não faltavam professores. Essa boa estrutura e bom funcionamento da escola eram atribuídos à competência da direção, e

contrastavam muito com a realidade das escolas próximas a minha casa. Meus amigos do bairro sempre me falavam do tempo ocioso que geralmente tinham durante o período de aulas, coisa que raramente vivi onde estudei, onde tudo parecia funcionar. Mais importante que isso, era boa porque havia professores dedicados, comprometidos em nos preparar, na medida das possibilidades, para o mundo adulto. Eles despertaram em mim a curiosidade e o interesse pela aprendizagem, auxiliando-me a encontrar um sentido em minha vida para a leitura, a interpretação de textos, as contas, os trabalhos escolares, enfim. Conhecer o mundo dos livros, por meio da escola, foi uma das minhas mais preciosas descobertas, e apaixonei-me por eles desde quando aprendi a ler. Meus pais, atentos a esta paixão, incentivaram-na indicando livros, conversando comigo sobre o que eu lia e, quando possível, presenteavam-me com livros.

Lembro-me com carinho de um professor de matemática, que chamávamos pelo seu sobrenome, Rampazzo¹⁴, que nos fazia recortar cartolinas para entender o sentido das fórmulas algébricas e da geometria. Frequentemente nos colocava para trabalhar em grupo e estimulava, dando pontos na nota final, resoluções criativas para os problemas propostos. Zuza¹⁵, professor de geografia, era um piauiense muito singular que sempre falava com orgulho de suas botas de couro de búfalo que usava há mais de dez anos. Fazia questão de nos contar vivamente sua experiência com o coronelismo no interior do norte e nordeste e do sofrimento das pessoas a ele sujeitas, temas muito pertinentes as suas aulas. Ele energicamente repetia sobre a importância do estudo na vida, que precisávamos conhecer o mundo que vivemos para não sermos tratados como gado, como foram ele e outros tantos que presenciou. Muitos colegas não gostavam de ambos por considerá-los muito “rigorosos”, entretanto, foram professores e aulas que fortemente me marcaram.

¹⁴ Luciano Rampazzo

¹⁵ José Vieira Camelo

Tive muitos professores, principalmente de português, história e geografia, que tinham uma orientação política de esquerda e, dentre estes, alguns eram militantes. Lembro-me bem de uma ocasião que, em razão de um trabalho de geografia que me foi solicitado sobre a queda do muro de Berlim (estava acontecendo naquele ano), eu pedi mais explicações para o professor sobre o que era o comunismo. Ele, feliz pelo meu interesse, se desdobrou tentando me explicar de um jeito que eu entendesse, e por fim me emprestou uma cópia do “Manifesto do Partido Comunista”, de Marx e Engels, para que eu pudesse “ler na fonte”, junto com o livro “O que é Comunismo”, da Coleção Primeiros Passos. Na compreensão esquemática que pude ter, com 13 ou 14 anos, depois de ler “O manifesto”, foi que a sociedade era dividida entre oprimidos e opressores e, por isso, as oportunidades eram diferentes para a burguesia e para os proletários, daí que para existir uma sociedade justa e igualitária a revolução era necessária. O texto fomentou em mim a indignação pelas injustiças de classe, que de certa forma já era presente e sentida, mas não de uma forma tão clara. Esta compreensão, que não podia deixar de ser simplificada, ainda sim era sincera, preparou convicções que se mostraram persistentes e, depois, acompanhando meu próprio amadurecimento, foi se apurando e definindo formas de me relacionar com o mundo que estava inserido.

Outros professores que me marcaram tinham esta mesma atitude engajada, porque se colocavam politicamente sem se impor autoritariamente, nos convidando a pensar sobre o mundo em que estávamos inseridos. Celso, meu professor de história no terceiro colegial, nos disse no começo do ano: “A escola pública não preparou vocês para o vestibular, e eu sozinho não vou conseguir fazer vocês entrarem. Então eu escolhi trabalhar com vocês temas que farão diferença para suas vidas”. E deste jeito ele agiu, trabalhando em aula com textos não muito extensos de livros como “A história da Riqueza do Homem” (Leo Huberman) e trazendo artigos publicados em revistas e jornais para discussão em classe. Pelo incentivo dele e de outros com esta postura, aprendi muito sobre a importância de se questionar a realidade

que vivemos, a não aceitar sem crítica tudo que o que é veiculado pela mídia, sobre cidadania e direitos civis. Lições sobre a desigualdade eram mais fáceis de assimilar, de apreender, pois diziam respeito a minha experiência cotidiana: eu a conhecia de perto.

Por essas razões era considerada por muitos uma boa escola.

Entretanto, muitas matérias no Ensino Médio, principalmente as de exatas, foram dadas de forma superficial e descontextualizadas, sem a implicação dos fenômenos do mundo que elas tratavam com minha vida, o que gerou em mim um distanciamento e estranhamento destas. Por exemplo, as aulas de física, química e matemática eram bem parecidas: um amontoado de fórmulas que me levavam do nada para lugar nenhum, resumindo-se a números e letras. Fórmulas que não se voltavam para o mundo perdiam-se na abstração, ficando “soltas” no mundo do conhecimento: quando lembradas, apareciam como figuras pitorescas na memória. Estas disciplinas, reduzidas a meras fórmulas, perderam para mim seu sabor e seu sentido. Também me ressentia pela falta de envolvimento de alguns professores conosco e com o próprio conteúdo das disciplinas que ministravam, dando aulas como quem reproduz uma gravação: eles não falavam para mim, ou comigo, não havia ninguém ali. Havia aqueles, em uma atitude ainda pior, nos tratavam como alunos de segunda categoria, dizendo literalmente em classe que “tinham que dar o conteúdo resumido porque senão não compreenderíamos”, ou “porque senão não daria tempo de ver toda matéria”. Outro professor apenas insinuava esse preconceito, dizendo que “pegaria leve” porque “estávamos muito cansados depois de trabalhar o dia inteiro, e naquela hora não conseguiríamos manter a atenção suficientemente”. Esses infelizes comentários, que para alguns colegas traziam alívio pelas tarefas a menos, soavam para mim como um insulto: era uma atitude preconceituosa e autoritária velada em um falso cuidado. O cansaço era real e deveras atrapalhava: o corpo pesava e a atenção flutuava, mas isso não impedia o aprendizado. E, assim como pouco tempo

é diferente de nenhum tempo, algum conhecimento, desde que verdadeiro¹⁶, é diferente de nenhum conhecimento. Aquelas aulas, ministradas a partir deste recorte estereotipado efetuado por estes professores, me causavam ojeriza porque quase sempre sentia meu já escasso tempo desperdiçado. Considerava um equívoco nos atribuírem o desconfortável papel dos “alunos cansados”, pois perdiam de vista os reais personagens com quem estavam vinculados pela tarefa de ensinar. Tratando-nos a partir do filtro de um conceito abstrato que, apesar de ser em alguma medida calcado na realidade, seu significado dançava ao sabor da vontade de quem o empregava. De fato, havia alunos que queriam apenas o diploma do Ensino Médio e outros que faziam jus ao estereótipo do “cansado”, porém, havia os que de realmente queriam aprender e que infelizmente deixavam de ter suas necessidades atendidas.

Em relação aos conteúdos exigidos nos vestibulares para as universidades públicas, de forma geral e em todas as matérias, havia um degrau historicamente construído, para além do esforço dos professores e do meu próprio, que se revelou difícil galgar. Depois eu pude descobrir, no decorrer do ano de cursinho, que essa diferença era basicamente a quantidade de informação exigida para os exames. O mais importante da preparação para o mundo adulto eu recebi nesta escola: aprender a ler, a interpretar textos, a pensar simbolicamente, a trabalhar em grupo, a respeitar a vida e os homens; a aprender a aprender.

Neste ano, a partir do momento que me decidi estudar numa universidade pública, comecei a estudar sozinho, já que não tinha dinheiro para fazer um cursinho. Porém, intimidei-me quando descobri o quanto que teria que aprender e, além disso, eu caminhava devagar e penosamente nas disciplinas de exatas, que era onde a escola havia deixado mais lacunas. Conversando com um amigo, que também compartilhava o mesmo desejo e passava pelas mesmas dificuldades, resolvemos formar um grupo de estudos para nos preparar para o

¹⁶ Como desenvolve Simone Weil (1996, p. 431) “A verdade ilumina a alma na proporção de sua pureza e não de alguma espécie de quantidade. (...) Um pouco de verdade pura vale tanto quanto muita verdade pura. Da mesma forma, uma estátua grega perfeita tem tanta beleza quanto duas estátuas gregas perfeitas.”.

vestibular. Convidamos mais alguns amigos da escola que se mostraram interessados e começamos a nos reunir aos sábados, único horário possível já que todos trabalhávamos. Fui, contente, contar aos professores todos, e pedir suas opiniões. Em particular a reação de dois deles me marcou muito. O professor de biologia demonstrou empolgação com a idéia, me incentivou bastante e, na semana seguinte, procurou-me com uma coleção de livros didáticos de biologia. Disse-me que não podia ajudar com muito, mas esperava que aqueles livros dessem algum suporte. Fiquei muito grato pela atitude dele, tanto que, depois de ser aprovado, voltei à escola para lhe agradecer. O professor de português, apesar de dizer quase o mesmo, agiu de maneira diferente. Com um olhar cético, disse-me que eu teria que estudar muito, que eu não podia deixar de prestar outras universidades particulares “para garantir, pois, vindo do fraco curso noturno de uma escola pública, seria muito difícil eu entrar”. Ofendido, me senti fraco, parecendo não ter capacidade de aprender ou força para tal empreitada. Este mesmo professor comentou, em outra sala de aula, que nosso grupo de estudos era muito esforçado, mas não conseguiríamos ir a lugar nenhum, “recado” que vieram nos contar tão logo a aula acabou. A idéia do grupo de estudos realmente não vingou, pois apenas eu e o Jonas, que convidamos todos os outros, estávamos de fato comprometidos em estudar. Esses comentários, que poderiam ter me levado a desistir de buscar meu sonho, tiveram como efeito exatamente o contrário: serviram de estopim para buscá-los com mais afinco.

Hoje percebo que buscava apoio quando fui até meus professores, já que meu sonho era diferente do sonho dos colegas de escola, e até dos meus amigos mais próximos. Entrar numa universidade não era em absoluto o desejo da maioria, ainda menos numa instituição pública. De nossa sala de aula poucos seguiram estudando no ano seguinte, depois de concluído o Ensino Médio, mesmo entre aqueles que se propuseram a participar daquele incipiente grupo de estudos. Nas outras salas do terceiro ano a situação foi idêntica. Alguns destes foram buscar o Ensino Superior depois de muitos anos, outros nunca quiseram ou

puderam. Isto fazia sentir-me diferente, não fazendo parte daquele meio ou sem apoio na realidade para meus sonhos. Embora se falasse de entrar numa universidade pública, isso não ocorria de forma realista, era tudo muito distante e idealizado: ou desconsiderava-se a dificuldade do processo seletivo ou tratava-se como um sonho impossível. Nas palavras de um colega de classe: “Eu nem vou prestar porque todo mundo fala que é muito difícil”. Um outro me disse: “Isso não é para nós, é para gente com grana”. Havia, entre estes, alguns que precisavam, mais urgentemente que os outros, dispor do tempo exclusivamente para o trabalho pela necessidade de sustentar uma casa. Porém, já naquela época me chamava a atenção que mesmo dentre os que podiam pagar a mensalidade de um cursinho ou de uma faculdade o desejo de estudar não aparecia entre as primeiras prioridades. Diziam-se satisfeitos com o Ensino Médio e pareciam não ter nenhum projeto de vida, além do vago e abstrato “ter um emprego e ter minhas coisas”.

A escola pública, assim como outras instituições de que recebíamos influência, não parecia estar comprometida com a preparação, nem simbolicamente nem concretamente, para a universidade: o caminho esperado (às vezes insinuado noutras diretamente sugestionado) era o mercado de trabalho e o lugar possível do estudo era, no máximo, promover melhoras no desempenho profissional. Um outro problema, decorrente desta situação, é que essas atitudes sutilmente operavam uma restrição simbólica dos lugares possíveis que poderíamos ocupar: limitavam os sonhos, limitavam o campo de visão do mundo e da percepção de nós mesmos. Parecia que nosso lugar no mundo já estava delimitado, e esse lugar não comportava o Ensino Superior.

A opinião destes professores e colegas me abalava por estar em franca oposição as minhas, e isto me fazia suspeitar da minha capacidade de percepção do mundo e,

conseqüentemente, da realidade das minhas escolhas. Segui-las pedia-me um investimento e tenacidades muito grandes, que nem sempre considerava possuir¹⁷.

Nesta primeira tentativa de entrar, anterior ao Cursinho, havia conseguido passar à segunda fase da FUVEST, onde então não fui aprovado, mas minha colocação final me animou a continuar buscando uma vaga.

4.2 O primeiro contato: superando suspeitas e seleção

Meu primeiro contato com o Cursinho foi no dia anterior ao início das provas da FUVEST. Assistia a um noticiário matinal e o repórter comentava sobre o vestibular. No final da matéria citou muito rapidamente um Cursinho que dava oportunidade de estudo para alunos de baixa renda, me entusiasmei com essa possibilidade e anotei o telefone. Já tinha ouvido superficialmente falar deste Cursinho, e quando comentei com meus colegas de escola da minha intenção de estudar lá, muitos me olharam com descrédito. Eles achavam que era mais uma “enganação”, como aqueles cursos caça-níqueis, onde: “Você não paga nada, ‘apenas’ o material didático!”, e me falaram para tomar cuidado. A suspeita era justificada, pois não eram poucas as histórias de amigos, e amigos de amigos, que foram dessa forma ludibriados, ou por terem que pagar pelo curso “gratuito” ou por se verem obrigados a desistir pela qualidade duvidosa do mesmo.

Daí esta falta de esperança no que fora noticiado sobre o cursinho e seus reais propósitos. Considerávamos que, pela nossa realidade de moradores da periferia, o ensino de qualidade e o respeito pelas pessoas estavam condicionados a recursos financeiros: você

¹⁷ “Somos inclinados a uma percepção de nós mesmos segundo o espelho dos outros: devemos aos outros grande parte da consciência de nós mesmos. Ocorre, entretanto, que o espelho pode tornar-se infernal: é quando o retrato que recebemos torna-se intolerável; torna-se impossível assumi-lo sem náusea ou protesto, senão ao preço de uma diminuição interior que faz perder o sentimento de possuir direitos (um aviltamento que as almas muito submissas já não sofrem mais). Não seria esta uma lição de Jean-Paul Sartre e que se tornou cara à psicologia social?” (Nota do orientador).

recebe e vale o que você paga. Era uma compreensão parcial de um problema referente a uma realidade maior, que naquele momento reduzimos à condição de uma classe, perdendo de vista que a associação equivocada entre ser e ter permeava tanto oprimidos quanto opressores. Não era e nem é impossível, embora sempre mais raro, encontrar pessoas que trabalhassem movidas por algo além da questão financeira, independente do tipo de atividade. Essas freqüentes experiências de engodo colocavam em questão o valor das palavras: estas não comunicavam realidades, eram instrumentos para induzir ao erro, o que abalava a confiança no mundo e nas relações.

Resolvi conferir e liguei, me informando sobre como funcionava o Cursinho, sua seleção para o próximo ano e as datas. Como sabia que não tinha uma boa base naquilo que a prova vestibular exigia, este Cursinho aparecia como uma possibilidade real para alcançar meu objetivo.

Da turma da escola apenas o Jonas, com quem havia organizado o grupo de estudos, se interessou em fazer o processo de seleção do Cursinho. Fomos muito animados à USP e, depois de mais de duas horas andando num velho trólebus (aqueles ônibus elétricos de mais de trinta anos, que hoje não circulam mais), chegamos até a Faculdade onde estava instalado. Era um dia típico de janeiro, fazia um calor infernal, e nenhum dos alunos que transitavam por ali soube nos informar onde era a secretaria do Cursinho, porém, logo encontramos uma longa fila que nos guiou até lá. O lugar era um pequeno guichê, de mais ou menos dois metros quadrados, escondido num canto, dentre os muitos daquele enorme prédio. Eu e meu amigo, já inseguros, nos olhamos com uma cara de: “É aí?”. E era. Voltamos para fila e aguardamos mais uma hora de espera. A secretária, uma mulher de uns vinte e poucos anos, nos atendeu sorrindo. Muito atenciosa, explicou-nos como o Cursinho funcionava, a quem e a que era destinado e que o processo de seleção era necessário porque infelizmente não havia como receber toda a demanda. Enquanto esperava na fila havia notado que ela dirigia a mesma

simpatia na recepção de todos e, quando ela nos dirigiu a palavra, ficou evidente que era uma atitude sincera, diferente da mera repetição de frases e gestos. Naquele momento foi muito significativa esta acolhida, pois, além do cansaço, estávamos preocupados e ansiosos com aquela situação. Queríamos muito estudar, mas havia a suspeita, que com a ajuda dela começou a se dissipar, de que este não fosse um projeto honesto e, sendo honesto, de não sabermos se conseguiríamos entrar, ou seja, um medo de sermos novamente excluídos.

Este ano o Cursinho pôde oferecer aproximadamente quatrocentas vagas, metade para o curso noturno e metade para o curso de final de semana, e o número de candidatos inscritos havia ultrapassado sete mil. O processo de seleção era constituído de duas fases: primeiro uma prova de português e matemática, eliminatória e de peso um; depois, a partir da classificação pela pontuação nessa prova, acontecia a seleção socioeconômica, de peso dois. Ou seja, dentre aqueles menos favorecidos economicamente, egressos das escolas públicas, selecionava-se um pequeno grupo com melhores condições de serem aprovados para, então, iniciar uma preparação mais abrangente para o vestibular. Fizemos a prova, eu e Jonas, e nossa pontuação nos colocou na segunda fase. Para a seleção socioeconômica foram chamados pouco mais que oitocentos candidatos, e esta foi feita por meio da análise de uma extensa lista de documentos e de uma entrevista. Tive que apresentar todos os meus pessoais (CPF, RG, Título de Eleitor, Reservista, Carteira de Trabalho), os holerites e carteiras profissionais de todos os que moravam na casa, extratos bancários, certidões de casamento dos meus pais e de nascimento das minhas irmãs, as contas de todo um mês da família e até o contrato de aluguel da casa. Apesar de entender que este interrogatório abusivo era uma tentativa de favorecer quem de fato não podia pagar um cursinho comum e era necessário porque não havia vagas em número suficiente, não escondo que mesmo assim senti um imenso mal estar por ver solicitada a exposição de minhas condições econômicas e de toda minha família. Vi-me constrangido e envergonhado, pois me senti invadido em minha privacidade: a vida do lar, com todas as

alegrias e as dificuldades, deveria lá ficar, não via como certo expô-la ao público. Além disso, senti-me humilhado por precisar apresentar um “atestado de pobreza” para poder estudar, sentimento este que, à época, não consegui nomear. Simplesmente irrompeu uma angústia, que atribuí a me sentir impotente frente a essa situação. Eu mesmo havia me colocado neste lugar, mesmo sem querer me colocar. Eu só queria poder estudar. Esta foi a única memória de constrangimento que guardo do Cursinho. Na entrevista esse mal estar diminuiu, acredito que pela forma cuidadosa com que o entrevistador, que depois descobri ser um dos professores, conduziu-a.

Outro motivo de ansiedade para mim, gerado pelo processo seletivo, era ficar pensando se eu era “suficientemente pobre”. Vinha-me um medo de não conseguir a vaga, pois, mesmo não tendo como pagar um Cursinho, sabia que havia muita gente numa situação pior do que a minha. Vivia um sentimento paradoxal de dupla exclusão: excluído pelos que tem muito e excluído pelos que tem pouco. Meus colegas de cursinho, ao longo dos meses pude perceber, também eram da mesma faixa socioeconômica que a minha. Os mais pobres que nós não conseguiam chegar até este Cursinho Popular; os mais ricos, dele prescindiam. Quando saiu o resultado da seleção e vi que havia conseguido passar, me senti feliz e aliviado. Teria, enfim, minha oportunidade de estudar. Jonas também havia conseguido, e tínhamos então companhia para ir e voltar à USP por todo o ano de Cursinho.

4.3 O cursinho e seu esquema, a formação do grupo de amigos

“Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade...”
“Prelúdio”, de Raul Seixas

A aula inaugural foi num auditório, onde os diretores nos apresentaram o projeto do Cursinho, o planejamento para o ano e as regras gerais de funcionamento. Os diretores do Cursinho

eram três professores: o Américo (Física), a Bia (Literatura) e o Sidney (Matemática). Eram pessoas acessíveis e que demonstravam ter muita fé no que faziam, além de serem ótimos professores. As aulas seguintes, no mesmo dia, foram aula mesmo, e pelo ritmo intenso pude perceber que aquele era um projeto sério e que teria que estudar muito para acompanhá-lo. Em meio a tantas experiências de engodo e desconfianças, senti-me dignificado ao perceber essa seriedade, pois me mostrava que valia como pessoa, não pelo dinheiro que podia pagar. Também significava que a propaganda do cursinho não era para velar intenções, mais sim para revelar a realidade da proposta: “preparação de qualidade para as provas vestibulares destinada a alunos de baixa renda”.

Era uma proposta bastante rotineira, parecida com a dos cursinhos comuns: o conhecimento era dividido em disciplinas que, por sua vez, eram divididas em “frentes”; a meta era aprovação no vestibular e o caminho a rápida assimilação dos conteúdos exigidos nestas provas. Nós alunos, que em grande medida tivéramos um contato superficial ou nulo com boa parte destes conteúdos, tínhamos que assistir às aulas e complementar o estudo em casa. Diferentemente dos atuais cursinhos populares, não se propunha a incluir no programa aulas de cidadania, nem sobre igualdade racial, nem atividades relacionadas a nenhum movimento da sociedade civil, mesmo o cursinho tendo como origem um grêmio estudantil. Nesse sentido, a primeira impressão é que sua proposta parecia não ter em vista um convite a discussão política de nosso contexto socioeconômico. De forma geral e resumida, era esse o esboço do esquema do cursinho. Porém, simultaneamente a esse esquema, aconteciam outras situações entrelaçadas a esta, por vezes beneficiando-a, outras se opondo, que remetiam a nossas histórias pessoais, ao trabalho daqueles professores e funcionários, a nossa realidade de alunos oriundos das escolas públicas e ao nosso contexto social. O Cursinho naquele ano, pelo próprio ato de estudar e pela atitude daqueles que ali trabalhavam, acabou por nos fazer problematizar e discutir essas nossas situações.

Apesar de ser mais cansativo optei por estudar aos sábados, pois meu horário de trabalho e a distância até USP tornavam inviável estudar a noite, a outra opção do Cursinho. Esta era a mesma situação da maioria dos meus colegas de turma. As aulas começavam às 8h e terminavam às 18h, com 1h de almoço, e para chegar no horário eu tinha que sair de casa no máximo às 6h. Morava na Freguesia do Ó e precisava pegar um ônibus até o centro da cidade para depois pegar outro até lá, e sempre reclamava do tempo que perdia e do desgaste. Porém, logo descobri que minha situação não era tão ruim se comparada com a de outros colegas. Vinham de todos os bairros e de cidades da Grande São Paulo, porém, predominantemente da periferia: Itaquera, Interlagos, Jaraguá, Tucuruvi, Brasilândia, São Miguel Paulista, Poá, Itaquaquecetuba, Osasco, Diadema. Havia colegas que saíam de casa às 4:30 da manhã! Eu ficava olhando para eles e pensando se agüentaria se fosse eu, pois meu cansaço seria ainda maior e talvez não conseguisse acompanhar as aulas. A maioria trabalhava ou buscava emprego, e o reflexo dessa rotina puxada era o evidente cansaço no rosto de cada um, que ali estava desde antes do início das aulas e nos acompanhou durante todo o tempo. O mais incrível era a animação da turma, da primeira a última aula, apesar de todo esse cansaço. Tudo bem que sempre havia alguém dormindo no meio da aula, que virava motivo de brincadeiras, mas mesmo nas piadas o tom era de respeito: todo mundo compreendia bem a diferença entre cansaço e preguiça.

Aos sábados eram duas salas com mais ou menos cem alunos cada, e logo nas primeiras aulas formou-se uma turma, algo em torno de vinte e cinco, que passou a sentar perto nas aulas e compartilhar os horários livres. Os professores nos chamavam a “turma do fundão”. Isolado dos meus antigos amigos por conta de ter escolhido caminhos diferentes, afeiçoei-me rapidamente por aquelas pessoas que sentia companheiras e cúmplices nessa tarefa de estudar.

Chegar à USP no sábado de manhã não era tão ruim quanto sair ao final do dia, pois depois das 14h não circulam mais ônibus de linha no campus. Para poder ir embora tínhamos que caminhar da faculdade onde estávamos até a entrada principal, de onde saíam nossos ônibus. Seria um percurso de quinze minutos a passadas largas, mas, como estávamos fatigados depois de um dia inteiro sentados, concentrados em estudar, eram trinta arrastados minutos caminhando até o ônibus. Da nossa turma havia um único que tinha carro, um gol, e ele sempre dava carona para cinco ou seis colegas, até a entrada. Era engraçado ver o carro dele abarrotado de gente, mas é óbvio que não dava para levar todo mundo. Via de regra íamos a pé, e esta caminhada até o ponto de ônibus era quando tínhamos mais tempo para conversar e nos conhecer, só comparável a hora de almoço. O que a princípio era mais um motivo de desgaste, acabou se tornando prazeroso e até desejado, pois na medida em que nossa proximidade e amizade iam aumentando, crescia também a vontade de ficarmos juntos conversando. Além disso, movimentar o corpo, àquela altura do dia, depois de nove horas de estudo em cadeiras duras, não era ruim porque fazia lembrar que ainda tínhamos um corpo. A caminhada era, como uma amiga uma vez me disse, a transição entre o “mundo cursinho e o mundo real”, numa alusão ao fato de nós nos sentirmos mais acolhidos e queridos ali (e isso dizia respeito a esta nossa turma e também a relação com os professores) do que na maioria dos outros lugares onde freqüentávamos. Nas palavras trocistas de um amigo, aquele trajeto era “O Caminho Suave”, fazendo um jogo de sentidos com o nome da famosa cartilha que quase todos nós usamos no Ensino Fundamental e o caminho até o ponto de ônibus. Eu não gostava desta cartilha, e fiquei surpreso por perceber que muitos também não gostavam dela, e mesmo assim ela nos fazia lembrar a infância, de uma época com menos preocupações em nossas vidas. E aquele caminho comportava algo de leve e lúdico, que atribuo ao contato alegre entre nós. Parecia haver também, nessa brincadeira, outros sentidos, que acredito este colega não se apercebeu quando disse, um jogo com o significado do caminho que

escolhêramos trilhar: para quem escolhia continuar a estudar, não era nada “suave”, era duro, penoso. E a resposta mais esperada, frente a tantas oposições e dificuldades, seria desistir ou adiar. Continuar tentando exigia de nós um grande esforço, uma tenaz vontade de persistir nesse desejo, e o cursinho, nesse cenário, aparecia-nos como uma ponte firme que possibilitaria concretizar esse desejo de entrar numa universidade pública.

Aquelas horas livres eram nossos momentos de contato descomprometido, onde começamos a construir uma relação que pouco a pouco passou a ser de amizade, fazendo parte depois de nossas vidas fora do cursinho. Uma parte da turma seguia junta, de ônibus, até o centro da cidade, onde cada um continuava seu caminho para casa. Aos poucos os assuntos e as brincadeiras iam diminuindo, até ficarem umas poucas duplas conversando: era o cansaço do dia aparecendo mais forte e nos dominando. Eu e meu amigo Jonas fazíamos sempre o mesmo caminho, descendo do ônibus no Largo do Paissandu e caminhando até a Praça da República, que atravessávamos para pegar o nosso ônibus. Depois de alguns meses, até já reconhecíamos quem eram os moradores de rua, os ambulantes e as prostitutas daquela região. Quando, enfim, chegava em casa, mal conseguia conversar com meus familiares de tão esgotado que estava, só queria tomar um banho e dormir.

Ir ao cursinho era também ir conviver com aquelas pessoas. Era con-viver num grupo onde as pessoas se sentiam como iguais, onde prevalecia o carinho e a alegria no contato. Falávamos de tudo, mas principalmente, claro, sobre o vestibular, a escolha da carreira, a sonhada vida acadêmica, o futuro e suas incertezas. A cabeça “fervia” também em muitas outras questões: os namoros, a música, o futebol, o dinheiro ou a falta dele, a política nacional. Tínhamos muitas coisas em comum: pouca diferença de idade, recém saídos do Ensino Médio da rede Pública, morávamos na periferia, todos trabalhavam ou procuravam emprego, já que ninguém tinha dinheiro para nada além do essencial: conseguir comprar as apostilas, pagar o transporte e a alimentação do dia a dia, e ir, pelo menos uma vez ao mês, a

eventos gratuitos que aconteciam na cidade, por exemplo, aos shows ao ar livre no Parque do Ibirapuera e no Parque do Carmo, ou ao teatro do Sesi. Se fosse para pagar a entrada, eu teria que escolher para o mês entre um cinema, um teatro, ou um barzinho modestos. À parte as apostilas, naquele ano não me foi possível comprar nenhum livro, nem dos que eu queria nem dos que precisava para estudar para as provas.

Existia algo de inconformismo nessa atitude de querer estudar, era uma forma de não aceitar passivamente uma situação que nos fazia impotentes e nos levava a ter os caminhos determinados pela necessidade em detrimento de nossos desejos. Para mim, estudar significava a oportunidade de ter acesso a um trabalho que não fosse mera subsistência, um trabalho que tivesse a ver com o que gosto e com o que acreditava ser meu potencial. Não queria que minha vida fosse uma eterna luta pela sobrevivência, e isso tinha mais a ver com a natureza do trabalho do que com a possível remuneração. Queríamos sim, com a graduação numa universidade pública, empregos e salários melhores, mas mais importante que isso, queríamos acesso a trabalhos diferentes daqueles que já tão bem conhecíamos, onde éramos privados de voz e de iniciativa. Sentíamos-nos como massa de manobras de subgerentes, gerentes e chefes, sem direitos e com demasiados deveres vazios. Deveres estes que entopem e não trazem satisfação, senão a bizarra satisfação do trabalho domesticado bem cumprido. Um futuro melhor significava aí uma busca por uma situação onde nossas palavras e ações tivessem poder, capacidade de realização, o que com certeza conferiria um sentido maior à nossa existência. Quem estimou que aqueles jovens, como muitos outros das classes menos favorecidas, buscavam mera subsistência ao buscar o Ensino Superior, compreendeu mal os desejos e experiências destes jovens. Quem já passou por necessidades materiais sabe bem o que estas significam, mas se engana quem imagina que é a cessação da necessidade o que move, sustenta ou impulsiona as buscas posteriores a esta experiência.

Daquele grupo surgiram amizades duradouras, vários namoros e até alguns casamentos. Esse seria o resultado possível de qualquer convivência escolar, mas havia algo naquela circunstância que aproximava ainda mais as pessoas. O processo de seleção havia criado um grupo homogêneo, com experiências de vida, expectativas e origens muito parecidas. Acredito que essa proximidade teve uma importante função facilitadora no contato entre nós. Naquele momento das nossas vidas, este grupo foi muitas vezes onde nos apoiávamos. Eu, que me sentia isolado por conta das minhas escolhas de vida, encontrei ali muitas pessoas com histórias, valores e motivações semelhantes aos meus. Senti-me novamente fazendo parte, pertencendo a algum lugar, e sei que não fui o único a me sentir assim. O apoio do grupo, o compartilhar as dificuldades tornava mais suportável seguir nesse caminho [nada] suave que havíamos escolhido.

4.4 Incompreensões e enigmas: a perda das salas de aula

A lente não mente
Mente quem está atrás da lente
A lente não mente
Objeto transparente
Me deixa ver
O que sempre foi aparente
“Lente”, de Frejat e Arnaldo Antunes

Pouco tempo depois do início das aulas, o diretor da faculdade que até então abrigara (e em outros tempos apoiara) o Cursinho, sem muitas explicações e nenhum diálogo, decidiu que as aulas do Cursinho não mais poderiam ocorrer nas dependências desta faculdade. Os diretores do Cursinho foram pegos de surpresa e nós alunos também. No sábado seguinte encontramos os professores do lado de fora do prédio onde normalmente assistíamos às aulas, visivelmente constrangidos e preocupados, explicando o que ocorria e que não sabiam como a situação seria solucionada. Naquele dia ficamos reunidos em frente à entrada e, como protesto, algumas aulas foram ministradas ao ar livre. Um de nossos colegas ligou para várias

emissoras de televisão e em pouco tempo havia repórteres e câmeras por todo o lugar. Nesse momento, estávamos reunidos gritando: “- Queremos aula! Queremos aula!”. Um repórter aproximou-se do grupo em que eu estava e nos pediu explicações sobre que estava acontecendo. Depois de ouvir-nos me pareceu contrariado, e disse: “É isso? Hum... isso não dá matéria... [pausa] Vocês não querem fazer uma bagunça por aqui, sei lá, virar umas lixeiras, quebrar alguma coisa?” Ouvi, entre incrédulo e estupefato. Foi como receber um golpe, uma pancada, que me paralisou e fez calar não só a mim, mas a quase todos que ali estavam. Um colega, menos afetado pelo golpe, muito espontaneamente respondeu por todos: “Não... acho que você não entendeu. A gente só quer um lugar pra poder estudar. A gente só quer estudar”. O repórter e sua equipe ainda ficaram por perto algum tempo, talvez esperando que algum tumulto acontecesse para ao vivo “lamentar” sobre o que ocorria, mas logo foram embora. Necessidades diferentes: a nossa, por um espaço onde pudéssemos “apenas” seguir estudando, e a do repórter, que precisava de alguma notícia chocante para agradar e manter a atenção de seu público, ou quiçá uma entrada no meio da programação da tarde se fosse algo suficientemente anormal. Jovens querendo estudar era por demais ordinário, banal, ou melhor, sem o status de uma notícia para aqueles a quem era destinado este noticiário.

Porque “jovens pobres sem salas de aula” não foi considerada uma “notícia”? Aquele repórter se mostrou preso a uma compreensão naturalizada desta realidade, julgando esta situação como “normal”. Com sua abertura para a experiência limitada também pela pauta do jornal que precisava seguir, ele se deteve nas primeiras camadas do real, e seu público, representado ou concebido ali por ele, parecia carecer de mais algum desastre para se espantar: a situação de não termos sala de aula, que nos alarmava, parecia nos repórteres encontrar uma percepção amortecida, o que disparava em nós um humilhante sentimento de desamparo e isolamento. (em nós foi rapidamente assimilada e configurada dentro de um

quadro pré-formado: os dramas humanos não parecem contar com a mesma visibilidade e indignação quando se trata de dramas de cidadãos de primeira classe ou de segunda classe.)

O que quero dizer é que a percepção dos repórteres, ali, comunicava-se com o preconceito de classes. A compreensão do problema em curso só levava em conta aspectos do real já recortados por uma operação mais larga de rebaixamento citadino dos estudantes pobres, perdia de vista a gravidade da situação presente e a natural necessidade de uma reação justificada. Estamos socialmente habituados a associar estudantes das classes rebaixadas a condições rebaixadas de ensino, e habituados a não esperar protesto algum ou nenhuma medida governamental contra a reiteração disso. Ao nos propor “virar lixeiras” ou “quebrar alguma coisa”, ele, imperceptivelmente, convicto da necessidade de uma notícia-choque para o seu público de telespectadores indiferentes, parecia ignorar o quanto o choque era já bastante para os usuários do cursinho: era como se nosso mal estar perdesse evidência e legitimidade, era como se nossos sentimentos e vozes ficassem impotentes, era sugerir que nosso direito perdido fosse sem poder em si mesmo e dependesse da força bruta para fazer-se valer.

Em nós alunos, desalojados e inseguros, sobreveio o silêncio após esse golpe, pois, para nós a necessidade estudo e de salas de estudo era, como para gente faminta, a necessidade alimento. E, para nós, pareceu desagradavelmente certo que nenhum repórter atinava com isso. Foi como se aquele jornalista representasse muitos outros, jornalistas ou não, todos imbuídos da tese que cidadãos de baixa renda têm só fome, fome de comida, o atendimento de todas as demais fomes valendo-lhes como um luxo (titãs: citar comida). Os pobres não se sentem só privados de coisas, sentem-se também amargamente privados de compreensão, de compreensão sobre o que sentem: “a privação de coisas é tanto mais amarga quanto mais associada ao desprezo público; a privação de coisas é tanto mais suportável quanto mais compartilhada e quanto menos marcada pelos sinais de indiferença dos

abastados; um cidadão destituído tende a reclamar, cobiçar ou roubar o que os outros não lhe querem dar e, quando não é esse o caso, quando os outros não lhe parecem implicados em seu estado de privação, quando não lhe parecem abordá-lo com frieza, desdém ou medo, quando lhe parecem admitir com responsabilidade e recusar a situação de desigualdade, tende a dividir com eles o pouco que tenha, tende a poupá-los de um ataque, tende a recebê-los como companheiros.”¹⁸

4.5 A relação com os professores

Mas, ali, nem todos pareciam desconhecer nossa fome de livros. Nem todos se retiraram. Nossos professores, a cada momento demonstravam revolta e empenho, agiam como quem contasse com a possibilidade de uma resistência eficaz. Foi um momento alto de confiança neles: não havia dúvida, pela a forma como nos tratavam e agiam, de que nos compreendiam e de que recomendavam nossa ação, assinalando o reconhecimento de um poder entre nós.

A decisão sobre os prédios não tinha volta, e em algumas semanas uma solução alternativa foi acertada: até o final deste ano as aulas do curso de sábado passariam a acontecer no prédio da Faculdade de Letras, onde os diretores desta se dispuseram a acolher temporariamente o projeto. Naquele momento em que o Cursinho foi expulso dos prédios da faculdade que inicialmente abrigara e estimulara o projeto, e os diretores não sabiam o que fazer, a atitude deles de dividir conosco o drama ao ficar sem lugar para dar aula me fez atentar para a situação política em que o Cursinho estava inserido. Comecei a perceber que o projeto era sustentado somente por aquelas pessoas que eu via trabalhando. Antes da expulsão pensava que por estar dentro da USP e ser vinculado a um grêmio estudantil, ele recebia

¹⁸ Nota do Orientador

algum tipo de auxílio financeiro, o que de fato não acontecia. O único apoio institucional era ceder as salas de aula, desde que elas não precisassem ser usadas. Além dos diretores e dos outros professores, havia duas secretárias e um office-boy, uma estrutura pequena para aquele trabalho todo. Depois, conversando com os professores, fiquei sabendo que o dinheiro arrecadado com a taxa de inscrição pagava quase todas as despesas do ano. As situações imprevistas eram muitas vezes resolvidas de improviso, pois não havia reserva financeira nem outros tipos de recursos que bastassem.

Eu não sei qual era a origem social dos professores, apenas que quase todos haviam estudado na USP ou na UNICAMP, mas sinto que eles conseguiam nos perceber mais do que a maioria das pessoas conseguia. A ligação deles conosco não era apenas a institucional, tanto é que o cursinho “invadia” a vida deles nos horários outros que não os de aula ou de preparação de aula. Um exemplo disso é o grupo de estudos que acontecia às quintas feiras, no Centro Cultural Vergueiro, organizado por alguns deles. Não tinham a obrigação e nem eram pagos por essa aula extra, parece-me que sua ação era impelida mais pela crença no que faziam. Infelizmente, por conta do meu horário de trabalho, pude participar poucas vezes. Mesmo assim eu ficava feliz pelos colegas que podiam ir, e no sábado sempre falavam sobre o que tinham estudado e como tinha sido o grupo.

Outra situação que provou a proximidade conosco foi quando a professora Bia nos convidou para comemorar o seu aniversário em sua própria casa. A princípio isso me deixou intrigado, pois nunca havia visto isso acontecer, afinal, professores ficam sempre de um lado e alunos sempre de outro. Comparecemos em grande número e levamos violão, ela foi uma amável anfitriã, dançamos juntos e celebramos.

Pela atitude dos professores, os sentíamos como companheiros e, mesmo com o tempo exíguo, era próximo o relacionamento com eles. Claro que eles não conseguiam atender a todos, mas se desdobravam tentando. Entre uma aula e outra podiam ser encontrados tirando

nossas dúvidas no corredor, em pé mesmo, e sempre receptivos. Entre nós comentávamos como fazia diferença sentir que eles acreditavam no nosso potencial, que poderíamos sim aprender e passar nas provas, e que esse voto de confiança nos fazia sentir mais capazes.

Dia a dia, aula a aula, cresciam minha admiração e carinho pelos professores todos, mas, principalmente pela Bia, que dava aula de literatura, Américo, de Física, Sidney, de Matemática, e Marcos, de História. Já no primeiro momento, logo no começo do ano, senti que ali havia algo diferente, mas não sabia identificar o que, apenas conseguia dizer que me deixava feliz. Hoje, passados tantos anos, percebo que a diferença era porque todos eles, independente do jeito que davam aula, não nos tratavam nem como “alunos carentes” nem como alunos de segunda classe. Levavam em conta a bagagem que possuíamos, porém, éramos simplesmente alunos, e esse tratamento fazia-nos sentir potentes, capazes de seguir um caminho escolhido a partir de nossos desejos, não simplesmente ditado pela necessidade.

4.6 As aulas e a sombra do vestibular

Geralmente conseguia, sem muitos problemas, acompanhar as aulas no cursinho, mesmo levando em conta que boa parte do conteúdo das matérias de exatas era novo para mim e o que já conhecia, das outras matérias, era apenas superficialmente. Assistia às aulas, anotava e, quando necessário, perguntava; em casa relia os capítulos vistos e resolvia os exercícios propostos. O número de horas de aula da turma de sábado era pequeno em relação ao conteúdo que teríamos que estudar para a prova vestibular, e, além disso, as apostilas que usávamos, que eram doadas por um Cursinho comercial de São Paulo, apesar de serem boas, eram as “magras” apostilas do curso intensivo, não as “carnudas” do extensivo. Os próprios professores diziam que quem quisesse mesmo entrar numa universidade pública teria que por iniciativa própria utilizar outros materiais, complementares a este, e dedicar mais tempo, além

das aulas, para estudá-los. Como descobri depois, muitos não tinham condições para isso já que não podiam dispor de outro tempo para estudar, pois o tinham ocupado pelo trabalho. Aqueles que tinham algum tempo livre, como eu, buscavam desesperadamente material, recorrendo a amigos e bibliotecas. Cada um levava os livros que tinha para trocarmos: um emprestava um livro de Física para quem precisa estudar mais profundamente essa disciplina, este emprestava livros de literatura para um outro que ainda não os havia lido, e assim seguia. Foi aí que um amigo, sabendo dessa necessidade, oportunamente deu-me todo o material que ele havia usado no ano anterior, quando fez cursinho para entrar em medicina. Levei as apostilas para o cursinho e, depois da alegria pela inesperada ajuda veio o susto quando constatamos a quantidade de conteúdo a explorar e aprender. Para usar o material nós organizamos um rodízio, fazendo as apostilas passarem de mão em mão de acordo com o tempo livre e a urgência do material para cada um.

Apesar de colocarem a responsabilidade da iniciativa em nós alunos, os professores colocavam-se disponíveis para nos ajudar no que pudessem. Eles conheciam bem a distância entre o que sabíamos e o que precisávamos saber para poder passar, conheciam como eram as escolas públicas e como era o vestibular. A clara colocação dessa empreitada e seus passos dava uma boa dimensão daquilo que teríamos que fazer, e acredito esse dimensionamento nos colocava mais próximos de uma vaga. Num primeiro momento assustávamos com a quantidade de trabalho extra que teríamos, mas, por outro lado, tirava essa distância da fantasia e a tornava passível de ser percorrida. O vestibular, que antes era percebido como uma barreira quase intransponível, tornara-se apenas uma prova. Difícil, porém só mais uma prova. O sonho de uma estudar numa universidade pública, na medida em que compartilhado com realismo, tornou-se um sonho plausível, embora sempre exigente.

Não havia mensalidade, mas era obrigatória a compra de uma apostila a cada dois meses. Apesar do valor cobrado pelas apostilas ser relativamente baixo (em torno de um terço

do salário mínimo da época), lembro-me de que alguns colegas de classe não conseguiam pagar e mesmo assim continuaram a assistir à aula, onde o cartão de presença era fixado nas apostilas. Ou seja, só podia entrar na sala quem havia comprado as tais apostilas. Houve um visível desconforto entre os alunos e alguns protestos comedidos, mas não passou disso.

Apostilas “magras” e “carnudas”, poder e não poder pagar por elas: a privação já sentida na escola pública era mitigada, mas mesmo assim ainda sentida no Cursinho Popular, pois éramos a todo tempo devolvidos a uma reiterada experiência de desigualdade onde, para um observador externo, pareceria que éramos todos iguais.

Havia uma esperança de que o cursinho miticamente suprisse o lugar que a escola não ocupou, e num primeiro momento parecia poder suprir. O deslumbramento inicial, provocado pelas nossas fantasias aliadas a boa acolhida dos professores, foi aos poucos se esvaindo com o cotidiano das aulas. O cursinho se transformava em algo bom: um bem limitado, mas um bem; um bem sem magia, mas com realidade.

Também por estímulo dos professores, começamos a fazer os simulados abertos de vários cursinhos da cidade, tanto como forma de testar o que havíamos estudado e de saber o que precisaríamos estudar mais, quanto como treino para o tipo de prova que os vestibulares aplicavam. Esses simulados ajudaram-me muito na preparação, porém, alguns colegas de Cursinho, ao perceberem o quanto era difícil para nós passar na prova vestibular começaram a entrar em crise. A primeira que eu vi foi a Michela, que queria cursar medicina. Logo depois de conferir as respostas do primeiro simulado ela chorou, e sentiu uma tristeza profunda quando se deu conta da distância entre o estágio que ela estava e o lugar que queria chegar, bem como do trabalho que teria para transpô-la. Ela sentiu um profundo mal-estar por várias semanas, se questionando se deveria continuar a fazer cursinho ou não. Seu desejo por estudar Medicina era autêntico, e acredito que fez bem em não desistir, pois, apesar de naquele ano ela não alcançar a almejada vaga, depois de mais dois anos fazendo cursinho, ela conseguiu

entrar na UNIFESP. Houve alguns, que frente à mesma situação, efetivamente desistiram no meio do caminho. Dentre meus colegas mais próximos, não me lembro de nenhum ter abandonado, mesmo quando se deram conta que só aquele ano de cursinho não bastaria para passarem no vestibular.

Apesar de não estar tranqüilo, minhas crises nunca foram nesse sentido e se tornaram distantes e escassas ao mesmo tempo em que minha atenção se centrava mais ainda nos estudos e na prova vestibular.

A oportunidade de estudar com professores que tinham uma grande consciência da preparação que tivéramos e do que precisaríamos para sermos aprovados no vestibular, aliado ao fato de não nos tratarem como aluno de segunda classe, teve como curioso resultado me apaixonar por aquelas disciplinas que antes me assustavam, ou melhor, pareciam inacessíveis para mim. Por exemplo, o estudo da parte conceitual da Física fez-me perceber o sentido das fórmulas, que antes me pareciam por demais descoladas do mundo, e aos poucos passei a desfrutar essas aulas. O contexto de “eterna urgência” atrapalhava, porém não impedia, o prazer que o contato com o conhecimento proporcionava-me. A sensação de proximidade do vestibular, presente desde o início das aulas, somada a quantidade imensa de conteúdo a assimilar traziam-me uma sensação semelhante a ter que engolir apressadamente uma comida que me convidava a degustá-la. Antes, este mesmo “prato” parecia-me “caro demais para meu bolso”, agora, mal podia apreciar o gosto. A iminência das provas vestibulares acelerava o ato de estudar, uma aceleração que freqüentemente o tornava outra coisa que não a realização do desejo de estudar. Por exemplo, ler Machado de Assis sempre foi delicioso por várias razões: pelo jeito que ele constrói a narrativa, por ele me levar a pensamentos que nunca tive, pelas suas percepções peculiares e agudas sobre o mundo que vivia, sobre os desejos e desassossegos das pessoas. Ler Machado não era um problema, a preocupação era antes pela forma que ele seria abordado nas provas de literatura. Pelo que havia visto dos outros exames

de anos anteriores, mais valia ler as análises contidas em resumos feitos para o vestibular do que a própria obra, e foi o que fiz. Eu já havia lido antes quase todas as obras exigidas, a maioria por vontade própria e alguns a pedido da escola. O vestibular me apresentou José Saramago, esse sim uma feliz novidade em minhas leituras. E as provas de literatura me provaram que minha estratégia estava certa: quem analisou minhas respostas viu ali, sobretudo, idéias retiradas da análise de terceiros sobre aqueles autores e obras, quase nada daquilo que eles significaram para minha história pessoal, do quanto me fizeram questionar minhas percepções sobre eu mesmo e sobre o mundo, do quanto pude, por meio deles, ampliar a compreensão da cultura brasileira e de nossa realidade.

4.7 O território USP

Esquecidos momentos de golpe, comentávamos que havia um certo encanto por estarmos estudando dentro do território USP, apesar de todos sabermos que isso não implicava já a felicidade de ali ingressarmos um dia como universitários. Dava uma sensação de estarmos mais perto dos sonhos, mesmo que só geograficamente perto. Isso dava!

Por outro lado, a USP aos sábados era um tanto inóspita. A começar pelos lugares onde se podia comer: escassos, distantes e caros. O famoso *Bandejão* não era para alunos *na* USP, mas para alunos *da* USP. Os outros dois restaurantes, particulares e que ficavam abertos aos sábados, eram muito caros para nós. Trazíamos um lanche de casa ou comíamos um cachorro-quente numa única barraca, em frente ao prédio onde estudávamos, sem necessidade de concorrer pelo atendimento (nós majoritariamente não dispúnhamos de dinheiro para sanduíches). Dava-se um bom jeito: passávamos juntos a hora do almoço, comendo lanches e conversando. Às vezes, a música formada por favor de quem trouxesse um violão, ajudava. Bolachas circulavam, divididas nas aulas. Tudo amenizava os esforços do dia.

O belo campus, fechado aos fins de semana para lazeres e visitas forasteiras, era como oásis desértico. Poucas pessoas pela manhã, quase nenhuma depois do almoço, dando a impressão que só havíamos nós nas tardes de sábado. Uma coisa era ouvir que a USP era um lugar elitista; outra, transitando ali, sentir que não parecia arquitetada para quem não tivesse carro e dinheiro. Era território para estudantes com dinheiro para livros. As bibliotecas, fechadas aos finais de semana, eram abertas para quem o trabalho não comesse tempo demais nos dias úteis. Ou eram para quem residisse ou trabalhasse por perto. Quem?

Num ponto ninguém se enganava: estávamos lá, mas não era sentir-se em casa. Todos pressentíamos a tarefa difícil que seria tomar parte nela. Mesmo passando o funil do vestibular, então adviriam outros funis.

A despeito dos momentos em que a Universidade e alguns de seus agentes pareceram compor um ambiente oposto a nossa entrada e participação, o sentimento prevalecente era bem outro. A beleza do campus convidava a demorar: alamedas arborizadas e floridas, amplos espaços, gramados muito cuidados que deixavam verdes os olhos, praças, bosques; o silêncio calmo das tardes de sábado; até a luz do dia parecia diferente ali. A paisagem era também humana: o carinho e companheirismo dos meus amigos de classe, que me faziam sentir pertencendo a um grupo e um lugar. Os professores, que se empenhavam arduamente em nos ajudar. Se, enquanto estudantes deste cursinho fôramos impedidos de usar as salas de uma faculdade, os diretores de outra, sensibilizados pela nossa situação, abriram suas portas para nos receber. Tudo destoava dos trajetos costumeiros pela cidade. Na maioria das vezes, indo de casa para o trabalho, só o betume sobre betume, a repulsiva ocupação desordenada do espaço urbano, a feiúra do lixo espalhado a cobrir as ruas da cidade; sempre a correria de um lugar para outro, cobrindo grandes distâncias entre trabalho, escola e casa; o solitário anonimato transitando pelos lugares da cidade, onde quase sempre éramos “clientes”, restando muitas vezes apenas o lar como espaço para contatos pessoais.

O encanto da USP não era feito apenas de ingredientes da imaginação: valia idealmente, mas, com o Cursinho e com a gente do Cursinho, possuía traços concretamente informados.

4.8 A escolha do cursinho e o seu isolamento

“Bem que merecia libertar-se.
A vida vende caro o progresso que nos dá.
Quase sempre a custa de dores intoleráveis”

Trecho da “Carta a Albertine Thvenon”, Simone Weil (1996).

Muitas vezes, nas conversas entre colegas, lembro-me bem de usar o termo “limbo” para expressar como nos sentamos. Estvamos no Cursinho, porm, isto significava que estvamos entre lugares, nomeadamente entre o Ensino Mdio e o Superior, e isso era pouco para que pudssemos viver aquele espao e perodo como um territrio slido e um tempo forte. Apesar de ser um *lugar*, o cursinho menos um *lugar* e mais uma ponte que passa despercebidamente, uma passagem sem interesse, seu sentido parece sobretudo o de passar em prova vestibular e ingressar em faculdade; sem a densidade de uma escola ou de uma faculdade. O carter curto de um cursinho, demais transitrio e incerto; tambm o fato social de que um cursista freqentemente percebido como um estudante debilitado; sobretudo o fato social de que um cursista *pobre* freqentemente percebido como *algum fora do lugar devido* e em *lugar de luxo*: eram as razes que tornavam o “fazer cursinho” muito pouco confortvel, nada alojador, a despeito de ali nos sentirmos bem, adorando aulas e a oportunidade de estudar muito. Naquele ano, o cursinho foi meu lugar inslito.

Todo tempo pairava no ar o sentimento de um projeto inconsistente e ameaado, s vezes sufocando de to forte, o sentimento de um lugar sem fiadores. O desconforto de um “lugar nenhum”, esse desalojamento no era simplesmente feito por fra de um intervalo, no era coisa provocada simplesmente por nos situarmos entre a escola e a faculdade, no

mais numa e ainda não noutra. O decisivo, parece-me hoje, foi que eu havia feito uma escolha diferente de tantos colegas de escola. A escolha realista, plausível, prudente, sensata e modesta era majoritariamente a de buscar emprego ou ocupação que rapidamente trouxesse satisfação financeira: “depois, quando der e se der, estudar”. Eu em primeiro lugar queria estudar e isto me tornava estranho. E estranho até para mim mesmo. Eu desejava trabalhar com algo que eu tivesse escolhido, que tivesse a ver com o que acreditava ser minha vocação. Por ter feito uma escolha diferente, sofri golpes de desmoralização, vivi mensagens desamparadoras e também sentia, reiteradamente, minha escolha como escolha de alto risco, insegura, um engajamento que a todo o momento temia desperdiçar no vazio. Essas mensagens me afetavam, fazendo-me por vezes concordar com colegas e alguns dos professores: achavam-me arrogante, pois o que um carinha da periferia estava querendo ao pretender a Fuvest? Ouço ainda hoje os comentários detratores: “Que bom que está tentando, mas você sabe que é muito difícil entrar... Não deixe de pensar em coisa mais garantida!”; “Ah! Você é louco de passar tanto tempo aí estudando, e nem sabe se vai passar! Não que você esteja errado, mas, olha, pelo menos eu já consegui comprar um carro”. E quando o comentário surgia como uma pergunta, então era que a angústia invadia e a pergunta perturbadora me acompanhava todo o ano de cursinho: “Tem certeza que vale a pena, que vale mesmo tanto esforço?”. Respondia que sim, mas a resposta parecia não pegar. Apesar de enfaticamente responder a todos que sim, que valia, o mal estar voltava e irrompia cada vez que ouvia a pergunta.

Minha esperança travava uma luta diária com meus medos, eu oscilava ora para um lado, ora para outro. Num momento sentia que minha escolha estava certa e que tinha reais condições de passar pelo vestibular; porém, num momento seguinte, parecia mais que “precisava” do que “iria” passar, pois seria insuportável assistir tanto esforço, dedicado a estudar, desmanchar-se em nada. Para pessoas de meu convívio, parecia que o tempo, o tempo

que não fosse logo convertido em dinheiro ou bens materiais, era tempo perdido; e em mim isso obrigava, sem arrivismo, ser aprovado no vestibular. Outras causas vinham somar-se a essa obrigação: a ansiedade por começar o futuro, por outro tempo de vida; tirar todo proveito daquela fugidia oportunidade de estudar; não decepcionar a confiança de meus pais e professores do cursinho; provar que estava certo a todos que me desfaziam, o medo de continuar vivendo como Office-boy ou com empregos similares, onde seria sempre tratado como inferior ou como besta de carga. Medo de ser só um sonho que não era para mim. Foi uma briga aquele período tenso e desgastante.

Eu havia me concentrado na preparação para a prova, estudava muito, todo dia pelo menos quatro horas, antes de ir trabalhar. Trabalhava das 14h às 20h e, nos momentos de folga, aproveitava para resolver exercícios ou ler algum material complementar. Por mais que estudasse, por mais que meu desempenho nos simulados indicasse que estava conseguindo aprender e poderia passar, a sensação permanente de insegurança era inevitável. Tentava preservar algum lazer só aos domingos; porém, do meio do ano para frente, os professores começaram a dar aulas também aos domingos, pelejando cobrir todo o programa exigido pelas provas. Para ser sincero, sinto que, para poder passar no vestibular, alienei meus outros desejos e necessidades, pouco a pouco fui deixando quase tudo de lado, para ficar só, estudando intensamente: abandonei estudo da música, o trabalho num grupo de jovens do Centro Espírita de que fazia parte, reduzi o convívio familiar, o contato com meus amigos, as festas e os shows que tanto gostava de ir.

Pensamentos acusatórios me visitavam diariamente, dizendo-me que estava errado, que era egoísmo, que estudar era não ajudar minha família. E me faziam oscilar, não conseguia, abandonado aos estudos, ficar inteiro. Por mais que meus pais dissessem para não me preocupar, que não precisavam de ajuda, via que a situação em minha casa, apesar de não piorar, não era estável e descansada. Em agosto, perto do início das provas, resolvi, mais por

culpa que por necessidade, mudar de emprego e ganhar mais. Fui trabalhar como auxiliar de cobrança numa pequena empresa financeira, que cobrava cheques sem fundo em favor de agiotas. Na sala da casa de um desses usurários, não vou nunca esquecer a lousa escolar sobre uma mesa de bilhar, servindo não mais para o ensino, mas para apoiar pilhas de cheques a cobrar, separados por datas de depósito previsto. A absurda pressão que sofria quase me fez enlouquecer: de um lado, os credores por mais dinheiro; e, de outro, os devedores por mais prazo e juros menores. Nos contatos com esses e aqueles era diariamente praguejado, era uma luta para não ser esmagado entre a mesquinha e a necessidade, entre a ganância e o desespero, entre a soberba e a má fé. Passei a dormir mal e a não conseguir aproveitar satisfatoriamente as aulas e o tempo de estudo que me sobrava. No final de outubro, às vésperas da primeira prova, estava bem mais magro e muito abatido. Percebendo, num sábado de cursinho, que mal conseguia ficar acordado e que, quando ficava, não conseguia prestar atenção, decidi pedir demissão. Não queria pôr a perder aquele ano por conta de cansaço e fiquei em casa, estudando e desempregado, até o final das provas.

Foi neste momento, como nunca antes, que me sensibilizei: percebi que a situação era compartilhada por outros colegas de cursinho e que, mesmo sob o peso da insegurança, todos continuavam ali e buscando. Isso foi fundamental. Os medos todos, compartilhados pelo grupo, pareciam tornar-se menores e superáveis. A partilha do desejo de estudar tornava-o mais válido e factível, menos ideal e distante. Fazer cursinho, nesse sentido, era mais que simplesmente passar no vestibular, era um ato coletivo de insubmissão. O "limbo", paradoxalmente, me trazia pertinência e sustentação.

Não foi uma escolha fácil, determinou renúncias e rompimentos. Foi salto no escuro: não sabia no que daria, mas sabia que precisava saltar. Precisei reafirmar a escolha várias vezes ao longo daquele ano, tal como naquele momento em que decidi sair do emprego mesquinho.

4.9 A passagem para a vida acadêmica: nossos destinos

O cursinho foi uma experiência marcante em vários sentidos, por exemplo: ter conhecido pessoas significativas, meus pares e meus professores, a oportunidade de estudar temas que a escola pública não pudera me oferecer, a ponte entre meu sonho (a universidade) e onde eu estava. Foi também um período por demais incerto e desgastante que a todo o momento colocava à prova minha tenacidade, minha vontade de seguir este caminho. Não sei explicar a felicidade que senti, depois de tanta batalha, insegurança e persistência, ao ver meu nome na lista de aprovados: eu havia conseguido. Passar foi uma vitória cheia de significados, foi a coroação de um ano de lutas, e uma das minhas maiores alegrias foi saber que eu não precisaria passar por isso novamente.

Entretanto, esta vitória, que sabia minha, sabia também que dividia com muitos outros. Só consegui transpor a barreira do vestibular porque tive tempo, ou, melhor dizendo, porque não precisei dispor totalmente dele e de minhas forças para o sustento meu e de meus familiares. Todo o tempo livre que tive pude direcioná-lo para me preparar para as provas. Só consegui por que meus pais, da forma que podiam, me incentivavam e me ajudavam, sem me exigir nada, nem que fosse aprovado nas provas nem que ajudasse em casa naquele período. Só consegui porque fui ajudado, e muito, por professores dedicados, que compreendiam minha situação, acreditavam que eu podia passar e se desdobravam colaborando com tudo o que podiam. Só consegui porque tive o apoio e a acolhida de um grupo, que também apoiei e acolhi, que me deu moradia e suporte durante todo esse ano, e que, findo este, permaneceu se encontrando durante muitos outros.

Após as provas, com os resultados nas mãos, muitos dos que não conseguiram entrar neste primeiro momento, apesar da tristeza, não se deixaram abater e continuaram estudando no cursinho no ano seguinte. Daquele grupo de estudantes muitos foram aprovados, depois de um

ou dois anos de cursinhos, nos vestibulares das universidades públicas de São Paulo: meu amigo Jonas cursou Economia na UNESP; o Leandro fez Física, a Silvana cursou Francês, o Marco fez Química e hoje faz Doutorado em Química, a Roseli fez Engenharia e hoje faz Doutorado em Engenharia Química, o Ricardo e a Luciana fizeram Cinema, a Jucele fez Filosofia, o Marcio cursou Música, todos pela USP; a Michela fez Medicina pela UNIFESP; o Sinclair, a Luciana e o Fabinho fizeram FATEC. Estes naquela turma que sentava próxima e ia embora junto. Daquela classe, onde havia mais de cem alunos, sei ainda de pelos menos mais quatro engenheiros, uma dentista, um mestre em Matemática, uma arquiteta, uma nutricionista, um administrador e um contador que estudaram na Universidade de São Paulo, e um sociólogo que se formou pela PUC-SP. Levando em consideração apenas a questão do acesso às universidades públicas, o percurso destes jovens indica que, quando se ofereceu oportunidade, eles se mostraram tão capazes (ou “aptos”, para usar um termo que tantas vezes ouvimos) quanto quaisquer outros que puderam se beneficiar de uma preparação de qualidade. Não é exagero supor que, sem o concurso deste cursinho, todas essas pessoas teriam encontrado muito mais dificuldades para seguir este caminho, ou nem poderiam tê-lo percorrido. Encontrar os nomes de vários companheiros de cursinho na lista de aprovados foi igualmente um momento de grande felicidade, pois o fato de não terem sido poucos os que conseguiram entrar me fez ressignificar o sentido que trazia sobre o valor do cursinho. Esta ação, quando encontrou pessoas com perseverança suficiente para continuar estudando mesmo com tantas adversidades, mostrou-me que, longe de ser uma solitária e singular experiência, a possibilidade de entrar numa universidade pública, para alunos oriundos das escolas públicas, existia e acontecia. Esses destinos todos, conseqüentemente, também indicavam a possibilidade de transformação desta realidade social, e que esta acontecia no coletivo e por meio de ações coletivas. Comecei a desconstruir aqui uma percepção do mundo como algo monolítico, duro e resistente, que era fruto de minhas experiências pregressas das

tentativas de modificação desta mesma realidade, para compreender como um lugar que podia ser modificado, como um lugar que também acolhia os desejos e iniciativas meus e de outros que compartilhavam esses mesmos desejos.

* * *

O que aqueles professores me ensinaram? Foram conteúdos programáticos daquilo que deveria ter visto no Ensino Médio e não vi? Foi isso e foi mais. Eram professores com autoridade, mas não eram autoritários, e essa autoridade os fazia maiores, mas não superiores; colocavam-se numa posição politicamente equivalente, que é o mesmo que dizer que nos tratavam como iguais. Essa experiência de igualdade, e conseqüentemente de proximidade, com professore e colegas, tornava hospitaleira a experiência do cursinho. Não é a toa que mesmo naquele lugar em que em muitos momentos não nos sentíamos nem fazendo parte nem bem-vindos, o cursinho era nosso abrigo.

Para mim, sobretudo fez diferença eles não nos tratarem como “carentes”: éramos unicamente alunos, e o investimento e dedicação destes professores, cômicos de nossas dificuldades, apontavam mais para nossas potencialidades do que para nossas dificuldades.

A experiência de aprender pode ser impessoal? Tenho a impressão que temos a necessidade que este processo seja pessoal, que haja “um alguém aí”. E eles, os professores, *estavam* lá. E nós *estávamos lá* para eles. Do contrário, parece-me que o conhecimento adquire um aspecto medonho, de estar fora do mundo, e a experiência do conhecimento como coisa empobrece a subjetividade e a aliena de si e do mundo. O ensino empobrecido sidera o estudante, assim como o trabalho repetitivo e vazio também empobrece e sidera o trabalhador. O resultado é uma *massa* de estudantes e de trabalhadores, despojados de singularidade e de meios para alcançar esta.

Lembro-me, em relação a isso, das aulas de Física e Química do colegial, em que aquilo que me era ensinado parecia-me estranho e, além disso, ressentia-me da atitude dos professores,

que davam aula mecanicamente, como se eu fosse um banco de dados. Essas aulas faziam um tremendo contraste com as de História e Geografia, onde a postura dos professores me convidava a participar do mundo. Na escola também tive a oportunidade de estudar com professores que se implicavam no que ensinavam e na relação com os alunos, e este contato deu-me a base para poder me preparar no cursinho e, depois, para cursar a graduação. A escola pública, mesmo com todas suas falhas, me deu a plataforma de onde pude aproveitar o cursinho e lograr entrar na universidade pública.

Nesse sentido, parece-me que havia duas grandes diferenças entre a escola e o Cursinho: primeiro, havia uma maior consciência tanto do que exige uma prova vestibular para uma universidade pública quanto do contato com o conhecimento que tivéramos, e, conseqüentemente, da quantidade de esforço que teríamos que despendar estudando para podermos ter chance de passar; em segundo lugar, no Cursinho não havia "torcida contra", não havia detratores nem entre os professores e nem entre os alunos. Ninguém duvidou da capacidade dos alunos, nem demonstrou acreditar que havia um lugar predeterminado para ocuparem na sociedade. Pareceu-me determinante que a escola pública, na minha história e nas de meus companheiros de cursinho, formou-se de tal maneira que pareceu desligar-se da tarefa da universidade, e o cursinho não.

A ação dos professores, que no modo de ser propunham uma relação não hierarquizada, fez muita diferença no contato que estabeleci com eles, com meus pares e com o conhecimento, instaurando novas possibilidades de vinculação. Além do acesso às universidades públicas, a experiência de frequentar um lugar onde a atmosfera reinante era de companheirismo entre alunos, professores e funcionários, deixou igualmente marcas profundas naqueles que foram e naqueles que não foram aprovados no vestibular. Absolutamente todos os colegas de cursinho com quem, de alguma forma, mantive contato referem-se com muito carinho quando falam daquele momento de nossas vidas. Apesar de seguirmos caminhos diferentes, seja nas

carreiras universitárias ou nos percursos fora delas, e o contato ter se tornado pouco freqüente, ainda mantemos a amizade. Nos eventuais reencontros ficava aparente, apesar de tantos anos passados, uma cumplicidade que me parece perene, que acredito vir daquele ano que dividimos juntos tantas felicidades, tensões, ansiedades, muito estudo e pouca, porém significativa, diversão.

O cursinho, que apesar de não ter sido iniciado por aqueles professores e demais funcionários foi sendo por eles re-inventado a cada dificuldade surgida neste percurso, ajudou-me a questionar compreensões cristalizadas por seguidas experiências de exclusão, de engodo e de relações baseadas no autoritarismo, e a partir deste questionamento tecer outros sentidos possíveis sobre esta mesma realidade. Com o campo constituído pelos meus professores e colegas, pude sentir-me pertencendo a algum lugar: pude sentir meus desejos como legítimos e, conseqüentemente, sentir-me suficientemente forte e capaz para buscá-los.

CAPÍTULO 5 – OS DEPOENTES

5.1.1 Resumo Biográfico de Madalena

Para que é que eu preciso saber disso?... Pô, porque é interessante, né?... Eu posso me dar ao luxo sim de saber como era a vida há anos atrás no Egito, porque não? Sem ter necessidade de nada, por pura curiosidade.

Madalena frequentou o Cursinho no ano de 2001, quando este já estava na Lapa e havia acabado de passar pela segunda grande ampliação. A conheci por meio do Plantão Psicológico, que foi procurado num momento de muita angústia, pouco antes dela desistir do Cursinho. Tinha dezenove anos na época e trabalhava o dia inteiro como assistente comercial em uma empresa no bairro do Ipiranga, próximo a sua casa. Era mãe solteira, seu filho tinha um ano e meio, morava com seus pais e irmã e sua família contava com o dinheiro do seu trabalho para a manutenção da casa. Dos depoentes, é a única que não chegou a terminar o ano de cursinho e nem cursou, até o momento, uma graduação.

De sua origem familiar sabe muito pouco, faz referências imprecisas a história dos pais (*acho que nasceu em São Paulo; todos os três; com os meus avós, não com a minha avó*) e confundiu-se, referindo-se a avó materna quando queria dizer paterna, como percebemos na continuação da narrativa. Relata só ter conhecido a avó paterna, que *com sete filhos e um milhão de netos e bisnetos nunca teve tempo de sentar e conversar com a gente*. Página: 92 Parece ressentir-se do pouco contato entre os familiares (*minha família é uma família não unida*), mas não assume uma posição crítica.

Nós somos descendentes... somos descendentes de espanhóis e meu pai nasceu em Marília e a minha mãe acho que nasceu aqui em São Paulo mesmo...[...] Eu não tenho muita recordação, muitas informações dos meus avós porque eu só conheci minha avó por parte de mãe. Quando eu nasci, todos os três haviam falecido já, então eu não tenho muito este contato histórico da minha família. E a minha família também é uma família não unida, né? Então o contato que eu tenho assim é mais com os meus avós, não, com a minha avó, e tudo que vem é seguido dela, assim primos da parte dela... minha avó que está viva é por parte de pai. E por parte de mãe assim eu tenho pouquíssimo contato, quase não conheço a minha família por parte de mãe, porque minha mãe quando se casou praticamente foi só para a família do meu pai e deixou todo mundo de lado da família dela...[...] Foi morar

com meu pai, casou, teve muitos problemas com meu pai, ela era alcoólatra e ele também, tem uma série de problemas que aconteceram no passado que eu não tenho acesso, eles nem nunca me contaram e imagino que tenham, porque, quando a gente foi morar na casa que eu estou morando atualmente, eu vi muito rancor ali, que a casa, que o terreno é do pai dela, eu senti muito rancor assim na família dela. [...] O vínculo que ela manteve foi com duas irmãs somente, que foram as tias que eu conheço, a maioria dos irmãos dela morreu, por problemas... alcoólatra, um morreu na cadeia, foi meio trágico, e... a família, pode falar um pouco da família da parte do meu pai?

A família do seu pai é *extremamente problemática, com problemas de drogas e vícios*, e ele foi o que *mais vingou*, o que *foi mais longe*, apesar de hoje não ser uma pessoa *estruturada financeiramente nem em nenhum sentido na vida dele*. Ela percebe-o como uma pessoa *com um coração enorme*, porém *ingênuo*:

*Minha avó teve sete filhos e o que mais vingou foi meu pai, que hoje é uma pessoa que está desempregada, trabalha como vendedor, não tem muito... é uma pessoa com 63 anos, não é estruturada financeiramente, acho que não é estruturada em nenhum sentido na vida dele. A única coisa que eu sei que ele tem é um coração enorme, uma bondade enorme e isso assim, em excesso na vida dele, sempre predominou essa bondade que acabou muitas das vezes prejudicando ele... levando ele a se propor a ajudar muitas pessoas sem ter condições ele mesmo. Então, a família do meu pai foi isso, ele é o melhor. O resto, os meus tios que eu tive contato, morreram... as irmãs tiveram sempre uma história trágica, entendeu? Uma tia minha e... morreu com problema de saúde, mas basicamente teve uma vida muito difícil, o marido que estuprou a filha... uma outra apanhava, e teve sete filhos, um com cada marido, todos alcoólatras, apanhando... e aí os filhos hoje, desse sete só três conseguiram trabalhar e levar uma vida normal. O resto, um está preso, outro virou traficante, outro está quase morrendo de tanto beber... E os irmãos dos meus pais, os que estão vivos são só dois, um não tem colocação no mercado nenhuma, nunca teve, mas é um bobão assim, no sentido de ser bonzinho, só que não tem vícios nenhum, mora com a minha avó, atualmente em Francisco Morato. E o outro tem o vício de beber, é enfermeiro, só que faz mais de 20 anos que ele não trabalha... por mim acho que teve alguma decepção com a vida, não trabalha e fica só cuidando da minha avó, ficam os dois morando na casa da minha avó. O resto era pedreiro, mas alcoólatra, entendeu? O meu pai foi o que mais avançou na vida, que ele chegou a ter uma loja muito grande de auto-peças, foi uma fase da nossa vida assim... que ele parou de beber, começou a trabalhar, montou uma loja enorme no Itaim Bibi, de auto peças, chamava Peças Peres. Era muito conhecida, levava o nome da minha família, e... eu era muito pequena e não sei por qual motivo a loja faliu praticamente, eu tenho um leve conhecimento que foi um problema com sócio, diz que o sócio dele roubou ele. Foi o ápice da vida do meu pai... nesse momento nós morávamos em casa alugada, mas assim muito grande, sobrado com três quartos, tínhamos uma vida média, assim, não tínhamos problemas com despesas, não tinha muito problema financeiro, né? Mas é... **meu pai nunca teve assim a idéia em investir muito em educação, estudo, talvez porque ele não tivesse conhecimento. Nesse ápice da vida dele o que ele fazia para ajudar as pessoas era dar dinheiro, ele dava dinheiro pra gente...** e eu na adolescência, 12, 13 anos, gastava com roupa de marca, né, eu ia em shoppings comprava tênis, calças muito caras e ele dava dinheiro... dava dinheiro para todo mundo, ele era um homem que dava dinheiro na família!! [...]Eu achei que ele tivesse estudado até o primeiro grau, até a quarta série assim mais ou menos, mas essa semana eu fui fazer o currículo dele e ele me informou que parou no 3º ano do segundo grau, fiquei até surpresa! Quase terminou. E a minha mãe eu acho que parou na terceira ou quarta*

série. ... Não tenho notícia do que meus avós paternos faziam.[...] A minha avó acho que trabalhava em roça, em plantação, mas ele (o avô paterno) eu não sei, eu não sei mesmo. Meus avós por parte de... de mãe, não tenho a mínima idéia, minha avó provavelmente era doméstica, fazia alguma coisa do tipo, não tinha uma profissão e meu avô eu não faço a mínima idéia... Não tenho idéia do por que eles vieram para São Paulo. Nem imagino a escolaridade deles... Presumo que não seja muita coisa também... Pelo histórico da minha família... Provavelmente trabalhavam em roça né? Ninguém tem nenhuma orientação escolar. Pra mim não.

Nasceu na Vila Bela, que fica próxima as imediações da Vila Alpina, zona leste de São Paulo e *morou em um monte de lugares*, sempre em bairros periféricos ao redor da Vila Industrial. As mudanças constantes de residência foram tais que a menina custou a entender que isto não fosse natural e geral para a população:

Eu morava a cada dois anos numa casa e sempre tive que agüentar piadinha: “Onde você está morando agora? Parou de ser cigana?” Essas piadas não me incomodavam... Só depois que eu entendi o que as pessoas queriam dizer que eu falei: “Caramba, é mesmo né?!” Para mim era tão normal aquilo...

Vivia a *instabilidade de ser filha de uma dona de casa e de um comerciante: então até hoje e... a minha vida é regida em picos, muitas vezes lá em cima, outras vezes lá embaixo*. Desde pequena sentia vontade de ter seu próprio dinheiro, e para isso começou cedo a trabalhar, e ajudou sua tia a vender quibes na rua. Com quinze anos fez um curso de recepcionista e logo em seguida entrou na empresa em que trabalhava na época do Cursinho.

Quando eu comecei a trabalhar nós não passávamos necessidade, tudo, mas eu lembro que minha mãe falava assim: “Não, tem que trabalhar, começar a trabalhar cedo!” E eu queria ser independente financeiramente, então eu desde nova procurei trabalhar, eu vendia quibes na rua...[...] depois disso eu fiz um cursinho... mantido por empresários da região que chama Legião Mirim, da Vila Prudente. Era um cursinho de recepcionista, telefonista, onde eu tive aula de datilografia e aula de como trabalhar no escritório, [...] o cursinho durou 3 meses e depois de 1 semana que eu terminei esse curso eu fui chamada para a minha primeira entrevista, que após o fim do curso eles encaminham, eles fazem o processo com as empresas... [...]. E na primeira entrevista foi na Macéia, onde eu fui com mais cinco meninas, e eles gostaram de mim e me chamaram para trabalhar. Foi a empresa onde eu trabalhei 10 anos, onde eu comecei como recepcionista e sai há pouco tempo de lá como assistente comercial e financeiro. E essa foi minha trajetória profissional.

A família é Testemunha de Jeová, e afirma que por esse motivo não pode participar de atividades esportivas, que gostaria muito, e que isso também inibiu sua apropriação dos espaços do bairro:

Quando eu praticava esporte era brincando na rua ou na escola, quando vim ter conhecimento do esporte... mais para frente tinha um projeto que o pessoal que era testemunha de Jeová jogava Vôlei todo domingo, e aí a gente jogava nas escolas. Mas eu nunca tive acesso a biblioteca, clubes esportivos... nenhum projeto de bairro, não que eu me lembre [...] Gostava muito de jogar vôlei e meu professor me convidou para ser uma profissional... para ingressar nesta área [...] ele me convidou para competir, para treinar com ele, para competir em torneios... e eu fiquei louca, alucinada com a idéia porque eu gostava muito, mas minha mãe não deixou por causa da religião. Porque ela não queria incentivar a competição e aí eu não fui, mas foi muito (pausa longa) [...] Não era hábito de jeito nenhum, nem ir ao teatro. Show de música... só depois quando... eu conquistei minha independência, dos meus pais... financeira, depois dos 17, 18 anos que eu comecei a ir em shows sozinha. Em biblioteca não ia de jeito nenhum, muito menos!

Também fazia parte da orientação religiosa afastar-se da participação política pelo do voto, que devia ser nulo pois *todo político é corrupto: Nem entendia, nem sabia o que era política, vim saber depois, quando eu tinha uns 16, 17, 18 anos.*

Cursou o Ensino Fundamental em uma escola estadual do bairro Ivege, e a valoriza por aspectos simples, relacionados a sociabilidade: excursões, campeonatos de dança, prática de esporte. A única memória de uma professora aparece no momento em que ela relata uma festa que organizou para ajudar um segurança que passava por dificuldades:

era uma escola... eu não sei como falar do ensinamento porque eu nunca questioneei o ensino da escola, era o ensinamento que eu tive, e era feito por mim, estava ótimo. Era uma escola estadual, onde eu tive acesso ao esporte, ela não tinha muitos projetos que eu me lembre... para se destacar, só excursões, para lazer mesmo. Eu me lembro só disso, de ter ficado o período de tempo necessário na escola, às vezes vinha o pessoal da área odontológica, falar como escova os dentes... teve uma vez um campeonato de dança... na sétima série eu fiz um projeto lá, tinha um guarda que a gente gostava muito que estava passando necessidade, e a gente montou uma festa, eu e uma amiga minha, a professora e o diretor, e aí a gente conseguiu mais colaboradores, que era tipo uma festa junina, onde todo o dinheiro arrecadado seria doado para ele. Foi muito bom! E foi isso só, não tem muitas... muito o que falar da escola. Gostava muito de estudar, muito! [...] e eu criei muitos vínculos com aquela escola, pois foi minha primeira escola, eu conhecia todo mundo. Era a minha escola.

No Ensino Médio buscou uma *escola de qualidade*, tarefa na qual foi ajudada pela mãe, e por isso mudou de escola três vezes. Entretanto, encontrou um ambiente desfavorável ao estudo, com professores *sem compromisso nenhum* e colegas pouco interessados em estudar, e no segundo ano interrompeu os estudos. Voltou no ano seguinte, *dessa vez grávida e trabalhando*, e relatou que a perspectiva de ser mãe lhe serviu de estímulo para terminar o

Ensino Médio, mesmo não encontrando um sentido vivo para o estudo, apenas a tarefa formal de ter um diploma.

O ensino médio eu estudei em... deixa eu ver, em uma, duas, três escolas.. O ensino médio foi onde começou as turbulências da minha vida e... eu lembro que eu comecei a estudar numa escola, longe, sempre longe de casa, mas eu lembro que eu sempre procurava a escola, minha mãe sempre andava se informando: “Qual a qualidade da escola?” E eu também queria. Nas escolas lá do meu bairro, da Vila Industrial, eram péssimas, péssimas porque o povo falava: “Ah, é um lixo, tal!” “Ali também é um lixo!”, então no segundo grau passou a ter a minha participação na escolha da escola. Então a minha mãe... ela não definia a escola que eu iria estudar mas havia essa preocupação... [...]E aí eu comecei a fazer o primeiro grau lá¹⁹, e parei porque eu comecei a trabalhar nessa empresa o dia inteiro e... Não, o primeiro ano eu terminei lá, o segundo ano eu já procurei uma outra escola porque eu não estava gostando de lá, estava um pouco desanimada com aquela escola... não lembro o motivo, não era o ensino, acho que era o ambiente que não me agradou muito... E aí eu fui para São Caetano, porque todo mundo falava que estudar em São Caetano era muito bom. Mais uma vez a minha participação e a da minha mãe, assim, apoiada pela minha mãe. [...]no segundo do segundo grau, foi o ano onde tudo aconteceu... eu parei no meio do ano pois eu não estava agüentando mais trabalhar e estudar direto... e eu estava muito movida pela euforia das pessoas que eu encontrei ali na escola, várias amizades... então era uma escola, eu não sei o que é que era de bom naquela escola, por que a escola ficava... aliás era por isso que eu fui para aquela escola, mas aquela escola para mim era perfeita porque ela era na Avenida Goiás de frente com o Habib's, do lado do Mc'Donalds, na rua dela tinham vários barzinhos e eu queria conhecer... estava querendo ver gente, não queria estudar! [...]E aí, o que aconteceu? Não consegui estudar! Não queria mais estudar, parei, porque todo mundo ficava lá fora, ninguém entrava na sala! Isso não era importante na escola, porque... ainda assim muita gente conseguia passar lá. Os professores também... Quantas aulas eu tinha por dia? De cada 7 ou 8 matérias que eu tinha dois professores da escola se interessavam em dar aula e eram as aulas que eu assistia, só. As outras os professores sentavam na sala... ou os professores muitas vezes faltavam... tinha muita aula vaga, muita aula vaga! Uma falta de compromisso total... os professores, quando eles dava aula era aquela coisa totalmente desinteressante de encher o quadro de lousa, copiar e pedir dez respostas sobre aquele texto. Muitas vezes eu me questionava: “Poxa, o que eu estou fazendo aqui? Que sentido tem isso? Nossa, que coisa chata escrever, copiar, tirar uma nota, passar de ano!” Não tinha nexó aquilo! [...]. A aula... não foi uma, duas ou três, era o ano inteiro! Não dava aula!! Sabe o que é não dar aula?! E ainda falava: “Pode ficar despreocupada, a prova vai ser em dupla e com consulta” Ah, me desanimou total! Aí eu parei de estudar no segundo ano e aí depois voltei no segundo, dessa vez grávida e trabalhando... já com o incentivo e a pressão do meu trabalho, eles queriam que eu terminasse... nesse momento começou a vir muita instrução de lá, que eu não tinha em casa... A importância de...terminar o estudo, não do estudo, mas a importância de terminar o estudo, do diploma do segundo grau... porque a todo momento eu me questionava: “Mas, para que isso? Mas por que? Para que?” Eu não via sentido nesse “bater cartão”. No trabalho o sentido que deram para o estudo era o sentido da exigência do mercado profissional, você precisa ter o segundo grau. Continua vazio, formal, exatamente pelo diploma... não era porque eu não sabia escrever ou fazer conta...Era porque precisava desse... clichê para empresa ou para outros serviços, então assim, não vinha só para a empresa, sempre me falavam: “Olha, para você conseguir trabalho você precisa ter o segundo grau”. Entendeu? Então quando eu entrei lá eu estava no segundo grau, parei e depois voltei, basicamente incentivado por eles também. Então quando eu

¹⁹ Ela quis dizer primeiro ano.

voltei a minha idéia era assim: “Eu estou aqui estudando porque eu preciso terminar o segundo grau, eu tenho que terminar, senão eu não arrumo emprego”.

Ela vem a conhecer este Cursinho quando, estimulada por uma amiga a continuar os estudos, começa a procurar um cursinho que fosse *viável financeiramente*, e sua escolha foi pautada sobre essa condição. E lá ela encontra outra realidade: professores dedicados e acolhedores que *antecipavam suas dúvidas*, colegas de classe que também trabalhavam e tinham objetivos de vida parecidos com o dela, material didático que era *claro e batia com sua realidade*. Essas características, por ela apontadas, desenhavam um quadro onde ela pode lançar-se a tarefa do conhecimento, entretanto, dificuldades decorrentes de ser mãe e arrimo de família, como discutiremos mais detalhadamente na análise, a levaram a desistir do seu projeto de estudo nesse ano e abandonar o Cursinho.

5.1.2 Análise do Depoimento de Madalena

O depoimento de Madalena é enxuto, conciso e coerente. Logo que inicia o depoimento nos deixa um retrato muito impressionante de sua família: referências a biografias tremendamente fraturadas, desorganizadas pelo vício, pela marginalidade, pela desadaptação, pela imaturidade e dependência. Somos lançados à lembrança de pessoas espoliadas e desaprumadas, em cuja vida não operou um *sentido* (palavra muito reiterada pela depoente) e o viver foi se prolongando de um modo automático e entrópico. O exame é descritivo: não esconde dor, mas não assume densa perspectiva política ou histórico-social. Ela desenha o esboço de explicação possível pela da *perda de sentido*. A instabilidade econômica e o desamparo daí decorrentes (filha de um pequeno comerciante e descendente de roceiros pobres) são claramente apontados.

A atenção não parece amarrada, mas foi polarizada pelo drama da falta do *sentido*, falta que noutras vezes é descrita pela depoente como operação de sentidos automáticos,

socialmente viciados e impessoais (a “*correnteza da sociedade*”). O que é *sentido* e o que tem sentido? O que tem sentido vazio, formal, ou sem sentido?

Apesar de Madalena, como já relatado antes, não ter terminado o ano de cursinho nem cursado uma graduação, ela mostrou-se grandemente marcada pelas experiências vividas no período em que estudou no Cursinho, e a análise do que ela chama de *sentido* e *falta de sentido*, a partir de sua história familiar, nos auxiliará a compreender os significados que algumas dessas experiências assumiram para ela.

a) Os *sentidos* de Madalena:

A primeira comunicação de Madalena e que nos deixa um retrato não exaustivo da família, é todavia um retrato de cores chocantes, onde a desorganização familiar, material e moral, é a idéia que resume o retrato. Sua história de vida está profundamente permeada por essa desorganização familiar e contínuas rupturas familiares e biográficas, e a busca por uma organização aparece em vários momentos da entrevista, inclusive no momento em que se decide pela continuidade dos estudos pelo Cursinho.

Madalena descreve essa desorganização sobre um fundo de determinações sócio-econômicas mais esboçado que satisfatoriamente delineado, e cujos laços com a situação familiar não são investigados pela depoente. Mas creio ser possível sustentar que a consciência da depoente mais se aproxima de uma determinação eminentemente existencial para a desorganização familiar, que é fundamentalmente a expressão de uma desorganização de sentido. Madalena emprega a palavra sentido, como trataremos de sugerir, numa acepção que lembra o emprego fenomenológico-existencialista do termo: o sentido como significação e como direção ou destino; o sentido como significação e direção capazes de retirar-nos de um enfadonho sentimento dos dias e dos outros, do trabalho e da cidade, em que tudo parece

repetir-se igual e mecanicamente sem genuína participação de ninguém, nós todos arrastados por desdobramentos impessoais e já traçados, que, nas palavras dela, era seguir a correnteza da sociedade. O sentido implica sempre uma experiência de referência e mudando o sentido do gesto de alguém, muda o significado. Para Madalena, a necessidade de projetar-se relaciona-se com a busca da transcendência e com a abertura: é preciso buscar um sentido para a existência.

E assim, eles... a importância que eles davam para o estudo foi formada pela correnteza da sociedade só, entendeu? Quando todo mundo passou a colocar os filhos na escola, minha mãe me pôs na escola, no prezinho... mas assim, nunca teve um objetivo, assim pra ter educação só, para aprender a ler e escrever.

Interessante pensar, desde então, na identificação da depoente com animais vira-latas, que ela deixa transparecer no trecho em que fala de um projeto de tornar-se veterinária e ampará-los, retirando-os da instabilidade das ruas:

E o meu projeto era crescer e ter uma parceria com a prefeitura em São Paulo, um projeto para... acolher os animais abandonados e castrar os animais que estavam... os animais do bairro, fazer uma campanha, indo de bairro em bairro, pegando os animais... levando para uma clínica, castrando e informando a população sobre a importância disso... engraçado que eu era tão pequena, acho que eu tinha uns oito, dez anos, e esse era meu projeto de... de vida né[...]Então eu desisti dessa profissão por causa disso, que é uma profissão que lida o tempo todo com a vida e com a morte e eu cheguei a conclusão que eu não estava preparada para lidar com a morte, que eu não iria agüentar...(...) Depois, mais para frente, eu fui descobrindo, daí já na época de... pós segundo grau, quando eu comecei pensar em profissões eu já fui descobrindo que era bem pior ainda... Porque eu descobri que as faculdades fazem testes com os animais vivos... e que tem aí um processo de crueldade terrível, que tem algumas faculdades que fazem... aí eu comecei a entender que para saber do corpo humano você precisa abrir, estudar tudo...

Quando ela nos fala da crueldade das universidades com os animais chega ao lapso de referir-se ao corpo de bichos como corpo humano. Neste momento de sua vida a universidade aparece como um triturador: na mesma lógica da *correnteza da sociedade*, é algo que cruelmente manipula (abre, corta, testa) animais abandonados. Ou seriam pessoas animalizadas, arrastadas para o *fluxo da sociedade*? Grande entusiasmo com a escola, expresso inicialmente no apreço pela animadora escola de primeiro grau (valorizada por

traços muito simples) e sobretudo no apreço pelo cursinho. Os pais são descritos como seguindo a correnteza social no que diz respeito ao anseio por estudos:

*uma exigência da sociedade, um fluxo que a sociedade estava seguindo, então eu tinha que estudar para isso, eu tinha que passar de ano... Não era um valor para eles [os pais], entendeu?[...] E assim, eles... a importância que eles davam para o estudo foi formada pela **correnteza da sociedade** só, entendeu?*

Madalena primeiro sustenta que os estudos não eram especialmente valorizados pelos pais. A mãe, todavia, tendo inicialmente aparecido como alguém que até mesmo desvalorizava a escola, depois parece acompanhar Madalena em sua peregrinação por uma boa escola de segundo grau, apoiando a filha na escolha de uma escola em São Caetano, muito distante, mas de que tinham ouvido falar bem. Esse apoio tardio da mãe pareceu muito marcar a memória de Madalena, assim como a ajuda com o filho pequeno para que pudesse estudar no cursinho.

No Ensino Médio, a despeito da sua busca por um ensino de qualidade, encontra professores pouco envolvidos com a atividade pedagógica, o que lhe causa um nauseante sentimento de vazio e falta de sentido, e acaba por abandonar os estudos.

Quando escolheu prestar para o curso de administração, já no cursinho, pareceu também buscar uma organização que nunca teve em sua história:

*... eu quero, eu preciso estudar, eu quero me aprofundar, mas não dessa maneira **enfadonha**, vazia, entendeu? De uma maneira que seja **prazerosa**, porque eu gosto de estudar administração, eu acho interessante os conteúdos da matéria, entendeu?[...] todo o processo que envolve a área administrativa eu gosto, **isso me chama a atenção porque me traz uma questão de administração, organização, que eu não tive a vida inteira através da minha família.** [grifos nossos]*

O que significa *enfadonho* versus *prazeroso*? Este trecho nos põe a perseguição de uma organização que ela sente ter faltado à vida inteira. Entretanto, nos trechos em que ela relata essa busca por um estudo que não fosse *enfadonho*, podemos perceber que ela sempre buscou não apenas segurança financeira. A pergunta que se põe então para o intérprete: de que organização ela fala? O estudo no Ensino Médio aparece mais associado a necessidade do

que a um desejo, a uma iniciativa: era a *garantia de um bom emprego, de estar inserida no mercado de trabalho*. E para a graduação, acontecia o mesmo, não era necessário que não estivesse vinculado a uma vocação ou ao emprego: a “exigência vazia” de um diploma para estar empregada era o determinante.

Uma amiga, que *era carne e unha* com ela, estimulou a buscar o Ensino Superior:

[...] É... foi ela [a amiga] que me levou, para esse caminho com esse sentido, sabe, de ter um status na sociedade, ter um poder, de ter dinheiro, um trabalho bom, uma casa boa, um carro bom... É isso.

Ela apresenta a amiga como uma pessoa *ambiciosa*, que busca estudar porque *era importante ter um carro, um bom cargo, um bom emprego, um status, ela queria se destacar...* Para tal, na estratégia montada pela amiga, era necessário passar por uma preparação em um Cursinho: pesquisaram e escolheram um que cabia na *condição financeira* das mesmas. Madalena “vai de carona” no impulso da amiga, porém, não no que a impulsiona. Quem lhe ajuda a gestar novos sentidos para o estudo é seu filho pequeno: ela decide estudar para *dar uma estabilidade financeira para ele*. Em outro trecho, ela relata:

É então, por isso que eu falei, muita coisa aconteceu, mas não foi nada relacionado a... na escola. É engraçado, não sei, fico meio preocupada porque eu não tenho nada para te trazer em relação à escola e minha relação ao trabalho...

Ela diz isso e, entretanto, traz um exame das motivações, operando de um modo complexo com a noção de *sentido*! O sentido engravida, o sentido é como o sentido de uma gravidez. A motivação da amiga unha e carne é caracterizada de um modo complexo ou ambivalente: era motivação ambiciosa, financeira, anseio por status, mas retirou Madalena de uma correnteza social e sem sentido em que se via um tanto arrastada e, afinal, Madalena acolhe a motivação da amiga, mas adere a uma motivação ressignificada, toma o vigor da motivação alheia, mas noutro sentido. Madalena pariu um filho e pariu um sentido altruísta para os esforços ambiciosos exigidos pela amiga: decidiu sim, como a amiga, buscar estabilidade financeira, mas para o filho. Com os meios que dispunha, encontrar não apenas

uma organização econômica que viria por renda, mas também uma organização existencial que viria por *sentido*.

O motivo para os estudos aparece como socialmente mediado, depende de ambientes e interlocutores, variando com eles. Madalena elabora, ao falar da amiga que era carne e unha com ela, uma relação complexa e uma cara dimensão da experiência de estudos ou conhecimentos no cursinho: uma superação da inércia de todos nós, massa anônima e igual (*Essa minha amiga queria fazer uma faculdade, e eu também que estava indo por osmose com ela e... mas com ela, e não com os outros...*). A idéia de que faltou organização na vida familiar se ilumina: a organização pelo sentido e não simplesmente externa, pelo controle.

No Cursinho o compromisso dos professores aliado ao efeito de estar dentro de um grupo com objetivos em comum pode proporcionar a ela mudar o sentido que conhecimento tinha para ela:

*eu via que todo mundo estava no mesmo barco ali... de vontade e superação de cada obstáculo, então eu me sentia muito fortalecida e juntava a isso o conhecimento de uma maneira... **que fazia sentido**, que era a maneira como os professores ensinavam. [...]*

Os professores eram “perfeitos”. E o que significava isso? Fazer cursinho foi um desafio para ela, e ela sentia-se mais potente e mais forte quando estava junto dos demais alunos, na sala de aula, que passavam as mesmas dificuldades que ela e estavam também tentando *chegar a algum lugar*, em oposição ao que ela chama de aderir a *um fluxo que a sociedade estava seguindo*, aceitando passivamente tudo aquilo que lhe era imposto direta e indiretamente. Dessa forma, *chegar a algum lugar* informa *sentido* para Madalena como direção em sua vida: escolher o caminho do estudo formal parecia conter o sentido de assumir o destino sobre seu caminho e dar densidade pessoal à sua própria história, descolando-se de um funcionamento maquinal de *seguir o fluxo*, onde as escolhas pareciam exteriores e vazias de sentido (*O trabalho eu continuava seguindo sem olhar para os lados e a escola também*).

Ela podia, enfim, construir um lugar para ela mesma, junto de pessoas que também queriam “chegar a algum lugar”. Novamente, o lugar do estudo é construído pelo sentido que este adquiriu dentro do grupo do qual toma parte. A organização que ela busca para a própria vida, que relata nunca ter tido em sua vida familiar, aconteceria pelo do sentido, não só pelo provimento econômico.

“Pô, não foi só para tirar nota e passar de ano, o que eles estão trazendo aqui são coisas que entraram neles e eles estão passando aqui para as pessoas, não simplesmente para fazer uma prova, porque a maneira como eles ensinavam era para a vida!”

Os estudos, o conhecimento, assumem um *sentido*: não são coisas de que simplesmente se servir para uma prova mas são coisas *para a vida*. Os professores do cursinho pareceram a Madalena terem conhecimento não como quem tem coisas externas, instrumentos de que nos servimos para obter nota e passagem de ano escolar, não como quem tem informações que não alteram nossa inércia ou passividade. Eram coisas “que entraram neles”, que eles “passavam para outras pessoas” e que devolviam a gente mais ativo para o debate com os outros e para o dia-a-dia. Este quádruplo caráter do conhecimento (não externo ou instrumental, mas assimilado; não retido ou privativo, segregado, mas transmitido, partilhado, passado adiante aos semelhantes, aos companheiros de classe ou destino; não inconsistente, magro ou inerte, passivizante, mas nutritivo e mobilizador de trabalho, conversas e ações), estes quatro traços é que parecem informar, em Madalena, a idéia de *conhecimentos para a vida* e que ensinamos para mais viver. Um conhecimento não ensimesmado, livresco, mas um conhecimento prático e que devolve as pessoas mais vigorosas para o mundo. Os estudos assumem um sentido que transcende sentidos automáticos e banais, e um sentido que contagia e se generaliza: até as provas assumem sentido para Madalena (são para selecionar gente capaz de conhecimentos assim vitais).

Quando lemos sua comparação entre o cursinho e a escola, entre “o tudo e o nada”, num primeiro momento tendemos a pensá-la exagerada, talvez até idealizada. Entretanto, comparando as histórias significativas que ela narra do Cursinho em oposição às da escola, principalmente no Ensino Médio, fica evidente a força que assume essa experiência, pelas de suas palavras. Estudar algo que não fosse “necessário”, que não tivesse um uso prático no trabalho, era sentido como “luxo”. Dedicar-se a tarefas que não estivessem diretamente ligadas a manutenção da vida era supérfluo, era “conhecimento inútil”.

Mas para mim foi muito pesado... eu queria muito aquilo, assim eu nem sentia o peso, o sufoco de absorver tanto conhecimento, a sensação que eu tinha é que eu estava começando a estudar ali... [...] Não existia essa sensação do peso, da quantidade de informações, ela era basicamente nula, perto do prazer que eu tinha de estar ali, podendo questionar o professor: “Mas por que isso?”. Melhor do que poder questionar é ter um professor que antecipava, ele estava pronto para mim! Ele se antecipava às minhas questões, ele já falava daquilo, e porque, ele era completo! Então, nossa! Era perfeito para mim, sabe? Era muito bom! Então assim, quando saía uma aula, terminava uma aula, eu respirava fundo assim, conseguia debater, era muito gostoso entrava outro e: “Vamos lá!”. Estava pronta para outra, estava pronta para mais ainda, mais informações... e eu ia descobrindo um universo só... que ia ganhando força, e que estava lá pequenininho... era legal, porque era a resposta... a cada aula eu tinha mais um conteúdo para jogar naquele espaço dentro de mim... que chamava espaço do impossível, do não acontece, do não é assim, e era alimentado em cada aula do cursinho e me mostrava o que – todo mundo me falou que não acontecia –, era verdade, podia ser daquele jeito. Então cada aula me fortalecia em algum sentido, seja no sentido do ensinamento, seja no sentido da vida, da força entendeu? Era impressionante! Tanto que teve momento assim, que eu me desesperei, porque eu queria muito aquilo ali, mas eu não tinha condições de querer, sabe, de poder! Eu queria estar todo dia ali, entendeu? Mas a questão... a prova da USP não é mais o foco, ela passa em segundo lugar... eu queria estar ali para ser uma pessoa melhor... para ser uma pessoa mais culta, mais entendida, para ter conhecimento, sabe? Para ter o conhecimento que eles estavam me oferecendo, eu não queria só de terça, quarta e sexta, eu queria todo dia! Tanto que quando eu peguei quinze dias, com muito sufoco no meu trabalho, de férias, quinze dias eu fui para o cursinho estudar de manhã, passei o dia inteiro lá estudando! Então, a experiência foi, logo nos primeiros dias, super marcante e foi assim fenomenal. Foi um fenômeno... [...] O material didático no cursinho não tinha nada a ver com o material da escola. Hum... era bem diferente sim... trazia uma situação de jornais, da vida, dos problemas da vida, fulano foi ao mercado, coisas que podia acontecer comigo, coisas reais. Aí então eu entendia o porquê que eu tinha que resolver aquela questão, era um material claro... [esse conhecimento] Ficou... e ficou mesmo, ficou de um jeito forte. Talvez ajudou até me formar... é... me fortalecer nessa coisa de não querer ir pelo fluxo, entendeu? Fincou, criou raiz dentro de mim, porque aquilo fazia sentido, e outros não! E eu estava procurando exatamente algo que fizesse sentido.

O cursinho, neste ponto, lhe valeu como o resgate da ação, da liberdade, da capacidade de instaurar o inesperado, o imprevisto (o que não podemos adivinhar de tudo que aconteceu antes) e que excede os automatismos naturais ou sociais (Arendt, 1981).

Madalena julga o bem de uma escola por aspectos ligados à sociabilidade e também à seriedade do ensino: isto transparece no julgamento da escola de São Caetano que, afinal, mostrou-se ruim como todas as escolas de Ensino Médio por que Madalena passou: freqüentar a escola era como “bater cartão”; os professores relapsos são dura e devidamente criticados. Insistiu nessa escola por um motivo claramente julgado como exterior, em suas palavras: *Olha, para você conseguir trabalho você precisa ter o segundo grau.*

O cursinho, mais do que a escola, desponta como uma superação da correnteza social, da inércia social: “*eles ficavam felizes de saber que eu não ia ficar estacionada, estagnada naquilo só*”. O cursinho não como mero meio para ingressar na universidade, mas valorizado em si mesmo como um lugar em que se faz uma rica experiência de conhecer, e uma experiência livre de humilhação. Quando a universidade se torna matéria de disputa, suscitando estafante e competitiva relação com os estudos, quando a universidade sobrepõe-se ao conhecimento, quando se torna um fim em si mesma (não mais um meio para a relação com o conhecimento significativo e vital), deixa de ser alvo para Madalena.

Quando fala do material didático do cursinho, aparecem sinais da reivindicação de que o conhecimento ministrado alcance a consciência concreta, como quando Simone Weil (1996) fala da estranheza dos trabalhadores quanto ao idioma muito abstrato dos professores. Isto é ingrediente do que Madalena parece tomar como conhecimento vital. *Bater com a realidade*: isto é ingrediente do conhecimento que faz *sentido*. A coisa é expressa, todavia, por meio de um discurso com forma um tanto utilitária: algumas expressões empregadas podem sugerir o anseio por conhecimento como por “coisas” fáceis de consumir e aplicar na vida diária.

Entretanto, parece que devemos afirmar o anseio de Madalena por conhecimentos significativos e vitais (este parece ser o conteúdo de seus protestos e suas reivindicações), mas a expressão disso algumas vezes se serve de uma linguagem um tanto incompatível com a mensagem sustentada. Madalena ressent-se de uma falta de organização: a organização material e a organização pelo sentido, relatadas acima. Essa organização e sentido pareceram-nos uma percepção que germinou, foi ativamente buscada, mas não desenvolveu suficientemente um idioma sólido e sem ambigüidades o que admite atribuir a Madalena ou ao depoimento um limite de consciência. Por isso o discurso de Madalena possui um caráter ensaísta: a decifração do enigma, a decifração do drama testemunhado pela depoente nela mesma, em seus familiares e em seus companheiros de destino, a decifração disso é mais buscada do que satisfatoriamente alcançada; o drama é apontado mais do que pensado maduramente, é assinalado e investigado mais do que é determinado, compreendido ou resolvido. Aquilo que parece polarizar o depoimento é a denúncia de um vazio e um automatismo operando em nossas vidas, operando em sua vida e na vida de seus familiares ou irmãos de classe. Entretanto, em certos momentos do depoimento ela parece superar qualquer compreensão utilitária do conhecimento:

Entrevistar: Dá sentido para as coisas?

Madalena: Dá sentido... Por que que eu tinha que entender da revolução industrial? eu não sabia o que eu tinha que entender, falava: "Caramba, será que isso vai cair no emprego? Será que eu preciso disso no emprego? Porque que eu tenho que saber disso?"

Aquilo que encanta ou entusiasma a depoente e é celebrado pelo depoimento são as horas em que um sentido manifestou-se, livrou do vazio e do automatismo, abriu chances novas, vivificou. Há, todavia, dois tipos de registro que o depoimento alcança, mas não desenvolve: Madalena vislumbra um vínculo entre sua perseguição de uma organização, um sentido, e a situação de anomia que viveu em família, mas este ponto não é explorado. Talvez porque o tempo e a natureza da entrevista não o tenham permitido; em todo caso, trata-se de

um ponto que a depoente não parece trazer desenvolvido antes da entrevista e a entrevista foi que suscitou; um ponto que, se desenvolvido, poderá valer ainda mais segurança e orientação existenciais para Madalena. Ela põe sobre um fundo sócio-econômico algumas de suas lembranças (o retrato familiar, por exemplo, é em alguma medida trazido com alusão a migrações e condições de trabalho; há a hora em falará no "sistema": *Todo mundo me traz esse fluxo, que é gerado pelo sistema, ninguém me traz nada de mais*), mas o depoimento não assinala consciência política adiantada. A consciência política, para que seja autêntica e não postiça, supõe vivos testemunhos do sujeito, supõe a interrogação pessoal da vida social, mas também, para que possa crescer como consciência eminentemente histórica, supõe a mediação de informações, pessoas e grupos: não há consciência histórica sem o recurso a conteúdos ou agentes capazes de nos trazerem documentos e notícias do passado, elementos indispensáveis (ainda que não suficientes) para que atinemos com determinações políticas da vida social, determinações de longa duração, determinações que não são imediatas e chegam do passado: Madalena é perspicaz, mas careceu de uma mais persistente mediação de informações, pessoas e grupos politizadores: o cursinho, a julgar pelo depoimento, foi a instituição mais capaz disso.

b) A vivência da “cultura”, do “conhecimento” e suas relações com o tempo

A dificuldade que eu me encontrei foi estudar treze anos... doze, treze anos sem saber o porquê e passar a começar a estudar sabendo o porquê! Então o excesso de informações era muita, a vontade era grande também, só que a capacidade humana é imperfeita, às vezes eu não conseguia alcançar, não conseguia absorver tudo. Essa era a dificuldade minha, porque eu queria entender aquilo, mas eu precisava de tempo... Era muita informação... eu precisava refletir naquelas coisas, que eu estava aprendendo para entender o significado daquilo, e eu não tinha. O tempo que eu tinha era o tempo valioso de estar ali, por isso aquilo tinha que ser aproveitado ao máximo. Precisei sempre de ajuda. Ou eu tirava as dúvidas com os companheiros, com os amigos, ou eu recorria ao plantão de dúvidas ou eu recorria até mesmo o professor para tirar as dúvidas.

[...] e o trabalho eu nunca pode contestar se eu podia ou não, porque eu sempre tinha que trabalhar por causa do dinheiro... então eu lembro que tive que deixar a única coisa que fazia sentido [...]eu só consegui fazer isso depois de pensar que no

próximo ano eu iria voltar a fazer o cursinho não por causa da faculdade, porque eu falei, não vou ter condições nunca de fazer uma faculdade dessa me dedicando o quanto eu gostaria de me dedicar e trabalhar o dia inteiro, porque eu pensava: “Eu preciso trabalhar; eu tenho um filho, uma pessoa que não pediu para estar no mundo e que precisa de mim e eu tenho que estar ao lado dela, perto dela...”, e eu falei assim: “Olha, eu vou sim fazer minha faculdade para conquistar o meu espaço, uma carreira, uma profissão... mas eu quero fazer esse cursinho o ano que vem para tornar essa pessoa melhor que eu estava me tornando”[...]e isso para mim na época era um peso, porque, embora eu amasse meu filho, ele me barrava de poder me dedicar aos estudos bem na época que eu descobri eles, né?[...]em certos momentos eu me senti derrotada, porque eu queria estar ali competindo, mas a realidade da minha vida me contradizia com aquilo que eu queria e eu tive que parar e encarar. Mas aí, depois eu cheguei à conclusão que não... não estava correndo para aquela prova, eu estava correndo para o conhecimento,

A necessidade de tempo para durar entre informações e pessoas com que e com quem o sentido manifestou-se: tempo para refletir, entender, aprender, compartilhar conhecimentos valiosos. Ela vai apontar por meios diversos (a condição de precisar trabalhar, o filho etc.) o quanto a falta de tempo agiu contra o cursinho e os estudos. A falta de tempo é social e também age contra a consciência histórica e política. Quando perguntada sobre as amizades que fez no cursinho, novamente podemos observar como a falta de tempo aparece como uma grande dificuldade para se vivenciar o ambiente social do Cursinho e as demais atividades, agindo também contra a sociabilidade:

a gente tinha muito pouco tempo para se dedicar a aquilo então cada um tinha que ser no seu limite, no seu horário... tanto que, mesmo entre eu e ela, muitas vezes ela foi sozinha estudar e eu também. Então era mínimo, era pouco, era baixo o contato. [...]Não fiz amigos no cursinho... Não.

A necessidade de dinheiro, a questão da sobrevivência, opõe-se a busca pelo sentido, opõe-se aquilo que lhe fazia sentido: era um impedimento a sua busca organização por sentido. O sentido do conhecimento para ela foi uma descoberta, e a faculdade deixou de ser o alvo se a faculdade não for sentido também, não vale como sentido como valia para o cursinho: ela tinha necessidade pura, forte, de estudar como tem necessidade de sentido. Parece-nos que a falta de sentido só com sentido se cura: ela só conseguiu abandonar o cursinho quando conseguiu vislumbrar voltar para este projeto no próximo ano.

então eu me sentia totalmente acolhida quando eu tinha dúvidas, por isso não tinha medo de ter dúvidas, de tirar as dúvidas... Eu tive medo de tirar dúvidas quando eu percebi que eu não sabia nada... e depois que eu vi que muita gente que estava ali não sabia nada... eu fiquei com medo de ser ridicularizada em público né, de ter que partir do início... depois eu vi que não, que as pessoas que eu estava tirando a dúvida seja professor, seja plantão, seja amigo, eles tiveram o mesmo problema que eu e que precisaram passar por isso era muito receptivo e incentivador, entendeu?... Esse medo de tirar a dúvida passou a ser uma ferramenta da busca pelo conhecimento... então, de um medo se tornou um... progresso, uma coisa positiva, entendeu? Não era mais uma coisa que me barrava.

O que nos faz pensar seu medo em tirar dúvidas, no início do cursinho? Temor de ser ridicularizada? A falta de conhecimento letrado pareceu estar associada a um rebaixamento, a uma vivência de humilhação. O ambiente do cursinho pareceu vencer uma barreira, uma ameaça de humilhação. Qual o peso da ignorância (em que a escola e a família têm tanta responsabilidade, uma responsabilidade que recua para o “sistema”) ser atribuída ao indivíduo e valer-lhe um rebaixamento? Ninguém pode aprender quando sua ignorância lhe vale uma humilhação:

Tinha sim essa coisa de saber que era professor e o aluno, porque eles estavam ensinando... Não tinha a distância assim, é como eles sentassem do meu lado e estivesse falando para mim a aula... estivesse dando a aula para mim... e com todo mundo era assim, essa reciprocidade assim... uma coisa muito simples, clara e objetiva e acolhedora.[...]teve uma aula de matemática que nem era com o meu professor, era com outro professor, eu me sentia perdida ali porque eu me identificava com todos os professores, mas um professor marcou uma aula para tirar a dúvida de um jeito de fazer conta... e me marcou aquela aula, porque era uma coisa que era impossível de entender assim aquela conta, e ele explicou com uma linguagem infantil até, simples, e eu entendi... então eu vi que... ah, ele me mostrou que é possível sim ter aquele conhecimento, é possível, se eu quisesse, eu falei: “Se eu quiser viro um professor de matemática” foi o que eu pensei ali... não é impossível, não é difícil entender, só é preciso ter paciência, ele me ensinou isso naquela aula, que é preciso ter perseverança e paciência comigo mesma... que se eu quiser aprendo todas aquelas contas e ainda mais, eu posso ensinar ainda quem queira aprender do mesmo jeito que ele estava ensinando, nessa linguagem clara, simples, boba, infantil, mas que eu entenda.

Isto se reúne à idéia de não ter vergonha de ignorar, reforça a idéia do ambiente do cursinho como um ambiente que arrefeceu significativamente o sentimento de humilhação. Na humilhação opera a idéia terrível: não compreendo porque sou inferior. Aqui não, e uma cura de humilhação acontece quando o não compreender não é humilhante e não abala, não rouba a confiança em vir a compreender.

Nesta bela e profunda lembrança, Madalena nos mostra a necessidade de ver por muitos lados, que Arendt (2003) vincula à amizade e à mais imprescindível das capacidades políticas, numa conversa com o professor de geografia, como condição para uma opinião justa. Madalena acrescenta que este é um meio de sair do fluxo, uma experiência capaz de retirar pessoas ou cidadãos da “correnteza da sociedade”:

Tinha um professor de geografia que uma vez eu procurei para tirar alguma dúvida, lá no cursinho, ele estava em outra sala e sentou na escada comigo e abriu o jornal, não sei se era o meu jornal ou jornal dele, não lembro nem a dúvida, que o que marcou foi que ele sentou, estava eu e uma amiga minha e ele sentou e falou assim para mim: “Olha, quando você ler uma história, um fato no jornal, é sempre bom que você leia o fato de um lado, a história de um lado e se proponha a saber, a ouvir como foi do outro lado só assim você consegue ter uma opinião justa, se proponha a ouvir o outro lado da história, mesmo que esteja ou seja a favor desse lado”, acho que a gente estava falando de política e ele até me deu um exemplo de política, “mas sempre se proponha a ouvir o outro lado da história, a saber o que ocorre ali daquele lado, mesmo que seja o lado que você não queira saber, permita saber o que está acontecendo, o que acontece do outro lado também”, e isso me marcou porque eu acho que é isso que faz a diferença, isso faz muita diferença na pessoa, no cidadão... sai daquele fluxo de novo, entendeu?

Esse professor a ajudar a se libertar não apenas da condição de pessoa cega (por falta de revelações que lhe tivessem sido trazidas graças a mediação de livros, instituições, grupos e pessoas), mas a se libertar também da condição de pessoa acachapada, passivizada, servilizada, que não toma parte e apenas sofre o “fluxo”. É belo quando a vida do filho e vida da sociedade ou do país vem juntos, ligaram-se: a sociedade e o país parecem menos exteriores, menos realidades que caem sobre ela sem que possa agir.

Esse professor de geopolítica me ensinou a diferença de ser um cidadão consciente... porque eu deveria me interessar pela política, o que isso iria influenciar na minha vida pessoal, na vida da sociedade, na vida do país, na vida do meu filho. Então eu nem tenho o que falar né, sobre isso eu nem tenho palavras. Mudou. Eu passei de... não me sentir mais uma pessoa cega, entendeu? E eu achei lindo os conhecimentos que ele tinha, geopolítica, saber os nomes, o que aconteceu, porque o país está nessa situação, de onde veio tudo isso.

Os poucos passeios que fez com o Cursinho, aliada a vivência do cursinho, ela relata terem mudado o ângulo pelo do qual vive ela vivia a cultura, trouxeram-lhe outra descoberta: a da relação desinteressada com a cultura, com a arte, com o conhecimento. Porque se

interessar em conhecer as histórias do Antigo Egito? Que *sentido* poderia ter? Mesmo no momento em que estava na exposição, gostando da experiência, se questiona se poderia estar ali ou não. A humilhação social é, mais de uma vez, assinalada no depoimento pela relação de veto com bens culturais característicos da cultura letrada.

Eu nunca me dei ao luxo de ir em exposição, para mim isso não era para mim, não fazia parte do meu mundo! Também não tinha sentido, para que é que eu vou ver isso? Para que é que eu vou ficar vendo quadro? Não entendo! [...] Para que é que eu preciso saber disso? Pô, porque é interessante, né? Eu posso me dar ao luxo sim de saber como era a vida há anos atrás no Egito, porque não? Sem ter necessidade de nada, por pura curiosidade.

Por “cultural” tendemos a entendemos restritivamente aqueles bens e práticas mediado pela escola ou universidade, dependentes de instrução letrada e de agentes daquelas duas instituições, assim como também, em alguns casos, o “conhecimento”. O “cultural” existiu, para Madalena, como o que se põe além da necessidade, a necessidade que ela sentiu muito, por força da pobreza e do trabalho, e que obriga a pessoa ao urgente cuidado da vida. Isto explica que ela se refira ao “cultural” como “luxo”. O que se passa com a jovem trabalhadora e mãe precoce (ambas exigidas pelas necessidades, necessidades próprias ou do filho) nas vezes em que o “cultural” é assim designado, como luxo que não fazia parte de seu mundo? O “cultural” foi julgado, com e sem razão, como supérfluo, outra forma do “vazio”? O depoimento pode parecer caminhar na direção desse julgamento em Madalena nesta direção possível, mas talvez não seja isto o que ocorra exatamente. O que é certo é que ela nos diz ter vivido o “cultural” como sem sentido para ela, alheio ao seu mundo, estranho, até que o “cultural” começou a participar decisivamente das experiências que lhe trouxeram *sentido*.

Ela também assinala um estranhamento de bens cuja fruição depende de alguma instrução preparatória: a fruição de tantos bens, em toda formação cultural (nas culturas populares tanto quanto nas culturas letradas), é dependente de instrução. Ocorre que há bens reservados como prestígio de classe e cuja instrução/fruição não é aberta a indivíduos das

classes rebaixadas. Ou seja, o fato dela não entender o sentido da apreciação de quadros acaba por também ligar-se a uma situação de rebaixamento social: não é simplesmente um limite de experiência ou de quem participou predominantemente dos modos culturais do povo. Aliás, a cultura popular é bastante sensível à arte e abriga preciosas manifestações e obras de arte: se Madalena não entendia o sentido da arte será mais devido às pressões urbano-proletária que a tenha privado disso, do que à condição de membro das classes populares.

A fruição de determinados bens culturais pede tempo e pede estudo letrado. Cultura não é o mesmo que cultura letrada, apesar de muitas vezes a primeira ser resumida a segunda; também não é coisa, apesar de também ser resumida a objeto de consumo fácil e rápido, um fetiche aliado a dominação²⁰. Madalena associa a apreensão destes bens culturais a um descolamento do *funcionamento automático*, do *fluxo*, e percebe que estes pedem tempo para serem assimilados: tempo para ir ao teatro ou a uma exposição; tempo para apreciar uma obra de arte ou um concerto, tempo para ler, para pensar sobre o que foi lido, para conversar com outros que leram o sobre o mesmo tema... Esse é um tempo diferente do tempo para o lazer, para o entretenimento, que é o que se consome nos períodos livres entre o trabalho e o descanso, aproximando-se do funcionamento dos processos vitais e a sociedade de massas contemporânea levou este processo adiante ao consumir cultura na forma de diversão, destruindo a cultura para produzir entretenimento, que leva a um empobrecimento do objeto cultural.

A cultura erudita, a cultura universitária, a cultura letrada, mas também a subjetividade e a psicologia contam, no depoimento, em situação semelhante: são sentidas como bens ou práticas alheios ao mundo de Madalena:

Bom, eu recorri ao plantão uma vez, quando... porque até a psicologia nunca fez parte, não existia no meu mundo... nem sabia o que que era, sabia que era alguma coisa da cabeça, mas para mim não existia, não tinha espaço para ela dentro do

²⁰ O fenômeno cultural impõe-se onde quer que se tenha desenvolvido a habitação humana e seus modos de ser, mesmo quando não tenham sido gravados sobre signos gráficos. (Gonçalves Filho, 2007, p. 192)

meu mundo naquele tempo.[...] mas o mais legal de tudo foi descobrir que existiam profissionais... é... esse contato que eu tive lá, foi uma descoberta de saber que existem profissionais, pessoas qualificadas, capacitadas, para te ouvirem, para te entender e pra... pra ajudar você cuidar da sua cabeça, com as coisas que se passa, na minha cabeça, na sua cabeça. Então assim, esta foi a minha principal descoberta, eu descobri a psicologia nesse contato. Que através desse contato, mudou a minha vida inteira, em todos os sentidos... então, foi tudo.

Esses bens e práticas chegam a não assumir sentido para a depoente até o momento em que Madalena, no cursinho, vai descobri-las e alcançará uma experiência *significativa* e *vital*, tal qual a experiência do *sentido* que ela apresenta. A cultura erudita e a subjetividade não parecem garantidos na biografia de Madalena. Chegam a parecer muito estranhos, alheios, até que se tornem matéria de uma verdadeira descoberta, uma surpresa: o cuidado psicológico como uma surpresa.

O trabalhador consciente não precisa confundir a cultura ou a fruição da cultura como coisa ou atividade supérflua e como coisa ou atividade casadas com as necessidades e os desejos humanos. Assim como não precisa confundir o cuidado de si, o cuidado do coração ou da mente [“o coração ou a mente (...) existem e funcionam somente em inter-relação com o mundo (Arendt, 2005, p. 192)], o zelo por seus sonhos, a interpretação e elaboração de seus enigmas muito pessoais com o cuidado egótico de si mesmo, que o retira do mundo e de seus outros (ambientes e pessoas).

O recurso a bens culturais que sejam produtos de cultura letrada não pode depender da mediação de pais ou familiares que, por força de sua posição na divisão social do trabalho, ficaram concentrados nos regimes orais da transmissão cultural. Isso envolve uma limitação para os filhos. Uma limitação que não deve ignorar o exame de bens e capacidades advindos da cultura popular. Mas a prática e o sentido de coisas como livros, teatro ou cinema ficam necessariamente dependentes da escolarização, dependentes do contato com pessoas alfabetizadas e habituadas a estes bens e dependentes da oferta urbana destes bens. Paulo Freire (1985) nos adverte que, na educação escolar, quem apresenta um mundo apresenta

determinados conhecimentos que em si já implicam em toda certa visão de mundo, que muitas vezes para aquelas pessoas não significa nada, não é feita uma ponte entre o que é apresentado e a vida cotidiana daquele aluno. A esse fenômeno Simone Weil, como já relatado antes, (1996) dá o nome de educação para as massas.

O golpe de uma limitação cultural é consideravelmente maior quando a condição urbano-proletária do cidadão vai roubar-lhe o tempo de criação ou fruição culturais (oral ou letrada), sendo que o trabalho mesmo, determinante-chave desta limitação, o trabalho proletário, formou-se geralmente como uma atividade excessiva (super-explorada, exigente de tempo demasiado) e sobretudo como uma atividade simples ou simplificada e sob comando, o que feriu gravemente e empobreceu o caráter cultural do trabalho humano: o trabalhador proletário pode ser descrito como um trabalhador material e espiritualmente espoliado.

5.2.1 Resumo Biográfico de Jonas

“Ainda lembro, eu o Wagner e o Ivan ... um dia a gente pegou: “Vamos andar até onde nossas pernas conseguirem levar a gente?”. Vamos!!”

Jonas tinha dezenove anos quando entrou no Cursinho, em 1995, quando fomos colegas de turma. Não conseguiu passar nesse ano e continuou estudando no Cursinho no ano seguinte, e desta vez conseguiu entrar na UNESP, na carreira de Economia que era seu desejo, mudando-se para Araraquara em 1997.

Nasceu e cresceu na Brasilândia, um bairro populoso e violento da periferia da zona norte de São Paulo. Ele é negro, descendente de migrantes: os avós paternos são oriundos de Minas Gerais e os avós maternos de Sergipe, ambos mudando para a Vila Brasilândia em meados da década de 50. Em seu depoimento traz um recorte muito vivo de sua família. O avô materno “era pedreiro literalmente” na definição do próprio Jonas, pois quebrava pedras em uma pedreira. A avó materna nunca precisou trabalhar fora, pois, mesmo o marido sendo um trabalhador braçal, depois aposentado por invalidez, *o salário ainda tinha um certo valor de compra*. Seu avô paterno, quando veio para São Paulo, conseguiu passar em um concurso para gari na prefeitura, e posteriormente transferiu-se para o centro de zoonoses, onde não se adaptou ao serviço de coleta de animais. Lá cuidou de trabalhos burocráticos, ficando até se aposentar. Sua avó paterna era “cozinheira forno e fogão, um trabalho menos braçal e que pagava melhor”, e com o dinheiro ajudava a sustentar a casa e os dez filhos.

Quando relatava sobre suas origens, mostrava um profundo respeito pela força e ousadia dos seus avós, *foram desbravadores* quando vieram para São Paulo e foram morar na Brasilândia, à época um lugar completamente sem infra-estrutura, nas suas palavras, *pseudoloteamentos no meio do nada... lá não tinha nem água encanada nem eletricidade*.

Apesar do respeito pela história dos avós, Jonas considerou um equívoco a mudança para São Paulo, atraídos pelo crescimento da cidade, que a viam como “a terra prometida”:

“Vamos fazer São Paulo, ajudar São Paulo crescer, vamos ficar ricos”, e, aqui chegando, passaram por um processo de empobrecimento. Todos com escolaridade baixa, até a quarta série, precisaram aceitar trabalhos braçais para sobreviverem. Sobre a educação de seus pais e tios, ele afirma:

Então foi isso. Foi a ferro e fogo. Felizmente, apesar de morar todo mundo na Brasilândia, num ambiente difícil, num... num bairro violento, todos se salvaram, digamos assim. Todo mundo estudou, né, passou pelo menos o primeiro grau

Seu pai, apesar de não haver terminado o primeiro grau, fez um curso técnico de torneiro mecânico, mas nunca atuou nesta área. Fez carreira numa indústria farmacêutica, que faliu no início da década de oitenta, quando Jonas iria iniciar no ensino fundamental. O depoente aponta este momento como a mais grave crise da sua história familiar, “uma crise da qual até hoje não conseguimos superar”. Seus pais se viram obrigados abandonar o desejo de uma escola particular para Jonas e colocá-lo em uma escola municipal do bairro, o colégio Milton Campos.

Lembro que era a elite da periferia eram os torneiros mecânicos. Então todo mundo queria ser torneiro mecânico. Então, se para classe A, B o cara queria ser médico, engenheiro, o cara queria ser torneiro mecânico, “era o que era”, era o que havia, o melhor salário. E o setor de metalurgia era o setor que pagava os melhores salários no mercado principalmente para pessoas de baixa renda, para as pessoas que estudaram menos. E então tinha uma oportunidade de... ascensão social trabalhando como torneiro mecânico.[...]A gente tinha uma vida até então confortável, então uma quebra de renda violenta, meu pai devia ganhar, valores de hoje, em média uns quinze salários mínimos e caiu isso por conta de várias empresas do setor dele terem quebrado então não tinha emprego no setor, não tinha a vaga dele no mesmo setor, não existia a vaga dele, não conseguiu uma colocação novamente no laboratório. Então teve que aceitar o que apareceu. Então, o que apareceu naquela época? Ser vendedor das lojas Glória. Então, de um salário de quinze salários mínimos, ele passou a ganhar dois, três... Então para todos nós foi a pior época da vida da gente, da minha família. Então foi o pior período, o período que a gente talvez não conseguiu se recuperar até hoje. Foi super complicado, ter uma vida relativamente tranqüila, e num estalo assim [faz o estalo com os dedos], tudo vem a baixo, e você tem que começar de novo. Eu imagino na pele do meu pai, como foi, o quão difícil não deve ter sido.

Seu pai e sua luta por manter a família lhe inspiram orgulho e respeito:

E passou por um processo assim, depois, ele me contando, que você vê o quanto a pessoa agüenta em prol da família, porque se a pessoa não vê em prol da família ela chuta o balde, né... meu pai sempre foi mais ou menos um herói para mim por

conta de... nessa compra da empresa pela outra, não mandaram eles embora tacitamente, mas tiraram as funções deles.

Desde cedo, nas palavras de Jonas, “tinha o desejo de estudar. Tinha, gostava e gosto até hoje.”, apesar de o primeiro contato com uma instituição de ensino ter sido traumático: “Eu odiava estudar lá. Eu odiava! Eu lembro o dia que não tinha aula era um dia a menos para apanhar dos moleques maiores”. Ele não tinha “a malandragem que as crianças de lá tinham”, e, mesmo sendo pobre, não podia ter nem um apontador: seus colegas de classe muitas vezes nem sapatos tinham para ir a aula. Cresceu ouvindo dos próprios professores que essa escola era “horrível, um lixo”, e que “não era bom estudar lá”:

Teve um colega que eu lembro, me recordo que esse colega que eu vou contar agora inclusive morreu depois num assalto, que ele roubava meu lanche! O cara roubava meu lanche. . E você vai ver, o cara roubava por maldade? Não, ele roubava porque não tinha o que comer realmente, o cara não tinha! O cara ia para escola para comer, era a única alimentação. Né, não dá nem para culpar o cara que roubava.

Os relatos sobre este colégio aparecem permeados pela vivência no bairro, onde sobressaem a pobreza, a falta de investimentos do Estado e a violência. Conta-nos que “o colégio não era literalmente, mas fisicamente dentro da favela”, onde as pessoas aproveitaram as paredes do muro para levantar suas casas e, depois três anos, já não se via a escola em meio às construções e barracos, ela “havia sido abduzida”. Entre pausas, fala dos colegas que se perderam indo “para a bandinha do mau” e dos que morreram depois de se envolverem em assaltos e com os traficantes da região: “perdemos vários colegas”:

Nessa guerra, a gente chama guerra, só do lado da minha rua foram vinte e duas pessoas que morreram. Era quase um toque de recolher, né, voluntário, vamos dizer. Não via uma viva alma depois das oito na rua, isso na época quando ela morreu, que teve a guerra por conta dos pontos, das coisas que ela tinha, padaria, tinha um monte de coisa... Uma guerra mesmo, a Brasilândia viveu uma guerra nesse período. Então tinha esse cuidado, de não deixar muito na rua, e felizmente eu também sempre gostei mais de... eu sempre fui introvertido, e isso de certa forma ajudou um pouquinho, protegeu que não ficasse exposto a toda aquela... ... violência.[...] Tinha, eu me recordo, o que se hoje vive no Rio, de ter a escola fechar por conta de tiroteio, naquela época acontecia isso.

Na vida de Jonas, diferentemente da maioria dos seus colegas de escola e de bairro, havia um lugar para o universo da leitura, para além da simples noção de leitura como obrigação:

“Por ser muito introvertido eu sempre adorei biblioteca, então, é mais ou menos o ritual de... Desde que eu me lembro, acho que do dez anos até mais ou menos a época que eu fui para a universidade ter o hábito de ir de quinze e quinze dias pegar um livro, ler e devolver. Era um ritual, era sagrado para mim. Tinha o hábito, sempre gostei de ler. Por mais que eu não tivesse a bagagem para entender uma... a Ilíada, a Odisséia, que não são livros que são fáceis de ler, mas com quatorze anos eu já tinha lido as principais obras, tal... Sempre gostei de ler, acho que é o... então, por não ter... sempre fui, né, essa questão de ser introvertido, sempre gostei de ler, adorava ler, assim, sentar lá no meu quarto lá de casa e sentar e ficar a tarde inteira lendo um livro, uns muito bons, outros horríveis, né, faz parte das descobertas... acho que minha maior fonte de lazer eram os livros e jogar bola na rua[...]Eu ia na biblioteca da Cruz das Almas [bairro vizinho] ... é uma boa caminhadinha, mas já estava acostumado. Ia a pé, eu e o Wagner... mas, ia os dois... A gente acostuma, era legal, né? Criança você vai..”

Suas principais diversões na infância e adolescência eram jogar bola na rua e ler. Gostava muito de jogar bola, mas não ficava muito tempo na rua, “acabou os jogos eu entrava para casa”, ele conta, pois o bairro naquela época passava “por uma guerra”, e havia “quase um toque de recolher”. Andava aproximadamente três quilômetros para ir à biblioteca, de quinze em quinze dias, dos dez anos até entrar na universidade.

Começou a trabalhar no final de 92, quando já estava no primeiro ano do ensino médio, motivado por poder comprar suas coisas e se sentir “fazendo parte do grupo”, pois não se sentia bem em pedir para seus pais aquilo que seria considerado excesso ou luxo (mochilas, tênis e roupas de determinadas marcas, valorizadas na periferia). Foi demitido pouco antes de entrar para a “fase do exército”, só conseguindo voltar a trabalhar depois, como atendente em uma papelaria, já no primeiro ano de cursinho. Ele ressalta, em seu depoimento, como era a relação entre trabalho e estudo na periferia, e do valor que objetos de consumo, como tênis, mochilas e roupas, assumiam:

Aquela época, eu me recordo, era uma verdadeira coqueluche de colegas de: - Eu não quero estudar, porque meus colegas estão ganhando dinheiro e eu quero ganhar dinheiro também. E ganhar dinheiro na periferia, naquela época, era ser empacotador do Pão de Açúcar, aqui na Lapa, ali no shopping. Acho que tinha um na Barra Funda e outro aqui na Lapa. Não sei se era o “top RH” dos pacoteiros,

mas devia ser, né? E meus colegas saíam da escola: Vou ser empacotador do Pão de Açúcar! O cara: Ó, o cara vai ser empacotador do Pão de Açúcar! A gente, naquela visão periférica: Nossa, o cara tá ganhando dinheiro!! O cara conseguiu comprar um Nike Air! Meu Deus do céu, o cara tá ficando rico! O cara conseguiu comprar um videogame, nossa, olha só! A nossa noção superficial de riqueza, mesmo de poder, de estar trabalhando e comprando suas coisas, então muita gente saiu da escola nesse período. Esse período era a sexta, a sétima série da escola, e muita gente saiu. Um mudou para noite porque queria trabalhar, e era fácil naquela época arrumar emprego. Se tivesse as pernas e os braços, não precisava nem falar para conseguir um emprego, diferentemente de agora.[...] Aquela ânsia de trabalhar logo, comprar suas coisas, não agüenta mais pedir tudo, chega uma hora que irrita você pedir tudo para os seus pais, você quer ter o seu dinheiro, você quer comprar suas coisas diferentes, que... bom, seus pais não entendem, né? Para você, para o seu grupo, ter uma camisa do “Use your illusion II” era estar inserido no grupo, e se não tivesse aquela camisa você está fora, você “não é o cara” (risos)... Tinha a questão, no nosso tempo, que pegava muito, é a do tênis. Era o extremo, as meninas até... tinha um tempo que a menina escolhia: Ó, só fico com cara que tem Nike. A outra: A não, só fico com o cara que tem Mizuno. Mas, eu questiona, olhava para aquele All Star furado, aquele M2000, aquele Lê Cheval, você não sabia se chorava, se escondia o pé, se ia de havaianas que era menos feio (risos).

No Ensino Médio buscou uma escola considerada uma das melhores da região, na Freguesia do Ó, bairro próximo a Brasilândia, que aplicava uma prova de admissão, conhecida como vestibulinho, para poder cursar. Apesar de um incomodo sentimento de inferioridade, não teve problemas para entrar, nem ele nem seus colegas de escola, e o fato de terem conseguido passar na prova foi um resgate da auto-estima, pois havia um sentimento de “condenados” por terem estudado numa escola ruim e os próprios professores dizerem isso aos alunos. Sobre o fato de não ser o único a passar no vestibulinho, ele ressalta: “tiramos leite de pedra”, enquanto afirma mais adiante que essa era uma característica daquela turma, pois muitos colegas “conseguiram chegar em algum lugar”.

Sentiu-se bem recebido nesta escola, e ficou impressionado por ela possuir dois laboratórios, quadras e biblioteca, todos em uso e bem conservados. Mesmo sendo uma boa escola, ele comenta que o ensino médio não lhe exigia muito esforço, além de estar presente nas aulas, e que teve que agüentar muitos professores ruins:

E o dia que eu entrei no laboratório então: - Nossa, o que que é isso?! Três quadras!! Os caras são... os caras deixam essas três quadras para fora? Os caras nem usam, só usam a coberta! Falei: Nossa, que desperdício, imagina essas três quadras na Brasilândia, ia ter gente jogando o tempo inteiro! Essa escola tinha o luxo de desprezar, não sei se eram duas ou três quadras, do lado de fora, para usar o que a gente convencionou chamar de Mini-Estádio, que “era o que havia”. Você

tinha o privilégio de escolher onde a gente ia jogar bola entre as várias alternativas.[...]Porque o Odenis recomendava tanto, cuidava tanto daquela escola. Claro, tinha lá os seus... Aquela escola deve muito ao Odenis. Conheço uma parte só da história, mas ele tinha lá sua... administrava de forma rígida, mas a escola funcionava. É uma escola diferenciada, né? Os laboratórios, tinha laboratórios! Quando que na Brasilândia ia ter um laboratório daqueles e o pessoal não ia levar um tubinho para casa? Sem falar mal do pessoal da Brasilândia, mas tinha aquela cultura da “Lei de Gerson”, de aproveitar tudo, sabe, e a gente sofria muito com isso, de vim de uma escola... No Jácomo, felizmente a gente não sofreu nenhum tipo de preconceito, pelo menos eu não sofri, a gente foi super bem acolhido, né, pelo menos eu.

Chamou-lhe muita atenção a organização da escola e a manutenção dela pelos alunos que lá estudavam, diferente da realidade de sua outra escola. Ele gostava, depois de já fechadas as notas necessárias para ser aprovado, de “brincar”, de “ousar mais” nas provas e nos trabalhos finais. Apesar de a escola não exigir muitas atividades extra classe, ele viveu uma “fase zumbi” no final do segundo ano, quando o acúmulo de trabalhos escolares e de serviço levou-o a uma situação limite de stress.

Apesar de gostar de sua nova escola, percebe que a maioria dos seus colegas não compartilha com ele o desejo de continuar estudando:

Universidade era, mais ou menos, o sonho distante da maioria deles. O pessoal queria se formar, e, naquela época ainda se falava que quando você fazendo o segundo grau estava “se formando”, ganhando um grau de diferença. E o cara queria ir trabalhar. A gente tinha aquele sonho, que era de estudar. E tinha o nosso grupo, o grupo que tinha um objetivo maior, para vida, né? Que tinha que estudar, não era ficar indo para baladinha... Pô, você tinha que focar

Desde o final do ensino fundamental ele pensava em ser economista, desejo este que foi se apurando ao longo do ensino médio. Ele relata que o que o atraiu para esta carreira foi o desejo de transformar a realidade que o cercava desde pequeno, e que conseguindo alterar as políticas econômicas ele conseguiria diminuir as desigualdades sociais. O desejo de universidade vem associado a um “desejo de ser alguma coisa”, a “conseguir chegar a algum lugar”, “de poder mudar o mundo”, por um lado, e de “tirar a diferença”, provar sua capacidade e ser respeitado. A universidade pública é colocada como única oportunidade de

ter acesso ao ensino superior, já que, como ele mesmo coloca, “se vendesse todos os bens da família só conseguiria pagar seis meses de PUC”.

Depois de prestar o vestibular no final do ensino médio, percebeu que sozinho não conseguiria se preparar, que “a distância era grande”. Ficou sabendo deste Cursinho por panfletos distribuídos nas ruas do centro e por reportagens na televisão. Relata foi até a USP se informar sobre o funcionamento e se inscreveu no processo seletivo. Fez a prova e foi para a seleção socioeconômica, que o preocupou por não saber se seria “pobre o suficiente” para poder ter direito a frequentar o cursinho. Ele buscava lá aprender “aquilo que já deveria ter visto na escola e não viu”. Optou pelo curso aos sábados porque precisava trabalhar, apesar de não ter que ajudar em casa, precisava pagar sua condução, material de estudo, inscrições para vestibulares:

[...]meu pai me arrumou um emprego numa papelaria lá no metro Ana Rosa, e era para fazer o que tinha, não tinha um cargo, era o que hoje a gente chama de auxiliar de serviços gerais. Fazia o que aparecia: limpava o chão da loja, fazia entrega, vendia também quando os vendedores... quando a loja estava muito lotada eu vendia, então fazia “barba, cabelo e bigode”. Então fiquei seis meses nessa empresa, sem registro, e... fazendo isso foi o que coincidiu com o meu primeiro ano de cursinho, foi o primeiro ano de cursinho.

Depois de não ser aprovado nos vestibulares na primeira vez que fez o Cursinho, volta a trabalhar na mesma papelaria, desta vez como vendedor, e planeja pedir demissão perto do final do ano, novamente, para dedicar-se exclusivamente às provas.

5.2.2 Análise do Depoimento de Jonas

Dos três depoentes, Jonas parece ser aquele que teve mais contato com a história familiar, o que aparece no fluxo de sua narrativa enquanto proximidade e medo de repetição do destino dos pais e avós, que trazem diversas experiências de rupturas biográficas. Porém,

por outro lado, mostram igualmente muita perseverança e tenacidade, aspectos também presentes em toda trajetória de Jonas. Ele assiste, desde pequeno, seu pai e seus tios perderem o emprego por motivos que iam além do que eles poderiam prever e controlar, fatos que o faz significar o mundo como instável e muitas vezes injusto. Em diversos momentos da sua narrativa ele faz análises de como questões gerais do país, como as macroeconômicas, influenciaram no seu destino pessoal. Por exemplo, ele não pode estudar no colégio Santa Lucia Filippini, um tradicional colégio católico da Freguesia do Ó, porque seu pai foi demitido: a empresa onde ele trabalhava há dezesseis anos fechou em consequência a uma nova regulamentação do Banco Central no setor em que atuava. Essas situações parecem aumentar seu sentimento de impotência frente à realidade:

Essa questão de vestir a camisa da empresa... não tem nada de vestir a camisa da empresa, você faz logo o que dá para fazer, você faz o que precisa, mas não descuida da sua instrução, não descuida do seu aperfeiçoamento, que para ser descartado no mercado, foi o que aconteceu com o meu pai, ganhou um salário ótimo durante dez anos, que se tivesse estudado, tivesse feito uma universidade, teria chegado muito mais longe. Talvez ele achasse que fosse eterno, que a gente tem a impressão que as coisas serão eternas, que você vai ganhar um salário ótimo para sempre, mas as coisas mudam, a conjuntura muda...

Vestir a camisa da empresa assume um sentido de engodo, onde colocar os interesses do empregador a frente dos interesses pessoais, em troca de um salário melhor, leva sempre a perdas maiores. O valor pago pelo tempo e mais de dedicação ao trabalho parece não valer as perdas em crescimento pessoal e convívio familiar.

Para Jonas parece sempre faltar algo, e não parecia, pelo depoimento, se tratar da *falta* somente enquanto condição humana, ou não. De que se tratava, então?

Então tudo o que eu tive até hoje, não sou profissional bem sucedido, estou buscando meu espaço ainda. Me formei em 2001, estamos em 2007, são seis anos, né, não deu para chegar onde eu queria ainda. Estou tentando ainda mas... tudo o que eu consegui foi por conta do estudo. Porque eu tenho uma extrema dificuldade, que eu sempre fui tímido, então normalmente em entrevista eu encolho, agora que eu estou... conseguindo... lidar melhor com isso.

Em toda sua trajetória Jonas demonstra buscar superar esse sentimento de insegurança e de também do sentimento de inferioridade, que parecem grandemente ligados a história dos pais e avós e também a sua própria.

Quando começa a estudar, vivência na escola situações que lhe fazem sentir ódio da escola, como apanhar de colegas maiores, roubarem-lhe seu material escolar e lanche, entretanto, o gosto por estudar e pelas leituras não é abalado. Pelo contrário, parece um refúgio seguro. Diferentemente dos seus colegas de escola e de bairro, para Jonas, havia um lugar em seu mundo para as leituras, que não era o mesmo que o da escola: ler era hábito, era diversão, era descoberta. Relata que passava longas horas em seu quarto lendo, e que já havia lido, a despeito da pouca bagagem, todos os grandes clássicos até os quatorze anos. Era a aventura quinzenal de atravessar dois bairros até a biblioteca, muitas vezes na companhia de um amigo, e nem se dar conta da distância que percorria. Até quando interpelado na entrevista, pois o entrevistador conhecia a distância entre a casa onde ele cresceu e a biblioteca, pareceu não dar importância a caminhada de mais de três quilômetros: ir a biblioteca “era um ritual, era quase sagrado”, porque quando “criança, você vai...”. O próprio trajeto até os livros “fazia parte das descobertas”, tanto quanto os livros bons e ruins que escolhia.

No momento em que ele e alguns colegas de escola conseguem passar em um vestibulinho considerado difícil, inicia-se um processo *de resgate de auto-estima*, onde começa a ressignificar o sentido que tem de si mesmo e dos lugares que pode alcançar. O Ensino Médio, para Jonas, tem efeito curador para algumas vivências de humilhação:

Os próprios professores: - Essa escola é horrível, né? Ninguém queria dar aula lá. Eu lembro que tinha uma tia minha que trabalhava na escola... não, tinha uma amiga que trabalhava na escola: Ninguém gosta de dar aula naquela escola, só botam os professores ruins lá... E é um negócio que se você deixa levar, você coloca aquilo na mente que você não vai... você estudou na escola ruim, você está condenado... se você deixar levar, contaminar seu subconsciente você não vai para lugar nenhum. Então tem essa transição para o segundo grau, tem esse resgate que a gente tinha o... para gente, a melhor escola da região na época era o Jácomo. E tinha o vestibulinho que não era fácil. Não era um vestibulinho fácil, era super disputado, e era uma

escola super conceituada. E a gente, eu pude ouvir, vocês não vão conseguir, todo mundo praticamente, todos os colegas que prestaram o vestibulinho, nós conseguimos passar no colégio melhor. Então foi legal, foi uma resposta: - Nosso colégio não era tão ruim assim. A gente conseguiu tirar leite de pedra. Não foi só eu. A gente teve professores bons... Mas claro, esses bons são os idealistas, que não entregaram os pontos ainda... Isso em qualquer área você encontra. Mais ou menos eu vivo isso na minha carreira. Tem uns lá que já se entregaram: - Vou me aposentar aqui, tá bom... não tá muito bom, mas tá bom! Vou levando, vou ficar aqui, esperando me aposentar. E eu não, não entreguei meus pontos ainda, nem pretendo entregar.

Quando começa a trabalhar, é atraído pela *noção superficial de riqueza e poder*, para *ter coisas*, e se assusta quando vê colegas saindo precocemente da escola, fato estatisticamente muito comum nas camadas economicamente mais pobres da sociedade, mas que, quando tão próximas, assustam, pois vai de encontro a sua percepção de insegurança e instabilidade econômica, já vividas no desemprego de pai e tios. O trabalho não parecia, num primeiro momento, atrapalhar o estudo, porém, durante um período no Ensino Médio precisou acordar às três da manhã para poder dar conta dos trabalhos escolares, antes de iniciar a rotina normal do dia, chegando ao que ele chama de *automatismo* e *fase zumbi*: começava a ter consciência quando já havia chegado ao trabalho ou estava no ônibus, sem conseguir lembrar-se como havia chegado até lá. É incrível aqui a semelhança com o diário de fábrica de Simone Weil:

Descendo a rampa do metrô, ao sair da fábrica, vem uma angústia assaltar o pensamento: será que vou encontrar um lugar sentado? Seria muito duro ter de ficar de pé. Mas é comum viajar de pé. Cuidado então que o excesso de cansaço o impeça de dormir! Aí seria preciso forçar ainda um pouco mais no dia seguinte. (1990, p. 123)

Seu desejo por estudo em muitos momentos aparece associado em parte a empregabilidade, a uma busca por segurança frente ao incerto e volúvel mercado de trabalho, porém também a um desejo de crescimento psicossocial e, podemos supor, de ter a oportunidade de desenvolver o potencial que ele percebe em si mesmo. Ele achava que *só por entrar numa universidade de ponta iria trabalhar na área*, porém:

“... mesmo depois de formado, a marca... persiste, mano, persiste! Você tem... digamos que o mercado é cruel, você não consegue tirar a diferença. Hoje eu

consigo ser prático. Tem dia que eu consegui, fiz tudo certo, pô, só não tenho inglês, fiz tudo certo. Ah, mas tem tanta gente na mesma condição que você, que o cara pode escolher: “Vou desprezar”. Nessa daí vai um monte de gente boa... Como ele considera quem tem um potencial legal? Tal, estou correndo atrás disso... O “retroceder nunca, render-se jamais”, né? Que eu tenho o potencial, mas, muitas vezes, eu não tenho oportunidade. [...] Tem um diferencial que eu falo, hoje, tem um peso, você fica marcado mais ou menos para sempre.” [...] vamos dizer assim, a gente sempre teve aquele desejo de ser alguma coisa, de tentar acho que... não só provar para você que você pode, mas que, acho que o mais chocante para gente, que a gente traz a... ... aquelas pessoas que achavam que era impossível.

Observando os comentários de Jonas sobre a graduação e mercado de trabalho, já como Economista, podemos supor os sentidos que a universidade pública tinha para ele antes de ser aprovado no vestibular. Cursar uma faculdade pública era *recuperar o tempo perdido*, *tirar a diferença*, de onde podemos supor que também comportava a oportunidade e o desejo de ser tratado como igual:

*“como eu tenho dificuldades para... uma dificuldade que não se supera, depois a gente pode até conversar, o que eu estava falando. Então, não adianta só entrar na universidade e se formar [...] Claro, que você pensa que quando se formar todos os problemas vão estar resolvidos, você vai conseguir passar no trainee daquela multinacional, e ganhar quatro mil reais por mês, que você vai conseguir... **você acha que você conseguiu recuperar todo o tempo perdido.** Isso é uma reflexão que eu tenho hoje, até meio cruel, de ver o pessoal entrando na universidade e achar que só por entrar, só por estar, você vai conseguir trabalhar na área, você vai ter o seu status, alguns conseguem, **mas não é só a graduação, tem tudo o que envolve.** Então, o dinheiro não... não é só fazer universidade, não é só fazer universidade, alguns conseguem driblar... Eu sempre brinco, eu falo no meu caso eu sempre estou correndo atrás de alguma coisa, de alguma tecnologia, de alguma coisa.”[grifo nosso]*

Se observarmos seu desejo precoce por estudar Economia e os sentidos que essa vontade assumem, veremos novamente a busca pela igualdade como um princípio que norteia suas escolhas:

*“quando eu decidi ser economista, buscar fazer Economia, foi na oitava série, que eu falei: “**Ah, não acredito que vou viver num mundo assim tão desigual!**”[...] **então vou ser economista, porque eu formulo as políticas e acabo com isso.** Então é o que eu pensava na época. [...] Não tinha essas palavras, teorizar, tinha... mentalidade de oitava série, resolver problemas, tal...”*

Estudar Economia não era só *garantir a empregabilidade*, nas suas palavras, mas principalmente era seguir o chamado daquilo que ele, desde cedo, percebe como vocação. A

maneira como Jonas vê a realização de si, transcendendo a questão do profissional, era lutando contra as desigualdades do mundo.

O cursinho surge na sua história quando ele, depois de não conseguir passar pela primeira fase da FUVEST, percebe que precisaria de ajuda nessa empreitada: *vou fazer o cursinho porque sozinho não deu*. Ficou sabendo do Cursinho por meio de panfletos distribuídos na rua e por reportagens na televisão, e rapidamente este adquire para ele o sentido de única oportunidade de ter acesso ao ensino superior, de *tirar a marca da pobreza*. Esperava que lá fosse *a chance, o elo realmente [...] revisar as coisas que eu não via na escola e que já deveria ter visto*, que fosse o elo entre ele e o sonho de universidade, a proposta formal de qualquer cursinho.

Na seleção para o Cursinho ele tem o sentimento paradoxal de ter de ser pobre para poder estar dentro, quando por toda sua vida precisou “ter para ser”, e sente-se constrangido. O sentimento de pobreza aparece em todos os depoentes e será discutido mais longamente no próximo capítulo.

Quando inicia o Cursinho, o que mais lhe chamava a atenção era a animação dos alunos, desde manhã até o fim das aulas, que “isso dava uma força um para o outro”: parece que o sentimento de grupo apoia seu ânimo e o impulsiona a continuar estudando, pois não parecia mais uma luta solitária.

Depois de mais ou menos quatro meses de cursinho, já havia se constituído uma turma que ele sentia que tinha objetivos de vida parecidos, que “desejava chegar em algum lugar”, que dividia as dificuldades e confraternizava juntos, sempre no espaço do cursinho. Era difícil, pela grande distâncias entre as casas e a rotina de trabalho, encontrarem-se fora do cursinho.

Jonas aponta o compromisso dos professores, e como conseqüências aulas mais interessantes, como o grande contraponto com a escola. Também aponta a mudança de atitude

dos alunos, que “estão lá porque querem”, como fundamental para que aconteça o aprendizado. O cursinho aparece como um lugar que reúne pessoas com objetivos em comum, pessoas, nas suas palavras “que sabem o que querem”: “Depois de três meses, acho que já havia separado o joio do trigo...”.

Sete horas da manhã, estava todo mundo animado... Acho que isso era o que um dava força para o outro, que era animação mesmo. [...] A gente era um grupo um pouquinho mais, não sei se mais centrado... Você acaba procurando pessoas parecidas com você. Para tudo. Nosso grupo, acho que ninguém desistiu... de muito fácil.

Esse encontro com pessoas com idéias próximas, no caso, com o intuito de continuar a formação letrada, tornava mais suportáveis as dificuldades ligadas a *recuperar o tempo perdido*. Os espaços no Cursinho eram vivos, carregados de sentimentos e histórias, tanto no primeiro ano de cursinho, dentro da USP, quanto no segundo ano, no prédio da Rua Alvarenga. Ele relata:

Era pequeno o projeto. Não tinha muita... Não tinha infra-estrutura, não tinha prédio próprio, não tinha nada próprio... Depois teve aquelas mudanças, depois foi para o Alvarenga... Era legal, o pessoal enquanto estava lá todo mundo era unido, era super legal, era uma união.

Entretanto, em diversas passagens Jonas indica que o Cursinho compartilhava com os cidadãos das classes pobres a instabilidade da continuidade de existência e de ter um lugar próprio que permitisse a continuidade de habitar:

A gente fez um cursinho popular, a gente conseguiu ser expulso do cursinho! Expulso assim, da sala, depois o cursinho acabou achando o seu espaço. Era um cursinho interativo... ahahahah... Ah, hoje estamos no estacionamento da Letras, amanhã no Alvarenga, depois não sabemos onde! Hahahahaha. Parece... um circo! No bom sentido do circo, com todo o respeito ao pessoal do circo, é claro, né! Inclusive tinha esta dificuldade a mais né? Todo aquele contexto, para nós era a única oportunidade, no meu caso não tinha outra alternativa, ou eu passava em escola pública ou desistia!

Jonas aponta o compromisso dos professores como o grande contraponto com a escola. Como conseqüências, ele diz, as aulas eram mais interessantes. Também percebe a mudança de atitude dos alunos como fundamental para que aconteça o aprendizado:

As aulas eram mais dinâmicas, era diferentes de tudo aquilo que a gente viu até então. Eram aulas na maioria das vezes interessantes, os professores usavam às

vezes de artifícios, assim de técnicas de cursinho, músicas, de piadinhas... Parecia que era solto do contexto mais você lembrava, você gravava. Então, dessas aulas, eu não esqueço das aulas do professor Marcos de História. Eram aulas que se caísse um alfinete no chão, você ouvia o alfinete caindo, porque a atenção era quase uma devoção! Era uma coisa incrível assim, na sala todo mundo com aquele olho vidrado, brilhando, vendo o professor dar a aula dele, às vezes fazia a brincadeira dele, mas era uma aula assim era quase um nirvana coletivo!!
 [...] A contraposição que dá é essa com o cursinho, do professor tentar prender... Não tem essa, você tá lá porque você quer, você não é obrigado. Ninguém está apontando o dedo para você, ou uma arma, “você vai lá no cursinho fica lá um sábado inteiro e depois você volta, tá? E faz a lição e se comporta!” Então tem uma mudança de postura.

Jonas parece buscar reconhecimento quando busca o ensino superior, poderia interpretar como uma busca por um rosto? Preciso ressaltar também a felicidade que ele sente quando encontra um colega de cursinho em Araraquara, fazendo Economia também: *A surpresa, você pensa que está sozinho entre a gente....*

Uma das características mais fortes de Jonas é sua perseverança. Desde pequeno, ele demonstra, mesmo com um sempre presente sentimento de inferioridade, uma grande tenacidade frente as dificuldades que encontra em sua trajetória.

*“... a minha história, talvez seja interessante pela persistência. No primeiro ano, para entrar no cursinho, eu saí do trabalho em outubro. Eu trabalhava numa papelaria, não registrado, eu falei: Vou sair do trabalho em outubro. Todo mundo: Você está louco, vai sair do serviço assim? E vai fazer como? – Vou sair. **Vou sair que eu não quero ficar atrás do balcão, virar papeleiro para sempre, ficar vendendo embalaginha de presente não vai me levar para lugar nenhum.** Eu quero ser economista, porque eu quero, porque eu quero...[...] Eu tive que brigar com meu pai para sair do serviço, para me dedicar só ao vestibular, de outubro até as provas de janeiro. Então fiquei só estudando. Foi o ano que, se eu não me engano, não passei para segunda fase por causa de um ponto. Fiquei arrasado. Faltou um ponto para nota de corte. Também não ia adiantar, né? Mas, naquela época, está valendo! [...] **Não tinha muita chance, mas, era aquela, né... você precisava de alguma coisa para se apegar que não era ilusão tudo aquilo que você estava fazendo.**” [grifo nosso]*

No segundo ano de cursinho, “refaz os cálculos” e “não obstante ter saído do emprego uma vez, sai de novo”, dessa vez um pouco antes, em agosto, e precisa enfrentar seus pais para assumir mais uma vez o risco. Seu grande impasse no cursinho era “estar fazendo algo que não sabe se vai dar certo”. Novamente, o persistente sentimento de insegurança. Não é sem angústia que ele tenta um destino diferente, de seguir um caminho de que seus amigos de

escola e colegas de trabalho duvidam ou desdenhavam, e vive sentimentos de culpa ao brigar com seus pais que sempre o apoiaram. Como já discutido antes, o tempo é socialmente construído, e é um fator determinante na possibilidade de participação na cultura letrada. Jonas percebe a importância que o tempo assume antes mesmo do Cursinho, porém, devido a situação material da sua família, não pode abrir mão do trabalho antes do prazo que havia estipulado. Além disso, largar o emprego lhe custa um constrangimento com sua família, que ele sente sempre tê-lo apoiado, entretanto, precisou se opor a eles nesse momento.

Sua estratégia desta vez funciona, e ele consegue ser aprovado em Economia na UNESP. É interessante aqui a alegria pelo inesperado encontro de um colega de cursinho, que curiosamente acaba por ficar na mesma república que ele, e ele ressalta que *pensava que estaria ali sozinho*. Um amigo do cursinho valeu, nesse momento, para sentir-se acompanhado em outra cidade para começar sua vida acadêmica.

5.3.1 Resumo Biográfico de Daniel

Você começa a contar histórias... E também eu comecei a ver, a me sentir menos... menos marginal nessa história... Então, espera aí, estou construindo minha história, o problema então é que... essa história é a minha, e essa história só eu vou poder contar, segundo as minhas escolhas, as minhas opções... E eu acho importante me esmerar, me orientar... que é uma coisa que importa para mim, e divulgar isso também, e passar isso para outras pessoas...

Daniel foi aluno do cursinho em 1997, quando este se localizava na Rua Alvarenga, conseguindo no mesmo ano ser aprovado no vestibular para o curso de Psicologia da USP. Nasceu no já extinto Hospital Matarazzo, apesar da família morar no Jardim Educandário, bairro periférico da zona oeste de São Paulo, onde cresceu e mora até hoje.

Seus pais casaram-se no Paraná e migraram para São Paulo no final da década de oitenta, atraída pelo crescimento da cidade, que era vista como o “Eldorado”, segundo o depoente. As famílias materna e paterna migraram várias vezes de cidade e estado, trabalhando geralmente como trabalhadores braçais ou em empregos que exigissem baixa formação, já que pais e avós possuem baixa escolarização.

E a história... na verdade, estava apagada. Essas coisas eu só fui descobrindo quando alguém foi me falando, porque... não foram coisas que eu tinha claramente na minha memória. Eu vivi, tal, mas eu não... Não registrei formalmente... então as outras pessoas que viveram é que me relatam... Me relataram daí eu... Eu fiquei curioso de entender, de ver o que é que é, mas eu não... Não vou ver daquela época, eu vejo desta época que eu estou redescobrando essas coisas. Não é a mesma coisa, então fico imaginando como é que foi aquilo, como era aquela situação... Mas acho que essas curiosidades pintaram mesmo mais assim... Já nessa vida adulta. Na adolescência eu não tinha... Eu não conseguia, acho que eu não tinha me atinado com essas questões... A família... eu estava seguindo o ritmo assim... digamos, o “ritmo da diáspora”: os galhos vão sendo criados e quebrados na família.

Sobre sua história familiar relata ser difícil compor um quadro, pois as informações de que dispões são todas fragmentadas e há muitos pontos da história que aqueles que testemunharam não querem se pronunciar. A história familiar apagada ou fraturada, o *ritmo da diáspora*, e o interesse e busca pela própria história já na vida adulta: Daniel sente a necessidade de um trabalho de reconstrução, mas sente-se solitário nessa empreitada. No

momento em que começa a se interessar pela história da família e da própria, descobre os alguns dos motivos dos distanciamentos e percebe que poucas pessoas sentem-se a vontade em conversar sobre isso:

houve uma época que eu estava muito (pausa) curioso sobre essas coisas, daí eu comecei a conversar, a procurar, comecei a perguntar para meus tios o que havia acontecido. Aí você começa ver as broncas que eles tinham entre eles, as intrigas que já foram separando, os desentendimentos...

Na família da mãe eram seis irmãos contando com ela, e ela era a mais velha e tinha uma relação de mãe, de cuidados com os outros irmãos, e parece que por esse motivo ela é mais respeitada e não tem tantas *rusgas* quanto os outros irmãos entre si. Na família do pai são quatro irmãos e ele é o caçula, morando dois em São Paulo, um em Limeira e outro em Arapongas.

Estudou o ensino fundamental em três escolas municipais, todas próximas a sua casa. O fato de sua mãe trabalhar na escola em que ele estudou a maior parte do ensino fundamental fez lhe enorme diferença, pois conferia um tratamento pessoal, uma aparência, que ele percebia que outros alunos não tinham:

A minha mãe trabalhava na escola...[...] É, uma parte do meu curso primário foi feito em escolas, de primeiro grau, foi feito em escolas em que minha mãe trabalhou. Às vezes não no mesmo horário, mas ela trabalhava. Teve uma escola que era uma tia que trabalhava. Eu me sentia um pouco vigiado. (risos) [...] Mas acho que por outro lado também, isso é uma consciência que eu tenho hoje, eu acho que eu também fui um pouco beneficiado por isso. Acho que havia uma atenção... especial, um cuidado, porque eu era filho da Luzia, sabe? Aí tem uma relação diferenciada, que não é só um guri, é um guri que é filho da Luzia. Retomar uma relação personalizada, tem um...[...] Eu sei assim de muitos colegas... que eram pessoas que eram maltratadas na escola. Eu vi isso, e isso hoje... E foda que na época eu não também tinha muita clareza disso. Eram bagunceiros, não sei o que lá... Eles chegavam para a minha mãe e falavam: “ele tem que estudar isso, não sei o que mais, ele está muito bagunceiro, ele...” Que não era a mesma coisa com alguns colegas. Principalmente os colegas mais pobres, eu sinto um pouco isso. E era curioso porque você fala, “pô, eu aprendi a soltar pipa, a jogar peão com esses caras, eles me ensinaram isso”. E eu... não tinha recursos para ajudá-los a se inserir na escola, e na escola, eles foram praticamente expulsos da escola. A escola não queria eles lá, porque eles não estavam dentro... Eles tinham uma vida acho que fora da escola e eu não tinha.

Daniel gostava de estudar e gostava da escola: tendo ajudado a organizar o grêmio estudantil e “agitar passeios” para vários lugares da cidade.

Aos treze anos passou por uma cirurgia no coração, um momento marcante da sua vida: *houve um antes e um depois*.

Estimulado por uma professora, para o Ensino Médio prestou os vestibulinhos da Escola Técnica Federal e do Liceu de Artes e Ofícios, sendo aprovado em Mecânica neste último:

Nossos professores, eu lembro que os professores falavam, eu lembro que os professores no final do curso perguntavam: “O que é que vocês vão fazer?”, e ninguém falava quase nada, ninguém sabia direito... E aí os professores investiam naqueles que falavam alguma coisa. Tentavam... davam algum suporte, mas eles sabiam também que com aquela escolarização não dava para ficar escolhendo muito... [...] Entrei em Mecânica, porque daí não tinha muita escolha. E eu também não sabia o que fazer.[...]É, me lancei assim.

Relata que o ensino médio foi importante por fazê-lo descobrir uma disciplina no estudo que ele não havia conhecido no ensino fundamental.

Eu acho que o ensino médio turbinou, me deu uma rotina de disciplina que eu já tinha um pouco do primeiro grau, só que ela era um pouco dispersa. Eu não era tão exigido, a perspectiva não era essa...

Entretanto, a experiência do colégio técnico também o marcou por ele sentir que ali se ensinava para a alienação, e não para a vida. Vivía a ambigüidade de fazer parte de dois mundos diferentes, e de sentir-se apartado dos dois: os antigos colegas de escola o exultavam pelo êxito em entrar no Liceu, e os colegas de Liceu vinham de um lugar diferente que ele, e viviam também de modo diferente:

Porque a minha vontade era botar fogo, explodir... Eu preciso defender a escola pública, não ficar defendendo escola da classe média da zona norte. Tem que ter interesse público, os caras falam que formaram não sei quem lá, mas na verdade eles faziam um curso técnico profissional para a alienação das pessoas. Pra gente não pensar nas nossas diferenças... Vou ficar defendendo isso?[...] Fiz o curso técnico de mecânica. Só que assim... no segundo ano eu já tinha clareza que... Não tinha nada a... Eu curtia as aulas de Geografia... Sabe, o professor doido varrido, questionando o capitalismo, falando do marxismo... Falava: “Cara, esse cara é maluco mas é assim que eu me sinto... nessa escola”. Tem um monte de gente da classe média, da Zona Norte, assim, sabe? O pessoal indo para as baladas e eu... Aquelas meninas, eu achava maravilhosas, mas nenhuma... O que eu ia fazer com elas? Não tinha como chegar, convidar para sair um dia... eu... Me sentia meio fora.[...] Nessa época eu me sentia um pouco... prestigiado por estar fazendo o Liceu de Artes e Ofícios. Embora lá eu me sentisse... era um daqueles que ficava para trás. [...] Assim, entre as pessoas eu era um pouco auto-segregado e era segregado por eles também... um pouco assim, por conta da impossibilidade de ficar

se gastando dinheiro, acompanhar o gasto... essas coisas sempre me marcando muito, assim... mas, a parte... e... a parte de formação também, que eu penava em umas matérias!

Quando ele se decidiu por este Cursinho já tinha um plano, ainda que vago, do caminho que desejava seguir, e para alcançar seu objetivo percebeu que precisaria da ajuda de um cursinho. Sua escolha, assim como a dos demais depoentes, se deu pela possibilidade de pagar as mensalidades, ou “taxa de manutenção”, nas palavras do manual do candidato.

Ele trabalhava numa papelaria quando começaram as aulas no Cursinho, e quando teve consciência do tamanho do investimento que seu projeto, estudar numa universidade pública, pediria, decidiu largar o emprego. Relata que o ano de Cursinho foi financeiramente um dos mais difíceis para ele e, curiosamente, aquele em que viveu mais intensamente a cultura da cidade.

5.3.2 Análise do Depoimento de Daniel

Assim como Madalena, Daniel também parece movido por um desejo de sentido para a própria existência, porém, em seu caso, um sentido que transcendesse a mera sobrevivência e o tirasse do isolamento.

Seu questionamento acerca da história familiar é uma tentativa de buscar os sentidos de sua própria história: diferenciar-se daquilo que é *herança familiar*, diferenciar *aquilo que é seu e aquilo que é da sua família*. Reconstruir a história familiar é também um modo de compreender sua própria trajetória e, desse modo, poder projetar seu futuro. Distinguir-se de sua família não é apartar-se dela, mas sim construir um caminho próprio, singular. Há certas formas de ser no mundo que ele teme repetir, e a possibilidade de construir uma trajetória diferenciada delas estaria no conhecimento dessas histórias e de si mesmo, do quanto foi formado por elas. Assim como Jonas, Daniel é filho de migrantes que vieram para São Paulo

em busca do que ele próprio nomeou *Eldorado*. Apesar de sua busca, relata ainda não conseguir formar um quadro com as informações que tem, pois há muitas fraturas entre as histórias, e *quem sabe não quer falar*. Talvez sua dificuldade com redações, relatada quando falava sobre as provas do vestibular, se relacione com sua história de vida, na qual as narrativas biográficas de seus familiares lhe chegam fraturadas, ou como um silêncio enigmático, algo que comporta uma vivência de dor que ninguém, exceto ele próprio, parece querer tocar. Daniel parece movido pela necessidade de reconhecimento de suas escolhas como válidas e pessoais: quem é este que se lança, de onde vem e porque vai? Sua busca pelas trajetórias existenciais conectadas à sua aponta a busca de enraizamento na possibilidade de o sentido ganhar corpo a partir da história narrada, mas no momento em que isso começa a ser realizado vemos que começa a se desenhar outra questão: o significado que se pode atribuir para a própria vida a partir do percurso narrado se mostra em aberto e sempre estará inacabado.

O jovem Daniel, vivendo desde muito cedo sob uma perspectiva de risco de morte, [(*Tanto que o resto do trabalho de... atendimento para o coração, que eu tive, não foi mais lá* (no hospital onde nasceu)], não conseguia vislumbrar no horizonte um tempo além do presente. Ele estava vivendo, sob este prisma, um impedimento simbólico:

na época eu nem estava preocupado assim com o que eu iria fazer da vida... Aliás, minha vida não sabia nem se ia ter, que as coisas da cirurgia também... por mais que não quisesse assumir que ficava com medo, ia ser um hiato... tinha um antes e um depois... [...] Não sabia o que iam encontrar além do que tinham examinado de fora. [...] Sabiam, mas esse saber... Uma cirurgia é sempre uma cirurgia... Desde uma cirurgia de dente alguém pode ter um colapso, para retirar um dente... é uma coisa, naturalmente, mais complexa, que pode ter rejeição até depois...

O sentido da vida implica que ela possa se abrir para o seu futuro, porém, parece-nos que o sentido da vida de Daniel ficou inter-ditado no seu trabalho de constituição. Diante da perspectiva de incerteza frente a própria sobrevivência, o aspecto que se sobressai é antes o da própria necessidade. O pensamento e o julgamento da própria trajetória existencial não se

mostram frente a ela, mas se iniciam num momento posterior, no qual a possibilidade de continuidade da própria existência e a proximidade do risco para si mesmo acabam por dirigir Daniel a uma busca por sentido ainda tateante e pouco referenciada.

eu até, hoje em dia, eu lembro, vira e mexe eu lembro disso, que eu não tinha uma perspectiva do que eu ia fazer... eu nunca pensava claramente o que eu ia ser quando adulto, entendeu?[...] Porque eu também nunca imaginava que ia chegar aos trinta anos, aos vinte cinco... Acho que até aos dezoito... com dezoito anos eu vou ter emancipação, é isso! Eu não tinha, eu não conseguia pensar o futuro, sabe?[...] Talvez eu tenha começado a parar mais para pensar nisso depois da cirurgia que eu fiz... perto da cirurgia eu tinha uma impressão assim: “Se eu sobreviver, vamos ver o que vai dar, vou ver se eu faço minha vida diferente”. De fato, eu mudei muita coisa, umas coisas foram mais rápidas e outras mais devagar... mas tinha um medo, assim... Eu não pensava em relação ao futuro.

Quando alguém não consegue projetar um destino possível para si mesmo, não consegue perceber claramente sentidos para a própria vida, tampouco construí-los solidamente. O sentido vincula-se com as expectativas e perspectivas esperadas e construídas para a própria vida e aos princípios e referências que regem os próprios modos de lidar com as situações de vida e os contatos com a morte. Quando passa pela cirurgia de seu coração, e vive com ela o risco de morte, Daniel passa a vislumbrar em seu horizonte um destino possível para sua vida, a projetar-se, e começa a buscar referências dentro de sua própria família, como se pode observar quando ele cita haver procurado informações junto a dois tios. Entretanto, as referências mais fortes parecem ser a vividas na escola, onde relatou se sentir seguro até o final do ensino fundamental. Aponta a falta de diálogo e de *sentimento do coletivo* em casa como motivadores para buscar a experiência de comunidade no ensino superior. Não conversa com o pai, em certo momento da entrevista relatou sentir medo de ser “defenestrado” de casa. Sua mãe sempre foi mais próxima, porém, ele relata faltar compreensão no diálogo com ela. Deste modo, a busca por outros espaços de troca, diálogo e significação coletiva das experiências conduziu Daniel à experiência comunitária, tanto em situações do bairro e da escola quanto em situações posteriores no cursinho, pela participação em atividades de diferentes grupos.

Ao abordar a dificuldade de diálogo no contexto familiar, Daniel refere uma identificação de si mesmo com os camelôs nas ruas, impedidos de trabalhar. Nesta comparação realizada pelo depoente, desvela-se o sentimento de exclusão do curso oficialmente estabelecido dos espaços sociais: sua relação e sua compreensão da família não se assemelha à imagem de apoio e diálogo presente no imaginário coletivo. Tampouco, a experiência escolar ocorre de modo que Daniel se sinta completamente integrado. Se no primário ele relata ter possuído um espaço relativamente protegido pelo fato de sua mãe trabalhar na escola, há também no seu relato um sentimento de ambigüidade e angústia pela percepção das situações de exclusão, humilhação e marginalização pelas quais passam alguns de seus colegas. Articulado a uma constituição marginal de sua trajetória, vinculando-se a espaços procurados e inventados: o espaço do grêmio, o espaço da turma que joga vôlei, o conhecimento dos lugares públicos da cidade são antes espaços procurados, e não espaços dados aos quais Daniel se adaptou. Esta percepção de si mesmo por meio de um distanciamento do outro nos contextos em que vive intensifica-se no ensino médio, estudando no Liceu de Artes e Ofícios, quando relata vivências de humilhação social e o sentimento de rebaixamento:

*Havia, eu senti um... choque... de classe. Hoje eu chamo choque de classes, na época eu não tinha essa noção. **Eu achava que era porque eu era errado, porque eu tinha algum defeito, alguma coisa assim. Porque eu sou um idiota, eu pensei isso. É porque eu sou pobre, negro... mas eu achava que eu é que estava errado. Isso me marcou muito, aquela época, era meio... difícil ir para a escola.** Eu lembro que no final eu não tava muito afim de ir para escola, eu ia para a escola... para ver uma moça. Para vê-la, era uma moça que eu achava linda, uma moça morena de cabelo liso. Eu ficava admirando, assim, eu adorava, ela entrava na escola e saía da escola... Eu nem queria chegar perto dela para não arranjar encrenca, não era para o meu bico, entendeu? Então o negócio lá era assim: passar a bola, passar com manteiga, zapt... Encerrava, entregava e volta. E aí... agora aproveitar esse investimento acadêmico, que eu acho que fez muita diferença, no cursinho... Eu achei que foi mais rápido pegar o ritmo do que alguns colegas. Então já tava assim com um pouco essa traquinagem, de estudar.[grifos nossos]*

A questão da atribuição e constituição de sentido na orientação da própria trajetória está relacionada com a vocação, entendida como algo que está para além da vida profissional,

que não é ocupação: ela relaciona-se às escolhas cotidianas que compõem um destinar-se, um direcionamento de si que implica uma interpretação e uma nomeação da experiência de si e do mundo. Em meio às dificuldades de diálogo entre seus pares e, deste modo, de ampliação das possibilidades de nomeação e significação para suas escolhas e para os eventos de sua experiência, Daniel sente falta de referências na família que possam alicerçar e permitam refletir sobre a escolha de continuar estudando.

Super difícil, deve ser um gênio! Ai, que merda, cara... Mas era isso. Essa era a impressão que dava. Daí por diante não tinha mais que conversar disso, porque já sabia. Dava a impressão de que era uma coisa boa. Isso não começou aí nem terminou aí. Não começou aí porque também, só depois que eu fiz o colégio técnico é que foram saber o que é que era o colégio técnico, essas coisas: “Então, eu quero fazer o colégio técnico, pagar a inscrição, senão eu vou ver um outro jeito, vou estudar, senão eu vou tentar ver onde eu faço matrícula, que eu queria uma escola boa no ensino médio”. Que eu tinha essa perspectiva de continuar estudando. Agora, não terminou aí porque, por exemplo, quando eu passei no vestibular, acho que foi só depois que eu entrei na faculdade que o meu pai ficou sabendo que eu faria Psicologia. Acho que meses depois... Não era uma coisa que estava... Não era referência, o que eu escolhi não era uma referência. Acho que fica bem claro que era uma diferença bem grande no relacionamento que eu tenho com a minha mãe e com o meu pai. Com a minha mãe eu acho que eu até conversava. Mas ela... para ela, tudo encantador. Se eu fosse fazer medicina, biblioteconomia, terapia corporal, o importante, é legal fazer isso, é meu filho também, ela... Meu pai não tinha diálogo, meu pai, eu tava querendo sair de casa por causa disso, por causa encrencas que davam aqui, então eu não tinha vontade também de ficar discutindo isso com ele...

É no cursinho, por meio do contato com a história de vida dos professores e com pessoas que também escolheram estudar, na confluência de diversas origens e motivações, que ele parece encontrar referências que o possibilitassem legitimar sua escolha. O espaço para a troca de experiências pelo relato das histórias narradas encontra um lugar de legitimação e a possibilidade de acesso a múltiplos meios de informação se torna concreta. Deste modo, a alteridade e a diversidade podem ser abarcadas como aspectos enriquecedores da experiência, e não como elementos promotores de uma diferenciação excludente em relação ao outro. Esta mesma alteridade encontra lugar na diversificação de aspectos no interior de uma mesma trajetória de vida, que Daniel percebe em alguns colegas e professores, colorindo de muitos matizes as possibilidades existenciais que ele começa a vislumbrar.

Então, as conversas eram com os meus amigos mais próximos, buscar informações nas revistas, ficava ligado quando tinha alguma coisa na televisão e quando eu entrei no Cursinho Popular eu achei bárbaro! Porque aí tinham os professores do Cursinho Popular, eu achava... Aí sim, ali era um encontro, eu tinha os pares, com umas histórias muito parecidas, e tinha os professores, a trajetória dos professores, eu achava muito bacana, trajetórias assim... Pessoas também, alguns eram pessoas mais abastadas e outros eram pessoas que tinham vindo de classe pobre também. Então ali tinha uma diversidade possível e assim de trajetórias em que eu podia me espelhar, porque tinha uma confluência comum que era o interesse por causas sociais.[...] É, porque eles tinham vidas profissionais também, não eram só... Alguns, suas profissões eram de professor só, outros trabalhavam em fábrica, trabalhavam em escritório, trabalhavam em locais de pesquisas, institutos de pesquisa, então havia... Muitas formas, muitas trajetórias possíveis ali. Então... Eu achei um momento enriquecedor, foi um momento de muito crescimento, de tomada de consciência de várias coisas e... de adensamento de um plano de vida.

Ao mesmo tempo em que davam uma referência de vida aos alunos, com a narração da própria história, os professores criavam, por intermédio delas, uma paisagem humana no cursinho. Esta paisagem se mostrava como importante fomento para o desenvolvimento de um projeto de vida pessoal, singular, dos alunos, articulando a experiência de continuidade nos estudos, os próprios conteúdos da aula e a perspectiva da universidade ao sentimento e percepção individual, contribuindo para carregar de sentido a experiência de aprendizagem.

Tinha uma coisa no cursinho é interessante, que é bacana, assim, que eu até fico um pouco...[...]É que essa troca de experiência, os professores trocavam suas experiências... Então, se aproximavam: “Ó, aconteceu isso comigo, você pode passar por isso, pode acontecer isso, pode acontecer aquilo, mas tem isso, tem isso, aproveita o caminho, o cursinho, faça isso, leia, saia...”. Muito assim, eles relatavam as histórias para a gente. Isso desde o começo, então para além do formal, tem a regra, tem o pagamento, tem a apostila, tem isso. Então eles contavam histórias enquanto iam ensinando, as próprias histórias inclusive... Eu aposto que algumas... inventadas, pelo jeito.

Os professores não estavam fazendo espetáculo propriamente, até um ou outro queria, mas não era bem isso, assim. Pegava muito nessa coisa de relatar as histórias, contar... “Não, mas hoje”... Às vezes era uma história mais centrada na universidade, e às vezes era uma história, meio... da festa que foi e aí encontrou não sei quem... e aconteceu uma coisa lá... Era um pouco distração e ao mesmo tempo ia criando uma paisagem para o que a gente estava fazendo, eu acho.

Desta maneira, o cursinho adquire progressivamente um caráter muito vivo, cuja possibilidade de experiência plena se dá na integração e cesura de muitos aspectos do próprio cotidiano, que podem ser vivenciados como participantes de um mesmo sentido e direcionamento existencial. Neste sentido, a experiência do cursinho se diferencia do conjunto

das outras experiências educacionais de Daniel, que aborda uma diferença de inserção da escola em sua trajetória de vida neste espaço e em suas experiências escolares mais significativas, como as que ele havia possuído na infância, quando sua mãe trabalhava na escola. A diferença apontada por Daniel se refere ao sentido das referências criadas no espaço escolar e à sua própria inserção junto a outras pessoas. Se Daniel houvera podido ser acolhido na escola, este acolhimento não se relacionava à sua vivência ou ao modo como se senti em casa ou em relação a seus colegas. No cursinho, convivendo com pessoas que possuíam histórias e sonhos semelhantes, ampliando os próprios horizontes de compreensão e criando novos espaços de ação e discussão, Daniel experimentava um sentimento de pertencimento que se expressava em muitos planos – o do próprio estudo, o da convivência com outros, o do apoio para a constituição de um projeto de vida.

A minha vida tava atravessada pelo cursinho, eu estava estudando lá, estava trabalhando lá e estava me divertindo lá também, meu lazer era muitas vezes com pessoas de lá, era com atividades de lá, era com atividades indicadas por lá... [...] Eu não tinha encontrado, nem a escola fundamental tinha sido tão integradora como foi o cursinho para mim, sabe? Havia ainda uma cisão entre o que eu fazia na escola, o que eu fazia em casa, o que eu não fazia na escola nem fazia em casa... Acho que lá, foi um lugar que aquele convívio foi bastante integrador, assim, essas coisas, o lazer, o trabalho e o estudo, eles poderiam dialogar... Um não substitui o outro.

É na imersão em uma experiência de cesura de múltiplos aspectos de vida na convivência com pares que se orientam por objetivos de vida parecidos com os seus que se desvelam para Daniel diversas situações de compartilhamento de ideais e de manifestação de apoio mútuo. Ressalta-se, nesta perspectiva, a possibilidade de respeito e confiança nos pares que o espaço vivido e transformado pela participação de todos pode promover. Daniel relata o exemplo de livros comprados coletivamente, como meio de ilustrar o respeito à dimensão coletiva que se constituiu articulado ao sentimento de pertencimento a um espaço comum.

Eu lembro de uma coisa que foi muito bacana naquele ano que assim, tinha aquela coisa da literatura para o vestibular e apresentaram para a gente um conjunto de resumos e de livros, que podiam ser lidos, de orientações para a redação e tudo mais, eram quatro livros. Quem disse que eu tinha dinheiro para comprar aqueles quatro livros? Eu não tinha grana. Mas aí, não sei quem foi que deu a idéia, uma

galera, a gente nem se conhecia direito, estávamos sentados mais ou menos próximos, a gente resolveu comprar em conjunto, a gente fez um revezamento de livro. Quatro pessoas compraram, cada pessoa comprou um livro, agente combinou que cada um iria ficar um mês, um mês e pouquinho... Cara, eu achei sensacional, todo mundo pôde ler os quatro livros, até acho que eu tenho, um livro ficou comigo. Aquela sensação foi tão boa cara de agente conseguir colaborar um com o outro, porque cada um sozinho não compraria os quatro, não poderia lê-los daí e seria... E a gente provavelmente deu outra solução. Aí eu não lembro se fui eu que dei o cheque, acho que eu já tinha cheque na época, mas aí, enfim, alguma coisa a gente fez lá... [...] Foi chave, porque essas coisas foram importantes para a gente estudar desde o começo do ano, não ficar tudo para o final do ano. Então, teríamos aquele livro, não é como a biblioteca, que seriam quinze dias e depois tinha que devolver. Aquele lá a gente podia até emprestar para outros colegas. Eu achava essas coisas magníficas, é esse tipo de coisa que eu gostaria de fazer, eu me sinto bem fazendo, dá tesão, dá vontade de continuar aqui. Eu tinha acho que começado a viver um pouco no primeiro grau, mas perdi, e não tinha muita perspectiva e no ensino técnico era outra história, outra pegada... E aí no cursinho foi uma, aquelas metáforas da biologia, foi uma catalisação sabe? Uma aceleração de processos intensamente, de vários processos ao mesmo tempo.[...] Muito vivo. Muito vivo mesmo, intensamente vivo.

Quanto à diferença entre as aulas do Cursinho e da escola, tanto no ensino fundamental quanto no ensino técnico, ele percebe diferenças na disposição dos professores, vinculados afetivamente com seu trabalho, que representava um aspecto significativo de sua compreensão do mundo. Para além desta atitude e deste modo de estar dos professores, no entanto, a própria postura dos alunos também era outra, pois não se vinculava a uma compreensão funcionalista do ensino, mas à sua compreensão enquanto uma escolha integrada a um projeto de vida:

Na época eu achava que era por causa dos professores, só eles eram um máximo. Eles eram bons, aquela história, escola tradicional, escola pública, motivado. Depois eu fui ver logo em seguida, lá no final do ano, já estava percebendo um pouco mais essa coisa da política educacional, e eu comecei a perceber uma outra coisa que era importante: se juntava a flor da nata... dos estudantes da escola pública ou dos bolsistas, ou senão a gente pelo menos tinha a predisposição a querer aquilo, a gente desejava aquilo, então... [...] Os professores, eles tinham uma... eles tinham a faca e o queijo na mão para desenvolver um processo com a gente. Diferente de ficar dois terços, quase noventa por cento da turma desmotivada a querer aquilo. [...] Isso tem muito sentido e aquilo fazia muita diferença para a coisa rolar, as alunos estavam querendo aquilo. [Tinha uma fome ali] Tinha. Aquilo era um banquete para a gente. Então, essa diferença não era só dos professores, não era só do que era oferecido, era do que era buscado também. [...] tinha uma coisa até meio pragmática, estava todo mundo a fim de vestibular, de fazer uma boa prova, de entrar numa boa faculdade. É parte da vida, funcionava, não digo que não funcionava, só que havia um alinhamento ideológico forte.[...]

Um outro aspecto abordado por Daniel em relação aos professores se refere à proximidade de sua experiência em relação aos alunos. Assim, a atitude dos professores não se voltava para a criação de um distanciamento hierárquico e autoritário, mas à busca de proximidade da experiência com os alunos e na relação com eles. Esta proximidade é percebida por Daniel como um importante aspecto para o investimento no próprio projeto de vida: a identificação com a trajetória de alguns professores reorienta o projeto de ingresso no ensino superior enquanto um plano possível, e não um sonho distante. Além disso, a atividade de ensino propriamente dita era compreendida enquanto relacionada a outros aspectos da realidade, seja no plano político-social da preocupação com o acesso à universidade, seja no plano subjetivo de atenção ao aspecto emocional dos alunos na véspera do vestibular.

Muitos eram alunos da faculdade, vários... Os que não eram alunos às vezes trabalhavam na faculdade... Ou participavam de algum movimento social com relação à educação e tal... Ou eram pessoas engajadas, preocupadas com o acesso. Havia poucos que eram só profissionais... de educação. Quer dizer, estritamente: trabalhavam e viviam daquela renda e faziam um trabalho competente. Na ocasião, em geral [a aula] era um espetáculo, mas só que era um espetáculo com qualidade. Havia conteúdo. Não era só espetáculo, não era só decoreba. Estava lá a decoreba presente, mas estava ali uma lição de vida também... Havia muito professor de física dando oficina de relaxamento, por exemplo, no final do ano.[...]

Daí que a minha resposta vai sendo um pouco invertida porque com tudo isso eu não sei se os professores eram diferentes ou a relação era diferente das escolas que eu tinha tido antes. Porque eles davam aula também nas escolas públicas... E aí eu acho que era um contexto meio diferente, né. Lá eles não estavam catando alguns alunos que queriam ouvir. Lá eles eram a cereja do bolo, né? Se eles falassem uma patacoada para gente, a gente ia achar que estava certo. A não ser que a gente visse alguma coisa num livro e fosse lá perguntar para um professor para tirar dúvida. O professor ter a humildade de falar. Isso acontecia... De às vezes a gente questionar, de o professor não chegar no resultado certo, tal em geral eles eram muito humildes, né. De aceitar, eles erravam... Nesse frenesi todo, o próprio material tinha coisas erradas... Então eu acho que era um contexto de relacionamento também. Eles podiam agir diferente também, sabe, eu sentia isso. A impressão que dava era isso, assim... Que eles podiam agir diferente lá do que em outros lugares. Às vezes em cursinho particular, eles falavam, que dava aula para o pessoal mais rico e tal...

Daniel aponta ainda um investimento dos professores nos estudantes do cursinho, oriundo de uma crença na capacidade de dedicação e trabalho dos alunos. A própria percepção, pelos professores, da presença dos alunos no cursinho como uma conquista que

necessitou, para grande parte dos alunos, de esforços e sacrifícios transformou a relação estabelecida com eles. Por outro lado, a percepção, pelos alunos da confiança em sua capacidade é percebida como um elemento estimulante e favorecedor da aprendizagem.

(...) às vezes num tom até de “gente, vejam o que vocês estão fazendo” porque a galera está lá endinheirada, lá... eles têm tudo, mas não têm o que vocês têm, que é vontade, determinação, eles já têm tudo pronto, não sei o que lá... e enchendo a nossa bola também. Um investimento...

No potencial de vocês...

No potencial, quer dizer, bastante grande. Era um contexto diferente, eu acho que a gente agia diferente também... e eles agiam diferente.

O agir diferente deles era... como?

De acreditar no que estava fazendo, sabe? Dando bronca, às vezes dava uns petis lá com a galera que estava conversando mais, que eles achavam que deveria... E aí às vezes vinha professor que queria que conversasse. Mas eles permitiam ser diferentes uns dos outros, permitiam... Falar coisas: falar palavrão, fazer comentários, questionar aluno... Estar contando com a nossa agilidade de a gente pegar essas informações... É, com a agilidade de capturar essa informação e decodificar junto com as outras que ele falava e bola pra frente, e vamos lá, vamos pegar uma apostila, e vamos pegar um livro e vamos ouvir, vamos pôr uma palestra, vamos reunir informações e... Dar firmeza para o que a gente está estudando. Ver um programa, eu acho que eu passei a ver os filmes da TV cultura nessa época, porque eu tinha indicações, eles falavam. Tem isso, tem aquilo, tem aquilo outro, porque tem a ver com essa matéria, não tem, ah, porque tem aquele diretor, assim. [...] Eu achava os professores dedicados também, não era só uma coisa que tinha a ver com os alunos, não era só os alunos determinados não, isso era uma coisa que marcava ao longo do ano. No final do ano, a gente tava muito agitado, com muita preocupação e tal, e foi interessante ver as acolhidas dos professores, porque cada um tentava fazer uma coisa ao seu jeito, às vezes junto com outros professores, e tal, mas eles ficavam... ocupados com isso também, então não bastava uma boa revisão... do material. Precisava conversar, abria uns espaços, na própria aula, às vezes... Fazia uma revisão mais rápida para ele poder trocar umas idéias.

Daniel aponta ainda um outro elemento para ampliação de seus horizontes e ressignificação de seu universo educacional: estar neste cursinho, e próximo à USP, estrategicamente lhe abriu possibilidades de vivências de uma parte da cultura que ele não havia se apropriado antes. Tanto a ausência de informação quanto a falta de um grupo no qual a experiência cultural possa ser promovida e compartilhada mostraram-se, sob este aspecto, elementos importantes de distanciamento dos espaços culturais no contexto dos alunos de baixa renda. Quanto a esta questão, o cursinho possibilitou, tanto pela agregação e alunos interessados nestas experiências quanto pela facilitação das informações e do acesso aos

espaços culturais, a integração dos alunos em diversos espaços e ambientes dos quais estes se encontravam anteriormente excluídos.

De vez em quando pintava lá um cinema para ir, tinha na faixa. Aí juntava uma galera, um ligava para o outro e acabamos indo, ou o teatro lá da... Como a gente tinha essa proximidade estratégica com a USP, então o teatro da USP a gente foi várias vezes, ver peças lá. Era gratuito, como a gente tinha aula no sábado, dava um tempinho, esticava para o teatro. Eu não era assíduo do teatro, descobri um mundo novo para mim. Que era uma coisa que eu não tinha imaginado que podia acontecer, eu achei que foi um a mais que foi muito bem vindo. Eu não tinha imaginado que estrategicamente estar naquele lugar permitiria isso também. A gente fez algumas visitas às faculdades, tanto pelos programas que a usp oferecia, do “a universidade e as profissões”, que era um negócio que eu achava muito bacana, para conversar com quem estava lá mesmo... [...] Tudo bem que tem um viés e tal, mas na época eu tinha a impressão que aquilo ali tinha um valor para além do texto. A gente tava do lado da universidade pública, da USP. Havia também as apresentações musicais, essas coisas.[...]

Neste sentido, Daniel percebe implicações da experiência do cursinho que ultrapassam a aprovação no vestibular e alcançam o ingresso mais amplo nos espaços sociais e culturais, possibilitado pela reorientação de si mesmo em relação ao espaço público. Esta transformação de perspectiva ocorre pela ressignificação do papel do conhecimento e da cultura na própria vida e pelo compartilhamento das experiências educacionais e culturais, de modo que estas pudessem ter sido vividas de maneira articulada aos sentidos e significados constituídos no próprio contexto existencial, e não como situações distanciadas e não referidas na própria experiência.

Aí que eu acho que, uma hipótese minha parcialmente comprovada com os colegas que eu conheci e continuei convivendo depois que não passaram no vestibular. É que como tem tanta coisa intensamente lá, então várias coisas ficam, então se não vai para o vestibular, mas de repente dá um... Acaba posteriormente conseguindo para se prestar um concurso, fazer um concurso e passar, ou trabalhar... Melhorar a condição de trabalho onde estava, ou circular culturalmente melhor na cidade, aproveitar melhor os recursos da cidade. São co-resultados para mim. Eu acho até que esses são os resultados mais próximos do que se esperaria da escola mesmo, porque a escola também não estava dando conta. Fica meio perdida se ela reproduz para o vestibular ou se ela forma para a vida. Enfim, ela não consegue fazer nem uma coisa nem outra.

No contexto de legitimação das experiências de compartilhamento e do espaço de cada um promovido pelo cursinho, o sentimento de amizade, enquanto possibilidade de respeito e troca com pares, mostra-se importante para Daniel na compreensão dos acontecimentos e

relações travadas no espaço do cursinho. Neste sentido, o depoente diferencia o sentido de pertencimento a um grupo promovido neste espaço e a estimulação de uma concorrência entre os alunos, percebida nos cursinhos não populares.

A nossa era uma causa comum que nos unia e não desunia, não é? Naquele momento nós não éramos exatamente concorrentes como era o que parecia e comumente se vendia principalmente na cultura que a gente ouvia falar de outros cursinhos. Ali pelo contrário, quem sabia mais de matemática ajudava quem sabia menos, quem sabia mais de história e geografia ajudava quem tava com mais dificuldade. Isso fortalecia o nosso interesse, acho que o meu interesse foi fortalecido por estudar lá, e fortalecia muito a preparação, mesmo, eu me sentia muito mais seguro.

Assim como o pesquisador, Daniel também foi colaborador no cursinho. Ele percebeu, na própria busca por informações sobre o vestibular, que havia aí uma lacuna. Assim, montou um projeto onde se propunha a organizar e distribuir informações sobre os cursos e vestibulares das universidades mais conhecidas do Brasil, e em troca pediu isenção da taxa de manutenção. O próprio fato de seu projeto ter sido aceito permitiu ao depoente uma experiência de criação e transformação do espaço coletivo, conferindo legitimidade e dignidade à sua palavra e à sua iniciativa naquele espaço. Por outro lado, o fato do acolhimento às iniciativas dos alunos se apresentar como uma prática do cursinho e não como uma atitude isolada para com Daniel fazia do espaço institucional um espaço de efervescência de atividades e projetos, permitindo a participação e a vinculação ampla dos alunos e fomentando a perspectiva de legitimação da ação e da palavra de cada um.

É, eu fui um fundador, meu trabalho foi para isso. Mas também tinha um pessoal que estava formando um grupo de cultura então exibia filmes, fizeram exposições. Juntava uma galera, fazia um teatro... Ainda meio nucleado no cursinho, atividades relacionadas lá. Mas teve um pessoal que fez viagem... Eu ajudei a fazer viagem quando eu trabalhava e era aluno da faculdade. Aí, pelo trabalho que eu fazia lá, eu achava importante conseguir juntar o pessoal para visitar não só a USP, mas para visitar São Carlos, por exemplo. Ir lá, passar um dia lá, ir para a moradia estudantil, conversar com a galera, tomar um suco, uma cerveja juntos. (...) Na época havia umas apresentações grandes, abertas, no Ibirapuera, tinha um pessoal que ia. (...) Aí tinha o bloco visitas também... Agora, algumas atividades eram organizadas institucionalmente, outras não.

Por outro lado, devido a este seu trabalho na instituição, a partir do meio do ano Daniel passava a maior parte do seu tempo no cursinho, entre seu projeto, as aulas e as outras atividades que aconteciam naquele espaço. O contato mais longo com a instituição deu-lhe uma percepção mais profunda e aguda das virtudes e ambigüidades nela presentes. Desta forma, o depoente narra situações nas quais percebe o uso e o aproveitamento do espaço e da iniciativa coletiva por diretores da instituição, numa trasposição dos méritos coletivos para a personificação individual, desvirtuando o cunho de participação destas iniciativas.

Eu lembro de um ano que a gente foi distribuir uns panfletos de alguma coisa na paulista, era uma campanha de doação de sangue... que estava rolando no cursinho. Daí a gente ficou o dia inteiro lá distribuindo papel, de repente chegou a TV Globo lá, porque um dos panfletos tinha chegado na diretoria da TV Globo na paulista, aí eles queriam saber o que é que era aquilo, tal, aí foi um representante do grêmio politécnico falar, aí a gente estava... eu estava meio puto com esse cara do grêmio, com o pessoal do grêmio, porque a gente começou a se sentir meio usado. Os caras do grêmio não estavam distribuindo papel. Eles estavam só comandando a distribuição. A gente distribuía o papel, os alunos. E eles ficavam de boa, como diz o pessoal lá do Vale do Paraíba. E depois era o nome deles, nem falavam da gente também.

Estas ambigüidades, no entanto, são percebidas no contexto mesmo de desenvolvimento da reflexão crítica que o cursinho permitiu. Deste modo, não destituem a experiência de Daniel de seu caráter transformador. Antes, a percepção destas relações se engendra, de modo dialético, no próprio cerne da tomada da ação e da palavra ocorrida no contexto comunitário. Assim, a experiência de compartilhamento e desenvolvimento da própria educação no espaço institucional do cursinho promoveu uma experiência concreta e vinculada à própria percepção, configurando significados existenciais para as atividades realizadas. Esta experiência permitiu gerar raízes, resgatar e reinterpretar a própria história de Daniel. Neste sentido, ela se mostrou importante para superar elementos da percepção de si e do mundo e do acesso aos espaços sociais e culturais que de algum modo impediam e legitimação e a referenciação no repertório das próprias experiências. Deste modo, a apropriação de uma experiência política e a ressignificação crítica da própria história cooperaram para a constituição, por Daniel, de uma trajetória além das determinações sócio-

culturais e naturais. No gesto criador pelo qual a trajetória de Daniel foi atravessada, novos sentidos, significados e referências para a existência puderam se constituir, permitindo, inclusive, uma reinterpretação crítica do cursinho a partir de novas experiências vividas nele.

CAPÍTULO 6 – ENCRUZILHADAS

Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão. (Arendt, A crise na educação, p. 223)

Este trabalho foi construído a partir dos encontros e desencontros nos percursos de vida de quatro pessoas que partilharam da experiência de estudar num Cursinho Pré-Vestibular Popular, ainda que em épocas diferentes, e da discussão das crises e transformações vividas a partir desta. Este Cursinho Popular surgiu como uma tentativa de um determinado grupo de pessoas de favorecer o acesso à universidade pública a quem usualmente, por questões históricas e sociais, não o teria. Muitas pessoas que tiveram a oportunidade de participar dessa iniciativa, de um modo ou de outro, mostraram-se afetadas por essa ação política, não apenas pela apropriação de certos elementos do conhecimento exigidos nas provas vestibulares, mas pela instauração de uma crise que, pelo menos no caso dos depoentes, impulsionou transformações psicossociais.

Crise é compreendida aqui, a partir de uma perspectiva fenomenológica existencial, enquanto ruptura da trama existencial e perda de sentido: ao mesmo tempo em que promove angústia e desalojamento no ser, resgatando condições próprias desse existir, a crise também é possibilidade de crescimento pela ascensão de um novo sentido existencial, pela abertura de espaço para o gesto pessoal e autêntico.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa fui percebendo que o sentido dessa experiência apontava para interfaces entre várias instituições: o Cursinho e as escolas públicas; o Cursinho e as famílias; as escolas públicas e as famílias, as políticas públicas de educação e os alunos da rede pública, as comunidades de origem dos alunos e o Cursinho, os espaços de trabalho comuns às famílias e o ambiente escolar dos alunos.

Ao mesmo tempo, nas interfaces entre estes diversos espaços sociais, desvelaram-se questões que participavam das trajetórias existenciais e educacionais dos alunos. Temas como a ocupação dos espaços concretos e simbólicos da cidade, a ideologia sobre a pobreza e a riqueza, a humilhação social, a cultura do consumo, as concepções dominantes sobre a educação e a cultura, bem como seus modos de acesso em diferentes classes sociais, contribuíram para compor um mosaico das experiências presentemente relatadas. Por um olhar para o entrecruzamento destes fenômenos, buscou-se realizar algumas reflexões, no intuito de promover significados às experiências vividas no Cursinho Popular, ou a partir dele, na trajetória destes jovens, pois a análise isolada dessas experiências não contemplaria a complexidade do fenômeno.

O critério de eleição de temas para a discussão foi sua ocorrência e a importância assumidas nos depoimentos, que apresentaram várias experiências em comum para além dos critérios de formação do grupo de depoentes. Estes temas são discutidos a seguir e, embora divididos para fins de compreensão dos diferentes aspectos presentes na experiência dos alunos do cursinho, mostram-se mesclados, interrelacionados, imiscuídos nas experiências e acontecimentos que forjaram suas trajetórias, fato que se buscou preservar na discussão de cada tema.

6.1 Trajetórias familiares e o lugar da educação

*“Quando lidamos com seres humanos, estamos trabalhando com seres que buscam intensamente, com os meios disponíveis, sua possibilidade de humanizar-se.”
(Safra, 2005)*

Todos os participantes da pesquisa abordaram, em seus relatos sobre a família, experiências de ruptura e desenraizamento: mudanças de cidade e estado, separações de parentes, mudanças bruscas de situação de vida, mudanças de emprego e de situação sócio-econômica e, em alguns casos, graves situações de adoecimento, comprometimento da saúde

mental ou violência, que coloriram as histórias familiares. Em primeiro lugar, todas as famílias dos depoentes são migrantes. Jonas e Daniel narram que suas famílias vieram para São Paulo atraídas pelo crescimento da cidade, percebida como a “terra prometida” e o “Eldorado”, respectivamente, e eles demonstram ter algum conhecimento sobre a história de suas famílias, mesmo que esta seja fragmentada e com muitas lacunas. Madalena pouco sabe sobre sua família, além de serem camponeses descendentes de espanhóis e que vieram de algum lugar do interior de São Paulo. Afetado por essas narrativas pude refletir sobre minha trajetória familiar: apesar de meus pais serem paulistanos, meus quatro avós nasceram no interior do estado de São Paulo, filhos de camponeses italianos e espanhóis que vieram para o Brasil no início do século XX.

Estas vivências de ruptura estão relacionadas, por um lado, à precariedade socioeconômica que intensifica mudanças, inclusive geográficas, visando à busca de melhores condições de vida, e por outro lado, à origem proletária das famílias, que dificulta sua estabilidade no campo do trabalho, em um contexto no qual é marcante a necessidade econômica e a mobilidade geográfica (BOSI, 1992). Essas situações de diversas rupturas biográficas acabam por provocar lacunas enigmáticas nas narrativas pessoais, e por outro lado, os rompimentos simbólicos em situações de adoecimento, violência ou desorganização, podem silenciar estas narrativas. Tais lacunas e silêncios, revelados principalmente nos depoimentos de Daniel e Madalena, constituem situações de fragmentação da narrativa, esvaziamento de sentido e de dificuldade de significação de eventos que são comuns, ou seja, freqüentes entre as famílias que vivem uma condição de precariedade socioeconômica, mas que não podem ser vividos como comuns, ou seja, sem estranhamento (BENJAMIN, 1993). Se, por um lado, este estranhamento faz parte da própria experiência de crise, enquanto campo ainda ausente de sentido, por outro lado, ele também é forjado no discurso hegemônico que

ainda apregoa um modelo de família estável e organizado de acordo com vínculos institucionais, econômicos e políticos dificilmente alcançáveis pelas famílias pobres.

Neste sentido, o sentimento de estranhamento relaciona-se, num nível tão enigmático quanto as próprias lacunas e silêncios das narrativas pessoais, a outro sentimento freqüente entre os depoentes: um híbrido entre a vergonha da pobreza e a crítica ao discurso do modelo ideal. É possível afirmar que essas situações em comum propiciaram um sentimento de insegurança, ora mais, ora menos presente nas narrativas: como se as situações de trabalho, estudo e moradia, assim como as iniciativas de mudança a elas referentes, estivessem, a todo o momento, ameaçadas de serem interrompidas.

É também notável nas famílias e nos depoentes a perseverança frente às dificuldades de ordem material e a capacidade de criação, de iniciar coisas novas, o que Arendt (1981) chama de natalidade: o pai de Jonas, frente ao desemprego, sustentou a família durante um tempo organizando jogos de futebol de várzea; meu pai e o de Madalena foram vendedores de rua; o pai de Daniel montou uma carpintaria; o meu avô, com seu irmão, montaram uma escola de datilografia; o pai de Madalena, uma loja de autopeças. Essa perseverança frente às necessidades relaciona-se a uma concepção do fazer humano marcada por lutas pela sobrevivência. Deste modo, a necessidade de se refazer, do ponto de vista socioeconômico, articula a sobrevivência ao trabalho, no duplo sentido de criação de novas condições de vida a partir do que, a princípio, não estaria relacionado à sobrevivência, e da lógica utilitarista, na qual o valor do que é criado é medido por sua serventia. Ambos os aspectos são apontados por Arendt (ibid.) em sua análise fenomenológica do trabalho, na qual ela também observa que a compreensão e o modo de vida baseados no trabalho, privilegiando a utilidade, obliteram a significância, reduz-se o sentido do contato humano como ação entre homens.

Nessa perspectiva, o estudo também é apresentado pelos depoentes como possuindo para as famílias um caráter utilitário. Para esses moradores da periferia e oriundos de família

proletária, a cultura letrada e o conhecimento mostraram-se grandemente determinados pela função que estes possuem no mundo do trabalho: seu *uso* como um instrumento para manutenção ou melhora da situação de empregabilidade:

A importância de... terminar o estudo, não do estudo, mas a importância de terminar o estudo, do diploma do segundo grau... porque a todo momento eu me questionava: “Mas, para que isso? Mas por que? Para que?” Eu não via sentido nesse “bater cartão”. No trabalho o sentido que deram para o estudo era o sentido da exigência do mercado profissional, você precisa ter o segundo grau. (Madalena)

Você não consegue competir de igual para igual. É triste, o mercado chegou num nível que... Você vai usar o inglês realmente? Você vai conversar com o cara que passou no trainee, e, pô, a empresa deles nem exporta! Não exporta nem importa, e no trainee pediam inglês pro cara! É o critério do mercado? É. Não dá para contestar? Infelizmente não dá. Nosso grau de... na parte que nos cabe não se pode protestar, a gente tem que fazer as coisas e tentar torcer para dar certo [...] Mas uma carreira se constrói no dia a dia. Então a gente não ficou rico ainda, a gente sabe, brincando um pouquinho, que “o barato é louco”, que não é fácil, o dia a dia é muito difícil, você tem que engolir sapos, você tem que lutar, você tem que passar por muita coisa, e talvez, se você não tivesse o [ensino] superior tivesse que passar por muito mais coisas do que você já está passando. (Jonas)

... algumas vezes a gente conversava em família, e conversava num tom bastante incômodo, que a meu ver não era uma conversa, era em relação a trabalhar mesmo... Isso desde antes do cursinho, desde a adolescência, desde o início da adolescência, de se situar, de ter trabalho, de ter renda... [...] não era ter uma ocupação, era ter dinheiro. Era trabalhar e ter dinheiro. [...] Tinha [lugar o estudo] na medida em que pudesse ajudar a ter trabalho e emprego. (Daniel)

Arendt (2005), comentando a crise na cultura, nos fala que a sociedade moderna dissolveu os valores elaborados pela tradição e classicamente utilizados para medir a ação humana, transformando-os em valores “funcionais”, isto é, em entidade de troca. Um diploma de faculdade vale menos pelo conhecimento que ele faz referência do que pela *função* que, em grande medida, ele assume: você tem um diploma, você pode ter um emprego, mesmo que suas atribuições nesse emprego não lhe exijam os conhecimentos adquiridos na graduação. Nesta perspectiva, o âmbito utilitário não confere sentido ao estudo, mas serventia. No entanto, retomando as reflexões de Weil (1990) discutidas no capítulo dois desta dissertação, na experiência escolar cotidiana é difícil relacionar conteúdos disciplinares específicos, a uma experiência concreta no mundo. Destarte, reitera-se o empobrecimento da experiência humana

(BENJAMIN, 1994) e da possibilidade do surgimento da pluralidade e da ação a partir do contato humano (ARENDT, 1981).

Neste panorama de sentido utilitário para o conhecimento e o estudo, um traço comum a todos os depoentes é o fato de que foram estudantes que não se identificaram e/ou aderiram ao destinar-se predominantemente reservado ao cidadão de baixa renda e das aspirações daí habitualmente derivadas, ou seja: contentar-se com pouca ou nenhuma instrução e com ocupações subalternas; contentar-se com instrução de qualidade insuficiente e com empregos assalariados desvinculados de qualquer sentido vocacional; aspirar renda, competência ou autoridade desvinculados de uma formação escolar ou universitária plena no sentido de um contato maior com a cultura, com os outros e consigo para além de uma aplicação imediatista do conhecimento; dispensar a formação escolar universitária, quando unicamente vinculada ao *uso*, como no caso de Madalena.

6. 2 Experiências de escola, experiências na escola: modos transversais de vinculação

Nesse panorama de ausência de possibilidade de significação ampla para estudo, como também para a própria atividade de reflexão, como foi possível para os depoentes desenvolver uma ligação na escola que possibilitasse um envolvimento, para além do utilitário, com o estudo? Como revelado nas narrativas, as próprias experiências na escola, assim como a experiência da pobreza e da reflexão, assumem características ambíguas.

A experiência de escolarização dos depoentes é marcada pela referência utilitária sobre o sentido do estudo na família, pela eterna possibilidade de interrupção da escolarização e por modos de vinculação à escola que se realizaram de forma transversal: Daniel comenta sobre a diferenciação de seu vínculo na escola pelo fato de sua mãe trabalhar nela; Jonas aborda a diferenciação de sua família na periferia pelo fato de seu pai possuir o curso técnico

de torneiro mecânico e sua mãe lhe acompanhar as lições; minha possibilidade de acesso a um ensino de melhor qualidade deriva de uma fraude nos documentos que comprovavam residência. Já para Madalena, o lugar do estudo era meramente um lugar formal, o que denotava uma diferenciação entre ela e os outros depoimentos: houve, entre nós três, um maior acesso e acesso e significação do conhecimento do que ela pôde construir. E dos quatro, como já apontado na análise de seu depoimento, ela parece ser a que mais demonstrou mudanças desencadeadas pelo contato com o Cursinho.

O jogo entre a instabilidade e a estabilidade da situação escolar, tanto pela precariedade concreta das condições de vida familiares, quanto pela precariedade simbólica do sentido da escola, é muitas vezes resolvido por meio de vinculações transversais ao espaço escolar que permitem matizar a escola de sentido, ainda que suavemente. O fato de a mãe de Daniel trabalhar na escola onde o mesmo estudava, o fato de o pai de Jonas ter o diploma de torneiro mecânico (formação considerada elevada para sua comunidade) e seu tio se formar em Economia, o fato de meus pais terem se utilizado do subterfúgio de comprovantes falsos de residência como modo de propiciar o acesso a uma escola considerada de boa qualidade, marcam profundamente a vinculação com a escola nestas narrativas. Essas situações ilustram a vivência da escola enquanto um espaço vivo, para além da funcionalidade. Porém, conquistada de que forma e a que custo? Os modos pelos quais a vinculação e o colorido da escola ocorrem marcam, novamente, vivências de ambigüidade em relação ao acesso à educação, às experiências de comunidade e de relações sociais, à compreensão da condição de pobreza. Esta ambigüidade é expressa pelos comentários de Daniel sobre seus amigos do primário, evadidos da escola após situações de humilhação social, violências e desrespeito.

A minha mãe trabalhava na escola... [...] uma parte do meu curso primário foi feito [...] em escolas em que minha mãe trabalhou. ... Teve uma escola que era uma tia que trabalhava. [...] Mas acho que por outro lado também, isso é uma consciência que eu tenho hoje, eu acho que eu também fui um pouco beneficiado por isso. Acho que havia uma atenção... especial, um cuidado, porque eu era filho da Luzia, sabe? Aí tem uma relação diferenciada, que não é só um guri, é um guri que é filho da Luzia. Retomar uma relação personalizada, [...] Eu sei assim de muitos colegas...

que eram pessoas que eram maltratadas na escola. Eu vi isso, e isso hoje... É foda que na época eu também não tinha muita clareza disso. [...] Eles chegavam para a minha mãe e falavam: “ele tem que estudar isso, não sei o que mais, ele está muito bagunceiro, ele...” Que não era a mesma coisa com alguns colegas. Principalmente os colegas mais pobres, eu sinto um pouco isso. E era curioso porque você fala, “pô, eu aprendi a soltar pipa, a jogar peão com esses caras, eles me ensinaram isso”. E eu... não tinha recursos para ajudá-los a se inserir na escola, e na escola, eles foram praticamente expulsos da escola. A escola não queria eles lá, porque eles não estavam dentro...

No caso de Jonas, a vivência de uma situação econômica relativamente estável até os seis anos marca sua entrada na escola a partir de uma diferenciação econômica em relação aos colegas, cuja experiência de pobreza havia ocorrido anteriormente. Ele se descreve como sem “malícia” em relação aos colegas de escola e aponta mais profundamente para a ausência, até então, da experiência de exclusão e humilhação que o próprio Jonas considera posteriormente como uma “marca que persiste”: uma marca que designa a apropriação da condição de excluído, de tal modo que esta se naturaliza nas ações cotidianas. As constantes importunações e provocações dos colegas de primário o excluem às avessas, como “almofadinha”. Por outro lado, são estes os colegas que Jonas verá morrerem no crime.

Você via... o cara levantava a mão e: - E aí, o que você aprendeu, o que você fez? “Estudei no Bandeirantes e... minha família passou dois anos nos Estados Unidos e... eu fiz escola de natação nos Estados Unidos, na melhor escola do mundo... depois meu pai trabalhava numa multinacional e foi transferido pro Canadá...” E assim, você ficava olhando, e como que vou concorrer com um cara desses? [Mesmo depois de formado, a marca ...] Persiste, mano, persiste! Você tem... digamos que o mercado é cruel, você não consegue tirar a diferença, por mais que você... (Jonas)

Esta mesma experiência está presente nas vizinhanças da minha casa, quando vejo meus colegas de escola guardando os carros na rua ou vendendo drogas na praça. Eu penso: “Podia ser eu...”. “Será que eu não poderia mesmo ter feito nada?”. Certas perguntas sobre nossa relação com os alunos que representaram o fracasso escolar nas narrativas das trajetórias escolares se referem a uma experiência incontornável de estranhamento, pertencimento, desenraizamento, comunidade e alteridade. A proximidade da tragédia ao lado, a contradição de pertencimento a mundos iguais e ao mesmo tempo tão diferentes, a

experiência de uma história comum e o discurso cultural sobre universos diferentes, são elementos que produzem uma ambigüidade no pertencer ao longo das trajetórias escolares e de vida. Esta ambigüidade fomenta a vivência de situações de crise e, deste modo, de sofrimento, conduzindo à possibilidade de crescimento e/ou estagnação na perda de sentido.

Um outro aspecto a abordar sobre a escola é a possibilidades de assunção de diversos espaços *dentro* do espaço escolar no relato dos depoentes. A intensidade em que esse fenômeno ocorre pode ser atribuída ao fato de que a escola é, muitas vezes, o único espaço de socialização fora da família e da comunidade. Diferentemente de situações em que a educação, a cultura e a socialização podem ser experienciados nos espaços do clube, do curso de inglês, do teatro, do cinema, da natação, entre outros. Por essa via, Menezes (2001) comenta que:

“(...) faltam espaços sociais e de vivência cultural, sendo a escola pública(...) um dos únicos espaços públicos que restaram, pois a urbanização acelerada não foi acompanhada de investimentos públicos em equipamentos sociais e culturais. A iniciativa privada assumiu, em função de seus interesses, a criação de áreas de convívio, como shopping centers, concebidos para o consumo, mas que, por isso, promovem mais facilmente a segregação econômica que a vivência cultural coletiva, não sendo espaços públicos, portanto”. (p. 202)

Num contexto de precariedade das condições de vida, a escola torna-se lugar privilegiado de trocas sociais, de acesso a elementos da cultura e de vivências de ação comunitária. Por outro lado, sendo a escola um espaço também precarizado, ela pode atuar de modo empobrecedor, deflagrando momentos de compartilhamento e desenvolvimento da cultura e da experiência social que não possuem nenhuma garantia de continuidade ou de apropriação pelos alunos: em algumas situações, deflagra-se um movimento que não se completa, uma trajetória que não se perfaz. Deste modo, Madalena relata os eventos únicos do concurso de dança e de uma festa para o vigia. É dessa mesma maneira que Jonas aponta a situação da quadra esportiva de sua escola, como discutidos na análise dos depoimentos: por um lado a quadra da escola era o único espaço possível de prática de esporte, ao ponto de

Jonas afirmar que, na periferia, apenas uma quadra tinha mais valor que a biblioteca. Por outro lado, a forma como o espaço era utilizado na escola empobrecia a própria prática esportiva, restringindo-a à enfadonha repetição das aulas de Educação Física, onde ano após ano só havia “futebol e queimada”. Estes são lembrados exatamente por serem momentos únicos.

Alguns depoentes, em sua tentativa de buscar outros espaços, relatam uma busca atravessada por dificuldades de acesso ao espaço público, como Jonas ao caminhar mais de três quilômetros para ir até uma biblioteca e Daniel ao procurar apresentações musicais gratuitas na cidade, com seus amigos de ensino médio. Nesse sentido tanto as precárias ocupações dos poucos espaços públicos de acesso ao lazer e à cultura na cidade, quanto às esparsas experiências de socialização e acesso à cultura na escola, marcam um acesso fragmentado a cultura letrada e a cultura que necessita da cultura letrada para ser apreciada, como será desenvolvido abaixo.

Nos relatos percebe-se que os depoentes maximizam a significância das experiências que sejam compreendidas como possibilidade de crescimento pessoal, extraindo delas, inclusive, a criação de novos acessos e possibilidades, em situação semelhante a encontrada por Maria José Braga Viana (2007), em seu estudo sobre a longevidade escolar nas camadas populares. Outros traços em comum foram que essas trajetórias mostravam uma autodeterminação e um querer imbatíveis, já que não contavam com comportamentos familiares de tipo estratégico (NOGUEIRA, 2007), típicos das classes mais favorecidas economicamente, o que não significa que as famílias dos depoentes não investissem na escolarização dos filhos. Entretanto, até pela falta de experiência escolar nessas famílias, não havia um direcionamento e uma estratégia previamente formadas para esse apoio: foi o apoio material, a presença nas reuniões escolares, a ajuda na escolha de uma escola melhor, entre outras atitudes.

6. 3 Notas sobre a experiência de socialização no contexto da sociedade de consumo.

Como é tentar compreender a sociedade de classes inserido naquela que é considerada classe “baixa”, a menos favorecida sócio-economicamente? Como é a experiência de ver os colegas irem embora cedo demais da escola e depois encontrá-los guardando carros, vendendo droga ou mortos em assaltos? Os momentos de escolha por você viver num espaço de maior privação se apresentam mais cedo, situação que acompanha toda a trajetória escolar. Vivemos numa sociedade toda fragmentada, e crescer nesse meio, onde não existe uma estabilidade para pensar numa trajetória pessoal, significa se deflagrar o tempo todo e do modo concreto com a possibilidade de quebra da trajetória de estudo para virar trabalhador, para cair no tráfico, ou guardar carros para sustentar sua sobrevivência. Compreender o conflito de tantas privações materiais, de se perguntar a que mundo pertence, é tarefa muito árdua, porque aquilo que embasa o significado dessas experiências não é dito: uma experiência de humilhação que evidencia golpes extremamente angustiantes, dificultando a possibilidade de identificar claramente de onde vem o golpe, forjando trajetórias engendradas grandemente no vazio de palavras. Jonas e Daniel perceberam esses conflitos na leitura da entrevista, assim como eu mesmo, elaborando a questão da pesquisa na minha própria trajetória.

Dois aspectos se entrecruzam nessas experiências de socialização: a relação entre estudo e sociedade de consumo e a constituição contraditória dos espaços de relações sociais. Ao mesmo tempo em que é nesses espaços que são vividas as experiências de dominação, exclusão e humilhação, é também neles que se forjam as experiências e o sentido de comunidade permeada, entre outros exemplos, pela interdependência econômica entre a história da conta telefônica de Daniel, a história da festa para o vigia de Madalena, a questão de formar turmas para buscar outros espaços e a participação política de Daniel no grêmio escolar.

6.4 A escolha de “continuar estudando”: distanciamento das origens e culpa.

O horizonte dos estudos é terminar o segundo grau. A lógica da classe média afirma o contrário (NOGUEIRA, 1996): se você não fizer faculdade, você “interrompe os estudos”. São lógicas diferentes para classes diferentes, retomando aquilo já discutido na introdução, a partir de Crochík (1998). Patto (1997) aponta inclusive para a divisão social da educação na trajetória histórica das políticas públicas brasileiras: recorrendo a documentos oficiais a autora demonstra a divisão entre escolas técnicas e de primeiro grau para as classes proletárias e as universidades para as classes mais abastadas. O que significa, então, “continuar a estudar”?

Uma possível resposta, refletida a partir da análise dos depoimentos, pode ser feita a partir da importância da ajuda financeira de todos os membros para a sobrevivência da família, e a expectativa dela e da comunidade para que todos contribuam com o orçamento doméstico. Assim, aparecem situações de tentar conciliar o trabalho e o estudo, situação mais dramática para Madalena que era arrimo de família. Vive-se sempre com “a perspectiva de ir trabalhar logo” (Daniel). Nesse sentido, “continuar a estudar” apresenta-se como uma via a ser conciliada mais do que opor-se aos estudos, inicialmente.

É importante ressaltar aqui a presença de todas as famílias dos depoentes. O tipo de investimento que podiam dispor, na educação dos filhos, eles aplicaram: seja suprir materialmente os filhos na escola (com materiais escolares, uniformes, comida e transporte), seja com os conhecimentos que possuíam, mesmo que vagos e muitas vezes ideológicos, sobre *qualidade de ensino* e possibilidades de trajetórias escolares.

Jonas e Daniel trabalhavam, curiosamente, em papelarias quando estudaram no Cursinho, e ambos também decidiram largar os empregos para se dedicarem à preparação para o vestibular. Para mim, quando o trabalho se opôs ao estudo, quando senti meu projeto

de universidade ameaçado pela dedicação que o trabalho me pedia, deixei de trabalhar, como Jonas e Daniel. Nós três enfrentamos resistência e mensagens ambíguas da família, e pede-se aqui uma grande tenacidade para que não se abandone o projeto. Madalena, na posição de mãe e arrimo de família, não pôde ter esta escolha: precisou abandonar temporariamente seu projeto. A questão do tempo necessário para a dedicação aos estudos aparece novamente como um importante fator limitador da busca pela cultura letrada.

A escolha por uma trajetória diferente da origem familiar não é isenta de sentimentos de angústia e desconforto, pois passa-se a se viver um distanciamento dessas origens ao mesmo tempo em que se constitui um doloroso trânsito entre dois mundos, como Daniel relata no momento em que foi estudar no Liceu de Artes e Ofícios, ou quando Jonas e eu procuramos o cursinho e nos afastamos, concreta e simbolicamente, do grupo de pessoas que nos dava pertencimento. A ambivalência também vem pela atitude dos antigos pares, e a inserção simultânea em dois grupos sociais diferentes implicações em uma descontinuidade entre dois mundos simbólicos diferentes. Essa situação promove culpa, entretanto, esse não apenas um produto subjetivo, mas parece mais um atropelamento porque essas pessoas são colocadas, pelo próprio sistema educacional, pelo sistema sócio cultural, num lugar profundamente ambíguo: para essas pessoas caminharem, elas precisam estar nesse lugar ambíguo. Elas são, de certo modo, convidadas a destituir a cultura de origem.

Entretanto, a constituição de um sentimento de grupo no cursinho teve por efeito atenuar esse sentimento, mas não o superou: os depoentes continuariam a transitar entre mundos diferentes mesmo depois de ingressarem na universidade pública.

6.5 A escolha pela universidade: o cursinho

As condições econômicas demarcam possibilidades, porém os recortes de ordem simbólica, transmitidos por professores, empregadores e grande parte da mídia, delimitam os lugares que poderíamos ocupar, e, como afirmado antes, esse lugar não comportava o ensino superior, muito menos a universidade pública: “não era para gente, era para quem tinha dinheiro”, comentava para Jonas e para mim um amigo em comum. Como Daniel e Jonas apontam de diferentes modos em seus depoimentos, pareceu-nos que a fórmula, “quanto maior a renda, mais alta a escolaridade” explica muito mais a desigualdade do que a comumente aceita “maior escolaridade maior renda”. Não é só para Jonas que “a marca da pobreza persiste, mesmo depois de formado”.

Se, como nos fala Ecléa Bosi (2003), não estamos dispostos à aventura da percepção, pois estamos sujeitos a passar por perdas de referências e à falta de sentido por não conseguir adequar a experiência nova às antigas. Corremos sim outro risco, o de sermos presas dos estereótipos que nos são transmitidos com força de verdade natural. Porém, quando pensamos que possibilidades de escolha nos são dadas enquanto cidadãos, somos remetidos ao tipo de formação que se dá dentro da nossa sociedade. A questão das escolhas, transpostas para o plano político e institucional se torna muito mais complexa. Os processos de construção de modos de subjetividade também são reveladores das estruturas das relações objetivas institucionais que a organizam, assim como das relações de poder visíveis e invisíveis. O que é importante, quais são os critérios para se decidir se estudar, ou não estudar, é legítimo? Quais possíveis benefícios trará para a pessoa, seu crescimento psicossocial e da sociedade, ou para algum grupo dentro dela? Poderia ser a aquisição de conhecimento somente como modo de manutenção do status quo da classe dominante, que possui maior facilidade de acesso às instituições de ensino superior? A resposta pode ser encontrada em níveis

diferentes, tanto dentro da classe da qual faz parte ou das instituições que procura fazer e, como acima explicitado, da sociedade em que está inserido, legitimando a escolha por pretender estudar ou não. Além disso, o que é legítimo enquanto escolha pode ser compreendido como uma construção política, e, assim sendo, não está isenta de intenções implícitas de grupos particulares. Para a classe média e alta parece que a cultura letrada é uma escolha tão legítima quanto o trabalhar é para classes menos abastadas. Os estudantes dessa última não são preparados para essa escolha: seus projetos geralmente carecem de densidade e as noções necessárias para as escolhas são construídas a partir de elementos vagos que refazem a trajetória marcada por instabilidades: eles não conhecem a fundo o que estão escolhendo e onde querem chegar.

Nesse sentido, é somente numa análise mais superficial que poderíamos supor a escolha da *universidade* como um movimento individual, realizado unidirecionalmente de dentro para fora. Partindo-se do ponto que todo comportamento humano é uma ação simbólica (GEERTZ, 1989), a discussão dessa escolha se configura a partir de seu sentido coletivamente construído, ou seja, devemos indagar o que está sendo transmitido com a sua ocorrência. O movimento de escolha, ao mesmo tempo em que ocorre a partir da emergência de uma reflexão acerca de uma experiência singular, como possibilidade de superação da situação de crise anteriormente discutida, também é profundamente inserida no corpo social. Deste modo, examinar a escolha da *universidade* “em si” não contempla a complexidade de suas significações possíveis: ela só pode ser densamente compreendida a partir da trama social onde ela se desvela.

Por outro lado, como já previamente discutido, não se refere há uma escolha isenta de sofrimento, que é manifesto muitas vezes na impossibilidade de falar, na dificuldade para elaborar sua experiência e na recusa de um outro para reconhecê-la. Essas experiências de sofrimento não surgem apenas nesse momento da escolha da cultura letrada, mas são

apontadas em vários momentos dos depoimentos onde há a busca por existir, por transcender a condição de estar vivo, o que Weil (1996, p. 411) chama de enraizamento, uma “participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”:

Entretanto, é sempre angustiante a experiência de ter uma percepção muito afastada daquela do seu grupo de pertencimento, como tão bem descreveu Asch (1966) a partir dos seus experimentos sobre a realidade socialmente construída, e não é sem grande esforço nem sem angústia que se consegue “descolar” desses sentidos. Arendt (2005) aponta que nossa realidade é construída a partir de percepções em comum: você percebe o que eu percebo, e eu percebo o que você percebe, e, na impossibilidade de se criar uma experiência em comum, a impressão é de estarmos fora do mundo, ou mais radicalmente, fora do mundo compartilhado. Como apontado no início deste trabalho, pode ser esta a motivação de muitos atendimentos no Plantão Psicológico do Cursinho nos quais apareciam sentimentos de culpa, de perdas de referências, de raiva, de paralisia, concorrendo com sentimentos de pertencimento a um grupo, de deslumbramento frente ao conhecimento, de descobertas sobre aspectos de si mesmo ainda não vividos e maturados.

O Cursinho, ao construir artificialmente um grupo com tantas características em comum, por meio de uma meticulosa seleção, criou condições que facilitaram a aproximação das pessoas e o desenvolvimento de um sentimento de grupo e, posteriormente, para a experiência de uma comunidade, fundamental para todos os depoentes. Por isso o Cursinho foi um lugar de esperança, um lugar de apoio para nossos sonhos, a despeito da percepção inicial causada pela seleção, onde parecia ser mais um lugar de reprodução das humilhações sentidas relativas ao sentimento de pobreza.

Nessa reflexão sobre o espaço do Cursinho nas trajetórias colhidas, Jonas e Daniel apontam a mudança na atitude dos alunos como fator importante para que o trabalho dos

professores se tornasse significativo. Na escola, muitas vezes não eram só os professores que estavam desanimados, incluíam-se também os próprios alunos, como no caso da depoente Madalena, que não se sentia comprometida quando freqüentava as aulas do ensino médio: a escola, como discutido acima, era o lugar da convivência, não necessariamente do contato com o conhecimento.

Apesar de nossas escolhas pela universidade pública também fazerem parte de uma privação econômica, já que não tínhamos como pagar uma universidade particular, a postura dos professores nos trouxe um campo onde pudemos significar a busca pelas universidades públicas não só como legítima, mas também como uma luta pela própria cidadania.

6.6 Notas sobre sentimento de pobreza o lugar do conhecimento:

A seleção para o Cursinho, ao requerer uma confirmação sócio-econômica, pareceu representar um problema para os quatro depoentes. Jonas fala *daquele constrangimento em se desnudar* de modo tão exaustivo. Daniel não tinha noção, assim como eu e Jonas, do que era *essa avaliação social e econômica*. Madalena alega que *não teve problema nenhum em providenciar esses documentos*. Que problema é esse?

Eu precisava provar que eu me encaixava num determinado perfil sócio-econômico... e eu providenciei, não tive problema nenhum em providenciar esses documentos... (Madalena)

Mas tem aquele constrangimento de se desnudar, né? Ao mesmo tempo você vive numa sociedade que é o que você tem, não é o que você é, e você tem que inverter, provar que você não tem para você ser, é complicado! Para você tentar chegar no cursinho é uma desconstrução, eu tenho que provar que eu não tenho mesmo, que eu sou pobre. E: "Será que deu, eu sou pobre o bastante?" (Jonas)

Eu só tive idéia do que era a avaliação social e econômica depois que eu entrei na etapa de avaliação. Então, o que é que eram os documentos, o que é que não eram. [...] Que eu não passasse, podia acontecer, mas que não fosse por faltar documento ou por inconsistência. Essa era a minha preocupação. E eu também não tinha noção clara assim, de que naquele contexto, se eu era uma pessoa que precisaria mais, ou que estaria precisando menos, eu não tinha essa noção. Não tinha claramente. E eu também não sabia qual era o critério de prioridade do cursinho exatamente. (Daniel)

Vi-me constrangido e envergonhado, pois me senti invadido em minha privacidade: a vida do lar, com todas as alegrias e as dificuldades, deveria lá ficar, não via como certo expô-la ao público. Além disso, senti-me humilhado por precisar apresentar

um “atestado de pobreza” para poder estudar, sentimento este que, à época, não consegui nomear. (Allan)

Porque uma avaliação socioeconômica parecia tão ameaçadora? O que é ser pobre? Quando é que nós nos sentíamos pobres? Nos depoimentos todos, incluindo o meu próprio, a questão da pobreza e a vivência das diferenças sociais aparecem várias vezes, sempre com grande importância:

e eu na adolescência, 12, 13 anos, gastava com roupa de marca, né, eu ia em shoppings comprava tênis, calças muito caras e ele [meu pai] dava dinheiro... [...] eu tive uma amiga que era carne e unha comigo, que... tinha incentivo de estudar dos pais dela, e aquilo veio para mim automaticamente, então ela sonhava muito alto [...] Ela era muito pobre também, tanto quanto eu ou mais... (Madalena)

A nossa noção superficial de riqueza, mesmo de poder, de estar trabalhando e comprando suas coisas, então muita gente saiu da escola nesse período. Esse período era a sexta, a sétima série da escola, e muita gente saiu. [...] Era o extremo, as meninas até... tinha um tempo que a menina escolhia: Ó, só fico com cara que tem Nike. A outra: A não, só fico com o cara que tem Mizuno. Mas, eu questionava, olhava para aquele All Star furado, aquele M2000, aquele Lê Cheval, você não sabia se chorava, se escondia o pé, se ia de havaianas que era menos feio (risos). (Jonas)

A posição que eu ocupo nessa história da cidade [sobre o trabalho informal]... não do ponto de vista ideológico politicamente, é do ponto de vista da história da classe... assim... eu estou do lado de quem era empregado, minha família é de empregados. [...] embora, se eu estava numa situação que... se eu pegar uma comparação, [na escola] eu não estava nem entre os que estavam entre uma situação boa na escola pública, os que estavam mais abastados, a galerinha que tinha os videogames Atari, essas coisas... e eu via também que tinha colegas muito pobres, a galera morava em barraco na favela, não tinha o que comer e comia na escola, estavam sempre com roupas muito detonadas... (Daniel)

A vivência na periferia nos mostra que não existe a pobreza em si, seu sentido é sempre constituído coletivamente: se é mais ou menos pobre em relação a outrem, nunca isoladamente. Mesmo na periferia, a pobreza não é homogênea, assim como a riqueza nas classes mais abastadas também não o é, e essas diferenças são percebidas e muitas vezes postas em relevo como forma de afirmar, inautenticamente, sua dignidade frente ao outro ou de repetir o modelo de dominação sofrido.

Os modos de ser e compreensões de mundo dessa camada da população também variam: morar na Vila Nova Cachoeirinha, onde morei minha infância e adolescência, não é o

mesmo que morar e crescer na Vila Brasilândia, como Jonas; assim como a vivência de moradora da Vila Alpina, para Madalena, é diferente da vivência de morador, para Daniel, do Jardim Educandário. Entretanto, são experiências que se tocam em muitos pontos: há certos valores que permeiam os modos de ser de grande parte dos moradores da periferia de São Paulo.

Dentro das escolas nas periferia, essas diferenças de posse, ainda quando possam ser pequenas, não eram colocadas de lado, ao contrário, eram valorizadas: para ser bem visto, ser importante, bastava ter um tênis de marca, ou um videogame. Um tênis da moda era tudo que a maioria dos meus colegas de classe, incluindo-me nesse grupo, gostaria de ter. Como Daniel afirma em seu depoimento, “tirar boas notas nunca deu prestígio”, mas, ao contrário, era motivo de segregação: “cdf”, “puxa-saco”, entre outras alcunhas menos nobres. Jonas relata seu desagravo quando, iniciando as aulas no Ensino Médio, encontra uma professora que havia lhe dado aulas no colégio anterior e que o aponta para todos como seu melhor aluno: *é horrível carregar o estigma de ser cdf*.

Eu, Jonas, Daniel e Madalena, enquanto estudávamos no primeiro grau, víamos ao nosso lado colegas em condições materiais bem piores do que as nossas: uns sem cadernos e livros, outros indo para escola de chinelos por falta de sapatos, outros que roubavam o lanche por falta de comida em casa. E essas memórias apareceram entre as mais marcantes associadas à escola. Madalena, quando se lembra da escola onde estudou o Ensino Fundamental, relatou a felicidade de conseguir montar uma festa e ajudar, com o dinheiro arrecadado, um funcionário da escola que passava por dificuldades financeiras. Jonas comenta sobre um colega que lhe roubava o lanche, e que depois veio a morrer em um assalto: na época sentia raiva por não poder ter nada; hoje entende que era “não era maldade”, era fome.

Acredito que esse sentido de pobreza transcende a questão das necessidades materiais e assume uma complexa relação com a precariedade do existir humano, que é parte da

condição humana. Não estou falando aqui da angústia que se sente frente a um destino não determinado, mas que a miséria material, sentida na relação com os colegas de escola e também de bairro, remetia diretamente a outros aspectos da precariedade humana: a fragilidade de um corpo que, vestindo *roupas detonadas* sente frio; que, *sem ter o que comer em casa*, vem para escola para comer a merenda ou até, dependendo da fome, roubar um lanche do colega; a fragilidade da vida de um adolescente que tragicamente acaba num assalto; a fragilidade dos camelôs impedidos de trabalhar nas ruas, expostos a desmandos de pessoas muito distantes da sua realidade. Aqui as diferenças sociais, de riqueza, são vividas ou testemunhadas, sobretudo, como experiências de humilhação: a pobreza, marcando diferenças econômicas entre pessoas, se torna um problema quando gera uma barreira à dignidade humana e à experiência de pertencimento (GONÇALVES FILHO, 1998).

Nesse momento não nos sentíamos pobres, e era quase ofensivo ser chamado de pobre nesse contexto: pobre era aquele que não tinha o que vestir, que não tinha material didático para usar na escola, aqueles que iam para escola por não ter o que comer, aqueles que roubavam por fome. E essas experiências em muito colaboraram para compor nossa noção de pobreza: ser pobre significava estar em extrema necessidade, em situação de penúria; era perder a dignidade humana, era estar abaixo de todos os outros (um dos sentidos etimológicos de humilhado). Nenhum de nós ficava à vontade em estar associado a *esse* sentido de pobreza, e ter *coisas* era a forma mais comum de nos afastarmos dela. E, nesse caso, como as *coisas* se prestavam tão bem a afastar essa angústia frente ao sentimento de miséria! Pelo menos temporariamente elas funcionavam.

Essas experiências todas podem levar a alienação, tanto quanto a uma lucidez que informa um caráter combativo e exigente, uma consciência a caminho de ser política, que não se contenta com *coisas* quando se está em busca de *sentido*. Nós, alunos de escola pública, queríamos *coisas*, mas também estávamos em busca de algo mais *da* e *na* escola. Já que a

escola não possibilitou as experiências que procurávamos, fomos em busca de alguma instituição que as possibilitasse.

Nesse momento, o Cursinho, e inapelavelmente sua seleção, entra em nossas trajetórias. A avaliação socioeconômica parecia constrangedora, talvez, porque a gente se sentia exposto a uma avaliação demasiado objetiva de si mesmo: ela parece grosseira, ofende a dignidade. Ninguém se sente um exemplar da classe e nada mais. Talvez também porque este “desnudamento”, esta apresentação sócio-gráfica de si, e que reitera demasiadamente a consciência exterior de si mesmo (sou pobre, sou morador de periferia, sou de família “humilde”), também reitere preconceitos vexatórios. Pode ser porque, no contexto da periferia, num grupo de jovens, ter *coisas* (tênis, mochilas, roupas, videogames) e ostentá-las parece, muitas vezes, importante para afirmávamos nossa igual dignidade com os outros. Dessa forma, talvez a solicitação de que a gente se apresente como “pobres”, agindo em sentido tão contrário, ameaça, como se o pedido da instituição nos fosse fixar numa imagem associada à inferioridade (humilhação, falta de dignidade, desumanização) e que nos havíamos organizado para refutar, por exemplo, possuindo coisas.

6.7 A experiência de comunidade e a ação

Nos quatro depoimentos a opção por este Cursinho se deu pela questão financeira de ser o único possível de ser pago, não apontando a busca por um projeto pedagógico diferenciado, atividades extra-classe ou mesmo uma a possibilidade de experiência de comunidade. Entretanto, nessas memórias o Cursinho vai sendo desvelado como um lugar vivo, repleto de experiências significativas para além da sua proposta formal, muitas vezes associado à vivência de igualdade. Para Madalena, Jonas, Daniel e para mim significou também a possibilidade de ter aparência, de ter um rosto. Como já esboçado antes, precisamos

de um outro que *esteja aí* e me perceba para que “eu” possa ser percebido e constituído: modo de subjetivação de constituir-me a partir de reconhecer-me na percepção do outro, que concretamente em um lugar social. Havia um grande prazer em ser reconhecido no outro, a partir dessa experiência criava-se a confiança e a possibilidade para a amizade.

Éramos amigos e isso não significou que havíamos suprimido nossas diferenças, mas, antes, que nos tornamos parceiros em um mundo comum: juntos constituímos uma comunidade (Arendt, 1993). Essa experiência de comunidade foi proporcionada, pela postura dos professores e demais funcionários, que, recorrendo novamente a Arendt (2005), assumiam a responsabilidade pelo mundo coletivo, e pela postura dos alunos, que buscavam ativamente pessoas e lugares que os ajudassem a crescer. Assumir tal responsabilidade, nesse sentido, significava apresentar o mundo aos alunos a partir do próprio olhar, ressaltando esse modo de estar no mundo como próprio e singular, não como verdade universal. Isto os tornava autoridades, mas não autoritários. Mais do que isso, tais professores resgatavam a possibilidade de se dizer a partir de um lugar autêntico que não necessariamente se vinculasse às experiências de humilhação configuradas a partir de um olhar hegemônico – fortemente presente no universo acadêmico de ensino superior – que “dita” o esperado do sujeito em termos de desenvolvimento e conduta.

Eles assumiram conosco uma comunidade de destino: sofreram de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, nossos destinos (Bosi, 1994). Gonçalves Filho (2003), afirma que uma comunidade de destino designa especialmente uma comunidade política de oprimidos exposta a seus opressores, mas também uma comunidade na cultura e na resistência, na alegria e na iniciativa, consciente de si e de sua luta:

“as condições para a participação são condições intersubjetivas especiais; condições em que o encontro do homem com o homem não se forme por meios violentos; condições em que não falte vínculo criativo com o passado, a iniciativa para novas fundações e o livre exercício da palavra” (GONÇALVES FILHO, 1995).

Aquelas pessoas que criaram o Cursinho, e as que continuaram o projeto, recriando-o a cada dificuldade surgida, estavam imbuídos de um propósito ético, e os alunos que entravam em contato com o Cursinho decerto sentiam, mais ou menos conscientemente, esse tentativa de relacionamento para além da dominação. Paradoxalmente, a partir da experiência de privação (que provocou nossa busca por este Cursinho) pudemos fazer uma fundante experiência comunitária. Essa atitude frente aos alunos, para além da função pragmática de proporcionar uma preparação de qualidade para o vestibular, indica uma forma de pertencimento ao mundo implicada com a igualdade entre as pessoas. Denota uma consciência política sobre a sociedade e um modo de ação preocupado em criar condições para uma real situação de pluralidade: estamos todos, professores e alunos, no mesmo barco. É uma ação ética que para muitos alunos criou a possibilidade de um lugar para o conhecimento formal, o conhecimento letrado, que não existia antes em suas vidas. E, além disso, um lugar não vinculado necessariamente a questão da sobrevivência, da necessidade, mas sim da fruição do mundo. Podíamos, assim, viver a experiência do conhecimento sem esta se tornar uma experiência de humilhação.

Uma das conclusões importantes que esta pesquisa defende é que o fenômeno dos surgimentos dos cursinhos populares foi um modo de empreender uma ação política no campo da educação a fim de receber e favorecer pessoas que de outra forma estariam excluídas desse percurso educacional. A função que eles assumem, destarte, não é apenas educativa, tanto quanto política. A própria iniciativa de se instaurar o Cursinho era um exercício de liberdade na cidade (ARENDT, 2005), e, consoante a essa proposta, também havia se tornado um espaço que acolhia iniciativas singulares que beneficiassem o projeto.

Um campo intersubjetivo e favorável, uma comunidade de destino, move o desejo e o trabalho estudantil, sustenta e anima, apóia êxitos. Este campo e comunidade, quando abrigados por instituições (o cursinho popular, uma escola pública de qualidade), parecem

especialmente apreciados por estudantes das classes pobres, marcados por formas de solidão pessoal e exclusão social que se deixam desenhar por ao menos dois lados. De um lado, privações materiais deixam desamparados ou isolados os jovens: a carência de bens públicos acessíveis ou a falta do dinheiro que os compensasse vão esgarçar os laços entre os estudantes pobres e a cultura letrada. De outro lado, sua origem e condição de classe vão precocemente obrigá-los ao trabalho que consumirá seu tempo e que freqüentemente os concentrarão em tarefas profissionais muito secundárias ou insignificantes, sem ter garantido o seu valor cultural. A classe tende também a apresentá-los uns para os outros e, sobretudo, ao público estranho como uma condenação: parecem destinados a um caminho previsível (que costuma excluir a experiência universitária), são forçados a existirem para si mesmos como existem para os que os querem abaixo, inferiorizados, a serviço dos que concentram privilégios, dispendem dinheiro e comando, auferem lucros. Jovens das classes pobres? Mão-de-obra barata, futuros operários, caixas de supermercado, “auxiliares gerais”. Tais considerações podem ser consideradas opiniões amortecedoras e preconceitos que irão facilmente tornar vã ou ilusória a perseguição de altos estudos, profissões complexas: percursos incrementados de projetos singulares vão parecer alheios a sua classe e prerrogativas dos ricos. Entretanto, parece que a experiência precoce do trabalho e de humilhação pareceu ter um paradoxal efeito educativo e formador de um caráter lúcido e combativo, como no caso destes alunos, que não desistiram de brigar pelos seus sonhos.

CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cursinho Popular, uma ponte para a liberdade?

Qual o papel que o cursinho popular estudado assumiu nas experiências dos alunos? Ou melhor, quais os papéis que, afinal, cumpriu? A princípio, a proposta formal era favorecer o acesso de jovens de baixa renda a universidades públicas. Porém, as experiências estudadas nesta pesquisa apresentaram uma outra dimensão do estudo no cursinho popular. Para além da proposta, foram fomentadas experiências de comunidade que se mostraram, elas mesmas, fundamentais para a aprendizagem. A possibilidade de apropriação do conhecimento e da reflexão enquanto elementos presentes num espaço de pertencimento, tal como vivenciada pelos alunos entrevistados, permitiu o desenvolvimento da aprendizagem a partir de uma esfera de compreensão do conteúdo em que ocorreu a tecitura de relações entre este processo e a experiência pessoal. Entretanto, há dois pontos a serem esclarecidos quanto à experiência de constituição de uma comunidade no contexto educacional do cursinho popular.

Primeiramente, aquilo que o cursinho proporcionava como experiência secundária à sua proposta, a experiência de comunidade, torna-se relevante principalmente por sua ausência na escola, na qual seu papel deveria se sobressair, enquanto um dos primeiros e mais importantes espaços de socialização de crianças e adolescentes. É no contexto da escola que se desenvolvem experiências fundantes de compreensão e atuação no mundo, contemplando um universo mais amplo, não restrito às relações de nascimento ou aproximação afetiva, e cujas regras e modos de ocupação se valem de objetivos para além do espaço da privatividade. Deste modo, a importância da experiência de comunidade no cursinho se vincula à destituição desta experiência em outras esferas sociais, e à privatização e individualização de fenômenos de origem coletiva, tais como o fracasso escolar, o preconceito

e a própria humilhação social, tão comuns nos relatos sobre a trajetória escolar dos entrevistados. A experiência de participação coletiva no cursinho popular ocorre dentro de um contexto que a valoriza, se apresentando com significado oposto àquele vivido e percebido em muitos eventos e vivências da história escolar dos depoentes, na qual a individualização de problemas cuja origem é social pôde ser percebida pelos alunos, mediante a experiência de comunidade, como fonte de um sentimento de desamparo na orientação da própria vida e da experiência na escola.

Em segundo lugar, alguns aspectos decorrentes da própria estrutura do cursinho, com seu objetivo de preparação durante o período de um ano voltada à aprovação no vestibular, mostram-se limitadores do desenvolvimento dos aspectos de experiência mais propriamente política neste contexto. Associar a função pragmática do cursinho (passar no vestibular) com a possibilidade de experiência comunitária pode parecer uma contradição em termos. Contudo, a própria inserção da proposta num contexto no qual a experiência de marginalização no tocante à educação é significativa para seus participantes e como crítica mesma a este fenômeno mostrou-se favorecedora do compartilhamento e da transformação coletiva de tais experiências. Porém, por mais importantes que tenham sido os resultados apresentados acerca deste fenômeno, o tempo de duração de um cursinho continua sendo uma importante questão limitadora para o desenvolvimento da articulação e da participação comunitária que ele proporciona.

Outra questão a abordar é a relação entre as experiências desenvolvidas no cursinho popular e o contexto social mais amplo. Na apresentação do cursinho, quando fui aluno em 1995, um dos professores disse-nos algo que naquele momento não compreendi profundamente, ou até me pareceu contraditório, mas que ficou gravado em minha memória como um enigma, que só comecei a resolver quando fui trabalhar no Cursinho em 2000: “O objetivo último do Cursinho Popular é ele não existir, mas lutaremos para que exista enquanto

for necessário”. O Cursinho e seu espaço constituído, como ilustra o comentário desse professor, são fenômenos profundamente relacionados às lutas sociais pelo acesso à educação. Tal espaço apenas faz sentido no contexto de uma sociedade que não privilegia a educação de todos os seus cidadãos enquanto direito concretamente garantido. É nesta sociedade que se torna necessária a organização comunitária daqueles que foram marginalizados do acesso tradicional à educação, como modo de construir vias alternativas tanto para concretizar este acesso quanto para, por meio dele, participar dos espaços sociais decisórios, atuando deste modo em uma das condições necessárias à transformação social: a participação dos grupos marginalizados nos espaços de poder.

Num contexto social que não propicia a aparição do gesto criador e do novo, é louvável a atitude de um grupo que, demonstrando ter consciência política, assume a responsabilidade por um movimento político pela da educação. Por outro lado, precisamente pelo fato de o cursinho popular se constituir no hiato do direito à educação pública de qualidade, ele não pode ser tomado como uma política pública governamental: as políticas públicas devem visar o aumento do acesso à educação e a garantia de uma escola pública de qualidade, na qual seja possível a constituição de bases tanto para as escolhas profissionais quanto para a capacidade de reflexão crítica sobre sua vida e a sociedade. Os cursinhos populares não podem, nem devem, assumir um espaço e um objetivo que seriam da escola e, mais radicalmente, da escola pública: um lugar de convívio, de experiências vivas e de apresentação do mundo para além do *uso* do conhecimento.

Embora o investimento público em cursinhos populares seja, deste modo, um contrasenso, estes espaços são grandemente relevantes numa sociedade cujas oportunidades educacionais são tão díspares e vinculadas ao poder aquisitivo de cada aluno, como é a nossa. Simultaneamente, na conjuntura social atual de reestruturação produtiva e manutenção de um alto desemprego estrutural no mercado de trabalho, as oportunidades e possibilidades de

sobrevivência e garantia de condições mínimas de emprego e renda estão cada vez mais atreladas à continuidade dos estudos após o segundo grau. Este aspecto é, inclusive, apontado por todos os alunos participantes do estudo, como relevante, senão determinante, para sua escolha em cursar o cursinho popular.

Nesse sentido, o aumento do número de cursinhos populares aponta, por um lado, para um espaço vago na formação pública dos alunos, e por outro, para a *necessidade* de se ter um diploma de nível superior, como condição mesma de empregabilidade, tanto na percepção dos alunos quanto, muitas vezes, como dado concreto do panorama social. Embora o tema da cidadania, por meio do resgate da participação coletiva nas ações e discursos (ARENT, 2001) seja uma esfera importante do cotidiano institucional do cursinho estudado, este aspecto apresentou-se aos alunos de modo posterior, como uma experiência significativa, porém inesperada no momento de seu ingresso. Deste modo, desvela-se uma trajetória de experiência dos alunos que parte de um caráter mais utilitário da educação, tal como compreendido nas experiências escolares e no discurso social e cultural apreendido por estes, para uma nova compreensão da educação, mais crítica e auto-apropriada, vinculada aos espaços de participação e construção cultural coletiva.

Se a escola, assim, como o lar, como sustenta Arendt (2005), são lugares onde a vivência é pré-política, pela própria função que exercem no mundo de guiar os recém-chegados, o cursinho popular insere-se num contexto de educação de adultos, cuja presença no espaço coletivo se dá por escolha. Neste sentido, a articulação entre a educação e a dimensão política no contexto do cursinho pode se dar em outra esfera, não apenas atrelada à importância política da educação enquanto modo de continuidade da organização social, mas ainda enquanto abertura de um espaço coletivo no qual novos grupos e novas possibilidades interpretativas do mundo podem se desenvolver. Assim, a existência de alunos que busquem

cursinhos populares pelo fato de os projetos destes contemplarem temas como a cidadania seria objeto de outra pesquisa.

Embora a experiência de comunidade não seja o objetivo principal da procura pelos cursinhos populares, a importância que adquiriu na vivência dos depoentes desvela sua necessidade para a constituição de instrumentos e meios de transformação social. É a partir da experiência coletiva constituída na ação social que novas possibilidades são engendradas. Pode-se, resgatar, nesse sentido, as noções de espaço e poder político. Para Hannah Arendt (2005), o fenômeno político ocorre no espaço entre as ações passadas e as possibilidades futuras, no qual se tecem as articulações entre projetos, acepções e discursos humanos e no qual a experiência do pensamento no plural tem lugar. Já o poder se constitui essencialmente como a capacidade de se criar algo novo, ou seja, de tecer novas possibilidades no mundo humano (Arendt, 1978). Nesta perspectiva, o poder apenas tem lugar na experiência comunitária, ele é sustentado pelo espaço político enquanto esfera na qual o julgamento do mundo e a tecitura de novas concepções e ações pode ocorrer.

Destarte, é necessário que exaltemos a importância da experiência de comunidade enquanto condição necessária para o julgamento crítico do mundo e como condição de uma trajetória de transformações sociais. No contexto do cursinho popular, esta experiência permitiu resgatar e compreender vivências de humilhação social, criando, ao mesmo tempo, novos modos de relação possível entre estes alunos e outrem. A percepção de si mesmo no espaço coletivo a partir da legitimidade para habitar e participar, ser ouvido e considerado, permite a ascensão de outro modo de relação consigo mesmo e com o outro, que se apresenta a partir de uma concepção dialógica. No contexto do pensamento e da convivência desenvolvidos a partir da opinião de cada um e da conjunção das diferentes perspectivas individuais, desenvolve-se uma percepção de si e do outro no qual o discurso e o pensamento de ambos podem possuir legitimidade e valor enquanto experiências humanas no mundo.

Deste modo, desenvolveu-se uma experiência de dignidade, que caminha no sentido oposto à destituição de si mesmo ocorrida na experiência de humilhação.

Por outro lado, a experiência de comunidade possibilitada pelo cursinho popular se constitui apenas como um dos elementos necessários num movimento que pretenda transformar as condições sociais em que vivemos. Outros fatores, como a reorganização estrutural das instituições e dos espaços de socialização nos quais a educação e o trabalho ocorrem, a necessidade de ações afirmativas para a promoção de igualdade social, não podem ser contemplados por esta experiência. Tais aspectos dependem tanto do direcionamento das ações políticas propriamente ditas, visando sua promoção no âmbito do governo, quanto da ação de instituições que não são diretamente políticas, mas que possuem grande importância política, como as responsáveis pela legislação.

Uma outra dimensão da experiência do cursinho popular a ser considerada é o direcionamento de sua proposta fundamentalmente para a universidade pública. Considerando a divisão política efetuada no planejamento educacional entre universidades produtoras e reprodutoras de conhecimento, pode-se depreender uma articulação possível entre o favorecimento a ação política de constituição de um espaço comunitário no espaço do cursinho e seu favorecimento mais amplo no contexto da universidade pública. É no cenário da universidade pública que as experiências comunitárias e a criação de vias para a participação democrática pode ocorrer mais facilmente, já que ela não possui com o mercado e com a lógica econômica de produção uma relação tão estreita. Os cursinhos populares operam, assim, na preservação de um esteio político, já que garantem o acesso de estudantes de baixa renda a universidades nas quais a produção de conhecimento e cultura pode mais facilmente ocorrer.

Neste sentido, a vivência do cursinho popular e a opção pela universidade pública não se restringem à busca por uma melhoria da formação, mas possuem uma dimensão de

ocupação dos espaços sociais que atua contra a ordem social estabelecida. Sob este prisma, o caráter de estranhamento e surpresa relatado pelos depoentes no que se refere à percepção de seus pares – colegas, amigos, familiares – por sua escolha pela continuidade dos estudos não se vincula somente ao pouco acesso dos alunos de baixa renda ao ensino superior. Tal estranhamento relaciona-se principalmente ao fato de este projeto ter privilegiado a universidade pública, um espaço de legitimidade de cidadania, de importância educacional e política, cujo acesso é ainda mais dificilmente permitido aos estudantes de baixa renda.

Se a experiência de comunidade possibilita uma reorientação da percepção de si mesmo e do outro, permitindo transitar pela experiência de humilhação e construir novos significados e sentido para a relação consigo mesmo e com o mundo, a experiência de estranhamento pela ocupação de um espaço e de uma dignidade antes destituída também faz emergir questões a serem problematizadas. Deste modo uma questão também se mostra presente nos relatos: Como pertencer? Onde pertencer, pensando em olhares que te constituem enquanto práticas administrativas de instituições escolares, e que possuem que caráter? A forma como a instituição se coloca, define que a pobreza é boa, e que nesse sentido a imagem se mostrava boa, embora, como discutido acima, se mostrava para nós como um problema. Esse crescer, esse adquirir, pode significar que esteja julgando minha família a partir desse olhar de pobre, de inculto, como indigno. Com a possibilidade de transitar entre tantos poucos, você percebe aí, mais que a divisão de classes, essa questão de olhares totalmente desalojadores: marca um abismo entre o que uma parcela da população vê e outra não vê. Quando se transita por mundos diferentes, a questão que se põe é: como é que vou pertencer a um mundo com uma forma de pertencimento, com o discurso hegemônico é criador também de exclusão, e de ser que eu já não concordo mais? O conhecimento acadêmico, infelizmente, se presta muito bem à manutenção desse olhar excludente. Ainda considerando as possibilidades de constituição de experiências políticas na educação, como a

apontada pelo cursinho popular, cabe analisar brevemente algumas diferenças de direcionamento nas políticas públicas quanto a este aspecto.

Ao aprofundar a análise do acesso à universidade pública enquanto uma questão voltada não apenas ao ingresso no ensino superior, mas à tecitura de laços de pertencimento que configuram não apenas a vida subjetiva, mais também a vida social e política, pode-se lançar novas luzes para a compreensão das implicações de algumas políticas educacionais. Deste modo, pode-se compreender os diferentes sentidos e direcionamentos de determinadas políticas de acesso ao ensino superior. O financiamento público do ensino superior em universidades privadas, por exemplo, não implicaria na contemplação das esferas de participação social e constituição de novos laços de pertencimento, mas se voltaria à inserção funcional no mercado de trabalho, atuando na manutenção da ordem social. Por outro lado, políticas concretas de acesso dos estudantes de baixa renda à universidade pública como, por exemplo, o investimento na escola pública, a ampliação de vagas nas universidades públicas de modo a garantir o acesso de todos, as políticas afirmativas de acesso e permanência estudantil, como é o caso da discussão em torno da adoção de cotas para segmentos marginalizados, não se voltariam apenas para a realização de um curso superior e inserção no mercado, mas para a própria transformação da lógica de inserção/exclusão atualmente fomentada na educação.

Deve-se refletir ainda sobre o lugar da universidade em nossa sociedade. A orientação da universidade como tão somente uma necessidade para o mercado a transforma tanto numa necessidade quanto numa atividade de reprodução do sistema social, fazendo-a perder seu caráter de possibilidade criadora do novo, por meio da pesquisa e da produção cultural, e sua caracterização enquanto espaço político, já que esta se apresenta como instituição voltada à discussão, à reflexão e à construção de novas concepções em torno das questões e problemas da sociedade mais ampla. Neste sentido, tanto Daniel quanto Madalena apontam uma

ressignificação do sentido de universidade a partir da experiência do cursinho, por sua reorientação no modo de situar o conhecimento.

A questão da universidade, a partir de uma relação com o conhecimento pautada pela significância, e não pela funcionalidade, não se coloca em termos de uma necessidade, mas em termos das possibilidades que esta escolha engendra na experiência pessoal e na atuação coletiva. Neste sentido, ela não precisa ser uma escolha de todos, desde que se possa garantir socialmente tanto que todos possam ter acesso a ela quanto que todos possam ser respeitados em seu direito de inserção social de modo independente à sua formação escolar. É neste sentido que Daniel apresenta sua reflexão “Todo mundo precisa fazer universidade? Eu acho que todo mundo tem que poder fazer. Mas não sei se todo mundo tem de fazer universidade. Porque para as pessoas adquirirem, para serem respeitadas, porque para eu ser respeitado, pelo que eu pensava, eu pressentia, eu precisei fazer universidade?” Jonas aponta para essa questão quando critica os projetos de inclusão de alunos da rede pública nas universidades particulares, dizendo que esse movimento não resolve os problemas desses alunos. É também na direção da possibilidade de atribuição de sentido para o conhecimento que se mostra a resposta de Madalena a esta questão: “Desse jeito enfadonho, sem sentido (...) não, não quero”.

Finalmente, é necessário destacar a dificuldade de manutenção destas experiências num contexto em que o discurso e a dimensão econômica adquiriram privilégio em relação ao discurso e à dimensão política no âmbito das atividades humanas. Neste sentido, o próprio caráter funcional e seletivo tanto da universidade em relação ao mercado de trabalho quanto do vestibular em relação à universidade operam num distanciamento entre aquilo que é propriamente experienciado no âmbito das relações humanas e aquilo que é informado e exigido no âmbito da formação. A educação, deste modo, desarticula-se das questões de constituição coletiva do mundo humano e volta-se para a habilitação funcional da produção

no contexto da sociedade de consumidores. É assim que podemos compreender, por exemplo, a organização da seleção para as universidades públicas, se levarmos em consideração que só muito distantemente o que é exigido nas provas é de fato aproveitado. Entretanto, esta cisão entre o processo seletivo e o curso propriamente dito constitui um grave problema numa outra esfera da educação: a seleção para a universidade acaba por moldar o ensino médio de muitas escolas particulares, que adotam como critério de excelência a admissão nas universidades públicas. Ocorre, deste modo, uma profunda distorção da função do ensino médio, trazendo prejuízos enormes na formação humana das pessoas: prevalece a competição entre os alunos e uma visão mecanicista do aluno, na qual sua capacidade é avaliada pela sua habilidade em reproduzir informações. Esta lógica que desprivilegia a constituição conjunta e crítica do pensamento tendo a experiência como intermediária é, de certo modo, um prenúncio do próprio mercado de trabalho, regido pela produção econômica. A organização pragmática dos cursinhos, de modo geral, segue a mesma lógica da educação desenraizada, na qual a experiência é destituída de sua legitimidade enquanto maneira de acesso e compreensão do mundo em prol da reprodução informativa.

Deste modo, é pertinente que uma trajetória de inúmeras vicissitudes se apresente na experiência de comunidade. Em primeiro lugar, há a dificuldade de sua efetivação: foi necessária uma prolongada elaboração do projeto do cursinho para que este pudesse se efetivar e possibilitar o compartilhamento dos alunos. A seguir, há a dificuldade de sua manutenção: num contexto como o de nossa sociedade, em que a lógica individualista é hegemônica, tentativas de utilização pessoal das experiências de comunidade e riscos de destituição dos espaços nos quais estas experiências podem ocorrer, acabam constantemente por ameaçar desacreditar as experiências comunitárias. O relato de Daniel em relação à panfletagem realizada pelos alunos do cursinho é um exemplo deste caráter frágil de tais experiências, cujo espaço necessita constantemente de uma atuação ativa para sua

preservação. É também neste sentido que se pode compreender o atual redirecionamento do cursinho popular estudado, no qual o sucesso obtido, tanto nas aprovações para os vestibulares quanto nas ricas experiências dos alunos nos projetos extraclasse, renderam-lhe fama e possibilidade de grandes lucros a partir de mensalidades que se colocam, infelizmente, numa faixa de preço que o torna inviável para justamente aqueles que, no princípio do projeto, eram o público alvo: estudantes das classes mais pobres. Após vários conflitos entre professores e coordenadores que eram a favor dessas mudanças e um grupo dissidente, o uso nome do cursinho, como virou uma *marca*: tornou-se alvo de disputa judicial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Teodor W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995. 190 p.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2005. 348 p.
- _____. Crises da República. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. Filosofia e Política. **Da dignidade da política**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993. 195 p.
- _____. A condição Humana. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária Ltda, 1981. 360p
- ASCH, S. E. **Psicologia Social**. Trad. Dante Moreira Leite e Miriam Moreira Leite São Paulo: Nacional, 1966 2ed.
- BACCHETTO, João Galvão. **Cursinhos Pré-Vestibulares Alternativos no município de São Paulo (1990-2000): A luta pela igualdade no acesso ao Ensino Superior**. 2003. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política : ensaios sobre literatura e história da cultura**. Vol. 1. 5ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1993. 253p.
- _____. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Obras escolhidas Vol. 3. 3ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. 271 p.
- BOURDIEU, Pierre. (org.). Compreender. In: **A Miséria o Mundo**. Petrópolis: Vozes. 1999.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 1ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 404p.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade Lembranças de Velhos**. 3ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484p.
- _____. **Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. 2ª Edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 219p.
- BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães. **Práticas psicológicas em instituições e formação em psicologia: possibilidades de reflexões sobre o sentido da prática**. Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – São Paulo: s.n., 2005. 179p.
- CHAUÍ, Marilena. Experiência do pensamento (homenagem a Maurice Merleau-Ponty). In: **Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CRITELLI, Dulce M. **Analítica do Sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996. 142p.

CROCHÍK, José Leon. **Os desafios atuais do estudo da psicologia na modernidade**. São Paulo: Revista de Psicologia USP, vol. 9, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio De Janeiro: Paz E Terra, 1985.

FUVEST. **FUVEST 2006 Questionário de Avaliação Sócio-Econômica** – estatísticas para candidatos inscritos. Disponível em www.fuvest.com.br/scr/qasen.asp?anofuv=2006&fase=3&carr=0000000TOT&quest=07&tipo=1&grupo=1

_____. **FUVEST 2006 Questionário de Avaliação Sócio-Econômica** – estatísticas para candidatos matriculados. Disponível em www.fuvest.com.br/scr/qasen.asp?anofuv=2006&fase=3&carr=0000000TOT&quest=07&tipo=3&grupo=1

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 1989.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Cultura e Formação: Notas Marginais. In: PATTO, Maria Helena S. e FRAIZE-PEREIRA, João A. (orgs). **Pensamento Cruel – Humanidades e Ciências Humanas: há lugar para a Psicologia?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

_____. **Passagem para Vila Dionisa – uma introdução ao problema da humilhação social**. 1995. 171 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

_____. **Humilhação Social – um problema político em psicologia**. Psicologia USP, 1998, vol. 9, nº 2, p. 11-67. ISSN 0103-6564.

_____. **“Problemas de Método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante”**. In: BOCK, A.M.B. (org) **Psicologia e o Compromisso Social**. São Paulo: Edit. Cortes, 2003. 382 p.

GRÊMIO POLITÉCNICO. **Revista do Cursinho da Poli**. São Paulo, 2000.

_____. **Revista do Cursinho da Poli**. São Paulo, 2001.

_____. **Revista do Cursinho da Poli**. São Paulo, 2005.

HAMBURGUER, Ernest Wolfgang. Seletividade Social e o Vestibular. In: **Seminários Vestibular Hoje**: coletânea de textos. Brasília: MEC, setembro de 1987.

IANNI, Octávio. **Enigmas da Modernidade - Mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 319 p.

MAHFOUD, Miguel. A vivência de um desafio: Plantão Psicológico. In: ROSENBERG, Raquel Lea (org) **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa**. São Paulo: EPU, 1987. 94 p.

MERLEAU- PONTY, M. Sobre a fenomenologia da linguagem. In: **Os Pensadores – Maurice Merleau-Ponty**. São Paulo: Abril Cultural, 2ª edição, 1984, p. 135.

MENEZES, Luis Carlos de. **O novo público e a nova natureza do ensino médio**. *Estudos avançados*, maio/ago. 2001, vol.15, n° 42, p.201-208.

MITRULIS, Eleny; PENIN, Sônia Teresinha de Sousa. Pré-vestibulares alternativos: da igualdade à equidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 128, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 Dez 2006. doi: 10.1590/S0100-15742006000200002.

NOGUEIRA, Maria Alice. Um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo, ZAGO, Nadir (orgs.). **Família & Escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000; 183p.

PATTO, Maria Helena Souza. “Fracasso escolar: a natureza do discurso oficial” In: **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Variação sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo **Experimentos com Histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983.

_____. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In SIMSON, Olga R. de Moraes Von, (org). **Experimentos com Histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988. 195 p.

ROGERS, Carl. **Terapia centrada no paciente**. Santos: Martins Fontes, 1974. 525p.

ROSENBERG, Raquel Lea. Biografia de um Serviço. In: _____.(org) **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa**. São Paulo: EPU, 1987. 94p.

SAFRA, G. **A face estética do self: teoria e clínica**. Aparecida, SP: Idéias & Letras: São Paulo: Unimarco Editora, 2005. 174p.

SANTOS, Alexandre dos. **Um estudo exploratório sobre a construção de modelos teórico-práticos: a orientação profissional em cursos pré-vestibulares**. 2002. 103 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SANTOS, R. E. A difusão do ideário anti-racista nos pré-vestibulares para negros e carentes. In: SANTOS, S. A. **Ações afirmativas e o combate ao racismo nas Américas**. Brasília: SECAD/MEC, 2005.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Aconselhamento Psicológico e Instituição: Algumas considerações sobre o Serviço de Aconselhamento Psicológico do IPUSP. In: MORATO, Henriete Togneti Penha. **Aconselhamento Psicológico centrado na pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. 442p.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado – História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385 p.

VIANA, Maria José Braga. Longevidade escolar em famílias de camadas populares – Algumas condições de possibilidade. In: NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo, ZAGO, Nadir (orgs.). **Família & Escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000; 183p.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Antologia organizada por Ecléa Bosi. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 468 p.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta e FIAMENGUE, Elis Cristina **Ensino médio: função do estado ou da empresa?** Educação & Sociedade, ano XXII, no 75, Agosto/2001.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, fui convidado(a) por Allan Saffiotti, mestrando do Programa de Pós Graduação do Departamento de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, a participar de uma pesquisa sobre as transformações por que passa um aluno de baixa renda em um Cursinho Popular. Fui selecionado(a) por ter sido aluno(a) de um Cursinho Popular e por ter sido atendido(a) no Serviço de Plantão Psicológico desta instituição.

Fui comunicado(a) que a participação neste estudo é absolutamente voluntária e tenho a possibilidade de desistir de participar em qualquer momento. Esta pesquisa não tem vinculação com a instituição onde fiz a preparação para o vestibular e minha participação não acarretará em nenhum prejuízo prévio ou posterior. Meu nome será mantido em sigilo, nos textos transcritos será trocado por um pseudônimo.

Se concordar em participar, o pesquisador irá me entrevistar, fazendo perguntas e utilizando um gravador de áudio para registrar minhas respostas. As perguntas serão sobre as minhas motivações, dificuldades e descobertas no período em que estudei naquele Cursinho. Estas respostas serão depois transcritas e em novo encontro com o pesquisador poderei acrescentar ou retificar aquilo que eu achar que não condiga com o que eu queria comunicar. Receberei posteriormente uma cópia da entrevista revisada e da pesquisa completa, após a conclusão.

Meu nome será mantido em sigilo e o material das entrevistas será utilizado estritamente para a pesquisa e sua divulgação no meio científico. Não há nenhum risco ou efeito prejudicial antecipado em participar da pesquisa.

Eu conversei com o pesquisador responsável e recebi uma cópia deste termo de consentimento. Entendi o que li e minhas dúvidas foram esclarecidas. Sei que minha participação é livre e posso a qualquer tempo desistir de participar.

(Local) _____, (data) ____ de (mês) _____ de (ano) _____.

(assinatura do participante)

Allan Saffiotti
Pesquisador Responsável
(11) 8245-8681
allans@usp.br

Prof. Dr. José Moura Gonçalves Filho
Orientador
zecam@usp.br

ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

TEMA	A INTERROGAÇÃO DO TEMA	AS PERGUNTAS
Vida social pregressa: (1) As origens	(1) A origem familiar. A condição proletária remonta às gerações ancestrais? Qual a influência dos pais na instrução dos depoentes e no seu desejo de estudar?	a) De onde é sua família? b) Qual era o trabalho de seus pais e avós? Ou qual é? c) Que grau de escolaridade seus pais e avós alcançaram? d) Que importância eles davam a sua instrução? Conversavam sobre sua educação escolar? O que seus familiares lhe ensinaram sobre o estudo? Você se lembra de alguma história sobre estudar, algum episódio em família e que lhe tenha parecido marcante?
	(2) A experiência de trabalho, seus começos e desdobramentos. Conhecer as razões e condições de trabalho na juventude (eventualmente, já na infância).	a) Quando você começou a trabalhar? Como era esse trabalho? Como foi? b) Que trabalhos se seguiram?
	(3) Os primeiros sinais de vocação e seus desdobramentos. Desejos, sonhos, vocação e trabalho. Qual a participação da necessidade e do desejo na escolha do trabalho? Há experiência de uma vocação?	a) Você tinha algum sonho de estudo e algum sonho profissional? Ainda criança, e depois, o que você sonhava fazer quando adulto?
	(4) Participação em atividades religiosas, políticas ou atividades culturais em geral. Esta participação terá informado vocações e o desejo de estudar?	a) Você participou de movimentos religiosos ou políticos no bairro ou na cidade? Como foi? b) Frequentava teatros, cinemas, shows de música? Frequentava bibliotecas públicas? Participava de alguma atividade esportiva?
(2) O ensino fundamental e o ensino médio.	Investigar a formação escolar e seus marcos; a relações entre essa formação, o desejo de estudar e as escolhas	a) Onde você estudou o ensino fundamental? Você se lembra como era a escola?

	<p>vocacionais.</p> <p>Investigar se a Escola Pública restringiu as aspirações dos alunos de baixa renda.</p> <p>Investigar a relação entre o gosto por estudo e a atitude dos professores.</p> <p>Investigar se o ensino médio acompanhou vivências de humilhação social.</p> <p>Investigar o desejo de universidade. Como surgiu? Há sinais de uma vocação?</p>	<p>b) Você gostava de estudar? Gostava de estudar ali? De que você se lembra? O que mais marcou?</p> <p>c) No Ensino Médio, onde estudou? Como era a escola? Você gostava de estudar? Gostava de estudar ali? De que você se lembra? O que mais marcou?</p> <p>d) Houve pessoas, dentro e fora da escola, que influíram na sua decisão de estudar e no seu sonho de universidade? Foi no Ensino Médio que você se decidiu por estudar numa universidade? Você se lembra, na escola, de conversar sobre universidade? O que diziam seus colegas e seus professores?</p> <p>f) Quando você anunciou sua decisão de estudar numa universidade, como foi a reação de seus pais, amigos, colegas de escola, professores?</p>
(3) O trabalho e a escola	<p>Voltar a investigar as razões e condições de trabalho na juventude.</p> <p>Outra vez: desejos, sonhos, vocação e trabalho. Qual a participação da necessidade e do desejo na escolha do trabalho? As relações entre o trabalho e o estudo. O trabalho atrapalhava o estudo ou estimulava a estudar? Há experiência de uma vocação? Existe contradição entre vocação e trabalho?</p>	<p>a) Você trabalhou durante o período do Ensino Médio? Que foi marcante nessa época? Algum fato? <u>Como era a rotina?</u></p>
O Cursinho Popular		
(1) O desejo do Cursinho	<p>A decisão de ingresso no Cursinho: circunstâncias</p>	<p>a) Quando foi que você se decidiu pelo <i>Cursinho XX</i>?</p>

	determinantes e expectativas.	<p>Você se lembra como aconteceu? Poderia me contar?</p> <p>b) Que você esperava do Cursinho antes de entrar?</p> <p>c) Qual foi a repercussão da decisão entre familiares, amigos e colegas de escola ou trabalho.</p>
(2) Os primeiros contatos	A seleção e matrícula	<p>a) Você lembra como o foi o dia de chegar ao cursinho para providenciar matrícula? Houve seleção? Que aconteceu? Como foi?</p>
(3) O ambiente e as aulas	<p>O estudante sentiu algum impacto no contato com os conteúdos a aprender?</p> <p>O estudo está associado a um desejo de crescimento psicossocial? Desejo de uma universidade está ligado a abraçar uma vocação?</p> <p>Houve planejamento na tentativa de entrar na universidade pública?</p> <p>O contato como conhecimento pode modificar ou influenciar a percepção de si mesmo?</p>	<p>a) Como foram os primeiros dias no cursinho? Lembra alguma história, algum episódio marcante?</p> <p>b) Como era a sua rotina no cursinho?</p> <p>c) Sentiu muita diferença entre as aulas do cursinho e as aulas da escola?</p> <p>d) Como era o material didático do cursinho? Era muito diferente da escola?</p> <p>e) Quais as dificuldades que encontrou nas aulas?</p> <p>f) Como fazia para tirar as dúvidas? Precisou de ajuda?</p>

<p>(4) O trabalho e o Cursinho</p>	<p>As relações entre o trabalho e o Cursinho. Havia necessidade e havia desejo de trabalhar? O trabalho atrapalhava, estimulava, implicava crescimento psicossocial?</p> <p>A família dificultou ou apoiou o Cursinho? O cursinho implicou renúncias econômicas e psicossociais?</p>	<p>a) Durante o cursinho, você precisava trabalhar? Como era a situação econômica da sua família nessa época? Quantos vocês eram? Precisava ajudar com dinheiro em casa?</p> <p>b) Qual era sua rotina diária, de casa para o trabalho, para o cursinho, e de volta para casa?</p> <p>c) Essa rotina mudou sua vida e hábitos? Ou não? Como foi?</p> <p>d) Você alguma vez pensou em desistir de estudar?</p> <p>f) Lembra algum colega de cursinho que tenha desistido e o motivo?</p>
<p>(5) Laços psicossociais.</p>	<p><i>a) Os colegas</i> O contato com outros alunos. Havia um sentimento de grupo? Houve amizade especial? Isso influenciou sobre o percurso no Cursinho?</p>	<p>a) Havia quantos alunos na sua sala?</p> <p>b) Que lembrança você tem da turma? Como era a relação com seus colegas de classe? Estudam juntos? Estavam juntos fora das aulas, nos intervalos? Reuniam-se noutras atividades do Cursinho? Encontravam-se fora do cursinho?</p> <p>c) Fez amigos no cursinho? Poderia me contar a história dessa amizade?</p>

	<p><i>b) Os professores</i></p> <p>O contato com os professores e sua influência no percurso do cursinho. Que traços pedagógicos e políticos marcaram o vínculo com os professores? A postura dos professores promoveu mudanças na relação com os estudos, com a cultura escrita, com o mundo e os outros? Houve contatos especialmente marcantes?</p>	<p>a) E os professores? Eram diferentes dos professores da escola? Como eram com os alunos? Pode contar alguma coisa sobre eles?</p> <p>b) Você, em algum momento, procurou os professores? Como foi? Houve professores ou professoras especialmente marcantes? Lembra os que lhe deixaram marcas, lembra algum episódio, algum caso ou situação vividos com eles?</p>
	<p><i>c) Plantão de Dúvidas</i></p> <p>O papel do Plantão de Dúvidas no aprendizado e no apoio psicossocial.</p>	<p>a) Quando você fez Cursinho, existia o Plantão de Dúvidas?</p> <p>b) Você recorreu a ele? Como eram os plantonistas? Como era a relação com eles? Você lembra alguma história marcante sobre o plantão?</p>
(6) Participação em outras atividades do cursinho	<p>Houve contato com outras atividades, políticas e culturais, dentro do cursinho? Beneficiaram a experiência de enraizamento no Cursinho?</p> <p><i>a) Participação em atividades culturais ou políticas fora da sala de aula.</i></p>	<p>a) Havia atividades que se organizavam fora da sala de aula, atividades culturais ou políticas? Como eram essas atividades? Você tomou parte nelas? Como foi? Você se lembra? Guarda lembranças de episódios marcantes?</p>
	<p><i>b) Plantão Psicológico</i></p> <p>O papel do Plantão Psicológico no aprendizado e no apoio psicossocial. Que experiências ou mudanças trouxeram ao aluno?</p>	<p>a) Quando você fez Cursinho, existia o Plantão Psicológico?</p> <p>b) Você recorreu a ele? Como eram os plantonistas? Como era a relação com eles? Você lembra alguma história marcante sobre o plantão?</p>
(7) Término do cursinho e provas vestibulares	<p>Investigar as significações e vivências associadas às provas vestibulares</p>	<p>a) Como você via as provas vestibulares antes do cursinho e depois?</p> <p>b) Como você se saiu nas provas daquele ano, você se lembra? Prestou mais de um</p>

	As experiências vividas durante o cursinho modificaram as significações que as provas vestibulares tinham para estes alunos?	concurso vestibular? c) O que sentiu quando recebeu o resultado do vestibular? d) E seus colegas de cursinho? Entraram? Como foi?
--	--	---

Instrução para os depoentes

Como já conversamos, desejo ouvi-lo sobre suas lembranças de quando foi aluno do Cursinho Popular. Quero com você recolher situações, episódios, lembranças do contato com os outros alunos, com os professores; as histórias que você tem para me contar; os momentos marcantes daquele ano. Você, então, vai precisar só lembrar; não se preocupe com explicações ou interpretações: basta lembrar o que aconteceu; explicação ou interpretação virão naturalmente. Preparei, então, um roteiro de perguntas para ajudar nas lembranças. Vamos começar lá atrás, na infância, e vai chegar a hora em que só conversaremos sobre o ano de cursinho.

ANEXO C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – MADALENA

Madalena, de onde é sua família?

Anh... Nós somos descendentes... somos descendentes de espanhóis e meu pai nasceu em Marília e a minha mãe acho que nasceu aqui em São Paulo mesmo... Eu acho que é isso. Meu pai é de Marília e minha mãe daqui de São Paulo. Meus avós de alguma cidade do interior, eu presumo, porque tem família em Adamantina... não sei se eles nasceram lá também... Eu não tenho muita recordação, muitas informações dos meus avós porque eu só conheci minha avó por parte de mãe²¹. Quando eu nasci, todos os três haviam falecido já, então eu não tenho muito este contato histórico da minha família. E a minha família também é uma família não unida, né? Então o contato que eu tenho assim é mais com os meus avós, não, com a minha avó, e tudo que vem é seguido dela, assim primos da parte dela... minha avó que está viva é por parte de pai. E por parte de mãe assim eu tenho pouquíssimo contato, quase não conheço a minha família por parte de mãe, porque minha mãe quando se casou praticamente foi só para a família do meu pai e deixou todo mundo de lado da família dela... Eu... eu presumo que ela tenha se afastado por questões da vida mesmo, né? Foi morar com meu pai, casou, teve muitos problemas com meu pai, ela era alcoólatra e ele também, tem uma série de problemas que aconteceram no passado que eu não tenho acesso, eles nem nunca me contaram e imagino que tenham, porque, quando a gente foi morar na casa que eu estou morando atualmente, eu vi muito rancor ali, que a casa, que o terreno é do pai dela, eu senti muito rancor assim na família dela. Então eu acho que, embora eu tenha perguntado, eles não tinham me contado nada, eu acho que tenha acontecido algum problema, alguma coisa assim não muito clara, para que ela não tivesse interesse em manter vínculos com a família dela. O vínculo que ela manteve foi com duas irmãs somente, que foram as tias que eu conheço, a maioria dos irmãos dela morreu, por problemas... alcoólatra, um morreu na cadeia, foi meio trágico, e... a família, pode falar um pouco da família da parte do meu pai? A família da parte do meu pai, assim, não é muito unida porque é uma família extremamente problemática, com problemas de drogas e vícios e... bebidas... Minha avó teve sete filhos e o que mais vingou foi meu pai, que hoje é

²¹ Ela primeiro aponta a avó materna como aquela com quem manteve o maior contato. Com as frases seguintes somos levados a compreender que a depoente se enganou, querendo dizer paterna aqui.

uma pessoa que está desempregada, trabalha como vendedor, não tem muito... é uma pessoa com 63 anos, não é estruturada financeiramente, acho que não é estruturada em nenhum sentido na vida dele. A única coisa que eu sei que ele tem é um coração enorme, uma bondade enorme e isso assim, em excesso na vida dele, sempre predominou essa bondade que acabou muitas das vezes prejudicando ele... levando ele a se propor a ajudar muitas pessoas sem ter condições ele mesmo. Então, a família do meu pai foi isso, ele é o melhor. O resto, os meus tios que eu tive contato, morreram... as irmãs tiveram sempre uma história trágica, entendeu? Uma tia minha e... morreu com problema de saúde, mas basicamente teve uma vida muito difícil, o marido que estuprou a filha... uma outra apanhava, e teve sete filhos, um com cada marido, todos alcoólatras, apanhando... e aí os filhos hoje, desse sete só três conseguiram trabalhar e levar uma vida normal. O resto, um está preso, outro virou traficante, outro está quase morrendo de tanto beber... E os irmãos dos meus pais, os que estão vivos são só dois, um não tem colocação no mercado nenhuma, nunca teve, mas é um bobão assim, no sentido de ser bonzinho, só que não tem vícios nenhum, mora com a minha avó, atualmente em Francisco Morato. E o outro tem o vício de beber, é enfermeiro, só que faz mais de 20 anos que ele não trabalha... por mim acho que teve alguma decepção com a vida, não trabalha e fica só cuidando da minha avó, ficam os dois morando na casa da minha avó. O resto era pedreiro, mas alcoólatra, entendeu? O meu pai foi o que mais avançou na vida, que ele chegou a ter uma loja muito grande de autopeças, foi uma fase da nossa vida assim... que ele parou de beber, começou a trabalhar, montou uma loja enorme no Itaim Bibi, de autopeças, chamava Peças Peres. Era muito conhecida, levava o nome da minha família, e... eu era muito pequena e não sei por qual motivo a loja faliu praticamente, eu tenho um leve conhecimento que foi um problema com sócio, diz que o sócio dele roubou ele. Foi o ápice da vida do meu pai... nesse momento nós morávamos em casa alugada, mas assim muito grande, sobrado com três quartos, tínhamos uma vida média, assim, não tínhamos problemas com despesas, não tinha muito problema financeiro, né? Mas é... meu pai nunca teve assim a idéia em investir muito em educação, estudo, talvez porque ele não tivesse conhecimento. Nesse ápice da vida dele o que ele fazia para ajudar as pessoas era dar dinheiro, ele dava dinheiro pra gente... e eu na adolescência, 12, 13 anos, gastava com roupa de marca, né, eu ia em shoppings comprava tênis, calças muito caras e ele dava

dinheiro... dava dinheiro para todo mundo, ele era um homem que dava dinheiro na família!! As crianças chegavam nele quando tinha almoço de família: “Me dá um dinheiro?” e ele dava o dinheiro, dava o dinheiro para todo mundo. E durou um tempo, depois disso assim ele só decaiu, gradativamente. Eu achei que ele tivesse estudado até o primeiro grau, até a quarta série assim mais ou menos, mas essa semana eu fui fazer o currículo dele e ele me informou que parou no 3º ano do segundo grau, fiquei até surpresa! Quase terminou. E a minha mãe eu acho que parou na terceira ou quarta série. ... Não tenho notícia do que meus avós paternos faziam. Porque este meu contato era mínimo... Como eu te falei, eu só tive essa minha avó. Com sete filhos e um milhão de netos e bisnetos nunca teve tempo de sentar e conversar com a gente. Então eu não tenho muito conhecimento, o conhecimento que eu tenho que ele era um bom homem, trabalhador e mulherengo, é só isso que eu sei, não sei o que ele fazia, entendeu? A minha avó acho que trabalhava em roça, em plantação, mas ele (o avô paterno) eu não sei, eu não sei mesmo. Meus avós por parte de... de mãe, não tenho a mínima idéia, minha avó provavelmente era doméstica, fazia alguma coisa do tipo, não tinha uma profissão e meu avô eu não faço a mínima idéia... Não tenho idéia do por que eles vieram para São Paulo. Nem imagino a escolaridade deles... Presumo que não seja muita coisa também...

A escolaridade deles você não tem informação?

Pelo histórico da minha família... Provavelmente trabalhavam em roça né? Ninguém tem nenhuma orientação escolar. Pra mim não.

A importância que eles davam para o estudo era...?

... Para não falar zero, um. E assim, eles... a importância que eles davam para o estudo foi formada pela correnteza da sociedade só, entendeu? Quando todo mundo passou a colocar os filhos na escola, minha mãe me pôs na escola, no prezinho... mas assim, nunca teve um objetivo, assim pra ter educação só, para aprender a ler e escrever. Nunca teve um projeto de estudo, e... tanto que minha mãe vivia falando, isso não para mim, para as amigas dela, para os vizinhos, para a família, quando ela conversava falava assim: “Os meus filhos vão estudar até a oitava série, que o governo pede, e acabou! Está ótimo! Isso porque o governo pede, imagina que os meus filhos vão ficar estudando, para quê?” Era essa a conversa que eu escutava ela tendo com as pessoas. Meu pai não conversava comigo sobre

educação... Eles ensinaram que eu tinha que estudar porque era praxe, da primeira à oitava série, porque todo mundo estudava... mas assim eu não me lembro de nenhum incentivo... algumas vezes... algumas vezes a minha mãe olhava o caderno para ver minha letra, mas ela nunca teve assim... discernimento para falar assim: “Deixa eu ver se você está fazendo a continha certa...”, eu não tenho lembrança disso. Então era basicamente um... por isso que eu falei para você, uma exigência da sociedade, um fluxo que a sociedade estava seguindo, então eu tinha que estudar para isso, eu tinha que passar de ano... Não era um valor para eles, entendeu?...Foi isso.

Quando você começou a trabalhar? Como que era este trabalho?

Bom, eu sempre vivi uma instabilidade de ser filha de uma dona de casa e de um comerciante, então até hoje e... a minha vida é regida em picos, muitas vezes lá em cima, outras vezes lá embaixo. E isso me fazia... sempre querer ter meu dinheiro próprio, entendeu? Na época eu nem sabia, não lembro de ter tido alguma, algum... destino para isso, mas eu sempre quis. Quando eu comecei a trabalhar nós não passávamos necessidade, tudo, mas eu lembro que minha mãe falava assim: “Não, tem que trabalhar, começar a trabalhar cedo!” E eu queria ser independente financeiramente, então eu desde nova procurei trabalhar, eu vendia quibes na rua... É engraçado porque minha tia é que vendia, sempre fez quibe para vender e eu queria ajudar ela e me sentir útil... era legal eu saber que podia levar dinheiro para casa, então eu... às vezes era uma aventura para mim, eu pegava a caixinha de isopor dela e saía por aí vendendo quibe, pela rua sempre assim: “Oi, tô vendendo quibe, a senhora quer comprar?” Depois eu ganhei um brinquedinho de fazer gesso que minha mãe comprou na escola, uma maletinha de fazer quadrinhos de gesso e aí eu comecei a fazer esses quadrinhos, montei uma banquinha na frente da minha casa que era um banquinho e uma mesinha e coloquei o gesso lá para vender. E aí meu pai ia lá, comprava... às vezes o vizinho, eu achava um máximo! Era legal, eu estava descobrindo esse poder que eu tinha de seguir a minha vida, de vender, de ser independente... era muito legal, eu estava descobrindo isso. Aí em seguida eu olhei crianças assim, com quinze anos cuidei de neném, também trabalhei numa fabriquinha fundo de quintal, eles montavam capa dura de caderno... e eu ia lá e fazia e trabalhava. Trabalhei com isso. Depois disso que eu cuidei de uma criança para uma amiga da minha mãe... que responsabilidade, né!?

Quantos anos você tinha?

Tinha uns 14, 15 anos. Eu lembro que quando eu ia dar papinha para o neném eu não tinha vínculo nenhum com criança na época... não tinha nenhum apego assim, não tinha nem paciência, estava numa idade totalmente nada a ver com cuidar de criança, e... como eu nunca quis ter filho, nunca me interessei por criança... então eu lembro que eu dava papinha para o neném, ele cuspi na minha cara, eu chacoalhava ele de raiva... foi totalmente imprudente... mas enfim, eu cuidei de criança e depois trabalhei numa loja de roupas e calçados e material escolar no bairro, eu era balconista... depois disso eu fiz um cursinho... mantido por empresários da região que chama Legião Mirim, da Vila Prudente. Era um cursinho de recepcionista, telefonista, onde eu tive aula de datilografia e aula de como trabalhar no escritório, numa recepção... o cursinho durou três meses e depois de uma semana que eu terminei esse curso eu fui chamada para a minha primeira entrevista, que após o fim do curso eles encaminham, eles fazem o processo com as empresas... que mantém um vínculo com eles depois de seis meses. E na primeira entrevista foi na Macéia, onde eu fui com mais cinco meninas, e eles gostaram de mim e me chamaram para trabalhar. Foi a empresa onde eu trabalhei 10 anos, onde eu comecei como recepcionista e sai há pouco tempo de lá como assistente comercial e financeiro. E essa foi minha trajetória profissional.

Quando criança, você tinha algum sonho de estudo, algum sonho profissional?

Quando criança eu tinha um projeto. Sempre fui apegada com animal... com cachorros, os gatos... e eu via os meus... e eu via... na vizinhança via muito cachorro abandonado, muito gato abandonado, eu lembro que eu levava tudo para a minha casa. Teve uma época que eu tinha uns 10 gatos e cachorros. Minha mãe queria me matar! Era eu e minha irmã assim. E o meu projeto era crescer e ter uma parceria com a prefeitura em São Paulo, um projeto para... acolher os animais abandonados e castrar os animais que estavam... os animais do bairro, fazer uma campanha, indo de bairro em bairro, pegando os animais... levando para uma clínica, castrando e informando a população sobre a importância disso... engraçado que eu era tão pequena, acho que eu tinha uns oito, dez anos, e esse era meu projeto de... de vida né? Até foi... basicamente demolido, esquecido, por um bom tempo, acho que por uns 10 anos ele foi abafado e está vindo à tona agora. Agora eu estou lembrando muito

desse projeto, quando eu comecei a me questionar sobre o que eu queria... Esse era meu projeto de vida, eu não sei, não sabia como iria acontecer isso... eu achei que eu devesse ser veterinária, então o que eu falava para todo mundo é que eu iria ser veterinária porque iria cuidar dos animais. Como eu não conhecia nada de nada, eu achava que seguiria a profissão de veterinária para poder cuidar dos animais, principalmente aqueles que não têm condições, como no meu caso, quando os meus bichos ficavam doente eram tratados com remédios de adulto, com boldo... era esse tratamento, a gente não levava eles para o veterinário, porque era muito caro. Então era o meu projeto, então eu vou fazer Veterinária e vou dar amparo para as pessoas que não tem como cuidar dos animais, que não tem condições. E aí depois eu cresci, fui vendo que eu não teria condições de ser veterinária porque eu não iria agüentar passar pelos processos das perdas dos animais, das doenças... que eu ia ficar muito abalada... Então eu desisti dessa profissão por causa disso, que é uma profissão que lida o tempo todo com a vida e com a morte e eu cheguei a conclusão que eu não estava preparada para lidar com a morte, que eu não iria agüentar... à partir do momento que eu tive mais acesso a que um veterinário fazia eu pensei nisso... ter mais noção do que era a profissão... De 13 a 15 anos que foi quando eu tive mais acesso a um veterinário... foram as vezes que meus cachorros morreram e conseguiram passar por um veterinário, que foi quando meu pai estava em uma condição melhor de vida que a gente podia levar na hora do desespero para o veterinário para socorrer... Eu falei: “Não, eu não vou agüentar conviver com isso!”. Depois, mais para frente, eu fui descobrindo, daí já na época de... pós segundo grau, quando eu comecei pensar em profissões eu já fui descobrindo que era bem pior ainda... Porque eu descobri que as faculdades fazem testes com os animais vivos... e que tem aí um processo de crueldade terrível, que tem algumas faculdades que fazem... aí eu comecei a entender que para saber do corpo humano você precisa abrir, estudar tudo... Aí falei: “De jeito nenhum, não tenho condições para isso!” Aí desisti totalmente, falei: “Nossa, não posso, não consigo, não dá!” Realmente não dava para mim, se realmente fosse só a parte boa da história talvez eu até seguiria, mas a parte ruim eu não iria agüentar. Ai foi quando eu desisti dessa idéia e... conseqüentemente, com as situações da vida, essa idéia foi basicamente ofuscada, quase que apagada até, foi deixada muitos e muitos anos de lado, e... Essa foi a única vez que eu pensei em uma profissão quando eu era pequena...

Você participou de movimentos religiosos ou políticos no bairro ou na cidade, como foi?

Não participei de movimentos políticos porque meu pai não tem religião nenhuma e minha mãe se tornou testemunha de Jeová. Testemunha de Jeová não tem envolvimento com a política, então da política, meu crescimento o que eu sabia era que... Meu voto tem que ser nulo, porque todos os políticos são corruptos... Então eu não conseguia chegar... Nem entendia, nem sabia o que era política, vim saber depois, quando eu tinha uns 16, 17, 18 anos. E religiosos, nenhum movimento, “movimento” não, apenas como parte da religião fazia pregação de casa em casa.

Você nasceu em que bairro?

Eu nasci na Vila Bela, fica nas mediações de Vila Alpina, Vila Zelina, que é onde eu moro agora. Sempre morei em um monte de lugares, em vários bairros... Como nós não tínhamos casa própria, então... eu morei nas mediações de lá quando eu era pequena, quando eu me lembro assim de bairros que eu morei seriam depois... bairros um pouco a frente... Nossa, caramba! Só lembro que eu morei na Vila Industrial, só lembro daí para frente. Bairros assim no sentido centro para trás de onde eu nasci, que eram bem para trás... Mais periferia! Então eu morei na Vila Industrial... nas imediações ali, Parque São Lucas... mais fora daquela região que eu saí agora, que é tudo um bairro seguido do outro: Vila Bela, aí passa o Parque São Lucas, depois vem o Ivege, depois na Vila Industrial... É também conhecido como Panorama o Ivege, nem sei se chama mais Ivege. O mais longe que eu saí daquelas imediações numa situação de extra emergência, foi recente, agora com uns 22 anos que eu peguei de lá e fui para o Patente. Mas foi sempre esses bairros. Mas eu não eu morei num lugar só, era ao contrário. Eu morava a cada dois anos numa casa e sempre tive que agüentar piadinha: “Onde você está morando agora? Parou de ser cigana?” Essas piadas não me incomodavam... Só depois que eu entendi o que as pessoas queriam dizer que eu falei: “Caramba, é mesmo né?!” Para mim era tão normal aquilo...

Você freqüentava teatro, cinema, shows de música ou bibliotecas públicas ou participava de alguma atividade esportiva? Você se apropriava dos espaços nos bairros?

Não... Não, nenhum... Nenhum. Quando eu praticava esporte era brincando na rua ou na escola, quando vim ter conhecimento do esporte... mais para frente tinha um projeto que o pessoal que

era testemunha de Jeová jogava Vôlei todo domingo, e aí a gente jogava nas escolas. Mas eu nunca tive acesso a biblioteca, clubes esportivos... nenhum projeto de bairro, não que eu me lembre. Só dessas formas assim, brincando na rua, depois do contato com a escola... que aí eu conheci o handebol, basquetebol, vôlei... E adorei, né?! Gostava muito de jogar vôlei e meu professor me convidou para ser uma profissional, mas não profissional do profissional, mas para ingressar nesta área... Não foi um professor, na verdade um olheiro. A escola entrou em contato com ele, eu estava na quinta série, ele me convidou para competir, para treinar com ele, para competir em torneios... e eu fiquei louca, alucinada com a idéia porque eu gostava muito, mas minha mãe não deixou por causa da religião. Porque ela não queria incentivar a competição e aí eu não fui, mas foi muito... Cinema, nessa época, uma vez minha mãe me levou para ver Lua de Cristal. Foi a única vez que eu fui no cinema, nessa fase que eu era dependente dela, depois só quando eu trabalhei, que eu tive contato com outras pessoas... depois de muito tempo, cinco a seis anos, que eu voltei a ir no cinema. Não era hábito de jeito nenhum, nem ir ao teatro. Show de música... só depois quando... eu conquistei minha independência, dos meus pais... financeira, depois dos 17, 18 anos que eu comecei a ir em shows sozinha. Em biblioteca não ia de jeito nenhum, muito menos!

Não fazia parte da...²²

Não, não fazia. (pausa longa)

Onde você estudou o ensino fundamental? Você se lembra como era a escola?

Lembro. Era uma escola do bairro Ivege, Panorama, foi a escola que eu fiz da primeira à oitava série, é... era uma escola... eu não sei como falar do ensinamento porque eu nunca questioneei o ensino da escola, era o ensinamento que eu tive, e era feito por mim, estava ótimo. Era uma escola estadual, onde eu tive acesso ao esporte, ela não tinha muitos projetos que eu me lembre... para se destacar, só excursões, para lazer mesmo. Eu me lembro só disso, de ter ficado o período de tempo necessário na escola, às vezes vinha o pessoal da área odontológica, falar como escova os dentes... teve uma vez um campeonato de dança... na sétima série eu fiz um projeto lá, tinha um guarda que a gente gostava muito que estava passando necessidade, e a gente montou uma festa, eu e uma amiga

²² Ela não me deixou completar a frase.

minha, a professora e o diretor, e aí a gente conseguiu mais colaboradores, que era tipo uma festa junina, onde todo o dinheiro arrecadado seria doado para ele. Foi muito bom! E foi isso só, não têm muitas... muito o que falar da escola. Gostava muito de estudar, muito! Tanto que eu mudei de bairro e eu ia de perua, minha mãe não queria me tirar de lá, então eu continuei estudando de perua, depois eu cresci, continuei indo de ônibus... eu e minha irmã, né, e eu criei muitos vínculos com aquela escola, pois foi minha primeira escola, eu conhecia todo mundo. Era a minha escola. O ensino médio eu estudei em... deixa eu ver, em uma, duas, três escolas.. O ensino médio foi onde começou as turbulências da minha vida e... eu lembro que eu comecei a estudar numa escola, longe, sempre longe de casa, mas eu lembro que eu sempre procurava a escola, minha mãe sempre andava se informando: “Qual a qualidade da escola?” E eu também queria. Nas escolas lá do meu bairro, da Vila Industrial, eram péssimas, péssimas porque o povo falava: “Ah, é um lixo, tal!” “Ali também é um lixo!”, então no segundo grau passou a ter a minha participação na escolha da escola. Então a minha mãe... ela não definia a escola que eu iria estudar mas havia essa preocupação... Dela também, porque as pessoas comentavam que a escola era um lixo e ela não queria me jogar numa escola que era um lixo. Na do primeiro grau ela sabia que era uma escola boa, então... aí a gente... eu fui assim... tinha uma amiga minha, pessoas que estavam na mesma preocupação porque lá só era de primeiro grau, e aí eu acabei indo para uma escola dois bairros à frente da escola que eu estava... Mais longe ainda! E aí eu comecei a fazer o primeiro grau lá²³, e parei porque eu comecei a trabalhar nessa empresa o dia inteiro e... Não, o primeiro ano eu terminei lá, o segundo ano eu já procurei uma outra escola porque eu não estava gostando de lá, estava um pouco desanimada com aquela escola... não lembro o motivo, não era o ensino, acho que era o ambiente que não me agradou muito... E aí eu fui para São Caetano, porque todo mundo falava que estudar em São Caetano era muito bom. Mais uma vez a minha participação e a da minha mãe, assim, apoiada pela minha mãe... A gente foi para uma escola de São Caetano, estadual também, mais longe ainda agora, e... no segundo do segundo grau, foi o ano onde tudo aconteceu... eu parei no meio do ano pois eu não estava agüentando mais trabalhar e estudar direto... e eu estava muito movida pela euforia das pessoas que eu encontrei ali na escola, várias amizades... então era uma

²³ Ela quis dizer primeiro ano.

escola, eu não sei o que é que era de bom naquela escola, por que a escola ficava... aliás era por isso que eu fui para aquela escola, mas aquela escola para mim era perfeita porque ela era na Avenida Goiás de frente com o Habib's, do lado do McDonalds, na rua dela tinham vários barzinhos e eu queria conhecer... estava querendo ver gente, não queria estudar! E a escola simplesmente ficava aberta das... o portão o tempo todo ficava aberto. Então assim eu estudava à noite, porque eu trabalhava e no intervalo o pessoal saia... ia beber cerveja no bar... a escola ficava a quatro quadras do Shopping, entendeu? E aí, o que aconteceu? Não consegui estudar! Não queria mais estudar, parei, porque todo mundo ficava lá fora, ninguém entrava na sala! Isso não era importante na escola, por que... ainda assim muita gente conseguia passar lá. Os professores também... Quantas aulas eu tinha por dia? De cada sete ou oito matérias que eu tinha dois professores da escola se interessavam em dar aula e eram as aulas que eu assistia, só. As outras os professores sentavam na sala... ou os professores muitas vezes faltavam... tinha muita aula vaga, muita aula vaga! Uma falta de compromisso total... os professores, quando eles davam aula era aquela coisa totalmente desinteressante de encher o quadro de lousa, copiar e pedir dez respostas sobre aquele texto. Muitas vezes eu me questionava: "Poxa, o que eu estou fazendo aqui? Que sentido tem isso? Nossa, que coisa chata escrever, copiar, tirar uma nota, passar de ano!" Não tinha nexos aquilo! Tinha professores que eram extremamente ridículos, que sentavam e começavam a falar da vida deles. A aula... não foi uma, duas ou três, era o ano inteiro! Não dava aula!! Sabe o que é não dar aula?! E ainda falava: "Pode ficar despreocupada, a prova vai ser em dupla e com consulta" Ah, me desanimou total! Aí eu parei de estudar no segundo ano e aí depois voltei no segundo, dessa vez grávida e trabalhando... já com o incentivo e a pressão do meu trabalho, eles queriam que eu terminasse... nesse momento começou a vir muita instrução de lá, que eu não tinha em casa... A importância de...terminar o estudo, não do estudo, mas a importância de terminar o estudo, do diploma do segundo grau... porque a todo momento eu me questionava: "Mas, para que isso? Mas por que? Para que?" Eu não via sentido nesse "bater cartão". No trabalho o sentido que deram para o estudo era o sentido da exigência do mercado profissional, você precisa ter o segundo grau. Continua vazio, formal, exatamente pelo diploma... não era porque eu não sabia escrever ou fazer conta...

Era porque ia te fazer pessoa melhor?

Era porque precisava desse... clichê para empresa ou para outros serviços, então assim, não vinha só para a empresa, sempre me falavam: “Olha, para você conseguir trabalho você precisa ter o segundo grau”. Entendeu? Então quando eu entrei lá eu estava no segundo grau, parei e depois voltei, basicamente incentivado por eles também. Então quando eu voltei a minha idéia era assim: “Eu estou aqui estudando porque eu preciso terminar o segundo grau, eu *tenho que* terminar, senão eu não arrumo emprego”.

Houve pessoas dentro e fora da escola que interferiram na sua decisão de estudar e no sonho de universidade? Você está me contando que a exigência do estudo é uma coisa puramente formal, de onde veio o sonho da universidade? Onde modificou o sentido do estudo?

Com certeza. Bom, eu tive uma amiga que era carne e unha comigo, que pensava totalmente... que teve um outro estilo de... o mesmo estilo de vida mas ela tinha incentivo de estudar dos pais dela, e aquilo veio para mim automaticamente, então ela sonhava muito alto: “Eu vou fazer uma faculdade, eu vou estudar no Mackenzie, eu vou fazer um cursinho...”. Ela era muito pobre também, tanto quanto eu ou mais, até na época os pais dela eram... engraçado né, os pais dela tiveram filhos já velhos, com 35, 40 anos, eles eram nordestinos, e... só que eles sempre apoiaram, incentivaram ela e o irmão dela a estudar. Então veio muita coisa dela, porque eu ia lá, nós éramos amigas, basicamente fazia tudo junto, né? Então muito do conhecimento e a vontade de estudar veio dela, porque ela falava em fazer faculdade, ela falava da importância... então vinha essa informação dela e aí vinha do emprego que eu precisava ter um diploma também de faculdade por causa do mercado de trabalho e na escola, os professores falavam da importância de fazer uma faculdade, só que ainda era tudo muito vago... era meio que botado porque você precisa para trabalhar, entendeu? Era pra conseguir emprego. Então teve um professor ali, um ou dois professores que me mostravam esses sentidos no segundo grau... eram os professores que... um era de química e o outro eu nem lembro, então deve ter sido só um, porque o outro eu não me lembro nem para comentar aqui. Eu me lembro desse professor de química, ele falava da importância da vida, de viver, de estudar, mas era uma coisa assim... muito pequena diante das desinformações que eu tinha, que vinha dali. E essa minha amiga, ela falava na vantagem em estudar, de ter uma profissão que ela queria, da faculdade... mas, não vinha também para ela pelo conteúdo de

estudar, como a busca por um conteúdo... vinha assim como uma questão ambiciosa financeira: “Eu quero ter uma boa profissão e eu quero ganhar bem, estar estabilizada, eu quero ter o meu carro e minha casa, então eu preciso estudar. Preciso estudar numa boa faculdade porque as boas faculdades são as mais reconhecidas no trabalho. Então seria a USP e a Mackenzie... E eu faria administração, eu e ela, nós iríamos fazer porque era onde eu estava trabalhando.

Então o sonho de viver a universidade vem como, até com a sua amiga, uma forma de garantir uma vaga no mercado de trabalho ou um bom lugar no mercado de trabalho, uma boa colocação...

É, exatamente.

O estudo está então sempre vinculado a esta questão da manutenção do emprego?

Exatamente.

Um bom emprego na verdade.

De um bom emprego, ela era... sempre mais ambiciosa do que eu. Para ela era importante ter um carro, um bom cargo, um bom emprego, um status, ela queria se destacar através disso e conseguiu...

E os outros colegas de escola, falavam de faculdade, falavam de estudar?

Os outros colegas de escola falavam muito vagamente de estudar... tinha um só que... estava fazendo o terceiro ano lá e fazia cursinho no Anglo. E ele assim falava, comentava, conversava muito comigo sobre os ensinos... Mas também vinha como uma profissão que ele tinha que exercer porque o pai dele queria que ele se formasse como advogado, então ele dizia para mim: “Eu estou terminando o segundo grau...”. Ele era o mais inteligente da sala, porque de manhã ele fazia Anglo, de segunda a sábado, de segunda a domingo, e à noite ele fazia lá de praxe só, entendeu, de praxe. Porque o pai dele em vez de estar pagando a escola particular dele que ele estudou até o segundo ano, no último ano colocou ele no cursinho... para compensar. E era os contatos que eu tinha: ela, esse meu amigo e o meu trabalho.

Não parece em nenhum momento a universidade vinha como um desejo de vocação.

Sempre veio como um desejo imposto. Eu preciso fazer isso como eu precisei me formar da primeira a oitava série... do primeiro do segundo grau ao terceiro e agora eu tenho que ter a faculdade.

Quando você anunciou sobre sua decisão de estudar numa universidade, numa faculdade, como é que foi a reação dos seus pais, amigos, colegas de escola?

Naturalmente... Olha, dos professores... eu não lembro de nenhuma reação que se destacasse ou que... (pausa longa) não teve nenhuma reação assim, nem para mais nem para menos assim, que eu possa trazer ou me lembrar para comentar. Dos amigos, e... ... não tinha assim uma reação... não tinha uma reação, para eles era indiferente porque eles também estavam no mesmo caminho que eu, quem estudava comigo, aquela coisa de ter que se formar... “Ah, a Madalena está indo, eu também estou indo, seguindo o caminho que precisa seguir”... Então assim, eles ficavam felizes de saber que eu não ia ficar estacionada, estagnada naquilo só. Alguns poucos né? A maioria acabou virando balconista de loja essas coisas... Os meus pais nunca expuseram nenhuma reação para mim, eles não se opunham... e nem incentivavam, eles se mantinham neutros, tipo: “Ah legal, você quer? É o que você quer? Então vai! Só que segue, segue sozinha” ... E essa minha amiga me levava, basicamente ela... me obrigava, assim entre aspas, a seguir isso porque a gente era amiga e eu seria o apoio para ela, o porto seguro dela, eu sempre fui. Então ela fazia a minha cabeça que eu tinha que ir, então assim, quando ela resolvia as coisas de faculdade, ela já resolvia pensando nela e em mim... e aí, claro, eu nunca fui pela cabeça dela, mas ela sempre trouxe uma resposta que se adequava a minha realidade e a dela, financeiramente.

Estabelecia parâmetros para você e para ela?

Exatamente.

Fazia sentido para você?

Fazia...

Não era uma violência, não era imposto isso?

... Olha, não sei em que sentido assim e... eu sinto assim que era uma violência, uma coisa imposta, porque a minha tendência estava em seguir aquela coisa assim onde todo mundo tava seguindo... Aquela coisa de seguir o fluxo.

De ser balconista de loja?

É, exatamente! Não tinha a orientação da minha família... no meu trabalho eles falavam que eu precisava de um diploma... como eu já tava lá mesmo eu não ia ser uma balconista de loja... então, eu estava seguindo um fluxo no qual eu fui colocada na sociedade e ela vinha e me tirava, porque ela tinha essa coisa de ambição assim financeira. Eu não sentia assim muito aquela vontade e ela vinha e falava assim: “Não, você vai, porque vai ser bom, a gente tem que ir junto, vai ser legal, eu e você, uma vai dar apoio para outra, você precisa da faculdade, tal...” Então assim, nesse sentido, muitas vezes precisou ser até um choque, né, ela não me dava opção: “Você vai comigo, vai eu e você fazer, já vi um curso legal, vai eu e você”. E eu ia, eu ia porque, diante do fluxo, ela era a única que me chamava para uma coisa diferente. Nesse sentido era uma coisa imposta, mas não era violenta.

Ela considerava o que era bom para você.

Exatamente, e ela também pensava nela, porque eu era o porto seguro dela.

Você e ela precisavam de apoio, apoio uma da outra. Ela buscava alguém que tivesse um sonho parecido para sentir real o sonho dela.

É... foi ela que me levou, para esse caminho com esse sentido, sabe, de ter um status na sociedade, ter um poder, de ter dinheiro, um trabalho bom, uma casa boa, um carro bom... É isso. Na verdade eu estou trabalhando na área, mas eu não encontro ninguém que me fale que está feliz profissionalmente... que me traga um conteúdo, sabe? Então eu encontrei uma amiga minha... da minha época de oito anos de Braga, que foi o primeiro grau, e ela falou: “Ah, me formei em Marketing...”. Ela também não casou, não teve filho e está trabalhando no Banco Itaú... não está trabalhando na área dela... e aí eu pergunto, não deste jeito: “E aí, o que mais?” para as pessoas... e ninguém traz mais de resposta, ninguém traz nada de valor, só me traz aquela... tendência: “Ah, eu fiz faculdade, agora eu estou trabalhando, o trabalho é super estressante, eu faço faculdade, eu tenho que fazer a pós ou MBA...”, “Ah, por que?” “Senão você não consegue subir de cargo, blá, blá, blá...”. Todo mundo me traz esse fluxo, que é gerado pelo sistema, ninguém me traz nada de mais. Ninguém me traz assim: “Ah, eu estou feliz!”, todo mundo me traz assim, “eu estou fazendo isso porque eu tenho que fazer”. “Ah porque eu amo estudar, eu passo horas estudando, eu tenho o maior prazer estudando...”. Não, ninguém me fala isso, todo mundo fala: “Eu *tenho* que fazer uma monografia... ah

eu *tenho* que fazer...”. Até a expressão não é boa, ninguém me traz: “Nossa! Ah eu me sinto triste e estranha em relação a isso, porque... eu não quero este mesmo destino, entendeu? Eu não me permito seguir este mesmo destino, eu sinto uma força enorme assim, por peso da sociedade, falando: “Oh, se você quiser ser feliz financeiramente, socialmente, você tem que seguir esse caminho, é esse o caminho!”. Eu não vejo conteúdo nesse caminho, existe só um simples cartão que eu tenho que bater para provar para as pessoas com um papel que eu sou capaz... que eu tenho o meu outro lado que é muito simples que diz eu não preciso seguir isso para dizer que eu sou capaz de fazer. Claro, eu quero, eu preciso estudar, eu quero me aprofundar, mas não dessa maneira enfadonha, vazia, entendeu? De uma maneira que seja prazerosa, porque eu gosto de estudar administração, eu acho interessante os conteúdos da matéria, entendeu? Estudar a parte financeira, estudar a parte contábil... eu acho que tem também recursos humanos... todo o processo que envolve a área administrativa eu gosto, isso me chama a atenção porque me traz uma questão de administração, organização, que eu não tive a vida inteira através da minha família. Então, talvez até por causa disso eu goste dessa administração, desse controle, e... só que assim não desse jeito, eu não quero desse jeito, que é o jeito que todo mundo fala para eu seguir. As opções são: ou você faz a faculdade para ir lá bater cartão ou coisa assim sem sentido... aí depois fazer um MBA, eu nem sei o que é dizer isso, eu falo porque eu ouço as pessoas falarem, uma pós, um MBA, sei lá! Porque tem que fazer. Eu falo: “Caramba, eu não quero mais fazer as coisas porque tem que fazer!”. Entendeu? Ninguém traz sentido nas coisas... ninguém!! É incrível. Tive poucos momentos que eu vi sentido nas pessoas em estudar, em se aprofundar. Eu olho para isso tudo e falo: “Eu não quero ser assim”. Por mais que eu brigo, tem uma pressão minha interna em precisar ser assim... eu não quero! Às vezes eu acho que essa força do não quero é pequena, mas ela é um monstro dentro de mim e acho que foi isso que me fez chegar até aqui, até onde eu estou no momento.

Com relação ao trabalho e escola, você trabalhava e estudava, como que era a rotina?

Eu trabalhava e estudava no ensino médio. Era uma rotina cansativa... eu trabalhava o dia inteiro, saía de lá correndo e ia para a escola estudar. Não tem muito o que falar, eu fazia as coisas assim muito pelo... não havia sentido! Eu tinha que fazer, eu estava ali porque eu tinha que estar ali...

nem os próprios professores me traziam algum sentido... muitas coisas aconteceram, mas não foi nada em relação ao trabalho e a escola. O trabalho eu continuei seguindo, eu não sei se chama cabresto, aquela coisa assim de seguir sem olhar para os...? O trabalho eu continuava seguindo sem olhar para os lados e a escola também... eu precisava, eu tentava ser boa naquilo que eu estava fazendo, porque nesse momento eu já tinha um pouco dessa noção assim sabe, de querer fazer com que algo faça sentido e não uma simples nota que tira em ler o texto e responder perguntas.

Uma criança apareceu nesta história, não é?

É então, por isso que eu falei, muita coisa aconteceu, mas não foi nada relacionado a... na escola. É engraçado, não sei, fico meio preocupada porque eu não tenho nada para te trazer em relação à escola e minha relação ao trabalho, eu não sei se eu já te falei e as outras coisas que aconteceram não era relacionadas a isso. O fato de eu engravidar ele naturalmente veio para atrapalhar...Tinha dezessete. Porque se já era difícil trabalhar, sair de lá, ir correndo para a escola sem estar grávida, grávida é mais ainda... eu não sei de onde vem isso, mas tem uma coisa dentro de mim que sempre faz com que a barreira que chega, de superar e transformar em algo positivo. Então, isso foi um desafio para mim e acabou virando um incentivo o fato de eu estar grávida...passou a fazer que as coisas ficassem mais instigantes por que eu tinha que superar aquele desafio de terminar o ano grávida! Era pior do que não terminar, era bem pior do que não... terminar o ano sem estar grávida, mas essa coisa pior ainda falando que eu não ia conseguir por causa da gravidez, eu virei e falei assim: “ Não, agora eu vou conseguir! Eu vou fazer o ano inteirinho grávida!”. E foi o que aconteceu, terminei o terceiro ano grávida, fui até o oitavo mês para a escola e o resto eu fiz em casa. E concluí. Assim, o que chegou para ser uma barreira, uma desculpa, acabou virando um estímulo, um desafio... eu acabei concluindo e isso me ajudou, veio como uma ajuda, acabou virando uma ajuda.

Quando foi que você se decidiu pelo Cursinho? Você se lembra como aconteceu? Você poderia me contar?

Essa minha amiga queria fazer uma faculdade, e eu também que estava indo por osmose com ela e... mas com ela, e não com os outros... e ela pesquisou onde poderíamos ter condições de fazer um cursinho e encontrou esse, porque tinha preços acessíveis, bolsas... e me apresentou a idéia...nós

visitamos outros... eu visitei o Anglo a pedido desse outro meu amigo que fazia, passei o dia inteiro lá com ele... E era uma fortuna para estudar lá! Eu gostei do que eu vi lá, depois ficou tão pequeno com o que eu vi lá no cursinho que eu falei: “Caramba!”. Então, veio dessa idéia de fazer cursinho mais barato, que a gente tivesse condições financeiras, e aí ela achou esse cursinho, ela me contou como funcionava, onde era... um absurdo de longe... mas isso não era empecilho, né? Porque também tinha o apoio dela... então, eu tinha um neném de um ano e meio, um ano e oito meses, e eu precisava dar uma estabilidade financeira para ele, também era o que ela me trazia: “A gente precisa ganhar bem, precisa se formar...”, “Eu preciso, eu tenho um filho, tal...”, Lá tinha uma opção de você estudar três vezes por semana, e foi o que eu fazia. Era segunda, quarta e sexta, eu saía correndo do trabalho e ia para lá... aconteceu desse jeito, veio através dela essa idéia, e... ela morava perto da minha casa, então a gente se encontrou... eu botei na cabeça que precisava fazer faculdade, que eu precisava ser alguém na vida e... a gente começou, eu fui lá, fiz a prova lá na USP e a gente começou fazer o cursinho desta maneira, através dela. Eu esperava que o cursinho me preparasse para fazer uma prova numa universidade pública. Que era a expectativa de todo mundo quando faz um cursinho, se preparar para fazer uma prova.

E como foi a repercussão dos seus familiares, amigos e colegas de trabalho e escola, sobre esta sua decisão?

No trabalho o pessoal falava: “Ah, legal... vai sim...vai atrás sim”... Lá, em casa a mesma coisa, porque basicamente na minha casa eu trazia as idéias e apresentava as coisas na vida de estudo para os meus pais, e eles conheciam através de mim e falavam: “Você acha que é bom para você, então vai”. Então eles me apoiaram dessa forma, e a minha mãe, principalmente, ficando com o meu filho que era um bebezinho que para ela não era nenhum problema... ela acabou gostando, até. Foi dessa forma. E os amigos e... eu sentia que as pessoas viam em mim uma força, porque eu buscava de alguma forma, as coisas vinham para mim porque eu estava buscando... seja através dessa minha amiga que me incentivou, seja através da minha vontade de fazer as coisas, então... eu sentia que as pessoas viam certo destaque em mim, mas nada assim comunicado verbalmente, sempre através da

sensação, das expressões... Mas foi isso basicamente, os amigos foram assim a reação e... ... o que as pessoas falavam: “Você está certa... esse é o caminho... está no caminho certo...”, foi essa a reação.

Para a matrícula? Houve seleção?

Houve uma seleção... eles me pediram uma série de documentos, onde eu precisava provar que eu me encaixava num determinado perfil sócio-econômico... e eu providenciei, não tive problema nenhum em providenciar esses documentos e... tinha muita gente no dia lá, eu fui com essa minha amiga, nós fomos juntas, e eu providenciei. Cheguei lá, uma sala cheia de gente... aguardei o atendimento, o pessoal me atendeu, pegou meus documentos, falou que estava tudo bem, que era para aguardar uma resposta. Como eu sabia que não tinha porque dar errado, então para mim foi muito tranquilo, porque era um mais um igual a dois. Eles pediram para eu fazer uma prova, eu fiz... não lembro se tinha que alcançar certa pontuação na prova, mas eu fiz a prova, e eles pediram para eu me encaixar num certo perfil sócio-econômico, eu me encaixei. Eu só estava aguardando uma resposta que ia ser positiva, foi o que aconteceu.

Ah, eu não lembro quando fiz cursinho. Não lembro data, acho que foi em 2000 ou em 2001.

Eu não lembro.

Já tinha o segundo prédio?

Já.

Então era 2001.

2001?

Mesmo porque, o plantão psicológico, em que você passou comigo, só começou a funcionar em junho de 2001.

Foi isso mesmo.

Como foram os primeiros dias no cursinho? Lembra de alguma história, algum episódio marcante?

Ah, eu lembro de um monte! O primeiro dia foi fantástico, porque eu me sentia... eu encontrei um grupo de pessoas dentro da minha sala com o mesmo propósito que eu, e eu me sentia mais forte ali. Quando eu estava perto deles, eu me sentia mais potente e foi uma descoberta atrás da outra,

porque ter aulas naquele estilo de aula para mim foi uma novidade. Ter aquele desafio de sair correndo do trabalho, pegar um ônibus, entrar no trem, pegar um outro trem, descer e ir correndo, chegar atrasada todo dia e ainda trocar experiência com os outros, a gente levava lanche, todo mundo... eu via que todo mundo estava no mesmo barco ali... de vontade e superação de cada obstáculo, então eu me sentia muito fortalecida e juntava a isso o conhecimento de uma maneira... que fazia sentido, que era a maneira como os professores ensinavam. Eles falavam assim: “Olha, eu vim de escola pública, eu já estive sentado aí, eu sou ex-aluno desse cursinho e eu me formei e estou aqui dando aula”, não lembro se era voluntário, e eu complementava “Com essa puta bagagem de conhecimento!”... então, aquilo foi outra novidade que me marcou, porque eu falei assim: “Nossa! São pessoas do meu perfil, que saiu de onde saí, encarou o cursinho, fez uma universidade pública que era um tabu conseguir... e estão dando aula! Não estão só dando aula, mostrando conhecimento para os outros!” Isso foi outra coisa que marcou assim, não tive isso nos anos que eu estudei, é uma descoberta... neste momento foi uma descoberta de como aprender, o porquê aprender. Do sentido de estudar. Do valor do conhecimento, porque eu admirava o conhecimento que eles tiveram, então eu falei: “Pô, não foi só para tirar nota e passar de ano, o que eles estão trazendo aqui são coisas que entraram neles e eles estão passando aqui para as pessoas, não simplesmente para fazer uma prova, porque a maneira como eles ensinavam era para a vida!” E aí eu comecei a entender porque eles queriam uma prova, porque a prova é uma seleção para juntar a pessoa que tinha um certo nível de conhecimento, que teve um nível de conhecimento para poder entrar na faculdade. Aí começou a fazer sentido as coisas, porque antes não fazia sentido nada para mim nos estudos. Isso foi uma coisa que me marcou muito, eu pensava: “Pô, eu não estou aqui estudando para responder as perguntas da prova”. A maneira que os professores passavam para mim é que eu estava ali estudando para a vida, para poder entrar numa conversa a qualquer momento e saber debater o que está acontecendo no jornal, porque que eu tenho que me interessar por... eles me explicavam, porque eu precisava saber da geografia, onde eu iria usar a geografia e a química no meu dia-a-dia. Por que eu precisava saber aquela conta ridícula de matemática do tamanho da folha? E eles me ensinaram porque eu precisava daquilo. E aquilo... não vinha como um peso, uma coisa chata e difícil, vinha como um prazer, porque se eu aprender o jeito

de fazer esta conta, no mercado na hora de eu comparar os preços, eu posso fazer isso aqui rapidinho e chegar a uma conclusão: “Ah! eu achava que eu pagava mais barato comprando assim, mas realmente, pensando desse jeito... ah, interessante!”. E aí eu tive as aulas de geopolítica, onde o professor me ensinava o porquê que eu tinha que me interessar por política, por que é que eu tinha que ler o jornal, por que eu não lia jornal... não sabia para que ler jornal, entendeu? Por que se interessar nos assuntos do país?... Era tudo muito distante, entendeu? Não tinha sentido. E ali nos primeiros dias de aula foi uma explosão, por que... eu comecei a ter algumas respostas que eu procurava, começava a fazer sentido, não era em vão... Foi logo nos primeiros dias. E foi super importante porque isso me dava força para ir para lá, porque eu já te disse, eu tinha que enfrentar... eu chegava no cursinho abalada, minha cabeça estourando, não só pelo cansaço do trabalho, porque eu tinha que enfrentar uma realidade ali que eu não sabia... que era entrar dentro de um trem abarrotado com a realidade do país: pessoas pedindo esmolas, gente que não dava lugar para senhoras e mulheres sentar, pessoas empurrando, gente fumando no trem, fumando maconha, pessoas mutiladas, sabe? Nossa, era horrível! Era um... um dinossauro que eu tinha que matar ali, para chegar ao cursinho, então tinha que ser muito grande o incentivo... para eu poder agüentar... tudo o que eu tive que agüentar, não fazia parte da minha realidade, muitas vezes eu chegava lá destruída, abalada socialmente falando com a situação do país, da nossa cidade, sei lá, com a realidade da vida, né? E aí chegava lá, através de uma aula bem dinâmica... O que eu não me conformava é que eu nem abria o livro!! Era tudo através de uma conversa, entendeu? E aquilo para mim foi assim surpreendente, fiquei surpreendida com aquilo, porque eu falei: “Nossa! É totalmente oposto do que eu vi naqueles anos de estudo!” Então foi muito marcante isso para mim, porque foi daí que veio muita coisa da minha vida, dessa coisa de fazer sentido... começou a vir daí, desses professores... Era o oposto! Eu não conformava no segundo, terceiro ano da escola, que de sete matérias dois davam aulas, e lá era o contrário! De dez matérias que eu tinha, *um*, um professor, e ainda era porque eu não tinha alguma intimidade, acho que era o de inglês, com a matéria, que eu não considerava ele muito estimulante, o resto... Era totalmente o contrário da escola, era o nada e o tudo.

Minha rotina no cursinho, eu chegava já atrasada, né, já entrava na sala, e... acho que algumas pessoas marcavam, guardavam o lugar lá na frente, eu não enxergava de longe... era uma rotina prazerosa, assim apesar de... da quantidade de informação que eu tinha, mas eu queria muito absorver tudo aquilo! Estava com fome! Mas para mim foi muito pesado... eu queria muito aquilo, assim eu nem sentia o peso, o sufoco de absorver tanto conhecimento, a sensação que eu tinha é que eu estava começando a estudar ali...

Não existia essa sensação do peso, da quantidade de informações, ela era basicamente nula, perto do prazer que eu tinha de estar ali, podendo questionar o professor: “Mas por que isso?”. Melhor do que poder questionar é ter um professor que antecipava, ele estava pronto para mim! Ele se antecipava às minhas questões, ele já falava daquilo, e porque, ele era completo! Então, nossa! Era perfeito para mim, sabe? Era muito bom! Então assim, quando saía uma aula, terminava uma aula, eu respirava fundo assim, conseguia debater, era muito gostoso entrava outro e: “Vamos lá!”. Estava pronta para outra, estava pronta para mais ainda, mais informações... e eu ia descobrindo um universo só... que ia ganhando força, e que estava lá pequenininho... era legal, porque era a resposta... a cada aula eu tinha mais um conteúdo para jogar naquele espaço dentro de mim... que chamava espaço do impossível, do não acontece, do não é assim, e era alimentado em cada aula do cursinho e me mostrava o que – todo mundo me falou que não acontecia – , era verdade, podia ser daquele jeito. Então cada aula me fortalecia em algum sentido, seja no sentido do ensinamento, seja no sentido da vida, da força entendeu? Era impressionante! Tanto que teve momento assim, que eu me desesperei, porque eu queria muito aquilo ali, mas eu não tinha condições de querer, sabe, de poder! Eu queria estar todo dia ali, entendeu? Mas a questão... a prova da USP não é mais o foco, ela passa em segundo lugar... eu queria estar ali para ser uma pessoa melhor... para ser uma pessoa mais culta, mais entendida, para ter conhecimento, sabe? Para ter o conhecimento que eles estavam me oferecendo, eu não queria só de terça, quarta e sexta, eu queria todo dia! Tanto que quando eu peguei quinze dias, com muito sufoco no meu trabalho, de férias, quinze dias eu fui para o cursinho estudar de manhã, passei o dia inteiro lá estudando! Então, a experiência foi, logo nos primeiros dias, super marcante e foi assim fenomenal. Foi um fenômeno...

O material didático no cursinho não tinha nada a ver com o material da escola. Hum... era bem diferente sim... trazia uma situação de jornais, da vida, dos problemas da vida, fulano foi ao mercado, coisas que podia acontecer comigo, coisas reais. Aí então eu entendia o porquê que eu tinha que resolver aquela questão, era um material claro... muitas vezes ele nem era usado, porque a aula sempre supria, eu só usava os exercícios, mas era um material muito claro para mim. Tanto que, agora quando eu estudei para um concurso público... eu tirei todas as minhas apostilas lá do guarda roupa, dei uma folheada nela inteira... Porque eu fiquei um tempo sem estudar, e aí eu voltei a abrir as apostilas e quando eu li alguns problemas, algumas matérias, aquilo fazia sentido como fez, entendeu? Então é uma coisa que entrou e ficou mesmo... a minha dúvida era talvez eu abrir aquilo lá e não entender alguma coisa, mas fazia o mesmo sentido do que na época, o material para mim era... ele... ele... batia com a minha realidade, ele era fácil de ser consumido por mim.

A dificuldade que eu me encontrei foi estudar treze anos... doze, treze anos sem saber o porquê e passar a começar a estudar sabendo o porquê! Então o excesso de informações era muita, a vontade era grande também, só que a capacidade humana é imperfeita, às vezes eu não conseguia alcançar, não conseguia absorver tudo. Essa era a dificuldade minha, porque eu queria entender aquilo, mas eu precisava de tempo... Era muita informação... eu precisava refletir naquelas coisas, que eu estava aprendendo para entender o significado daquilo e eu não tinha. O tempo que eu tinha era o tempo valioso de estar ali, por isso aquilo tinha que ser aproveitado ao máximo. Precisei sempre de ajuda. Ou eu tirava as dúvidas com os companheiros, com os amigos, ou eu recorria ao plantão de dúvidas ou eu recorria até mesmo o professor para tirar as dúvidas.

Era receptivo, de todos os lados! Era uma troca muito boa assim, do: “Eu quero” versus “Eu tenho”. Então era muito bom, eu estava buscando e as pessoas que respondiam também estavam buscando ajudar as outras, seja o amigo do lado... ou seja o professor, ou seja o plantão era um ambiente muito comum, muito familiar... então eu me sentia totalmente acolhida quando eu tinha dúvidas, por isso não tinha medo de ter dúvidas, de tirar as dúvidas... Eu tive medo de tirar dúvidas quando eu percebi que eu não sabia nada... e depois que eu vi que muita gente que estava ali não sabia nada... eu fiquei com medo de ser ridicularizada em público né, de ter que partir do início... depois eu

vi que não, que as pessoas que eu estava tirando a dúvida seja professor, seja plantão, seja amigo, eles tiveram o mesmo problema que eu e que precisaram passar por isso era muito receptivo e incentivador, entendeu?... Esse medo de tirar a dúvida passou a ser uma ferramenta da busca pelo conhecimento... então, de um medo se tornou um... progresso, uma coisa positiva, entendeu? Não era mais uma coisa que me barrava.

Na época do cursinho acho que morava eu... eu e minha mãe e minha irmã, nós morávamos em casa alugada e eu precisava sim trabalhar e ajudar a pagar as contas de casa. E eu tinha o meu filho também e precisava me manter... e meu pai ajudava como ele podia, às vezes pagando o aluguel quando ele conseguia... muitas vezes eu pagava com dinheiro de férias, ou com outro dinheiro que eu trazia... e era mais ou menos isso, eu trabalhava, ajudava em casa, precisava, tinha os gastos com o meu filho, que era um problema meu... meu e do pai dele, era uma responsabilidade minha, tinha a escolinha dele também... Sim, eu ajudava em casa.

Era essa a rotina: de casa para o trabalho, de segunda, quarta e sexta, do trabalho para o cursinho... de terça e quinta do trabalho para casa, e muitas vezes no sábado eu ia para o cursinho, de domingo também, hora estudar, hora pegar uma palestra... e eu tinha que me dividir entre o trabalho, a maior parte do tempo, e cursinho, que era o que eu queria... era engraçado porque eu tinha que ser mãe também, entendeu? Eu estava lidando com aquela situação que eu não queria, estava tendo que administrar isso também, o que eu queria era estar estudando só no cursinho, esse era o meu desejo maior, estar estudando, absorvendo conhecimento... mas, eu tinha que trabalhar, eu tinha que ser mãe também... e isso para mim na época era um peso, porque, embora eu amasse meu filho, ele me barrava de poder me dedicar aos estudos bem na época que eu descobri eles, né? Então eu me sentia até pesarosa de pensar nisso, mas sinceramente era o que acontecia. E essa era minha rotina assim. Só isso.

Ah, mudou minha vida e meus hábitos, né? Eu antigamente ia do trabalho para casa, depois eu comecei a ter o peso do estudo... comecei a ter que ir lendo no trabalho, lendo dentro de ônibus, ia lendo no metrô, quando eu chegava em casa quando eu tinha tempo... eu ia estudar de fim de semana, invés de curtir, como eu fazia, sair de balada, passear com o meu filho... isso foi diminuindo o espaço,

pois eu precisava estudar e eu me sentia assim numa competição... eu estava numa competição entre as pessoas que estudavam o dia inteiro de segunda a sábado, tranquilo, com o apoio dos pais, sem um filho para cuidar, sem ter que trabalhar versus eu, tendo que trabalhar... então isso acabou sendo outro desafio para mim, e eu tinha que lidar e eu dizia a mim mesma que eu era capaz sim de lidar com tudo isso e conseguir estudar e... e o que fazia acabava voltando em organização na minha vida: ficar um pouco do tempo com o meu filho, sair um pouco e estudar. Então mudou sim a rotina da minha vida. Entrou o estudo, muitas coisas foram excluídas, outras coisas foram diminuindo de tempo para sobrar espaço para ele.

Você alguma vez pensou em desistir de estudar?

Sim (triste). Não só pensei, como acabei parando o cursinho. Foi horrível... por que... era o meu sonho, era uma das poucas coisas que faziam sentido na minha vida e eu fui obrigada a abandonar... não a *abandonar*, a parar naquele momento porque eu não estava agüentando... não porque eu não tinha força física, porque eu queria ir mais e eu não podia e... eu sentia o peso da cobrança de ter um filho pequeno que não tinha um pai presente... eu sentia o peso da estrutura da minha família, minha mãe ocupando meu lugar de mãe ali... e o trabalho eu nunca pode contestar se eu podia ou não, porque eu sempre tinha que trabalhar por causa do dinheiro... então eu lembro que tive que deixar a única coisa que fazia sentido, porque eu cheguei à conclusão que eu não podia me dar ao luxo de poder estudar, entendeu? E quando eu cheguei a conclusão que uma faculdade boa como a USP ou o Mackenzie exigiria a minha dedicação, é... estudando... aí eu pesei e vi que não tinha condições, porque eu precisava trabalhar, porque eu precisava ser mãe, porque eu tinha meus problemas familiares, então assim ficou muito claro para mim que eu não tinha condições de fazer aquilo, e foi muito difícil e doloroso, por que... era um sonho, algo com sentido que estava indo embora, algo de muito peso na minha vida, que eu queria muito e tive que parar... mas assim, eu só consegui fazer isso depois de pensar que no próximo ano eu iria voltar a fazer o cursinho não por causa da faculdade, porque eu falei, não vou ter condições nunca de fazer uma faculdade dessa me dedicando o quanto eu gostaria de me dedicar e trabalhar o dia inteiro, porque eu pensava: “Eu preciso trabalhar; eu tenho um filho, uma pessoa que não pediu para estar no mundo e que precisa de mim e eu

tenho que estar ao lado dela, perto dela...”, e eu falei assim: “Olha, eu vou sim fazer minha faculdade para conquistar o meu espaço, uma carreira, uma profissão... mas eu quero fazer esse cursinho o ano que vem para tornar essa pessoa melhor que eu estava me tornando”. Entendeu?”. Então isso foi uma das coisas que me deixou um pouco tranqüila na minha decisão de desistir, porque, como uma competição ali, para passar numa prova, aquilo me estafou de uma certa maneira muito pesada... era difícil para mim, era real, eu saber que eu estava competindo com gente que tinha muito mais chance do que eu, em função do tempo, do estilo de vida. Então aquilo bloqueou.

Quando é que passou a ser de um momento de prazer de aprendizado para uma competição?

Quando começou no meio do ano... para lá, para o fim, onde eu via que as pessoas estavam começando a ficar preocupadas com o exame, o exame, o exame... e a pressão começou a aumentar, afinal havia um exame a ser cumprido e eu precisava passar nesse exame para poder fazer a faculdade, né? ... eu me lembro que na época eu me sentia assim numa corrida: as pessoas correndo e eu ficando lá para trás, porque eu tinha esse peso do trabalho, do meu filho e a minha família nas minhas costas... em certos momentos eu me senti derrotada, porque eu queria estar ali competindo, mas a realidade da minha vida me contradizia com aquilo que eu queria e eu tive que parar e encarar. Mas aí, depois eu cheguei à conclusão que não... não estava correndo para aquela prova, eu estava correndo para o conhecimento, que não adiantava ficar ali me propondo a estudar, passar o dia inteiro estudando, estudando... porque infelizmente a minha mente é física, ela cansa! Chegava uma hora que não entrava mais, estava esgotada! Então não fazia sentido, eu sabia que a quantidade de conhecimento que eu queria era grande e o tempo era curto, porque o cursinho era também para auxiliar na prova... então eu estava muito cansada fisicamente, desamparada, porque eu não tinha o apoio, assim, talvez eu precisasse de um apoio maior, um incentivo familiar, falando: “Vai, não pára, continua!”, e eu não tive este apoio... pelo contrário, o apoio sempre pesava do outro lado, em outro sentido, no sentido negativo... não malicioso, mas negativo... foi do meio do ano para lá que eu cheguei à conclusão que eu não tinha condições de competir com aquelas pessoas para a prova e também não tinha condições de estudar, de sonhar em estudar numa faculdade que me exigisse isso, porque isso ia requerer tempo, dedicação... e eu tinha que optar, ou trabalho, meu filho ou a faculdade. E eu optei pelo meu filho,

principalmente, ele era muito bebê, ele precisava de mim ali do lado dele... precisei conquistar espaços, o meu espaço de mãe dentro da família foi tomado nesse período... e eu tive que botar uma pedra em cima de ter que fazer a busca pelo conhecimento... Não sei se estou sendo clara nas suas perguntas...

Várias pessoas desistiram do cursinho, a sala começou muito cheia, no meio do ano para cá tinha 30% da sala a menos... As dificuldades... era o problema do trabalho... era desistência por motivos muito próximos ao meu, saber que não tinha condições reais de estar competindo ali com aquelas pessoas para fazer uma prova para entrar numa faculdade pública, pelo menos não naquele momento... era falta de apoio... então as pessoas acabavam desanimadas e acabavam desistindo... eu não lembro de nenhuma pessoa próxima ali ao meu vínculo de amizade ter desistido, mas eu vi muitas pessoas... interessante, as pessoas do fundo, que acabavam desistindo e as da frente estavam ali, sempre... e eu estava sentada no... eu sempre ficava sentada nas primeiras carteiras perto da porta, e ali na frente, eu vi: todo mundo tinha muita dificuldade, mas todo mundo estava ali sempre.

Quantos alunos tinham na sua sala?

Ai... eu acho que uns oitenta?

Nem era muito grande então?

Nem era muito grande? Não, então tinha mais...

Naquela época tinha sala até com 300 alunos, até.

Ah...era mais que 80 com certeza... eram 150 mais ou menos... era uma sala enorme, com um lado e outro lado, era muita gente... era bem mais... era quase um auditório, eu lembro que, em comparação com a sala do Anglo, que eu achava que era grande, era três vezes maior... a sala do cursinho... então era bastante mesmo.

Você lembra como que era a relação com seus colegas de classe, vocês estudavam juntos, estudavam fora das aulas nos intervalos, reuniam-se em outras atividades do cursinho, se encontravam fora do cursinho? Como é que era?

Olha ...como eu tinha essa amiga que fazia comigo, automaticamente a gente ficava muito centrada, eu e ela... tinha umas duas a três pessoas que se achegaram com a gente mas a gente tinha

um contato de conversar um pouco no intervalo e o contato de estudo era mais eu e ela, a gente tentava até fazer alguma coisa com essas as outras pessoas, mas não dava tempo... não conseguia encaixar num horário, porque era muito... a gente tinha muito pouco tempo para se dedicar a aquilo então cada um tinha que ser no seu limite, no seu horário... tanto que, mesmo entre eu e ela, muitas vezes ela foi sozinha estudar e eu também. Então era mínimo, era pouco, era baixo o contato. Não havia tempo e quando a gente tinha tempo de ter o contato estava um estudando de um lado e um estudando de outro, e aí era uma conversa paralela para tirar as dúvidas só, não havia muito tempo para isso. Não fiz amigos no cursinho... Não.

E os professores, eles eram diferentes dos professores da escola? Como é que eram com os alunos? Você pode contar alguma história sobre isso?

Bom, os professores eram totalmente diferentes que os professores da escola, aliás não tinham nada a ver, eram... professores simples, claros e objetivos. Então com os alunos sentia eles... era como se o braço ali no palquinho no cursinho esticasse e envolvesse a sala inteira e eles abraçassem todos eles assim de uma só vez... porque eles estavam tão preparados para estar ali abraçando 150, 180, 200, 300 alunos, eles já sabiam o que iam encontrar... não sei se talvez por eles... muitos deles me falaram que já estiveram ali, então eu senti assim uma... uma recepção, uma... coisa familiar da parte deles quando eles se dirigiam aos alunos, então... a gente sentia... era como se houvesse... as pessoas interagiam com eles como se fosse da família, amigos assim, não era uma... uma... relação professor aluno. Tinha sim essa coisa de saber que era professor e o aluno, porque eles estavam ensinando... Não tinha a distância assim, é como eles sentassem do meu lado e estivesse falando para mim a aula... estivesse dando a aula para mim... e com todo mundo era assim, essa reciprocidade assim... uma coisa muito simples, clara e objetiva e acolhedora.

Você lembra se deixaram marcas, algum episódio, alguma situação vivida com eles?

Tinha um professor de geografia que uma vez eu procurei para tirar alguma dúvida, lá no cursinho, ele estava em outra sala e sentou na escada comigo e abriu o jornal, não sei se era o meu jornal ou jornal dele, não lembro nem a dúvida, que o que marcou foi que ele sentou, estava eu e uma amiga minha e ele sentou e falou assim para mim: “Olha, quando você ler uma história, um fato no

jornal, é sempre bom que você leia o fato de um lado, a história de um lado e se proponha a saber, a ouvir como foi do outro lado só assim você consegue ter uma opinião justa, se proponha a ouvir o outro lado da história, mesmo que esteja ou seja a favor desse lado”, acho que a gente estava falando de política e ele até me deu um exemplo de política, “mas sempre se proponha a ouvir o outro lado da história, a saber o que ocorre ali daquele lado, mesmo que seja o lado que você não queira saber, permita saber o que está acontecendo, o que acontece do outro lado também”, e isso me marcou porque eu acho que é isso que faz a diferença, isso faz muita diferença na pessoa, no cidadão... sai daquele fluxo de novo, entendeu? Gente que vai porque tá todo mundo indo, ou de gente que lê porque está no jornal... “Então você acha isso porque está no jornal? Você sabe o que realmente aconteceu, porque os outros dizem que é assim?” Então pensando assim eu percebi que você é uma pessoa mais fundamentada, com mais conteúdo, eu achei ótimo isso, então isso me marcou muito quando ele sentou na escada comigo e fez isso, porque jamais eu vou esquecer... assim, mudou a minha maneira de pensar e aprofundou muito os meus conhecimentos... ... teve uma aula de matemática que nem era com o meu professor, era com outro professor, eu me sentia perdida ali porque eu me identificava com todos os professores, mas um professor marcou uma aula para tirar a dúvida de um jeito de fazer conta... e me marcou aquela aula, porque era uma coisa que era impossível de entender assim aquela conta, e ele explicou com uma linguagem infantil até, simples, e eu entendi... então eu vi que... ah, ele me mostrou que é possível sim ter aquele conhecimento, é possível, se eu quisesse, eu falei: “Se eu quiser viro um professor de matemática” foi o que eu pensei ali... não é impossível, não é difícil entender, só é preciso ter paciência, ele me ensinou isso naquela aula, que é preciso ter perseverança e paciência comigo mesma... que se eu quiser aprendo todas aquelas contas e ainda mais, eu posso ensinar ainda quem queira aprender do mesmo jeito que ele estava ensinando, nessa linguagem clara, simples, boba, infantil, mas que eu entenda.

Ele desmistificou o conhecimento, tirando daquele lugar inacessível, daquele “Olimpo”? Não é possível, não é para mim...

Exatamente.

Podia ser para você.

Aliás, todos tiveram desse papel, porque eu lembro que eu fiquei tão perdida, foi engraçado porque eu sempre me questionei sobre o que eu queria ser profissionalmente... e quando eu fiz o cursinho eu descobri que eu gostava de química, de matemática, de geografia... Nossa, como era importante a geografia! Nossa, como eu admirava o professor de geopolítica!! Como uma pessoa daquela era fundamental para o nosso país!! É a diferença de um cidadão criado pela sociedade, pelo governo, que foi a cidadã, o cidadão, não sei, que eu fui criada como uma pessoa totalmente assim sem saber opinar, sem saber o que acontece, não saber o porque, nem sabe o que tem lá, tem que ir lá e votar... e escolher um e votar... mas, não sabe para que, não sabe exigir, não sabe o que se passa dentro dos políticos, simplesmente vai lá e vota... porque gosta, porque acha bonito, porque está todo mundo votando nele, porque ele rouba mas faz, sei lá! Esse professor de geopolítica me ensinou a diferença de ser um cidadão consciente... porque eu deveria me interessar pela política, o que isso iria influenciar na minha vida pessoal, na vida da sociedade, na vida do país, na vida do meu filho. Então eu nem tenho o que falar né, sobre isso eu nem tenho palavras. Mudou. Eu passei de... não me sentir mais uma pessoa cega, entendeu? E eu achei lindo os conhecimentos que ele tinha, geopolítica, saber os nomes, o que aconteceu, porque o país está nessa situação, de onde veio tudo isso.

Dá sentido para as coisas?

Dá sentido... Por que é que eu tinha que entender da revolução industrial? eu não sabia o que eu tinha que entender, falava: “Caramba, será que isso vai cair no emprego? Será que eu preciso disso no emprego? Porque que eu tenho que saber disso?” Então... assim, esses são alguns... alguns dos que se destacaram mas todos naturalmente se destacaram, essas foram as experiências mais marcantes. [*esse conhecimento*] Ficou... e ficou mesmo, ficou de um jeito forte. Talvez ajudou até me formar... é... me fortalecer nessa coisa de não querer ir pelo fluxo, entendeu? Fincou, criou raiz dentro de mim, porque aquilo fazia sentido, e outros não! E eu estava procurando exatamente algo que fizesse sentido.

Você já disse que procurou o Plantão de Dúvidas, e você se lembra de alguma história marcante do Plantão ou da relação com plantonistas?

Eu não lembro, porque eu poucas vezes recorria ao plantão de dúvidas por falta de tempo... então as minhas dúvidas eram tiradas mais com professor ou com amigos, ou às vezes não eram

tiradas por falta de tempo... o que eu conseguia tirar, tirava. Então... não ocorreu assim nada em especial porque eu poucas vezes fui ao plantão de dúvidas... eu fui nesse plantão nessa época que eu fiquei de férias.

Havia atividades que se organizavam fora da sala de aula? Atividades culturais e políticas? Como eram estas atividades? Você tomou parte em alguma delas, você se lembra quais episódios marcantes?

Bom, havia atividades, bastante... culturais, políticas... sempre tinha coisas a par da sala de aula... sempre tinha visitas a museus, excursões, palestras, saraus... Sempre tinha! Era um conjunto completo na minha visão de uma pessoa que não sabia de nada... para mim era um conjunto completo porque eu me sentia amparada em todos os sentidos, quando eu precisava de alguma coisa estava lá o projeto. É incrível a familiarização que eles tinham com as pessoas, por isso que o Anglo ficou tão pequeno perto deles... E eu participei... saraus eu nunca pude participar, embora eu quisesse, me falavam que era muito legal... eu participei de dois projetos que eu me lembre, que me marcaram, que um foi uma visita a uma exposição no Museu da América Latina, na Barra Funda que estava tendo sobre o Che Guevara, foi esse professor de Geopolítica que me levou lá... e lá estava contando através de fotos, imagens, detalhes, toda a trajetória da vida dele. Eu me senti uma pessoa... diferente quando eu fui, eu me senti uma pessoa destacada porque eu estava buscando aquele conhecimento... estar sentado ali no chão, junto com quinze pessoas mais ou menos, no chão mesmo e ele num banquinho, de camiseta... No quintal do museu, num banquinho assim, de sandália, simples... contando a história para gente, como tudo aconteceu... dando a opinião dele... fazendo um resumo sobre os conhecimentos dele sobre a vida do Che Guevara me fez assim me sentir a melhor de todas, sabe?! Porque eu me senti especial, me senti... em vantagem de poder estar ali ouvindo... então aquele momento era tão simples e tão fácil de acontecer... mas era tão difícil! Então aquilo para mim foi muito valioso e significativo. Eu estava muito feliz, fiquei muito feliz de poder ter ido... sabe, ter voltado para casa com coisas adicionadas. E o outro foi uma visita à FAAP a uma exposição de múmias que teve. Eu nunca me dei ao luxo a ir em exposição, para mim isso não era para mim, não fazia parte do meu mundo! Também não tinha sentido, para que é que eu vou ver isso? Para que é que eu vou ficar vendo quadro? Não

entendo! E aí eu fui nessa visita assim... porque eu acho que eu estava de férias... eles alugaram um ônibus, eu fui até o cursinho... a gente foi, passou o dia lá e voltou. E eu me senti do mesmo jeito, sabe: “Nossa! Caramba! Eu posso me dar ao luxo de colocar coisas do Egito na minha cabeça?” Porque quando aquilo vinha, quando eu visitei a exposição e eles explicavam, existia uma resistência na minha cabeça, falando: “Caramba, isso não é para mim, eu não tenho espaço aqui dentro para isso, eu não preciso disso! Não tem para que isso!”. E aí as coisas passaram por esse... por essa barreira, aí eu comecei a falar: “Mas que interessante, a cultura deles, eles faziam isso, aquilo e aquilo outro!”. Para que é que eu preciso saber disso? Pô, porque é interessante, né? Eu posso me dar ao luxo sim de saber como era a vida há anos atrás no Egito, porque não?

Sem ter necessidade de nada?

Exatamente! Sem ter necessidade de nada, por pura curiosidade. Um puta espaço legal, que eles montaram com qualidade assim... nossa, o universo ali do Egito! Foi muito bem feita a exposição! Eu não entendia porque as pessoas gastavam dinheiro com aquilo. Eu falava: “Nossa! Isso deve ter custado uma fortuna! Múmias!” Até hoje eu tenho um pouco de dificuldade em entender, mas eu estava ali! E estava tocando, estava vendo, eu estava discutindo... mas isso era tão longe do meu universo! Mas eu estava ali, e apesar de ter encontrado uma certa dificuldade alguma coisa entrou... o fato de eu estar ali eu sabia que era importante, não entendia porque, mas eu sabia, me senti bem... então foi legal, foi muito... estava me sentindo o máximo em saber que estava todo mundo trabalhando e eu estava ali... era para eu estar trabalhando, mas eu estava de férias... eu estava ali, em pleno dia da semana... podendo ir visitar uma exposição dessas com um monte de gente! eu me senti muito foda! Esses foram as duas experiências que eu participei, mas havia um monte! E eu não tinha tempo. Era muito longe o cursinho para mim, era uma hora e meia a duas para ir e para voltar. Morava lá na Vila Industrial.

Quando você fez o cursinho, existia o Plantão Psicológico?

Existiu.

Eu sei que você recorreu a ele.

Hahahahaha.

Como eram os plantonistas, como era a relação com eles? Você lembra de alguma história marcante sobre o plantão?

Bom, eu recorri ao plantão uma vez, quando... porque até a psicologia nunca fez parte, não existia no meu mundo... nem sabia o que é que era, sabia que era alguma coisa da cabeça, mas para mim não existia, não tinha espaço para ela dentro do meu mundo naquele tempo. Só que eu estava a ponto de explodir com tanta coisa acontecendo junto, né? E de surtar! Então assim num momento de desespero eu corri para o plantão, porque eu sabia que lá era alguma coisa da cabeça eu fui lá falar com eles o que estava passando pela minha cabeça... E eu fui bem recebida e... bom, da hora que eu entrei a hora que... não sei se foi cinquenta minutos, ou trinta, não lembro... sei que da hora que eu entrei, da hora que eu falei, da hora que eu sai eu não parei de chorar, de contar as minhas angústias... que ele simplesmente chegou lá e perguntou quais eram as minhas angústias, eu pronto, desmoronei, né?! E coitada da pessoa que me atendeu, que era você no caso né? Desabei com tanta coisa, que fiquei até com dó depois na hora que eu saí. Falei: “Meu Deus do céu, joguei tanta carga!”... É porque eu falei: “Nossa! Tanta coisa, assim, que eu tive que contar tudo em uma hora!”... mas o mais legal de tudo foi descobrir que existiam profissionais... é... esse contato que eu tive lá, foi uma descoberta de saber que existem profissionais, pessoas qualificadas, capacitadas, para te ouvirem, para te entender e pra... pra ajudar você cuidar da sua cabeça, com as coisas que se passa, na minha cabeça, na sua cabeça. Então assim, esta foi a minha principal descoberta, eu descobri a psicologia nesse contato. Eu não sabia que existia isso... e eu agarrei com todas as minhas forças isso, porque eu sabia o quanto eu precisava disso e... até vai, tive uma oportunidade de... foi oferecido uma oportunidade de dar andamento a um tratamento psicológico e eu quis, como eu já falei, eu agarrei isso sim, através desse plantão, eu fiz um ano e meio de tratamento com uma psicóloga indicada pela USP, uma pessoa recém-formada que fazia trabalho voluntário para a população. Então assim... o contato marcante que eu tive foi esse, essa descoberta que eu tive... Não sei onde eu estaria se não fosse esse contato, entendeu? Que através desse contato, mudou a minha vida inteira, em todos os sentidos... então, foi tudo.

Como você via as provas vestibulares antes do cursinho e depois? Você chegou a fazer?

Não, não cheguei. Mas eu posso responder para você. Antes do cursinho eu via como um... uma... ... um padrão, uma coisa a ser cumprida, era só uma coisa sem sentido, tinha que ir lá, você tinha que ler e responder para passar, para entrar... seja numa entrevista de emprego, seja num... numa faculdade... era uma coisa que eu não entendia, mas ela tinha, ela existia, eu tinha que me preparar para aquilo porque ela existia. Eu não entendia. E depois do cursinho eu passei a entender... que as provas, os vestibulares, eram exatamente para informar se você tinha capacidade de estudar naquela universidade, porque ela ia exigir de você dali para a frente, para mais. Então era impossível! Ia ser impossível e frustrante para uma pessoa como eu, sair da escola pública e direto pra universidade, sem ter certo nível de conhecimento... que eu adquiri um pouco lá no cursinho... porque ia ser exigido a todo momento aquilo de mim, entendeu? E aí eu entendi, realmente, não só para o vestibular da USP, mas para outros e outros tipos de prova, qual era o significado daquilo. Ele queria saber, aquela prova está perguntando para você, se você é uma pessoa cega ou não diante da sociedade... como você se esbarra com um problema no mercado, como no trabalho, como você resolve, um problema matemático? Uma conversa onde é exigido um certo conhecimento político, o que você fala, o que você faz? Você dá três passos, você sai para trás ou você entra com tua opinião? E esses pequenos detalhes, aqui, ali, e ali, é que vai mudando a sociedade. Então eu entendi, mudou minha concepção de prova, tanto que eu fui, eu fiz uma... foi até gostoso, que eu fiz a prova no ENEM agora, e durante a prova, eu estava lendo as questões e atrás das questões vinha uma pergunta interna minha que falava assim: “O que você é como cidadã?” Eu me perguntava: “Então me responde essa pergunta aqui para eu saber: “Como você é como cidadã? Como você é na sociedade?” E era gostoso, porque apesar de eu saber que eu tenho muita coisa, que eu tinha... que eu tenho que aprender, tudo, a estudar, eu não dei uma resposta em branco a essa pergunta! Apesar de eu saber que eu tenho muita coisa a melhorar, eu respondi: “Eu sou alguma coisa sim na sociedade! Eu sou isso!” Então através daquelas perguntas que eu respondi no ENEM, eu sabia que o governo estava querendo saber o que eu era, o que eu representava na sociedade, para eles. E faz toda a diferença, porque tinha um conteúdo, um significado real, não era uma coisa matemática, uma coisa assim, uma fórmula... uma coisa sem sentido.

A prova do concurso público é a mesma coisa... Você está entrando... você está tentando arranjar... “Candidato, você está tentando concorrer a uma vaga que vai exigir, a qualquer momento, que você saiba essas coisas de Direito, então me responde: Você sabe? Nessa situação, como é que você vai reagir?” Entendeu? Então é uma coisas que fazia sentido... ou seja, entendi porque eu precisava saber, porquê havia a necessidade de ter essa prova. Não é mais uma coisa supérflua... então mudou muito minha maneira de encarar a prova dos vestibulares.

Não foi só o sentido das provas que mudaram, foi o sentido do conhecimento também.

Do conhecimento, sim.

E do seu lugar no mundo?

É.

O que é ser cidadão começa a fazer parte do questionamento, não sei se tem uma resposta agora, mas parece que isso é uma questão...

Não como eu gostaria né, porque eu costumo ser bastante exigente comigo mesmo... eu gostaria de ter tempo para me dedicar, fazer tudo, mas eu sou um ser humano, eu preciso fazer escolhas... a medida do que eu posso, eu respondo! E sempre que eu posso adquirir conhecimento, seja de qualquer forma, qualquer momento, a porta está aberta... e assim, com esse tempo real, que eu vou lidando com isso, né? Me respeitando... respeitando meu limite e deixando a porta aberta para o conhecimento entrar, a qualquer momento que ele venha, a qualquer forma, entendeu? E é bom porque não é mais um nada, um fracasso. Não é mais um nada que eu tenho como resposta quando eu sou questionada sobre o que eu sou na sociedade... é algo, pelo contrário, é algo... sólido, sabe, fixo, com conteúdo, eu sei porque eu não fiz uma faculdade hoje. Eu não vim falar: “É porque eu não tive condições financeiras”, é porque eu não optei por fazer entendeu? Porque eu não quis, eu me dei ao luxo de falar não para esse tipo de conhecimento, para essa coisa de bater cartão, essa coisa de simplesmente ter o diploma. Eu me dei ao luxo de falar não para isso. Então é uma coisa assim que me faz sentir um pouco melhor em relação aos outros. Isso me faz bem, apesar de ser uma luta, né? Me faz bem. Por enquanto é isso.

ANEXO D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – JONAS

Bom, vamos começar com sua origem. De onde é sua família?

Vamos lá. Minha família, meu pai, nasceu aqui em São Paulo, mas os pais dele, meus avós, vieram de Minas Gerais. Minha mãe nasceu em Sergipe, mas veio para São Paulo com quatro anos mais ou menos. Passou a maior parte da vida aqui, né? Meus avós por parte de mãe são sergipanos, e vieram aqui tentar a vida em São Paulo. No caso da minha avó materna, talvez nem precisasse vir para cá, ela tinha uma vida... relativamente boa... lá em Sergipe, mas por conta do meu avô que queria vir para São Paulo decidiram vir morar aqui. Ainda acho que não foi uma boa... uma boa troca, mas...

E por que ele queria vir para cá?

Foi aquela época de São Paulo crescendo, 'vamos ajudar São Paulo crescer', 'vamos fazer o Brasil, São Paulo', 'vamos ficar ricos'. Sabe, essas coisas... Tinha uma vida legal lá, né? Relativamente boa, eles fizeram a troca. Sabe, até hoje acho que não foi uma boa troca.

E qual que era o trabalho dos seus pais e avós?

Vamos lá. Meu avô, quando veio aqui para São Paulo, ele tinha um bar, né? Quer dizer, ele montou um bar... com o dinheiro que ele tinha das coisas que ele vendeu lá em Sergipe para vim para cá, meu avô materno, né? E... montou um bar, aí o dinheiro acaba, com o tempo acabou. Ele teve que... acabou trabalhando numa empresa que chama hoje Vega Sopave, ainda existe, trabalha com... com lixo, né, hoje, mas era na época uma pedreira que se estabeleceu na Brasilândia, com alojamento pros funcionários, tal, essas coisas... Foi assim que minha família, meus avós maternos, foram parar na Brasilândia.

Por conta do alojamento?

Por conta do alojamento. E depois compraram uma casa lá perto e ficaram. E assim começou a história da parte materna da minha família.

E o que o seu avô fazia lá?

Quebrava pedra. Era pedreiro literalmente, ele quebrava pedra, era pedreiro. Fez isso a vida inteira até se aposentar por invalidez. Não se aposentou por tempo de contribuição, por conta do

trabalho que foi muito duro, realmente. As costas do meu avô, embora ele... não ficaram seqüelas, mas as costas dele... ele... era um trabalho muito duro. Felizmente ele chegou até o final da vida andando, tal, mas o trabalho assim é... desumano, chega a ser desumano. Quebrar pedra, colocava dinamite lá, explodia e a parte que não explodia com dinamite era “marretona” mesmo. Uma... coisa que eu não esqueço, que meu avô tinha marretas, e quando ele era vivo ainda, deixava lá em casa. Eu lembro, a prova para ver se eu tinha ficado mais forte, eu tentava levantar aquela marreta, e não dava. Fui conseguir levantar a marreta com sete anos, e só um pouquinho ainda.

Esse era o instrumento de trabalho dele?

É... Uma marreta assim, eu não sei quantos quilos pesava aquilo, mas era muito pesada, era muito radical. Essa é história dos meus pais da parte materna da minha família. Já...

E tua avó?

Minha avó ela nunca trabalhou, sempre foi dona de casa, sempre teve o salário do meu avô, nunca trabalhou, mas, lavava para fora. Lavava roupa de time de futebol...

Ela nunca trabalhou fora, então?

Ela nunca trabalhou fora, ela lavava roupas de time de futebol para juntar um dinheiro que ficava para ela, não era para ajudar não nas despesas, porque que meu avô, embora fosse aposentado, um trabalhador braçal, na época a aposentadoria ainda tinha um certo valor de compra, ao contrário de agora. O poder de compra do salário que ele ganhava era muito maior do que é hoje, que se tem uma aposentadoria de dois, três salários mínimos. Então, na época dava para ter uma vida legal, agora já não dá. E essa é a origem da parte da minha mãe. Já da parte do meu pai, já é uma história toda, toda, também, é... até triste, mas é... a mesma coisa. Eles saíram de Minas Gerais, minha avó é adotada, minha avó não conheceu a... não conheceu a mãe dela. Dessa parte da história eu não sei detalhes todos, minha avó não... é uma coisa que dói, então ela evita falar desses detalhes. Mas quando ela se deu como gente ela já morava com uma família que adotou ela, uma família de tabeleiros lá de Minas Gerais. Acho que... tinham uma vida legal, uma vida legal. E casou com meu avô. Eles saíram de Minas Gerais, após casar com meu avô, e minha avó assustou quando ela veio aqui. Meu avô tinha comprado um terreno.

Onde?

Na Brasilândia, para parte de Brasilândia, e quando ela chegou ela não acreditou porque ela morava numa cidade pequena, lá em Minas, e ela não acreditou porque o bairro não tinha nada, só tinha mato. Ela falou que quando ela chegou, eles construíram a casa, não sei se era um barraco, não sei se era uma casa de alvenaria... Ela chorou por semanas, ela não acreditava no lugar que ela foi parar: “O que é que eu to fazendo aqui? Meu Deus do céu, tinha uma família legal!”. Uma família que, apesar de ser adotada, eram tabeliões, deve ter... estudou, vai, para aquela época fez o que tinha que fazer, o primeiro grau. Não tinha maiores ambições além disso. E meu avô tinha a quarta série do... até quarta série. Para aquela época acho que era o suficiente para as coisas. Meu avô veio para cá, falando para minha avó: “Vai melhorar!” Tal né, o lugar pelo menos tem a natureza aí, tal (risos)... Ali ó, que bonito, o lugar é quase um cerrado aqui!! (risos) Olha que capim bonito! (risos) E minha avó, por mais que ela não acreditasse, ela foi ficando, e naquela época a Brasilândia era, hoje menos, muito perigosa, se falava que...

Que ano que era?

Isso foi por volta da fundação da Brasilândia, hoje a Brasilândia tem por volta de 55 anos, foi em... A Brasilândia fez 56 ano passado... dá...1950. Foi meados de 50, na fundação da Brasilândia, né?

Eles foram nessa época para lá?

Eles foram nessa época. Mais ou menos...

Não tinha nada para lá!

Foram desbravadores! E sempre lembrando que a Brasilândia era não lotes, eram fazendas. Fazendas... algumas pertencentes aos japoneses. É incrível, né? Fazia chá! Eles plantavam chá, café... é incrível. Então, essas fazendas foram vendidas pelos proprietários, partilharam e viraram loteamentos, ou pseudo-loteamentos, que se tornou a Brasilândia. Aquela coisa imensamente povoada, “maravilhosa”, “linda”, projeto urbanístico diferenciado, né? (risos) O mestre espanhol ia gostar.

O Gaudi?

O Gaudi ia achar interessante, diferente (risos). Mas, brincadeiras à parte, então para minha avó foi, principalmente, difícil. Foi muito difícil, ela não acreditava, que ela tinha uma família legal...

Acho que mais ou menos com as duas avós aconteceram isso. Elas casaram, aí tiveram um processo de empobrecimento, porque vinham de uma família, não tradicionais, mas pelo menos famílias que tinham uma condição de oferecer uma educação legal, de não faltar nada, né? Longe de serem ricos... não faltava nada. E casaram. E nesse processo de casamento, de vir para São Paulo, São Paulo tava crescendo, queriam ficar ricos... Iam ganhar muito dinheiro... Mais ou menos o que acontece com o pessoal que vai para os Estados Unidos, resguardadas as devidas proporções, mas imagino, vejo o processo dessa forma. Como a “terra prometida”, eles iam chegar aqui e pegar a terra prometida. Você vê que...

E aí é um lote no meio do ermo.

Não tinha nada... não tinha nada!! Tinha que pegar água de bica, não tinha água encanada, energia elétrica chegou depois. O lugar é... se hoje a Brasilândia não tem muita infra estrutura, tem ruas ainda que não são asfaltadas, que dirá a 56 anos atrás! Melhorou bastante, claro, mas, ainda é um lugar feio, periferia, e assim, indicadores [sociais] africanos... Então, só para colocar, para pontuar, hoje a Brasilândia tem cerca de... 200.000 habitantes, é maior que muitas cidades do interior paulista, só para comparar com Araraquara, que tem 180.000 habitantes, e, claro, uma área muito maior. A Brasilândia tem 20.000 a mais, um lugar densamente povoado. E... essa é a origem dos meus avós. Por conta do meu avô, avô por parte de pai, ele chegou aqui, primeira coisa que apareceu para ele foi um concurso da prefeitura, de gari, na época. Tem uma reportagem do meu avô, que ele achou uma criança dentro do lixo, viva, graças a Deus tava viva, e... saiu até nos jornais da época, e foi o que ele conseguiu. Meu avô era muito inteligente, então para ele esse concurso... ele conseguiu passar no concurso. Sei lá, eu não sei como era a época, quarenta anos atrás, não sei como funcionava, mas gari nunca foi uma profissão muito bem quista. Nunca vi ninguém levantar a mão na escola e: “quero ser gari quando crescer”. Mas foi o que ele conseguiu, e foi fazendo concursos internos, dentro da prefeitura, e foi parar na... na... zoonoses, que é a parte que cuida do... dentre outros, da questão dos animais na cidade, da... como a gente fala no governo?... mexe com o que diz respeito a raiva... prevenção na disseminação da raiva. Meu avô foi parar um certo dia lá, logo quando ele entrou, novo na prefeitura, você vai lá para carrocinha. E meu avô odiava aquilo, que ele ficava com dó dos

cachorros, deixava os cachorros meio que escaparam: “Então, você não serve para isso, você não serve para pegar cachorro não!”. E foi parar no escritório e lá se aposentou na... na secretaria de... .. Como que chama? Tem um nome certo (pausa longa). Um departamento que cuida das zoonoses, não tenho o nome do departamento, não lembro. Agora me fugiu. Se aposentou lá, e hoje felizmente minha avó é aposentada do IPREM, se não tem uma aposentadoria ótima, pelo menos tem uma melhor que do INSS, né, ganha cerca de... quatro salários mínimos... Os pensionistas da prefeitura são... ficam, digamos, o centro de custos dele é a IPREM. Quem é aposentado fica na prefeitura mesmo, então os pensionistas ficam ligados ao IPREM, Instituto da Previdência do Município.

Seu avô é falecido já?

Já faleceu sim, faleceu em 82, se não me falha a memória, por conta de cirrose hepática, por conta de... abuso com álcool... e... e... a prefeitura, acho que por conta das frustrações da prefeitura, de não conseguir... dar a educação que ele queria pros filhos, né. Só uma coisa que é muito importante que eu quase não coloquei, que meu pai tem mais nove irmãos. Então eles são em dez. Felizmente, desses dez, cada um tem, em média, dois filhos, porque eles viram o quão difícil, o quão cruel que é o processo, né, para cuidar de muitos filhos, né? Então...

As coisas não deviam ser fáceis, então.

Não, não eram fáceis. Não eram fáceis. E minha avó trabalhava para... teve um tempo que trabalhava, como dizem, em casa de família. Mas minha avó, por sorte, pela habilidade, por ter sido criada numa família legal ela felizmente não precisou ser empregada doméstica, ela era... empregada doméstica no sentido... e...

“Mais braçal”?

Mais braçal. Ela era cozinheira de forno e fogão, e isso, até hoje, tem um salário muito melhor. E... ajudava, né, a sustentar a família. Então foi isso. Foi a ferro e fogo. Felizmente, apesar de morar todo mundo na Brasilândia, num ambiente difícil, num... num bairro violento, todos se salvaram, digamos assim. Todo mundo estudou, né, passou pelo menos o primeiro grau. Desses dez irmãos tem... um economista, tem um advogado... meu pai infelizmente ainda não se formou ainda,

voltou a estudar depois de velho, né. Não chegou na faculdade ainda, está fazendo o Segundo Grau agora.

Ele está fazendo o segundo grau agora?

O segundo grau. Na verdade está na oitava série, ele teve um problema burocrático lá na escola dele, sabe? Não acharam a ficha dele e ele tinha concluído. Então teve que entrar na justiça, e quando acabar o processo já era, né? Então tem que fazer de novo, é mais rápido. Ele começou na sexta série de novo, e esse ano ele se forma no primeiro grau. Mas, na contra mão disso, ele fez... tinha uma formação técnica, ele fez Senai, como torneiro mecânico. Acho que o processo que a gente vive hoje com... salvo as devidas proporções, com a área de TI, você tinha naquela época para torneiro mecânico. Lembro que era a elite da periferia eram os torneiros mecânicos. Então todo mundo queria ser torneiro mecânico. Então, se para classe A, B o cara queria ser médico, engenheiro, o cara queria ser torneiro mecânico, “era o que era”, era o que havia, o melhor salário. E o setor de metalurgia era o setor que pagava os melhores salários no mercado principalmente para pessoas de baixa renda, para as pessoas que estudaram menos. E então tinha uma oportunidade de... ascensão social trabalhando como torneiro mecânico. Meu pai se formou no Senai, mas nunca exerceu, foi trabalhar num laboratório.

Laboratório de que?

Laboratório de uma indústria farmacêutica, que trabalhava com insumos para outras indústrias farmacêuticas. Importava os princípios ativos, por exemplo, paracetamol. Eles importavam o paracetamol dos Estados Unidos em grande quantidade e passava para as empresas na época para fazer os medicamentos de fato, os medicamentos finais. Ele trabalhava com insumos para indústria farmacêutica. E assim foi.

Ele trabalhou como o que lá?

Ele começou como boy, e chegou até chefe de almoxarifado. Então ele teve uma... ele ganhava bem, por trabalhar em indústria farmacêutica. Ele ficou 16 anos nessa empresa, e ganhava, para os padrões ganhava bem, tinha uma vida confortável, mas quando eu tinha 6 anos, 5 anos e meio,

às vésperas de entrar para a pré escola, estava tudo acertado, eu ia estudar no Colégio Santa Lúcia Filippini, um colégio aqui da região.

Que naquela época era considerado muito bom.

Muito bom, que todos os meus primos estudaram lá, e tinha que ir para lá para ter a formação católica, a formação rígida, a formação começava por lá. E aí meu pai foi demitido. Porquê? Teve uma regulamentação do governo Figueiredo, que mudava as taxas de câmbio para esse setor, você tinha que depositar o valor inteiro da mercadoria no banco central, e as empresas, os laboratórios que tinham menos caixa não conseguiram fazer os aportes. Era uma época que o Brasil tinha sérias restrições de câmbio, e você precisava depositar ou o valor inteiro ou três vezes o valor para conseguir importar suas mercadorias. E as empresas médias, como a empresa que meu pai trabalhava, faliram. O laboratório que... vários laboratórios não... não... como a gente pode dizer... vários laboratórios não agüentaram, faliram. E só para pontuar, nessa época, os laboratórios hoje que são grandes, por exemplo, o grupo Aché, era só uma portinha, um cômodo, e se tornou hoje uma das maiores empresas farmacêuticas do Brasil. E meu pai ia lá com o dono da Ache, lá na Polícia Federal para fazer liberação de medicamentos. Tinha medicamento controlado, como é hoje. O paracetamol incrivelmente era controlado, o princípio ativo, então você tinha que fazer a liberação, lá na Rua Maranhão, lá na Polícia Federal. Então nessa época o Aché era, como se diz na periferia, uma “boquinha de porco”, um laboratório que não era nem laboratório direito e que cresceu para caramba! Depois disso, meu pai, depois dessa quebra da empresa ele ficou dois anos desempregado, trabalhou nas lojas Glória, talvez um dos momentos mais difíceis da minha família. A gente tinha uma vida até então confortável, então uma quebra de renda violenta, meu pai devia ganhar, valores de hoje, em média uns quinze salários mínimos e caiu isso por conta de várias empresas do setor dele terem quebrado, então não tinha emprego no setor, não tinha a vaga dele no mesmo setor, não existia a vaga dele, não conseguiu uma colocação novamente no laboratório. Então teve que aceitar o que apareceu. Então, o que apareceu naquela época? Ser vendedor das lojas Glória. Então, de um salário de quinze salários mínimos, ele passou a ganhar dois, três... Então para todos nós foi a pior época da vida da gente, da minha família. Então foi o pior período, o período que a gente talvez não conseguiu se

recuperar até hoje. Foi super complicado, ter uma vida relativamente tranqüila, e num estalo assim [faz o estalo com os dedos], tudo vem a baixo, e você tem que começar de novo. Eu imagino na pele do meu pai, como foi, o quão difícil não deve ter sido.

Quantos filhos eram?

Dois, eram eu e minha irmã. Sempre... ... só tem a gente. Então está dentro da média da família. É que traumatizou o povo, dez filhos, o pessoal ficou meio traumatizado, é melhor dar uma maneirada, que ninguém quer passar de novo aquilo que eles devem ter passado. Então meu pai, ele, sempre que possível, meu pai sempre tentou me dar do bom e do melhor, até quando ele pode, até ele sair do laboratório e aí começou a fase mais difícil da família.

Que foi justamente quando você ia entrar na pré-escola.

Isso, que eu entrei na escola pública.

Desculpe interromper, mas, sua mãe trabalhava?

Não, minha mãe não trabalhava. Ela saiu do trabalho, ela trabalhava numa confecção, era... e... encarregada, como o pessoal gosta de falar, do setor de confecção, e saiu para acabar minha gestação, e depois nunca mais trabalhou. Nunca mais não, ela voltou a trabalhar foi em... ... 1999. Ela foi trabalhar como empregada doméstica, para ajudar com as despesas da casa, e ajudar também a tentar fazer com que eu conseguisse me formar. Que até então, em 98 e 99 eu já estava na faculdade, em Araraquara.

Já estava na Unesp, né?

É. E todos os esforços para que eu me formasse. Então, eu lembro que, é uma coisa que eu não esqueço, eu vivia o dia na faculdade sabendo que podia ser o último, que eu talvez não conseguisse chegar no quarto ano, então eu vivia como se cada dia da faculdade fosse o último. Aproveitando o máximo, que eu não sabia até quando, né, ia dar para segurar. Felizmente, por incrível, para os católicos quase por milagre, uma empresa que meu pai montou, depois de ficar desempregado, saiu das Lojas Glória, conseguiu trabalhar num hotel quatro estrelas daqui de São Paulo, cresceu nessa empresa, entrou como almoxarife, chegou a chefe de compras, que daí conseguia... se não dava um salário maravilhoso, dava um salário razoável, não sei precisar quanto daria hoje. Um salário

suficiente para ter uma vida tranqüila, sem grandes... né, não dá para comprar carro do ano, casa na praia, nada, uma vida tranqüila, ir no cinema de vez em quando, dar uma saída, andar de táxi, que meu pai... a família do meu pai tiveram um primo que teve um acidente muito grave de carro, e eles tem um trauma, porque esse primo deles era muito, pelo menos eu lembro assim, esse primo era muito próximo dele, e nenhum dos meus tios, mesmo os que tem dinheiro para comprar carro, nenhum desses quiseram. Foi tão traumatizante, que eles tem carro, mas não dirigem. Foi tão traumatizante... Esse primo, ele perdeu um olho, primo deles, esse primo meu de segundo grau, só não sei por cargas d'água, isso foi tão marcante para eles, que nenhum dirige, é incrível. Tem um que agora está dirigindo, depois de quarenta anos, agora começou a dirigir, então tem mais ou menos esse trauma familiar. Mas tinha o... meu pai depois de sair do... ficou também um bom tempo no hotel, mas não o suficiente para se aposentar, acho que faltavam uns quatro anos, foi demitido, o hotel foi comprado por outro grupo, e ele na época era chefe de compra, e todos os chefes foram demitidos, e ele foi junto. E passou por um processo assim, depois, ele me contando, que você vê o quanto a pessoa agüenta em prol da família, porque se a pessoa não vê em prol da família ela chuta o balde, né... meu pai sempre foi mais ou menos um herói para mim por conta de... nessa compra da empresa pela outra, não mandaram eles embora tacitamente, mas tiraram as funções deles. Então ele fazia todas as compras do hotel, então ele ficava lá, não tinha função, não mandavam ele embora, mas também não tinha função, ficava lá, “de boa”: “Aí, vamos ver até quando você agüenta”. Chegou um dia...

Esperando ele pedir demissão?

Esperando ele pedir demissão para não pagar os encargos trabalhistas, a multa rescisória... Meu pai resistiu, a empresa não agüentou e teve que mandar ele embora. Então o que hoje a gente chamaria de assédio moral, naquela época era muito incipiente, hoje a gente tem muito mais informações, né, sobre essa prática, a gente tem as informações, nem sempre a gente usa. A gente sabe do que se trata, a gente sofre, mas não protesta, ainda, protesta depois. Então foi super cruel, ele me contando, e você imagina o que que ele passou nesse processo. E depois montou uma empresa, uma “nanoempresa”, como eu brinco (risos). É só ele e ele mesmo, e a estrutura de custos está estourando (risos)... E felizmente pegou um período legal de crescimento, não deu para ficar rico.

E o que ele fez?

É uma empresa de eventos esportivos, né, que trabalha com... principalmente com futebol de várzea, é mais ou menos assim: você se associa a liga de futebol do meu pai, e a gente se compromete a marcar X jogos para você no final de semana, ou no sábado ou no domingo, você paga uma mensalidade por isso. E aí, na época felizmente tinha bastante campo, hoje a cidade tem menos campos, está cada vez tem menos áreas livres para atividade.

Sobrevive a atividade de futebol de várzea ainda?

Sobrevive, e ainda as últimas áreas que tinha para prática... a última prefeitura e esta tomaram de volta os terrenos cedidos... cedidos ou emprestados, a prefeitura pegou de volta, então cada dia é mais difícil fazer isso. Ele continua fazendo a mesma coisa, mas com toda dificuldade do mundo.

Com menos espaço?

Isso, com bem menos espaço. Piorou bastante as coisas, mas pelo menos, naquela época, deu para chegar no final da graduação. Claro, que você pensa que quando se formar todos os problemas vão estar resolvidos, você vai conseguir passar no trainee daquela multinacional, e ganha quatro mil reais por mês, né, que você vai conseguir... você acha que você conseguiu recuperar todo o tempo perdido, isso é uma reflexão que eu tenho hoje, até meio cruel, de ver o pessoal entrando na universidade e achar que só por entrar, só por estar, você vai conseguir trabalhar na área, você vai ter o seu status, alguns conseguem, mas não é só a graduação, tem tudo o que envolve. Então, o dinheiro não... não é só fazer universidade, não é só fazer universidade, alguns conseguem driblar... Eu sempre brinco, eu falo no meu caso eu sempre to correndo atrás de alguma coisa, de alguma tecnologia, de alguma coisa, né? Única tecnologia que eu consegui chegar ao mesmo tempo foi da datilografia, que eu fiz o curso na hora que todo mundo tinha feito, aí beleza, (risos) eu “era o cara”, tinha meu curso de datilografia, tinha minha empregabilidade garantida, mercado só exigia o curso de datilografia! (risos) Você ia lá no Centro [de São Paulo], e chega lá: - Vou entregar uma ficha, lá no banco tal. E ia lá, e cinco dias depois tava trabalhando. De boy, claro, né? Hoje para ser boy, você precisa ter, no mínimo, três mil reais para comprar a motinha mais velha do mundo. Então, como a gente fala em economia, já tem uma barreira à entrada, não é livre! Então, aí é que tá, você ia lá, você com seu sapatinho, seu

jeans uestop, sua camisa pólo (risos), ia lá com seu envelopinho, não tinha nem currículo, você ia preencher a ficha e quando você via: - Fui chamado, beleza! Não tinham quinhentas mil dinâmicas para ser boy (gargalhada). Hoje você vai e: - Vou fazer uma dinâmica hoje com três psicólogos, os caras ficam olhando e você se sente o que está no aquário. Três psicólogos te olhando, você coloca a mão na cabeça e os caras anotam: - Hum, esse cara é ansioso... ele tem tique, acho que ele não vai agüentar a pressão, ele não tem resiliência. Ele não vai agüentar o... tranco da carreira!! Então, tudo era mais fácil.

Eu ia lhe perguntar sobre a importância que seus pais davam a sua instrução, mas acho que você já me contou. Eles valorizavam sua instrução.

Eles sempre valorizaram, valorizaram muito, embora eles não tenham... não conseguiram, meu pai, ainda por conta do... apesar de ter o primeiro grau, estudou até... mais ou menos até a sexta série, felizmente teve a oportunidade de estudar um desses anos num colégio particular, na Santa Cecília, que eu não sei o nome, que minha avó, por conta do... de um dos patrões dela, que era muito influente lá, ele pode fazer nessa escola um teste, e entrou. Nessa escola teve um ano de escola particular, legal, ele e uma outra irmã dele, né, que é a conhecida tia Nice. Eles dois tiveram a oportunidade de fazer esse ano.

Um ano?

Um ano na escola particular. E... talvez isso, não sei se fez diferença para essa questão da educação. Eles tiveram oportunidades, no caso do meu pai, quando ele estava no laboratório, você imagina, hoje e até bom, a gente vive uma época das nossas vidas que a gente não pode ter ilusão, né? Os especialistas falam que a gente não pode... que está difícil encontrar pessoas que vistam a camisa da empresa, mas, quem ta vivendo hoje viu seus pais vestindo a camisa da empresa, e o que que eles ganharam vestindo a camisa da empresa? Menos tempo para família... chegou um dia, alguém reinventou um novo modelo de gestão e eles foram. Adiantou vestir a camisa da empresa? Trabalhar no final de semana? Ficar até nove horas trabalhando? Não adiantou, chegou um dia e: - Abraço! E hoje, né, reclama. E pelas estruturas, né? Vi a do meu pai, vi umas muito mais doloridas do pessoal que trabalhava no Banespa, né? Só para pontuar, tem um colega meu que trabalhava no Banco do

Brasil comigo, e hoje felizmente ele é fiscal do ICMS de Rondônia, esta lá em Porto Velho, né, ganhando super bem, cerca de vinte mil reais por mês, né? Por o ICMS desses outros estados, quanto mais longínquo paga mais para atrair os bons profissionais. Esta ganhando vinte mil, tem bônus de três em três meses, que é um salário a mais, mais vinte mil. E a história dele talvez ilustre bem o que foi essa época para os nossos pais. Meu pai quando passou por esse processo, da empresa dele ser comprada por uma outra, né, por outro grupo maior, outro grupo hoteleiro maior, e saiu do... acabou saindo da empresa, mas vi também né, muita gente hoje que saiu do Banespa, que tinha uma vida legal, ganhava o equivalente a quinze, vinte salários mínimos, tinha uma vida maravilhosa, aderirem ao PDV, que esse é o caso do meu colega, aderiu ao PDV do banco banespa. Programa de Demissão Voluntária. E dinheiro na mão é vendaval, e em três anos ele não tinha mais o dinheiro da indenização. O pessoal saiu a peso de ouro, e o dinheiro acaba. Dinheiro na mão realmente é vendaval, acabou o dinheiro dele, ele não conseguiu outro emprego na área dele, ele era gerente de área, gerente de cartão de crédito, não conseguiu mais trabalho na área e acabou tendo que viver do artesanato que a mulher dele fazia e que ele vendia na praça da república, isso durante cerca dois anos, até ele passar no concurso e entrar no banco do Brasil, e depois do Banco do Brasil ele continuou estudando e foi parar em Rondônia, em Porto Velho, e bem. Então é uma coisa que fica. Essa questão de vestir a camisa da empresa... não tem nada de vestir a camisa da empresa, você faz logo o que dá para fazer, você faz o que precisa, mas não descuida da sua instrução, não descuida do seu aperfeiçoamento, que para ser descartado no mercado, foi o que aconteceu com o meu pai, ganhou um salário ótimo durante dez anos, que se tivesse estudado, tivesse feito uma universidade, teria chegado muito mais longe.

Você está me contando que seu pai abriu da instrução dele por vestir a camisa da empresa?

Sim e não. Talvez ele achasse que fosse eterno, que a gente tem a impressão que as coisas serão eternas, que você vai ganhar um salário ótimo para sempre, mas as coisas mudam, a conjuntura muda, no caso, foi um problema político, né, foi uma norma do Bacen, uma resoluçãozinha de várias resoluçãoezinhas que o Bacen emite todo dia, que acabou com o setor, com as empresas pequenas farmacêuticas na época, insumos farmacêuticos...

Em relação a sua instrução, vocês conversavam sobre isso?

A gente conversa, mas para mim nunca precisou muito de incentivo, eu sempre sabia que... onde eu queria chegar.

Por conta de você ver seus pais... O que?

Por ver meus pais... a importância que eles... Minha mãe sempre fazia a lição comigo, sempre foi muito presente. Meu pai, sempre foi muito difícil, ele sempre estava trabalhando, chegava tarde, né. Então, nessa época a parte do futebol dele era um bico, um bico que depois virou a salvação, digamos assim, ele sempre trabalhou bastante, mas minha mãe sempre estava comigo e fazia a lição comigo e me ajudava, então tinha essa preocupação. Embora a gente não conversasse muito a respeito da educação, mas eles tinham esse cuidado. Não dava para pagar o colégio particular? Não dava, né, não deu, nunca deu! Beleza! Mas tinha essa preocupação de ajudar da escola, de... ter uma preocupação com o futuro. Mas o legal é que eu nunca fui pressionado por eles, só durante a segunda e a terceira série, que minha mãe teve que dar aquele puxão, que a rua sempre foi muito sedutora, então eu gostava de jogar bola na rua, e teve um tempo que eu estava meio rebelde em relação a estudar, queria jogar bola na rua, felizmente foi um momento que minha mãe me puxou da rua, e foi a hora que começou a ficar perigoso, um ano depois o pessoal que jogava na rua começou a se envolver com... ..

Tráfico?

Tráfico não, o tráfico pelo menos naquela época aquela região não tinha uma penetração muito grande. Eles tinham uma liderança já formada...

Daquela família...

Era uma traficante.

E ela foi assassinada, embaixo da cama dela.

Isso, a Nenê, que dominava a área, então não tinha... era um negócio “de cachorro grande”.

Foi um grupo de extermínio, que foi ela e a família inteira de uma vez só.

Ela e a família inteira. Nessa guerra, a gente chama guerra, só do lado da minha rua foram vinte e duas pessoas que morreram. Era quase um toque de recolher, né, voluntário, vamos dizer. Não via uma viva alma depois das oito na rua, isso na época quando ela morreu, que teve a guerra por conta dos pontos, das coisas que ela tinha, padaria, tinha um monte de coisa... Uma guerra mesmo, a

Brasilândia viveu uma guerra nesse período. Então tinha esse cuidado, de não deixar muito na rua, e felizmente eu também sempre gostei mais de... eu sempre fui introvertido, e isso de certa forma ajudou um pouquinho, protegeu que não ficasse exposto a toda aquela... .. violência. Então sempre fui... não ficava muito na rua. Gostava de jogar bola, mas, acabou abraço, acabou o jogo eu entrava para casa.

Você se lembra de alguma história marcante, que se relacione ao esforço dos teus pais para tua instrução?

Eu lembro. Eu lembro das opções assim, de, sabe, ao invés de comprar uma... alguma coisa para casa, comprar um uniforme, comprar a roupinha da escola. Porque a gente tinha uniforme, né? Porque hoje o Estado te dá quase tudo, te dá uniforme, te dá a caneta, te dá o lápis, então naquele tempo não, você tinha que comprar tudo. E tinha o constrangimento da professora... porque que... no meu caso, felizmente, por mais aperto que eles passaram, eles sempre tentavam comprar o uniforme, o material, nas primeira semanas, mas eu lembro que tinha colegas, né, era um constrangimento, a professora fazia aquela pergunta, o moleque até faltava, né: ó, você não trouxe o material ainda!

Não sei se para você tinha isso, mas onde eu estudei, teve época que o aluno voltava para casa se não fosse de uniforme.

Isso é o máximo da antipedagogia. Na minha escola tinha lá o... não era uniforme, não tinha o logo da escola, mas tinha um padrão, que era aquela calça que... sei lá o material que era. Era uma calça que lembra uma calça social e uma camisa de botãozinho que tinha mangas curtas. No frio parecia que você estava pelado, passava o vento todo naquela calça, era melhor você estar só de cuecas (risos), fazia menos frio de cuecas do que com aquela calça (risos), era terrível. Meu pai, felizmente, nessa época estava trabalhando nas Lojas Glória, então ele tinha o material, ele tinha facilidade para comprar material, ele trabalhava... As Lojas Glória, só para pontuar, é o que hoje seria o... vamos ver... ..

Americanas?

Um pouquinho a Americanas, mas sem cd, sem eletrodomésticos. Seria uma papelaria, livraria, que não sobrou nenhuma para contar história, né? Então, era como... como tinha as Lojas Brasileiras também... O Bazar 13 aqui em cima... Mas é... pelo menos material tinha. Tem histórias

assim, que eu conto do material, que eu sempre fui pobre, mas, aquele lugar, minha escola era dentro da favela praticamente. Então, as coisas que para você eram mais ou menos simples, seu pai comprava com esforço, mas para muitas pessoas, sabe, o apontador... eu lembro que eu tinha um apontador de capacete, que naquela época “era o que havia”: - Nossa, o cara tem um apontador com capacete!! Aquele lá que na primeira saía a base do capacete, quebrava, não servia mais para nada, era uma droga aquilo lá, mas tudo bem, “era o que havia”: - Nossa, o cara tem um apontador com capacete!! E você não podia ter, porque não chegava no final da aula... não chegava, o pessoal roubava, tal... Então por mais difícil que fosse no meu caso, era para eu... Tive vários traumas por conta de... né, eu ia para um colégio particular até então, aconteceu isso com minha família eu fui parar num colégio público, né, e fui assim. Eu não tinha a malandragem que aquelas crianças tinham, era muito ingênuo num ambiente hostil. Eu sempre brinco que aquele filme do James Belushi, “Um diretor contra todos”, foi filmado lá na minha escola. Se não foi filmado lá foi inspirado no mínimo! O cara estudou lá!! (risos) Porque era cruel. Tinha, eu me recordo, o que se hoje vive no Rio, de ter a escola fechar por conta de tiroteio, naquela época acontecia isso.

Você estudou em que escola no Ensino Fundamental?

Chamava Milton Campos o colégio, ficava na rua de baixo. Brasilândia. No Guarani o colégio mais famoso era o Alquimin. Você lembra quando colocaram fogo no carro da Ana Lúcia, professora Ana Lúcia? (uma professora nossa do segundo grau).

Lembro.

O carro dela acabou lá, o Santana... Acho que ela deu uma nota para um aluno que não gostava muito dela.

Nem me lembrava dessa história...

Né, e fizeram um espetáculo pirotécnico com o carro dela (risos). Mas é... O colégio era, não literalmente, mas fisicamente dentro da favela. Na verdade o pessoal aproveitava as paredes, os muros, que era uma parede a menos para construir, e foram aglomerando. Então era favela pequena, depois, quando você... e é um processo rápido, que você olha, você vê a escola, e três anos depois você vê que

não tem mais escola, a escola está praticamente dentro da favela, a escola foi abduzida. Então foi um período assim, a gente tinha... perdemos colegas. Tivemos dois colegas...

Na escola?

Na escola, roubando. Colegas que foram pro mundo do crime, que... um morreu no assalto, em troca de tiro, o outro, a mesma coisa, né? Então era complicado, era uma escola assim que se você não tivesse a orientação da sua família, que se você não tivesse apoio em casa, você não ia... você ia para bandinha do mau, você... sempre eu e meus colegas a gente tinha assim um grupinho fechado, a gente não se deixou contaminar pelo ambiente, por tudo, e...

Você gostava de estudar lá?

Não, eu odiava estudar lá. Eu odiava. Eu lembro o dia que não tinha aulas era um dia a menos para apanhar dos moleques maiores. Então era muito complicado. A minha inserção naquela escola foi muito complicado, porque até então eu tinha sido criado, como filho único, pior, né, como filho único mimado, né, até então que teve tudo, de repente vai parar numa escola pública. Teve um colega que eu lembro, me recordo que esse colega que eu vou contar agora inclusive morreu depois num assalto, que ele roubava meu lanche! O cara roubava meu lanche. O cara roubava meu saco de bolachas, na época meu pai, ele trabalhava nas Lojas Glória, então além de livros, material, vendia doces também. Da empresas que sobrou mais parecida, realmente é a Lojas Americanas. E... o cara roubava o meu... lanche. E você vai ver, o cara roubava por maldade? Não, ele roubava porque não tinha o que comer realmente, o cara não tinha! O cara ia para escola para comer, era a única alimentação. Né, não dá nem para culpar o cara que roubava.

Hoje você consegue ver assim, e naquela época?

Não, para mim era só furto, você não podia ter nada. Não podia ter um lápis de cor. Então naquela época, funcionava assim. Diferentemente, vamos dizer que hoje está mais universal, porque a... a... digamos assim, a prefeitura te dá o material, te dá o uniforme.

Naquela época tinha diferenças entre os alunos na escola.

Tinha diferenças entre os alunos dentro da escola. Na época a prefeitura mandava um kitzinho, que a gente brincava que era o kitzinho dos pobrinhos, que era um lápis de cor horrível,

então normalmente quem não tinha, que a professora via que realmente não era sacanagem, não tinha dinheiro para comprar o material, então acabavam ganhando o kit. Era um lápis de cor, um giz de cera, na época se usava estêncil, era super caro, praticamente um bem de consumo durável (risos). estêncil! E tinha lá a lista de... de material: Quatro estêncil! Meu Deus do céu! Quatro estêncil era muito caro. Não sei precisar quanto que era hoje, mas... era nosso cartucho de impressora o estêncil. (risos) Era nosso cartucho de impressora primitivo. Em casa sempre teve-se essa preocupação assim, o incentivo para estudar, e também o meu incentivo talvez fosse mais... a vontade que eu tinha de mudar, de estudar.

Então você tinha vontade de estudar.

Eu tinha vontade e meus pais só tinham que fazer aquela sintonia fina. Na hora que tinha que, puxar as orelhinhas: - Ó, tá saindo do caminho! Mas nunca precisou falar assim para puxar as orelhas.

Então você desde pequeno tinha o desejo de estudar?

Tinha, gostava e gosto até hoje. O pouco que eu tenho eu devo... nunca... como eu tenho dificuldades para... uma dificuldade que não se supera, depois a gente pode até conversar, o que eu estava falando. Então, não adianta só entrar na universidade e se formar. Aí você descobre que se formou, falta o inglês que você não fez, que é o básico. Você já pôs todas as fichas na universidade, então no meu caso eu gastei todas as fichas na universidade, então eu não tinha como. Eu sabia, tinha consciência que tinha que fazer inglês, mas não tinha como! Ou eu fazia faculdade, ou fazia inglês. Eu escolhi, mas o mercado pede os dois, eu perdi um monte de trainee por que eu não tinha inglês. E realmente a sensação de fazer um [*processo seletivo para*] trainee, quem já passou por isso, pelo menos no meu caso, foi a mais frustrante possível... porque você chegava lá no trainee, sempre era chamado porque fiz uma universidade legal, uma universidade considerada de primeira linha, então sempre era chamado pros trainees. E você via que era bem selecionado mesmo. Você via... o cara levantava a mão e: - E aí, o que você aprendeu, o que você fez? “Estudei no Bandeirantes e... minha família passou dois anos nos Estados Unidos e... eu fiz escola de natação nos Estados Unidos, na melhor escola do mundo... depois meu pai trabalhava numa multinacional e foi transferido pro Canadá...” E assim, você ficava olhando, e como que vou concorrer com um cara desses?

Mesmo depois de formado, a marca...

Persiste, mano, persiste! Você tem... digamos que o mercado é cruel, você não consegue tirar a diferença, por mais que você... Hoje eu consigo ser prático. Tem dia que eu consegui, fiz tudo certo, pô, só não tenho inglês, fiz tudo certo. Ah, mas tem tanta gente na mesma condição que você, que o cara pode escolher: - Vou desprezar. Nessa daí vai um monte de gente boa... Como ele considera quem tem um potencial legal? Tal, to correndo atrás disso... O “retroceder nunca, render-se jamais”, né? Que eu tenho um potencial, mas, muitas vezes, eu não tenho oportunidade. Como eu vi, colegas que tiveram... todos os dias a gente almoça e jantava juntos, só que o cara teve a oportunidade de fazer um curso de inglês. Hoje é o que diferencia, né, hoje esse inglês fez diferença. Faz o inglês, alemão... Principalmente na minha área, tem um peso muito grande. Então esse foi o divisor de águas, de quem conseguiu estar...

Bem inserido hoje?

Estar bem inserido. Eu não posso nem considerar que eu não estou... totalmente inserido, pelo menos eu trabalho *quase* na minha área. Eu falo quase porque eu trabalho no setor financeiro, num banco, em agência, não cheguei à área que eu gostaria, que uma área mais técnica, mas, melhor que trabalhar no hospital, como tenho colegas que estão trabalhando no hospital... claro, na contabilidade, mas eles não estão trabalhando como economistas de fato. Eu tenho certeza que eles não se formaram para trabalhar na contabilidade do hospital. Tem colegas que estão trabalhando como assistentes de... auxiliar de contas a pagar de escola de inglês, de unidade pequena do Fisk. Como tenho também os que são gerentes de área do Citibank... Tem um diferencial que eu falo, hoje tem um peso, você fica marcado mais ou menos para sempre.

Fica marcado para sempre?

Você não consegue...

Não consegue competir de igual para igual?

Você não consegue competir de igual para igual. É triste, o mercado chegou num nível que... Você vai usar o inglês realmente? Você vai conversar com o cara que passou no trainee, e, pô, a empresa deles nem exporta! Não exporta nem importa, e no trainee pediam inglês pro cara! É o

critério do mercado? É. Não dá para contestar? Infelizmente não dá. Nosso grau de... na parte que nos cabe não se pode protestar, a gente tem que fazer as coisas e tentar torcer para dar certo. No meu caso, não deu, a inserção se deu depois, estudando para um concurso. Saí da universidade, não posso nem dizer que eu estudei muito para o concurso do banco porque eu saí embalado da faculdade, então a parte de conhecimentos bancários eu sabia toda, então tive que revisar matemática só, e passei no concurso, fui lá fazer, ver como que era e passei, que na iniciativa privada não consegui nada mesmo, deu para contar, o critério de exclusão era o inglês fluente. Não se aceitava nem intermediário, só inglês fluente. As que sobraram, as três empresas que sobraram para eu fazer, que não tinham inglês fluente, eu fiz o trainee, cheguei até a terceira fase, beleza, mas... eu não estava enfrentando uma fase muito boa na minha vida, tive um problema com depressão, fiquei super mal, mal por conta de sair da universidade... no terceiro ano você imagina que quando sair você vai... vai abraçar o mundo, você vai ser o economista do ano, você vai ganhar rios de dinheiro, você vai conseguir resolver todos os problemas seus e da sua família, vou pagar um convênio legal para minha mãe, sei lá, vou comprar uma casa para meus pais... E você que não foi suficiente, não deu, que... falta alguma coisa. No meu caso, eu sou super críticos em relação a esses programas, é legal inserir a pessoa na universidade? É legal. Só que essa situação tem que ser acompanhada, não é só colocar o cara lá.

Aproveitar que você estava falando de trabalho, vou te perguntar... Quando você começou a trabalhar? Como era esse trabalho e o que aconteceu?

Eu comecei a trabalhar eu tinha quinze para dezesseis anos, na época, numa corretora do banco econômico, e foi meio... foi um processo muito rápido. Foi exatamente no dia... se não me engano... 18 de dezembro de... 1992. Lembro que uma semana antes nós fomos, nossa geração inteira, no show do Guns, isso foi num sábado, no domingo eu cheguei, minha tia chegou lá, precisavam de uma pessoa para trabalhar, porque o carinha que eles tinham mandado, da rua lá da minha tia, não tinha passado no teste. ... Aí: Ta tendo uma vaga lá, você vai fazer o teste no banco. Beleza! E... o teste consistia em conhecimentos gerais, e uma redação, e... eu nunca fui muito bom escritor, mas na média eu... sempre fui um aluno médio. É perigoso porque o aluno médio pode ser o medíocre (risos). Mas, na média, eu sempre fui... dá para fazer uma redação e passar. Fiz a redação legal, passei, fui bem nos

testes... Os testes também não ajudavam muito, né? Quem descobriu o Brasil, coisas assim... Negócio meio tosquíssimo, partindo de um pressuposto, vendo os testes de hoje, que você passa por seis seleções para se saber para qual empresa você está fazendo a seleção. Era super simples, e aí eu fiz o teste, passei, e fui chamado lá no RH do banco, que foi a talvez a pior escolha que eu fiz na minha vida, porque o cara do RH me falou o seguinte: Você quer trabalhar no banco ou na corretora? Só que omitiu que o salário na corretora era um terço do salário do banco, e na corretora eram oito horas, e banco eram seis. Eu falei: Onde tiver, o mais rápido possível! Aquela ânsia de trabalhar logo, comprar suas coisas, não agüenta mais pedir tudo, chega uma hora que irrita você pedir tudo para os seus pais, você quer ter o seu dinheiro, você quer comprar suas coisas diferentes, que... bom, seus pais não entendem, né? Para você, para o seu grupo, ter uma camisa do “Use your illusion II” era estar inserido no grupo, e se não tivesse aquela camisa você está fora, você “não é o cara” (risos)... Tinha a questão, no nosso tempo, que pegava muito, é a do tênis. Era o extremo, as meninas até... tinha um tempo que a menina escolhia: Ó, só fico com cara que tem Nike. A outra: A não, só fico com o cara que tem Mizuno. Mas, eu questionava, olhava para aquele All Star furado, aquele M2000, aquele Lê Cheval, você não sabia se chorava, se escondia o pé, se ia de havaianas que era menos feio (risos). E você (aponta para o entrevistador) tem uma história de um M2000 clássico, que foi tombado pelo patrimônio histórico (risos)... E você queria trabalhar o mais rápido possível para comprar suas coisas. Eu lembro até hoje, meu primeiro salário eu entrei na corretora do banco, eu me recordo até hoje, que meu salário veio errado, pela metade, porque registraram errado, deu como se eu tivesse entrado no meio do mês, e eu tinha entrado no começo do mês, legal que, quando veio a correção, depois de três meses, era um tempo de inflação alta, veio corrigido o dinheiro, deu para dar a entrada no meu vídeo, no meu “Panasonic G9”, praticamente o fusquinha dos vídeos cassetes, com transcodificador e tudo, era usadinho mas era nosso, funcionava, beleza. Então eu lembro até hoje do meu primeiro salário, essa questão da... que é uma época assim, difícil. Já é difícil naturalmente, então está mudando um monte de coisas, é uma época de transformações muito grandes, e a gente tem uma necessidade de ter as nossas coisas, e foi quando eu entrei no banco, lembro até hoje, fui no Mappin, o extinto Mappin, lá na praça ramos, depois de ficar “namorando” seis meses uma camiseta da Puma, azul marinho,

comprei uma camiseta da Puma e já na sequência desci lá 7 de abril e fui na loja da 775 e comprei o “Vectra” das mochilas, uma mochila preta da 775 (risos).

Eu me lembro dessa mochila, também clássica.

(risos) Peça clássica para o “Museu Jonas”, ela vai fazer parte... (risos)... E lembro, foi legal. Então tudo o que eu tive até hoje, não sou profissional bem sucedido, estou buscando meu espaço ainda. Me formei em 2001, estamos em 2007, são seis anos, né, não deu para chegar onde eu queria ainda. Estou tentando ainda mas... tudo o que eu consegui foi por conta do estudo. Porque eu tenho uma extrema dificuldade, que eu sempre fui tímido, então normalmente em entrevista eu encolho, agora que eu estou... conseguindo... lidar melhor com isso. Em entrevista eu encolhia, em entrevista de trainee, principalmente, eu encolhia, e é difícil, para cargo comercial, para perfil profissional, você encolher já era, já foi a vaga, um abraço.

E que trabalhos se seguiram depois desse?

Depois desse da corretora entrei na famosa fase do exército, mas um pouquinho antes de eu me alistar, no prazo legal que a empresa tinha para me mandar embora sem ter que me segurar, me mandaram embora, fiquei um ano e meio na corretora do banco, e... aí fiquei naquela situação da famosa “fase do exército”, para nós homens também não tem período pior.

Eu também fiquei sem emprego nessa época.

Essa época é terrível, porque eles pegam 1% e mobilizam os outros 99%, eles ferram com os outros 99%. Você fica a mercê do serviço militar. É uma fase super difícil, então essa fase de exército eu... conhecia um pouquinho, eu trabalha no banco e eu sempre fui curioso em relação a indicadores econômicos, e eu fuçava lá, antes do meu gerente ler os relatórios eu lia os relatórios, eu lia os indicadores. Aí eu pegava e aplicava o dinheiro onde rendia mais. E por conta disso, eu apliquei meu FGTS, meu dinheiro da rescisão, foi aí que eu consegui viver um bom tempo, né, de “renda”, entre aspas. Eu ganhava mais especulando, digamos assim, sem fazer nada, é até feio falar isso, agora um economista keynesiano, eu falar que estava especulando... mas essa parte do... da fase do exército, depois, quando o dinheiro estava praticamente tinha acabado, meu pai me arrumou um emprego numa papelaria lá no metro Ana Rosa, e era para fazer o que tinha, não tinha um cargo, era o que hoje a

gente chama de auxiliar de serviços gerais. Fazia o que aparecia: limpava o chão da loja, fazia entrega, vendia também quando os vendedores... quando a loja estava muito lotada eu vendia, então fazia “barba, cabelo e bigode”. Então fiquei seis meses nessa empresa, sem registro, e... fazendo isso foi o que coincidiu com o meu primeiro ano de cursinho, foi o primeiro ano de cursinho.

Você tinha algum sonho de estudo, algum sonho profissional, ainda criança e depois? O que você sonhava fazer quando adulto?

Eu sempre, desde criança, eu sempre mudei várias vezes de profissão. Eu nunca caí na vala comum de ser bombeiro, policial, né, mas eu queria ser cientista. Fiz parte daqueles projetos da ciranda da ciência, fiz muita experiência com feijãozinho no algodão, né. Mas, no primeiro momento eu pensei em ser químico, depois uma coisa que eu pensei que ia ser foi engenheiro mecânico, passei boa parte da infância com esse desejo, e depois na medida que eu fui me conhecendo... quando eu decidi ser economista, buscar fazer economia, foi na oitava série, que eu falei: - Ah, não acredito que vou viver num mundo assim tão desigual! Ainda posso ser sociólogo, Pô, ser sociólogo é legal, né, mas... vai adiantar ser sociólogo? Eu só vou analisar os problemas, então vou ser economista, porque eu formulo as políticas e acabo com isso. Então é o que eu pensava na época. Ser sociólogo não vai rolar não porque ficar teorizando eu não vou ficar. Não tinha essas palavras, teorizar, tinha... mentalidade de oitava série, né, resolver problemas, tal... Ainda tinha um sonho, um dia que um sociólogo for presidente vai ser legal para caramba, porque o cara conhece os problemas! (risos) E sabe como aprofundá-los (risos). Então, está aí minha decepção com a sociologia. Então, na oitava série minha mãe sempre apostou que eu ia ser engenheiro agrônomo, por conta das minhas duas avós adorarem plantas, eu gostava de planta, sempre gostei de planta, nossa, eu sou... eu adoro planta! Felizmente agora a casa é nova, e tem um jardim grandão, que é muito grande para eu cuidar então eu deixei ele largado, deixei ele de lado (risos) já estava lá, aquilo lá é um jardim da babilônia, é muito grande para eu cuidar, haja paciência... Mas eu sempre gostei de planta, e minha mãe, eu lembro quando eu estava na segunda série, foi chamada na escola para... tinha lá um... saber, né, se as mães conheciam os filhos, e saber qual profissão que achavam que o filho gostaria de seguir. E depois iam confrontar com o aluno, para ver as respostas. Uma gincaninha mesmo, né? Ai minha mãe apostava que eu ia ser

engenheiro agrônomo, por adorar plantas. Minhas duas avós adoravam, sempre gostaram de planta. Minha avó, por parte de pai, tem uma... até pouco tempo atrás tinha um jardim gigantesco, tinha uma horta gigante, um pomar, para ser mais exato. Então sempre gostei de planta, e minha mãe apostava que eu ia ser engenheiro agrônomo, é até engraçado, ela não tem vergonha de falar, mas eu fui desviado da engenharia, da agronomia, por conta das lagartas. Eu odeio lagartas, eu odeio aquele bicho, e por experiências assim da infância, você que é psicólogo, e como as experiências da infância acabam atrapalhando depois. Eu sempre tive uma relação conflituosa com as lagartas, elas sempre estavam nos lugares mais... sabe, quando você tem medo de uma coisa, parece que atrai. Aí, decidi depois, brincadeiras à parte, vi que agronomia não tinha muito a ver, né, em São Paulo, ser agrônomo é meio complicado, e comecei me interessando, fiquei assim mais ou menos em três profissões: economia, sociologia e engenharia eletrônica. Engenharia eletrônica, eu decidi no último momento, na primeira vez que eu prestei vestibular, até o penúltimo dia: O que que eu faço? Aí tinha lá o número da carreira... aqui, aqui, aqui, aqui... engenharia, economia, engenharia, economia, engenharia, economia... E decidi por economia. E aí foram, prestei... nunca fui o candidato “difuso”, o candidato em dúvida. Sempre, todas as universidades que prestei, eu prestei economia. Não tem o que presta Educação Física na USP, presta Medicina da UNESP e presta Física na outra universidade? Eu prestei Economia nas três, nunca mudei a minha opinião. Até destruir o sistema econômico não vou saber se realmente eu era bom. Estou testando ainda (risos)...

Você participou de algum movimento religioso ou político no bairro ou na cidade?

Não, não participei de movimento religioso ou político na minha... Apesar de ter uma família católica, super super católica, diga-se de passagem, eu fugi da catequese três vezes. Minha tia é professora de catequese e meu pai já foi professor de catequese também. Eu não gostava, não curti no lugar que era, então tenho que completar o ciclo religioso... tem as coisas dos rituais que me fazem falta, então, sou católico, se você não faz a catequese você não pode receber a hóstia. É complicado, é um negócio assim... eu vou completar um dia. Estou nas demandas atrasadas, tirei minha carta, eu sou um adolescente com trinta anos! (risos)

E movimento de bairro, nenhum?

Movimento de bairro nenhum. Não participei. E não era um bairro, na época, mais jovem, não era um bairro muito para movimento, que era extremamente violento, tomado pelo crime mesmo, então coibia essas associações de bairro, né? Eu tomei um pseudo envolvimento com associação de bairro agora, mas tive que abrir mão. Fiquei seis meses tentando reativar a associação de bairros da Brasilândia, que já foi uma associação super atuante no passado, tirando essa fase mais violenta, que não dava para ter nada, de trevas mesmo, da participação política da associação, mas tentei nos últimos dois anos a ajudar a reerguer a associação, mas não deu, complicou, tive um... não dá tempo. Tem hora que você tem que escolher, não dá para abraçar tudo. Você tem que focar, né? Então, infelizmente eu tive que abandonar, abrir mão.

Naquela época, do bairro, antes da universidade, você freqüentava teatros, cinemas, shows de música ou bibliotecas pública, participava de alguma atividade esportiva...?

Por ser muito introvertido eu sempre adorei biblioteca, então, é mais ou menos o ritual de... Desde que eu me lembro, acho que do dez anos até mais ou menos a época que eu fui para a universidade ter o hábito de ir de quinze e quinze dias pegar um livro, ler e devolver. Era um ritual, era sagrado para mim.

Você tinha o hábito de ler, gostava.

Tinha o hábito, sempre gostei. Por mais que eu não tivesse a bagagem para entender uma... a *Ilíada*, a *Odisseia*, que não são livros que são fáceis de ler, mas com quatorze anos eu já tinha lido as principais obras, tal... Sempre gostei de ler, acho que é o... então, por não ter... sempre fui, né, essa questão de ser introvertido, sempre gostei de ler, adorava ler, assim, sentar lá no meu quarto lá de casa e sentar e ficar a tarde inteira lendo um livro, uns muito bons, outros horríveis, né, faz parte das descobertas... acho que minha maior fonte de lazer eram os livros e jogar bola na rua. Acho que todo mundo que... acho jogar bola na rua é...

É bem periferia, né?

É. Não tinha jeito, com chuva... e o raio caia na nossa orelha... - Sai daí moleque, você vai morrer! – Não mãe, está empatado, o jogo está duro, não vou sair daqui não! (risos). Acaba, perdia o jogo, às vezes tomava uma surra e ainda pegava um resfriado, o famoso “perda total” (risos)

Mas não deixava de jogar...

Não deixava de jogar, né, então é... E na escola, acho que uma falha assim do ensino público é aquela... sempre bater na mesma tecla. Menino vai jogar bola, menina vai jogar queimada ou vai jogar vôlei. Eu sou mais ainda do tempo da divisão entre: menino vai jogar vôlei... Desculpe. Menino vai jogar futebol e menina vai jogar queimada. Então não tem muito desenvolvimento do esporte. Não tem nenhum... O professor também, não está nem aí, tal... Você pega um ou outro, mas são exceções dentro da rede pública. É um que, ou é idealista, não desistiu ainda, ou está no começo não deixou se... está tentando fazer diferente ainda, não se entregou. É muito difícil encontrar profissional que não se deixou se envolver pelo sistema: “Não dá para mudar, me entrego, então vou fazer do jeito que dá”. Não sei até que ponto isso é aceitável, mas sei que a gente sofria isso: futebol e queimada. E futebol e queimada, futebol e queimada, futebol e queimada... E se perguntar o que mais eu fiz, fiz futebol e queimada... Não tinha... educação física se resumia a isso. Tem uma gama de esportes, né, e não tem comparação. Felizmente minha escola ainda tinha uma quadra. Só quadra, na periferia, tinha mais importância que a biblioteca. Biblioteca era pequeninha, mal tinha livros...

E que biblioteca que você ia?

Eu ia na biblioteca da Cruz das Almas²⁴. É uma boa caminhadinha, mas já estava acostumado.

Você ia a pé??

Eu e o Wagner.

Bela caminhada, hein?

Bela caminhada... mas, ia os dois... A gente acostuma, era legal, né? Criança você vai... Ainda lembro, eu o Wagner e o Ivan, o Ivan você não conheceu, um dia a gente pegou: “Vamos andar até onde nossas pernas conseguirem levar a gente?” Vamos!! A gente conseguiu chegar até a ponte do Piqueri! Hahahahaha... Não deu para ser mais ambicioso... Hahahahaha!! O preparo deu quase Lapa, mas Lapa ia ficar para uma nova expedição. A gente tinha que angariar patrocínio para o salgadinho, para água... (risos)...

Pois é, você caminhou depois por outras trilhas, né?

²⁴ Bairro vizinho à Brasília.

É verdade...

E no Ensino Médio, onde você estudou?

No Ensino Médio eu estudei no colégio Jácomo Stávale, e o curioso do Ensino Médio, é uma transição assim, para minha vida. Uma transição muito importante. Além do processo de amadurecimento da própria adolescência mesmo, tem um processo que você sai de um bairro periférico, onde todo mundo tem mais ou menos o mesmo nível de renda, então... e além disso, todo mundo no primeiro grau, a gente tinha isso desde a primeira série, os professores: Essa escola é horrível, essa escola é um lixo.

Os próprios professores falavam?

Os próprios professores: - Essa escola é horrível, né? Ninguém queria dar aula lá. Eu lembro que tinha uma tia minha que trabalhava na escola... não, tinha uma amiga que trabalhava na escola: Ninguém gosta de dar aula naquela escola, só botam os professores ruins lá... E é um negócio que se você deixa levar, você coloca aquilo na mente que você não vai... você estudou na escola ruim, você está condenado... se você deixar levar, contaminar seu subconsciente você não vai para lugar nenhum. Então tem essa transição para o segundo grau, tem esse resgate que a gente tinha o... para gente, a melhor escola da região na época era o Jácomo. E tinha o vestibulinho que não era fácil. Não era um vestibulinho fácil, era super disputado, e era uma escola super conceituada. E a gente, eu pude ouvir, vocês não vão conseguir, todo mundo praticamente, todos os colegas que prestaram o vestibulinho, nós conseguimos passar no colégio melhor. Então foi legal, foi uma resposta: - Nosso colégio não era tão ruim assim. A gente conseguiu tirar leite de pedra. Não foi só eu. A gente teve professores bons... Mas claro, esses bons são os idealistas, que não entregaram os pontos ainda... Isso em qualquer área você encontra. Mais ou menos eu vivo isso na minha carreira. Tem uns lá que já se entregaram: - Vou me aposentar aqui, está bom... não está muito bom, mas está bom! Vou levando, vou ficar aqui, esperando me aposentar. E eu não, não entreguei meus pontos ainda, nem pretendo entregar.

Quer dizer que o próprio fato de estudar no Jácomo já era...

Já era uma evolução. Já era... tinha um resgate da auto-estima, né, que a gente saiu daquela escola encravada no meio da favela, que todo mundo falava mal, que lá só tem bandido, que lá só tem trombadinha, que o ensino é horrível, todo mundo praticamente conseguiu entrar.

Quem prestou no Jácomo entrou?

Quem prestou no Jácomo entrou, então a escola não era tão ruim assim como falavam. Não sei se era uma característica daquele ano, que era uma turma especial, e acho que por esse lado, é uma turma especial, porque, tirando os outros anos, as outras sérias, nenhuma sala gerou tanta... gente que conseguiu chegar em algum lugar. Mesmo que não conseguiu chegar na universidade, conseguiu ser alguém, conseguiu trabalhar no mercado financeiro, que seja nos ramos que exige uma escolaridade maior... Não era uma escola boa, nunca foi, mas esse... só entrar no Jácomo já era mais ou menos um sonho. Tinha os mais ambiciosos, que queriam entrar na escola técnica federal, ninguém conseguiu passar na escola técnica federal. Eram os vestibulinhos da época, né? Escola técnica federal e aqui o Jácomo. E felizmente a gente conseguiu passar lá.

Você gostava de estudar lá, no Jácomo?

Gostava. E era uma possibilidade de recomeço. Nunca fui muito inteligente, sempre fui médio, suficiente... suficiente para passar... também não fui um aluno muito ruim, era um aluno bom. E o Jácomo ia me trazer uma possibilidade de... que você sempre traz, é horrível carregar o estigma de ser cdf. Tinha esse problema... É horrível. Quando eu mudei de escola, falei: Graças a Deus eu vou fugir desse rótulo!

Você era o cdf na...

É, e enche o saco! Enche o saco, mas... tinha eu, tinha o Wagner... Naquela escola considerada ruim, então a gente era, vai, “o bom do ruim”, digamos assim, os “menos ruins dos ruins”. E a gente estava enganado, foi muita gente com a gente.

Mas eu me lembro no Jácomo, você era considerado um dos melhores alunos também.

Mas eu nunca gostei de aceitar o rótulo. É ruim, você fica rotulado.

Independente do rótulo, me lembro que quando a gente estudou junto suas notas eram boas.

Eram médias. Eu nunca fui tão bom igual você e a Sandra. E, assim, nunca fui tão bom quanto os dois, mas estava lá. No primeiro dia, pensei: Vou fugir desse estigma, vou ficar tranqüilinho, na boa... E para mim, aquele mundo era novo, eu olhava... que as pessoas eram diferentes. Tinha uma mescla, digamos assim, as pessoas eram mais ricas, tinha um pessoal que tinha mais dinheiro, diferentemente da Brasilândia, que tinha gente que, eu lembro, tinha colega que ia de chinelo, não tinha dinheiro para comprar a... na época era a conga, conguinha... Tinha vermelha e azul, super variedade, né? (risos) Eu lembrava o Ford: você pode escolher a cor que você quiser para o carro, desde que seja preto! Hahahaha... Quando ele inventou o Ford T. Tinha colegas que iam descalços para escola, colegas que tinham muitas dificuldades. Aquela época, eu me recordo, era uma verdadeira coqueluche de colegas de: - Eu não quero estudar, porque meus colegas estão ganhando dinheiro e eu quero ganhar dinheiro também. E ganhar dinheiro na periferia, naquela época, era ser empacotador do Pão de Açúcar, aqui na Lapa, ali no shopping. Acho que tinha um na Barra Funda e outro aqui na Lapa. Não sei se era o “top RH” dos pacoteiros, mas devia ser, né? E meus colegas saíam da escola: Vou ser empacotador do Pão de Açúcar! O cara: Ó, o cara vai ser empacotador do Pão de Açúcar! A gente, naquela visão periférica: Nossa, o cara tá ganhando dinheiro!! O cara conseguiu comprar um Nike Air! Meu Deus do céu, o cara tá ficando rico! O cara conseguiu comprar um videogame, nossa, olha só! A nossa noção superficial de riqueza, mesmo de poder, de estar trabalhando e comprando suas coisas, então muita gente saiu da escola nesse período. Esse período era a sexta, a sétima série da escola, e muita gente saiu. Um mudou para noite porque queria trabalhar, e era fácil naquela época arrumar emprego. Se tivesse as pernas e os braços, não precisava nem falar para conseguir um emprego, diferentemente de agora. Tinha um professor meu que: - Você precisa falar bem, falar várias línguas, ser bonito, fazer uma faculdade de primeira linha... O cara falava: - Tem que ser um Deus grego! O professor falava com aquele tom assim jocoso dele, o professor Fausto perdia o colega, mas não perdia a piada. Teve muita gente que saiu, depois essa gente teve que voltar para estudar, porque depois mudou o mercado. O mercado está valorizando quem está estudando, então esses caras ficaram para trás, tiveram que fazer supletivo, e atrapalharam todo o seu processo.

Quando você foi para o Jácomo foi um período de transição. E o que mais marcou naquela época na escola?

Na escola, primeiro a diferenciação das pessoas. As pessoas eram, assim... Era uma escola diferente. Tinha um nível de renda maior. Nossa, eu fiquei... Tinha a APM, tinha advogado na APM, era super forte a Associação de Pais e Mestres. Eu vi uma reunião lá, tinha engenheiro, tinha advogado... Falei: Nossa, que escola é essa? E o dia que eu entrei no laboratório então: - Nossa, o que que é isso?! Três quadras!! Os caras são... os caras deixam essas três quadras para fora? Os caras nem usam, só usam a coberta! Falei: Nossa, que desperdício, imagina essas três quadras na Brasilândia, ia ter gente jogando o tempo inteiro! Essa escola tinha o luxo de desprezar, não sei se eram duas ou três quadras, do lado de fora, para usar o que a gente convencionou chamar de Mini-Estádio, que “era o que havia”. Você tinha o privilégio de escolher onde a gente ia jogar bola entre as várias alternativas. Você sempre estudou lá, estudou muito mais tempo, não sei se não podia jogar, não conheço a história, só conheço uma parte da história do Jácomo, não sei porque o pessoal não usava aquela quadra, só sei que, claro, comparando com o Mini-Estádio, qualquer coisa, né? Era uma... talvez a quadra que... Eu nunca vi em escola pública uma quadra que nem aquela. Eu lembro no primeiro dia da universidade, se a quadra do segundo grau era daquele jeito, a da faculdade vai ser show! Pior decepção da Unesp! Uma quadra de cimento! Ai meu Deus do céu, quero transferência, quero voltar para o segundo grau! O que é que é isso? (rindo).

A quadra era de madeira.

De madeira, muito bem cuidada, polida, “seu” Domingos... O “seu” Odenis, sempre quando ia pedir a quadra, normalmente eu e o *Ringo*, falava: Cuidado com as minhas lâmpadas lá, vocês tomem cuidado! E a bola, no dia que a bola subia, que alguém dava uma bica, parava! Todo mundo de olho na bola: A bola quase bateu na lâmpada! Uuuuh! Aquela tensão! Porque o Odenis recomendava tanto, cuidava tanto daquela escola. Claro, tinha lá os seus... Aquela escola deve muito ao Odenis. Conheço uma parte só da história, mas ele tinha lá sua... administrava de forma rígida, mas a escola funcionava. É uma escola diferenciada, né? Os laboratórios, tinha laboratórios! Quando que na Brasilândia ia ter um laboratório daqueles e o pessoal não ia levar um tubinho para casa? Sem falar mal do pessoal da

Brasilândia, mas tinha aquela cultura da “Lei de Gerson”, de aproveitar tudo, sabe, e a gente sofria muito com isso, de vim de uma escola... No Jácomo, felizmente a gente não sofreu nenhum tipo de preconceito, pelo menos eu não sofri, a gente foi super bem acolhido, né, pelo menos eu. Então tem a história do meu primeiro dia, que acabei não falando, que foi: Hoje, legal, primeiro dia de escola nova, vou ficar quietinho, vou fazer minhas coisas, vou fugir desse estigma de CDF, aqui eu vou... Quando encontro a professora Elaine: Oi Jonas, você por aqui! E aí, como vai? E aí ela já faz uma propaganda: Esse aqui é o melhor aluno que eu tinha lá na outra escola. E acabou, né, já ficou o estigma mesmo que eu não me considerasse muito inteligente, mas pelo menos acabou aí o “disfarce”. A professora fez tanta propaganda que eu fiquei rotulado de novo.

Mas mesmo que a professora não falasse você ia ficar assim.

Mas no primeiro dia? (rindo) Acabou com o disfarce. Mas lembro que a gente ajudava. Lembro uma história, que você não vai lembrar, mas, talvez você não lembre, mas eu lembro muito bem, que são várias histórias, me recordo de duas, especificamente, que é a do Djalma. O Djalma precisava tirar uma nota, e só passaria do primeiro para o segundo se ele tirasse dez na prova de história e a prova era em dupla. Ai fui eu e ele, e ele super tenso falou: Jonas, preciso tirar dez! Falei: - Relaxa, Djalma, fica de boa aí, e ó, vou ditar o barato para você (eram aquelas provas com consulta), vou ditar um texto para você, você só escreve. Fazia aquelas coisinhas que a gente aprendeu no segundo grau, malandragem você aprende, né? Você acaba... você sabe como funciona, como que... pega o jeito de escrever, sabe o que a professora gosta, sabe o que a professora não gosta, então não tem muita margem para erro. Então ele, eu me recordo, todo assustado...

Era a professora Isabel, uma ruiva de pele bem clara?

Era a Isabel, a professora Isabel. Era Eliane ou Isabel? Não me recordo. E olha, para eu esquecer nome de professor é difícil. E o Djalma todo preocupado, falei: Djalma, calma meu, a gente vai passar. – Meu, mas eu preciso passar com dez! – Relaxa. Primeiro, se você não relaxar a gente não vai conseguir. E aquele dia, não sei o que aconteceu comigo, também estava super tranquilo, e o cara super tenso, não sei se era uma tentativa de acalmar ele. Falei: - Que responsabilidade, se a gente não tirar dez nesse negócio o cara não vai passar. E aí no final, quando veio a nota: - Dez! Valeu, meu!

Valeu Jonas! Falei: - Você ajudou também, valeu! E tem uma outra história, uma vez, normalmente a gente já fechava no terceiro bimestre, felizmente a gente nunca precisou muito do quarto bimestre, só 0,25, se a gente só escrevesse o nome na prova a gente já passava, hahahaha. Começa a prova: Pronto, já deu 0,25, passamos! Aí a gente tinha, lembro do Eduardinho reclamando, né, neurastênico como sempre: Pô, sacanagem, vocês aqui!! A gente montou um grupo, eu, você e a Sandra. Ou foi a Sandra, você e a... não me recordo quem. Não me lembro se foram nós três, e foram eu a Sandra e você, acho que Isabela, não me recordo com quem você fez. Era aula do professor Adail, que o destino foi trazer para minha agência [bancária] ainda, né? Depois eu conto uma história do professor Adail. E tinha essa... O Eduardinho reclamando: Pô, a gente precisa de nota e vocês aí brincando entre vocês!

Eu me lembro dessa história!

- Pô, vocês já fecharam faz tempo! Não sei se foi eu ou você, que ficou nervoso, e falou: A gente faz a prova com quem quiser! Nesse dia a gente se revoltou! Não é carregar ninguém nas costas, mas, né, a gente estava no nosso semestre para brincar realmente. A gente fazia o trabalho que a gente queria, sem o peso de precisar de nota. Simplesmente, no terceiro bimestre estava fechando, e no quarto bimestre era só para... Tinha muito isso, ou a gente ajudava, tinha dia que a gente queria fazer a prova, mas, enche o saco. Ia lá fazer a prova...

Queria fazer só por você a prova.

Você vai fazer só por você, queria ousar mais um pouquinho, já que já estava fechado. Então a gente tinha esse, lembrei desse episódio, não de carregar, mas, não sei o pessoal, “querendo querendo” a gente tinha mais facilidade, também não vamos ser... mentir, né? A gente tinha um pouco mais de facilidade. Mas tinha dia que você não estava a fim de ajudar ninguém, enchia o saco, você estava lá: - Trabalho em grupo. Os caras já montavam o grupo por você, na hora que você via já estava todo mundo do seu lado: - Falei que ia participar do grupo? Alguém falou que eu ia fazer grupo com vocês? Mas eram os amigos, realmente, mas tinha hora que enchia o saco, não era a maior parte do tempo, mas tinha hora que enchia o saco. Às vezes queria conhecer gente diferente, apesar que, né, era super restrito. A sala era mais ou menos dividida. Nossa sala do terceiro ano era segregada, “patricinhas e

mauricinhos” e o resto, mais ou menos tinha uma divisão da sala. Tinha uma divisão, o pessoal que trabalhava, lembro da Ilana, lembro daquele cara, o Rodrigo.

Aquele que ia de carro?

É, ele trabalhava, ia de carro, e tinha o carro da época, e a gente lá, cortando nosso vale-transporte, nosso passe escolar... E para gente é um período que está acontecendo de tudo na sua vida, a gente está buscando nosso relacionamento, está buscando nosso posicionamento na vida, e aquilo choca um pouquinho...

Aquilo o que? A segregação?

A segregação. Você lá, ralando só para comprar um tênis, e o cara ganhou o carro do pai, embora tenha... a gente não sofreu muito isso. Na faculdade que a gente tem esse choque muito violento! Até, depois, se for objeto da sua pesquisa, a gente até conversa disso, que aí o negócio realmente é feio. Aí que você vê que tem gente que tem muito dinheiro, mas você não imagina que seja tanto.

E a diferença, né? O choque da diferença.

O abismo, né? Aí se faz o abismo de fato.

Jonas, houve pessoas, dentro e fora da escola, que influíram na sua decisão de estudar, ou no seu sonho de universidade? Foi no Ensino Médio que você se decidiu estudar numa universidade? Você se lembra na escola, de conversar sobre universidade? O que diziam seus colegas e professores?

Universidade era, mais ou menos, o sonho distante da maioria deles. O pessoal queria se formar, e, naquela época ainda se falava que quando você fazendo o segundo grau estava “se formando”, ganhando um grau de diferença. E o cara queria ir trabalhar. A gente tinha aquele sonho, que era de estudar. E tinha o nosso grupo, o grupo que tinha um objetivo maior, para vida, né? Que tinha que estudar, não era ficar indo para baladinha... Pô, você tinha que focar. Na época do cursinho, que depois a gente fala, a gente não... A gente sempre pensou em estudar, a gente não queria parar, então a gente, naquele dilema. Não sei como é hoje nas escolas. Tinha isso: - Você vai continuar estudando, ou vai parar? Então hoje você, não sei como que é a criançada, a molecada de hoje, se tem esse dilema.

E o que você lembra das respostas?

- Ah, eu estou “de boa”, já estudei bastante, agora eu vou só trabalhar. Vou trabalhar, esse negócio de universidade está por fora, porque tem um primo meu que é mecânico e ganha mais que um médico, e aquelas histórias. E hoje você tem que, é obrigado a ouvir: - Olha o presidente, ele não estudou, e olha lá onde ele chegou! O pior é dar argumentos para quem não gosta de estudar! Mas, tirando esse caso especial, vamos dizer assim, a gente sempre teve aquele desejo de ser alguma coisa, de tentar acho que... não só provar para você que você pode, mas que, acho que o mais chocante para gente, que a gente traz a... .. aquelas pessoas que achavam que era impossível. Nunca me conformei, eu não me conformo, eu falo para minha irmã que está aí, no ensino técnico, queria que ela fosse para uma universidade, mas não deu, não conseguiu a pontuação mínima no provão. Ela trabalha no Parque da Mônica, é radical! Jornada dupla, não dá para estudar direito. É complicado, ela está tentando outra coisa e simplesmente entrou no Einstein agora, e vamos ver se consegue outra coisa. É radical. Mas, voltando para o assunto, tinha nossos amigos: Não vou prestar não, que é muito difícil, que um colega meu me falou que é difícil, que um primo meu me falou que é difícil, e não vou tentar porque é difícil. – Mas você tentou? – Não, mas é difícil. – Mas tenta lá. – Não, eu sei que eu não vou passar mesmo, então não vou tentar. Então uma coisa que nunca me conformou, nunca me conformou naquela época, não me conformo das amigas da minha irmã falando isso... E na época eu lembro, quando estava desempregado, que dói, é complicado, na época que eu me formei na faculdade, até conseguir meu primeiro emprego, e meu colega: Adiantou estudar tanto? Tá aí, ó, do mesmo jeito que eu. Às vezes, você já está numa fase horrível, delicada, e você ouve essas coisas... Mas vale a pena sim. Vale a pena, porque se você for procurar nos outros o reconhecimento dos outros, aí você vai procurar realizar só as coisas dos outros, não as suas. Então tem que ser uma coisa interna. Você não vai ser médico porque seu pai é médico, embora no nosso mundo aqui da periferia dificilmente você vai encontrar o pai de alguém médico. Então, é fazer porque você gosta, não porque te obrigaram, então eu sempre tive isso. E tive a minha fase de... a minha história, talvez seja interessante pela persistência. No primeiro ano, para entrar no cursinho, eu saí do trabalho em outubro. Eu trabalhava numa papelaria, não registrado, eu falei: Vou sair do trabalho em outubro. Todo mundo: Você está louco, vai sair do serviço assim? E

vai fazer como? – Vou sair. Vou sair que eu não quero ficar atrás do balcão, virar papeleiro para sempre, ficar vendendo embalaginha de presente não vai me levar para lugar nenhum. Eu quero ser economista, porque eu quero, porque eu quero... Tenho um tio que é economista, se formou depois, talvez ele... não é o meu espelho, mas é um que sempre me ajudou, sempre me deu força, tal, me emprestou a última série do círculo do livro, para o vestibular. Só sei que ele tinha de todas as matérias para o vestibular, e aquilo era bom demais, principalmente matemática. Se eu tinha dúvida, se o bicho pegava, procurava e achava lá. Claro, eles pulavam algumas passagens, então você perdia alguns dias descobrindo de uma passagem para outra, de um logaritmo neperiano para as para cifras, que era outra passagem, ‘demorei alguns dias, que era um conhecimento condensado. Então, ele foi uma pessoa que me ajudou muito, que a gente conversa pelo menos uma vez por semana. Ele se formou tardiamente também. Aconteceu a mesma coisa, pensando que as coisas iam ser eternas, trabalhava numa grande empresa, a Evadin, que nada mais nada menos é a holding por trás da Evered, das pilhas, ganhava super bem. E pensou que era eterno. Faltando cinco anos para se aposentar, por questão de reestruturação da fábrica...

Como aconteceu com seu pai?

De certa forma, é um pouquinho diferente, porque a empresa do meu pai continua aqui, a Evadin saiu de São Paulo e foi para Zona Franca de Manaus. Então o pessoal que estava aqui: - Um abraço! Porque os administradores, não iam levar, o meu tio é contador: - Vou levar contador para Manaus? Lá você consegue um contador pela metade do preço! Então ele acabou ficando... ele perdeu tudo. Tinha três apartamentos, um monte de coisas... e acabou. Pensando que as coisas são eternas. Nada é eterno, você precisa fazer sua poupança... Então, trabalhando com o público, eu vejo muitos casos de velhinhos, serve de aprendizado para mim. Nada é eterno, faça sua poupança, faça sua previdência, faz seu pezinho de meia, que se hoje você está mais ou menos pode ser que amanhã você esteja pior. Claro, você sempre conta que vai estar melhor, mas faz o seu pezinho, porque você não o futuro, você não sabe se vai ficar doente, o que vai acontecer. Por mais que tenha essa teia de proteção social, a gente não sabe até quando vai. Pelo menos o INSS funciona, mais ou menos mas funciona, você contribui e vai ter os auxílios lá, vai ter pouco mas você vai ter. Mas, voltando agora para questão

da universidade, então foi uma coisa interna. Eu tive que brigar com meu pai para sair do serviço, para me dedicar só ao vestibular, de outubro até as provas de janeiro. Então fiquei só estudando. Foi o ano que, se eu não me engano, não passei para segunda fase por causa de um ponto. Fiquei arrasado.

Foi quando a gente estudou junto.

Isso. Faltou um ponto para nota de corte. Também não ia adiantar, né? Mas, naquela época, ta valendo! Não sei se zerava, teve uma época que acho que a UNICAMP zerava para segunda fase.

Naquela época não zerava.

É. Não tinha muita chance, mas, era aquela, né... você precisava de alguma coisa para se apegar que não era ilusão tudo aquilo que você estava fazendo.

Voltando um pouquinho antes, você disse que o seu tio influenciou você na decisão de estudar. Quando você anunciou que queria estudar numa universidade, como foi a reação dos seus pais, amigos, colegas de escola e professores?

Primeiro, a gente teve um problema com um professor, justamente com isso, que a gente nunca se conforma com nosso professor de português. Depois foi o que me entregou o canudo, que deu vontade de dar uma canudada na cabeça dele, mas, tudo é festa, é formatura, tudo bonitinho, né? Foi o professor que, por conta de uma colega nossa que estudava em outra sala, que falou: - Ó, tem o grupinho do Allan, o pessoal é esforçado, mas não vão para lugar nenhum. Tinha a Daniela, no caso, que estudava em outra sala, e contou para gente, e a gente ficou super chateado. Pô, acho que aquilo foi... talvez seja, pelo menos para mim foi o divisor de águas, a centelha que faltava para dar “aquele gás”: Ele acha que a gente não pode, mas a gente vai. A gente é a prova viva. Se a gente não ficou rico, nem nada, pelo menos a gente está aí, se formou em universidades de ponta, estamos buscando nosso espaço, uma carreira não se constrói em seis anos, a gente é, praticamente, quase recém formados. Nenhuma carreira se constrói assim, muito rápido. A não ser que você seja o Louis Hamilton! Ahahahaha... Mas ele pilota uma MacLaren desde os nove anos! Não é?

Mas ele é filho de médico, nesse sentido.

Mas uma carreira se constrói no dia a dia. Então a gente não ficou rico ainda, a gente sabe, brincando um pouquinho, que “o barato é louco”, que não é fácil, o dia a dia é muito difícil, você tem

que engolir sapos, você tem que lutar, você tem que passar por muita coisa, e talvez, se você não tivesse o [ensino] superior tivesse que passar por muito mais coisas do que você já está passando. Então a gente tem uma formação superior, um curso superior bom... Ta, se todo mundo tem um curso superior, qual vai ser o diferencial? O diferencial talvez seja a qualidade. Claro, depois você vai fazer um MBA, vai fazer o mestrado como você está fazendo... Tem outros diferenciais, mas isso você vai levar para vida toda.

Das reações que você encontrou, além desta, do professor, tem mais alguma outra, que você lembra?

Teve dos colegas: É muito difícil. Dos meus primos: É difícil demais passar na USP, você está aí perdendo tempo! Porque você não vai tentar fazer uma outra universidade, o Mackenzie por exemplo... Falei: Ó pessoal, a situação é o seguinte: eu não tenho opção, gostaria de prestar Mackenzie, posso até prestar. mas, por exemplo, a PUC. Se eu passar na PUC, em seis meses já vendi minha casa toda, o terreno, e só paguei seis meses! Faltam quatro anos e meio! Já vendi todos os bens da família e só foram seis meses de universidade. Então não tinha opção, ou passava numa universidade pública ou eu desistia. Então, na primeira vez que eu não passei me deu vontade de desistir, mas, por sorte, por persistência, depois de duas semanas mal, eu falei: Beleza, vamos lá, vamos de novo. Foi aí que me falaram, meus pais: Não, você é louco. Briguei com meus pais, eu felizmente consegui a primeira promoção off-line da vida, que eu sai como auxiliar de serviços gerais e voltei como vendedor. O cara galgando postos sem trabalhar, essa é boa. (risos) Aí voltei como vendedor. Aí marquei na folhinha, isso foi bem marcante para mim, nunca tive tanta frieza na minha vida, que eu peguei a folhinha: Eu vou ficar até o dia x. Eu lembro que esse dia x era o último dia de agosto: Vou ficar até o último dia útil de agosto, depois vou pedir minha conta, aconteça o que acontecer. Não quero saber de nada, vou passar, vou virar economista, vou fazer e vou acontecer. E falei com meus pais, quinze dias antes: Olha, estou saindo do emprego. – Você fez isso ano passado e não deu certo. – Eu fiz isso ano passado e não deu certo porque faltou um mês na minha preparação, pelos meus cálculos. Briguei, foi a única vez que briguei com meus pais: - Você é louco, olha o que você vai fazer! Está difícil para todo mundo!

Quantas pessoas eram na tua casa naquela época?

Eram quatro. Eu, minha mãe, meu pai e minha irmã.

Tua irmã era pequena na época, né?

Isso. Meu pai tinha acabado de perder o emprego... Ele perdeu o emprego em 94, e eu passei na universidade em 97.

E você precisava ajudar em casa com dinheiro?

Não precisava ajudar, felizmente. Porque era assim, a gente estava vivendo ainda da indenização do meu pai, que ele tinha trabalhado mais de dez anos na empresa, e dinheiro na mão é vendaval. Meu pai é o gênio das finanças ao contrário, ele consegue transformar dinheiro em pó, e teve a idéia “genial” de comprar um telefone. A gente precisava de um telefone, e foi lá no balcão dos telefones, tinha o dinheiro para comprar à vista, e comprou a prazo. E pagamos a prestação de... seria seiscentos reais hoje. O telefone custava seis mil, foi mais ou menos dez de seiscentos. E em três meses a gente não conseguiu pagar mais. O dinheiro estava acabando, oba oba... oba, vamos jantar fora, vamos fazer não sei o que... empresta para parente, oba oba mesmo... E dinheiro na mão realmente vai. Pensando que ia achar emprego logo, e nunca dá para saber. E o emprego não veio, nós perdemos o telefone. Eu lembro o valor da indenização, nós havíamos pago muito, recebemos duzentos reais. Pagamos cerca de mil e oitocentos e e recebemos duzentos reais, era a diferença que tínhamos direito. E realmente, sem contar, empresa super idônea, o Balcão do Telefone, hahahaha...

Foi na época que você estava estudando no cursinho?

Na época que eu estava fazendo cursinho.

Você tinha uma rotina de trabalho na...

Na papelaria.

Da primeira vez que você fez cursinho você já estava na papelaria.

Já estava trabalhando na papelaria. Das sete às sete. Desculpe, das oito às sete. Na Ana Rosa, um lugar “super perto”...

Morando na Brasilândia...

Morando na Brasilândia, então só sobrava, eu me recordo, chegava em casa, jantava e dormia.

No primeiro ano de cursinho?

Isso no primeiro ano de cursinho. Não dava para fazer atividades durante o dia.

Como era a rotina diária, de casa para o trabalho, do trabalho para casa?

Eu pegava... no começo eu pegava um ônibus até a Barra Funda, depois eu pegava o metrô até a Ana Rosa. Demorava uma hora e meia a ida, e duas horas a volta. Isso era o tempo que eu tinha para estudar. Pegava minha apostilinha, no dia que eu tinha a felicidade de ir sentado, o que não era muito fácil de acontecer, e estudava no ônibus. Eu lia todas as obras da FUVEST no ônibus. No Manuelzão e Miguilim, eu lembro na hora quando colocaram os óculos no Miguilim eu estava na ponte da Freguesia (risos). Eu me recordo muito, é um método a mais de associação para não esquece: Opa, nessa parte eu estava não sei onde (risos). Olha, o ônibus passou em cima do motoqueiro nessa parte aqui... na... na... Clarice Lispector. Eu lembro do livro... eu li praticamente todas as obras no ônibus. Em casa não dava. Era só pra chegar... jantar... Tinha dia que eu chegava, minha mãe estava preparando a janta, eu sentava no sofá para ver tv e “capotava” ali mesmo. Minha mãe me chamava para jantar, e eu queria ir dormir. A chamada “vida de gado”.

E essa rotina, ela mudou sua vida e seus hábitos antigos?

Mudou, de certa forma porque... eu não podia mais sair, eu trabalhava durante a semana das oito a sete, e não dava para fazer mais nada. E no final de semana, era para o cursinho. Então todo o meu círculo social, perdi meus amigos... perdi assim, não tinha como sair com o pessoal do segundo grau. Não tinha das duas formas, por conta de não ter dinheiro, ter muito pouco dinheiro e os recursos estarem canalizados para o vestibular, para pagar taxa, para pagar apostila, para pagar livro, e seja lá o que for, folha de fichário, que gasta para caramba no cursinho. E no sábado, que o pessoal queria sair, eu não tinha nem animo nem dinheiro e muitas vezes tinha aula no domingo, e eu não queria perder aula no domingo. Só tinha aula no sábado e no domingo, e você vai perder a aula de domingo? Ia para balada, não tinha como voltar, e ia como para o cursinho no domingo? É que você tinha um objetivo maior, é isso que conforta. Mas é difícil. É muito difícil, você achar que está fazendo uma coisa que não sabe se vai dar certo. Você tem ali... um dos grandes obstáculos, você não sabe o que tem do outro lado, é um grande muro. Você não sabe se vai chegar, se vai dar, você tem a dúvida do... se realmente

você vai conseguir... E uma coisa, eu fui teimoso. Não mudei de área, não foi porque eu não passei na primeira vez que eu mudei de área. Muitos colegas fizeram isso. Eu conheço pessoas que: Ah, não deu Direito, mas eu vou fazer Sociologia. É legal também. – Eu vou fazer Letras, que tem tudo a ver comigo! Sabe, porque eu gosto da língua portuguesa, afinal, é minha língua materna!

Porque seria um curso compensatório em relação ao curso que você queria.

Um curso compensatório. E muita gente abriu mão. Eu não vou abrir mão, eu quero fazer economia, porque eu quero fazer economia, porque eu quero fazer economia, que é meu objetivo de vida, é meu objetivo de carreira ser economista. E ainda aquela época, dos planos econômicos, uma época “super legal” você ser economista. Você via lá seus parentes passando fome, o Plano Cruzado, muda tudo: - Esses economistas estão acabando com o país! (risos) Aí todo esse ambiente desfavorável de inflação: – Esses economistas que estragam o país, tem que mandar prender todos. Bom era no tempo dos militares, aí ó, que não tinha isso e a economia estava perfeita! Hahahaha...

Me lembro de você ter dito querer fazer economia para poder mudar as coisas.

Eu queria mudar as coisas... eu achava que se eu fosse sociólogo, só ia trabalhar a superfície, e não o conteúdo. Então, eu sempre pensei que se eu fosse economista, ia ser mais difícil...

Ainda mais depois do Fernando Henrique...

Aí é que eu desisti. Que aí eu pensei: Quero mudar as políticas mesmo. É o meu desafio hoje, é o que eu busco, que é tentar chegar no Bacen [Banco Central], tentar chegar na Controladoria Geral da União, para isso que eu presto [os concursos]. E... é o meu objetivo. Quem sabe trabalhar no setor de Políticas Econômica e Monetárias, que é um sonho, né?

E você alguma vez pensou em desistir de estudar?

Não, em nenhum momento... em nenhum momento. É esse lado teimoso aí de não desistir nunca. E agora eu estou super animado para estudar, e me faz falta esse meio universitário, essa... o desafio de estudar, de aprender algo novo me faz falta.

E você lembra de algum colega de cursinho que tenha desistido, e o motivo?

Que tenha desistido? O Wagner desistiu na época por conta do trabalho. Ele não estava conseguindo conciliar, mudaram os horários dele e acabou não dando prosseguimento. E depois fez

vários cursinhos. Enquanto a gente estava estudando, ele estava fazendo cursinho, com dificuldade, mas depois conseguiu passar na USP.

Em sociologia, não foi?

Sociologia, está lá. Não sei quanto tempo falta para se formar, mas ele está fazendo o curso, como se diz, “sem pressa”. E ele havia desistido mais voltou. Vamos ver mais, quem... Nossos colegas, não sei nem se eles desistiram, porque nem tentaram. O caso do Eduardinho, caso do Leandro, caso do Itamar... O Itamar já é um caso mais diferente, porque ele sabia que iria herdar a funilaria do pai dele, trabalhava com o pai dele. Mas, são pessoas que não tinham objetivo assim de... de...

De estudar?

De estudar, de continuar a formação. Eu não sei qual é o determinante... É a vontade mesmo de cada um, o contexto, cada um sabe onde lhe aperta, sabe onde quer chegar... O... Eles nem desistiram porque eles não tentaram. Mas, o Eduardinho ainda chegou a estudar alguns dias com a gente, mas no oba-oba, não prosseguiu. Foi fazer universidade muito tempo depois. E...

Nem sei se acabou também.

Não sei se acabou, estava acabando, na última vez que eu encontrei com ele, ele estava...

Ele tinha parado, depois tinha voltado.

Estava se formando, estava no estágio final, foi no seu aniversário. Depois eu encontrei ele no Clipper, ele estava passando então a gente nem conversou muito. Ele devia estar voltando de alguma balada, estava super feliz, hahaha.

Jonas, você trabalhou durante o ensino médio, né?

Trabalhei parte do ensino médio.

Parte do ensino médio? Como que era a rotina de estudar e trabalhar?

Estudar e trabalhar eu lembro que era... O bom de segundo grau era que você não... você descobre que vai estudar de fato na faculdade. O segundo grau você não precisa se dedicar tanto assim fora da sala, digamos assim aquele trabalho de... bunda, cadeira, livro... Você não tem muito esse trabalho de debruçamento. Então, você acompanhando a aula, fazendo um exercício ou outro, você

consegue levar, é mais tranquilo. Mas, eu me recordo no... que no último ano, o ultimo ano foi... 94, eu sai no meio do ano do trabalho. Eu me recordo assim, final do segundo ano, que eu tinha uns trabalhos, encavalou tudo, final do ano... E eu saia de casa, acordava cinco e quinze. Me recordo até hoje, cinco e quinze é um horário meio holístico: cinco e quinze, a hora que eu acordava quando eu era peão, não é? Agora felizmente trabalho perto de casa, então acordo... melhor ainda, vou a pé para o trabalho, ando 900 metros. Se eu não for seqüestrado, vou abrir o cofre e beleza, hahahaha. Uma que o escriturário não vai abrir o cofre, mas tudo bem, só que o ladrão não sabe.

Você acordava cinco e quinze...

Acordava cinco e quinze, e essa era minha rotina. Seis e quinze eu saia, seis e meia tomava o ônibus para ir para o trabalho, eu trabalhava na Paulista na época. O banco saiu do centro para ir para Paulista, na Cincinato Braga, e tinha que tomar o ônibus para chegar as oito, então eu saia cerca de seis e meia, por aí, um pouquinho mais tarde, seis e quarenta e cinco... Tinha um trajeto ainda que eu tinha que fazer a pé para pegar um ônibus só. Não era nem econômico nesta época, porque o banco pagava a condução, mas é porque para você... era mais rápido, digamos assim. Andava-se um pouquinho, uns 10 minutos para pegar o ônibus ainda no ponto final. Então tinha todas as vantagens que tem de pegar o... agora Ana Rosa, mais na época era o Paraíso, sentado. Faz toda a diferença, você ficar uma hora e dez sentado e uma hora e dez em pé, né? Como rendia essa uma hora e dez! Dava para ler, dava para fazer as traduções de inglês... Eu lembro, fazia tradução e saía daquele jeito! Eu chegava na escola, passava a limpo. Quando eu entendia aquilo, hahahaha... As curvas do ônibus... Mas, eu lembro, no final do ano tinha... teve um tempo que eu acordava três horas da manhã para fazer os trabalhos, as coisas e depois seguia minha rotina comum. Então teve minha “fase zumbi” mesmo. Coisa louca assim mesmo de quando você tem a consciência, você já está dentro do ônibus, chegando no trabalho. Você olha assim: Pô, será que eu me vesti hoje? Você olha se você está vestido. Está tão automático que você não vê o meio, você só vê o fim, né? Você já vê chegando no trabalho, você já ta trabalhando, já chegou no trabalho... É um negócio assim, dá até medo, é estranho o grau de automatismo. Você já ta tão condicionado a fazer aquilo todo dia que você acorda, toma banho, você nem vê você tomando banho, toma o café... Uma vez, teve um dia que eu estava no ônibus: Será que

eu tomei café hoje? Ai você vê, o estomago está cheio, parece que eu tomei, tomei! Beleza! (risos) Chegava zumbi, na sexta feira chegava “estragadíssimo”, não via a hora de acabar a semana. Era muito cansativo. Mas, no segundo grau, ainda tinha a vantagem que não tinha muita atividade complementar. Tinha uma ou outra, na maioria dava para fazer na sala, ou dá para fazer uma meia hora antes quando você chegava na escola. Então não acumulava muito. Você dependia do que você via na aula. Se você acompanhasse a aula, beleza, dava para levar. Pelo menos, eu não precisava estudar muito, e com você também a mesma coisa. Não tinha muito: era aquilo, era aquilo. Aquela fórmula lá do Rubinho [professor de física], que ele dava. Você vai estudar aquele cara? Só caia fórmula, e ele ainda falava as coisas! E ainda as meninas não conseguiam pegar! hahahahaha...

O professor passava a cola para aluna e ela não entendia...

A menina não entendia ainda né? Mas... não tinha muito trabalho pós-aula. Mas quando tinha, eu tinha que acordar mais cedo, fazer no final de semana o trabalho.

E o cansaço próprio era da rotina de trabalho mais escola?

Mais a escola e o tempo fora de casa. As distâncias... A distância da Brasilândia, até o Paraíso uma época, depois na época do cursinho da Brasilândia até a Ana Rosa... Então, é muito cansativo... Fora esse tempo que você perde, o tempo mesmo, o stress que isso causa. Você está lá na Paulista, você vai lá, tira um cochilinho... Você descobre que você andou, com sorte, cem metros! Estava no número cem, agora está no duzentos, legal!

Este estágio de automatismo você vivia quando você estava estudando no cursinho e trabalhando na...

Não, não tinha muito automatismo. Tinha um pouquinho mais de consciência do que eu fazia porque eu acho que eu pegava a semana só para trabalhar e o final de semana só para estudar. Então eu não misturava muito assim. Então, chegava lá só para trabalhar, chegava sete horas, beleza... Não fazia mais nada, não dava! Tentava fazer atividade, não dava, puft! Pegou a apostila, dez minutos depois estava a apostila para um lado, o lápis do outro. E você, com sorte, no sofá numa posição que dava tempo de seu corpo encostar e capotar. Era quase um desmaio, quase um desmaio... você estava tão cansado... Isso foi meu primeiro ano de cursinho, foi marcado por essa... essa... essa... por esse tempo

para estudar e achando que saindo do trabalho em outubro daria. Faltava muita coisa, muita coisa que você não via... E quase deu, faltou um ponto. Quase deu para chegar na nota de corte...

Quando você se decidiu pelo Cursinho Popular, você se lembra como aconteceu, poderia me contar?

Lembro, eu lembro o Cursinho Popular, a gente sabia que existia um cursinho popular na época, talvez o único que a gente tenha notícia. E eu lembro que nós ficamos sabendo pela... eu acho que... se não me engano via papelzinho, esses papezinhos que distribuíam no centro, do cursinho, alguma coisa assim e por conta de reportagens na TV: Olha, tem um cursinho, o pessoal do Cursinho Popular... E era limitadíssimo. Diferentemente do que é hoje, era limitadíssimo. Talvez você lembre o número de vagas, mas acho que era duzentas no final de semana, ou nem isso né? Era duzentas e era super difícil para conseguir, né? Então a gente ficou sabendo, a primeira informação foi por aquele folhetinho: Ah, Cursinho Popular, tal, Cursinho Popular, legal. Joga o papelzinho fora... Aí vai se aproximando [o vestibular]: Opa, vou fazer o cursinho, sozinho não deu. No terceiro ano eu prestei o cursinho... prestei só a USP, talvez se eu errei em algum momento foi prestado uma só nas primeiras duas vezes. Uma coisa que eu não me conformo foi assim que as carreiras da USP de economia nunca foram unificadas. Então Economia Ribeirão era um código, Economia São Paulo era outro. E tinha outras carreiras que não, que você tinha opção. Algumas como engenharia, você tinha a opção de fazer aqui e fazer em outro lugar também com o mesmo código de carreira. Então você fazia São Paulo... o que eu nunca me conformei que eu sempre tive média para fazer Economia em Ribeirão, mas eram carreiras diferentes. Se fosse a mesma já teria ido para Ribeirão para fazer economia lá. A nota de corte era menor, lembro que era tipo... se era setenta, setenta e cinco economia em São Paulo, lá em Ribeirão era sessenta e três, sessenta e dois, era mais tranquilo. Mas eram carreiras diferentes, então eu tinha que prestar USP São Paulo mesmo, noturno, “noturnão”, não tinha jeito não. Não dava para tenta o diurno. Se eu não me engano o diurno acho que tinha mais vagas, acho que era oitenta contra cinquenta, não me recordo, mas tinha mais vagas no diurno. Não dava para fazer diurno, na época, que eu tinha ainda intenção de trabalhar e estudar, e não tinha como mesmo. Então o cursinho, ele surgiu meio que assim, peguei o papelzinho, joguei fora. Mas olha, tem um cursinho, aí você começa a ouvir

falar, a se inteirar... Aí a gente, eu lembro, o primeiro passo para decidir, a gente comprou o manual, não lembro o valor do manual...

A gente foi até lá.

A gente foi até lá para comparar o manual. E olhamos lá, vimos se dava... Estudamos e: - Vamos encarar, vamos ver se a gente vai conseguir passar. E tem aquela grande questão, né? Será que a gente é pobre o suficiente? A gente precisa ser bom o bastante e pobre o suficiente para conseguir passar na segunda fase da seleção que é a avaliação sócio-econômica. E tem aquela, a gente conseguiu a média, mas será que a gente vai passar? E realmente tem aquele constrangimento de você desnudar a vida não só sua, mas a da sua família, levar desde contas de todo mundo, da casa, passar por uma entrevista, que felizmente que eram com os nossos professores, que iriam ser nossos professores. Se eu não me engano eu fiz com o professor Américo a entrevista, que foi o nosso professor de física depois... Mas tem aquele constrangimento de se desnudar, né? Ao mesmo tempo você vive numa sociedade que é o que você tem, não é o que você é, e você tem que inverter, provar que você não tem para você ser, é complicado! Para você tentar chegar no cursinho é uma desconstrução, eu tenho que provar que eu não tenho mesmo, que eu sou pobre. E: - Será que deu, eu sou pobre o bastante? Então é complicado ter que desnudar. O ponto chato do cursinho, na época, essa avaliação sócio-econômica realmente é constrangedora. Constrange um pouco, mas a gente não tinha como, a gente não tinha muita opção. A gente iria fazer cursinho como?

Pagar não dava!

Eu lembro, quantas vezes a gente ia no Objetivo, a gente foi pegar o resultado dos simulados... Tinha este lado bom também, que a gente conseguia ter acesso a pelo menos as provas do Objetivo e do Etapa. Do Objetivo só tinha mesmo o “Fovestão” no final do ano. E fazíamos as provas do Etapa no final de semana. Aquela galera: era eu, você, o Daniel, em algum período a Ângela Moreno... E... e... ajudava aquilo, mas também, de certa forma, quando a gente estava esperando, eu lembro de uma cena que não me foge, eu nunca vou esquecer na minha vida. É que eu estava esperando para tirar a nota e a pessoa estava atendendo, a recepcionista do Etapa. Tinha um pai com a menina lá, e para mim era inimaginável o valor daquilo, era umas cinco vezes o que eu ganhava por mês o cursinho, vamos

falar assim... cinco vezes não, umas três vezes, o eu ganhava bruto. E o pai da menina pagou, fez o cheque do ano inteiro do cursinho da menina na hora, de um valor assim: - Quanto que é à vista? [faz um gesto como se assinasse um cheque]. Fácil assim, sabe? Nossa, se gente tivesse toda esta estrutura, todo esse apoio, será que a gente iria ser diferente? Tudo é tão difícil, veja o processo que a gente passou, que nem o cursinho deixaram a gente fazer direito, a gente foi expulso da sala... Legal, recordações ótimas! A gente fez um cursinho popular, a gente conseguiu ser expulso do cursinho! Expulso assim, da sala, depois o cursinho acabou achando o seu espaço. Era um cursinho interativo... ahahahah... Ah, hoje estamos no estacionamento da Letras, amanhã no Alvarenga, depois não sabemos onde! Hahahahaha. Parece... um circo! No bom sentido do circo, com todo o respeito ao pessoal do circo, é claro, né! Inclusive tinha esta dificuldade a mais né? Todo aquele contexto, para nós era a única oportunidade, no meu caso não tinha outra alternativa, ou eu passava em escola pública ou desistia!

Eu também!

Eu não vou fazer graça na PUC, porque eu vou fazer graça, mal tenho dinheiro para pagar a inscrição, quanto mais o curso! Não dá: - Ah depois você vê!!! Vê como? Não dá para ver nada, ou eu passo aqui ou eu não passo!

E o que você esperava do cursinho antes de entrar?

Eu esperava que seria a chance, o elo realmente, aprender as coisas que eu... revisar as coisas que eu não vi na escola que eu já deveria ter visto. Apesar da escola ser boa, eu trago uma defasagem muito grande em algumas áreas por conta que, eu lembro, na sétima série a escola ficou em reforma, reduziram metade da carga horária e não fizeram até hoje a reposição da sétima série. Isso faz falta! Ficar sem professor um tempo, professor ficar de licença, não ter outro no lugar...

Lacunas na formação da gente...

Né? Isso vai fazendo falta. Parece que não faz, mas chega uma hora estoura. Chega a hora do cursinho, estoura. Aquelas três aulas, aqueles três meses que você ficou sem professor de química te custaram três questões. Três questões, do jeito que é a coisa, ou te tira ou põe você. Como uma questão podia ter me colocado na segunda fase, não colocou, e é uma questão! E uma questão dói! E

uma questão você não se conforma: Onde eu errei?! E hoje, acho que as coisas ruins servem de exemplo. Então hoje eu tomo o maior cuidado, é uma questão só mas eu já vi uma questão fazer tanta diferença! Vi comigo, vi com outros... Só contar uma estória rapidinho... Tem um amigo da minha namorada, passaram na receita federal. E a receita se antecipou, teve um problema institucional e divulgaram antes o gabarito. Estava tramitando uma questão ainda, e eles conseguiram anular uma questão depois que tinham divulgado a lista e uma questão que foi anulada alterou 30% da lista! Uma questão! Porque pessoas que não tinham tirado o mínimo tiraram e entrou. Aí, num concurso, uma questão é muito! Não parece mas é muito. Essas lacunas fazem diferença! Vão cobrar seu preço um dia. E nosso ponto, até onde a gente conseguia chegar, cobrou a primeira vez que a gente prestou o vestibular. E a gente, até na “bacia das almas”, a gente foi os melhorzinhos da escola! Eu, você, o Waltair... Apesar que o Waltair, a condição dele era outra, a família dele tinha dinheiro, várias padarias, várias coisas, era um outro contexto. Os melhorzinhos da escola, a gente foi mais ou menos igual. Faltava algo muito maior para gente. Então, a gente conseguiu, sabe a estratégia assim... a “estratégia Rubinho”? O carro dá para chegar até aí, então a gente vai galgar os 30 pontos... Eu lembro que um fez trinta pontos, o outro fez trinta e três, outro fez trinta e cinco... Foi mais ou menos assim, um fez dois pontos mais que o outro, tinha mais ou menos um pouquinho de rixa. Eu não gostava do Waltair e fiz mais pontos que ele! Hahahahahaha!

E sem ser dono de padaria...

Fiquei uma década comendo aqueles pãezinhos da padaria da família dele, que era ruim para caramba! Mas era monopólio, só tinha aquela padaria! Ahahahaha.

E como foi a repercussão da decisão de você fazer cursinho entre seus familiares, amigos, ou colegas de escola ou trabalho?

Alguns incentivaram, outros incentivam assim: - Deixa o cara tentar, vamos ver até onde ele chega. Uns desacreditam, uns apóiam, outros olham com reserva... Acho que, na maioria, pelo menos meus familiares, meu pai, minha mãe, o cursinho eles me apoiaram muito! O que pegou realmente foi quando eu decidi sair duas vezes do trabalho, não obstante, não contente, que saí uma vez, saí duas! O negócio já está feio, toda a condição... a conjuntura já era terrível, meu pai já tinha saído da empresa,

e... a gente tinha um carro que a gente vendeu, eles até brincam que o carro do meu pai virou bandeirão... Porque era para ser meu este carro e virou bandeirão. E realmente eu consumia um pedacinho do carro todo dia lá no 1,20 de quando eu entrei né! E foi o que deu, o último suspiro para família foi a venda do carro, que a gente nem usava, diga-se de passagem. Meu pai incrivelmente ganhou na rifa, ele tem sorte para estas coisas, segundo carro que ele ganha! Ganhou um Corcel II em oitenta e pouco e ganhou o Premio que a gente tinha. Premio oito meia, eu gostava daquele carro, eu adorava, eu era apaixonado por aquele carro. E no dia que eu fui vender eu estava aprendendo a dirigir! Por isso que eu demorei tanto, acho que traumatizou, quando eu trava aprendendo a dirigir venderam o carro! Mas esta valendo, um mal necessário. Se não fosse por ele eu não teria a ...sempre tem aquela: Pô, será que valeu a pena, abrir mão dos meus “roles”?? Mas, não ia ter dinheiro para colocar gasolina, nem para arrumar o carro! Às vezes, você questiona quando você está na Universidade: Será que valeu a pena? To aqui no meio do nada, longe da minha família, longe dos meus amigos e perdendo... Perdendo assim no sentido perdendo a convivência, minha avó por exemplo, era muito raro de eu ir. Então você perde uma parte da convivência com a família nessa época. Eu lembro que... domingo é o dia da festa, de confraternização, de juntar todo mundo... E o almoço da minha avó sai tarde, domingo às três horas, e três horas era a hora que eu tinha que tomar o ônibus, eu nem ia na minha avó, era hora de viajar.

Na época da faculdade?

Na época da faculdade. Mas, assim, o cursinho, pelo menos, os meus familiares apoiaram bastante. No cursinho o grande paradoxo foi que eles gostavam que... eles não tinham nenhuma restrição a eu estudar, me incentivavam, o problema foi: - Você estuda, mas você trabalha também! Está difícil, tal... Eu joguei, eu arrisquei, e deu certo. Comprei uma briga, mas depois se não fosse por eles, se não fosse o apoio depois, como universitário, eu teria ficado três meses em Araraquara e teria voltado aqui e virado papeleiro de novo. E olha lá, se desse sorte, pela terceira vez, acho que agora eu virava gerente! Hahahahaha...

Jonas você se lembra como foram os primeiros dias no cursinho, alguma história marcante?

No primeiro dia do cursinho, primeiro eu nem imaginava que iria ser tanta gente, sala lotada primeira impressão, você já vai formando seu círculo de amizade... Todo mundo empolgado, todo mundo querendo fazer e acontecer... pelo menos no primeiro momento estava todo mundo, digamos assim, motivado. E isso acho que é a grande questão, estava todo mundo empolgado, “quero ser médico”, “o que você quer ser?”, “Quero ser dentista e você?”, então foi aquelas coisas que você acha que dá! Ai que cai com o primeiro simulado e “opa”! Para ser dentista vou ter que... ralar muito essas as apostilas para chegar. Então vai dando aquele quê de realismo com o passar do tempo. E lembro que sempre o pessoal era animado, apesar de tudo, de passar, acordar de manhã, o cara tinha disposição de jogar truco! Seis e meia da manhã, não dava para ver nem a escola, aquele nevoeiro, aquela neblina, jogando truco! Eu não jogava, mas tinha o Jordan, o Siclair... Jogando truco, super animados, a mesma animação no começo era animação no fim. Não sei se porque acabou o martírio, ou porque só... o motivo de está acabando: Pô, cumprimos aqui nosso dia! Tinha aquela caminhadinha, porque não tinha ônibus. Uma caminhadinha que a gente teve que uma vez que empurrar ônibus... Lembra?

Como é que foi esta estória?

Foi engraçado, depois da gente andar da... eu não me lembro se já era na Letras ou na... teve um tempo que foi na Mecânica... acho que era na época da Mecânica, antes da gente ser expulso do cursinho. Depois de a gente andar, tinha até a marcação, praticamente “meia USP” até chegar no portão principal para poder pegar ou o Largo da Concórdia ou Jaçanã, o motorista e o cobrador não conseguiram fazer pegar o ônibus e chegaram assim: “E ai vocês?”, “Vocês o que?” , “Vocês estão a fim de ir embora?” “Estamos”, “Então empurra ai, ajuda a empurrar.” “Como assim?!” “Ah, empurrar.” “O que?” “O ônibus!” Mas como tinha muita gente: “Ah! vamos encarar a gente tem que ir embora!” Naquele lugar lá, já era tarde, vamos lá, encaramos. Aquela galera empurrando o ônibus, e o ônibus pegou felizmente! Todo mundo foi embora, mas é uma história que vai ficar para sempre. Aquela galera... é o famoso união faz a força! Um só não ia conseguir, meio cursinho empurrando o ônibus, deu certo, a gente felizmente pegou e descemos lá no Vale do Anhangabaú com metade da missão cumprida. Só faltava aquele pedacinho para chegar até o ponto final do Guarani, embaixo do

viaduto Santa Ifigênia que era mais um desafio. Chegar vivo, cruzar o Anhangabaú, apesar que a única coisa de valor que a gente levava era a apostila, a mochila. O lanche só tinha o alumínio!! Hahahahaha!. Se ele tentasse levar o alumínio tudo bem, a gente já tinha comido o lanche mesmo! Com sorte a Tuperware vazia, o carocinho da maçã, hahahahahaha. E era mais um desafio para chegar em casa... e chegava moído.

Essa era a rotina do cursinho?

Essa era a rotina do cursinho.

Acordar mais ou menos...

Cinco horas da manhã.

No sábado...

No sábado, pegávamos o ônibus às seis.

A gente se encontrava na República.

A gente se encontrava na República, tomávamos 2 ônibus para ir, um até a República e descíamos no mercado de flores, atravessávamos o Largo do Arouche, tem uma ruinha que eu lembro, atravessava para a República e tomava lá o famoso Butantã-USP, acho que era o Butantã-USP mesmo. E íamos lá, felizes... Quando encontrava um ou outro, tinha piada de manhã. Sete horas da manhã, estava todo mundo animado... Acho que isso era o que um dava força para o outro, que era animação mesmo. Eu lembro como começava, quando acabava, no meio da aula mais chata sempre tinha uma piadinha, sempre tinha bilhetinho para o professor. Depois do almoço que era engraçado.

Como que era o almoço?

O almoço tinha uma turma que se dividia mais ou menos. Tinha um pessoal que almoçava no... acho que só o restaurante da Química que funcionava. Tinha o pessoal que comia no hot-dog próximo e o pessoal que levava alguma coisa para comer. Eu no primeiro momento levava coisa para comer, e no segundo momento eu comecei comer um hot-dog que valia por um almoço praticamente. Tinha de tudo dentro do hot-dog, tinha de tudo! Então o pessoal se dividia e também era um ponto para confraternizar, para as amizades, para os relacionamentos mais... alguns que se tornaram namoro. Era um grupo mais ou menos fechado, com objetivos comuns. De um tempo para cá, acho que quatro

meses para cá de cursinho, quem tinha que desistir desistiu e ficaram quem queria realmente chegar a algum lugar.

Quatro meses depois que começou o cursinho?

Isso! Acho que já tinha separado o joio do trigo. Não me lembro, pelo menos do nosso grupo acho que desistiu pouca gente. A gente era um grupo um pouquinho mais, não sei se mais centrado... Você acaba procurando pessoas parecidas com você. Para tudo. Nosso grupo, acho que ninguém desistiu...

Também não lembro disso...

De muito fácil. Além disso, tinha uns encontros que vocês conseguiam mais do que eu, encontrar no Centro Cultural de São Paulo, para estudar. Eu só consegui ir num encontro... só consegui uma vez, que eu nunca conseguia ir, eu estava trabalhando. Tinha a vez que eu fui, sei lá o que aconteceu, uma folga, alguma coisa assim, banco de horas, eu não me lembro o que aconteceu. Mas... era um grupo fechado com objetivos em comum...

Você lembra quantos alunos tinha na sala?

Era mais de... era quase cem, eu acho... que eram duas salas, duzentos de final de semana, então tinha quase cem em cada sala. E no segundo ano do cursinho houve até uma, não me lembro se no primeiro ou no segundo, houve um, a gente fez uma prova pré-qualificatória para separarem as salas.

Isso no segundo ano que você fez cursinho?

No segundo ano, que fizeram uma sala teoricamente mais avançada e uma sala mais lenta. Isso foi decidido pela.. por uma prova que a gente fez no primeiro dia, que eles fizeram. Achavam que eles podiam acelerar mais e...

Pegando as pessoas que já tinham uma bagagem?

Que já tinha uma bagagem. Até hoje não sei em que sala eu fui parar estava, porque eles não revelaram quem era a sala mais fraca.

Só falaram isso?

Nem falaram, a gente suspeitou, porque depois que: - Você vai para sala tal, você para tal... Pelo menos eu nunca consegui descobrir qual era a sala forte. Tomara que seja a minha apesar de... e nessa época do cursinho, eu lembro que nos primeiros dias tinha um grupo, eu, você o Alemão, a Raquel, mais algumas pessoas, que a gente não deixava passar uma questão. A gente pegava a apostila: Olha lá a tarefa mínima! Ah, essa não essa não deu...

O Leandro.

É, o Leandro... E a gente ia lá com o professor: “Professor, professor, como que faz esse?” Aqueles exercícios do ITA... principalmente os exercícios do ITA que eram os mais complexos, os mais difíceis. E tinha aquela vontade de não passar nada! Isso vai esmorecendo, foi esmorecendo ao longo do tempo: - Ah esse daqui não deu para fazer mas também, ah... deixa quieto, vai”. No começo tem mais aquela de não deixar passar nenhuma...

Aquela ânsia...

Mas depois no meio do ano vai acumulando tudo: tarefa mínima, tarefa complementar... Sempre lembrando que a gente fazia o cursinho na época com apostilas cedidas, franqueadas, sei lá, associadas com o Sistema Anglo de Ensino. Era apostila do curso semi-intensivo. Que seria uma apostila mais ou menos da turma de maio, o equivalente a turmas de maio.

Era só da metade do ano, era bem resumido...

Bem resumido, não tinha... Era pouca coisa, era o possível. A gente tentava complementar com as apostilas que os colegas cederam, que a gente achava, eu lembro que...

Aquelas apostilas do Anglo que o Otávio me emprestou...

(riso contido) Tá lá! Tá lá! Está num saquinho lá, guardadas! *[as apostilas ainda estão com ele]*

Você sentia muita diferença entre as aulas do cursinho e as aulas da escola?

Sentia. Eram aulas mais dinâmicas, era diferentes de tudo aquilo que a gente viu até então. Eram aulas na maioria das vezes interessantes, os professores usavam às vezes de artifícios, assim de técnicas de cursinho, músicas, de piadinhas... Parecia que era solto do contexto mais você lembrava, você gravava. Então, dessas aulas, eu não esqueço das aulas do professor Marcos de História. Eram

aulas que se caísse um alfinete no chão, você ouvia o alfinete caindo, porque a atenção era quase uma devoção! Era uma coisa incrível assim, na sala todo mundo com aquele olho vidrado, brilhando, vendo o professor dar a aula dele, as vezes fazia a brincadeira dele, mas era uma aula assim era quase um nirvana coletivo!! Só faltava o pessoal levitar na aula. Uma coisa assim... a coisa mais marcante do cursinho são as aulas do professor Marcos, uma coisa assim incrível. Era uma aula, seja que o cara gostasse ou não gostasse de história, eu sou suspeito para falar, porque eu adoro história, você via todo mundo prestando atenção! Não tinha conversa paralela, não tinha nada, estava todo mundo lá *vidrado* no professor. Eram aulas maravilhosas, acho que é um grande contra ponto com do... da questão da aula. Que a gente já passou por poucas e boas no colégio, desde receita de arroz doce na aula de química, né? Era professor que: - Passa ai na lousa a lição, pega ai, você copia disso daí e escolhe um ai para copiar. E o professor ficava de bate papo com alunos no fundo da sala, ou com aluna, depende, contando piadinha... Então a gente já passou por... Então veio para contrapor tudo isso. Tem um mundo novo, sem querer parafrasear o Fórum Social Mundial, existe um mundo novo, um mundo diferente, possível. “Outro mundo é possível” é o tema, realmente esse contra ponto que te assusta.

Essa foi sua sensação nas aulas do cursinho? Um outro mundo é possível?

De professores que fazem da aula quase um show, um show não no sentido da diversão, mas na questão de fazer prender a sua atenção. No colégio o professor já ia dar aula meio que injuriado, vamos dizer assim, quanto mais fazer você prender a atenção. Era aquilo, copiava essa matéria lá, um trequinho, tal... Isso quando não pedia para um aluno copiar, ia-se levando... Era o famoso: “a gente finge que aprende e você finge que ensina”. Tinha muito isso. E no cursinho a gente teve, felizmente, professores excelentes! Sabiam que eram professores que... digamos assim, aqueles professores estavam porque acreditavam no projeto, não ganhavam milhares de reais para fazer aquilo e faziam realmente porque gostavam. Acho que o grande diferencial é esse. E isso ajudou muito, saber que, por exemplo, nas aulas de biologia, professor Edson... Edson Futema, o outro professor o “Chuck Norris”, que eu esqueço o nome dele... Fazer prender a atenção, coisas assim, vendo ele fazer um monte de gracinhas, mas você lembrava na hora de fazer prova, era incrível!

Era aula séria!

Era gracinha, mas você decorava, você aprendia, digamos assim. Era um mundo novo. Você saía, dependendo da aula, maravilhado! Nossa! E você lembrava! Eu lembro da aula da “Guerra do Pelô” [Peloponeso] do Marcos até hoje! Eu nunca esqueci aquilo! Eu nunca vou esquecer aquela aula na minha vida!

Aquele mapa que ele desenhava...

Aquele mapa, e o Roberto, “Tá faltando a Sicília!” Sempre! Cara chato, acho que a família dele era da Sicília. Ele ficava louco, o Roberto “Rosinha”, era o apelido dele, o homem vinagrete, hahahaha... Então tinha essas coisas. São coisas que a gente brinca, mas gravou. Está de uma certa forma gravado que você não vai esquecer mais. Acho que é a grande contraposição à escola. Na escola ninguém vai fazer esforço para você ficar olhando para a lousa, eles tão fazendo o trabalho deles, muitos insatisfeitos...

Burocraticamente trabalhavam...

Questões políticas, que não vem... Mas, eu acho que, independente de falar “Você está sendo pago para fazer alguma coisa”, você tem que fazer da melhor maneira possível”. Se você estiver insatisfeito, é fácil falar, você não está satisfeito, você está prejudicando outra pessoa, estar só por estar não é legal. Eu sou meio radical nisso, inspirado na minha carreira, o dia que eu injuriar lá não tem gente que me faça segurar... pode onde acontecer o que for. Não gosto, desde que eu estou atrapalhando outras pessoas, vejo que não estou produzindo, eu vou embora. Eu não acho profissional, o cara fica fazendo corpo mole... Sabe, é uma coisa mais ou menos assim que os professores faziam. Alguns fingiam que dava aula, estava esperando para se aposentar, sei lá esperando para não sei o que...

A professora de química que passou a receita de arroz doce estava esperando para se aposentar...

Esperando se aposentar? Acho que já tinha passado, ela estava enganando a gente... Demorou para...

Minha impressão era mesmo essa, ela já tinha se aposentado e estava ali.

Estava ali e esqueceram de falar para ela que... Tinha professores assim que eram legais né? Não são unanimidades, tinham professores, o professor Celso, que traziam uma temática, artigos para a gente discutir... Uma aula diferenciada. Chamava pelo menos a atenção, pelo menos para mim. Era uma tentativa de quebrar aquele paradigma de “lousa, giz, lousa, ‘textinho’, colonizadores... ‘ditadinho’, vírgula, ponto e vírgula”... só faltava falar “dois dedinhos quando parágrafo”! Tinha disso, dois dedinhos, meu dedo era meio grande dava metade do caderno! Tinha professores que realmente estavam ali injuriados, sei lá, esperando para se aposentar, esperando para morrer, esperando sei lá o que, e não tiveram a coragem suficiente para tentar mudar, então ta né? Felizmente a nossa escola, apesar de ainda com tudo isso, era considerada uma das melhores e tinha um projeto pedagógico, digamos assim se a gente pode chamar assim, diferenciado. Que escola dessa região tinha dois laboratórios? Nenhuma! É importante? Que escola que tinha uma quadra que a gente tinha, que disputava os torneios de estaduais... Eu não peguei muito esse período, mas eu sabia que a escola tinha um time de basquete, tinha os times, tinha os clássicos “Pecicaco x Jácomo”... Você deve ter vivido este período mais do que eu.

Sim, mas perdeu-se também. Na época que a gente estava estudando já não tinha mais essa preocupação, mesmo porque as aulas de educação física eram do jeito que você falou, sabe? Isso fazia parte de um passado do Jácomo que eu peguei fim só, mas ainda persistia essa visão e essa preocupação também, de algum jeito ainda persistia.

E, apesar de na “bacia das almas”, ainda era a melhor escola. Tem um professor que preciso destacar. Não dá para esquecer do professor Valente, acho assim um professor diferenciado, pelo menos para mim. Ele conseguia me fazer entender o número de mol, eu esqueci o nome daquela matéria... Ele conseguiu me fazer entender aquilo, que eu pensei que nunca iria entrar na... O professor infelizmente faleceu ai no meio do... Mas eu achava que era um professor diferenciado, professor que tentava fazer o diferente. A gente vai lembrar dos professores que tentavam fazer diferente e os que não faziam nem igual, que era aquela professora de inglês horrível, que a gente teve. A gente só teve professores de inglês horrível, só que tinha uma que era mais horrível. Você vai falar de uma eu vou falar de outra. Uma lá que eu desaprendi inglês no segundo ano, sem ser a do aparelho, que tirava o

aparelho da boca. Aquela, pelo menos, a gente aprendeu em um ano o que era “pay attention”! hahaha...

Era Leila o nome dela?

Hum... Era Leila, professora Leila. A gente não tinha aula de inglês, tinha lá qualquer coisa, uma palhaçada. Tinha um texto do Roger Rabbit, lembro que tinha o texto de um coelho para a gente traduzir.

Era muito ruim mesmo.

Muito ruim, a gente não aprendia. Tinha professor que não sei porque estava lá! Lá complementando a renda, sei lá esperando o que... E tinha professores que, sempre, em todas as áreas vai ter profissionais muito bons, os médios e os ruins. A contraposição que dá é essa com o cursinho, do professor tentar prender... Não tem essa, você tá lá porque você quer, você não é obrigado. Ninguém está apontando o dedo para você, ou uma arma, “você vai lá no cursinho fica lá um sábado inteiro e depois você volta, tá? E faz a lição e se comporta!” Então tem uma mudança de postura. Claro, não era sempre, tinha aula que não dava, a gente conversava realmente, não vamos bancar de totalmente santinho, tinha aula que a gente conversava, tinha aula que a gente se perdia um pouquinho...

Isso porque, também manter atenção das 8:00 às 18:00...

Das 8:00 às 18:00! Eu lembro da professora de biologia, a aula dela depois do almoço parecia um “front”, ficava cada um jogado para um lado depois do almoço! O dia da feijoada ainda... Não tinha jeito, era perda total depois do almoço.

Como que os professores eram com os alunos?

Acho que eles tentavam compensar um pouquinho. Que a gente sempre tem um pouquinho da distância dos professores. No segundo grau, pelo menos a impressão que eu tenho, que a gente não tem tanto acesso. E tem aquele... “descer do altar”, digamos assim, dos professores do cursinho, de conversar, de estar do lado, de até jogar truco com você e tirar as dúvidas... Tentar estar próximo. Era a diferença do cursinho naquela época, essa... esse contato com os professores e dos professores com a gente. Tentavam assim diferenciar, já eram diferentes por estar naquele projeto, tentar passar alguma

coisa. Então, eu lembro muito do professor Sidnei, da professora Bia, professor Américo... essa questão de sempre estarem abertos para tirar dúvidas. Quase incansáveis, o professor terminava a aula, tinha pouco tempo, ficava lá no corredor, já cercava lá aquela galera, não deixava o professor... Coitado mal podia tomar água, tamanha a nossa sede por tirar as dúvidas: “professor essa questão aqui...”. Nunca foram grossos, sempre se mostravam dispostos, pelo menos todas as lembranças que eu tenho deles, são de uma lembrança boa, salvo rara exceções. É uma lembrança de tentar passar alguma coisa, de tirar as dúvidas, porque a gente não tinha plantão de dúvidas, pelo menos no ano que eu fiz. Era o comecinho mesmo do cursinho.

E para tirar as dúvidas?

O plantão de dúvidas era no corredor, entre uma aula e outra, na hora do almoço... E os professores sempre foram super solícitos, nunca se negaram a passar nada mesmo aquelas questões cabeludas no máximo: “agora não dá, vou pegar esta aqui e vou ver em casa”, e na outra semana o cara trazia para você! Nesse aspecto eram professores maravilhosos, já eram diferentes por estar naquele projeto e pela maneira como eles eram, pelo o engajamento deles, de tentar superar a falta de infra estrutura... A gente mal tinha sala, tinha duas salas cedidas e olhe lá...

Depois foi tirado ainda.

Que depois foram tiradas! E esse acho que é o grande mérito daqueles professores e com certeza salvaram muita gente. Pelo menos eu e você com certeza, ajudou a gente ter um ensino superior... E se a gente não conseguiu ainda...

Quanto a parte do ensino superior a gente conseguiu.

A gente conseguiu essa parte, falta o restante: falta o reconhecimento, falta muita coisa. Então nossa carreira ainda está no comecinho, mas acho que pelo menos essa barreira, que para gente num primeiro momento parecia intransponível: “Acho que a gente não vai passar”. A vida vai acabar lá, é um divisor de águas. Pelo menos é o que... Se você não passa daquela fase parece que vai acabar, sabe? Você não sabe se vai dar certo.

O Cursinho?

O cursinho, você não sabe se vai conseguir passar, se vai sair daquele obstáculo, acho que sua vida está dependendo, você focou tudo, você jogou tudo. Seus relacionamentos, você deixa a namorada durante a preparação...

Família...

Família, amigos... Durante a segunda fase, todo mundo comemorando e você estudando no dia 31 de dezembro... Tem coisa que só o foco mesmo... Dia 1º, todo mundo comemorando, comendo peru, e a gente lá com a apostila: “eh, relaxa aí ô, só hoje vai!”. Faz toda a diferença, a segunda fase da fuvest é logo na primeira ou segunda semana de Janeiro. Então faz a diferença, e sempre tem parente para ajudar: “ô relaxa aí!”. O cara pensa que está ajudando e atrapalha, todo tempo é útil! O tempo é importante.

Em relação aos colegas de classe, vocês estudavam junto foras das aulas, nos intervalos vocês se reuniam em outras atividades do cursinho ou se encontravam fora dele?

A gente se encontrava fora do cursinho... a gente se encontrou uma vez no Centro Cultural, acho que... Fora do cursinho a gente continuava o cursinho, na verdade, no sábado. Passava ou para ir para um barzinho... Teve uma vez que a gente foi no shopping jogar aquele joguinho magnético, você lembra? Você lembra:

Daquela bolachinha que desliza...

Daquela bolachinha que ninguém ganhou de mim até hoje, e eu acertei lá o dedo da menina no shopping, não lembro que shopping que era. E a menina ficou o resto do ano com raiva de mim.

Reclamando da pancada no dedo...

Reclamando da pancada no dedo, ela era pancada, diga-se de passagem. Não era muito depois do cursinho que a gente se reunia, pelo menos eu, era mais depois do cursinho mesmo, tomava alguma coisa para conversar, suco de laranja... Fora do cursinho a frequência era difícil, a própria dinâmica das vidas, então era difícil,

A gente morava muito longe um do outro.

Tinha gente que morava em Santos, outro Suzano... era muito difícil de encontrar...

O Leandro era de Itaquá...

De Itaquá... Os pontos mais equidistantes possíveis... Brasilândia...

Você fez amigos no cursinho?

Fiz, fiz amigos.

Você poderia me contar uma história dessa amizade?

Posso contar uma, que é mais próxima. Um colega meu, isso no segundo ano de cursinho, que eu fiz dois anos, o Erivelton. A gente morava perto, um conhecia o outro entre aspas, um sabia que o outro existia porque tomava o ônibus todo dia no mesmo ponto. Ele estudava no Luiz de Brito e eu no Jácomo e a gente não conversava, a gente falava oi e a gente se encontrou no cursinho... “Poxa, você é de lá”, “Sou...”. Você via o cara todo dia, uma sacanagem [fazer a pergunta]: “Você mora perto”, “Ô, pode crer!”. Um se aproximou do outro e a gente ficou amigo... de ir embora junto... não de estudar junto, pelas próprias dinâmicas de vida. A gente estudava junto de final de semana, a gente trabalhava durante a semana, então a gente não se encontrava muito. Mas esse colega foi um que, infelizmente, ele desistiu. Ele não conseguiu passar, passou duas vezes para a segunda fase, mas não conseguiu passar na universidade pública. Vinha na mesma situação que a gente e depois desistiu. Só que, por sorte, ele entrou numa empresa legal, que pagava bem, que pagava uma parte da universidade para ele. E ele fez o Mackenzie, se formou no ano passado, no começo de 2006, e está bem. Ele é Analista Financeiro, “de verdade”, trabalhou na área de analista mesmo. Ele também enfrentou todos os percalços que a gente passou, mas acabou dando certo por um outro caminho, ele não conseguiu passar numa universidade pública... É meu amigo até hoje, eu fui padrinho do casamento dele...

Que legal!

Foi um vínculo que começou no cursinho, foi legal. E a gente, nem dá para falar que é do cursinho, a relação que continua... hahaha...

A gente estudou junto o colegial inteiro... Você falou que no cursinho tinha um grupo de estudos lá no centro cultura, não é? Além de sua participação ser pouca, você precisava trabalhar, você lembra quem organizava esse grupo, como que era?

Eu lembro da Bia, a professora Bia, por um período ela tinha um dia que ela dispunha de uma hora, duas horas dela e que encontrava com os alunos lá no Centro Cultural e depois o pessoal ia por conta, combinavam de ir...

O Sidney também foi algumas vezes, o professor de matemática...

O professor de matemática foi algumas vezes... Mas foi um processo que eu acompanhei meio de longe. Pelo que eu lembro, era a Bia e algumas vezes o Sidney, e depois o grupo virou... por eles mesmos...

Um grupo de estudos independente.

Um grupo de estudos independente.

Além dessa atividade fora de aula você lembra de outras? Culturais ou políticas?

Não, nem culturais nem políticas. Acho que cultural acho não tinha muito, a gente não dispunha muito de tempo.

E o cursinho era muito insipiente...

É, a gente não tinha toda a infra estrutura que o cursinho tem hoje... não era um cursinho comercial, era o comecinho... Comecinho não era, que o cursinho já tinha uma história.

Tinha começado em 87, naquela época ele tinha quase 10 anos, mas ainda era pequeno.

Era pequeno o projeto.

Uma estrutura bem pequena

Não tinha muita, muita... Não tinha infra-estrutura, não tinha prédio próprio, não tinha nada próprio... Depois teve aquelas mudanças, depois foi para o Alvarenga... Era legal, o pessoal enquanto estava lá todo mundo era unido era super legal, era uma união. Simplesmente a gente não conseguia se encontrar depois pelas dinâmicas da vida de cada um.

No Alvarenga também, no segundo ano que você fez cursinho?

Lá no cursinho você vivia de maneira intensa, só via a pessoa uma vez depois de uma semana. Então não tinha muito relacionamento. Nem dava para encontrar o outro, a não ser que fosse que ser passando lá no centro encontrava um, outro, oi, tchau, abraço, trabalhando... Assim, esses encontros

rápidos, mas não tinha muito tempo, para variar muito escasso naquela época. Qualquer uma hora fazia diferença, parecia que não, mas fazia.

Como você via as provas vestibulares antes do cursinho e depois?

As provas eu achava muito... super difíceis. Meu primeiro contato com a FUVEST foi um contato super traumático. Foi no terceiro ano, que eu prestei vestibular a primeira vez, e fui naquelas: “Não, espera aí, não pode ser impossível, não é tão difícil assim. E eu vou ver como que é.” Naquela coisa que só a juventude tem: “Eu vou lá, vou ver como que é, vou detonar...”. E você volta para casa com o rabinho entre as pernas: “Opa, realmente o negócio é difícil, espera aí, vamos ver com calma isso, vamos respeitar a prova, que é difícil”. E no cursinho você vai aprendendo a mais ou menos... a prova continua sendo um fantasma, sempre vai ser. É uma prova difícil para a gente que veio do ensino público, não é uma prova fácil de maneira nenhuma. Mas você acaba perdendo medo, porque aquilo tudo que você aprendeu, beleza, tá lá dentro de você. Claro, tem a tensão, e o que se usa “treino é treino, jogo é jogo”, isso vale para qualquer prova sempre. Já vi muita gente que estava bem em simulado, chegar no dia da prova “parafusava”, ou não ir, tinha desempenho ruim. Eu mesmo já tive isso. Depois, no segundo ano, já consegui estabilizar meu desempenho, não tinha mais muita diferença, claro...

No segundo ano de cursinho?

No segundo ano de cursinho. Claro que simulado você acerta mais, mais você depois estabelece uma média, você sabe até onde você vai. Consegue, de tanto fazer prova, você condiciona. As provas era um fantasma, mas um fantasminha camarada, digamos assim.

Na primeira vez que você fez o cursinho como é que foram as provas vestibulares?

Eu fui... fui no esperado. Na parte de história, de geografia que eu tinha uma base legal, gostava e me dediquei bastante a isso, eu fui bem. E na parte de exatas foi o que me derrubou, então você aprende mais uma lição: tem que estudar as coisas que você não gosta. É uma lição que você leva para a frente.

Naquele ano você prestou só para a USP?

No segundo ano?

No primeiro ano de cursinho. A primeira vez que você prestou vestibular foi no colegial.

Primeiro ano só USP, segundo ano só USP. No primeiro ano, lembrando, a gente estava terminando o terceiro, so USP eu prestei. Segundo ano, que foi o primeiro ano de cursinho só USP. Terceiro ano, USP, UNESP, UNICAMP. Todos para economia. Na USP eu passei para a segunda fase, não deu, no segundo ano de cursinho.

Porque no primeiro ano você ficou faltando por um ponto.

Faltou um ponto. No segundo ano eu passei para a segunda fase e... mas não passei. Fui super mal na prova de matemática, foi o que me derrubou. As minhas médias eram mais ou menos boas em português, geografia. Então era na segunda fase: português, geografia, matemática e história. Então na prova de matemática acabou! Meu sonho acabou, acabou numa quinta feira, eu lembro até hoje que eu fui super mal, que de 40 pontos eu fiz 4. Não me preparei o suficiente para a segunda fase, fui super mal. UNICAMP eu fui... eu zerei em física, não deu tempo, não calculei o tempo legal, tirei 4.17... não me recordo, mas acho que era 4.17. A média de corte era cinco. Cinco zerava na época ainda, zerava na segunda fase tinha que começar tudo de novo. Por conta de física não deu. E a UNESP foi... no terceiro ano, foi o ano que realmente eu passei. Foi ano que eu prestei USP, UNESP, UNICAMP, que eu passei na segunda fase da UNESP tirei 4.17 na UNICAMP, e a UNESP foi a prova que eu fiz assim: “É a última!”. Você já está na... é última!! Fez a prova da UNICAMP, já fez a FUVEST, então foi a última prova, você já está o bagaço. É bom que são três dias corridos, não tem segunda fase. Fez, fez, não fez, não fez. Foi a única prova que eu sabia que ia passar, pelo menos nessa. Foi até interessante, eu peço a Deus, por conta do estilo de cobrar deles é diferente, sei lá o que acontece... Eu me adaptei ao tipo de prova deles, até hoje eu vejo concurso eu vejo o concurso lá “VUNESP”, beleza, “é nós” ... hahaha...

E o que você sentiu quando você recebeu o resultado do vestibular?

Eu... sinceramente eu me senti com uma sensação muito estranha, porque eu queria passar na USP, na UNESP era o último lugar que eu queria ir, foi um misto de frustração e alegria. Alegria realmente se deu no primeiro dia que eu: “Pô, realmente estou fazendo economia, estou aqui em Araraquara. Não acredito que eu estou aqui realmente, mas estou aqui, estou fazendo economia!” Mas

na hora não foi uma emoção, foi um misto de, eu tinha fracassado na verdade na USP e na UNICAMP, e a UNESP ficou como o ‘prêmio de consolação’. Depois, eu levei um bom tempo para aceitar isso, até pensei em transferência... Mas depois, quando eu tinha opção de transferência, eu já estava no terceiro ano, eu não ia fazer. Até adaptar... fazer adaptação da grade, eu sei lá quando eu ia me formar. E era uma possibilidade também, tinha que passar por um processo... Então, foi mais ou menos um pouquinho de frustração que eu trago assim. O momento da prova foi estranho, foi um momento único quando eu descobri, eu tinha certeza que eu tinha passado, são coisas inexplicáveis: “Não, na UNESP eu passei!”. Tanto que eu cheguei lá na Fatec, até hoje, ficava lá na parede, cheguei lá na Fatec e olhei, falei: “Primeiro eu vou olhar a Ana Cláudia”, minha colega, que queria fazer medicina: “Não deu para a Ana Cláudia”. Não sei, eu tinha tanta consciência que eu tinha passado pelo menos na UNESP que eu não olhei. Tinha um outro colega, o Luiz Carlos Andre Mangia, que eu vou encontrar este cidadão no primeiro dia lá em Araraquara, e ainda na minha república. Vem chegando um cara com colchonete: “Amigo, o que é que você está fazendo aqui?” Ele fez o cursinho com a gente também, que era de Suzano, fez o cursinho conosco.

Ahhh...

Que eu esqueci de citar, chama Luiz Carlos Andre Mangia fez o cursinho conosco. Eu fui encontrá-lo depois, nas provas, a gente fez na mesma sala, a prova lá no [Colégio] Dervile Alegreti. Num dia maravilhoso para fazer a prova, teste aéreo da... Aeronáutica, ali no campo de Marte.

O Dervile é em Santana não é?

É, o Dervile é em Santana, para gente é super bom. E aí encontro este cidadão que tinha feito cursinho com a gente, passei pela mesma dificuldade, morava em Suzano, demorava uma hora e meia para chegar no cursinho... E chegou também lá na UNESP, passou também. A surpresa, você pensa que está sozinho entre a gente... Até curioso, lembro que o primeiro dia que eu fui para UNESP para fazer a matrícula, eu não tinha nem noção onde era Araraquara. Perguntei para um cara, bilheteiro lá da Cometa: “Quanto tempo demora para chegar nesse lugar”? Eu tinha na minha cabeça que eram duas horas . “São quatro horas.” “Quatro horas, e é dentro do estado ainda?”, hahaha... ainda brinquei com ele. Foi viagem, foi viagem... Chegamos! Não, estava na metade do caminho, que foi no Castelo

Graal, que era a parada que o ônibus fazia no meio. Foi estranho a recepção, pois eu tinha certeza pelos resultados, pelos quase na USP, pelo quase na UNICAMP, eu sabia que na UNESP eu... conseguiria passar, pelo estilo da prova que favorecia... É diferente, cada banca, digamos assim tem seu estilo, tem uma banca que você se adapta mais, que você se dá melhor. E ainda cheguei em casa e brinquei com a minha mãe, fiquei de cabeça baixa. Minha mãe já foi me consolar: “Ah, passei!”. Só que não passei onde eu queria de fato, mas passei. E fiquei até o último momento para fazer mais um ano de cursinho e para tentar a USP. Até o último momento, até o último dia que eu ia viajar para Araraquara, eu fiquei pensando: “Será que eu vou, será que eu não vou, será que eu vou, será que eu não vou?”. Não tinha tanta certeza, mas felizmente fui, e fui muito feliz naquela terra. Quase que eu fico lá, se eu pudesse cortar cana, eu teria ficado e colher laranja, habilidades manuais nunca foi meu forte.

Jonas e seus colegas de cursinho, eles entraram? Como é que foi isso?

Os meus colegas de cursinho, que eu conheço, você entrou, o nosso colega Luiz Carlos Andre Mangia também entrou que fazia com a gente. Naquela época não era um colega muito próximo, se tornou na faculdade próximo porque a gente morou junto na mesma república. Esse é o único que eu tenho mais ou menos o retorno para saber. Você e esse colega que realmente passaram, os outros, eu perdi o contato, porque aí eu fiquei para Araraquara...

Quando você fez a primeira vez o cursinho, você se lembra de quem passou?

Não, não me lembro de quem passou, eu não me lembro de quem passou, não tenho essa recordação, que é uma fase tão traumática...

Da primeira vez você não passou.

Da primeira vez eu não passei, você não quer saber mais de nada, você não quer falar com ninguém...

Da primeira vez que você não passou você ficou muito mal?

Fiquei, mas foi rápido, foi coisa de uma ou duas semanas, mas você perde o contato. Era complicado, naquela época não era todo mundo que tinha telefone, ainda era um bem de luxo. Não era

todo mundo que tinha um super contato, não era que nem hoje, essa revolução de, digamos assim, de ter Orkut, MSN... Tudo para aproximar, mas está todo mundo mais longe do outro, mas tudo bem...

Celular todo mundo tem...

Você tem uma gama que você não tinha. Normalmente você tinha o telefone comercial da pessoa. Tinha colega que só tinha o telefone comercial, e aí o cara saía da empresa e perdia o contato. Com uns quatro colegas aconteceram isso e eu nunca mais soube deles. Encontrei um num dia desses, infelizmente não conseguiu passar no que ele queria. Ele queria fazer engenharia mecânica na USP e acabou prestando... FATEC, não sei o curso, mas fez FATEC e se formou. Tirando esse, eu perdi o contato completamente com as pessoas.

Bom Jonas, tem alguma coisa a acrescentar?

Não.

Bom, quatro horas depois...

Passou quatro horas?

ANEXO E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – DANIEL

Você estava contando que reencontrar o Hospital Matarazzo foi reencontrar sua história.

Não sei se “a minha história”... Ou uma parte significativa dela... É, algo, acho que alguns dos vários... pontos obscuros assim...

Enigmáticos?

Enigmáticos... E não é só encontrar o lugar, acho que eu fico pensando porque eu fui para lá, e tal, quer dizer, a importância do atendimento público... mas como é que era o atendimento público naquela época... Porque que eu não nasci de parteira? Porque não foi em um outro lugar? O que aconteceu para ser lá e tal? Minha mãe falava muito bem de lá, e então eu fiquei me perguntando, e muita coisa mudou daquela época para frente... Tanto que o resto do trabalho de... atendimento para o coração, que eu tive, não foi mais lá, isso foi na época que o Matarazzo, o Humberto Primo já estava... na bancarrota, já estava falindo, embora estava se tornando, já era referência em hospital público. Então teve várias mudanças nesse período... E a história... na verdade, estava apagada. Essas coisas eu só fui descobrindo quando alguém foi me falando, porque... não foram coisas que eu tinha claramente na minha memória. Eu vivi, tal, mas eu não... Não registrei formalmente... então as outras pessoas que viveram é que me relatam... Me relataram daí eu... Eu fiquei curioso de entender, de ver o que é que é, mas eu não... Não vou ver daquela época, eu vejo desta época que eu estou redescobrando essas coisas. Não é a mesma coisa, então fico imaginando como é que foi aquilo, como era aquela situação... Mas acho que essas curiosidades pintaram mesmo mais assim... Já nessa vida adulta. Na adolescência eu não tinha... Eu não conseguia, acho que eu não tinha me atinado com essas questões... A família... eu estava seguindo o ritmo assim... digamos, o “ritmo da diáspora”: os galhos vão sendo criados e quebrados na família. Vão sendo feitos e vão sendo partidos. Eles vão criando novas mudas e vão sendo plantados em outros lugares assim... Que é um pouco o que está acontecendo hoje em dia na minha família, principalmente do lado da minha mãe... Talvez porque eu sinta mais, do outro lado também, do meu pai, um distanciamento, isolamento não só geográfico, mas um isolamento afetivo, um isolamento... (pausa longa) De não fazer parte do cotidiano de convivência, de não fazer parte do

imaginário dos outros. Eu sei que, por exemplo, os pequeninhos, os bisnetos do meu avô, os filhos das minhas primas, vários deles não sabem quem é o bisavô deles. Não têm noção, se encontrar na rua é um velho qualquer.

Não conhece?

Não! E as razões são várias, eu diria. É um problema econômico? É... É um problema econômico também. É um problema, geográfico, de distância? É... Uns quatrocentos e cinquenta quilômetros, daqui até a região de Londrina, no Paraná. Mas há muito mais coisas envolvidas. A religião... Aí assim, escutando... Cavocando um pouco, houve uma época que eu estava muito (pausa) curioso sobre essas coisas, daí eu comecei a conversar, a procurar, comecei a perguntar para meus tios o que havia acontecido. Aí você começa ver as broncas que eles tinham entre eles, as intrigas que já foram separando, os desentendimentos...

Entre seus pais e seus avós? Entre seus pais e seus tios?

Meus pais até não. Mais ou menos. Menos. Mais em relação aos meus tios e meu avô, eu acho que essa é uma questão. Aí, entre meus tios. Minha mãe até que tem uma boa relação com todos... Meio que foi uma “mãe substituta”, ela era irmã mais velha... Então todos têm, demonstram, um grande amor por ela. Mas há muitas rugas entre eles. Aí o caçula que tem com uma, aí tem um que está não sei aonde que...

Quantos irmãos eram na família da tua mãe?

Ih, caramba... Conta difícil. Um, dois, três... Aqui em São Paulo... com mais três são seis. São seis irmãos que são os irmãos que sobreviveram. Houve uns dois ou três que morreram, como bebês ou crianças, se eu não me engano.

Seis com a sua mãe?

Com a minha mãe. São três que estão aqui em São Paulo, e três que estão no Paraná: um em Arapongas, um em Londrina e um em Foz do Iguaçu.

E na família do seu pai, eram quantos?

Na família do meu pai são quatro. Do meu pai, eu não lembro se houve algum que morreu, mas talvez tenha havido algum caso. E no caso, o meu pai é caçula na família dele. Aqui em São Paulo

tem ele tem mais uma irmã e... em Limeira tem uma outra irmã e o outro irmão mora em Arapongas, no Paraná. Em Arapongas foi meio o ponto de encontro dos meus pais. A família dele estava morando, depois de ter migrado também, “ter dado um rolê” pelo Paraná, Siqueira Campos, Marimbondos, não sei mais o quê no norte do Paraná... Lá tem os agricultores, e tal, eles não tinham terra... Ou até tinham mas, por ene motivos perdiam, tal, não sei o quê... E aí em Arapongas já era uma cidade, então tinha trabalhos mais urbanos mesmo, fábricas, essas coisas... Por exemplo, existia o IBC, Instituto de Brasileiro de Café. Lá era a parte de beneficiamento do café, ensacar... não era onde se plantava, já é um outro tipo de trabalho que se fazia, e mobilizava as pessoas, tinha linha trem, que empregava bastante gente, tal. Meu papai vivia lá, estava há mais tempo, pelo jeito, lá em Arapongas. E... a família do meu avô foi para lá, meu avô foi primeiro... Um pouco assim, um pouco a lógica: ia o primeiro homem, tal, depois ia... is trazendo o resto da família. E no caso da família do meu avô, isso aconteceu... Na família da minha mãe, que era do meu avô, isso aconteceu várias vezes. Mas também, isso são histórias super... fragmentadas, e eu não tenho, eu não consigo, eu não consegui ainda...

Ver uma linha?

Ver uma linha. Até tentei uma época conversar com eles, mas a coisa não rolou muito, sabe? Ele começou a ficar meio emocionado... meio que não estava a fim muito de falar sobre esses assuntos... Mais adiante, não sei, talvez eu tenha sido insistente, mas é que essas informações não só informações, elas são sentimentos, são sensações que... pelo jeito ele não queria...

Entrar em contato...

É, mas acabou entrando um pouco. Uma parte delas apareceu, mas não para mim direto, apareceu para minha mãe daí... Houve uma informação, uma das informações, que eu recebo várias informações, que procuro ligação e não tem, de que ele não conhece o pai dele. Ele viveu na casa de outras pessoas, e tal... Tanto é que ele acabou casando... a minha avó, no caso, era a filha de uma família da casa onde ele morava, das pessoas que cuidavam dele. Agora eu não sei exatamente o que aconteceu aí, mas ...

Tudo truncado.

Aquele padrão “família, não sei o que lá, e tal”... Até uma vez discuti com... uma prima minha, que também queria saber, quem é a família... A família Teixeira Soares, do Teodorico Soares... Então, é que na verdade nós não temos brasão, nós não temos nada disso... Até foi... Acho que até foi um pouco grosseiro, mas nosso esquema não é bem esse que vendem no shopping “vai descobrir sobre a nossa família, a nossa linhagem”, sabe? Não, na verdade, talvez descubra coisas assim, do tipo, que alguém foi encarcerado... que houve perseguições, alguém morreu, alguém foi assassinado... porque tem muita coisa aí nessa história que a gente não sabe... Então quem sabe...

Não está a fim de falar...

É. E quem sabe não está a fim de falar. Então precisaríamos de muita paciência, tolerância e compreensão para termos alguma coisa, se é que teremos alguma coisa. Então essa informação sobre as origens, eu tenho tentado buscar, e tal... tenho tentado me aliar a quem está a fim de fazer isso na minha família, mas... Reconheço que ainda me sinto bastante ainda desinformado... e isso não é uma coisa a toa, acho que isso constitui bastante da minha vida, sabe? Eu estar aqui nesse lugar, historicamente.

Você se questiona?

Eu me questiono... as referências que eu tenho, o plano de vida que eu tenho... De onde vieram? Quando eu olho para essas questões, eu fico muito... Essas questões da minha família, eu fico me perguntando o que é que eu peguei dela, o que é que não é dela, o que são coisas externas... então...

O que é herança e o que não é.

É. O que é que eu estou reproduzindo, o que é que eu não gostaria de reproduzir, o que eu estou produzindo e o que eu não gostaria de produzir. Eu tenho me perguntado muito isso. *Atualmente*, em relação a esse fluxo da minha origem para o meu... para o meu destino, vamos dizer assim. O que é que eu... É um destino pregresso, ou... um destino que eu...

Não quer repetir a história, ou algumas partes da história.

É. Mas aí eu não sei, né? O que estava em mim... De repente, não é questão deles... Quer dizer, é uma coisa do meu juízo...

Você olha para sua história pessoal e fica se questionando o que dela é herança da sua história familiar e você não percebe. É isso?

É um pouco isso.

Para você ter uma consciência sobre isso e aí agir em cima disso.

Eu converso, acho que a pessoa com quem eu mais converso sobre isso é minha mãe, acho que ela tem mais abertura para isso, embora ela também sofra muito. Ela tem noção do quanto isso... constrangeu as possibilidades, meio que... comprimiu as possibilidades de fazer uma coisa ou outra...

O que, da história familiar?

É, ela fala, por exemplo, que gostaria de ter estudado, que sente muito (pausa longa) hoje em dia ela se sente muito... resignada com isso, que ela percebe o quanto isso teria valor, e ela abdicou disso para cuidar dos irmãos e trabalhar, e o pai não dava apoio...

Ela nunca estudou? Ou estudou muito pouco?

É, ela estudou muito pouco, estudou por conta de... Vou te contar um fato curioso, que ela... Ela se deu conta um pouco dessas mudanças quando ela foi para o casamento de uma amiga... e viu que a amiga, em vez de assinar, colocou o dedo indicador na certidão de casamento. E ela falou: “Nossa, não quero isso para mim, pelo menos. Eu quero aprender pelo menos a assinar”. E isso a mobilizou, aí ela estudou um pouquinho e conseguiu aprender o básico para poder... Mas ela não pôde ir adiante, porque ela teve que trabalhar e não tinha muito apoio dentro casa e... é um relato que ela me faz, me fez sobre isso... Aqui em São Paulo já, aí numa época que ela ainda estava trabalhando, no final da década de oitenta, e tal... ela até voltou a tentar estudar, tentou fazer até a quarta série, mas super difícil, tendo que cuidar de filho, trabalhar o dia inteiro... Na própria escola, ela estava trabalhando de servente escolar... Então... ela não conseguiu levar adiante, e enfim, a gente também... era pequeno. Talvez hoje eu até tentasse fazer mais coisas, mas na época era molecão ainda, estava sendo levado... Levado no... na onda, né? Não dava para fazer o que tinha de fazer.

Quantos anos você tinha?

Nessa época aí eu tinha por volta de dez... meu irmão tinha uns cinco anos...

Vocês são em quantos aqui?

Meu irmão e eu.

São só vocês dois?

Só. Tenho trinta agora, meu irmão tem vinte e cinco.

Você estava falando do trabalho da sua mãe. E em quê ela trabalhava e que trabalhos seu pai tinha também e seus avós tinham?

Anh... Vixi... Muitos, muitos... (pausa). Bom, deixa eu ver. Falar da vida de trabalho deles já é uma... Já é uma questão, porque... Minha mãe, estava falando que no final da década de oitenta ela conseguiu trabalhar na prefeitura de São Paulo. Parecia o “Eldorado”, trabalhava como servente escolar, então era a parte de faxina e cozinha, basicamente, das escolas públicas. Mas ela... acabou sendo demitida... a partir do momento onde houve a necessidade de fazer concursos públicos... E ela não passou, mas e porque que não passou?

Escolarização...

Pedia uma certa escolarização, e falaram que ela não foi muito bem nessa parte, mas parece que teve também alguns conchavos... E ela ficou bastante magoada nessa época. Ela já trabalha, estava quase completando o tempo de estabilidade, e aí... naquela época, no final da década de oitenta, na gestão da Luiza Erundina, e tinha uma necessidade de... tornar transparente a gestão pública, democrática, e tal... Só que, no caso, para ela, isso significou... Fraturar o projeto que ela estava construindo de melhoria de vida, porque ela trabalhava com uma espécie de contratação comissionada, por indicação e tal... Hoje em dia ela tem mais noção disso. Quando ela vê essa história dos cargos comissionados, agora ela está entendendo como é que ela foi parar lá. Mas na época não, ela era uma trabalhadora e queria trabalhar, e ela tinha uma indicação... Eram os vereadores que faziam, era praxe, não era... O oculto, era assim que era feito, era uma carta de indicação e tal... E... A honestidade ou a desonestidade disso tem a ver com o histórico, e naquela época aquilo funcionava assim, os cargos eram contratados por indicação, não havia... Não funcionava por concurso. Havia muitos questionamentos, mas... havia também vários interesses em jogo. Mas enfim... Para ela, isso significou interromper o plano. E ela já tinha trabalhado bastante, era bastante cansativo, ela ficou com algumas seqüelas de saúde, e... E daí praticamente impediu de ela pegar outro trabalho... mais ou menos do

mesmo tipo. Então ela ficou um tempo... daí por diante, entre pegar o outro tipo de trabalho precário nas próprias escolas, três meses, aí tinha de sair, assinar nota em branco, sabe essas coisas? Que era o que ofereciam para ela, sem depósito de fundo de garantia e essas coisas todas... Aí pintava um concurso temporário da prefeitura, aí ela fazia, passava e entrava. Chegou trabalhou até de vigia... em escolas. Aí... trabalhou em casas de família, também como diarista, como faxineira, como cozinheira... Um pouco mais adiante, na gestão da Marta Suplicy, se eu não me engano, ou na gestão do Maluf, não me lembro... houve a contratação de empresas terceirizadas para as cozinhas. Minha mãe foi contratada, entrou numa dessas empresas, trabalhou lá uns seis meses aí saiu... Também essa coisa, né, de... tempo determinado. Até que ela conseguiu um trabalho numa escolinha particular, onde ela está há uns cinco anos já. E atualmente ela está meio que planejando, e eu junto com ela um pouco, ajeitando o esquema do pedido de aposentadoria.

Ela esta como o que na escolinha?

Lá ela é auxiliar... Assim... ela trabalha tanto na cozinha quanto na limpeza da escola. Mas aí tem essa coisa de as pessoas serem contratadas com um título na carteira, só que elas fazem outras coisas também. Eu não sei exatamente o que é que está na carteira, se é auxiliar de serviços gerais, se é cozinheira, se é auxiliar de limpeza... Mas... O que ela faz é um pouco de várias coisas: atende as pessoas no portão... recebe as crianças... é um pouco “pau pra toda obra”.

E teu pai?

Meu pai. (pausa longa) No caso, só para completar, a história de trabalho da minha mãe não começa... aqui em São Paulo, começa... lá na roça, lá em Minas Gerais, que ela trabalhava também para fazer dinheiro, trabalhava junto com a família... Depois passou a trabalhar pelo próprio dinheiro. Eu não sei exatamente todos os passos que ela deu, mas acho que desde os treze anos ela trabalha. Sei que no Paraná ela trabalhou nesse tal de IBC, ela conta que ela trabalhava na parte de costura dos sacos de café, tal... Parece que ela tem um certo saudosismo disso, ela fala até com um contentamento. Uns vinte e poucos anos, eu acho, uma época de ouro, disposição, uma graninha entrando, década de setenta e tal... (risos) Bom, aí a história do meu pai, que eu não sei também muitos detalhes da parte mais antiga. Eu sei que já na década... vou começar pela parte mais antiga depois eu chego até a

década de oitenta, que eu acho que é onde eu consigo entender mais o que aconteceu. Ele trabalhava também com a família dele, da roça, essas coisas... Ele, como era o caçula, a família pobre, ele foi o único que foi levado direto para escola, propriamente, queriam que ele estudasse, só que ele não quis estudar... ele fez até a quarta série, na época mesmo de criança, mas aí ele parou... ... Ele fala muito bem, ele acha que fez bastante.

O quê?

Escola, ele acha que tem uma baita formação. Nesse ponto eu acho muito arrogante da parte dele. Não por ele ter feito tudo isso com a quarta série, o problema é que ele fala muito mal das outras pessoas... Questiona muito o conhecimento das outras pessoas. Minha mãe sempre foi muito vítima, hoje em dia que a coisa está mudando. Mas talvez não por respeito, porque acho que ele está se dando conta das limitações dele. Daí no Paraná, eu não sei direito quando ele passou da vida mais rural, da roça, para a cidade, se ele já estava trabalhando, o que ele fazia. Eu sei que ele fala muito do exército, que fez muita diferença para ele. Ele serviu o Exército, foi para Curitiba... Teve um papel importante na formação dele. Foi final da década de sessenta... Aí ele teve uns problemas com a família e saiu de casa. Brigou com a família, e tal, e aí começou esse lance de vir para São Paulo. Aí em São Paulo, eu não sei a sequência exata, nem quanto tempo ele ficou, mas ele chegou a trabalhar na fábrica da Antártica, carregando caixa, carregando essas coisas... Acho que ele trabalhou em mais um lugar que eu não lembro aonde... até que ele começou a trabalhar com marcenaria, como auxiliar, tal... E aí isso, na marcenaria, foi o lugar em que ele se estabilizou, começou a trabalhar e ficou. Eu sei que da década de oitenta em diante... que eu sempre conheci, quando eu conheci meu pai, que me dei conta do meu pai, ele já era marceneiro. Trabalhava numa marcenaria, era empregado de uma marcenaria que ficava na frente... perto da fábrica de tintas da Vanda, e a gente morava do lado da marcenaria. A casa era alugada, então a gente morava ao lado da marcenaria. Então a gente conhecia os outros empregados... ia jogar bola juntos, time de futebol, essas coisas todas a gente fazia com eles...

Você tinha quantos anos nessa época?

Na faixa dos cinco aos dez anos... nessa faixa assim... um pouquinho menos... quatro, três... Foi quando eu comecei a me dar conta das coisas, me situar: eu sou o filho, quem são as pessoas, o

que cada um é para cada um... e... E aí, ele como marceneiro. E aí, no final da década de oitenta, ele montou uma sociedade com um outro empregado dessa marcenaria, e criou uma marcenaria dele. Ele tentou se estabelecer como empresário... proprietário do negócio. Isso rolou, mais ou menos, no começo da década de noventa até que ela estava prosperando, mas com pouco... Aí eu não sei exatamente os motivos, tenho suposições que tem a ver justamente com esse conhecimento de gestão de negócios, foi quando começou a haver... e... a idéia de livre mercado ficou mais forte, muita concorrência... Vieram as indústrias, indústrias de móveis, moveleiras, que baixaram muito o custo... tal... O que eu vejo, né, para ele, eu acho que pode ser outra coisa, ele ver de outra forma. E ao mesmo tempo o conhecimento sobre gestão... Um controle do Estado maior sobre essa coisa de legalização, tal... de emissão de notas... E ele sempre querendo fugir um pouco dessa formalização, mas tendo que se formalizar e tal... E talvez um pouco o relacionamento com o sócio, o relacionamento com os clientes também... um pouco áspero demais... E aí, num clima muito concorrencial, quer dizer, isso acaba fazendo muita diferença. O cliente ser bem tratado, o sócio também... Uma atitude muito dura, e... essa coisa meio arrogante, meio bairrista, meio chauvinista... Que eu localizo um pouco em alguns discursos paranaenses... curiosamente. Hoje em dia eu vejo mais fortemente ainda, como é que as pessoas se referem aos outros: os paranaenses, as pessoas boas que trabalham pra caramba, e os outros. Principalmente os nordestinos, que são os malvistas, são os... Os que vivem às custas dos outros, segundo eles. Não sei, acho que tem influência um pouco dessa visão, que acabou contribuindo para o negócio dele não ir direito. Aí no final da década de noventa para década de dois mil, a sociedade se desfez, eles ficaram, o sócio dele continua trabalhando nesse ramo, tem outra marcenaria fora... e meu pai foi tocando o barco, assim. Ele não tem... Hoje em dia, ele está meio sem negócio, aí a gente está com uns problemas aqui em casa por conta disso. E... ele não é do tipo que fala as coisas... Antes, ele deixa... As coisas acontecem, e quando as coisas estão um pouco complicadas é que as coisas vêm à tona, não tem como... como segurar, e tal... E aí, por algum motivo, não vem claramente, as coisas não vêm, já vêm todas...

Fragmentadas...

Já vem meio que uma bomba, é uma bomba, um abacaxi. E quem descasca o abacaxi? Então, é um pouco a história do trabalho dele. A parte que ficou mais para mim dele é a parte de... marceneiro, da minha mãe é essa parte de trabalhar em escola.

Dos seus avós ficou o trabalho rural?

Então, aí que está! Meus avós! Da parte do meu pai é basicamente isso: trabalho rural, e quando foram para a cidade meio que... deram uma parada, já estavam doentes e tal... Minha avó mesmo, por parte do meu pai, eu não conheci! Conheci uma avó que não era minha avó... genealógica. A Zulmira, o nome dela. Mas na cidade eles já estavam meio aposentados, acho que já estavam com uma pensão, ou coisa assim. Meu pai era o caçula, então tinha uma distância de idade já bem grande. Então, quando meu pai era adulto, meus avós eram bem velhos, já estavam aposentados... Ao contrário da minha mãe, que a distância é um pouco menor, que ela é a mais velha.

Até que ela ajudou a criar os irmãos, né?

Isso, a criar os outros, a escadinha (risos). E... E já no caso do meu avô, e meu avô ainda é vivo, pai da minha mãe, esse aí...

Os pais do seu pai já são falecidos?

Já, já são falecidos. Aí no caso da minha mãe, eu convivi um pouco com a minha avó mesmo, ela morreu na década de oitenta, por problemas... de pressão, derrame, tal... Me lembro um pouco desse processo... É... Avó Maria! E me arrependo muito como eu lidava com ela, que eu não gostava muito assim, achava que estava num momento meio de... de adoecimento e eu tinha um pouco de ojeriza, um pouco de medo assim de chegar perto dela... o cheiro da casa... E depois, na adolescência, eu ficava me penitenciando, uma merda que eu fiz, sabe, quando criança, de não ter aproveitado, de não ter ficado mais com ela. E ela já estava com seqüelas do derrame, já não estava falando direito... Então tinha muito essa coisa quando moleque, sabe? E meu avô, esse eu ainda convivo, era um pouco minha ponte com o passado. E meu avô tem uma história super... de fazer de tudo: tocador de boiada... roceiro, meeiro... Lá no interior, eletricitista, foi vigia aqui em São Paulo, num supermercado... Hoje em dia ele é porteiro. É aposentado, tem 82 anos, mas continua trabalhando, é porteiro lá em Osasco... num condomínio.

Seu avô está aqui em São Paulo, então?

Está, ele mora aqui...

Pensei que estivesse a quatrocentos e poucos quilômetros de distância...

Não, são os meus parentes que estão lá.

São os seus tios?

É. Meu avô não, ele está aqui em São Paulo, aqui. Hoje em dia, isso do que eu estou lembrando, ele fez mais coisas, além disso. E assim, às vezes até dava uns certos problemas. Algumas das questões era que, quando ele ia na frente, sozinho... tinha uns “cachos”, e meus tios ficavam meio putos... Que a grana também não entrava em casa... Até que um dia eles resolveram: “Então está bom, a gente vai cuidar da casa e você vai ter outra família. É isso?”. E é uma coisa que pegou pesado entre eles... até hoje eles não se... Não se entendem por conta disso.

Ele estudou?

Não. Não é analfabeto total, talvez ele tenha estudado um pouquinho em algum momento, não sei exato... Não sabe escrever... Mas escrever o nome dele, tem dificuldade para leitura, tal... compreensão. Tanto é que ele pede auxílio para os netos, para quem sabe ler, para dar um entendimento melhor nas coisas. Mas ele sabe ler um pouco... inclusive alguns dos trabalhos que ele fez dependiam disso. Hoje em dia, por exemplo, ele trabalha como porteiro, ele precisa ler as cartas... Agora, de formação profissional, profissional mesmo, talvez a parte elétrica, acho que ele deva ter feito alguma coisa técnica, mas não sei exatamente o curso.

Mesmo sem saber ler?

Então, mas é isso que eu não sei exatamente. Essa é a parte difícil. Ou se ele estudou quando era jovem e parou... Isso eu não tenho claro o que é que aconteceu.

Fraturas na história.

É. E também porque não contam.

Ele não conta?

Não tínhamos muito esse hábito, sabe? Essa coisa de querer saber está um pouco voltando agora. Tem uma prima lá no Paraná...

Que também se questiona da própria trajetória...

É. E tem eu, tem agora uma aqui.. Mas com umas motivações um pouco diferentes, mas não é todo mundo não. Enfim, a gente não pegou esse hábito de juntar família, conversar, falar, contar histórias... Sabe? Não temos muito isso aí não. Aí, agora, tem outra coisa de... Talvez até um pouco aconteça hoje por conta desses programas de televisão, que contam história de vida, então as pessoas começam a se identificar, e ficam meio: “Nossa, mas onde é que está a minha? Nossa, a última vez que ouvi falar da... Maria, ela estava indo para não sei onde. Será que ela está onde agora? Mas e a Maria? Como vou encontrar Maria?” Não tem nenhuma outra informação, um nome mais completo, alguma coisa que ela fez, porque dá até para procurar, mas é dose! Essa coisa, né, da vida urbana, da vida rural... dessa passagem da vida onde a dimensão da vida era... o outro, e foi para um lugar onde a dimensão da vida é um não outro, é um monte de anônimos, bilhões de pessoas... E aí você tem que ter endereço, código de endereçamento postal, não adianta saber o Zé da... Então, sabe o Daniel do Educandário? Talvez Daniel até dê, porque têm poucos, eu sei que tem um aqui e tem outro lá na Zona Norte. Lá no Norte do Brasil há vários, já dei uma fuçada e sei que são vários, agora aqui em São Paulo, que eu conheço são dois. Agora, o Fernando...

Luciano... José...

Nossa, para encontrar! E as pessoas iam... É uma coisa assim, né? As pessoas iam, mas estavam crenças que voltariam... É interessante isso. Não pensavam que ficariam.

Que era “fazer dinheiro” e voltar, aí chega aqui e vai...

É.

Aí chega aqui, e vai ficando...

Vai ficando, não tem como voltar, as dívidas vão aparecendo, tem de pagar conta... não sei o que... E já não dá nem para pagar a passagem de ônibus para visitar.

E você vai tentando fazer a vida aqui, só que o tempo vai passando.

E quem ficou lá vai fazendo lá... E hoje em dia é muito louco, por que quem está lá, o eixo de desenvolvimento econômico da década de oitenta para cá foi refeito... Explicitamente, o governo

mesmo, linhas de investimento, tal... As cidades médias, e algumas cidades pequenas começaram a trabalhar o seu desenvolvimento.

Até para parar com o pólo de atração das capitais, um pouco...

Também. Acho que... tem um lado de planejamento social mais democrático, mas também tem uma coisa meio tirânica. Uma disputa política, por hegemonia. Então tem um lado tirânico, quem vai ter mais impostos, tal... Tanto é que tem concorrência entre elas, essas coisas de... dos impostos.

ICMS entre os Estados, IPI entre as cidades...

Então, tanto é que essas cidades do interior, é muito. Uma vira berço universitário... outra virou um berço de... plataforma de calçados, plataforma de exportação de móveis, e começa a pensar a economia...

De laranja, de cana...

Enquanto isso, as cidades grandes, que eram aqueles pólos de atração, estão virando depósito. Elas funcionam meio que como uma espécie de “latência econômica”... Que como tem muita gente rola muita grana, então o cara bota uma banquinha de bolos lá na... no ponto de ônibus da Francisco Morato, lá passa uns 7, 8 mil pessoas por dia, o cara uns 150 pedaços de bolo ele vende, a um real, entendeu, e entra uma grana... Assim... um pouco a cidade vai funcionando com essa energia... Essa “inércia” dela. Tanto é que é assim, é complicadíssimo essa história que está acontecendo agora do comércio informal... Se acabar o comércio informal de vez por todas, com todo o problema que existe também junto com a informalidade, talvez em relação com cargas contrabandeadas, essas coisas... com o crime organizado... mas a maior parte das pessoas são pessoas sérias. E vão viver do que? Elas vão virar “empresárias formais”?

Isso é uma tirania muito grande do governo, é uma atitude muito dura.

É muito dura, mas também satisfaz a necessidade de outras pessoas, que querem ver a coisa “bonitinha”, não sei o que lá. Eu estou mais para esse lado informal do que do lado formal. Assim, a posição que eu ocupo nessa história da cidade.

Politicamente, ou você diz historicamente?

Histórica e... não do ponto de vista ideológico politicamente, é do ponto de vista da história da classe... assim... Eu estou do lado de quem era empregado, minha família é de empregados. Tanto é que a pessoa que quis montar seu próprio negócio não conseguiu... direito.

Daniel, que importância que seus pais e avós davam para sua instrução? Tem alguma situação marcante que você viveu com eles, de grande significado em relação à tua instrução, ou que marcou de algum jeito? Você lembra alguma história?

Olha... Eu só parei para pensar a respeito disso quando era mais adolescente, no final da adolescência para o começo da vida adulta. E assim, a conclusão que eu cheguei, é que eu... eu... nunca foi conversado claramente. Só tinha a mensagem que era importante para ser alguém na vida, mas o que é que eu ia fazer não era muito claro. Até sempre tinha a perspectiva que eu ia trabalhar logo também... Mas assim, se fosse uma coisa para a escola... Dava-se um jeito. Um livro, caderno, lápis... a roupa, sabe? (pausa longa)

O seu provimento para a instrução.

O passe... eu tinha que estudar, mesmo quando moleque, com essa história de ficar mudando de um bairro para outro e tal... tinha que pegar ônibus para ir para escola, então, o passe escolar... essas coisas... Então para isso sempre tinha dinheiro. Às vezes uma graninha a mais para comer um lanche... nada ... não acredito que fosse nada luxuoso assim... embora, se eu estava numa situação que... se eu pegar uma comparação, eu não estava nem entre os que estavam entre uma situação boa na escola pública, os que estavam mais abastados, a galerinha que tinha os vídeo games Atari, essas coisas... e eu via também que tinha colegas muito pobres, a galera morava em barraco na favela, não tinha o que comer e comia na escola, estavam sempre com roupas muito detonadas... Acho que eu estava numa posição meio intermediária, assim. Não tinha abundância, mas não tinha muita falta. Podia ter falta de outras coisas em casa, mas essas coisas não estavam faltando. Assim... um passeio, a excursão da escola... foram raras as que eu não pude ir por falta de grana. Mas houve ocasiões em que rolou isso. Mas assim, sempre planejando antes, avisando com antecedência... então eu fui aprendendo um pouco isso também... Pensando agora, meu tino de tentar fazer as coisas com um pouco de planejamento, com paciência, vem um pouco dessa época.

Planejando dá!

É. Então, acho que nessa época... Eu estava acolhido. Não sabia bem exatamente o que fazer. O que eu comecei a sentir falta... ao final do fundamental, na época era o primeiro grau, era um pouco de orientação sobre o que fazer. Bom, então termina e eu faço o quê?

Isso não era conversado em casa?

Não! Não, não... Estava uma coisa do tipo: eu precisava arrumar minha grana, precisava trabalhar e... O que eu queria fazer é essa coisa meio de adolescente, de comprar o tênis, de comprar roupa, de sair, tal... E aí já não daria conta, a família. E eu sentia que eu tinha uma pressão meio grande dos meus pais em relação a isso. E eu tentava fazer as coisas... com planejamento. Então assim, já que tem que gastar, tem que ser uma coisa boa porque dura mais. Mas isso tinha um custo alto. Acabava tendo um custo alto para eles. Eu acabei criando um gosto... eu preferia não comprar coisa barata que ia detonar logo, e comprar coisa boa que ia durar por mais tempo...

Você diz roupa, tênis...?

Tênis, essas coisas. É que dava muito valor na adolescência... Acho que assim, ter boas notas não era uma coisa que me dava prestígio, eu acho. E juntava várias coisas, estava meio em ebulição assim: participava de grêmio na escola, fui submetido à cirurgia, nessa época, do coração...

Que época?

No início da sétima série, foi exatamente na virada do ano.

Você tinha uns treze, ou quatorze anos?

É, por aí. Então eu estava... cheio de questões... Numa guinada, eu estava querendo viver a vida e tal... preocupação com as meninas... Assim... A coisa materialista estava muito forte para mim, hoje, olhando assim. Na época eu achava que era...

É uma forma de pertencimento do grupo...

É, eu olhava para algumas pessoas assim... e até hoje, um tempo atrás eu encontrei uma moça daquela época, que eu achava que era uma das “tops”, sabe? As pessoas a prestigiavam e tal. Eu tinha muito até medo dela! Aí encontrei com ela pela Internet, no MSN, e ela começou a: “Que legal, vir falar comigo!”. E eu contei essas coisas para ela, e ela: “Nossa, eu não sabia que tinha essa imagem...

para você e tal”. Mas ela reconheceu que ela se achava super auto-suficiente mesmo, não precisava dos outros... É uma das pessoas... líderes, que acabam servindo de miragem para os outros. Eram objetos de desejo, de admiração. Mas eu fazia outras coisas também, só que eu achava que não era tão valorizado, como ajudar a organizar o grêmio... fazer campeonatos...

Você ajudou a organizar o grêmio da escola?

É, ajudei. Fazia essas coisas também. Gostava muito de juntar a galera para conhecer coisas novas na cidade, ir para o clube, jogar vôlei...

Organizava os passeios?

Não chegava a organizar, não eram passeios, era a turma mais próxima, da classe... A gente foi formando uma turma...

Você agitava?

É, ajudava a agitar sim. Na formatura eu participei da comissão... Lembro que a gente vendia... a gente fazia duplas né, a gente vendia salgados, essas coisas, para arrecadar fundos. Teve uma época que eu vendi salgados lá na frente da escola para a galera... doces... Doces confeitados pela minha mãe e pela mãe do meu amigo. A gente ficava revezando, cada vez a gente vendia de uma, para não sobrecarregar. Então tinha essas coisas. Mas nesse final de primeiro grau, fiquei meio assim: “Que é que eu faço?”. Eu estava meio ansioso, porque eu via que o pessoal que fazia escola média, o segundo grau, falava que era muito ruim... E de repente pintava algumas informações, alguns professores, da escola, sobre ensino técnico. Foi aí que a professora chegou para os alunos: “Olha, tem isso, deixaram uns cartazes na escola”. Aí alguns alunos se interessaram. Sei que as professoras incentivaram... Eu me lembro da professora Edite, que fez esse papel de incentivadora. Mas era muito louco, porque eu fui fazer a prova da escola lá, da... Eu prestei a da Escola Técnica Federal e do Liceu de Artes. Tinha que saber a fórmula de Báskara, função do segundo grau, eu não sabia. Isso caiu na prova! Puta merda, cara! Na prova da Federal fiquei longe, mas no Liceu eu consegui passar, fui um dos últimos. Eu não acreditava que ia passar!

Em que curso?

Entreí em Mecânica, porque daí não tinha muita escolha. E eu também não sabia o que fazer.

Se lançou!

É, me lancei assim. Eu até gostava de fazer desenho na época... Tinha o curso de desenho de construção civil, o DCC, só que não tinha à noite. Daí eu pedi a transferência, só que eu já estava no segundo mês de aula, já estava curtindo o pessoal... Não tinha à noite, eu teria... E eu achei que era um curso meio caro. Os cursos de lá dependiam de material técnico, disso, daquilo... Tenho até uma régua T aqui...

A prancha...

A prancha, o deslocamento, ficar fora... Até conseguir pegar... a perspectiva de pegar um estágio para conseguir uma graninha e tal... E aí, contando tudo isso, eu desisti quando surgiu a vaga no DCC da manhã, eu desisti e fiquei no curso de Mecânica. Fiz o curso técnico de mecânica. Só que assim... no segundo ano eu já tinha clareza que... Não tinha nada a... Eu curtia as aulas de Geografia... Sabe, o professor doido varrido, questionando o capitalismo, falando do marxismo... Falava: “Cara, esse cara é maluco, mas é assim que eu me sinto... nessa escola”. Tem um monte de gente da classe média, da Zona Norte, assim, sabe? O pessoal indo para as baladas e eu... Aquelas meninas, eu achava maravilhosas, mas nenhuma... O que eu ia fazer com elas? Não tinha como chegar, convidar para sair um dia... eu... Me sentia meio fora. Eu tinha um grupo assim, mais próximo, de amigos, que eu valorizava muito... E no final do segundo ano eu quase desisti, só que aí eu falei, pensei comigo: “Bom, com mais um ano eu já concluo o Ensino Médio... e estava na época de mudanças, assim... Da LDB... Então estavam separando o Ensino Técnico do Ensino Médio... a escola estava num processo meio fragmentar, com problemas com a entidade... a indústria que financiava... estava super em ebulição... e aí, essas coisas todas, a orientação... Eu sentia muita falta. Então, foi meio que assim, eu fui tendo idéias e fui tentando experimentar, porque ... eu não conseguia... Em casa mesmo não era onde eu conseguia essas informações.

Seu pai e sua mãe também não tinham uma história escolar que pudesse servir de caminho...

E também não tinha muito diálogo... Já estava super distante, principalmente do meu pai... Eu estava num movimento meio que de saída assim, eu gostava até muito de ficar fora de casa... É... e aí os meus amigos eram minhas referências, esses amigos, as perguntas e tal... e o trabalho, eu comecei a

trabalhar mais nessa época... eu já tinha trabalhando antes como Office-boy, no final do Ensino Médio, do Fundamental...

Só para eu me situar, você fez o fundamental aqui no bairro?

É, aqui no bairro.

No Jardim Arpoador?

Isso, em três escolas diferentes. Da primeira à segunda numa escola, Eti Góí, terceira e quarta no João XXIII, acho que talvez seja um momento muito bom, assim... uma escola agitada assim, com muita festa entre os alunos, muita briga também... quando eu lembro, assim, eu lembro com mais saudosismo. Aí tem da quinta até a oitava série, que foi no Eda Terezinha, que é uma escola que é mais próxima, aqui. As três escolas municipais...

No primeiro grau, escolas municipais e no bairro?

É, exato.

E no segundo grau, você foi para o Liceu...

Lá no bairro da Luz.

Nessa época você já trabalhava?

Eu tinha trabalhado um pouco na sétima série para a oitava série... Na época ainda dava para trabalhar com quatorze anos... como Office-boy... mas aí eu parei. Falei: “Não estou conseguindo estudar”.

Foi opção tua?

É, vou ficar sem grana, mas... vou estudar.

Você trabalhou quanto tempo?

Eu trabalhei pouco... assim, no final... foi na sétima série? Daí até fui estudar à noite... E vi, meu, a galera não consegue estudar aqui! Não dá, e... tinha uma galera, eu achava assim... Tinha um pessoal que trabalhava, que eu achava que dava conta. O problema é que o pessoal já trabalhava em empregos que pagavam um pouco melhor, que era o famoso “trabalhava em banco”, como escriturário. Eu estava como Office-boy raso, ralava para caramba e ganhava bastante pouco, que era o

básico, o salário mínimo e tal... Tanto é que, assim, eu era do tipo que pulava por trás do ônibus, para conseguir...

Eu trabalhei de boy, nessa época também...

Então, aquela coisa de pular por trás para não pagar passagem, e você juntava... O que não virava fliperama, virava o lanche!

Você também recebia um “vale-coxinha”?

Sim, exatamente. E aí, pensei na época: “Não está valendo à pena aqui”. Então vou dar uma garibada, uma melhorada aqui mesmo. Conversei com minha mãe... tal, ela concordou e eu fiquei... já no Ensino Médio, logo que eu pude, eu já comecei a trabalhar... eu voltei a trabalhar de Office-boy. Então eu trabalhava durante o dia e fazia o curso de mecânica à noite... Aí eu trabalhava ali nos Jardins, numa empresa de várias empresas... essas empresas que vão criando outras empresas... Eu trabalhava lá, trabalhei quase um ano, se eu não me engano... Não trabalhei um ano inteiro, foi menos de um ano... Mas era um pouquinho, eles pagavam um pouquinho melhor, eu consegui fazer umas contas... pagar as minhas despesas para estudar, comprar os equipamentos, o material... daí... eu comecei a ficar preocupado em precisar fazer estágio para sair logo da escola, eu saí do trabalho também... estava meio pesado... Eu não queria ser mandado embora de lá do lugar, então eu já me desliguei... peguei a grana do fundo de garantia, essas coisas e tal para levar...

Mas você pediu demissão?

Eu saí, eu saí... não fui demitido, eu saí. Não sei, eu tinha uma impressão que não dava muito... lá dentro não tinha muita perspectiva de melhorar de trabalho, ia ficar trabalhando muito... eu via os outros Office-boys de lá, ia ficar trabalhando de Office-boy até o final do Ensino Médio, e ia ganhar como Office-boy. Só que, aí é que está, os caras iam criando outras coisas... Iam trabalhando nisso, ia fazendo DJ de não sei do que lá e... Escola, não era o que eles queriam. Então eu era meio que um... um sujeito diferente do grupo. Eram vinte e quatro, vinte e três boys, assim...

Porque eles não queriam estudar?

A escola não era... A escola era um ponto de encontro, não era um lugar de... de ter uma progressão...

De aprendizagem...

Não, não... Era um lugar onde as pessoas se encontravam, faziam uma balada e tal...

Eu senti muito na época que estava fazendo segundo grau, não fiz técnico, mas meus colegas de escola também eram assim. Tinham uma idéia de: “tenho que fazer o segundo grau, me formar”. Estudar era para conseguir o diploma. E a escola acabava ficando com essa função de convívio entre as pessoas.

Hoje até tenho um pouco mais clareza do que talvez isso significasse, na época era uma impressão... assim, não é a mesma coisa, eu não vou para escola pela mesma coisa... e até tinha essa coisa do pessoal falar: “É, você estuda no Liceu... não sei o que lá...”. Tinha uma coisa assim... Nessa época eu me sentia um pouco... prestigiado por estar fazendo o Liceu de Artes e Ofícios. Embora lá eu me sentisse... era um daqueles que ficava para trás.

Ambíguo, né?

É, mas na escola eu ficava... Assim, entre as pessoas eu era um pouco auto-segregado e era segregado por eles também... um pouco assim, por conta da impossibilidade de ficar se gastando dinheiro, acompanhar o gasto... essas coisas sempre me marcando muito, assim... mas, a parte... e... a parte de formação também, que eu penava em umas matérias! Biologia, Física, Química... Eu lembro que em Matemática... Eu não sabia!! Eu tinha que recuperar... um problema de matemática eu acho que comecei com três! Daí eu fui atrás, terminei com nove e meio! Eu cheguei na professora e: “Quero recuperar!”, “Olha, faz isso, isso e isso... dê uma... raladinha...”. Mas essas coisas, assim, com quem orientar? Quem acompanhava isso? Eram os outros... Aqui eu até podia contar, mas não era bem assim. Minha mãe, por exemplo, sempre participava das reuniões de escola... ela ia até o Liceu, era interessante. Era um momento bom para ela, se sentia prestigiada! Porque ela... Uma época não tinha tanta clareza, mas hoje eu acho que foi uma boa coisa... porque era um momento de quase que regozijo para ela: “Eu não tive, mas meu filho pelo menos está tendo. Eu não acreditava que ele teria, mas... ele não se interessou muito, ou não foi interessado, aquela coisa... isso assim, acho de que ele não tinha apoio para fazer... mas isso já deu outro caminho...”. Então nessa época do Ensino Médio foi meio tortuosa... eu fui fazer, deu uma melhorada na minha qualificação, mas... eu descobri que não era

aquilo que eu queria fazer, né? Mas eu via que profissionalmente era um caminho assim que me daria um pouco de solidez também, né? Mas eu ficava sempre numa dualidade, se eu abandonaria ou não abandonaria a escola... resolvi não abandonar a escola, abandonei a perspectiva de continuidade naquela área... Mecânica, indústria... A própria mecânica também estava em xeque na época... estava vindo a eletrônica, mecatrônica, não sei o quê... os caras que trabalhavam com mecânica estavam tendo que aprender eletrônica também... Então estava naquela confusão toda, e eu também não estava me identificando nem com um lado nem com outro... E eu fiquei na escola e aproveitei muito o carinho dos amigos mais próximos, das amizades que eu fiz lá... fiquei muito por causa disso... Eu lembro até que no... acho terceiro ou quarto ano, uma coisa assim... acho que eu estava me soltando mais, estava numa paquera com uma menina... A primeira! Pô, até que enfim!! Quando... quando eu já estava com clareza que lá não era o meu lugar, eu não me sentia mesmo naquele lugar, é que eu acho que consegui... Era uma menina da eletrônica e que estava fazendo uma aula na oficina mecânica, e aí pintou um clima, e aí eu falei para ela: “Putz, eu não gosto muito daqui, dessa área... eu achava que um dia eu ia viver de conversar com as pessoas”. Que eu estava achando que esse era o negócio para mim. Uma coisa que envolvesse conversar com as pessoas. Não tinha noção nenhuma do que eu ia fazer. Mas eu achava que essa era uma coisa que eu fazia... fazia no grupo... E isso me daria prazer e se eu fizesse bastante eu não ficaria cansado e desanimado para continuar fazendo... e... Sem saber o que eu queria fazer... No fim, consegui terminar o colégio... aí não dava para falar para minha mãe, assim, ela fez um esforço danado, se dividiu... chegou à conclusão de que iria participar da formatura. Eu achava que não devia participar... tinha essa coisa de pagar, tal... mas na época eu estava fazendo estágio, dava para pagar uma parte, depois ela pagou outra... E tinha essa coisa do estágio... foi um espaço bem bacana para eu descobrir que não queria ficar trabalhando com mecânica mesmo, e olha que eu trabalhava nem era na linha de produção! Eu trabalhava na assistência técnica de uma empresa média... de médio porte, alemã... E... eu estava ajudando a montar a assistência técnica, e tinha esse contato... Tanto é que o cara que era meu chefe falou: “Nossa, você escreve tão bem! Você tem certeza que você gosta de mecânica?”. E eu escrevia, eu acho que eu escrevia mal! Mas para ele... nossa!

Parâmetros, não é?

Não, muito louco, muito louco!! Como é que, chegar a conclusões... era muito difícil nessa época, tomar decisões... E eu também não gostei muito, porque eu ficava meio... ansioso... na fábrica, com aquelas máquinas todas enormes... aquela coisa da vida das pessoas, aqueles homens... aquela coisa do horário, bater ponto, tal... Nossa! Uma coisa muito incômodo aqui, sabe? Eu adorava quando o vendedor ou algum assistente me levava para campo, sabe? Mas aí eu ia para uma outra fábrica. Aquele lugar lúgubre, muitas vezes escuro... é assim, as placas tem todas orientações técnicas para ser usadas, e você chega lá, e os caras metiam a ferramenta, alteravam, furavam com furadeira... Faziam uns buracos... Cara! Alteravam toda a... É o jeito deles fazerem a coisa dar certo... E aí as peças não davam certo, eles achavam que era problema só da peça!! E não do processo! O cara altera toda a natureza da ferramenta, das partes da máquina, e queria que o negócio continuasse “zerado”, funcionando como se estivesse no projeto original! E eu já tinha uma noção de projeto, que assim, você controla o resultado... pelo tipo de ajuste que você coloca, as perspectivas, os ângulos... então assim, isso funcionava. Só que tinha um outro lado lá, é que como se fazia na prática, que subvertia tudo isso... e às vezes o negócio não funciona e a gente tinha que ir lá... tinha de... essa parte eu até achava engraçado! Me divertia um pouco, mas era difícil! Porque, para lidar com... essas questões, que envolvia grana, milhares de reais... Porque se eu desse um laudo positivo para o cara, a empresa me questionaria, se eu desse um laudo positivo para a empresa, aí o cara ia me questionar... Mas eu estava como estagiário, eu não assumia toda a responsabilidade, tinha meu supervisor que era quem assinava as coisas... mas essa parte foi muito incipiente, eu fiz muito pouco isso... eu ficava mais na fábrica, fazendo laudo, pegando as peças... examinando... porque é que isso, porque não aquilo... analisando hipóteses para ter ficado de um jeito e não de outro... Mas aí o estágio serviu um pouco para ter de uma noção mais clara que não rolaria... mas... E me deu essa vivência de fábrica, essa vivência da experiência de trabalho na área de mecânica. E... e me dava grana, né? Quando eu saí desse estágio nessa fábrica, eu senti muito a falta da grana... só que, como era estágio, eu não tinha... fundo de garantia, só um pouquinho de dinheiro que eu tinha juntado. E aí calhou de ser o último ano. O último ano eu entrei sem estágio e sem trabalho. Então foi meio punk! Meio punk... e com esta questão para pagar... de formatura. Eu consegui um trabalho, mais ou menos... que era uma... empresa que estava

sendo criada para fazer um identificador de... peças de carro, como uma espécie de “anti-roubo”, para inibir roubo. Chamava-se All Car. E... tinha... contratou alguns uns outros colegas da escola, tal.. eu trabalhei muito pouco lá, porque... não ofereceu os EPI’s, os equipamentos de proteção individual, a gente mexia com decapador, com vários produtos químicos, e tal... Era um trabalho super difícil, exigia muita força da gente... e eu perguntei, comecei a questionar se ele ia mandar os EPI’s para gente ou não, eu estava sentindo um problema respiratório já... E aí, de repente, um dia eu fui demitido, e olha: “A gente não precisa mais de você aqui. Seu dinheiro está aqui, tal... um mês de trabalho”. E os outros colegas continuaram lá. Eu fiquei meio até... chateado... a gente conversava sobre isso, eu fui mandado embora sozinho e os outros... né? Até me contaram depois que ouviram meu chefe, que eu fui mandado embora que eu estava meio que agitando, alguma coisa assim... eu fiquei na minha, né? De repente eu estou errado, né? Mas daí, um mês e meio depois, eles também saíram, porque eles viram que de lá pra... as pessoas estavam sendo mais cobradas e ele não estava oferecendo nada! Eles só ficavam com a mesma política de quando o negócio fosse grande quem estava lá ia ser o representante em outros Estados, iam ganhar dinheiro, não sei o que, não sei o que... Eles saíram também: “Não, você tinha razão... é picaretagem com os trabalhadores”. Mas assim, isso... como pessoa, eu achei que eu não era tão lunático assim, mas não resolveu meu problema de grana... Então foi meio difícil esse último ano do ensino técnico.

Terceiro ou quarto ano?

Já no quarto ano. Mas eu já sabia que eu não queria muito a área técnica, mas ainda não sabia o que fazer, estava um pouco, estava sem grana, tinha meus livros para pagar, então ficava meio assim... Estava razoavelmente complicado.

Como você fez para acabar?

Cara, sinceramente eu não lembro... Era um pouco a grana que eu tinha conseguido poupar... Segurei assim... nessa época eu dependia um pouco mais da minha mãe e do meu pai para ônibus, essas coisas... estava tentando ver o que é que eu ia fazer da vida, enfim, buscando outros trabalhos... Tanto é que no final desse ano, eu fui trabalhar numa papelaria, no começo do ano seguinte... eu trabalhei de balconista numa papelaria... já depois que eu terminei. Depois de formado, eu fui trabalhar

numa papelaria lá em Pinheiros. Eu trabalhei uns dois meses, por aí... Deu para receber uma graninha, não era muito... mas aí, eu tinha... Eu já tinha alguma noção, no final do ano para o ano seguinte, de que eu tinha que fazer cursinho... aí é que entra o cursinho na história. E assim, esse cursinho nasceu nas conversas, no ônibus, com os colegas que voltavam comigo para essa região... o Cursinho Popular, porque um irmão de um dos colegas que estudava lá era... Ele era estudante da Física, ou da Escola Politécnica, ele sabia desse cursinho, e aí falou para esse irmão dele, esse irmão comentava com a gente e aí eu me interessei sobre essa história... eu não me lembro agora se havia outros... É, quando eu fui para... trabalhar na papelaria estava no processo de seleção lá do cursinho... até por isso também: “Bom, eu trabalho lá na papelaria...”. Era um horário meio esquisito de comércio: ou das 8h às 16h, ou das 10h às 18h... e aí eu ia para o cursinho... Em 97, no começo... Era na Alvarenga. Antes de mudar para a MMDC. E essas coisas, essas orientações... eu ficava um pouco chateado, porque era quase como uma derrota para mim, principalmente para minha mãe.

Por você fazer cursinho?

Não, não ter usado o curso técnico, não ter seguido adiante. Mas assim... eu acho que ela foi bastante... leal comigo assim... Ela não me reprovou completamente, até me ajudou, depois, a pagar a... tal da formatura... no final das contas ela queria que eu fizesse, era importante... eu vi que era importante para ela também fazer essas coisas... que até o baile, essas coisas, aconteceu no meio do ano seguinte. Eu falava que aquilo era assim: A colação era... o sepultamento, o velório... E o baile, que seria uns dias depois, seria a missa de sétimo dia... para mim estava sepultando de vez... assim, por isso, inclusive, eu estava super feliz! Disso aqui eu só vou ficar com os meus amigos.

Você não viveu como uma derrota mudar de curso, de caminho.

Olha, eu acho que eu estava meio maníaco assim, porque eu não sabia onde eu estava entrando, eu não sabia para onde eu ia...

Mas você sabia que aquele caminho você não queria. Você estava perdido por isso.

É, mas assim, com todas as dúvidas do mundo... E aí, assim, na época eu entrei... comecei a fazer essa coisa do cursinho... esse projeto, tal... fiz as provas... aí estava passando aquelas etapas: inscrição, aí tem um monte de gente na inscrição... aí a prova, e aquele monte de gente na prova... e

buscando trabalho, e eu dava uns rolês lá em Pinheiros... até que pintou um dia essa papelaria e eu fui trabalhar lá, logo, rapidinho eu fui contratado... Eu estava trabalhando aí... não lembro exatamente a contigüidade dos fatos, mas foi paralelo... tanto é que tinha mais gente, também, eu acho, tinha mais gente na loja que tinha prestado o cursinho e não tinha passado. E como eu passei, de novo essa questão do... “É, ele passou né...”, faziam uma distinção em relação a mim... E eu fiquei trabalhando lá uns dois... eu terminei, acho, o prazo de experiência, fiquei três meses antes de sair.

Então você pediu para sair?

É. Eu peguei a grana, que eu tinha, dos salários, segurei, mais a rescisão... vendi uma televisão... vendi para minha mãe! (riso) Eu vendi mais umas coisas também, e juntei a grana também que me deu condições de sobreviver o primeiro semestre. Assim... de manter essa coisa de cursinho, pagar as apostilas... correr atrás de livros, né? Aí chegou o meio do ano e eu estava desesperado, porque já estava pedindo e eu não queria pedir mais... daí me pintou uma idéia... aproveitei uma idéia que pintou observando a nossa necessidade, no cursinho, de informação, e porque eu estava começando a fazer orientação profissional, lá na Psicologia... Daí eu cheguei com um amigo aqui... amigo do primeiro grau... que eu tinha contato, que estava começando a fazer administração... Falei: “Cara, como é que se faz um projeto? Eu quero fazer uma proposta de trabalho lá para o Cursinho Popular, fazer uma coisa de informação para o vestibular... a gente não tem e eu acho que poderia ajudar”. Ele me ajudou: “Tem que colocar isso, isso e isso... aí você escreve e a gente ajusta”... E botei um esquema, com o ajuste desse meu amigo, e apresentei lá no cursinho... nas férias de 97... E aí, eles gostaram da idéia... O coordenador então era o André Miranda, e... não precisava fazer tudo que eu estava propondo, eram várias coisas, que eu não me lembro direito... bastava que eu me responsabilizasse em buscar algumas informações, pegar as informações que eu tinha e dispor e garantir que a coisa estivesse atualizada. E aí ele me garantia isenção até o final do ano no cursinho, né? A minha tarefa era conseguir grana para pagar o ônibus, essas coisas... Não sei, talvez uma coisa que tenha contado também, é que eu ajudei a montar uma festa lá no cursinho no primeiro semestre... Eu acho que eu já tinha um crédito... Porque tinha uma galera que ia fazer, todo mundo foi embora... e

de repente ficou só eu assim, e eu nunca tinha organizado uma festa! Fui muito louco assim... uma experiência *sui generis*!

Posso voltar um pouquinho antes de você ir para o cursinho?

Pode... Eu acho que até eu acabei desviando um pouco, por que essa coisa do... influência dos meus pais, da minha família para mim... acho que, houve um momento em que eu não consegui mais ter referências aqui, então estava buscando todo tipo de referência fora. E aí até essa questão da orientação profissional, assim... foi muito importante.

Isso veio no cursinho?

É, no cursinho. Aí eu já estava refazendo o caminho: “O que é que eu ia fazer? Porque eu já fiz um caminho e não deu muito certo”. Eu gostei de estudar, gostei das pessoas... de algumas delas...

Você não gostou do trabalho!

É, o trabalho não me fazia bem, mas eu gostava de algumas coisas no trabalho... mas, tem outras coisas também, enfim... minha orientação profissional se... misturou muito com a minha relação com a minha família, principalmente com meu pai... De toda forma ajudou muito a decidir! Porque eu estava na ocasião levantando as possibilidades e tentando entendê-las, e ainda fazer uma projeção do que aconteceria...

Profissionalmente?

Profissionalmente.

E... você não teve contato com psicólogos antes?

Então... Sim e não. Como algo que eu me identificasse logo de cara, que fizesse ter vontade de fazer, não rolou isso. O que rolou é que, quando eu fiz a cirurgia... Isso, depois, na orientação profissional eu comecei a juntar as partes... quando eu fiz a cirurgia eu tinha um atendimento psicológico, uma orientação psicológica para fazer a cirurgia... Era uma equipe, tal... eu lembro até que foi a primeira vez que eu ouvi alguém me falar que eu teria uma vida sexualmente normal (risos)... meus pais ali... eu: ah, ah, tá... Na sétima série, cara... eu nem tinha beijado ainda e o cara falando para mim que eu ia ter uma vida sexualmente normal (rindo)!

Ele devia estar falando do aspecto biológico da coisa...

Provavelmente sim, por causa da cirurgia...

Que não iria deixar seqüelas...

É... mas achei bacana, simpatia, tal... mas assim: nada... na época eu nem estava preocupado assim com o que eu iria fazer da vida... Aliás, minha vida não sabia nem se ia ter, que as coisas da cirurgia também... por mais que não quisesse assumir que ficava com medo, ia ser um hiato... tinha um antes e um depois...

Tinha um risco?

Não sabia o que iam encontrar além do que tinham examinado de fora. Sabiam, mas esse saber... Uma cirurgia é sempre uma cirurgia... Desde uma cirurgia de dente alguém pode ter um colapso, para retirar um dente... é uma coisa, naturalmente, mais complexa, que pode ter rejeição até depois... No meu caso era uma cirurgia, uma correção no coração... uma pequena... foi feita uma pequena plástica... esse foi o contato que eu tive com um psicólogo, de fato... e durante o ensino técnico, tinha uma coisa chamada Orientação Educacional, e era uma pessoa assim que eu gostava do jeito dela falar... às vezes eu sentia até um pouco de inveja em relação a outros colegas porque tinham uma relação super afetuosa com ela... e também ela dava muita guarida para as pessoas... e iam direto para sala, ficavam falando um monte de coisa... E eu achava aquilo tão importante para a gente também!! E... de ter aquele espaço! E ela ainda fazia alguns encontros com a gente, tal... falava sobre a nossa aprendizagem, essas coisas... Depois eu comecei a pensar que aquele era um trabalho de Psicologia, quando eu estava fazendo trabalho de orientação profissional. Depois, muito tempo depois, quando eu já estava fazendo psicologia que eu encontrei com ela, lá na biblioteca do Instituto de Psicologia, e eu conversei com ela, e eu contei: “Então, eu acabei estudando, vindo para cá, não sei o quê”... “Eu até achava, eu achava que o seu trabalho era um trabalho que tinha formação em psicologia” Ela falou: “Não, eu estou fazendo pós em psicologia, mas eu sou pedagoga”... Aí eu já estava vendo que em alguns momentos da psicologia educacional e da psicologia se entrosavam e se desentrosavam mesmo... mas ficou uma imagem, bacana... Acho que é uma possibilidade, uma coisa que eu acho que poderia até dar conta se eu quisesse fazer. Eu nunca tive oportunidade, ainda, de fazer orientação educacional... De trabalhar numa escola, e tal... Mas foi uma referência... nesse

ponto eu posso dizer que foi uma referência à posteriori, eu recapitulei... na hora eu só achava que era uma coisa agradável, diferente da dureza da escola, só das aulas e... das provas e tal... era uma coisa que... fazia a gente se situar, a gente podia se situar um pouco mais... mostrar as fraquezas também... Sei lá.

Nesse momento, você não tinha um projeto, você estava tentando construir um. Você tinha optado por escola técnica, mas você tinha percebido que não era para você, e você estava tentando montar um outro projeto de vida. Antes disso, bem antes, na infância, você tinha algum sonho de profissão, alguma... Aquela coisa de “o que é que eu vou fazer quando crescer”?

Olha cara, eu gostava muito de desenhar, eu achava que ia desenhar ônibus! Eu gostava dessas coisas, eu gostava de viajar, eu gostava dos ônibus... prestar atenção nos desenhos dos ônibus... modificando, cada ano tinha um desenho diferente... eu achava que poderia ficar mexendo com isso, mas era uma coisa muito pueril... e... Houve uma época assim, de adolescência, que foi uma coisa meio... da vaidade, né? Essa preocupação com a vaidade, era uma época que se falava muito em modelo, tal... “Estou crescendo, sou alto e tal... de repente eu posso... me condicionar fisicamente e de repente eu consigo fazer isso... e ganho uma grana”. A mesma coisa, assim, eu me achava muito feio, e achava que poderia ter isso, com o cuidado do corpo, fazendo musculação, se eu fizesse esporte... Eu poderia ter essa possibilidade... Nessa época eu pensava que eu poderia ganhar dinheiro, mas não com uma perspectiva profissional... eu não conseguia pensar além do imediato. (pausa longa) Não tinha muita coisa clara do que eu ia fazer... tinha essa coisa de escritório, trabalhar num banco de repente... de fazer uma carreira num escritório... Mas aí, trabalhando num escritório eu vi que talvez não desse muito certo... parecia que dependia de muitos conchavos, assim... essas coisas pessoais, e eu estava meio fora, assim... Eu não conseguia... me envolver, mas acho que não queria me envolver muito... não tinha muito claro... eu até, hoje em dia, eu lembro, vira e mexe eu lembro disso, que eu não tinha uma perspectiva do que eu ia fazer... eu nunca pensava claramente o que eu ia ser quando adulto, entendeu? Isso que eu estou vivendo hoje, por exemplo... Ontem, eu voltando... curioso, eu volto lá de São José eufórico, apesar de tudo, de outras coisas estarem me chateando um pouco... mas eu volto eufórico, né? Que honra, cara! Eu poder fazer uma pesquisa, financiado, juntar vinte profissionais para

discutir um assunto, eu vou poder analisar... e fazer uma dissertação de mestrado, cara!! Eu estou voltando, estou pagando um ônibus, passando um dia... que honra é estar num trabalho como esse, sabe?! Cara, quando é que eu imaginei uma coisa dessas? Eu nunca imaginei! Porque eu também nunca imaginava que ia chegar aos trinta anos, aos vinte cinco... Acho que até aos dezoito... com dezoito anos eu vou ter emancipação, é isso! Eu não tinha, eu não conseguia pensar o futuro, sabe? Uma coisa que... Eu teria que trabalhar muito, assim... Ou eu pensava e esquecia... não lembro o que eu pensava... mas era um... vazio assim, sabe? Hoje em dia talvez eu pense como ser velho, pelo menos eu penso que queria ser velho junto com a Jaqueline... Eu olho para uns velhinhos, às vezes, e falo: “Será que um dia eu vou ser assim?”. Mas hoje eu penso isso... por exemplo, com dezoito, eu nunca pensei em ser velho! Com quinze, com treze... Eu não sonhava muito. Talvez eu tenha começado a parar mais para pensar nisso depois da cirurgia que eu fiz... perto da cirurgia eu tinha uma impressão assim: “Se eu sobreviver, vamos ver o que vai dar, vou ver se eu faço minha vida diferente”. De fato, eu mudei muita coisa, umas coisas foram mais rápidas e outras mais devagar... mas tinha um medo, assim... Eu não pensava em relação ao futuro. Tinha algumas imagens boas, mas eu não conseguia me identi... Não conseguia saber se eu seria como elas. Por exemplo, imagem de estudo, eu tenho uma imagem forte de uma pessoa da família que estudou, o irmão da minha mãe, um dos irmãos mais novos... Ele estudava muito para concursos, trabalhava no Banco do Brasil, tinha uma família, tal... Eu admirava o cara porque ele conseguiu uma prosperidade, é um cara pé no chão... bacana, simpático comigo... mas, assim, não era o cara mais... como eu poderia dizer... mais atraente... então eu estava numa oscilação... Aí tinha o outro tio, que era o cara mais chavequeiro! Tinha dez mulheres... Então eu pensava... Eu podia fazer uma mistura entre esses dois, assim, né? Aí também, depois, um primo por parte do meu pai, um sobrinho do meu pai, filho do irmão do meu pai, que morreu. Eu estava tendo um pouquinho mais de contato com ele, ele era mais velho... Tinha o outro, tinham dois... eram três irmãos, uma mulher mais velha e mais dois irmãos homens... Um, o do meio, era um cara super... eficiente, tal, trabalhava, trazia uma grana... o mais novo era um pouco mais, ele era super amigão, enfim, tal... e dava várias cabeçadas, meio boêmio, tal... Então, eu também curti um pouco esses dois, mas assim, algumas coisas eu também não curti... essa coisa mais sisuda, mais

alinhada de um, e o outro essa coisa muito boêmia... curtia também o fato de que eles estavam conseguindo prosperar, e tal... Então não tinha uma... só que assim, uma conversa sobre isso, eu perguntar e responder, e tal... isso não tinha muito assim, no meio da adolescência... só no final da adolescência e no começo da vida adulta é que comecei, eu que corri atrás de perguntar.

Desses primos e tios?

É, esses tios... esses primos... Só que no caso do primo, esse mais novo, que era mais boêmio, morreu. Ele morreu... a história que me chega é que ele tentou salvar o colega numa pescaria... típico dele, um cara super... disponível! Podia não ter nada, mas ele dava um jeito! Ele foi o primeiro cara que tentou me ensinar a dirigir... O cara me ensinar a dirigir, com a gente ficou numa estrada, lá no interior, à noite, com um FIAT 147, e um puta de um ônibus atrás de mim, eu dirigindo, eu tive... Nossa!! Eu encostei o carro, falei: “Não, não quero saber disso!!”... Mas, é... são momentos marcantes, embora eles não tenham... enfim, não tenham me explicado exatamente o que é que eu devia fazer... mas foram boas sensações, e as sensações também que da minha vida eu consegui retirar para... as que me influenciaram para pensar essas coisas... E depois, daí quando adulto, eu vou atrás dessas informações, é interessante como elas se tornam mais humanizadas e menos idealizadas, sabe? Esse meu tio que estudava tanto, ele também não conseguia ser tão destemido assim, ele desistia de algumas coisas... esse outro, que era super chavequeiro, também se ferrou em muitas coisas por causa disso também... então, é...

Eles ficam mais mesmo próximos, pessoas...

É... Você começa a contar histórias... E também eu comecei a ver, a me sentir menos... menos marginal nessa história... Então, espera aí, estou construindo minha história, o problema então é que essa é a história... Essa história é a minha, e essa história só eu vou poder contar, segundo as minhas escolhas, as minhas opções... E eu acho importante me esmerar, me orientar... que é uma coisa que importa para mim, e divulgar isso também, e passar isso para outras pessoas...

Você estava falando de como é que foi formando um projeto de estudo, profissional. Em relação ao estudo, você gostava de estudar na escola? Você gostava da escola em que você estudou no primeiro grau?

Gostava... Eu gostava, assim. Não sei, acho que eu não gostava de tudo. Mas às vezes as coisas iam mudando, às vezes gostava de matemática, às vezes não gostava, às vezes gostava de português, às vezes não gostava... Mas a escola me era agradável, assim... Quando eu era menor, era mais... Era mais só prazer. Com o tempo foi ficando também um pouco mais complicado. Na época de adolescente foi ficando mais complicado porque acho que às vezes eu não me sentia tão bem na escola, me sentia meio, eu não sei, desadaptado, desvalorizado, sei lá. Acho que essas coisas da grana foram ficando mais pesadas... O valor do valor... O poder aquisitivo começou a fazer muita diferença e eu não tinha outros recursos, eu não conseguia ver outros recursos que me satisfizessem... elas acabavam sendo padrão para mim também. E eu coloquei isso para mim, acabava me poluindo, esses valores. E eu não conseguia ver outros valores que poderiam me dar outros lugares e me localizar melhor na escola, e tal, então... Me davam milhões de inseguranças. Estavam presentes aí na adolescência. E a escola não era só um lugar de alegria, um lugar de diversão, era também um lugar onde eu sofria bastante.

O que é que marcou mais no ensino fundamental, na escola? No plano da escola tem algum episódio marcante na escola, significativo?

Sua pergunta é um pouco difícil para mim, o que marcou mais assim... Episódio marcante, significativo? Acho que um pouco... Eu não consigo lembrar isoladamente, acho que é um bloco... É um momento que eu acho bom, em geral. Em geral bom, então eu gosto muito... um pouco do todo, assim, da junção dos momentos ruins e bons também, da passagem por eles. Há muitos fatos que poderia, que pode se relatar... Uns momentos mais ruins, emblemáticos, de brigas com colegas... Eram brigas, mas a gente continuava amigo, era uma coisa esquisita... Descobertas, os professores que a gente odiava, os professores que a gente admirava... Que eu admirava, que eu odiava também... Eu não tenho assim uma coisa muito destacada, assim... excepcional. Não quer dizer que isso, que a passagem tenha sido morna, ela foi muito tensa, mas em todas as coisas, eu acho que eu vivia muito intensamente qualquer coisa que eu fizesse, assim. Participava do grêmio tão intensamente que eu acabei esquecendo de algumas coisas porque... Foram muito pesadas para mim, de repente eu estava dentro da UBES, os caras querendo que a gente fosse militar no partido. Com quatorze anos... De

repente, eu não sei, eu apaguei essa história. Parei de participar dessas coisas. Fui fazer o curso técnico. Aquela coisa dos namoricos. Tentar, não sabia fazer... Podia ser ruim, mas era ruim, intensamente ruim... Eu acho que isso era uma coisa importante, assim. Acho que na escola eu conseguia viver coisas intensas, que eu não vivia em casa. Talvez por isso fosse um lugar... Um lugar de vida, também, a gente vivia bastante. Eu não tinha essa intensidade de sentimentos em casa. Então a escola era um refúgio. Seja a escola aqui perto, então quanto mais longe mais refugiado eu estava. Eu me sentia um pouco protegido das coisas que estavam por se resolver em relação a... Com os meus pais, né? Porque? Porque desde muito cedo eu questiono o jeito que eles se relacionavam, o jeito deles falarem um com o outro, a estupidez do meu pai com a minha mãe, comigo, o meu irmão. Cara, eu tava pilhado assim, colégio técnico, assim, eu estudava à noite, chegava bem tarde, levantava bem cedo no dia seguinte para ir para o estágio e tinha que ser acordado antes do que eu pretendia, seis, cinco e meia da manhã, com o meu pai gritando aos brados com o meu irmão, porque o meu irmão, porque ele achava que o meu irmão era um vagabundo porque não ia trabalhar... com ele. Então era horrível. Aí um dia eu enchi o saco, soltei os cachorros também, aí você fala... “Você é contra mim, que não sei o quê...” Eu não sabia nem se eu estava brigando pelo meu irmão ou se eu estava brigando por mim mesmo, sabe? Foi nessa época que, por exemplo, eu dei um jeito de colocar porta, porque quase não tinha porta.

Viver sem porta é difícil.

É, e a gente vivia sem porta. Eu fui começando a perceber o quanto essas coisas eram, podiam ser interessantes. E eu comecei a correr atrás delas. Então a escola era... Assim, o espaço escolar, estudar para mim era um refúgio também. Era um lugar onde eu conseguia me preservar. E sabe umas coisas que aconteceram muito também com alguns parentes? Não... Alguns. É que em alguns momentos, eles... Sei lá. Uma vez uma tia disse que eu era maluco por estudar demais, era maluco. Eu me senti tão mal... Se eu estudo demais, eu estou atrás de todo mundo lá na faculdade, que está se formando... Um pouco de incompreensão em relação a isso, sabe, por que também se faz... que inclui o respeito. Mas também não faz sentido essas coisas, né? Eu vou na casa dela, tal, aí um dia, depois de muito tempo, ela dá uma dessa comigo. Daí eu desanimei de voltar lá, fazer outra visita. Então... Os

fatos, as coisas que aconteciam na escola acabavam sendo os fatos que eu procurava viver, assim. Eu não conseguia viver muito em casa, então eu vivia na escola.

O lugar de vida era a escola.

É, os conflitos, essas coisas... A minha mãe trabalhava na escola...

Em que você estudava?

É, uma parte do meu curso primário foi feito em escolas, de primeiro grau, foi feito em escolas em que minha mãe trabalhou. Às vezes não no mesmo horário, mas ela trabalhava. Teve uma escola que era uma tia que trabalhava. Eu me sentia um pouco vigiado. (risos)

Ela te vigiava?

Não, dava as broncas quando tinha de dar, assim... Mas acho que por outro lado também, isso é uma consciência que eu tenho hoje, eu acho que eu também fui um pouco beneficiado por isso. Acho que havia uma atenção... especial, um cuidado, porque eu era filho da Luzia, sabe? Aí tem uma relação diferenciada, que não é só um guri, é um guri que é filho da Luzia. Retomar uma relação personalizada, tem um...

Você tinha uma aparência.

É. Eu sei assim de muitos colegas... que eram pessoas que eram maltratadas na escola. Eu vi isso, e isso hoje... E foda que na época eu não também tinha muita clareza disso. Eram bagunceiros, não sei o que lá...

Não tinha respeito e cuidado...

Eles chegavam para a minha mãe e falavam: “ele tem que estudar isso, não sei o que mais, ele está muito bagunceiro, ele...” Que não era a mesma coisa com alguns colegas. Principalmente os colegas mais pobres, eu sinto um pouco isso. E era curioso porque você fala, “pô, eu aprendi a soltar pipa, a jogar peão com esses caras, eles me ensinaram isso”. E eu... não tinha recursos para ajudá-los a se inserir na escola, e na escola, eles foram praticamente expulsos da escola. A escola não queria eles lá, porque eles não estavam dentro... Eles tinham uma vida acho que fora da escola e eu não tinha. Eu era muito podado também os meus pais pegavam muito no meu pé, se eu ficasse na rua jogando bola, embora eu fizesse muito... Sentia muita falta de ter convivência... Eles pegavam muito no meu pé, meu

pai era do tipo de homem que batia, que surrava... Super complicado. Isso era uma das coisas que me deixava... É... Desanimado com as coisas em casa, no mínimo. Na escola, por exemplo, eu podia... cometer equívocos, podia consertá-los, mas eu não apanhava, isso não era legítimo. Briguei, apanhei na escola de colegas e tal, mas não era o certo, isso era o errado, eu sabia que isso aí não devia ser feito. Então, assim: acho que o... Se tem uma coisa que é mais, mais alguma coisa, deixou uma marca maior, era a sensação de que a escola... Estudar... Tinha a biblioteca, essas coisas escolares eram um barato porque ali eu conseguia... Ver coisas, sentir coisas que eu não conseguia sentir em casa, que em casa eram dores, eu vivia muito cercado, muito...

Muito cerceado?

Violentemente controlado, né? Agressivamente controlado.

Nessa época de escola você freqüentava teatro, cinema, show, biblioteca pública ou outro tipo de...

Eu ia com os colegas, a gente fazia uma coisa de juntar os grupos: “vamos para o teatro, vamos descobrir o que é isso”, a gente ia lá. É gratuito, então vamos lá. Uma época a gente montou uma galerinha que formou um... A gente ia fazer curso de vôlei lá no estádio do Pacaembu, a gente descobriu que era de graça. E aí a gente juntava de manhã, seis, sete, dez colegas e ia pra lá. Às vezes a gente fazia os trabalhos, geralmente a gente gostava de fazer o trabalho até que era mais no centro, lá em pinheiros. Aí era uma festa, um comprava coxinha, outro guaraná, aí era uma bagunça... O trabalho saía. Mas assim, o processo era muito divertido e era quase assim, para a gente que tinha a perspectiva de trabalhar de Office boy, né? Precisa conhecer a cidade, se virar... tinha essas coisas. De juntar as pessoas. Mais pra frente, um pouco mais auto-suficiente, eu também ia sozinho. Mas eu sinto saudade, houve momentos bastante interessantes quando eu estava com o pessoal aí e tal. Eu lembro da época do Bem Brasil lá na USP.

No teatro grego.

É, então. Eu fui várias vezes lá.

Eu conheci a USP também por causa disso.

Então, era um recurso. A gente fazia muito esporte, no meu primeiro ano, a gente fazia muito esporte, atividade física. Eu ia correr lá nas imediações, saía... saía do bairro. No ensino médio aí é que eu comecei a viver mais coisas de cultura, teatro, assim. Teatro, teatro mesmo foi muito mais para o final, já peguei na parte do cursinho. Apresentações musicais geralmente Ibirapuera, Bem Brasil, essas coisas. Eu lembro que a gente fazia assim, tinha um pessoal que gostava de rock, eu lembro de ter ido ao Hollywood Rock, uma vez. Juntava dez mil meses de grana, vendia, tinha um negócio de vender, trocar boné, camiseta, não sei o quê, e a gente conseguia, eu conseguia fazer um dinheiro e comprava um ingresso. Aí a gente foi, foi um pessoal lá pro Hollywood Rock, assistir essas bandas de rock, assim. Mas isso eu acho que foram... Isso ainda no primeiro grau. Mas depois, esse tipo de coisa mais cara, eu parei no ensino médio, técnico. Talvez o que mais eu fosse que pagava é talvez uma vez ou outra ir ao cinema, mas era muito por aí...

Por uma limitação de grana mesmo.

Porque era tudo controlado, né? Assim, eu ficava na necessidade básica, de transporte, alimentação, vestuário, roupa, e... o que sobrava eventualmente, assim, era muito pouco e eu era obrigado a ler para a escola, do que eu me ressinto muito, mas também não tive... Eu não sei se eu tive umas oportunidades muito boas, também, para ler. Acho que teve uma leitura que foi curioso, assim... Foi lá no final do ensino técnico, chamado as batalhas do castelo, um paradidático... um conto... brasileiro, que foi muito significativo para mim.

Por quê?

Ele conta uma história assim de como é que um grupo, como é que um sujeito estava conseguindo... Conseguia, ele conseguia revitalizar e juntar pessoas que estavam com alguma limitação, os marginalizados, e ele também estava meio marginalizado, e tal, e conseguia juntar as forças de cada um, que cada um tinha e formar um todo que funcionava, a ponto de que aí incomodou o status quo. Era uma coisa, era um conto como se fosse um conto medieval... O protagonista era o bobo da corte, meio detonado, só que daí conseguiu dar a volta por cima e aí incomodou o reino que ele tinha se juntado com pessoas que tinham sido marginalizadas. E era um texto bacana, assim, bem compreensível, não era nada de Guimarães Rosa, Graciliano Ramos que são textos densos pra

caramba, poéticos e tal, só que eu não conseguia ler. Eu não entendia merda nenhuma e esse aí... Fez uma baita diferença, e não era... simplesmente uma auto-ajuda, era um livro de português, de uma disciplina de português. Foi a única coisa de português que eu lembro. Eu lembro também que a professora de redação falava que eu escrevia mal. Que eu era prolixo e que colava, e etc, etc, etc. Mas esse foi um livro bacana... Acho que fez eu gostar, eu começar a gostar de ler alguma coisa, além do que era a programação.

Você falou já que você participou do grêmio. O grêmio da escola, no primeiro grau.

No primeiro grau, no segundo, no médio, eu meio que... Eu não sei se isso foi explícito para mim, eu queria não participar mais. Foi muito esquisito, porque depois eu senti muita falta disso e eu achei que foi uma grande cagada, como se fosse um grande erro. Porque eu sentia falta de participar de alguma atividade coletiva e lá na escola, no ensino técnico eu achei que valeria até mais à pena, só que aí eu já tinha perdido o rumo da história, lá não tinha também, era mais complexo, não tinha uma cultura tão democrática assim... Alguns professores tinham idéia de apoiar, a outra não... No fim, quando eu saí de lá, estava sendo reerguido o grêmio, eu até dava uma força, assim, indireta para os caras, eu lembro que no final do ano, eu me ofereci para a comissão de formatura para fazer qualquer coisa para eles. “Eu quero ajudar, meu, pede qualquer coisa aí. Eu pago o boleto no banco pra vocês, eu ajudo a reunir as pessoas, o que vocês precisarem, eu quero fazer alguma coisa, eu não agüento mais”. Mas a experiência traumática do final do primeiro grau, com esse negócio da UBES e tal, essa coisa da militância estudantil, eu não consegui resolver rapidamente. Foi muito esquisito, assim. Até hoje eu me pergunto. Eu fui me lembrar melhor dessas coisas, para você ter uma idéia, quando eu fui com um amigo. “Nossa foi tão bom o nosso primeiro grau, a gente fazia isso, fazia aquilo. A gente foi do conselho escolar...” “Nossa, a gente foi do conselho escolar?” “A gente fez o grêmio!” “Nossa, a gente fez o grêmio?!” E eu ficava impressionado porque ele falava coisas para mim que a gente tinha feito que eu não lembrava direito. Sabe? Será que isso é uma amnésia... Estranho. E coisas que de fato aconteceram, porque eu fui lembrando também, recapitulando isso.

Ficou meio apagado, mas latente, né?

Muito estranho, muito estranho. Eu lembro que eu tinha um plano na cabeça quando eu fui fazer o técnico, que era mais ou menos: parece que se eu fizer o técnico, eu vou conseguir trabalhar e aí eu pago a faculdade. Era um pouco isso: eu consigo trabalhar, termino o curso e depois eu faço.

Era uma coisa instrumental Era um instrumento para você chegar na universidade.

Era um pouco isso. E era claro que ia dar para fazer, que iria... Eu não via os problemas que poderiam aparecer no caminho...

Além do grêmio, você participou de algum movimento coletivo? De bairro ou de igreja...

Religioso... Olha, de igreja não participei de movimento, fiz catecismo, né, fui submetido a catecismo, e fiz a primeira comunhão, fiz a tal do crisma. Mas entre um ritual e outro, eu consegui me afastar da religiosidade da igreja... Embora eu tenha ficado com muitas marcas do catecismo, eu acho que não só negativas, por isso aí, essa coisa do controle, do super controle sobre a vida dos outros, a... um direcionamento, mas eu sinto como umas marcas boas, a perseverança, a determinação, eu lembro um pouco assim da catequista, né. Você via as atitudes dela, do empenho, isso eu lembro com uma grata memória, assim.

Ela investia em você?

Não era só em mim, era do grupo dos que estavam fazendo catequese.

Ela investia no trabalho dela.

É, assim, ela tinha um rigor, tinha uma seriedade, um compromisso. Essa idéia de perseverança é uma coisa que ficou muito pra mim dela, perseverança. Que não acontece nada, não é geralmente rapidamente, então o pode demorar e... De acreditar, né, mas meu problema estava nessa passagem do acreditar na crença religiosa para a crença que virava a política, a crença plural, a crença discriminatória, né. Essa passagem eu não curtia, e era a passagem que a igreja fazia na época. Dos movimentos, assim, não tinha, eu não participei muito não, o máximo que eu participei foram coisas mais localizadas, do tipo ajudar a pagar a conta do telefone coletivo aqui da rua. Que a gente tinha um ramal, eu era incumbido de fazer as contas... Dava muito rolo e tal. Mas era bacana, também, um momento também, que se não fosse isso, nós não tínhamos telefone. Na época não tinha tanto telefone como hoje, então aquilo lá era indispensável. Dos movimentos... Eu tinha começado a participar dos

movimentos no primeiro grau. Participei dos caras pintadas, fui lá o dia em que o Collor foi deposto e tal, foi um congresso tal, foi lá na Anhangabaú, foi a primeira vez que eu vi a cidade parada, achei aquilo louco, né? No Anhangabaú, só tinha gente no vale, não tinha carro! Eu só consegui ver algo parecido, mas não igual, desde assim, paulista até lá embaixo tudo, eu só consegui ver isso na copa do mundo... 94. Ver a cidade de um outro jeito, e não é como final de semana, que tem pouco movimento, era um... Imenso, aqueles prédios, aquela gente subindo, descendo, ocupando o meio da rua. E não era uma passeata. A cidade estava ocupada. Reocupada, né? Isso também, parece que isso parou logo em seguida. Os motivos, eu não lembro direito, algo a ver com essa coisa de se sentir manipulado de novo, eu tinha... Vivido isso na igreja...

Depois na ONG...

Daí eu queria sair um pouco disso, eu acho que quando eu fiz o técnico eu não estava num movimento coletivo, eu estava num movimento individual, para resolver o meu problema. Em casa não rola, nesses negócios não rolam, então...

E quando é que surgiu a idéia de fazer universidade, de fazer faculdade?

Bom, eu acho que aí foi que tudo isso explodiu, assim, que não dava nem para resolver as coisas coletivas, nem as individuais, então eu precisava fazer um... um plano de vida, assim. Acho que não só resolver os problemas imediatos. Eu tinha que continuar vivendo, eu não sabia o que ia fazer, eu nunca tinha pensado direito o que eu faria na vida adulta... Eu queria continuar estudando... Eu queria, era o meu bastião, né?

Com quem você conversava sobre isso, da faculdade, da universidade? Você conversava na escola, em casa, no trabalho?

Em casa, não muito. Um pouquinho com a minha mãe, principalmente. Até porque nessa época estávamos bem distantes da família, a família dos meus tios, e tal, não tinha tanto telefone, os meios de se comunicar. Hoje eu falo com a minha prima, incentivo ela a fazer faculdade pela internet. A gente se fala no MSN, “e aí, tal”, ela fala umas dicas para mim, eu passo umas dicas para ela, eu acho isso o máximo. Mas não tinha e não tinha ninguém para aquecer isso, né. A gente ficava mais naquelas conversas mornas, né, vocativas: “E aí, tudo bem?” “Tudo bem.” “E aí, tudo bem?” “Tudo

bem...” “E aí, tá chovendo?” “Tá chovendo?” “E aí, tá chovendo?” “Tá sol” “A gente vai aí.” “Vamos ver.” Ah... Um saco, sabe? Então assim, eu procurava conversar, mas eu procurava pessoas para conversar. Eu era meio seletivo, eu achava que não adiantava conversar com todo mundo não porque as pessoas têm... Interesses diferentes, né? Como eu falei, quando eu trabalhava de Office boy e estava estudando no Liceu. Eu via que os outros rapazes não estavam a fim de ir para a escola para fazer uma oportunidade, assim. Então mais preocupados, muitos já estavam querendo casar... E eu estava querendo estudar. Então eu aprendia com eles que eles tinham caminhos diferentes. E eu aprendia a fazer o meu caminho. Então eu fazia sozinho e ia buscando encontrar pessoas que tivessem caminhos assim, né. E na escola daí eu era como eles, que eu tinha encontrado várias pessoas que estavam interessadas em avançar. Aí a questão é se eles querem avançar no mesmo caminho que eu, ou se eles querem em outro. Como eu descobri que o meu negócio não era o curso técnico, aí em algumas coisas eu não conseguia discutir com eles, porque eles não estavam a par de assuntos de outros cursos e tal. Tinham várias pessoas que queriam continuar naquele ritmo... da mecânica, eram os que estavam eu diria assim, mais tranquilos. Havia outros que estavam intranquilos. Teve gente que foi prestar Polícia Militar, Academia do Barro Branco. Virou uma coqueluche no final do técnico, vários colegas prestaram. Bacharelado em direito, não sei quantos mil reais de salário por mês, emprego garantido depois que terminasse...

Estabilidade.

Estabilidade, tanto é que teve um colega que fez isso mesmo. Ele é oficial da PM agora. Em compensação, o outro não entrou e ficou muito ressentido, até hoje, com a Psicologia, porque ele não passou na parte do exame psicológico. Mas batalhava, assim, o cara batalhava para entrar, porque no caso do Barro Branco, tem que batalhar a parte física e batalhar a parte acadêmica...

É pesada a prova. Eu não fiz, mas eu li o manual.

Mas isso aí acho que nunca me interessou, a PM não rolava. O que daí eu fui vendo, eu fui descobrindo é que essa perspectiva de universidade poderia ser... isso é uma memória importante. Eu pensei muito também em sem sair de casa, que era um jeito também de sair pela porta da frente, antes que eu fosse defenestrado, ou que acontecesse um...

Defenestrado em casa?

A gente chegou a situações um pouco limite aí, de discutir, de enfim, de as brigas chegarem à ameaça de morte entendeu? E aí...

Eu lembro disso, de a gente conversar disso na faculdade.

Então assim... e aí o jeito planejado de fazer as coisas ... não sei de onde eu tirei mas saía, né? E aí eu pensava muito em... Aí eu me informava pelos manuais, pelas revistas também, buscava informações onde tinha. Eu fui fazer orientação lá e também trazia essas informações também para a faculdade no Instituto de Psicologia, no serviço de orientação... Mas eu assim, era meio árduo assim, ia buscando em vários lugares diferentes assim, e eu achava que era importante, com fontes diferentes assim, mas eu sabia que não adiantava quaisquer fontes. Precisava fazer um caminho assim, pessoas que trazem trajetórias, caminhos, filhos, tal... Por exemplo, o Cursinho Popular, não eu entrei lá achando que iria encontrar gente com trajetórias parecidas com as minhas, eu não sabia disso, eu achei que era um cursinho mais barato e “Vamos embora!” E um cursinho bom, dava para tentar mesmo, fazer o exame da USP, uma faculdade pública. Eu não pensava exatamente em USP nessa época.

Pensava em quê?

Fazer uma boa pública e estava pensando em fazer fora de São Paulo.

E aí matava dois coelhos com um, cavadada só.

Exatamente. Exatamente. Lá é que eu fui vendo um pouco: “Nossa, quanta gente, assim, né?” Com dificuldade de estudar, pobre, encrenca na família, interessante, vamos conversando... Como é que cada um está resolvendo esses pepinos?

Eu não estou tão sozinho assim.

É. E aí a gente conseguia fazer cultura né, fazer festa. Era louco isso, era bom... a gente conseguia se entrosar... Havia também outras perspectivas né? Não era só essa, mas é interessante é que essa estava lá presente também. O que eu não conseguia ver, por exemplo, no ensino técnico. O ensino técnico era casta de, de gente da classe média que já tinha uma condição, os pais eram técnicos, engenheiros e estavam lá, e havia os... inseridos socialmente.

Você era desse grupo.

É, só que eu vivi “desinserido”, porque eu não consegui... Nem academicamente... Academicamente até diria que sim, acho que eram inclusive que os resultados acadêmicos que não foram ruins. Os resultados profissionais não foram... eu não logrei. E os resultados sociais foram relativos... Havia lá um grupo próximo com o qual eu tentava me identificar, hoje muito querido para mim, importante. Às vezes agente briga, mas a gente volta a falar, são referências muito fortes, mas... não passa disso. Havia, eu senti um... choque... de classe. Hoje eu chamo choque de classes, na época eu não tinha essa noção. Eu achava que era porque eu era errado, porque eu tinha algum defeito, alguma coisa assim. Porque eu sou um idiota, eu pensei isso. É porque eu sou pobre, negro... mas eu achava que eu é que estava errado. Isso me marcou muito, aquela época, era meio... difícil ir para a escola. Eu lembro que no final eu não tava muito a fim de ir para escola, eu ia para a escola... para ver uma moça. Para vê-la, era uma moça que eu achava linda, uma moça morena de cabelo liso. Eu ficava admirando, assim, eu adorava, ela entrava na escola e saía da escola... Eu nem queria chegar perto dela para não arranjar encrenca, não era para o meu bico, entendeu? Então o negócio lá era assim: passar a bola, passar com manteiga, zapt... Encerrava, entregava e volta. E aí... agora aproveitar esse investimento acadêmico, que eu acho que fez muita diferença, no cursinho... Eu achei que foi mais rápido pegar o ritmo do que alguns colegas. Então já tava assim com um pouco essa traquinagem, de estudar.

A experiência do ensino médio te serviu de suporte para fazer...

Eu acho que o ensino médio turbinou, me deu uma rotina de disciplina que eu já tinha um pouco do primeiro grau, só que ela era um pouco dispersa. Eu não era tão exigido, a perspectiva não era essa... Nossos professores, eu lembro que os professores falavam, eu lembro que os professores no final do curso perguntavam: “O que é que vocês vão fazer?”, e ninguém falava quase nada, ninguém sabia direito... E aí os professores investiam naqueles que falavam alguma coisa. Tentavam... davam algum suporte, mas eles sabiam também que com aquela escolarização não dava para ficar escolhendo muito...

Era limitado...

É, mas estavam tentando pelo menos evitar que uma nova geração de estudantes já aparecesse logo dois anos depois do ensino, da oitava série... Já começasse uma nova geração assim, a ir na creche, dos filhos dos alunos, né? E que em muitos casos acontecia mesmo, muitos colegas casaram, muitas amigas casaram... Ou não casaram e tiveram filhos... E aí vai. Esse era um caminho, eu tentei outro caminho. Respeito, sabe...

Muitas vezes isso nem é uma escolha de caminho. Ter filhos logo de cara, assim. A minha experiência na escola, eu vi algumas colegas, não forma tantas assim, mas algumas colegas... engravidaram pelo meio do caminho e pararam, né, e depois voltaram. Não foi bem, não uma escolha de caminho, assim, tipo “Ah, vou largar e depois...”

É o caminho já esperado. Não se sabe bem, não tem muita perspectiva do que vai fazer depois, então você já está inserido no mundo adulto. Eu acho que nesse caso, por isso ser dado como um erro do pai ou um pouco, mas mesmo nesse caso eu que saí para estudar fora, eu me sentia meio culpado porque eu não convivia com os amigos mais aqui do bairro. Eu que estava errado, fazer o caminho... Eu que estava saindo do grupo.

Que grupo? Como é que você lidava com isso?

Olha, eu de vez em quando voltava, eu tentava dar uma passeada e falar meio que com algumas pessoas. Mas aí houve uma dispersão, o grupo também não era um grupo coeso, as pessoas iam mudando, saíam daqui, trabalhava, ficava um pouco aqui. Eu sentia que eu é que era diferente, mas eu acho que talvez... havia uma dispersão, houve uma dispersão da turma do primeiro grau. Então mesmo quando eu voltava, não estava todo mundo como era antes. Alguns estavam, outros não... Tinha gente que tinha morrido, tinha gente que tinha ido parar na FEBEM... Já tinha gente em cana... Então assim, o meu colega foi o primeiro que entrou na faculdade, esse que me ajudou a fazer o projeto do cursinho, e logo em seguida eu entrei, mas eu não sei exatamente se outros entraram ou não, mas alguns entraram no trabalho, entendeu? Mas as trajetórias foram muito diversas daí. O que nós temos em comum é aquele passado, eu acho. Aí não dava para tentar encontrar... Daí eu me sentia um pouco mal, sentia como se tivesse abandonando, renegando. Aí no técnico, aí já é um pouco diferente, aí eu reneguei a escola. Eu fiquei muito tempo meio “bodeado” com a escola, assim. Até

quando a escola foi meio fechada, falida, eu lembro de ter falado: “Junta esse pessoal fora, a escola não...” Eu ajudava, assim, eu nunca fui lá, mas eu só não atrapalhava, sabe? Porque a minha vontade era botar fogo, explodir... Eu preciso defender a escola pública, não ficar defendendo escola da classe média da zona norte. Tem que ter interesse público, os caras falam que formaram não sei quem lá, mas na verdade eles faziam um curso técnico profissional para a alienação das pessoas. Pra gente não pensar nas nossas diferenças... Vou ficar defendendo isso? Isso já era na faculdade porque eu já tava começando a dar nome para algumas coisas, eu estava achando bárbaro, eu achava que aquilo conseguia... que aquilo não era um mal estar somente, tinha nome. Podia ter um nome. Podia não ser o melhor nome, mas eu podia falar aquele nome. Isso até incomodava alguns amigos daí do... do ensino técnico porque... É como se eu fosse um ingrato. E eu falava “Olha, não é que seja ingrato, mas algumas coisas eu não podia falar lá, você sabe disso, e agora eu estou descobrindo palavras para falar...” Acho que eu me reconciliei um pouco com isso... Mas me reconciliei em parte, também.

Daniel, quando você decidiu pelo Cursinho Popular, você estava acabando o quarto ano do ensino técnico?

É, eu fui buscando informações, eu não lembro se eu tinha decidido já ou não, mas eu lembro que na volta para casa eu pegava dois ônibus, onde vinham para a mesma região, vinham outros dois colegas, então a gente voltava falando de vários assuntos, de política, de cultura da escola, e tal... Eram sujeitos até que difíceis, assim, eu tinha um colega que trabalhava na SABESP, uma família oriental, eu tinha um colega que era um dos bonitões da escola, não precisava nem falar o nome para as meninas pegarem... Só que um cara doce pra caramba, batia uma bola com a gente, simpático e tal e eu me sentia meio... Um pouco fora, meio perdidão. E a gente voltava falando, só que a gente tinha um grande diálogo entre nós, independente dessas diferenças, né? Até em função da experiência que a gente tinha na escola. E uma das coisas que a gente começou a falar foi sobre o que a gente ia fazer depois e foram pintando essas coisas, porque eles pensavam em fazer cursinho. Tanto é que um deles, aliás, acho que os dois foram fazer, só que eles queriam fazer o Anglo mesmo, essas coisas e tal... Acho que eles achavam que com essa coisa da grana, acho que eles sabiam que tinham grana e também eles não passariam no Cursinho Popular. Mas aí a dica ficou e eu usei.

Como é que foi a repercussão na tua casa, com os teus amigos quando você decidiu fazer o cursinho?

Então, fazer o cursinho, essas coisas eu não conversava muito em casa. Não era... a minha mãe ficava sabendo e tal. Porque eu já tava meio pagando essas coisas.

Mas não tinha nenhuma expectativa disso, não tinha nenhum... apoio ou rejeição?

Mas de novo apareceu essa coisa do Cursinho Popular: “O meu filho vai fazer o Cursinho Popular”. Isso eu nem sabia, que tinha prestígio. Que daí aquela coisa de distinção: “Nossa ele passou no Cursinho Popular!”

Que é difícil...

Super difícil, deve ser um gênio! Ai, que merda, cara... Mas era isso. Essa era a impressão que dava. Daí por diante não tinha mais que conversar disso, porque já sabia. Dava a impressão de que era uma coisa boa. Isso não começou aí nem terminou aí. Não começou aí porque também, só depois que eu fiz o colégio técnico é que foram saber o que é que era o colégio técnico, essas coisas: “Então, eu quero fazer o colégio técnico, pagar a inscrição, senão eu vou ver um outro jeito, vou estudar, senão eu vou tentar ver onde eu faço matrícula, que eu queria uma escola boa no ensino médio”. Que eu tinha essa perspectiva de continuar estudando. Agora, não terminou aí porque, por exemplo, quando eu passei no vestibular, acho que foi só depois que eu entrei na faculdade que o meu pai ficou sabendo que eu faria Psicologia. Acho que meses depois... Não era uma coisa que estava... Não era referência, o que eu escolhi não era uma referência. Acho que fica bem claro que era uma diferença bem grande no relacionamento que eu tenho com a minha mãe e com o meu pai. Com a minha mãe eu acho que eu até conversava. Mas ela... para ela, tudo encantador. Se eu fosse fazer medicina, biblioteconomia, terapia corporal, o importante, é legal fazer isso, é meu filho também, ela... Meu pai não tinha diálogo, meu pai, eu tava querendo sair de casa por causa disso, por causa encrencas que davam aqui, então eu não tinha vontade também de ficar discutindo isso com ele... Então, as conversas eram com os meus amigos mais próximos, buscar informações nas revistas, ficava ligado quando tinha alguma coisa na televisão e quando eu entrei no Cursinho Popular eu achei bárbaro! Porque aí tinham os professores do Cursinho Popular, eu achava... Aí sim, ali era um encontro, eu tinha os pares, com umas histórias

muito parecidas, e tinha os professores, a trajetória dos professores, eu achava muito bacana, trajetórias assim... Pessoas também, alguns eram pessoas mais abastadas e outros eram pessoas que tinham vindo de classe pobre também. Então ali tinha uma diversidade possível e assim de trajetórias em que eu podia me espelhar, porque tinha uma confluência comum que era o interesse por causas sociais.

Você estava falando da diversidade no cursinho, que você podia se espelhar nos professores...

É, porque eles tinham vidas profissionais também, não eram só... Alguns, suas profissões eram de professor só, outros trabalhavam em fábrica, trabalhavam em escritório, trabalhavam em locais de pesquisas, institutos de pesquisa, então havia... Muitas formas, muitas trajetórias possíveis ali. Então... Eu achei um momento enriquecedor, foi um momento de muito crescimento, de tomada de consciência de várias coisas e... de adensamento de um plano de vida.

Adensamento?

Adensamento, por que a gente teve...

Dava uma melhora no esboço...

É, exatamente, tinha mais colorido, assim.

Entendi. Como é que foram seus primeiros dias lá no cursinho, você lembra?

Se eu lembro? Era uma apresentação dos espaços né, alguns professores iam sendo apresentados, eu acho que não foram não todos de uma vez... Tem a primeira semana de aula, que é tudo meio assim, uma apresentação do programa, uma revisão, comentários, assim, muita coisa... Tinha uma coisa no cursinho é interessante, que é bacana, assim, que eu até fico um pouco... mais preocupado, eu acho que o que se faz hoje é um pouco diferente e bem pior. É que essa troca de experiência, os professores trocavam suas experiências... Então, se aproximavam: “Ó, aconteceu isso comigo, você pode passar por isso, pode acontecer isso, pode acontecer aquilo, mas tem isso, tem isso, aproveita o caminho, o cursinho, faça isso, leia, saia...”. Muito assim, eles relatavam as histórias para a gente. Isso desde o começo, então para além do formal, tem a regra, tem o pagamento, tem a apostila, tem isso. Então eles contavam histórias enquanto iam ensinando, as próprias histórias inclusive... Eu aposto que algumas... inventadas, pelo jeito. Mas ainda era diferente disso daí do professor

espetaculoso, o professor que dá um espetáculo na aula. Eu vi inclusive outro dia as aulas no You Tube, aulas do professor do Cursinho Popular. Vergonhoso, “a dança do apagador”. Mesmo o cara para dominar uma sala de duzentos alunos nas condições que ele tem, pelo jeito acho que teve que ter feito curso, porque... Um moleque, que trajetória que ele tem? Isso enfim é outra história... Mas assim, é bem diferente. Os professores não estavam fazendo espetáculo propriamente, até um ou outro queria, mas não era bem isso, assim. Pegava muito nessa coisa de relatar as histórias, contar... “Não, mas hoje”... Às vezes era uma história mais centrada na universidade, e às vezes era uma história, meio... da festa que foi e aí encontrou não sei quem... e aconteceu uma coisa lá... Era um pouco distração e ao mesmo tempo ia criando uma paisagem para o que a gente estava fazendo, eu acho.

Era uma paisagem humana... e não formal.

Então, quer dizer é... “é, festa, universitário vai pra festa, cara! Nossa, não fica só estudando!”

Ele dá uma densidade não só para o teu projeto, mas também para a vida universitária e vida profissional, né? Eram pessoas com...

É. “Eu trabalhei numa multinacional, tal, mas... Olha, eles exploravam os empregados mesmo cara, era isso o que a gente fazia!”. Nossa, ninguém tinha falado assim, tão explicitamente que era isso que vocês faziam. Então, era isso? “É. Aí eu desencanei. Demorou, fiquei sem grana uma época, mas aí eu consegui... mudar de profissão, agora estou sendo professor. Está dando agora, até consegui dar aula no Cursinho Popular, tal.” Vai te contando umas coisas assim, não uma história exatamente como essa, mas estou me mirando em uma história parecida de um dos professores. Não me lembro exatamente alguma que alguém contou, mas algumas eram histórias, eram histórias que vinham lá dar aula para a gente. A gente vinha, receber aula do professor de física, o cara, ele era... era uma história mais que humana para a gente, sabe, dava vontade de ser como ele, isso, isso...

Isso é bem diferente da escola.

E vários, né? Havia também as traquinagens no cursinho, mas é...

Um boicotar a história do outro, né?

É, essas coisas. Pareciam na verdade alunos... E a gente cheio de coisas, cheio de perguntas, cheio de questões para tentar... responder, já não éramos mais crianças, já tínhamos tentado bolar um

plano com as nossas próprias pernas, com nossos próprios passos, né? Então, eu achava muito bacana isso, assim. E essas apresentações aconteciam com o pessoal desde o começo... Às vezes nem havia aula direito, alguns professores nem davam aula, eles ficavam só contando histórias e dando dicas. Eu não estou lembrado de muitas coisas, assim eram mais coisas formais de pagamento...

Como é que foi a rotina de fazer cursinho?

Logo no começo das aulas, eu percebi que ia ser meio difícil de conciliar com o trabalho da papelaria. E eu decidi sair da papelaria, porque estava sendo difícil de chegar no horário também assim, não tinha perspectiva de melhorar no trabalho, sabe lá quando tinha oportunidade de... Ou mudar de cargo ou mudar de horário, o salário não era tão bom assim... E aí eu desisti e fui ficar só com o curso, porque nas primeiras provas fui vendo que assim: eu estava bem aquém, então eu não iria conseguir não, eu não iria conseguir ir muito longe, então eu pensei em fazer assim... Em investir mais, intensivamente naquele ano, só que eu calculei que o dinheiro iria dar por mais tempo, é verdade. E não deu, eu interrompi esse programa no meio do ano. Mas aí é o que é que eu fazia, eu... eu dava um boizinho aqui em casa, dava uma arrumada na parte da manhã, estudava aqui, uma boa parte do ano foi isso. Estudar aqui, aí eu ia mais cedo para o cursinho né, estudava uma coisa lá com o grupo de estudos e ficava para o plantão de dúvidas. Então uma boa parte do ano eu fiz assim. Não vou dizer que era cem por cento, porque não era mesmo, mas a rotina mais comum foi essa, de alguns momentos eu... Teve semana que eu não estudei nada, eu estava organizando alguma coisa, resolvendo alguma coisa, eu tava... Quando, por exemplo, no segundo semestre eu passei a trabalhar no cursinho, alguns dias por semana eu trabalhava lá e depois do almoço eu já ficava por lá ou de manhã, fazia parte do trabalho e a tarde eu ficava estudando, criava uma certa rotina de estudar, matérias relacionadas com a aula à noite, eu estudava à noite.

Você fez o noturno.

O noturno. Então assim, eu fiz sem grana, eu fiz sem grana, mas eu acho que talvez foi o ano que eu mais passei, mais fui para centro cultural, rodei teatros, que essa coisa de ir em teatros, eu não fazia... Porque eu fazia coisas gratuitas. Eu aproveitava bem essa vida cultural...

Esses espaços gratuitos da cidade...

E eu estava andando com pessoas que faziam essas coisas, porque, por exemplo, no ensino técnico as pessoas iam para o Reggae Night, iam para o Ilha de Capri, iam para não sei o quê, essas baladas que cada noite custava uma fortuna, meio salário mínimo...

E no cursinho você encontrou essas pessoas que conheciam esses caminhos culturais gratuitos na cidade que você não conhecia.

Não conhecia direito ou não tinha com quem ir também.

Os próprios alunos? Ou os professores?

Professor também, dando dica, “Ó, no final de semana tem uma, Centro Cultural São Paulo.” Centro Cultural São Paulo eu acho que eu não lembro de ter ido nessa época, mas sei lá: “Ah, quem vai na apresentação de não sei de quem lá na Paulista? Vai ser lá.” Aí eu ficava pensando “Porque não? porque não?” Aí quando eu via já tava lá, já, ligávamos uns para os outros, trocávamos... Eu lembro de uma coisa que foi muito bacana naquele ano que assim, tinha aquela coisa da literatura para o vestibular e apresentaram para a gente um conjunto de resumos e de livros, que podiam ser lidos, de orientações para a redação e tudo mais, eram quatro livros. Quem disse que eu tinha dinheiro para comprar aqueles quatro livros? Eu não tinha grana. Mas aí, não sei quem foi que deu a idéia, uma galera, a gente nem se conhecia direito, estávamos sentados mais ou menos próximos, a gente resolveu comprar em conjunto, a gente fez um revezamento de livro. Quatro pessoas compraram, cada pessoa comprou um livro, agente combinou que cada um iria ficar um mês, um mês e pouquinho... Cara, eu achei sensacional, todo mundo pôde ler os quatro livros, até acho que eu tenho, um livro ficou comigo. Aquela sensação foi tão boa cara de agente conseguir colaborar um com o outro, porque cada um sozinho não compraria os quatro, não poderia lê-los daí e seria... E a gente provavelmente deu outra solução. Aí eu não lembro se fui eu que dei o cheque, acho que eu já tinha cheque na época, mas aí, enfim, alguma coisa a gente fez lá...

Conseguiram fazer o arranjo para todo mundo ler.

É. Exatamente. Foi chave, porque essas coisas foram importantes para a gente estudar desde o começo do ano, não ficar tudo para o final do ano. Então, teríamos aquele livro, não é como a biblioteca, que seriam quinze dias e depois tinha que devolver. Aquele lá a gente podia até emprestar

para outros colegas. Eu achava essas coisas magníficas, é esse tipo de coisa que eu gostaria de fazer, eu me sinto bem fazendo, dá tesão, dá vontade de continuar aqui. Eu tinha acho que começado a viver um pouco no primeiro grau, mas perdi, e não tinha muita perspectiva e no ensino técnico era outra história, outra pegada... E aí no cursinho foi uma, aquelas metáforas da biologia, foi uma catalisação sabe? Uma aceleração de processos intensamente, de vários processos ao mesmo tempo.

Um lugar muito vivo né?

Muito vivo. Muito vivo mesmo, intensamente vivo.

Você já falou que sentiu muita diferença das aulas do cursinho para as aulas que você tinha né, na escola?

Na escola técnica ou na escola?

Nas duas.

Na época eu achava que era por causa dos professores, só eles eram um máximo. Eles eram bons, aquela história, escola tradicional, escola pública, motivado. Depois eu fui ver logo em seguida, lá no final do ano, já estava percebendo um pouco mais essa coisa da política educacional, e eu comecei a perceber uma outra coisa que era importante: se juntava a flor da nata... dos estudantes da escola pública ou dos bolsistas, ou senão a gente pelo menos tinha a predisposição a querer aquilo, a gente desejava aquilo, então...

Você está falando do cursinho?

É. Os professores, eles tinham uma... eles tinham a faca e o queijo na mão para desenvolver um processo com a gente. Diferente de ficar dois terços, quase noventa por cento da turma desmotivada a querer aquilo. Tanto que eu lembro...

Tinha muito pique para estudar, né?

Cara, havia umas aulas de redação, no final do ano, houve os famosos cursos do Chacon, de redação, isso até custava uma fortuna para o cursinho, e tal... Então, ele iria falar sobre os livros do vestibular. Ele ia num domingo, à tarde e ficava até o começo da noite. Era... Era um mar de gente, ficava uma sala lotada, a gente levava um lanche, dividia um com o outro, comprava, ficava todo

mundo apinhado, gente na porta, tinha gente de pé, agente fazia revezamento de cadeira... Isso tem muito sentido e aquilo fazia muita diferença para a coisa rolar, os alunos estavam querendo aquilo.

Tinha uma fome ali.

Tinha. Aquilo era um banquete para a gente. Então, essa diferença não era só dos professores, não era só do que era oferecido, era do que era buscado também. Por isso, inclusive, o desafio da escola, de formação, da escola básica é grande, porque... Quando se fala em formar para a vida, têm muitas questões envolvidas e a escola fica com um monte de questões a resolver. Lá não, tinha uma coisa até meio pragmática, estava todo mundo a fim de vestibular, de fazer uma boa prova, de entrar numa boa faculdade. É parte da vida, funcionava, não digo que não funcionava, só que havia um alinhamento ideológico forte.

Servia de pano de fundo ou... de escopo para acontecer.

Eu fiquei maravilhado cara por volta do meio do ano, as coisas acontecendo. É possível, né... É possível. Mas tinha um pouco desse discurso de que “Coitado, o problema é que a escola não oferece recursos e tal... Mas... Se as escolas fossem como o cursinho...” Mas depois de um tempo, um pouco no final do cursinho, início da faculdade, deu para perceber que a escola não tem, não pode e não deve ser como o cursinho. Esse que é o problema. A escola tem problemas próprios dela, da formação básica na sociedade, na diversidade complexa da vida. O cursinho entra quase como uma corrente de transmissão de um sistema de reprodução do modelo. Bom, eu não sabia, mas eu estava evoluindo. Hoje eu sei que eu acabei evoluindo. Eu posso alterar ou mal ou bem um pouquinho ali um pouquinho aqui, mas eu entrei naquele sistema. Em compensação, quando eu estava no sistema do colégio técnico eu tava em um sistema que eu não conseguia reproduzir, eu não queria reproduzir, eu não estava entendendo nada... Eu posso ter entrado nas estatísticas do insucesso da escola. Dos caras que não entraram no mercado de trabalho do ensino técnico.

Do ensino técnico. E do Cursinho?

Em tese eu entrei no grupo do sucesso, porque eu acabei passando no vestibular, Porque tem uma coisa: a avaliação do cursinho, se ele é bom ou ruim pragmaticamente é dada pelo índice de aprovação nas universidades públicas. O que depois me fez sempre ficar ligado na preocupação de o

que é que as pessoas que não passam no vestibular também, o que elas aproveitam do cursinho. Aí que eu acho que, uma hipótese minha parcialmente comprovada com os colegas que eu conheci e continuei convivendo depois que não passaram no vestibular. É que como tem tanta coisa intensamente lá, então várias coisas ficam, então se não vai para o vestibular, mas de repente dá um... Acaba posteriormente conseguindo para se prestar um concurso, fazer um concurso e passar, ou trabalhar... Melhorar a condição de trabalho onde estava, ou circular culturalmente melhor na cidade, aproveitar melhor os recursos da cidade. São co-resultados para mim. Eu acho até que esses são os resultados mais próximos do que se esperaria da escola mesmo, porque a escola também não estava dando conta. Fica meio perdida se ela reproduz para o vestibular ou se ela forma para a vida. Enfim, ela não consegue fazer nem uma coisa nem outra.

Pública, não?

Às vezes... Aí é que está. E também porque essas dinamizações sempre são muito complicadas, porque algumas fazem e fazem muito bem. E aí a gente generaliza por uma parte e acaba ocultando uma boa parte delas. Até porque, por exemplo, as escolas técnicas, boa parte delas são escolas públicas. As ETEs. Havia vários colegas no Cursinho Popular que tinham saído de escolas técnicas. Tem a Federal...

No cursinho tinha também muita gente que veio de escola técnica.

Tanto é que a própria USP, mostrou uma época aí, o maior índice de aprovação dela é da Escola Federal. Ou seja: escola pública, bem feita, que ela mesma consegue reproduzir o sistema, não precisa de outras coisas. Mas ainda tem essa questão, já está norteado, orientada para a profissionalização. Onde é que estão os problemas, onde é que ficam as obstruções, esse curso é para alguns? Pode ser para vários? Essas são discussões que eu acho que a educação tem que passar e... não se resolve acho que de uma vez por todas, mas ela precisa passar.

Você lembra o material didático? Era muito diferente da escola? Como é que era o material?

Era bem diferente da escola, por que ele já era... Ele era organizado numa sequência de estudos... com a finalidade clara de preparar para a prova do vestibular. Tinha um começo, um meio e um fim. E revisão. E assim: acho que era uma coisa que, um pouco da herança do ensino técnico que

ficou mais evidente no cursinho: aula dada é ponto passado. Se você faltou, você vai atrás porque a próxima aula já vai contar... Tem uma coisa progressiva. Uma depende da outra, então se você estiver embananado lá nos cálculos X de química, você não conseguiria fazer os balanceamentos. Você precisa... Ele é organizado desse jeito. O exame pode até não ser assim, o exame pode é pontual: ou só quero cálculo ou balanceamento. Só que o balanceamento prevê o cálculo, embora o cálculo não preveja o balanceamento, mas é você que tem que saber isso na hora. Quer dizer, está formando dentro de um esquema pragmático. Eu acho que era muito diferente do material didático da escola nesse sentido, porque o material de escola era muito diverso, havia coisas completamente modernas e coisas completamente antiquadas, muitas cartilhas, até mesmo geografia humana baseados no Marx. E nada ficava na época claro. A gente ficava... tudo impreciso. Acho que no ensino médio ficou mais claro, pois havia a diferença de materiais mais isso e menos aquilo. Agora, no cursinho, era um material pragmaticamente organizado, numa orientação linear de estudos com começo, meio e fim... E tempo para a revisão, ao afinal, com revisões a aprofundamentos, pensando a perspectiva da prova, que iria culminar na prova. Mas para mim isso colaborou, contribuiu, porque eu economizei tempo de me organizar para me aplicar e discutir os conteúdos. Eu me apoiei mesmo, como referência, até um ponto que eu me senti seguro para estudar outras coisas paralelamente, para comparar, para contradizer... E era um material comprado, em geral, pelo menos essa foi a informação que chegou a nós é que era um material comprado do Anglo, e isso era pago, a gente inclusive fazia parte dos cadastros do Anglo, saíam inclusive os nossos mapeamentos, entre eles lá no Anglo, também, tinha época de disputa para ver quem estava melhorando, haviam os boletinzinhos para dizer se eles estavam melhorando em relação a nós, se a gente estava melhorando de acordo com a média geral, conforme passava também saía nas listas do Anglo, como se tava no Anglo. Então havia muita diferença, sim. Agora em termos de conteúdo, acho que não era um material... Eu não acho que era um material ruim não, acho que era um material razoável, não tinha perspectiva de ser um livro paradidático, um livro que fosse problematizar algumas coisas e tal. Em alguns momentos ele criticava, tem isso, tem aquilo outro, tal. Muitas vezes os professores montavam material para a gente,

mas não dava muito tempo para ficar parando. Então assim: se quisesse se aprofundar, se aprofundava, só não poderia perder o passo.

A problematização ficava como sugestão, né?

É, mas eles sempre recomendavam. E o que eu fazia... Quando eu consegui pegar o ritmo de estudos, em algumas matérias, principalmente aquelas matérias em que eu precisava dar uma melhorada, ou naquelas que eu achava que eu podia dar uma compensada maior, eu não pegava só uma fonte, eu pegava duas ou três, ou a apostila e dois, três livros diferentes, aproveitava para estudar o mesmo ponto. Biologia eu fazia muito isso.

Você pegava outros materiais didáticos...

Para ver o que eles falavam sobre aquele mesmo ponto. E tinha que ser rápido. Porque a próxima aula estava na porta.

O tempo inteiro era urgente... Você encontrou dificuldade nas aulas? Como é que você fazia, para aprender? No que você tinha dúvidas e como você fazia...

Algumas disciplinas eu tinha um pouco mais de facilidade, eu sentia isso, de pegar mais facilmente questões de história, de geografia. Língua Portuguesa, a parte de gramática era muito difícil, mas tava começando a gostar da parte de literatura... Redação eu gostava até, mas eu não era muito bom. Eu achava assim: algumas aulas que eram mais soltas, mais conversadas... Tinha as aulas de português, eram muitas dicas e tal e não rolava um pouco, eu não entendia bem a linha de organização didática deles, era uma coisa bem carismática, que pegava, a gente sabia, “Não, aqui a gente escreveu com crase, olha Simão escreveu aqui, olha como se escreve gente!”. Ele dava aula de um jeito mais solto, eu tinha um pouquinho mais de dificuldade de pegar o todo, eu pegava coisas muito pequenas, eu gostava dos professores que davam o panorama, daí eu ia pegando as coisas pequenas, os detalhes. Havia química, biologia, física, que eram disciplinas que eu tinha aprendido de forma incipiente no colegial técnico e no fundamental, bem complicado. Tinha matemática que eu tinha o calcanhar de Aquiles, né? Era aquela história: trabalhando eu dava conta, mas captar assim de pronto, não rolava. Eu sentia muita dificuldade com inglês, desde sempre, não entendia direito, então lá no cursinho, eu também não consegui acompanhar. Com inglês foi... O inglês era danado.

Dificuldade total, foi uma coisa que o resultado era pífio em função ao empenho que eu aplicava... Então levou alguns meses, não muito, uns dois três, para eu sacar o que é que era que eu já estava com mais facilidade mesmo e o que é que eu ia precisar de um empenho maior, o que é que dava mais retorno, de um empenho que eu aplicava. Consegui superar minhas dificuldades com biologia, que eu tive muito pouco no ensino médio, muito pouco no primário, muito pouco no primeiro grau e muito pouco na escola técnica... mas o pouco que eu tive, por exemplo, no ensino médio, foi muito bem dado. O pouco que eu tive. Então assim, foi uma matéria que me ajudou muito, que eu tinha um desempenho muito ruim e cheguei no final do ano com um desempenho muito bom. E os professores eram professores que conseguiam dar esse todo e eu pegava os detalhes, eu ia apresentar para eles e eu aproveitava o plantão de dúvidas... Porque eu investi muito em biologia, por conta de perceber que ela poderia me render bastante. Diferente por exemplo de geografia, história, que eu já tinha um desempenho razoável, não dava, o meu potencial de acréscimo era pequeno, então não chegava perto disso dali. Matemática eu era meio mediano, ia um pouco melhor, tal, mas biologia foi uma matéria crucial, assim, para eu passar no vestibular. Meu desempenho melhorou muito, e a equipe de professores de biologia tinha muito esse perfil de conseguir contextualizar bem, numa pluralidade, num conceito mais amplo e a gente conseguir explicitar as coisas no conceitual. Em todas as áreas. O que eu tava vendo que tava dando mais condições, que valia a pena eu me empenhar mais era na área de biologia, de literatura, português, matemática eu precisava ralar para conseguir manter uma boa média. E eu me apoiava muito em tentar discutir com os colegas, isso eu achava muito bacana na época, de resolver exercícios, tirar dúvidas... Fizemos amigos, né, a gente fazia amigos.

Então você teve muito uso do plantão dos professores para tirar as dúvidas?

Sim. Como eu disse, eu apostei tudo. De aproveitar muito, o máximo que eu agüentasse. Por exemplo literatura... Eu não tinha lido os livros, então tinha que ficar esperto. Gramática, por exemplo, eu não consegui. Eu não conseguia pegar nem o todo, nem as partes e ficava fragmentado. Redação era mais ou menos, eu acho que eu tinha dificuldades para formular as idéias. Faltavam palavras, e tal... Mas foi melhorando muito, foi melhorando bastante ao longo do ano e acho que chegou algum momento crucial para a segunda fase da FUVEST, que daí tinha os plantonistas, tinha um cara que

tava... Eu deixei para trabalhar melhor a redação mais para o final do ano, começo do ano seguinte, que era quando era... a segunda fase da FUVEST. Ai um rapaz da filosofia, ele me orientou, eu gostei muito das orientações dele. “Olhe e leia com tranquilidade o enunciado, leia o que você está escrevendo, releia, não tem problema... Não existe texto perfeito, mas existe texto bem feito. Feito bem. Às vezes, por fazer rapidamente, você até pode fazer um bom texto, mas você não faz um texto conforme o que é pedido”. Isso foi me tirando algumas amarras, me aliviou bastante, o cara: “Então calma aí, espera aí, não precisa ficar enrolando, enchendo lingüiça, vou falar melhor o que eu souber.” E a coisa foi rolando, melhorou um pouco a redação no final do ano, começo do ano seguinte, graças às orientações. Mas eu estava bem preocupado com o português, que não foi, não conseguia melhorar muito, mesmo com o estudo eu não conseguia melhorar muito.

Você lembra quando foi que você decidiu pelo Cursinho Popular? Você lembra como aconteceu?

Quando eu decidi pelo Cursinho Popular? Não sei... Assim, eu... a situação não era de ter muitas opções, eu acho que eu fiz meio que um plano. O caminho era, o caminho que eu estava planejando passava pelo Cursinho Popular, eu nem conhecia direito outros. O que eu conhecia era etapa, anglo, coisas assim E... eu avalei que na condição que eu estava do dinheiro, e tal, era inviável. Então eu meio que apostei as fichas no Cursinho Popular. Se eu não passasse, eu pensava em tentar... Eu até... Já tinha ensaiado, procurar aquelas opções de bolsa, e tal, trabalhar... Eu não conhecia muito o cotidiano dessas instituições, mas eu já tinha ouvido falar das possibilidades desse tipo, mas não conhecia alguém exatamente que tivesse feito, então não sabia como eram as condições, né. Só mesmo assim, depois, ao longo do cursinho é que eu fiquei sabendo de gente até que tinha passado na condição de bolsista, por trabalhar lá e tal, e isso acabou até sendo importante no ano seguinte, porque se eu não tivesse passado no vestibular eu ia... Não sei se eu voltaria para o cursinho... Eu achava importante buscar mais informações de outras instituições também, não fazer tudo igual de novo. Mas aí eu já tinha essas informações, um pouco os canais, quem procurar... em que época... Mas decidir pelo cursinho... Meio acho que essa decisão foi sendo configurada, fazia arte de um plano, assim. Não era cursinho ou outro. Era: o plano passava pelo Cursinho Popular. Era também... Estrategicamente

menos distante de onde eu morava. Havia até... Tinha bastante tempo que tinha um cursinho, que era até mais ou menos na região, um tal de “Desafio”. Mas eu sabia que era um cursinho mais convencional e... Tinha que passar por um processo de bolsa, aprova e tal... Eu já tentava economizar energia para as coisas que realmente importavam. Se fosse para ralar, era melhor ralar para a faculdade, e não ralar para um cursinho. Eu não sei... Em termos de decisão, essa não foi uma decisão acho que específica, não. Foi sendo já articulada com um caminho.

E o que você esperava do cursinho?

Esperava encontrar um lugar em que eu pudesse avançar na preparação para o vestibular. O que eu conhecia, antes de entrar, é que era um espaço que tinha uma... Que já estava tendo uma tradição de qualidade de ensino, de preparação, principalmente para o pessoal de baixa renda.

E qual foi a repercussão dessa decisão entre os seus familiares, amigos e... Colegas de escola, ou de trabalho?

Isso retoma uma informação, retoma um assunto que eu já até relatei para você, que era algo que me abria portas, mas que foi meio surpreendente, assim. Eu achava surpreendentes os comentários que eram feitos, entendeu? De que era muito difícil entrar num cursinho, era... Aquela coisa de que tem que ser muito inteligente para entrar. Era algo que me facilitava por que acho que me valorizava um pouco, valorizava o meu esforço, mas eu sentia um peso meio grande... De dar conta daquela expectativa. Quer dizer, grande coisa ter entrado no cursinho, eu não tinha grana nem pra ir para o cursinho. Era uma situação contraditória, sabe? De se viver isso, de ter acesso a essa dimensão da sociedade: tudo isso, porque eu continuo na merda? Um pouco isso, assim, eu ouvia comentários... Eu acho que os comentários que os meus pais fizeram, por exemplo, era muito mais em cima das informações que outras pessoas davam pra eles, e daí eles formavam a opinião deles, por que eles em si não tinham... A gente nunca tinha discutido direito sobre isso, assim, a gente nunca tinha discutido. Era um mundo...

Um mundo à parte?

Um mundo à parte. O que algumas vezes a gente conversava em família, e conversava num tom bastante incômodo, que a meu ver não era uma conversa, era em relação a trabalhar mesmo... Isso

desde antes do cursinho, desde a adolescência, desde o início da adolescência, de se situar, de ter trabalho, de ter renda... É isso.

A questão era ter uma ocupação...

Não, não era ter uma ocupação, era ter dinheiro. Era trabalhar e ter dinheiro. Era trabalhar e ter emprego.

E o estudo não tem lugar...

Tinha na medida em que pudesse ajudar a ter trabalho e emprego. Aí eu acho que ficava mais aceitável... Até de uma certa forma foi o que eu fiz no ensino médio. Assim, eu tentei juntar o útil ao agradável, né. Eu queria estudar num lugar que fosse bacana, que depois eu não tivesse que ficar o resto da minha vida tentando recuperar. Eu acabei fazendo colegial técnico, bastante influenciado pelos professores da escola. Alguns professores da escola fundamental, onde eu fiz a oitava série.

Você lembra como foi o dia de chegar no cursinho para providenciar a matrícula? Ou a seleção? O que aconteceu?

Bom, são várias as perguntas. Sobre o primeiro dia... Matrícula, essas coisas. Eu estava contente porque eu acho que o plano estava avançando, entendeu? Eu estava encontrando um lugar em que eu achei que dava para... Bom, a partir do que eu estava imaginando... Um lugar que dava para eu me empenhar e tal. Agora, se houve seleção. Seleção houve, um processo comprido, uma avaliação de conhecimentos gerais, sucedida de uma lista de classificação para fazer uma prova, uma prova não, uma avaliação social e econômica, com o agendamento de uma entrevista para apresentar a minha situação sócio-econômica... que seria sucedida por uma outra lista. Que era a lista dos que teriam acesso à vaga imediatamente, a lista dos que iriam ficar na reserva, a lista dos que não... Enfim, a lista. Então houve um processo, um processo que levou acho que quase dois meses.

E como foi passar por esse processo para você?

Eu tava tentando me empenhar para conseguir, né? Eu não sabia direito o que era mais importante, se era a parte de conhecimentos gerais, ou se era a avaliação socioeconômica... Mas eu fiz, eu tentei, do jeito que eu sabia fazer, me preparar sozinho para a prova, não levar na flauta, era... sentar em algum lugar e ler e tentar fazer essas coisas. E depois circunstanciar bem o material da

avaliação econômica e social, levar os documentos... Nesse sentido, né? Era meio que... eu só tive idéia do que era a avaliação social e econômica depois que eu entrei na etapa de avaliação. Então, o que é que eram os documentos, o que é que não eram. Para isso não deu para eu me preparar, eu acho que nem era o propósito mesmo. Mas eu tive de preparar o material, e eu queria que fosse claro. Que eu não passasse, podia acontecer, mas que não fosse por faltar documento ou por inconsistência. Essa era a minha preocupação. E eu também não tinha noção clara assim, de que naquele contexto, se eu era uma pessoa que precisaria mais, ou que estaria precisando menos, eu não tinha essa noção. Não tinha claramente. E eu também não sabia qual era o critério de prioridade do cursinho exatamente. Como é que era essa tal da avaliação econômica e social. Faltam algumas coisas da sua pergunta...

O que aconteceu e como foi.

É, em geral, tanto na primeira quanto na segunda lista eu estava lá sozinho. A atenção para o pessoal foi solitária, a euforia de ter passado foi solitária, e eu acho que foi algo que marcou muitos momentos da minha vida. O que acabou acontecendo de novo na faculdade... Acho que só foi diferente na pós graduação, quando eu não estava sozinho.

Você fez amigos?

A nossa era uma causa comum que nos unia e não desunia, não é? Naquele momento nós não éramos exatamente concorrentes como era o que parecia e comumente se vendia principalmente na cultura que a gente ouvia falar de outros cursinhos. Ali pelo contrário, quem sabia mais de matemática ajudava quem sabia menos, quem sabia mais de história e geografia ajudava quem tava com mais dificuldade. Isso fortalecia o nosso interesse, acho que o meu interesse foi fortalecido por estudar lá, e fortalecia muito a preparação, mesmo, eu me sentia muito mais seguro.

Afetou sua segurança a preparação lá e o apoio dos amigos.

Isso, eu me sentia mais seguro nessas condições.

Na condição de fazer parte de um grupo que te apoiava e que você também apoiava.

É.

Era assim que você resolvia as suas dúvidas?

Sim. Tinha, alguma vez que a gente estudava em grupos de estudos, ou nas vezes que a gente estudava em grandes grupos havia também o apoio dos plantonistas, e tal. Os professores às vezes também vinham mais cedo, ou saíam mais tarde.

Durante o cursinho você precisava trabalhar? Você já falou um pouco disso, né, mas qual era a situação econômica da sua família? Em quantos vocês eram? Você precisava ajudar com dinheiro em casa.

Bom, eu vou fazer a resposta ao contrário. Olha, precisar... A minha impressão era de que sempre foi preciso, sempre continuará sendo preciso, porque essa era a lógica, né? Não é muito um plano, é entrar grana meio pela sobrevivência. Se vive pela sobrevivência, então precisa entrar grana. Eles precisavam bastante, assim, e eu não me sentia muito bem em não poder contribuir, então que pelo menos eu não desse mais despesas. Isso era uma meta. E eu acabei lidando com essa questão do trabalho de um jeito meio inusitado, que eu não esperava. Eu iniciei o cursinho enquanto trabalhava, eu estava iniciando também um trabalho também no comércio. Balconista de uma papelaria. Agora, lá eu estava vendo que o trabalho era exaustivo, ainda mais como homem, eu acabava tendo que entrar também no estoque, carregar coisa pra caramba e o plano que eu tinha de conseguir estudar estava ficando por água a baixo. Eu tava ficando muito cansado também e os horários estavam ficando meio esquisitos, de repente tinha uma coisa a mais para fazer, tinha que trabalhar num dia de sábado e no cursinho tinha umas aulas de sábado também que pareciam interessantes e eu estava vendo que a remuneração comparada com o custo de eu teria de perder esse ano do cursinho ou não conseguir fazer o que eu estava querendo logo eu achei que não valeria à pena, eu acabei saindo do trabalho segurei a grana que eu tinha para fazer alguma coisa que me ajudasse a conseguir um trabalho um pouco melhor ou que pagasse mais pelo menos e daí se fosse pagar mais e eu conseguisse um cursinho que eu pudesse pagar e o cursinho fosse bom, eu perderia o convívio mas daí eu teria uma relação instrumental mesmo, assim, com o outro. Só que no fim das contas eu acabei sobrevivendo por uns meses sem trabalhar fora então foi uma ocasião em que eu me dediquei quase integralmente ao cursinho, e de repente pintou uma idéia, talvez até em função desse mergulho no cursinho de trabalhar com as informações e eu acabei me propondo a trabalhar para o cursinho, desde que o cursinho me

assegurasse as apostilas, alguma coisa para eu continuar até o final do ano. Então no meio do ano, em férias eu ia para o cursinho, o cursinho estava em férias, mas eu continuava indo para lá, eu ia estudar e estava bolando essas idéias. Então, foi um trabalho, eu não estava empregado, mas eu trabalhei e a minha remuneração era não pagar o cursinho.

Uma troca.

É. Mas faltou grana. Ao longo do ano, eu lembro que assim, para eu ir fazer a prova do vestibular, no final do ano, teve um dia que eu ia, eu ia fazer... Era um dia da segunda fase. Era a prova de matemática, era a última prova. Eu tava assim, a grana que eu tinha tava liquidada, assim eu tinha conseguido me segurar... E eu tinha me preparado para ir a pé, fazer a prova. Aí a minha mãe ficou meio revoltada, pegou dinheiro com o vizinho... E me deu a grana. Na época eu acho que eram dez reais. Peguei e fui, né? Para mim era melhor. Mas eu já tinha até planejado o horário que eu ia sair e tudo... Não lembro exatamente como é que ela ficou sabendo... Se ela me perguntou...

Você não falava?

Eu não falava porque não tinha... Por que ninguém perguntava, quando alguém perguntava eu falava do que estava fazendo, entendeu? Porque não era a nossa agenda comum. Era a minha agenda, mas não era a deles, eu acho que eles ficavam assistindo... Eu não sei exatamente quais eram as prioridades deles em relação a isso, dos meus pais. Eu acho que eles até não, mas tinha uns parentes que achavam que eu era maluco. E o curioso é que eu nunca achei que eu reservava tanto tempo assim para estudar. Pelo contrário, eu achava e eu tinha evidências empíricas de que eu não estudava tanto e que eu não estudava tão bem.

Empíricas o quê?

De compartilhar da experiência com outros colegas, de ver como é que eles se organizavam, de ver como era isso dentro da família deles. Mas isso é relativo, né? Dentro da minha família aquilo lá...

Era muito.

Era muito... Para isso, era muito.

E como é que foi essa rotina, né? A princípio que você ia de casa para o trabalho, do trabalho para o cursinho, depois volta para a casa, e depois quando você passou a ir só para o cursinho... Você tinha uma rotina de estudo, como é que era?

Enquanto eu tava trabalhando na papelaria eu estava observando que a tarefa da papelaria era árdua... Até aí, bom, dava para conciliar. Só que os horários começaram a mudar, começaram a pintar umas exigências esquisitas de trabalho, eu não tava curtindo muito essas restrições, do tipo vender porcaria, entendeu? Eu peguei uma época de material escolar, lista de material escolar, então tinha lá os produtos que precisavam ser colocados na frente, vendidos primeiro... oferecidos mais... E os chefes ficavam na cola. E aí tinha mudança de horários, a loja abria mais cedo e fechava mais tarde e a gente tinha de ficar lá... Era aí que tinha um esquema em que o cursinho tava começando a ficar comprometido. O tempo, por exemplo, de aproveitar plantão... estava começando a furar entendeu? Daí que eu fiz aquela reflexão para ver se valeria mesmo eu continuar e daí eu acabei abandonando o trabalho na época de experiência, né? Assim, abandonando psicologicamente, mas na verdade eu fui lá, a gente acertou, tudo direitinho. Eu não tinha direito a seguro desemprego porque foi experiência e tudo mais. Aí eu fiquei uns dois meses, mais ou menos, três meses, sem trabalhar fora, eu estava vivendo um pouco da grana que eu tinha poupado, que tinha me sobrado. E daí acabou essa grana, eu tava indo pro cursinho, eu estava tendo que desenterrar essa grana principalmente da minha mãe... Vendendo algumas coisas também. Objetos que eu tinha que...

Vendendo coisas?

É, vendia, sei lá, não lembro, câmera fotográfica, uma coisinha, televisão, era a grana que eu usava para comer e ir para o cursinho. Eventualmente um livro, essas coisas... Mas aí eu descobri aquela coisa da biblioteca do cursinho e isso me ajudava muito a economizar essa grana. Só que aí a minha rotina de trabalho se juntou com a rotina de estudar. Porque eu trabalhava e estudava no mesmo local. Então eu ia para o cursinho e com o mesmo trânsito, com o mesmo custo, eu já ficava para trabalhar e já estudava. Então eu economizei muito nesse sentido. E era planejado mesmo, porque quanto mais eu precisasse gastar mais eu ficaria à mercê de ter que trabalhar num lugar fora e trabalhar fora cercearia o cursinho. Então eu fiquei entre a cruz e a espada, fiquei... E o caminho foi assim ir

tateando nas brechas, ir tentando conversar com as pessoas para ver quais soluções podiam existir, então assim... Eu pude, eu acho que eu pude aproveitar bastantes horas de estudo, porque inclusive eu gastava menos tempo no trânsito, me deslocando de um lugar para o outro e, enfim, eu acho que isso foi valioso para mim.

E a sua rotina mudou muito seus hábitos né?

Mas essa pergunta se refere àquela época ou daí por diante?

Àquela época.

Eu fiquei mais concentrado, né. Tinha uma concentração bem grande no cursinho. A minha vida tava atravessada pelo cursinho, eu estava estudando lá, estava trabalhando lá e estava me divertindo lá também, meu lazer era muitas vezes com pessoas de lá, era com atividades de lá, era com atividades indicadas por lá...

Você estava todo centrado naquele espaço com aquelas pessoas...

É, e foi bacana, eu acho. Eu não tinha encontrado, nem a escola fundamental tinha sido tão integradora como foi o cursinho para mim, sabe? Havia ainda uma cisão entre o que eu fazia na escola, o que eu fazia em casa, o que eu não fazia na escola nem fazia em casa... Acho que lá, foi um lugar que aquele convívio foi bastante integrador, assim, essas coisas, o lazer, o trabalho e o estudo, eles poderiam dialogar... Um não substitui o outro.

O lazer, o trabalho e o estudo...

Só ficou faltando o esporte. Esse foi foda nesse ano do cursinho. Eu até consegui uma disciplina, teve uma época lá que eu até conseguia levantar cedo, mas de certa forma isso era organizado pelo horário do vestibulando, o programa. Aí eu levantava uma hora mais cedo, dava uma corrida de trinta minutos, voltava, comia alguma coisa, ligava a tevê no programa vestibulando... Aí foi quando eu consegui fazer alguma, de vez em quando eu fazia uns movimentos do Qui Gong, tal, fazia umas corridas, mas era nesse sentido... Mas em geral foi também organizado em função desse horário do cursinho... Mas até aí foi bacana, porque eu tinha horário organizado, tinha uma questão por que me organizar...

Você alguma vez pensou em desistir de estudar?

Se eu pensei em desistir de estudar? Várias vezes, mas eu não achei nada melhor também para fazer. Trabalhar nesses trabalhos para fazer picaretagem, como eu estava vendo, ou eu ser vítima de picaretagem não era nada melhor do que ralar e... às vezes ficar sem grana mesmo, mas descobrir um monte de coisas sobre o mundo que estavam valendo à pena para mim. Entender algumas coisas que me incomodavam.

Você lembra algum colega que tenha desistido desse caminho do cursinho?

Que tenha desistido desse caminho... Então os colegas mais próximos, os colegas que eu já tinha eles não estavam no... Assim, por exemplo, os colegas do médio não estavam em geral nesse caminho do cursinho naquele ano. Alguns em geral estavam já trabalhando, e tal, fazendo estágio, com seus empregos... A galera do fundamental estava meio dispersa, eram poucos que estudavam mesmo. Tinham parado mesmo. Agora, eu não estou lembrando exatamente casos específicos, mas o que acontecia é que a gente ficava sabendo de alguns colegas que paravam principalmente para voltar a trabalhar. Alguns outros desistiam porque achavam que ali estava muito fraco e arranjavam uma bolsa ou arranjaram um trabalho e iam estudar no anglo, estudar no etapa, estudar num cursinho poderoso desses. Essas eram notícias que pintavam, sim. Eu não estou lembrado dos casos especificamente de alguém que tenha vivido isso. Que tenha desistido de fato, assim. Eu queria falar uma coisa. A pergunta anterior foi sobre os alunos que deixaram o cursinho, mas sabe o que me impressionou mais, assim? Eram os alunos que não deixavam o cursinho. Tanto os que eu conheci que já tinham feito cursinho e que estavam lá no segundo ano ou até no terceiro, gente, no quarto ano de... ou repetindo o Cursinho Popular, ou vindo do anglo... A determinação da galera. E depois de ter convivido com alguns que fizeram uma vez, que tentaram uma segunda e que não conseguiram entrar na faculdade... Isso, sabe, foi uma impressão que marcou muito, sabe... Isso marcava muito.

Foi significativo ver a perseverança dos outros.

Muito. E gente assim, quatro, cinco vezes, eu já tinha me formado, às vezes... Teve uma colega que eu já tinha me formado e ela, eu encontrei ela um dia lá no refeitório da USP. “E aí? Eu esqueci seu nome, tal, a gente se conheceu no Cursinho Popular... E aí, você está aí, o que é que está fazendo da vida?” Aí ela me contou que tinha passado no vestibular da USP, estava muito feliz, tinha

sido difícil, tinha rolado várias idas e vindas com o trabalho, parava o cursinho, voltava a trabalhar, parava o trabalho, voltava a estudar, trabalhava e estudava, tal, mas que ela tinha conseguido o que ela queria, que era entrar na USP. Às vezes acontecia de um colega mudar de curso. Fazia opção por um curso menos concorrido... Às vezes mudava para um curso mais concorrido... Mas era e continua me impressionando a determinação. A determinação nesse processo. Nessa transposição de preparação para a universidade para a entrada na universidade.

É uma característica que eu vejo em todos os depoentes que eu entrevistei até agora... Inclusive em você. Muito forte isso, muito forte. A capacidade de determinação, de agarrar na menor chance. Qualquer oportunidade torna-se uma grande oportunidade... Nas pessoas que eu tenho visto, elas maximizam, uma pequena chance que tem, elas se dão ao máximo naquilo, se entregando...

Eu acho que é um pouco isso. Algo que eu nem me dava conta, mas... Enquanto eu estava vivendo, mas depois... Até mesmo depois de passar na faculdade neguinho me perguntava “Não, mas você prestou vestibular aonde, para quais faculdades?” “Só prestei FUVEST” “Mas como assim, você só prestou a USP? FUVEST?” “Ué. Eu só tinha dinheiro para pagar uma!”

Além dessa questão financeira tem outra coisa: você não ia prestar uma particular se você não ia poder pagar também, né...

É, então, eu não sabia o caminho pela particular, era meio tortuoso. E tinha uma coisa também, eu acho que eu estava querendo uma universidade pública, cara, eu tive o meu momento de escola semi-particular, que foi o Liceu de Artes, eu fiz e não... Alguma coisa não funcionou, sabe? Eu não sabia dizer na época o que é que era, hoje eu acho que era o funcionamento institucional, a ideologia do lugar, e tal... Mas eu tinha uma vontade de entrar numa universidade pública. Ou em algum lugar em que eu me sentisse melhor. Até fiquei assanhado com a PUC, e tal, mas os valores das mensalidades... Eu nem avançava muito em pensar nisso, só achava legal, assim.

Era muito caro, eu lembro. Quantos alunos havia na sua sala de aula?

Ah, acho que havia uns cem alunos, por aí. Era um número grande, viu? Um número grande.

Você ouvia histórias, tem lembranças... Que lembranças você tem dos seus colegas de classe?

Olha, tinha muitos grupos, viu. Tinha a galera que já se conhecia, as famosas vadias. Uma das galeras que se conhecia, tinha um que tinha formado uma turma... Vadias... E tinha aquela coisa das vadias e dos professores já se conhecerem então eles contavam coisas uns dos outros, aí a gente ficava meio... Eu ficava meio assim. No começo eu acho até que eu tava, eu tinha aquela coisa meio moralista, eu não gostava porque achava que atrapalhava na aula, e tal, depois eu fui vendo que aquilo dava uma... Um clima... Era um clima meio amistoso, assim. Embora tinha algumas saias justas, às vezes... Era fulano de tal que tinha pegado não sei quem... É esse grupo, né, havia o pessoal novo, mais... Só queria estudar mesmo, tinha a galera também que queria estudar pra medicina, e ficava meio isolada... Havia também o miolinho, eu acho que eu fazia meio arte do miolo, sabe? Gente que estava meio perdida e acabava se encontrando uns com os outros, assim. Daí pintavam soluções como aquela dos livros que eu achei, que eu contei, então, não dá para comprar os quatro, não dá para comprar o pacote fechado sozinho, então em várias pessoas. Pô, têm quatro pessoas que precisam e não têm grana, então porque a gente não compra em quatro pessoas e circulam os livros, né? Aí um dá o cheque, cada um dá uma parte da grana, né... A gente faz um compromisso entre nós... Aí você pode pensar: mas a gente não se conhecia. É verdade, a gente não se conhecia, mas corremos o risco. E valeu à pena E aí assim havia essa coisa dos grupos, havia sim. Havia a coisa de ter uma sala, havia a turma de baixo e a turma de cima, que era um sobrado, né? Um bairrismo. Assim, a sala em que eu estava parece que era uma sala que era vista pelos professores mais aquela mais rigorosa, eles achavam a sala de baixo melhor. Mas todos os professores achavam que o pessoal era mais dedicado na sala de baixo Em cima tava muito bagunçado. Ao longo do ano teve até uns “pitis” dos professores, a coordenação, o pessoal de cima, separou a galera, sabe. E aí tinha o pessoal da turma do final de semana, que era uma outra história... Eu tive pouquíssimo contato com eles. Era uma galera que trabalhava bastante durante a semana, e aí fazia o cursinho só no sábado o dia inteiro e às vezes no domingo também... Com essa turma eu praticamente não tive muito convívio, ao longo daquele ano. Mas depois eu fui tendo convívio também quando eu fiquei trabalhando no cursinho. Algumas pessoas são grandes amigos até hoje. Em geral, foi um convívio bastante legal. Mas havia essas segmentações.

Subgrupos de um grupo maior.

É, exatamente, e isso se confundia um pouco com os grupos de estudos, também viu?

Vocês se encontravam para estudar...

É, e isso se confundia um pouco com os grupos que se preparavam comumente, assim. Principalmente mais para o final do ano é que houve troca entre esses grupos, assim o pessoal antigo com o pessoal mais novo o pessoal dos cursos mais concorridos com o pessoal dos cursos menos concorridos...

Você falou que vocês estudavam for das aulas, vocês tinham grupos de estudos... Vocês se reuniam em atividades e/ou se encontravam fora do cursinho?

Olha, o cursinho tinha atividades em geral relacionadas com a preparação. Então a gente acabava se encontrando nas aulas extras... Nas revisões...

E fora do cursinho?

Houve uma ou outra festa ao longo do ano, algumas pessoas nunca foram em festa... Eu não era muito chegado em festa, mas acabei indo, assim. Achei que valia a pena. De vez em quando pintava lá um cinema para ir, tinha na faixa. Aí juntava uma galera, um ligava para o outro e acabamos indo, ou o teatro lá da... Como a gente tinha essa proximidade estratégica com a USP, então o teatro da USP a gente foi várias vezes, ver peças lá. Era gratuito, como a gente tinha aula no sábado, dava um tempinho, esticava para o teatro. Eu não era assíduo do teatro, descobri um mundo novo para mim. Que era uma coisa que eu não tinha imaginado que podia acontecer, eu achei que foi um a mais que foi muito bem vindo. Eu não tinha imaginado que estrategicamente estar naquele lugar permitiria isso também. A gente fez algumas visitas às faculdades, tanto pelos programas que a USP oferecia, do “a universidade e as profissões”, que era um negócio que eu achava muito bacana, para conversar com quem estava lá mesmo... Eu achava meio esquisito aqueles textos, guia do estudante e tal, depois que eu fui ver que era a Abril que fabricava, então tinha muito interesse comercial. Então ir lá e ver as pessoas de carne e osso falando... Tudo bem que tem um viés e tal, mas na época eu tinha a impressão que aquilo ali tinha um valor para além do texto. A gente tava do lado da universidade pública, da USP. Havia também as apresentações musicais, essas coisas. Alguns ainda iam para os botecos, o famoso rei das batidas, o boteco de não sei quem nas imediações lá. Nessa época do cursinho mesmo

eu não era muito de ir para boteco, eu não curtia, tinha a coisa da grana, eu não tinha de onde tirar para pagar, não queria dar despesa para os outros também, né, mas depois eu até acabei indo. Na época eu não bebia álcool sabe, eu tinha essa restrição. Com o tempo eu fui tirando essa restrição e fui me permitindo eventualmente tomar uma cerveja, um vinho, e tal, uma coisa, um álcool, até por conta de evitar problemas. Assim, algumas pessoas que eu conhecia que bebiam não me eram admiradas, não as admirava, não... Não achava que era um caminho para mim, só que eu achava que eu vivia uma vida tão esquisita, tão dura, que de repente... Eu vivia no limite, sabe? Vivia na corda bamba, então precisava estar sóbrio para dar conta. Se eu acabasse, eu achava que ia desandar, entendeu?

Você me falou que fez amizades no cursinho... Você poderia me contar a história dessa amizade ou dessas amizades?

Cara... São várias pessoas. E isso me deixa feliz, cara. Acho que isso me deu muita alegria, assim. Tão... De certa forma foi até um sinal de que era um lugar bacana para eu... De que não era à toa eu estar lá, de que era um lugar legal para continuar, de que ali... A minha existência tinha sentido. Então enquanto eu era do cursinho, quer dizer, havia lá algumas pessoas de quem eu estava me aproximando, e tal, algumas pessoas com maior, outras com menor entrosamento... E depois eu fui trabalhar para o cursinho também, então no mesmo ano eu já trabalhava e estudava no cursinho, então eu tinha uma relação... Eu que era um sujeito bastante tímido e continuo sendo, pelo trabalho eu acabava tendo um contato público bastante grande e algumas pessoas acabaram ficando minhas amigas. E aí eu continuei trabalhando no cursinho. Aí eu já não era mais aluno. Era aluno da faculdade e trabalhava no cursinho... E acabei fazendo amizades também, inclusive acabaram rolando namoros eu era cheio de paquerinhas, assim, então a parte, o encontro, o encontro em geral, eu me sentia muito confortável, sabe, motivado. Isso inclusive num certo momento acabou sendo até um combustível para eu continuar no cursinho, trabalhando por mais um tempo porque a parte institucional já não tava mais me agradando tanto, mas havia as pessoas, então...

Segurou você um pouco...

Segurou, eu achei que valeu, valeria à pena. A não ser que acontecesse alguma coisa mais drástica, aí eu não ia ter muita escolha.

E os professores, eles eram diferentes das outras escolas? Como eles eram com os alunos? Você poderia contar alguma coisa sobre eles?

Olha, eu vou responder ao contrário de novo. Muitos eram alunos da faculdade, vários... Os que não eram alunos às vezes trabalhavam na faculdade... Ou participavam de algum movimento social com relação à educação e tal... Ou eram pessoas engajadas, preocupadas com o acesso. Havia poucos que eram só profissionais... de educação. Quer dizer, estritamente: trabalhavam e viviam daquela renda e faziam um trabalho competente. Além de fazerem, assim... Alguns eram mais competentes, outros menos competentes, isso é fato. Mas em geral, eles eram além de competentes, também envolvidos com alguma coisa a mais. Alguns eram envolvidos com os alunos ou com as alunas...

Envolvidos em que sentido?

Ah, não só de amizade como também de paquera, e tal, às vezes, havia essa dimensão também. Eles permitiam algumas coisas, alguns questionamentos. Provocavam algumas situações na aula... Que eu não estava muito habituado, tipo... As piadas, essas coisas. Que às vezes, hoje em dia eu penso que é até meio essa coisa do espetáculo. Na ocasião, em geral era um espetáculo, mas só que era um espetáculo com qualidade. Havia conteúdo. Não era só espetáculo, não era só decoraba. Estava lá a decoraba presente, mas estava ali uma lição de vida também... Havia muito professor de física dando oficina de relaxamento, por exemplo, no final do ano. A preocupação deles era que a gente não chegasse tenso, recomendava a gente tomar um chazinho sem açúcar na véspera do vestibular, para poder desintoxicar o organismo... Quer dizer, não era da competência dele. A função dele era ensinar física, mas ele não só ensinava física do jeito doce dele, contava as piadinhas, o pessoal, as vadias por que tinha um motel na Raposo Tavares, não sei o que lá, que ele cuidava das coisas dele, mas ele dava importância para essas coisas também. Daí que a minha resposta vai sendo um pouco invertida porque com tudo isso eu não sei se os professores eram diferentes ou a relação era diferente das escolas que eu tinha tido antes. Porque eles davam aula também nas escolas públicas... E aí eu acho que era um contexto meio diferente, né. Lá eles não estavam catando alguns alunos que queriam ouvir. Lá eles eram a cereja do bolo, né? Se eles falassem uma patacoada para gente, a gente ia achar que estava

certo. A não ser que a gente visse alguma coisa num livro e fosse lá perguntar para um professor para tirar dúvida. O professor ter a humildade de falar. Isso acontecia... De às vezes a gente questionar, de o professor não chegar no resultado certo, tal em geral eles eram muito humildes, né. De aceitar, eles erravam... Nesse frenesi todo, o próprio material tinha coisas erradas... Então eu acho que era um contexto de relacionamento também. Eles podiam agir diferente também, sabe, eu sentia isso. A impressão que dava era isso, assim... Que eles podiam agir diferente lá do que em outros lugares. Às vezes em cursinho particular, eles falavam, que dava aula para o pessoal mais rico e tal...

E não era a mesma coisa.

Não, e às vezes num tom até de “gente vejam o que vocês estão fazendo” porque a galera está lá endinheirada, lá... eles têm tudo, mas não têm o que vocês têm, que é vontade, determinação, eles já têm tudo pronto, não sei o que lá... e enchendo a nossa bola também. Um investimento...

No potencial de vocês...

No potencial, quer dizer, bastante grande. Era um contexto diferente, eu acho que a gente agia diferente também... e eles agiam diferente.

O agir diferente deles era... como?

De acreditar no que estava fazendo, sabe? Dando bronca, às vezes dava uns petis lá com a galera que estava conversando mais, que eles achavam que deveria... E aí às vezes vinha professor que queria que conversasse. Mas eles permitiam ser diferentes uns dos outros, permitiam... Falar coisas: falar palavrão, fazer comentários, questionar aluno... Estar contando com a nossa agilidade de a gente pegar essas informações...

Com a agilidade?

É, com a agilidade de capturar essa informação e decodificar junto com as outras que ele falava e bola pra frente, e vamos lá, vamos pegar uma apostila, e vamos pegar um livro e vamos ouvir, vamos pôr uma palestra, vamos reunir informações e... Dar firmeza para o que a gente está estudando. Ver um programa, eu acho que eu passei a ver os filmes da TV cultura nessa época, porque eu tinha indicações, eles falavam. Tem isso, tem aquilo, tem aquilo outro, porque tem a ver com essa matéria, não tem, ah, porque tem aquele diretor, assim. Cara, eu nunca tive paciência de fato para ver

filme, filme na TV cultura, esses filmes... Chamados cult, eu... Não era muito paciente, não. Na época eu aproveitei...

Não tinha sentido foi pra você... Era distanciado de tudo...

É, de vez em quando pintava uma coisa até, mas de ser mais assim sistemático, mais com uma certa habitualidade, ou de fazer um sentido mesmo... Muito pouco. Antes disso. Foi mais uma porta, até para o que eu fazia antes abriu uma porta diferente.

Você teve algum momento que você procurou professores?

Procurar professores? Procurei... procurar para tirar dúvidas, para contar coisas, várias vezes. Acho que eu conversei de várias coisas com os professores. Tirar dúvidas era com todos, com alguns falava mais coisa, era mais amigo, formava até uma certa amizade, né...

E houve professores ou professoras que foram especialmente marcantes? Lembra de deixarem marcas, você lembra alguma história ou de algum episódio vivido com eles?

Eu achava os professores dedicados também, não era só uma coisa que tinha a ver com os alunos, não era só os alunos determinados não, isso era uma coisa que marcava ao longo do ano. No final do ano, a gente tava muito agitado, com muita preocupação e tal, e foi interessante ver as acolhidas dos professores, porque cada um tentava fazer uma coisa ao seu jeito, às vezes junto com outros professores, e tal, mas eles ficavam... ocupados com isso também, então não bastava uma boa revisão... do material. Precisava conversar, abria uns espaços, na própria aula, às vezes... Fazia uma revisão mais rápida para ele poder trocar umas idéias. Eu lembro, eu já contei desse relaxamento aí do professor de física, eu concordava muito com ele, não bastava se preparar intelectualmente e chegar lá destruído fisicamente. Agora, algo que eu nem esperava tanto, eu achava que era um professor bastante na dele, um professor de história que, no final do ano, na última aula dele, ele acabou contando um pouco da história dele, de que ele tinha estudado, não sei se era no Cursinho Popular, enfim... Ele estudava e trabalhava, e tal, ele acabou indo fazer história, e não foi muito bem entendido, porque tinha um trabalho que pagava bem, e tal... Ele falou uma coisa que reverbera até hoje, que ele achava que tinha que fazer uma coisa que não fizesse só de segunda a sexta, que quando chegasse sexta-feira ele ficasse esperando para terminar o dia para poder viver o final de semana para ficar

longe do que ele fazia. Então, ele fazia história e se ele precisasse fazer sete dias por semana ele faria, e faria feliz. Eu fiquei meio surpreso assim, sabe, com a intensidade do que ele falou... E com o relato que ele fez... Mas naquele momento meio de emoção à flor da pele... A prova chegando, a decisão acabada de ser tomada de qual curso fazer, tal, aquilo era como se fosse um chamado para a guerra. Esse talvez melhor do que outros chamados que aconteceram também no final do ano. Na época eu achei que eram importantes, mas tinham um quê meio chauvinista, hoje eu penso, que era: “Não, olha, está vendo...” Que nós éramos pobres e a gente não podia vacilar. Porque os ricos tinham tudo e a gente tinha só a gente e a nossa determinação. E os outros tinham a grana, tinham os bons colégios, tinham uma tradição familiar... Era uma coisa, aí de fato era uma... Era um chamado para a guerra, só que eu acho, talvez mais para uma luta contra o outro do que por nós mesmos... Aí que eu acho que o professor de história, professor Marquilandes, comentou, era mais uma: “Valorizem o que vocês estão fazendo que vocês vão longe. Dá para ir. Não vai ser fácil.” Acho que é isso. De momentos marcantes. Alguns momentos.

Como eram os plantonistas, como era a relação com ele? Você lembra alguma história marcante sobre o plantão?

Olha, eu achava a galera bacana, assim. Havia o pessoal que eu preferia procurar e que preferia responder para mim, tipo havia três de biologia, não adiantava ir em todos, eu formava um laço maior com um ali e tocava o barco. Às vezes era porque eu não entendia o jeito do outro explicar, ou porque o outro não entendia o jeito de a gente perguntar, às vezes não funcionava. Não rolava uma química. Em geral eles demonstravam bastante disposição. Eu não achava legal às vezes ficava uma coisa muito festiva, às vezes ficava difícil de entender o que estava rolando, bastante gente... Assim às vezes rolava um privilégio para um para outro, mas em geral pessoas cuidadosas... Aceitavam os nossos erros e ajudavam... Ajudavam a gente a aceitar Eles acabavam respondendo coisas sobre a faculdade também, e eu achava isso importante.

Acabavam respondendo coisas também sobre a vida universitária.

É, por que em geral eram estudantes da universidade, então... Era uma baita oportunidade.

Muito melhor do que ler o...

O guia do estudante. O guia do estudante você lê em quinze minutos. E aí você toma uma decisão? Negativo. Ele ficava falando: a tendência é você entrar para o RH, no caso de Psicologia, o que está crescendo é clínica em cognição. Então, quer dizer, se eu quiser trabalhar com uma outra coisa não vou ter chance no mercado. A tendência do mercado é isso.

Muito abstrato o que é o mercado...

É.

Você mencionou as atividades que organizavam fora da sala de aula... Além das atividades pedagógicas. Como que eram essas atividades? Alguma atividade cultural ou política?

No ano em que eu estava lá, começou a ser formado um espaço para as pessoas perguntarem sobre o vestibular, assuntos relacionados à vida universitária, tal, que foi onde eu trabalhei.

Foi você que montou...

É, eu fui um fundador, meu trabalho foi para isso. Mas também tinha um pessoal que estava formando um grupo de cultura então exibia filmes, fizeram exposições. Juntava uma galera, fazia um teatro... Ainda meio nucleado no cursinho, atividades relacionadas lá. Mas teve um pessoal que fez viagem... Eu ajudei a fazer viagem quando eu trabalhava e era aluno da faculdade. Aí, pelo trabalho que eu fazia lá, eu achava importante conseguir juntar o pessoal para visitar não só a USP, mas para visitar São Carlos, por exemplo. Ir lá, passar um dia lá, ir para a moradia estudantil, conversar com a galera, tomar um suco, uma cerveja juntos. Estou tentando lembrar algumas outras coisas... Tinha uma coisa de... Na época havia umas apresentações grandes, abertas, no Ibirapuera, tinha um pessoal que ia. Eu não lembro se eu fui, se eu não fui nesse ano, se eu fui no ano seguinte. Aí tinha o bloco visitas também... Agora, algumas atividades eram organizadas institucionalmente, outras não. Eu acho que eu estava mais envolvido com aquelas que eram institucionais... Depois eu fui me envolvendo mais com as não institucionais... entre os alunos mesmo.

Tomava parte.

É, agora tem uma coisa que... Nessa época havia... O pessoal do grêmio politécnico, eram alunos ainda e eram do grêmio politécnico, eram alunos e eram coordenadores do cursinho. Eles tinham uns negócios de parceria, com banco, com rádio, essas coisas, aí pintava uma coisa e a gente ia

também. Tinha uma coisa de meio assim, também servia para expandir o Cursinho Popular fora... Eu participei dessas coisas.

Lembra de algum episódio marcante?

Eu lembro de um ano que a gente foi distribuir uns panfletos de alguma coisa na paulista, era uma campanha de doação de sangue... que estava rolando no cursinho. Daí a gente ficou o dia inteiro lá distribuindo papel, de repente chegou a TV Globo lá, porque um dos panfletos tinha chegado na diretoria da TV Globo na paulista, aí eles queriam saber o que é que era aquilo, tal, aí foi um representante do grêmio politécnico falar, aí a gente estava... eu estava meio puto com esse cara do grêmio, com o pessoal do grêmio, porque a gente começou a se sentir meio usado. Os caras do grêmio não estavam distribuindo papel. Eles estavam só comandando a distribuição. A gente distribuía o papel, os alunos. E eles ficavam de boa, como diz o pessoal lá do Vale do Paraíba. E depois era o nome deles, nem falavam da gente também. E assim, a coisa meio... Então meio, trabalho puxado, assim. Existia uma coisa meio chata dessas saídas. Mas rolaram outras coisas. Uma visita à Rádio Transamérica, que era para assistir uma entrevista com o Marcelo D2, aí os caras começaram a fumar um baseado, aí deu polícia federal... Um rolo...

Quem começou a fumar?

Os alunos. Ah, foi um rolo daí. Mas não deu em nada. Os caras, a polícia federal estava lá só para a coisa não sair do controle, eu acho. Mas foram espertos. Dessas que envolviam o grêmio... Ah, eles chamavam também a gente para participar das provas, né?

Simulados?

É, participar dos simulados... Mas das provas também, das pessoas que entraram em maio, das pessoas que entraram no meio do ano... Aí era uma festa, mesmo, depois, literalmente... Cerveja, churrasco, beijação... Era... Uma festona, mesmo. Aí acho as pessoas eram meio que se faziam conta porque havia gente que havia passado em faculdade que voltava, aí encontrava o pessoal que estava fazendo o cursinho e que estava trabalhando lá nesse dia de fazer a prova, matava um pouco a saudade, contava o que estava rolando... Dessas institucionais. Aí tinha uma coisa da camisa do cursinho, os caras distribuía a camisa do cursinho para quem fazia, trabalhava nessas coisas pelo

grêmio... Era meio que uma insígnia... Para que estava sem grana era camisa nova, né? Mas era uma marca: quem ia ganhava camiseta... ganhava um lanche... Era importante, ninguém saía sem pegar a camisa, não. A galera fazia questão de pegar essa camisa. Tem gente que fazia coleção, assim... Já ia com uma camisa, mas não tinha a camisa daquele evento, que tinha uma coisa a mais não sei aonde, era uma camisa a mais, de outra cor... Tanto é que essa história da camiseta virou ícone... Eu já não estava mais no cursinho, mas depois, quando ele foi para a MMDC e ele precisava gerar renda, uma das primeiras coisas que os caras sacaram foi: fazer camisetas, fazer roupas, fazer souvenir com diversidade. Não era só uma cor, eram várias cores diferentes... E parece que deu certo.

Deu. Deu muito certo.

Ampliaram a oferta de produtos. Variaram os produtos, começaram a fazer também produtos, também agasalho, boné, meia... Mas nesse caso, assim: eles sacaram que as pessoas tinham desejo de ter essas coisas e eles não participavam, enfim, esses problemas todos, mas... elas podiam comprar.

Algumas, né?

É, algumas. Aí era isso aí mesmo. Mas aí eles queriam vender mesmo. Aí é outro circuito, outra situação de relação, né? Pelo menos é a impressão que eu tenho, de fora, assim...

De fora, não. Você viveu.

É, mas essa época das camisetas coloridas na boutique do cursinho eu já não vivi. Eu vivi a sacolada de distribuir para a galera... Que hoje eu odeio distribuir essas coisas, porque como eu trabalhei para o cursinho também, eu era chamado para essas coisas, e eu me dispunha, e eu me sentia muito à vontade, muito grato também... Então valia à pena, assim... Até dar uma antecipada no que eu estava estudando para eu ficar livre naquele dia e fazer essas coisas.

Era um ponto de encontro, também, né?

Éééé...

Era um ponto significativo de encontro e contato.

Era sim. Agora eu não tinha tanta noção na época... Eu estava vivendo aquilo, não estava... Sabendo exatamente várias implicações que eu fui descobrindo posteriormente...

Quando você fez o cursinho, tinha o Plantão Psicológico?

Não. O plantão psicológico, não. Atendimento, essas coisas, não. Começou a ser ensaiado, havia uns contatos... Mais de orientação profissional na época... Mas atendimento psicológico, não. Até talvez alguém que quisesse tinha lá uma indicação de procurar o serviço da USP, do instituto de Psicologia.

Como é que você via as provas vestibulares, antes e depois do cursinho?

Bom, as provas vestibulares, eu não sei se mudou muita coisa. São... instrumentos pragmáticos para avaliar as pessoas, para ver que vai entrar e quem não vai entrar. Quem vai ter acesso às vagas ou não. O que talvez eu entenda melhor depois é porque que existe isso e como isso marca o destino das pessoas... Quer dizer... O vestibular existe porque não são oferecidas tantas vagas. E não se oferece tantas vagas por N motivos, alegados, um é por falta de dinheiro e outro é por falta de interesse mesmo. Porque não é um plano da sociedade garantir acesso a muita gente. No fim, os vestibulares mais difíceis acabam sendo... “dichavados” pelos estudantes mais ricos que tiveram melhores escolas... E a pobreza acaba sendo reforçada e reproduzida. Na época eu não tinha clareza em relação a essa situação, imagina... Saber que tanta gente fazia o vestibular e tanta gente não passava. E a galera só fala dos que passaram.

Você não tinha noção da quantidade de gente que não passava?

Da quantidade e da qualidade. Gente muito bem preparada que dava lá um... dava uma caganeira no dia. Ou... faltou aprender uma coisinha, sabe? Uma matéria que não funcionava bem... Aí é mais um ano. Só que para pobre... Custa muito caro. Custa uma vida. Custa perder a família, às vezes.

Perde o convívio...

Pois é. Em termos de qualidade, de sistemática, meu... Aí depois vieram os Enens da vida... as bolsas... Prouni... Os programas... Era muito pior na época. O máximo que tinha a mais além do vestibular era o FIES, para pobre, que era horrível, porque você tinha que pagar integralmente depois quando saísse... E era muito pouca gente que recebia aquela porcaria... Era muita burocracia para nada... Tinha juro... Não era todo lugar que recebia... Então assim: houve uma situação, e tal... Acho que isso mudou daquela época pra cá... A isenção do vestibular... Enquanto eu estava trabalhando no

cursinho e fui trabalhar no cursinho da psicologia também, a pensou muito na época por isso, para batalhar por isenção do vestibular para estudantes pobres de escolas públicas e tinha também... A cota para negros, as ações afirmativas. Essas iniciativas, parece que elas... tiveram uma sinergia no final da década de 90 e na década de 2000, muito mais gente organizado politicamente foi fortalecido. Conseguiu mais... Conseguiu bastantes êxitos, mas estamos ainda muito longe de ter um acesso mais amplo dos estudantes na universidade. E tem um ponto que é muito incômodo e é uma equação social complicada: todo mundo precisa fazer universidade? Eu acho que todo mundo tem que poder fazer. Mas não sei se todo mundo tem de fazer universidade. Porque para as pessoas adquirirem, para serem respeitadas, porque para eu ser respeitado, pelo que eu pensava, eu pressentia, eu precisei fazer universidade?

Curioso você me falar isso agora. Eu acabei de fazer uma entrevista para o mestrado com uma ex-aluna do cursinho depois de um tempo, a diferença de você que ela não entrou, por outras questões. Ela tinha um filho de um ano quando ela tava fazendo cursinho, ela bancava a casa onde morava o filho e os pais e ela. Chegou uma hora que ela não agüentou a pressão e parou. Mas o cursinho modificou muita coisa nela. Esse ano de cursinho. E uma das conclusões que ela chegou foi, eu vou te contar, é... É que: “Meu, eu ia fazer faculdade para poder me manter no emprego, porque eu estava sendo pressionada a fazer administração, que não é que eu não gosto, do jeito que vem é sem sentido. Hoje em dia falam para eu fazer MBA, e eu nem fiz faculdade, e eu nem sei o que é MBA”, ela falava, “mas eu sei que eu tenho que fazer para ter emprego”, ela falou, “no cursinho eu pude aprender isso pelo avesso, do que é o conhecimento, do que é a educação. E eu me sinto bem por ter negado, não ter me curvado, assim: eu quero fazer universidade, não pude fazer até agora, mas desse jeito não. Com essa lógica, eu não aceito”. Mas ela paga um preço muito alto por isso.

Sim. E nessa dimensão, nessa questão, há uma marca de uma equação social que não fecha, que é da desigualdade... que é da desigualdade canibal que nós temos no Brasil.

E da continuidade dela, né?

E ontem eu vi uma coisa, eu vi um comentário de uma... um pesquisadora, não sei se era do IBGE... Falando, comentando essa história de... dos números assim: de quanto maior a escolaridade,

mais renda, e tal... Ela fez um ato falho que não sei se foi um ato falho ou se foi isso que ela quis dizer, por que eu sempre escuto as pessoas falarem assim: “porque quanto maior a escolaridade, maior a renda”. Ela fez o seguinte comentário: que a estatística mostra que quanto maior a renda, maior a escolaridade. Ela fez nesse sentido, as variáveis nesse sentido. Por isso que eu achei um comentário curioso. Que ela inverteu... Assim, se ela fez querendo ou não, eu não sei, mas me pareceu fazer muito mais sentido do que o fato de ter a escolaridade aumentar a renda, estatisticamente. Por quê? Até porque também o mercado de trabalho em termos capitalistas está ficando saturado de gente na mesma área e assim, o valor da remuneração está abaixando. Então nós temos uma pequena elite que ganha mais ainda, temos uma pequena elite que ganha ainda menos. Só que na média isso acaba sendo... maquiado, né.

A renda per capita está bem alta... Mas a distribuição de renda... é uma das piores do mundo. E vem sempre essa ideologia de que tem que estudar porque se você estudar você vai ter mais renda.

A universidade da América agressiva, isso daí. É, exatamente. Dessa inserção que o estudo... que o estudo é uma ascensão social, de status... Que imaginando lá na década de quarenta, cinquenta... Na década de sessenta, quantos psicólogos existiam? Você formava meia dúzia, de repente vários lugares queriam ter esse tal de psicólogo... ou psicóloga. Hoje em dia quantos milhares são formados por semana. Aí você pergunta para que? Para que esses caras? “Vão fazer outras coisas e tal, porque é a flexibilidade do mundo globalizado exige uma disposição para se rever e blábláblá, blábláblá...” Só que aí vem... Será que... Assim: o que essa pessoa comentou lá no programa não foi debatido, eu achei curioso. Ah, foi um debate sobre educação que rolou na TV Cultura, tanto é que eu achei muito ruim... Muito ruim. No Opinião Nacional. Passou na quinta à noite, eu acho. Mas aí eu ouvi esse comentário, que eu achei que ele ficou meio isolado, foi uma coisa comentada assim, que ninguém comentou. Todo mundo estava comentando que não achava importante aumentar a escolaridade porque vai daí aumentar a renda. Mas isso não é uma coisa lógica, qualquer economista, qualquer pessoa que pense aí sobre economia percebe: o valor agregado dos produtos, dos serviços não tem a ver necessariamente com o fato de as pessoas terem maior nível de escolaridade ou não. Tem a ver com relações de mercado, a quantidade, a massa econômica que está concentrada num setor e não em outro, e tal...

Então quer dizer, se todo mundo tiver ensino superior todo mundo vai ganhar mais dinheiro? Mas de onde é que vem esse dinheiro? Eu não estou entendendo. Essa conta não fecha. Mas aí o que essa pesquisadora comentou, que não foi debatido lá, foi: “Não. Quanto maior a renda, mais alta a escolaridade”. Talvez ela tenha explicado para mim de uma forma muito mais clara, muito mais clara, a desigualdade. Eu estou dizendo na parte econômica, não estou dizendo assim em termos de valores culturais, valores éticos, morais, essas coisas não. Em termos econômicos. Como diz uma colega da psicologia mesmo, que fala: “são as garantias”, né? São, sei lá... Para exercer... Para fazer parte do mundo da polis... Falava da Hannah Arendt, alguma coisa nesse sentido, que eu não lembro exatamente, mas assim: para se conviver, para ter direito a participar da polis, para se conseguir participar da polis, para ter oportunidade, tinha... era preciso ter certas garantias. Se sentir mais seguro. Ela contava a história lá do pessoal que montou as... as cooperativas de confecção no sul, que ele relatava que uma vez que estava gerando renda se sentia mais seguro para daí participar de outras esferas da cidadania... política e tal... Eu não lembro exatamente, mas tem um termo para isso, mas é muito nesse sentido desse possível ato falho dessa pesquisadora comentou, ou não, de que na verdade não é a escolaridade que aumenta a renda, mas a renda que aumenta a escolaridade no Brasil.

Em pesquisa de mercado, para simplificar, a pergunta é a escolaridade. A pergunta de faixa de renda que conta porque... gera muita confusão. Você faz o corte pela escolaridade, que dá na mesma. Mas o caminho não é esse, é o inverso como você falou.

É. Tanto é que existe um fenômeno aí que... Eu não sei, eu preciso ainda entender melhor, mas tem uma socióloga carioca que já está trabalhando com uma idéia, assim... De que essa geração de pessoas que estão tendo acesso à escolarização maior e que são pobres, elas estão criando uma emblemática organização nova social, que seriam os... Em vez de ser agora, né, o engajamento dos doutores na favela, são os doutores de favela. Pessoas que tiveram acesso à política pública de educação, avançaram, e tal, mas economicamente as coisas não mudaram tanto e elas estão lá, estão envolvidas aí, participam de uma ONG, fazem um trabalho voluntário ou fazem um projeto social, ou até têm um trabalho, é... Um emprego ou um serviço público, mas não têm tanta renda assim. E essa condição, esse estado social de pessoa com ensino superior não se converte... literal e necessariamente

em se ter renda, como ela estava falando do Rio, para sair do Grajaú e morar na... Morar na Barra, ou aqui em São Paulo, o sujeito sair de Paraisópolis e para morar no Morumbi.

Que nem é tão longe assim geograficamente.

É, bairros vizinhos. Que é um pouco que eu vivo. Assim, que é um pouco isso. Eu não consigo nem ter um lugar para morar no bairro onde eu sempre vivi, porque essas minhas opções aí por continuar estudando acabam sendo incompatíveis com entrar num sistema de mercado que pague mais e tal, e que eu... e que sofreria mais, talvez fosse um pouco menos feliz culturalmente, ou mais, aliás, talvez eu fosse um pouco mais feliz culturalmente se... Se eu assim continuo nesse caminho de escolhas, mas sou menos feliz economicamente. E isso me dá vários problemas, que eu continuo tendo de equacionar... na medida do possível. Ou do impossível. Aí vêm a família, as dívidas da família, eu não sei se eu consigo ajudar ou não ajudo, e tal, aí a econ... a contabilidade pessoal se mistura com a contabilidade da família e quando você vê está uma bagunça total e eu não sei o que fazer.

Caminha junto, mesmo. É diferente, para quem tem... para quem tem origem popular, a gente trabalha mais baixo na mesma coisa. Na mesma coisa, mesmo.

Mas existem as feiras do livro para ajudar a gente, as bibliotecas públicas...

Dá para se viver. Não é... Não é a mesma coisa que se não tivesse feito, também. Passado pela universidade.

Sim, com certeza.

Bom, vamos fechar aqui. Como você se saiu nas provas daquele ano? Você se lembra?

Olha, eu fui acompanhando o meu desempenho ao longo daquele ano nos simulados. Fazia os simulados do cursinho e fazia os simulados de outros cursinhos também, para ver se batia. Eu observei que o meu desempenho foi melhorando... ao longo do ano. Foi melhorando... Só que eu prestei um vestibular só. Eu me preparei para o vestibular da FUVEST. Havia certo... um certo jeito do vestibular da FUVEST, um jeitão. Então, assim: não adiantava... No tempo que eu tinha, com a disposição que eu tinha, com a grana que eu tinha, não adiantava eu querer fazer três, quatro faculdades diferentes, porque elas tinham estilos diferentes e... havia a questão de regionalidade às vezes, numa faculdade que está mais distante, como a UEL, como a UNB... Que eu até flertei, só que eu precisava estudar as

coisas de lá, daí. E eu tinha um tempo só, e o que é que eu faço? Estudo bem uma coisa ou estudo mais ou menos duas coisas? Eu preferi estudar melhor uma coisa só. Foi uma opção estratégica que eu tive, sem a menor garantia de que daria certo. Mas enfim.

Mas deu, né?

Para entrar no vestibular, sim. Para passar no vestibular, sim.

E o que você sentiu quando recebeu o resultado do vestibular?

Um alívio por não ter que fazer o cursinho de novo, uma... puta tristeza porque muitos dos colegas não tinham passado. Na época não tinha internet divulgando, então era lá na lista pelo jornal no dia seguinte ou às oito ou nove horas da manhã lá na FUVES, no espaço de informações. E eu fui lá ver. Dormi na casa de um amigo, a gente tinha feito... Isso foi no dia pré-resultado, assim, e foi meio esquisito, porque eu tinha um colega que também estava prestando psicologia e mandava muito bem, o cara... Um intelectual já, sabe... Aí a gente foi ver... Tinha outros colegas também. A gente foi vendo os nomes e eu estava... com um baita medo de ver o meu, aí eu nem vi direto, eu acho, foi uma outra pessoa que viu, falou “Ah, você passou!”. Deu um alívio, sabe, mas assim... Procurar o nome de todos os colegas e não encontrar foi... Foi uma droga. Eu não sabia se estava feliz por entrar ou se eu estava mais aborrecido, porque... Se eu estava com nojo daquele processo. Eu pedi até para ficar sozinho, eu acabei... Eu lembro que eu acabei caindo na grama, lá na frente do centro de informações e comecei a chorar... pra caramba... sei lá, de soluçar, assim. E até hoje eu lembro do dia daquele soluço. Então... E aí eu fico feliz quando sei que algum daqueles colegas está encaminhado, ou conseguiu passar no vestibular, não sei se eles estão felizes, mas pelo menos aquilo conseguiram, né? Passar posteriormente... Gente muito boa e de repente não passar... Foi isso o que eu senti no exato momento em que recebi a notícia de que estava aprovado e que no dia tal tinha que comparecer à secretaria do curso de psicologia para efetuar a minha matrícula. Que não teria de procurar o Anglo para pedir bolsa... Eu estava com o plano assim: no dia seguinte... Eu estava com o plano. Eu não estava botando muita fé que eu ia passar, mas eu estava com o plano de que... Eu ia procurar o Anglo... Já estava vendo essa história, se ia dar para fazer cursinho, se era uma coisa de que o pessoal do Cursinho não ia

permitir fazer o Cursinho Popular de novo, uma coisa assim... Então eu estava procurando ver... alternativas.

Você estava com medo de ver ou de não ver o seu nome?

Eu acho que os dois, cara. Os dois. Eu estava com medo de ver o meu nome lá e tava... com medo de não ver o meu nome lá. Acho que não, acho que... Eu estava com medo de não ver o meu nome. E estava com medo também de não ver o nome dos meus colegas que estudaram, que me ajudaram a passar naquele negócio. Acho que mais que não ver... o meu nome lá.

De passar sozinho.

É.

Quer comentar mais alguma coisa, Daniel?

Ah, não sei. Acho que... Comentar sobre essas coisas evocou várias lembranças minhas. Estou até meio triste por causa disso, sabe? Principalmente com a minha família, assim... Os confrontos, a incongruência de pensamento, sei lá... Se eu estou andando muito exigente... Se eu também... Acho que, assim, é como se eu não aceitasse mesmo... Eu vejo uma perspectiva super ruim, e não adianta falar, sabe, em casa. Onde eu estou morando.

Perspectiva do que?

Futuro, né? Faltar grana... Doença... E a forma como se lida com isso, né? Então não sei, fazer universidade é... Ter feito o curso, circular por esses lugares... É parte de um jeito de viver, sabe? Que eu acho muito distinto da forma como eu vivia isso em casa e como eu vivo fora de casa... Na casa dos meus pais. Então eu estou com um problema de que eu não tenho mais o que eu possa chamar de casa onde eu vivo. Então essa oportunidade de discutir sobre esses assuntos me evocou um pouco mais isso. Acho que também tem o contexto... Outros problemas que pintaram e eles convergiram numa direção. Estou... Estou drasticamente contra a parede. Um pouco assim. Mas sei lá, de vez em quando dá para me entorpecer num SESC da vida e esquecer um pouco os problemas por alguns minutos ou algumas horas.

Essa coisa de um lugar no mundo fica mais à tona nesses momentos.

Bem complicado. Eu não sei muito o que dizer mais não. Estou meio... Estou meio blasé, meio de saco cheio... De tudo. Triste pra caramba quanto a isso. Mas faria tudo de novo. Se fosse por esse caminho que eu fui fazer.

Não é pouca coisa o que você está dizendo. Não é pouca coisa mesmo. É parte do caminho que você escolheu. Tem sentido, tem densidade, tem vida. Por isso você ficou tocado. Vamos fechar por aqui?

Vamos lá.